



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

JOSE JULIAN LLAGUNO THOMAS

**PROPAGAR A IDEIA: ANARQUISMO E MUNDOS DO TRABALHO NO ISTMO
CENTRO-AMERICANO, 1890–1930**

CAMPINAS

2022

JOSE JULIAN LLAGUNO THOMAS

**PROPAGAR A IDEIA: ANARQUISMO E MUNDOS DO TRABALHO NO ISTMO
CENTRO-AMERICANO, 1890–1930**

Tese apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Doutor em História, na Área de História Social.

Orientador: Prof. Dr. Claudio Henrique de Moraes Batalha.

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL
DA TESE DEFENDIDA PELO ALUNO JOSE JULIAN
LLAGUNO THOMAS E ORIENTADA PELO PROF.
DR. CLAUDIO HENRIQUE DE MORAES BATALHA.

CAMPINAS

2022

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Neiva Gonçalves de Oliveira - CRB 8/6792

L77p Llaguno Thomas, Jose Julian, 1986-
Propagar a ideia : anarquismo e mundos do trabalho no istmo centro-
americano, 1890-1930 / Jose Julian Llaguno Thomas. – Campinas, SP : [s.n.],
2022.

Orientador: Claudio Henrique de Moraes Batalha.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas.

1. Anarquismo e anarquistas - América Central. 2. Trabalhadores - América
Central. I. Batalha, Claudio Henrique de Moraes, 1957-. II. Universidade
Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações Complementares

Título em outro idioma: Propagar la idea : anarquismo y mundos del trabajo en el istmo
centroamericano, 1890-1930

Palavras-chave em inglês:

Anarchism and anarchists - Central America

Workers - Central America

Área de concentração: História Social

Titulação: Doutor em História

Banca examinadora:

Claudio Henrique de Moraes Batalha [Orientador]

Michael Mcdonald Hall

María Migueláñez Martínez

Arturo Taracena Arriola

Fernando Teixeira da Silva

Data de defesa: 16-11-2022

Programa de Pós-Graduação: História

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-1908-8570>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/5430761927163507>



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Tese de Doutorado em História, composta pelos(as) Professores(as) Doutores(as) a seguir descritos(as), em sessão pública realizada em 16/11/2022, considerou o candidato Jose Julian Llaguno Thomas aprovado.

Prof. Dr. Claudio Henrique de Moraes Batalha

Prof. Dr. Michael McDonald Hall

Profa. Dra. María Migueláñez Martínez

Prof. Dr. Arturo Taracena Arriola

Prof. Dr. Fernando Teixeira da Silva

A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos(as) membros(as) encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertações/Teses e na Coordenadoria do Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Para Luz René Echeverría Rodríguez (1936–2020), Ana Isabel Granados Salazar (1940–2020), Rebeca Araya Thomas (1981–2021) e Berta Granados Salazar (1945-2022).

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa foi possível graças ao apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, Processo N° 2018/06771-2) e da Oficina de Assuntos Internacionais e Cooperação Externa (OAICE) da Universidade da Costa Rica (UCR). Com esse incentivo pude atravessar várias fronteiras e coletar fontes de incalculáveis valores político, cultural e histórico. Da mesma maneira, isso não teria sido possível sem a orientação pública das duas universidades onde fui formado academicamente, a UCR e a UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas). Espero que esta tese seja uma forma de retribuir, pelo menos, um pouco do que recebi durante esses anos de pesquisa, que aconteceram em um dos momentos mais difíceis que tivemos de viver como geração.

Entre 2017 e 2022 ocorreram muitos acontecimentos que tiveram um profundo impacto sobre mim, como pessoa. Foi também um longo tempo de encontro e intercâmbio com muitas pessoas que colaboraram direta e indiretamente com esta pesquisa. Espero registrar todos e todas abaixo.

Ao tribunal examinador desta tese por suas recomendações e orientações, Arturo Taracena, María Miguelañez, Fernando Teixeira e Michael Hall. Ao meu orientador Claudio Batalha por confiar em minha perspectiva.

À Vero Martínez, minha companheira de vida, que andamos juntos durante toda essa viagem, sem planejá-la no início. Seu amor, sua alegria e dedicação têm sido fundamentais para manter este projeto em andamento. Saímos da Costa Rica em momentos diferentes e voltamos orgulhosamente formados em universidades públicas brasileiras. Com um longo caminho percorrido e muitas fronteiras atravessadas, ninguém pode tirar o nosso caminhar. À família Martínez Sánchez por todo o seu apoio nessa longa jornada.

À minha família Llaguno Thomas, que se estende pelos três cantos do continente americano. Ao José, meu pai, e à Vivi, minha mãe. Às minhas avós, Tita e Nenê, que tanto influenciaram minha vida e que faleceram em 2020. À minha tia Rosemary e à minha prima Rebe, que nos deixou em 2021. Aos meus irmãos, que são meus amigos e confidentes, Esteban, na Costa Rica, e Francisco, no México. Temos ainda um longo caminho a percorrer.

Na UCR, agradeço ao pessoal da OAICE pelo apoio, especialmente à Karol Cordero. Ao Departamento de Ciências Políticas e ao Instituto de Investigações Sociais (IIS) por todo o seu apoio. A Checho Mora, Andrés Jiménez e Daniela Amador, por sua contribuição com os mapas desta pesquisa. Ao Pablo Quirós pelo maravilhoso projeto do Archivo Rebelde

e do Prensa CR de tornar a imprensa centro-americana disponível para o mundo inteiro. Aos meus amigos dentro e fora da universidade, Checho Mora, Checho Salazar, Michelle, Zuirí, Andrés Cambroneró, Andrés Jiménez, Adri Sánchez, Geanina, Mariajo Masis, Majo Guillén, Glori, Vane, Mariana, Carolina, Cata Tenorio, Mafu, Ani, Rebe.

No Brasil, agradeço à sua terra e à sua gente, por tantas paisagens, climas, aventuras, danças, canções e contradições. Dentro da UNICAMP, estou profundamente agradecido aos professores Fernando Texeira, por me dar sua ajuda, Michael Hall, por suas leituras e recomendações, e Aldair Rodríguez, por me apresentar a história africana e o legado afro-americano de nosso continente. Ao pessoal do CECULT, especialmente à Flávia Peral, pelo apoio administrativo. Ao secretário do PhD em História, por estar sempre aberto às minhas dúvidas, especialmente ao Daniel Hatamoto. Ao pessoal da AEL, por me receber no arquivo e me proporcionar todas as condições para encontrar jornais, livros e panfletos de todo o continente.

Em Campinas, agradeço aos companheiros italianos Elena Schembri e Gualtiero Marini, pelos conselhos que me deram sobre a vida na UNICAMP e no Barão Geraldo. Seus jantares e suas conversas foram vitais para eu passar os primeiros meses de vida fora do meu país natal. Graças a seu compromisso militante, agora conheço melhor a impressionante vida de Errico Malatesta e Luce Fabbrí.

Aos meus colegas da pós-graduação em História, que me receberam como parte da família diáspora, Franciely Oliveira, Noemi Santos, Jonatas Ribeiro, Felipe Alvarenga e Jessika Sampaio. Ao grupo de apoio mútuo que formamos durante a pandemia, devo muito da minha pesquisa e do progresso na redação dos capítulos. Sou também grato ao Thiago Possede e à Pamela Fabris (que infelizmente faleceu em 2021) da UFPR, por seus comentários e suas recomendações. Agradeço também aos e às colegas Carla Baute, Livia Torquetti, Livia Tiede e Miller Wright, por sua companhia e experiência em Barão Geraldo. Ao João Neves, meu irmão escolhido, com quem partilhei casa, sonhos e conspirações. À Renata Sanches, por sua batalha diária pelo teatro e pela voz. Com vocês levo comigo um pouco de Minas Gerais e do Paraguai.

Em Santo André, agradeço à Mix e ao Josué pela amizade, hospitalidade e solidariedade. Ao longo dos anos, pude ver Olga e Pedro crescerem como os frutos de uma nova geração libertária. Com eles, conheci o movimento anarquista do ABC Paulista e do Nosso Sítio, onde tantos anarquistas brasileiros fugiram da repressão. Em São Paulo, agradeço a amizade e a camaradagem da Biblioteca Terra Livre, especialmente de Clayton Godoy, Adriano Skoda, Rodrigo Rosa e Eduardo Cunha. A persistência militante deles em não deixar morrer a

cultura libertária é um exemplo de vida. Ao Centro de Cultura Social, por manter sempre presente o legado de Edgar Leuneroth. À Fernanda Grigolin, da editora Tenda de Livro, por suas aulas de edição, anarcofeminismo e cultura visual.

Em Florianópolis, estou profundamente agradecido ao Rodrigo Rosa e sua família, Nádia, Elena e Marina. Sua companhia e solidariedade foram fundamentais para conhecer as maravilhas da Ilha da Magia. Ao João Pedro, Vero, à Cândice e Nikola por sua amizade e afeto. À Lina Ferrari, por todo o aprendizado compartilhado na casa de campo. À Lagoa da Conceição, por suas águas, paisagens e ventos. No Rio de Janeiro, agradeço ao Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Anarquismo e Cultura Libertária (NEPAN), por me permitir fazer parte do grupo e por tirar proveito de suas leituras, recomendações, seus comentários e encorajamento.

À rede de pesquisadores anarquistas devo muito da inspiração, de conselhos e projetos coletivos. Recebi também uma quantidade inestimável de documentos e referências através dessa troca de solidariedade através do tempo e dos espaços. Na Argentina, agradeço ao CEDINCI, por seu trabalho como multiplicador de culturas de esquerda. Sou especialmente grato à Ivanna Margarucci, por sua cumplicidade em tantos projetos coletivos. No Chile, fiz bons amigos no grupo de estudo Gómez Rojas e no Editorial Eleuterio. Devo muito ao intercâmbio com Eduardo Godoy e Diego Mellado, onde continuamos embarcando no mundo da publicação libertária. Nos Estados Unidos, sou grato pela companhia de Jorell Melendez, com quem sempre aprendo sobre Porto Rico e a experiência colonial. No México, mantenho contato com Alejandro de la Torre, com quem sempre aprendo sobre os muitos apêndices das redes anarquistas na América Latina. Na Guatemala e em El Salvador, agradeço ao Omar Lucas e José Alemán, pelo apoio que me deram para resgatar a história libertária de seus países. Na Costa Rica, o apoio das Ediciones Libres tem sido fundamental, especialmente ao José Solano e Stefany Valdivia, por seu trabalho pedagógico.

Em solo ibérico, devo agradecer à Iria Pérez, por seus documentos sobre Ricardo Mella, jornais anarquistas e correspondência que ela recolheu em tantos lugares. Ao senhor Eliseo Fernández, por seu conhecimento do movimento anarquista galego e da infinita quantidade de material que ele compartilhou comigo. Ao Ignacio Soriano, por seus materiais sobre José María Blazquez de Pedro e o anarquismo no Panamá.

Devo também agradecer a muitas outras pessoas pela solidariedade que demonstraram para com o envio de documentos do movimento anarquista. Nos Estados Unidos, ao Kirk Shaffer, pela documentação sobre o Canal do Panamá, e ao Kenyon Zimmer, pelos arquivos do FBI relacionados com expulsões de estrangeiros. Na Espanha, à Amparo Sánchez

e María Miguelañez, por abrirem as portas dos arquivos de Madri e de outros projetos coletivos subsequentes.

Durante essa pesquisa, pude viajar e consultar remotamente arquivos em vários países, onde sempre tive a colaboração de seus funcionários. Encontrei também amigos que me abriram as portas de suas casas. Na Espanha, conheci o pessoal do Arquivo Histórico Nacional e os dirigentes das livrarias Traficantes de Sueños, La Malatesta e da Librería de la Confederación Nacional del Trabajo (CNT). Em Madri, fomos recebidos em solidariedade por Slava, em seu apartamento, e em Barcelona por minha amiga María José Masis, que, sem saber, viveu muito perto da antiga Casa CNT-FAI, que foi o centro das operações anarquistas durante os anos de 1936 e 1937.

Durante nossa estada na França, Mar e Mariana, parte da diáspora acadêmica da UCR, nos receberam em sua casa em Paris. Conheci, na companhia deles, os traços da Comuna de Paris e a cultura libertária da cidade. Na Holanda, sou grato pela hospitalidade de Leonardo, outro Tico que vive na Europa. Graças a ele, pudemos nos apoiar em Amsterdã. No Instituto de História Social, sou grato ao seu diretor acadêmico, aos bibliotecários e aos pesquisadores. De uma maneira breve, mas significativa, fiz parte de uma pequena comunidade libertária com Almudena, Michael, Esther e Kevan. Obrigado por me levar a livrarias anarquistas, casas de colonos e concertos antifascistas.

No Panamá, fui recebido pela família Fletcher, que me hospedou durante minha viagem de pesquisa. Agradecimentos especiais ao senhor Eduardo, por sua amizade de mais de vinte anos. Ao pessoal da Biblioteca Nacional e do Archivo Nacional, pela paciência e ajuda nas minhas perguntas. Durante o encerramento causado pela pandemia, fui ajudado solidariamente por pessoas de vários arquivos. Na IHNCA da Nicarágua, no CIRMA da Guatemala, no IIS da UCR e nos Centros de Estudos Latino-Americanos das Universidades de Tulane e do Texas, nos Estados Unidos. Sou grato ao Instituto Ibero-Americano de Berlim, na Alemanha, por divulgar seus valiosos bancos de dados, e ao Arquivo Central de Roma, por digitalizar meus pedidos.

RESUMO

Esta pesquisa investiga como se formaram as redes de militância anarquista e suas relações com os mundos do trabalho no istmo centro-americano entre 1890 e 1930. Para essa elaboração, propõe-se uma perspectiva transnacional, que reconstruirá as conexões e relações dos grupos em várias escalas territoriais. Escolhe-se enfatizar as formas de inserção e organização do anarquismo dentro de diversos projetos associativos, como grupos de afinidade, centros sociais, publicações, federações, sindicatos, sociedades operárias e confederações. Utiliza-se uma variada seleção de registros históricos, priorizando aqueles produzidos por seus próprios protagonistas. Estes se cruzam com uma diversidade de fontes de vários agentes governamentais, empresariais e diplomáticos.

Palavras-chave: Anarquismo; Anarquistas; América Central; Trabalhadores.

ABSTRACT

This research aims to investigate how anarchist militant networks are formed in the Central American isthmus and their relations with the labor worlds between 1890 and 1930. To elaborate this, we suggest a transnational perspective that seeks to reconstruct the connections and relationships of the groups at various territorial scales. Emphasis is chosen to be placed on the forms of insertion and organization of anarchism within various associative projects such as affinity groups, social centers, publications, federations, unions, workers' societies and confederations. A varied selection of historical records is used, giving priority to those produced by the protagonists themselves. These are cross-referenced with a diversity of sources from various governmental, business and diplomatic agents.

Keywords: Anarchism; Anarchist; Central America; Workers.

RESUMEN

Esta investigación se propone investigar cómo se forman las redes de militancia anarquista en el istmo centroamericano y sus relaciones con los mundos del trabajo entre 1890 y 1930. Para elaborar esto se sugiere una perspectiva transnacional que busca reconstruir las conexiones y relaciones de los grupos en varias escalas territoriales. Se escoge enfatizar en las formas de inserción y organización del anarquismo dentro de varios proyectos asociativos como grupos de afinidad, centros sociales, publicaciones, federaciones, sindicatos, sociedades obreras y confederaciones. Se utilizan una variada selección de registros históricos dando prioridad a los producidos por sus propios protagonistas. Estos se cruzan con una diversidad de fuentes provenientes de varios agentes gubernamentales, empresariales y diplomáticos.

Palabras claves: Anarquismo, Anarquistas; América Central; Trabajadores.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Modelo analítico	41
Figura 2. Estrutura do grupo de afinidade anarquista.....	146
Figura 3. Estrutura da federação dos grupos anarquistas	150
Figura 4. Hierarquia de trabalho no Canal do Panamá.....	151
Figura 5. Estrutura organizacional da Confederación Obrera Centroamericana.....	209
Figura 6. Estrutura organizativa da ACAT.....	237
Imagem 1. Trabalhadores Afro-antilhanos no Canal do Panamá.....	152
Imagem 2. Trabalhadores espanhóis no Canal do Panamá	153
Imagem 3. Casas de famílias afro-antilhanas	155
Imagem 4. Fumigadores	156
Imagem 5. Escavação manual	156
Imagem 6. Logotipo oficial da COCA	210
Imagem 7. Reunião de delegados da CGT mexicana.....	218
Imagem 8. Viagem de propaganda da CGT no México.....	221
Imagem 9. Víctor Recoba com o grupo Los Errantes em Veracruz.....	223
Imagem 10. Delegações no congresso fundador da ACAT	236
Imagem 11. Os jornais Vida y Verdad e La Aurora.....	272
Imagem 12. Eliseo Reclus e Rafael Barrett.....	274
Imagem 13. Jornais Sanción e Cultura	275
Imagem 14. Revista Renovación.....	278
Imagem 15. Catálogo da Biblioteca Sociológica Internacional	280
Imagem 16. Jornal El Único	281
Imagem 17. Prensa de la federación individualista internacional	283
Imagem 18. Jornal La Aurora Social.....	284
Imagem 19. Revista El Caballero Andante	287
Imagem 20. Revista Cuasimodo 1919.....	288
Imagem 21. Revista Cuasimodo 1921	289
Imagem 22. Livraria La Racional.....	291
Imagem 22. Jornal Vía Libre.....	293
Imagem 23. Cuadernos Renovación e Biblioteca Los grandes pensadores	294
Imagem 24. Revista Le Semeur.....	295

Imagem 25. Jornal Orientación Sindical	298
Imagem 26. Revista Germinación	299

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. População e cidades da América Central.....	57
Tabela 2. Projetos de construção de canais Interoceânicos	63
Tabela 3. Federação de Grupos e Indivíduos Livres do Istmo do Panamá	143
Tabela 4. Federação Individualista Internacional, 1911–1914.....	163
Tabela 5. Grupos anarquistas não federados no Panamá.....	170
Tabela 6. Publicações libertárias na América Central, 1906-1930.....	268

LISTA DE MAPAS

Mapa 1. Relevo do istmo centro-americano.....	52
Mapa 2. Macrorregiões culturais das Américas	53
Mapa 3. Fronteiras políticas do Istmo centro-americano séculos XVIII-XX.....	54
Mapa 4. Repúblicas da América Central no século XX.....	55
Mapa 5. Rota Interoceânica na época colonial.....	60
Mapa 6. Projetos de canais Interoceânicos no século XIX.....	62
Mapa 7. Canal Interoceânico do Panamá em 1930	65
Mapa 8. Produção de café no istmo centro-americano por volta de 1900.....	69
Mapa 9. Áreas de plantação de bananas no istmo centro-americano em 1920	73
Mapa 10. Federação de grupos e indivíduos livres do Istmo do Panamá, 1910-1915	145
Mapa 11. Federação Individualista Internacional, 1911–1914.....	164
Mapa 12. Grupos não federados no Panamá, 1911–1918	171
Mapa 13. Turnê de propaganda da CGT mexicana na América Central.....	220
Mapa 14. Viagem continental do delegado da FORA, Julio Díaz	229
Mapa 15. Organizações filiadas à Associação Continental Americana de Trabalhadores, 1929– 1932	239
Mapa 16. Circulação internacional da imprensa anarquista, 1904–1932	301
Mapa 17. Conexão de Imprensa Anarquista Centro-Americana, 1904–1932.....	303
Mapa 18. Conexão Caribenha da Imprensa Anarquista, 1904–1932	309
Mapa 19. Conexão Sul-Americana da Imprensa Anarquista, 1904–1932	315
Mapa 20. Conexão de imprensa anarquista europeia, 1904–1932	318

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACAT	Asociación Continental Americana de Trabajadores
AEL	Archivo Edgar Leuenroth
AFL	American Federation of Labor
AIT	Asociación Internacional de Trabajadores
ALA	Alianza Libertaria Argentina
ANCR	Archivo Nacional de Costa Rica
AHN	Archivo Histórico Nacional de España
ANP	Archivo Nacional de Panamá
AHSRE	Archivo Histórico de la Secretaria de Relaciones Exteriores de México
ACS	Archivo Centrale dello Stato de Roma
BNCR	Biblioteca Nacional de Costa Rica
CEDINCI	Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas
CIRMA	Centro de Investigaciones Regionales de Centroamérica
CNT	Confederación Nacional del Trabajo de Galicia
COM	Casa del Obrero Mundial
CGT	Confederación General de Trabajadores de Costa Rica
CGT	Confederación General de Trabajadores de México
CSL	Confederación Sindical Latinoamericana
CPAS	Comité Pro Acción Sindical de Guatemala
COCA	Confederación Obrera Centroamericana
COMINTERN	Internacional Comunista
COPA	Confederación Obrera Panamericana
CROM	Confederación Obrera Regional Mexicana
CSL	Confederación Sindical Latinoamericana
EDSN	Ejército Defensor de la Soberanía Nacional de Nicaragua
ELAOPA	Encuentro Latinoamericano de Organizaciones Populares Autónomas
FAAC	Federación de Agrupaciones Anarquistas de Cuba
FAALC	Federación de Agrupaciones Anarquistas de lengua Castellana en Estados Unidos
FLA	Federación Libertaria Argentina
FRTS	Federación Regional de Trabajadores de El Salvador

FRTE	Federación Regional de Trabajadores de España
FROG	Federación Regional Obrera de Guatemala
FOCR	Federación Obrera Costarricense
FOH	Federación Obrera Hondureña
FON	Federación Obrera Nicaragüense
FORA	Federación Regional Obrera Argentina
FORU	Federación Regional Obrera Uruguay
FSM	Foro Social Mundial
IIS	Instituto de Investigaciones Sociales
IIHS	Instituto Internacional de Historia Social
IHCA	Instituto de Historia de Nicaragua y Centroamérica
IWW	Industrial Workers of The World
ICC	Isthmian Canal Comission
NAAR	National Archives and Administration Records
PCCR	Partido Comunista de Costa Rica
PLM	Partido Liberal Mexicano
PRC	Partido Revolucionario Cubano
SGT	Sindicato General de Trabajadores de Panamá
UGT	Unión General de Trabajadores de Costa Rica
UOS	Unificación Obrera Socialista de Guatemala
UOS	Unión Obrera Salvadoreña
USA	Unión Sindical Argentina
UFCO	United Fruit Company

SUMÁRIO

Introdução.....	22
1. América Central na história do anarquismo	30
2. História transnacional e mundos do trabalho	36
3. Escalas, sujeitos e métodos.....	42
4. Arquivos e fontes de estudo.....	46
Capítulo 1. Compreender o istmo centro-americano: unionismo, imperialismo e economia agroexportadora entre 1870–1930.....	49
Introdução.....	49
1.1. Fragmentação política e unionismo centro-americano.....	50
1.2. A construção do canal interoceânico e o problema do imperialismo.....	59
1.3. Entre o café e a banana, as economias agroexportadoras da América Central	67
Capítulo 2. Anarcofobia e pânico moral: agentes da ordem frente à anarquia, 1850–1910.....	76
Introdução.....	76
2.1. A batalha dos significados	77
2.1.1. Conexões e recepções do anarquismo	80
2.2. Anarcofobia e pânico moral	89
2.2.1. Conexões inesperadas: tentativas anarquistas na política centro-americana.....	91
2.2.2. As bombas contra Manuel Estrada Cabrera na Guatemala	98
2.3. Os agentes da ordem contra a anarquia	108
2.3.1. A conferência de Roma e a trama da conspiração internacional.....	109
2.3.2. A morte do Presidente McKinley e a fúria do Tio Sam	114
2.3.3. O tratado de proteção contra o anarquismo e as conferências americanas.....	120
2.3.4. Controle imigratório e expulsão de estrangeiros	124
Capítulo 3. De todos e de ninguém: federalismo anarquista no Istmo do Panamá, 1910–1925	130
Introdução.....	130
3.1. Federação de agrupações e indivíduos livres do Istmo do Panamá.....	132
3.1.1. <i>A la picota</i> : individualismo ou comunismo?.....	134
3.1.2. A filosofia da picareta e da pá: a federação anarquista na prática.....	143
3.1.3. Atividades de propaganda e agitação	158
3.2. Federação Individualista Internacional.....	161
3.3. Anarquistas sem federação	166
Capítulo 4. Pela causa do trabalho organizado: os anarquistas no movimento operário centro-americano, 1910–1928.....	177
Introdução.....	177
4.1. As muitas faces do internacionalismo proletário.....	179

4.2. Espaços de articulação regional na década de 1910	185
4.2.1. Forjar consciências libertárias	186
4.2.2. Propagar a cultura internacional do proletariado.....	191
4.2.3. Organizar as associações de acordo com os nossos ideais	196
4.3. A Luta pelo Pan-Americanismo Operário Radical na década de 1920	205
4.2.1. A Confederación Operaria Centro-americana	207
4.2.2. A Conferência Intercontinental do Panamá.....	218
Capítulo 5. Saúde e comunismo libertário: América Central e a Associação Continental Americana de Trabalhadores, 1929–1935.	226
5.1. Propaganda continental da AIT	227
5.2. A ideologia e as lutas da ACAT	235
5.3. O anarcossindicalismo centro-americano e a esfera internacional	244
5.3.1. Pela ação sindical na Guatemala	245
5.3.2. O sindicalismo libertário em El Salvador.....	252
5.3.3. Grupo Rumo à Liberdade da Costa Rica.....	257
Capítulo 6. Viagem Libertária pela América Central: imprensa libertária e relações militantes, 1904–1932	266
6.1. Produzir o verbo novo	269
6.1.1. Expandir a cultura sociológica do proletariado	277
6.1.2. Forjar o anarcossindicalismo	291
6.2. Caribe Libertário.....	301
6.2.1. Conexão centro-americana	302
6.2.2. Circuito Caribenho	308
6.3. Camaradas do mundo inteiro	314
6.3.1. Circuito do Rio da Prata	314
6.3.2. Circuito Europeu	317
Conclusões gerais	323
Referências Bibliográficas.....	333
Anexos	358

Nota do autor

Todas as traduções de textos escritos em outro idioma que não o espanhol foram feitas pelo autor, a menos que se declare expressamente o contrário nas notas de rodapé. As citações diretas de fontes históricas estão no estilo e na gramática da época.

Introdução

Em 1911 foi anunciado nas páginas do jornal *Tierra y Libertad*, de Barcelona, que duas publicações anarquistas iriam aparecer em breve na América Central. A primeira seria uma revista de sociologia chamada *Renovación*, editada pelo veterano Anselmo Lorenzo e seu amigo Ricardo Falcó, agora emigrado para o outro lado do Atlântico, na cidade de San José, na Costa Rica. No país vizinho, apareceu o jornal *El Único*, editado por dois trabalhadores galegos que se estabeleceram na cidade de Colón, no Panamá¹.

Através dessas publicações, podemos começar a descobrir os nomes dos grupos de afinidade, suas atividades e os relatórios sobre as principais lutas diárias. As primeiras páginas começam com dissertações sociológicas, enquanto a análise da luta das classes trabalhadoras progride, fechando com notícias internacionais e relatórios financeiros. Coletas para os prisioneiros, assinaturas para comprar livros, correspondências e mensagens codificadas. As publicações são meios de comunicação, escolas de treinamento e centros de coordenação organizacional.

Ninguém que queira compreender como funciona o movimento anarquista pode omitir o estudo cuidadoso de sua imprensa. Um século depois, as publicações impressas foram combinadas com a mídia eletrônica. Foi através da rede *Anarqlat*, uma lista de comunicação de grupos anarquistas latino-americanos, que tive conhecimento do que estava acontecendo em diferentes partes do continente. Recebi notícias, convites para atividades, publicações e convocatórias para reuniões. Através dessa rede, recebi um camarada uruguaio a caminho de Honduras numa brigada de solidariedade com o Comitê Coordenador dos Povos Indígenas, após o golpe de Estado de 2009.

Com esse contato fui convidado para o Encontro Latino-Americano de Organizações Populares Autônomas (ELAOPA), na cidade de São Paulo, em 2011. Esse espaço reuniu uma grande variedade de coletivos e dissidentes do Fórum Social Mundial (FSM) e articulou uma alternativa libertária à institucionalização dos movimentos sociais que o continente estava vivendo. Foi minha primeira experiência como delegado de um grupo em uma reunião internacional e minha primeira viagem ao Brasil.

A imprensa anarquista e a Internet são os principais instrumentos que me permitem estudar a constituição de redes militantes no istmo centro-americano. A história do anarquismo

¹ *Tierra y Libertad*, Barcelona, 15 de fevereiro de 1911, p. 4; 5 de julho de 1911, p. 4.

como movimento é, em grande parte, moldada por sua relação com a cultura letrada e a imprensa. Embora a oralidade fosse sempre mais importante do que a impressão, ela era especialmente valorizada como forma de comunicação e organização. Tendo o grupo de afinidade como principal forma de organização, ele geralmente se expressou através de uma publicação e, quando isso não foi possível, ajudou a apoiar outra que lhe serviria de porta-voz.

Essa relação entre os grupos e a imprensa muitas vezes transcendeu as fronteiras. O jornal *Tierra y Libertad*, de Barcelona, é um bom exemplo dessa dinâmica na primeira década do século XX. Em suas páginas, encontramos informações valiosas sobre grupos anarquistas na Costa Rica e no Panamá, que não são possíveis de detectar na imprensa desses dois países. Por essa razão, esta pesquisa usa como principal fonte de estudo a imprensa anarquista, onde encontramos informações relacionadas com a América Central. Isso nos leva a considerar o estudo de suas conexões internacionais².

Para atingir nosso objetivo, usamos o conceito de rede militante, influenciada pela história transnacional. Esta corrente procura estudar as conexões de grupos e indivíduos num amplo espaço geográfico, através da análise de seus apoios simbólicos, materiais e organizacionais. No caso do anarquismo, esta é uma perspectiva teórica e uma metodologia que visa compreender a constituição e o funcionamento do internacionalismo proletário. Estamos interessados em estudar as maneiras pelas quais esse princípio é posto em prática na constituição de projetos coletivos. Por essa razão, estudaremos os repertórios temáticos, os conteúdos ideológicos e as práticas organizacionais que viabilizam essa solidariedade num determinado tempo e num determinado espaço³.

Essa atividade se concentrará na classe trabalhadora, entendida como aqueles que vivem diretamente de seu próprio trabalho. Estamos particularmente interessados no processo de autoconstituição da classe em termos organizacionais. Isso significa que vamos nos concentrar nas formas pelas quais as pessoas se organizam para empreender projetos coletivos. A maior parte delas começa a partir do local de trabalho, embora não estejam necessariamente confinadas ao local de trabalho. Bairros, oficinas, fábricas, ruas, parques, praças, plantações agrícolas e barcos são alguns desses cenários⁴.

² ZAMBRANA, Joan, **El anarquismo organizado en los orígenes de la CNT: Tierra y Libertad, 1910-1919**, Barcelona: CEDALL, 2009.

³ SÁNCHEZ COBOS, Amparo; SUEIRO SEOANE, Susana, Presentación. Redes transnacionales del anarquismo en América: Los militantes y sus publicaciones, **Historia y Política**, n. 42, p. 17–24, 2019, p. 17–24.

⁴ GUNN, Richard, Notas sobre clase, *in*: HOLLOWAY, John (Ed.), **Clase= lucha: antagonismo social y marxismo crítico**, Buenos Aires: Herramienta, 2004, p. 17–31.

Essa perspectiva coloca em diálogo a tradição construída a partir da história social e intelectual, já que parte da interpretação construída a partir dos próprios sujeitos da ação histórica. Nesse caso, estamos interessados na interpretação e no compartilhamento de conceitos, práticas e experiências de baixo para cima. Embora participemos da visão dos setores populares, reconstruímos sua trajetória na encruzilhada com outros setores e outras instituições. Nesse caminho, empregamos o termo “propagar a ideia” no sentido amplo de promover, difundir e conectar o anarquismo em vários lugares.

No caso da América Central, essa classe social será constituída principalmente por trabalhadores, artesãos e camponeses. Ao longo da pesquisa empregaremos os termos trabalhadores e proletários, no sentido de afirmar esse processo coletivo. Vale notar que esse conceito não está estritamente relacionado com o processo técnico de produção, pois é frequentemente usado como um lugar-comum de enunciação e uma experiência compartilhada⁵. Por essa razão, usaremos o conceito de mundo do trabalho, que nos permite estudar os modos como a cultura, o conflito de trabalho e a organização se cruzam⁶.

Como nossa ênfase é a ação coletiva, mergulhamos no processo de organização da classe trabalhadora. Nesse sentido, empregamos o termo movimento operário para nos referirmos à esfera associativa dessa classe. Isso inclui uma variedade de esferas, como sindicatos, sociedades comerciais, cooperativas, jornais, comitês, sociedades mútuas, escolas noturnas e universidades populares. Usamos o conceito de inserção para entender essa relação entre as esferas associativa e ideológica⁷.

Quanto à composição sociolaboral, o anarquismo centro-americano contava com a presença de homens e mulheres em embarcações urbanas, trabalhadores dos transportes, marinheiros e trabalhadores diaristas. As costureiras, lavadeiras, vendedoras de alimentos e trabalhadoras do comércio eram proeminentes entre os ofícios femininos. Em outros grupos sociais, professores e estudantes também estavam ativos. Eles estavam envolvidos em publicações, atividades públicas, ensino e diversas campanhas de solidariedade.

O mundo do trabalho, no qual essas pessoas se encontravam, era marcado por diferentes hierarquias que se expressavam numa marcada segmentação étnica, racial e de

⁵ OLIVA MEDINA, Mario, **Artesanos y Obreros Costarricenses: 1880-1940**, San José: EUNED, 2006.

⁶ SÁNCHEZ LOWELL, Adriana, **El mundo del trabajo en la Northern Railway Company: una historia empresarial, del mercado laboral y de las condiciones de trabajo en la región atlántico caribe de Costa Rica, 1920-1970**, Tesis de doctorado en historia, Universidad de Costa Rica, San José, 2020, p. 51–52.

⁷ CAMARERO, Hernán; MANGIANTINI, Martín (Orgs.), **El movimiento obrero y las izquierdas en América Latina: Experiencias de lucha, inserción y organización (Volumen 1)**, Raleigh: UNC Press Books, 2018, p. 10–12.

gênero. Nas cidades, isso foi moldado pelas diferenças entre a mão de obra qualificada e a não qualificada e pelas diferenças com o campo. Nas zonas rurais e nas empresas transnacionais, a hierarquia do trabalho se baseava na cor da pele e na nacionalidade. Em termos gerais, a agricultura prevaleceu como a principal atividade produtiva e a indústria estava relacionada com a extração de recursos e o processamento de matérias-primas⁸.

Com esses elementos delineados, esta pesquisa visa investigar como foram formadas as redes militantes anarquistas no istmo centro-americano e suas relações com o mundo do trabalho, entre 1890 e 1930. Para organizar esse processo, vamos primeiro estudar como se forma o anarquismo no século XIX e de que maneira ele se espalhou no istmo. Nessa parte, destacaremos os diversos agentes envolvidos nesse processo, como os imigrantes europeus, a imprensa comercial, as instituições governamentais e a Igreja Católica.

Dado que o anarquismo chegou pela primeira vez através do pânico e da má publicidade, um dos eixos de sua propaganda foi a afirmação de seus princípios pedagógicos, filosóficos e organizacionais. Nessa linha, estudaremos algumas experiências concretas nas quais grupos anarquistas e militantes agiram para difundir suas ideias e ganhar demandas imediatas. Dada a escala transnacional escolhida nesta pesquisa, vamos nos concentrar em alguns projetos com diferentes conexões territoriais. Federações de grupos anarquistas, confederações sindicais e publicações anarquistas serão as principais iniciativas estudadas.

Em relação ao espaço geográfico e ao tempo escolhidos nesta pesquisa, essa escolha se deve a várias razões. A primeira e mais óbvia diz respeito à minha própria experiência pessoal. Minha família paternal tem ramificações no México, na Guatemala e na Costa Rica. Também passei uma parte importante da minha adolescência no Panamá, onde testemunhei a transferência do canal para mãos panamenhas em 1999. Nesse trânsito, formei minha vocação para as humanidades e para a história da América Central. Também participei da edição de publicações anarquistas, portanto tenho um conhecimento interno do movimento e uma educação autodidata em sua filosofia e história.

O outro aspecto diz respeito ao desconhecimento prevalecente sobre o anarquismo na região da América Central. Até o momento, não há nenhuma pesquisa que tenha investigado essa trajetória. Embora tenham havido contribuições relevantes sobre a Costa Rica, a Guatemala e o Panamá, ainda não temos um entendimento regional de seu desenvolvimento⁹. Essa lacuna

⁸ ORTEGA, Víctor Hugo Acuña, *Artesanos, obreros y nación en Centroamérica en el período liberal 1870-1930.*, **Revista de Historia-IHNCA**, n. 2, p. 40–51, 2017.

⁹ TARACENA, Arturo, *Presencia anarquista en Guatemala entre 1920 1932*, **Mesoamérica**, v. 9, n. 15, p. 1–23, 1988; LUCAS MONTEFLORES, Omar, **La Senda Libertaria. Nacimiento y desarrollo del anarquismo en Guatemala**, Ciudad de Guatemala: Editorial Universidad de San Carlos de Guatemala, 2021; MUÑOZ, Hernando

motivou minha primeira pesquisa acadêmica sobre o assunto, na qual pude mergulhar na cultura política anarquista da Costa Rica durante as primeiras décadas do século XX¹⁰. Nesta oportunidade, proponho reconstruir essa história desde o final do século XIX até a década de 1930.

Isso se deve à temporalidade dos grupos anarquistas identificados na pesquisa e suas conexões com o movimento ao nível internacional. Embora sua existência não se restrinja a esses anos, estes são os que melhor podemos documentar. Sua condição de istmo define o território centro-americano como um ponto de conexão geográfica e cultural entre os dois extremos do continente americano. No século XIX, essa posição especial constituiu a base de um projeto de unidade federal que durou apenas alguns anos; contudo, o chamado “unionismo centro-americano” continuou sendo um movimento imaginário e social durante boa parte do século XX¹¹.

Uma vez perdida a federação centro-americana, essa posição geoestratégica foi explorada pelo governo dos Estados Unidos. Os Estados Unidos assumiram a construção e a administração do Canal Interoceânico do Panamá de 1904 a 1999. Esse fato histórico imprimiu outra das marcas da região, o imperialismo. Com a zona do canal incorporada como um território autônomo dos Estados Unidos, toda uma logística de proteção militar e política foi reforçada em torno dela. O Mar do Caribe foi o palco principal desse projeto, com forte presença em Cuba, Porto Rico e Nicarágua.

Finalmente, a falta de conhecimento sobre o anarquismo na América Central não é exclusiva dessa questão específica. Em geral, no século XXI, ainda há um vazio sobre a região em relação ao resto da América Latina. Esse é um problema que tenho de enfrentar de muitas maneiras no Brasil. A mais recorrente é a confusão da Costa Rica com Porto Rico, a comparação de um país com uma ilha caribenha e a crença de que o inglês é a língua oficial. Essas comparações não são gratuitas e estão relacionadas com questões históricas, como o colonialismo, o imperialismo e o pouco peso político atribuído à região da América do Sul.

Franco, **Blázquez de Pedro y los orígenes del sindicalismo panameño**, Ciudad de Panamá: Movimiento Editores, 1986; SHAFFER, Kirwin, Panama red: Anarchist politics and transnational networks in the Panama Canal Zone, 1904–1913, in: DE LAFORCADE, Geoffroy; SHAFFER, Kirwin (Orgs.), **In Defiance of Boundaries: Anarchism in Latin American History**, Gainesville: University Press of Florida, 2015, p. 48–71; QUESADA MONGE, Rodrigo, **Anarquía orden sin autoridad**, Heredia: EUNA, Eleuterio, 2014; MORALES, Gerardo, **Cultura oligárquica y nueva intelectualidad en Costa Rica: 1880-1914**, Heredia: Editorial Universidad Nacional de Costa Rica, 1995; OLIVA MEDINA, **Artesanos y Obreros Costarricenses**.

¹⁰ LLAGUNO THOMAS, José Julián, **La semilla que germina: anarquismo, cultura política y nueva intelectualidad en Costa Rica (1900-1914)**, San José: Acracia Editores, 2012; LLAGUNO THOMAS, José Julián, **Vivir la idea: cultura política anarquista en Costa Rica en la década de 1910**, Heredia: EUNA, 2021.

¹¹ Nesse sentido, quando falamos de unionismo, nos referimos a esse movimento de unidade regional e não ao sentido anglo-saxão da palavra que se refere às organizações de trabalhadores.

Minha hipótese é que parte dessa ignorância se deve ao tamanho da região, um pouco mais de 500.000 km divididos em sete países diferentes. Vista do Brasil, essa comparação territorial é equivalente ao Estado da Bahia, que em termos percentuais representa 6,5% do total do território brasileiro. Dadas essas condições, escrever esta pesquisa do Brasil em português é uma forma de contribuir para uma compreensão mais complexa e dialógica da realidade centro-americana a partir da perspectiva específica do anarquismo. Minha própria mobilidade internacional e minha experiência no Brasil fazem parte desse processo, que afetou profundamente a estrutura, a argumentação e a redação desta pesquisa. A forma como uso explicações geográficas, contextualizações de eventos, tradução de conceitos e uso de fontes portuguesas fazem parte desse repertório que faço uso para dialogar com a história do anarquismo do lugar menos conhecido da historiografia latino-americana¹².

Além dessas razões, optei por realizar esta pesquisa no Brasil por uma combinação de razões políticas e acadêmicas. O programa histórico da UNICAMP tem uma sólida trajetória na história social, onde o anarquismo tem sido objeto de diversas pesquisas na Argentina, no Brasil, no Uruguai e na Espanha¹³. Estas investigações tem contribuído para fortalecer os

¹² Nesta linha, também me beneficieei da pesquisa produzida na área de história social da UNICAMP, principalmente o trabalho de Michael Hall, Fernando Teixeira e Claudio Batalha. BATALHA, Claudio; DA SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (Orgs.), **Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado**, Campinas: Editora Unicamp, 2004; BATALHA, Claudio; MAC CORD, Marcelo (Orgs.), **Organizar e proteger: trabalhadores, associações e mutualismo no Brasil (séculos XIX e XX)**, Campinas: Editora Unicamp, 2014; SILVA, Fernando Teixeira da; TEIXEIRA DA, **Operários sem patrões: os trabalhadores da cidade de Santos no entreguerras**, Campinas: Editora Unicamp, 2003.

¹³ RAGO, Luzia Margareth, **Sem fé, sem lei, sem rei: liberalismo e experiência anarquista na República**, Mestrado em História, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1984; TOLEDO, Edilene, **O Amigo do povo: grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século**, Mestrado em História, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1993; LEAL, Claudia Feierabend Baeta, **Pensiero e dinamite: anarquismo e repressão em São Paulo nos anos 1890**, Doutorado em História, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2006; ROMANI, Carlo, **Oreste Ristori: uma aventura anarquista**, Mestrado em História, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1998; LOPREATO, Christina da Silva Roquette, **O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917**, Doutorado em História, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1996; DOESWIJK, Andreas L, **Entre camaleões e cristalizados: os anarco-bolcheviques Rio-platenses**, Doutorado em História, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1998; TOLEDO, Edilene, **O sindicalismo revolucionário em São Paulo e na Itália: circulação de ideias e experiências na militância sindical transnacional entre 1890 e o fascismo**, Doutorado em História, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2002; SILVA, Rodrigo Rosa da, **Imprimindo a resistência: a imprensa anarquista e a repressão política em São Paulo (1930-1945)**, Mestrado em história, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2005; RUGAI, Ricardo Ramos, **O anarquismo organizado: as concepções e práticas da Federação Anarquista Uruguaiana (1952-1976)**, Mestrado em história, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2003; RUDY, Antonio Cleber, **O anticlericalismo sob o manto da República: tensões sociais e cultura libertária no Brasil (1901-1935)**, Doutorado em História, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2017; RIBEIRO, Marcelo Tavares, **Tierra y Libertad: porta-voz dos grupos de afinidade e do anarquismo insurrecional durante a Segunda República Espanhola (1931-1936)**, Doutorado em História, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2018.

estudos sobre a circulação de ideias no continente americano, onde minha própria pesquisa visa contribuir. A universidade abriga também o arquivo Edgar Leuenroth (AEL), nomeado em homenagem ao tipógrafo anarquista paulista que preservou a memória do movimento libertário em sua coleção. Essas circunstâncias, com o fato de haver um movimento anarquista muito ativo, me permitiram, ao longo desses quase seis anos, participar de um grande número de atividades e leituras que enriqueceram esta pesquisa¹⁴.

Dada a novidade desta pesquisa, ela se baseia em intenso trabalho de arquivamento em vários países. Algumas dessas atividades e leituras foram feitas pessoalmente e outras por repositórios digitais, especialmente desde o início da pandemia da COVID-19, em 2020. O uso de ferramentas informáticas para o processamento de informações e a colaboração de muitas pessoas em vários países têm sido fundamentais para a redação deste texto. Sem o alcance da cultura digital e da Internet, é bem possível que esta pesquisa não tivesse podido assumir essa escala no período previsto.

Dadas as circunstâncias acima, tive de recorrer a uma descrição densa como estratégia narrativa. Essa escolha se baseia no fato de que não há nenhuma outra pesquisa histórica sobre o assunto. Como primeira abordagem, parece-me ser uma escolha válida e sábia, pois pode abrir o campo para novas pesquisas. Por outro lado, tem o risco da generalidade. Em todo caso, assumo a responsabilidade por esse exercício, enfatizando as vozes das pessoas envolvidas nesse movimento.

O documento está dividido em seis capítulos principais. O primeiro, intitulado “Compreender o istmo centro-americano: unionismo, imperialismo e economia

¹⁴ A perspectiva transnacional e o internacionalismo também ganharam força nas pesquisas sobre o movimento anarquista no Brasil, em diferentes dimensões. TOLEDO, Edilene; BIONDI, Luigi, *Constructing Syndicalism and Anarchism Globally: The Transnational Making of the Syndicalist Movement in São Paulo, Brazil, 1895–1935*, in: WALT, Lucien van der; HIRSCH, Steven (Orgs.), **Anarchism and Syndicalism in the Colonial and Postcolonial World, 1870-1940**, Leiden ; Boston: Brill, 2011, p. 363–393; SAMIS, Alexandre, **Minha pátria é o mundo inteiro: Neno Vasco, o anarquismo e o sindicalismo revolucionário em dois mundo**, São Paulo: Intermezzo, 2009; ROMANI, Carlo, *Anarquismo italiano, transnacionalismo e emigração ao Brasil: Contribuições ao debate teórico*, **Critica histórica**, n. 21, p. 10–33, 2020; GODOY, Clayton Peron Franco de, **Ação direta: transnacionalismo, visibilidade e latência na formação do movimento anarquista em São Paulo (1892-1908)**, Doutorado em Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013; SANTOS, Kauan Willian dos; SILVA, Rafael Viana da (Orgs.), **História do Anarquismo e do Sindicalismo de intenção revolucionária no Brasil: novas perspectivas**, Curitiba: Editora Prismas, 2018; SILVA, Rafael Viana da, **Um anarquismo latino-americano: estudo comparativo e transnacional das experiências na Argentina, Brasil e Uruguai (1959-1985)**, Doutorado em História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018; SANTOS, Kauan Willian dos, **Pontes de liberdade: internacionalismo e imaginários nacionais na construção do anarquismo no Brasil (1890-1937)**, Doutorado em História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021; ROMANI, Carlo; BENEVIDES, Bruno Corrêa de Sá e, *The Italian Anarchists’ Network in São Paulo at the Beginning of the Twentieth Century*, in: JACOB, Frank; KEBLER, Mario (Orgs.), **Transatlantic Radicalism: Socialist and Anarchist Exchanges in the 19th and 20th Centuries**, Liverpool: Liverpool University Press, 2021, p. 57–82; CORRÊA, Felipe, **Bandeira negra. Rediscutindo o anarquismo**, São Paulo: Autonomia literaria, 2022.

agroexportadora, 1870–1930”, visa a contextualizar os principais problemas políticos da região durante o período em análise. Na primeira parte, trabalhamos com a história política da região; na segunda, abordamos a questão do canal interoceânico e sua conexão com o imperialismo. Finalmente, analisamos as condições da economia agroexportadora e sua relação com o mundo das classes populares.

O Capítulo 2 se intitula “Anarcofobia e pânico moral: agentes da ordem contra a anarquia, 1850–1910” e procura estudar a historicidade dos termos anarquismo e anarquia na América Central através de seus usos políticos. Estes foram instrumentalizados para atacar a oposição política, criticar as reformas seculares da sociedade e transformar o anarquismo em um crime político penalizado por instrumentos legais e morais. Este capítulo dá ênfase aos agentes da lei, como policiais, políticos, diplomatas, advogados e médicos.

Os Capítulos 3, 4, 5 estudam as formas de organização dos grupos anarquistas e suas relações com as diferentes esferas associativas. É dada ênfase aos espaços ligados ao movimento operário centro-americano. O Capítulo 3 se intitula “De todos e de ninguém: federalismo anarquista no Istmo do Panamá, 1910–1925” e estuda a dinâmica organizacional dos grupos anarquistas e suas conexões internacionais. Destacamos os debates ideológicos, as práticas organizacionais e as diversas tendências que esses grupos assumiram no contexto panamenho.

O Capítulo 4 se intitula “Pela causa do trabalho organizado: anarquistas no movimento operário centro-americano, 1910–1928” e estuda as diversas formas de inserção militante nas organizações de trabalhadores da região. Na primeira seção, estudamos a relação entre o unionismo centro-americano e o internacionalismo proletário. Na segunda seção, trabalhamos com a experiência da primeira confederação de trabalhadores da América Central e com os instrumentos usados para difundir a ideia anarquista. A última seção continua este tema, estudando o sindicalismo nos anos 20.

O Capítulo 5, intitulado “Saúde e comunismo libertário: América Central e Associação Continental Americana de Trabalhadores, 1929–1935”, faz uma análise profunda do anarcosindicalismo centro-americano e de suas relações continentais. Primeiro estudamos as estratégias de propaganda sindicalista na região e caracterizamos a estrutura e a ideologia da ACAT. Finalmente, reconstruímos a participação centro-americana através do estudo de três organizações estabelecidas em El Salvador, Guatemala e Costa Rica.

O capítulo 6, intitulado “Viagem Libertária pela América Central: imprensa libertária e relações militantes, 1904 – 1932”, analisa os vínculos e relações militantes

estabelecidas com base em publicações libertárias. Na primeira parte, estudamos as formas de produção da imprensa e suas relações com os grupos anarquistas da região centro-americana. Na segunda seção, examinamos as formas de circulação do material impresso em vários circuitos editoriais do continente americano e europeu. Finalmente, estabelecemos a relação entre as publicações e o trabalho pedagógico realizado por bibliotecas, livrarias e centros sociais.

Finalmente, empregamos os termos Centro América, América Central e istmo centro-americano como sinônimos nesta pesquisa. Isso porque estamos estudando as relações e os vínculos entre grupos anarquistas de vários países, que não se ajustam necessariamente às diferenças políticas e geográficas estabelecidas na historiografia. Por outro lado, convém deixar claro que este trabalho se concentra em certos contextos e lugares, principalmente El Salvador, Guatemala, Costa Rica e Panamá. Em menor grau, aparecem Nicarágua e Honduras, onde não fomos capazes de localizar grupos anarquistas, embora tenhamos localizado alguns simpatizantes. A grande ausente desta pesquisa é Belize, que, sendo uma colônia britânica, permaneceu bastante isolada do movimento operário centro-americano.

1. América Central na história do anarquismo

Durante os séculos XIX e XX, a América Central apareceu como um território pouco conectado com o resto do movimento anarquista internacional. Os primeiros trabalhos para desenvolver uma interpretação científica da questão concentraram-se na abordagem do assunto usando uma metodologia centrada nas principais questões debatidas pelos anarquistas a partir da perspectiva de suas figuras mais conhecidas. Essa narrativa cobriu, de modo geral, o continente europeu e se estendeu gradualmente em outros lugares. Escrito no século XIX, esse método consolidou alguns cânones na história do anarquismo, especialmente em relação aos autores, às correntes e aos espaços¹⁵. Embora na época fosse um esforço importante para documentar o movimento anarquista e servir de equilíbrio contra a literatura escrita por agentes do Estado, continuou sendo uma narrativa personalista e eurocêntrica.

¹⁵ ELTZBACHER, Paul, **El anarquismo según sus más ilustres representantes**, Madrid: La España Moderna, 1894; ZOCCOLI, Ettore, **La anarquía: las ideas, los hechos**, Barcelona: Impr. de Henrich, 1908; WOODCOCK, George, **El anarquismo: historia de las ideas y movimientos literarios**, Barcelona: Ariel, 1979; GUÉRIN, Daniel (Org.), **No gods, no masters**, Complete unabridged ed. Edinburgh, Scotland ; Oakland, CA: AK Press, 2005; GRAHAM, Robert, **Anarchism: a documentary history of libertarian ideas**, Montreal; New York: Black Rose Books, 2005.

Os primeiros registros da atividade anarquista no istmo centro-americano são elaborados pelos próprios protagonistas. A maioria deles era estrangeira e publicou seus textos na imprensa do movimento. A importância desses relatos é que eles nos permitem identificar um conjunto de atores e relações de cooperação, assim como as visões e os esforços que alguns propagandistas fizeram para estabelecer vínculos com o território centro-americano. Servem também como base para pesquisar outras fontes e captar os debates que eles enfrentaram a cada momento.

Em 1909, o colombiano Vicente Lizcano, mais conhecido como Biófilo Panclasta, escreveu uma série de artigos na imprensa costarriquenha em que analisava as condições políticas dos países centro-americanos¹⁶. Do Canal do Panamá, o galego Manuel Rodríguez escreveu várias crônicas, em 1911, sobre as condições de trabalho na região e a origem do anarquismo no istmo¹⁷. A livre pensadora Belén de Sárraga também registrou suas viagens à região, em 1912. O conteúdo de suas palestras e suas pesquisas sobre o clericalismo seriam publicados mais tarde em um livro¹⁸. Em 1916, o galego Jorge de Borrán retomou o tema do Canal do Panamá após sua inauguração e documentou o rígido sistema de divisão racial estabelecido pelo governo dos Estados Unidos¹⁹.

Nos anos 1920, surgiram mais artigos relacionados com a atividade sindical anarquista na região. Em 1924, Montes de Oca escreve sobre as condições do movimento operário e as possibilidades de desenvolver propaganda sindical nas plantações agrícolas do Caribe da região²⁰. Em 1928, Julio Díaz, militante da *Federación Obrera Regional Argentina* (FORA), foi o primeiro a documentar, por conversas diretas com os trabalhadores centro-americanos, as origens das organizações sindicais nos diferentes países²¹.

Entre 1926 e 1932, Víctor Recoba (peruano), Manuel Grajeda (guatemalteco), Lino Salguero (guatemalteco) e Óscar Alfaro (possivelmente espanhol) escrevem relatos sobre o andamento do movimento operário na Costa Rica, na Guatemala, em El Salvador e no Panamá²². Finalmente, temos os relatórios de viagem escritos por Eduard Bertrán (francês), em

¹⁶ *El Pacífico*, Puntarenas, 9 de outubro de 1909, p. 2-3; 14 de outubro de 1909, p. 2; 16 de outubro de 1909, p. 3; 26 de outubro de 1909, p. 1-2; 30 de novembro de 1909, p. 4.

¹⁷ *Tierra y Libertad*, Barcelona, 19 de maio de 1910, p. 3.

¹⁸ SÁRRAGA, Belén de, **El clericalismo en América: a través de un continente**, Lisboa, Portugal: Editorial Lux, 1915.

¹⁹ *Fuerza Cerebral*, New York, 15 de julho de 1916, p. 3.

²⁰ *Revista Anarquista Internacional*, Paris. 15 de novembro de 1924, p. 20-21.

²¹ *La Protesta*, Buenos Aires, 14 de agosto de 1928, p. 3.

²² *La Continental Obrera*, Buenos Aires, julho de 1930, p. 14; agosto de 1930, p. 3.

1931 e 1932, sobre a repressão das organizações anarquistas na região e a formação de comunas agrícolas²³.

A partir do conjunto desses relatos, temos um quadro regional que identifica explicitamente a atividade anarquista a partir de 1890. Isso se tornaria mais visível entre os trabalhadores em projetos de infraestrutura, tais como ferrovias, portos e o Canal do Panamá. Ao mesmo tempo, as ideias estavam ganhando terreno nas cidades através dos artesãos qualificados e da classe média. A ascensão dos grupos parece ter sido identificada entre 1910 e 1930, onde operam principalmente no âmbito dos sindicatos e da juventude. Algumas das características da região seriam: uma população na maioria camponesa e indígena (especialmente na Guatemala e em algumas partes do Caribe), uma presença militar e política norte-americana, e uma política profundamente oligárquica e repressiva.

Considerando esses relatos, o austríaco Max Nettlau escreveu os primeiros escritos, nas décadas de 1920 e 1930, que tentavam dar uma visão geral do anarquismo na América Latina. Ele usa uma abordagem etnolinguística para compreender o desenvolvimento do anarquismo. Nesse sentido, Nettlau estuda a propaganda usando as conexões estabelecidas por seus protagonistas, de modo que as delimitações políticas possam ser entrelaçadas com as mobilidades humanas²⁴. Esse método pioneiro tem sido empregado recentemente para mostrar as possibilidades de desenvolver uma história entrelaçada do anarquismo²⁵.

Desse modo, poderíamos aprender mais detalhadamente sobre uma série de grupos, pessoas e localidades que geralmente escapam à exclusividade das fronteiras nacionais. Isso não quer dizer que renunciemos a essas delimitações, mas nos permite pensar em diferentes formas de articulação de escalas diferentes. Em sua avaliação, Nettlau aponta para a concentração da atividade anarquista primeiro na Costa Rica e no Panamá, e a partir de 1920 na Guatemala e em El Salvador. Ele fornece dados sobre publicações publicadas nesses países e aponta os primeiros traços de trocas e influências mútuas com outras partes do continente. A primeira seria a relação estabelecida pelos imigrantes espanhóis, italianos e franceses, com seus

²³ *Cultura Proletaria*, New York, 4 de abril de 1931, p. 1; 11 de abril de 1931, p. 1; 5 de setembro de 1931, p. 2; 17 de outubro de 1931, p. 2. p. 2; 31 de outubro de 1931, p. 2; 16 de abril de 1932, p. 3.

²⁴ TARACENA, ARTURO, El manuscrito de Max Nettlau sobre el anarquismo en Centroamérica (1906-1932), **Política y Sociedad**, v. 46, p. 161–69, 2009; NETTLAU, Max, Contribución a la bibliografía anarquista de la América Latina hasta 1914, **Suplemento La Protesta**, p. 5–33, 1927.

²⁵ MELENDEZ-BADILLO, JORELL, The Anarchist Imaginary Max Nettlau and Latin America, 1890–1934, in: **Writing revolution. Hispanic anarchism in the United States**, Chicago: University of Illinois Press, 2019, p. 177–193.

lugares de origem e suas comunidades em outros países americanos. A segunda seria a troca direta com a imprensa em Cuba, no México, nos Estados Unidos e na Argentina²⁶.

Os vestígios documentados por Nettlau foram a base de todas as pesquisas posteriores no século XX. Entre 1940 e 1970, foram escritos alguns relatos, principalmente na linha das viagens de propaganda organizadas por exilados espanhóis. O mais importante foi escrito por Víctor García, que usou os textos de Nettlau e algumas informações disponíveis sobre o sindicalismo de seu tempo. A particularidade desse texto é que ele desenvolve uma profunda reflexão sobre as comunidades indígenas e sua anarquia prática^{27[13]}.

Foi somente nos anos de 1980 e 1990 que o anarquismo começou a ganhar interesse pela história social da América Central. Há poucos trabalhos que tratam exclusivamente do assunto e, em geral, seguem a linha do estudo dos antecedentes do movimento operário organizado e das correntes socialistas da região. O contexto da época, marcado pela luta de guerrilha e pelos movimentos de libertação nacional, influenciou muito as interpretações do passado. Assim, os sindicatos e os partidos foram os principais atores nesse inquérito²⁸.

Sobre a influência anarquista no movimento operário, há vários trabalhos que traçam essa presença em pesquisas ao nível nacional. Estes geralmente se concentram no período de 1880–1930 e destacam a importância dos imigrantes europeus no início do período e do trabalho artesanal urbano como a principal base militante dos sindicatos²⁹. Também foram desenvolvidos estudos de síntese, visando proporcionar uma visão regional do desenvolvimento do movimento operário centro-americano³⁰.

²⁶ NETTLAU, Contribución a la bibliografía anarquista de la América Latina hasta 1914.

²⁷ GARCÍA, Víctor, *La incógnita de Indoamérica*, México D.F: Tierra y Libertad, 1957.

²⁸ ALEXANDER, Robert J.; PARKER, Eldon M., *A history of organized labor in Panama and Central America*, Westport, Conn: Praeger Publishers, 2008.

²⁹ DE LA CRUZ, Vladimir, *Las luchas sociales en Costa Rica, 1870-1930*, San José: Editorial Universidad de Costa Rica, 2004; OLIVA MEDINA, *Artesanos y Obreros Costarricenses*; NAVAS, Luis, *El movimiento obrero en Panamá (1880-1914)*, San José: EDUCA, 1979; MUÑOZ, *Blázquez de Pedro y los orígenes del sindicalismo panameño*; AGUILAR BULGARELLI, Oscar, *La Huelga de los tótiles, 1887-1889: un capítulo de nuestra historia social*, San José: EUNED, 1989; MEZA, Víctor, *Historia del movimiento obrero hondureño*, Tegucigalpa: Editorial Guaymuras, 1981; POSAS, Mario, *Tendencias ideológicas actuales en el movimiento obrero hondureño*, *Anuario de Estudios Centroamericanos*, n. 6, p. 25–54, 1980; GOULD, Jeffrey L., *Orgullo amargo: el desarrollo del movimiento obrero nicaragüense (1912-1950)*, Managua: IHNCA/UCA, 1997.

³⁰ ACUÑA ORTEGA, Víctor, *Clases subalternas y movimientos sociales en Centroamérica (1870-1930)*, in: *Historia General de Centroamérica. Las repúblicas agroexportadoras*, San José: FLACSO, Sede Costa Rica, 1994; ACUÑA ORTEGA, Víctor Hugo, *Nación y clase obrera en Centroamérica en la época liberal (1870-1930)*, in: *Des Indes occidentales à l'Amérique Latine. Volume 2 [en línea]*, México: Centro de estudios mexicanos y centroamericanos, 2006, p. 1–17; ABARCA, Carlos, *Configuración del movimiento obrero en Centroamérica, 1914-1929*, *El Socialista Centroamericano*, p. 1–13, 2013; TARACENA, Arturo, *La Confederación Obrera de Centro América (COCA): 1921-1928*, *Anuario de Estudios Centroamericanos*, v. 10, p. 81–93, 1984; CASANOVA GONZÁLEZ, Pablo (Org.), *Historia del movimiento obrero en América Latina. Tomo 2*, Ciudad de México: Siglo XXI Editores, 1985.

Desses estudos, encontramos apenas um trabalho específico sobre o anarquismo na Guatemala, que foi recentemente aprofundado por outro pesquisador³¹. Para os demais países, o estudo mais completo foi elaborado por Ángel Cappelletti e Carlos Rama, que tomam como base os escritos de Nettlau e dialogam com a bibliografia de cada um dos países³². Algum tempo depois, em seu trabalho como professor visitante, Cappelletti publicou um artigo específico sobre o anarquismo na Costa Rica³³.

Uma primeira avaliação desses trabalhos nos permite destacar um estudo muito segmentado do assunto, concentrando-se em alguns lugares e períodos específicos. A região urbana da Costa Rica e do Canal do Panamá, entre 1890 e 1914, e as capitais da Guatemala e de El Salvador, entre 1920 e 1932. Parte das dificuldades é a falta de um arquivo para salvaguardar as próprias fontes do movimento e o interesse em desenvolver pesquisas regionais. Uma das maneiras de preencher essa lacuna tem sido aprofundar em trajetórias militantes através de dicionários e estudos sobre mobilidade, embora estes continuem a se concentrar na imigração europeia³⁴.

Desde os anos 90, a história do anarquismo foi enriquecida por abordagens da história cultural, intelectual e transnacional. Isso diversificou os temas em torno de preocupações como cultura política, intelectualidade, lazer, educação, emancipação da mulher e redes de solidariedade internacionalista. No caso da América Central, encontramos um envolvimento direto do movimento anarquista nessas questões, e é por isso que elas também aparecem em vários estudos, embora ainda de maneira fragmentada³⁵.

Quanto à cultura política, há um entendimento de que esse tema permite uma análise transversal das alianças entre os setores alfabetizados e a classe trabalhadora. Esses estudos contribuíram para a investigação de uma cultura de resistência e de luta, particularmente através do estudo de redes, militantes comunistas e anarquistas³⁶. A importância da emancipação da

³¹ TARACENA, Presencia anarquista en Guatemala entre 1920 1932; LUCAS MONTEFLORES, **La Senda Libertaria. Nacimiento y desarrollo del anarquismo en Guatemala**.

³² RAMA, Carlos; CAPPELLETTI, Ángel, **El anarquismo en América latina**, Caracas: Ayacucho, 1990.

³³ CAPPELLETTI, Ángel J., El anarquismo en Costa Rica, **Repertorio Americano**, n. 25, p. 81–94, 2015.

³⁴ BARIATTI, Rita, **Italianos en América Central: de Cristóbal Colón a Segunda Posguerra**, San José: Editorial Alma Máter, 2011; GREENE, Julie, Spaniards on the Silver Roll: Labor Troubles and Liminality in the Panama Canal Zone, 1904- 1914, **International Labor and Working-Class History**, n. 66, p. 78–98, 2004; TARACENA ARRIOLA, Arturo; LUCAS MONTEFLORES, Omar, **Diccionario biográfico del movimiento obrero urbano de Guatemala, 1877-1944**, Ciudad de Guatemala: FLACSO, 2014.

³⁵ Para uma revisão bibliográfica recente do caso latino-americano consultar MARGARUCCI, Ivanna, Repensando el anarquismo en América Latina. ¿ Del nacionalismo metodológico a un giro transnacional incompleto?, **Prohistoria**, n. 34, p. 251–282, 2020.

³⁶ MELGAR BAO, Ricardo, Capital letrado y cultura política de la izquierda centroamericana, 1921-1933, **Anuario del Colegio de Estudios Latinoamericanos. UNAM**, v. 1; DIAZ, David, From Radicals to Heroes of the Republic: Anarchism and National Identity in Costa Rica, 1900-1977, *in*: LAFORCADE, Geoffrey de;

mulher na imprensa operária e nas revistas culturais tem sido destacada. No entanto, pesquisas mostram que prevaleceu um discurso masculino sobre o assunto, embora as mulheres também tenham entrado nos sindicatos e na imprensa através de suas próprias reivindicações³⁷.

Finalmente, a questão da solidariedade internacionalista e a formação de redes militantes mostra uma proliferação de perspectivas e desenvolvimentos temáticos. A mobilidade promovida pelas viagens de exílio, deportação e propaganda ajudou a esclarecer os vínculos entre grupos e militantes. Os vínculos com México, Cuba e Estados Unidos têm se destacado³⁸. Ao sustentar essas relações, eles destacaram o papel da imprensa, que também se tornou um prolífico tema de estudo³⁹.

Na temática da solidariedade internacional, foram estudadas as relações com as Revoluções mexicana e russa, bem como as campanhas em favor dos prisioneiros anarquistas, como Francisco Ferrer e Sacco e Vanzetti⁴⁰. O anti-imperialismo e as campanhas contra o avanço militar dos Estados Unidos na América Central e no Caribe também receberam atenção especial⁴¹.

Quanto ao estudo do sindicalismo, este continua sendo um tema importante, abordado de uma perspectiva transnacional e interligada. Esses estudos destacaram as colaborações e os conflitos entre comunistas e anarquistas, bem como sua participação em

SHAFFER, Kirwin (Orgs.), **Defiance of Boundaries: Anarchism in Latin American History**, Florida: University Press of Florida, 2015, p. 403–448; LLAGUNO THOMAS, **Vivir la idea: cultura política anarquista en Costa Rica en la década de 1910**.

³⁷ ALVARENGA, Patricia, **Identidades en disputa: las reinenciones del género y de la sexualidad en la Costa Rica de la primera mitad del siglo XX.**, San José: Editorial UCR, 2012; LUCAS MONTEFLORES, Omar, **Mujeres en la conformación del incipiente sindicalismo revolucionario en Guatemala, 1920-1932, Pacarina del Sur (en línea)**, n. 38, 2019; FLÓREZ-ESTRADA PIMENTEL, María, **Las mujeres también quieren libertad: el problema de los anarquismos y socialismos masculinos de 1880-1930 en Costa Rica, Cuadernos Inter.c.a.mbio sobre Centroamérica y el Caribe**, v. 18, n. 2, p. 74–111, 2021.

³⁸ SHAFFER, Kirwin, **Anarchists of the Caribbean: Countercultural Politics and Transnational Networks in the Age of US Expansion**, Cambridge: Cambridge University Press, 2020; SHAFFER, Panama red; SHAFFER, Kirwin, **Contesting internationalists: Transnational anarchism, anti-imperialism and US expansion in the Caribbean, 1890s-1920s, Estudios interdisciplinarios de América Latina y el Caribe**, v. 22, n. 2, 2011.

³⁹ OLIVA MEDINA, Mario, **La revista Renovación 1911-1914: de la política a la literatura, Cuadernos de H ideas**, v. 3, n. 3, 2009; SHAFFER, Kirwin, **Havana Hub: Cuban anarchism, radical media and the trans-caribbean anarchist network, 1902-1915, Caribbean Studies**, v. 37, n. 2, p. 45–81, 2009; SÁNCHEZ COBOS, Amparo, **!Tierra! y la internacionalización del anarquismo cubano (1902-1915): editores y ediciones, Historia y Política**, n. 42, p. 55–83, 2019; MICHAEL YEOMAN, James, **The Panama Papers: anarchist press networks, in: Transatlantic Radicalism: Socialist and Anarchist Exchanges in the 19th and 20th Centuries**, Liverpool: Liverpool University Press, 2021, p. 83–108.

⁴⁰ OLIVA MEDINA, Mario, **Ensayos de historia intelectual.**, Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, Centro de Investigaciones sobre América Latina y el Caribe, 2018; SHAFFER, **Anarchists of the Caribbean**.

⁴¹ SHAFFER, **Contesting internationalists**; LLAGUNO THOMAS, José Julián, **Las voces olvidadas del antiimperialismo: el anarquismo frente al avance de Estados Unidos en América Central y el Caribe**, 2015; QUESADA MONGE, Rodrigo, **El legado de la guerra hispano-antillana-norteamericana**, San José: Eunod, 2001; ANDERSON, Benedict, **Under three flags: anarchism and the anti-colonial imagination**, London: Verso, 2005.

associações como as Universidades Populares, a Liga Anti-Imperialista e os comitês solidários com a Nicarágua nos anos 1920 e 1930⁴². Quanto à participação nas confederações sindicais, pouco se sabe sobre o anarcossindicalismo na região, embora alguns estudos aprofundem a propaganda da AIT e a formação da ACAT⁴³.

Em suma, pode-se argumentar que o anarquismo na América Central não recebeu, até o momento, um tratamento temático exclusivo. Embora o assunto tenha sido tratado principalmente a partir da análise do movimento operário e da esquerda, não temos nenhum trabalho que considere suas conexões ao nível regional e internacional. Esta pesquisa é um passo nessa direção, tomando como base um diálogo entre a história social e a transnacional, a fim de avançar na compreensão dos projetos organizativos nos quais diferentes grupos anarquistas da região se envolveram. No que se segue, examinaremos alguns aspectos teóricos e metodológicos que nos permitem organizar melhor e especificar nossa abordagem.

2. História transnacional e mundos do trabalho

Esta pesquisa está em diálogo com estudos sobre a história global do trabalho, usando uma escala mais modesta em sua delimitação territorial e em suas conexões internacionais⁴⁴. Nosso foco é o movimento anarquista, entendido como um movimento internacional, antiestatal e anticapitalista que busca a eliminação dos assalariados e a coletivização dos meios de produção, com base na constituição de comunas locais e federações regionais lideradas diretamente por seus membros. A formação, organização e propagação desse processo na América Central será nosso principal objeto de análise⁴⁵.

⁴² MELGAR BAO, Ricardo, Cominternismo intelectual: Representaciones, redes y prácticas político-culturales en América Central, 1921-1933, **Revista Complutense de Historia de América**, v. 35, p. 25, 2009; AGUILUZ VENTURA, René, **Las primeras conexiones político obreras entre México y El Salvador: comunistas, redes obreras y diplomacia, 1919-1931**, Maestría en historia, Universidad Autónoma de Chiapas, Tuxtla Gutiérrez, Chiapas, 2017; ALMEIDA, Paul, **Waves of protest: popular struggle in El Salvador, 1925-2005**, Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008; KERSFFELD, Daniel, **Contra el imperio. Historia de la Liga Antiimperialista de las Américas**, México: Siglo XXI, 2012; JEIFETS, Victor; JEIFETS, Lazar, **América Latina en la Internacional Comunista 1919-1943: Diccionario Biográfico**, Buenos Aires: Ariadna Ediciones, CLACSO, 2018.

⁴³ MIGUELAÑEZ MARTÍNEZ, María. **Más allá de las fronteras: el anarquismo argentino en el periodo de entreguerras**, Tesis de doctorado en historia, Universidad Autónoma de Madrid, Madrid, 2018; POY, Lucas, Working Class Politics and Labour Internationalism in Latin America: An Overview of Labour International Organisations in the Region During the Interwar Period (1919–1939), *in*: BELLUCCI, Stefano; WEISS, Holger (Orgs.), **The Internationalisation of the Labour Question**, London: Palgrave Macmillan, 2020, p. 165–189.

⁴⁴ LINDEN, Marcel van der, **Workers of the world: Essays toward a global labor history**, Amsterdam: Brill, 2008.

⁴⁵ WOODCOCK, **El anarquismo**, p. 20–21.

A seguir, levantamos algumas questões teóricas e explicamos nosso modelo interpretativo que será usado durante toda a pesquisa. O primeiro debate diz respeito à historicidade dos conceitos de anarquia e anarquismo. A etimologia do primeiro conceito é muito mais antiga e se refere à rejeição de qualquer princípio e essência únicos para definir a vontade humana. A partir desse princípio, foram criadas correntes de pensamento e movimentos que o reivindicaram como um horizonte utópico e de liberdade de pensamento em vários contextos geográficos diferentes. Alguns autores chamaram esse repertório de pré-história do anarquismo. Foi também empregado pelos próprios anarquistas no século XIX para reivindicar uma tradição histórica de luta contra a autoridade dentro de uma diversidade de povos e comunidades⁴⁶.

Em termos de um movimento coletivo de autoconsciência, o anarquismo é o resultado da convergência de várias tradições de luta e de pensamento em meados do século XIX. Nesse momento, seus principais componentes ideológicos, como o antiestatismo, o anticapitalismo e o antiautoritarismo, são mais claramente identificáveis. A maioria da historiografia concorda em identificar esse processo de convergência na Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT)⁴⁷. A grande divergência entre eles era a Europa, o centro dessa articulação. A pesquisa mais recente mostra que suas influências e conexões vieram de muitos lados que se articulavam nos centros capitalistas, dada a divisão colonial do mundo e não necessariamente a uma exclusividade europeia⁴⁸.

Relacionado com o debate sobre as origens e concepções do anarquismo está o debate sobre a racionalidade do movimento. Isso é central, pois durante o século XIX a questão foi objeto de muito tratamento por parte de agentes do Estado e estudiosos que vivenciaram o fenômeno do terrorismo. Nesse sentido, foram construídas interpretações que entenderam o anarquismo como um fenômeno relacionado com o desequilíbrio mental e biológico de alguns indivíduos que se aproveitaram do contexto de desigualdade social para justificar seus ataques violentos. A justificação por vários grupos anarquistas do uso de violência política individual

⁴⁶ NETTLAU, Max, **La anarquía a través de los tiempos**, Madrid: Editorial Maucci, 1935; CAPPELLETTI, Angel, **Prehistoria del anarquismo**, Madrid: Queimada, 1983.

⁴⁷ CAPPELLETTI, Ángel J., **La ideología anarquista**, Barcelona: El grillo libertario, 2010; RAMA; CAPPELLETTI, **El anarquismo en América latina**.

⁴⁸ BENSIMON, Fabrice; DELUERMOZ, Quentin; MOISAND, Jeanne (Orgs.), **“Arise ye wretched of the earth”: the first International in a global perspective**, Leiden ; Boston: Brill, 2018; HIRSCH, Steven; WALT, Lucien van der (Orgs.), **Anarchism and syndicalism in the colonial and postcolonial world, 1870-1940: the praxis of national liberation, internationalism, and social revolution**, Leiden ; Boston: Brill, 2010; ANDERSON, **Under three flags**.

contra figuras da autoridade aumentou o alcance dessa explicação para o movimento como um todo⁴⁹.

Sobre esses debates, nesta pesquisa argumentamos que o anarquismo é o produto de uma construção histórica com uma racionalidade específica aberta a diversas influências doutrinárias e práticas de luta popular. Nesse sentido, ela tem uma historicidade que remonta ao século XIX, embora tome referências de épocas anteriores. Entende-se por ação política a organização de uma resistência concreta ao sistema capitalista, a partir da qual são construídas as ferramentas necessárias para prefigurar os contornos de uma nova sociedade que só pode avançar rompendo com as instituições estabelecidas⁵⁰.

Isso significa que os meios e fins estão dialeticamente relacionados, de modo que a primeira condição é a segunda. Por essa razão, o anarquismo difere de outras correntes socialistas que acreditam que a organização das classes populares tem que se desenvolver através das formas institucionais estabelecidas, especialmente o partido, o exército e o Estado⁵¹. Esse tipo de racionalidade política instrumental, segundo a crítica anarquista, numa reprodução de formas autoritárias de ação, levaria à constituição de novos estados e jamais os substituiria por estruturas federalistas autônomas⁵².

No contexto do desenvolvimento capitalista mundial, a classe trabalhadora torna-se o assunto principal dessa estratégia revolucionária, embora não se restrinja exclusivamente a ela. Não há, nessa visão, nenhum papel de vanguarda para o proletariado industrial nessa luta, embora ela possa se tornar muito importante em alguns contextos e lugares específicos. O artesanato, o campesinato, os povos indígenas e os setores marginalizados também poderiam fazer parte desse sujeito revolucionário⁵³.

Dada a centralidade que o trabalho desempenha na dinâmica capitalista, essa foi uma das principais preocupações, embora não exclusiva, da organização anarquista. Nesse sentido, um dos debates cruciais girou em torno das tarefas necessárias para resistir e superar o sistema capitalista⁵⁴. Neste ponto, o último problema relacionado com os caminhos organizados

⁴⁹ JENSEN, Richard Bach, *The International Campaign Against Anarchist Terrorism, 1880–1930s*, **Terrorism and Political Violence**, v. 21, n. 1, p. 89–109, 2009.

⁵⁰ SURIANO, Juan, **Anarquistas: cultura y política libertaria en Buenos Aires, 1890-1910**, Buenos Aires: Ediciones Manantial, 2001, p. 28.

⁵¹ HOBBSAWM, Eric, **Rebeldes primitivos**, Barcelona: Ariel, 1983.

⁵² COLOMBO, Eduardo, **La voluntad del pueblo: democracia y anarquía**, Buenos Aires: Tupac Ediciones, 2006.

⁵³ BARBERO, Jesús Martín, **De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía**, Barcelona: G. Gil, 1987, p. 15–23.

⁵⁴ TURCATO, D. Anarquismo europeo en la década de 1890: Por qué el trabajo importa en la categorización del anarquismo. *Revista de Trabajo y Sociedad* vol.12, no. 3, págs. 451-466, 2009.

escolhidos pelo movimento anarquista aparece mais claramente. Esse ponto foi elaborado de muitas maneiras, mas basicamente tem funcionado numa classificação das correntes internas que surgem comparando diferentes abordagens a algumas questões concretas, como a organização econômica, o uso da violência e a participação dentro dos movimentos populares⁵⁵.

De acordo com os critérios de seleção, região, geografia e grupos de referência, essas correntes são modificadas. Em geral, prevaleceu a identificação de quatro correntes: mutualista, coletivista, comunista e sindicalista. A história global levantou questões importantes para essa classificação, pois ela geralmente reproduz três cânones: 1) uma história do movimento reduzida a uma evolução progressiva de grandes pensadores; 2) estudos concentrados na dicotomia entre anarquistas organizados/desorganizados; e 3) debates sobre tendências internas concorrentes⁵⁶.

Esses cânones foram desafiados hoje por uma historiografia do anarquismo global, que dá mais atenção ao desenvolvimento do movimento a partir de circuitos militantes interconectados e policêntricos que operam em vários continentes ao mesmo tempo. Em termos metodológicos, foi proposta maior atenção ao estudo das estratégias e táticas dos grupos anarquistas. Isso geralmente resulta em uma série de tipologias e classificações mais restritas. Como resultado, teríamos um movimento anarquista que adota duas estratégias principais de mudança revolucionária, uma insurrecionalista e outra de massa. As táticas de luta são as greves, a conquista de reformas e a luta armada. Em termos qualitativos, ela se expressaria principalmente dentro do movimento operário organizado, embora participe de outros movimentos sociais. Sua principal construção organizacional seria o sindicalismo com intenções revolucionárias, que incluiria tanto o sindicalismo revolucionário quanto o anarcossindicalismo⁵⁷.

Sobre esse ponto ainda há um debate aberto, pois esses conceitos podem denotar diferentes movimentos sindicais, dependendo do contexto. Em termos gerais, há consenso de que esse tipo de sindicalismo seria produto de uma prática e criação do próprio movimento operário, influenciado por várias doutrinas. O sindicato seria a base do agrupamento e da

⁵⁵ JOLL, James, **Anarquistas**, Barcelona: Grijalbo, 1968; BLOND, Georges, **El gran ejército de la bandera negra: los anarquistas a través del mundo**, Barcelona: Luis de Caralt, 1975; HOROWITZ, Irving Louis, **Los anarquistas: La teoría**, Madrid: Alianza Editorial, 1982; WOODCOCK, **El anarquismo**.

⁵⁶ WALT, Lucien van der; HIRSCH, Steven, Rethinking Anarchism and Syndicalism: the colonial and postcolonial experience, 1870-1940, *in*: **Anarchism and syndicalism in the colonial and postcolonial world**, Leiden ; Boston: Brill, 2010, p. XXI–XXXI.

⁵⁷ WALT, Lucien van der; SCHMIDT, Michael, **Black flame: the revolutionary class politics of anarchism and syndicalism**, Edinburgh ; Oakland: AK Press, 2009; WALT, Lucien van der, Reclaiming Syndicalism: From Spain to South Africa to Global Labour Today, **Global Labour Journal**, v. 5, n. 2, 2014; CORRÊA, Felipe, **Bandeira negra. Rediscutindo o anarquismo**, São Paulo: Autonomia literaria, 2022.

resistência contra o capitalismo e, ao mesmo tempo, o germe da administração da futura sociedade comunista. Portanto, o sindicalismo é a escola prática e a doutrina da resistência da classe trabalhadora e seu principal organismo revolucionário⁵⁸.

No que diz respeito às divergências, há um debate sobre se o sindicalismo revolucionário é uma estratégia ou uma corrente doutrinária propriamente dita. Isso nos leva a levantar a questão da neutralidade doutrinária ou do finalismo, ou seja, se o sindicalismo como tal deve ter uma ideologia específica⁵⁹. No caso desta pesquisa, argumentamos que na América Central predomina uma perspectiva de sindicalismo como estratégia e que ela só aparece como uma corrente explicitamente anarquista nos anos 1920 e somente em algumas organizações específicas.

Embora partilhemos amplamente a perspectiva teórica delineada por Walt, Schmidt e Corrêa, acreditamos que os próprios critérios sociológicos sobre os quais se constrói privilegiam demais as dimensões orgânicas e formais do anarquismo. Em termos de interpretação histórica, portanto, ela elabora uma demarcação muito estreita. Primeiro, ela desconsidera como anarquistas vários autores, como Max Stirner, William Godwin, Pierre Joseph Proudhon e Leon Tolstói. Embora estes não fossem anarquistas no sentido estrito do termo, eles tiveram um grande impacto sobre o movimento anarquista organizado. Em segundo lugar, sua própria classificação tipológica é difícil de aplicar a todos os casos e contextos de ação anarquista. Como perspectiva global é uma proposta útil, que, no entanto, deve ser contextualizada e aberta à investigação em cada caso específico.

Por essas razões, decidimos nos concentrar em uma análise focalizada na prática dos grupos e a partir dela reconstruir seus principais debates ideológicos relacionados com o mundo do trabalho. Esse foi um caminho sugerido por Davide Turcato para o caso do movimento anarquista italiano, que nos parece bastante sugestivo para ser retomado em nossa pesquisa⁶⁰. Em resumo, propomos um modelo teórico e metodológico que procura interpretar o caso centro-americano, considerando o anarquismo como um movimento social internacional interconectado em várias escalas territoriais (ver Figura 1).

⁵⁸ THORPE, Wayne, **Revolutionary syndicalist internationalism, 1913-1923: the origins of the International Working Men's Association**, PhD Thesis in history, University of British Columbia, British Columbia, 1979; LINDEN, Marcel van der, **Transnational labour history: explorations**, New York ; London: Routledge, 2017.

⁵⁹ DAMIER, Vadim, **Anarcho-syndicalism in the 20th century**, Edmonton: Black Cat Press, 2009; BERRY, David; BANTMAN, Constance (Orgs.), **New Perspectives on Anarchism, Labour and Syndicalism: The Individual, the National and the Transnational**, Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2010.

⁶⁰ TURCATO, Davide, Italian Anarchism as a Transnational Movement, 1885–1915, **International Review of Social History**, v. 52, n. 03, p. 407–444, 2007.

Figura 1. Modelo analítico



Fonte: Elaboração própria.

Nosso modelo analítico parte do conceito geral de propaganda, entendida como o processo de difusão, extensão e desenvolvimento do movimento anarquista no istmo centro-americano. Para isso, propomos um diálogo entre a história transnacional e a história social do trabalho, partindo de algumas categorias principais. Entendemos o estudo do anarquismo através da composição de suas redes militantes. São o conjunto de pessoas e grupos que se relacionam uns com os outros, em certos lugares, através de diferentes projetos relacionados. A fim de explicar sua composição, concentramo-nos em três dimensões: 1) a mobilidade das pessoas através da migração de mão de obra, exílio e viagens de propaganda; 2) comunicação através de correspondência, congressos, reuniões e imprensa; e 3) organização entendida através das diferentes estratégias, táticas e formas de inserção utilizadas pelo movimento anarquista.

Como trabalhamos em larga escala e concebemos o anarquismo como um movimento interligado internacionalmente, estamos interessados em estudar as dimensões do internacionalismo proletário. Em termos práticos, analisaremos como isso se expressa em práticas de solidariedade e projetos coletivos no mundo do trabalho. Enfatizaremos as dimensões associativas desse processo, principalmente através do estudo de grupos de afinidade, centros sociais, sociedades de trabalhadores, sindicatos, federações e confederações.

Em termos analíticos, empregamos alguns conceitos da história intelectual, como o de recepção, para compreender o processo de construção de significados e interpretações da ideologia e da doutrina anarquista⁶¹.

O foco está nos processos de organização dentro dos espaços de trabalho, embora seu escopo vá além dessa delimitação, incluindo a família, o bairro e a comunidade. Em geral, estes se cruzam com conflitos laborais e com a cultura operária fora do espaço de trabalho. Atividades relacionadas com lazer e tempo livre serão contempladas dentro do estudo de grupos anarquistas, sem que se possa aprofundar nas dimensões simbólica, ritual e comemorativa desses elementos. Igualmente se aplica ao estudo da solidariedade internacional com a Revolução Mexicana, a Revolução Russa e a luta anti-imperialista na Nicarágua. Embora esses temas apareçam com frequência na análise, não poderemos dedicar a eles todo o espaço necessário, pois isso implicaria ampliar muito mais este estudo e aprofundar uma série de questões que merecem muito mais detalhes.

3. Escalas, sujeitos e métodos

Quanto aos sujeitos desta pesquisa, a maioria deles estava localizada em centros urbanos e cidades portuárias. Eles pertenciam ao artesanato urbano em ofícios especializados e trabalhos informais, como comércio e venda ambulante. Também foram encontrados em obras temporárias de infraestrutura, tais como ferrovias, construção civil e o canal interoceânico. Entre os trabalhadores marítimos, eles foram particularmente importantes entre os marinheiros e os foguistas das frotas comerciais da United Fruit Company (UFCO). No campo, a presença anarquista era mais fraca, em geral, embora fossem relativamente importantes dentro dos sindicatos de El Salvador. Temos indicações de relações e atividades de propaganda entre as plantações de banana no Caribe e de café no Pacífico. Em composição por gênero, as mulheres estavam organizadas principalmente nos ofícios de vendedoras, costureiras, catadoras de café, comerciantes e cozinheiras.

Em termos metodológicos, essa perspectiva teórica implica um diálogo com a geografia social, já que o território é relevante em vários sentidos como expressão de relações sociais, espaços de sociabilidade e modos de interação das redes sociais. Empregamos uma análise que focaliza as interações de várias escalas territoriais que podem variar conforme as

⁶¹ TARCUS Horacio, *Marx en la Argentina*, Buenos Aires: Siglo XXI, 2017, p. 21–50.

experiências organizacionais analisadas. Nesse sentido, trabalhamos com as delimitações político-administrativas dos Estados, mas somos obrigados a ir mais longe para compreendermos o conjunto de relações estabelecidas pelos diferentes grupos e militantes⁶².

Embora essa virada espacial não seja nada de novo na história social, é importante notar sua utilidade como instrumento de análise e de explicação. É também um bom método para evitar estudos que negligenciam a localidade e o contexto sócio-histórico. Em outro sentido, a geografia também nos ajuda a compreender a própria dinâmica organizacional do anarquismo. Isso porque os espaços anarquistas são entendidos como instâncias políticas onde as formas de gestão coletiva são postas em prática. O grupo tinha de garantir a máxima participação e liberdade de cada indivíduo, de modo que seus órgãos eram coordenados de baixo para cima⁶³. Isso significa que o maior poder estava na base e não nos comitês de coordenação. Esse modelo foi posto em prática por federações de grupos anarquistas, sindicatos, federações de trabalhadores e confederações sindicais. O anarcossindicalismo foi uma dessas expressões organizacionais⁶⁴.

O estudo das redes anarquistas no continente americano levou à constituição de vários circuitos regionais prioritários entre 1890 e 1930: 1) transatlântico; 2) costa leste da América do Norte; 3) o grande Caribe; 4) a fronteira Estados Unidos-México; 5) a costa do Pacífico da América do Sul; 6) os Andes; e 7) o Rio da Prata⁶⁵. No caso da América Central, podemos encontrar interações com todos esses circuitos com diferentes intensidades ao longo do tempo. No entanto, até agora não foi elaborada nenhuma reflexão específica sobre o istmo centro-americano. Isso foi desenvolvido para o estudo de caso do comunismo internacional entre 1917 e 1950, que funciona para nossa pesquisa durante algumas décadas, mas não para toda a análise⁶⁶.

Devido a essas lacunas, decidimos adaptar esse método para especificar os circuitos militantes estabelecidos no istmo centro-americano. Nossos critérios serão qualitativos, consistindo principalmente na mobilidade dos sujeitos, no intercâmbio de recursos, na comunicação por correspondência e na participação em atividades conjuntas. As bases dessas

⁶² BERRY; BANTMAN (Orgs.), **New Perspectives on Anarchism, Labour and Syndicalism: The Individual, the National and the Transnational**.

⁶³ SPRINGER, Simon, Geografías anarquistas: uma breve genealogia, *Verve*, n. 30, p. 158–192, 2016.

⁶⁴ ⁶⁴ PAULA, Amir El Hakim de, **A relação entre o Estado e os sindicatos sob uma perspectiva territorial**, São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 23–24.

⁶⁵ SHAFFER, Kirwin, Latin lines and dots: transnational anarchism, regional networks, and Italian libertarians in Latin America, *Zapruder World*, v. 1, p. 1, 2014.

<https://zapruderworld.org/journal/past-volumes/volume-1/latin-lines-and-dots-transnational-anarchism-regional-networks-and-italian-libertarians-in-latin-america/>

⁶⁶ MELGAR BAO, Capital letrado y cultura política de la izquierda centroamericana, 1921-1933.

trocas serão os militantes, os grupos e seus órgãos de imprensa. Desses elementos, podemos dizer que, no caso da América Central, no período de estudo de 1890 a 1930, sua participação foi principalmente através dos circuitos do Grande Caribe, com importantes conexões com a costa leste da América do Norte, e do circuito transatlântico, principalmente com a Espanha.

As conexões intrarregionais seguiam os parâmetros geográficos e culturais estabelecidos para a região. Por um lado, uma conexão relevante entre o México e o norte da região, principalmente El Salvador e Guatemala. Por outro lado, o sul da região, entre a Nicarágua, a Costa Rica e o Panamá. Essas conexões foram geralmente feitas através das fronteiras dos países e através do Oceano Pacífico.

Pensando em escalas, nosso trabalho prioriza as interações entre a escala local, entendida como a localização do grupo, a escala regional, entendida como América Central, e a escala internacional, que está relacionada com um dos circuitos militantes mencionados acima. Nosso método de análise da rede usa material impresso anarquista como principal fonte de informação, especialmente o jornal. Para a análise dessas fontes, usaremos a análise de conteúdo e seguiremos os procedimentos implementados por outras pesquisas sobre a imprensa anarquista⁶⁷.

Na primeira fase, vamos digitalizar, organizar e classificar a imprensa. Uma vez que tenhamos todo o material unificado, usaremos ferramentas informáticas de processamento de dados para conseguir a busca por palavras-chave. Como lidamos com coleções completas de jornais, esse método funciona bem para uma primeira aproximação. No entanto, não renunciamos às pesquisas de arquivo e de campo, por isso combinamos às duas formas, que nos permitiram contextualizar melhor e aprofundar o material utilizado. As possibilidades dessa triangulação também foram marcadas pelas condições das restrições pandêmicas da COVID-19 entre 2020 e 2022⁶⁸.

Todas as informações relevantes serão classificadas em um banco de dados unificado com algumas categorias, tais como: tipo de registro, nome da pessoa, origem da pessoa (nacionalidade, profissão, sexo), título do registro, local de residência, conteúdo do registro, nome da publicação, local da publicação e referência bibliográfica. Os tipos de

⁶⁷ HOYT, Andrew, Uncovering and understanding hidden bonds: Applying social field theory to the financial records of anarchist newspapers, *in*: FERRETTI, Federico *et al* (Orgs.), **Historical Geographies of Anarchism**, New York: Routledge, 2017, p. 25–39; TURCATO, Davide, The other nation: The places of the Italian anarchist press in the USA, *in*: FERRETTI, Federico *et al* (Orgs.), **Historical Geographies of Anarchism**, New York: Routledge, 2017, p. 40–64.

⁶⁸ PUTNAM, Lara, The transnational and the text-searchable: Digitized sources and the shadows they cast the transnational and the text-searchable, **The American Historical Review**, v. 121, n. 2, p. 377–402, 2016.

registros serão classificados como: artigos, doações, notícias, correspondências, anúncios, editoriais e intercâmbios. Cada um deles receberá uma categoria temática, como: sindicalismo, imperialismo, biografia, anarquismo, etc. Finalmente, onde as fontes permitirem, serão também incluídos registros de doações de dinheiro e correspondência administrativa dos jornais.

Essa base de dados é a principal ferramenta para organizar as informações que usaremos para elaborar as relações entre pessoas, grupos e localidades. Dada a complexidade das escalas que tratamos na pesquisa, esse instrumento nos permite não perder os detalhes e reconstruir as relações concentradas entre assuntos distintos. Seguiremos o mesmo procedimento com assuntos específicos onde é necessário tratar de abundância de informações, tais como: catálogos de bibliotecas, listas de doações de campanhas, membros de grupos e sindicatos e dados biográficos de militantes.

A segunda fase é a análise do conteúdo e das relações encontradas. Para cada uma das experiências organizacionais e temáticas, verificaremos os tipos de intercâmbio em pelo menos duas fontes. Por exemplo, se analisarmos o envio de uma doação de um grupo anarquista do Panamá para a Espanha, verificamos os jornais dos dois países para confirmar a veracidade e os detalhes do intercâmbio. Em muitos casos, não temos essa possibilidade, por isso vamos preencher a lacuna analisando outras fontes e bibliografia especializada.

A estratégia narrativa do texto segue uma lógica baseada em experiências organizativas, de modo que os capítulos estão estruturados de acordo com essas linhas. A maioria dos capítulos inclui referências a todos os países da região, com exceção do Capítulo 3, que se concentra no istmo panamenho, devido ao grande número de grupos anarquistas estabelecidos nesse território. Na narrativa, privilegiamos projetos coletivos, tentando equilibrar as informações entre os grupos e suas conexões. Como muitas vezes acontece com alguns tópicos e lugares, temos mais informações do que outras, por isso procuramos mitigar essas lacunas escolhendo experiências coletivas onde possamos identificar as interações.

Finalmente, seguimos um método inspirado numa descrição densa, onde mostramos o universo simbólico e as interações que os sujeitos desta pesquisa estão elaborando sobre sua própria experiência. Por essa razão, os capítulos serão estruturados com base em conceitos elaborados no contexto histórico de nossa narração. Acreditamos que essa estratégia é viável, dado que é o primeiro esforço para compreender o anarquismo centro-americano a partir de

uma perspectiva transnacional. Não há dúvida de que cada experiência concreta merece maior profundidade, que esperamos que possa ser elaborada em pesquisas futuras⁶⁹.

4. Arquivos e fontes de estudo

Quanto aos registros para escrever esta pesquisa, utilizamos dois principais, sendo o primeiro constituído pelas fontes escritas pelos próprios sujeitos desta história. A imprensa anarquista e a imprensa operária serão a base, que complementaremos com relatórios organizacionais, revistas, correspondência, livros, panfletos e folhetos. O segundo é composto de fontes indiretas, produzidas principalmente por agentes do Estado. Dada a escala de nossa pesquisa, empregamos uma variedade de fontes diplomáticas, tratados, leis, relatórios policiais, censos e relatórios da imprensa comercial.

O acervo de material impresso é composto por todos os grupos anarquistas da América Central, inclusive os seus rivais. As fundamentais provêm de quatro regiões geográficas principais. Em termos quantitativos, usamos entre 65 e 70 publicações impressas em 12 países das Américas e da Europa. Em termos de língua, a maioria são publicações em espanhol e, em menor grau, em inglês e francês. O resto da imprensa inclui jornais católicos, oficiais e comerciais, dos quais extraímos notícias específicas. O *corpus* principal está detalhado a seguir:

1) América Central. *El Pabellón Cubano; Vida y Verdad; La Aurora; Ariel; El Obrero; Sanción; Cultura; Renovación; Hoja Obrera; La Aurora Social; Germinación; Vía Libre; La Prensa; La Lucha; Le Semeur* (Costa Rica); *El Único; Cuasimodo; El caballero Andante; El Obrero* (Panamá); *Orientación Sindical; El Porvenir de los obreros* (Guatemala).

2) O Grande Caribe, que inclui o leste dos Estados Unidos, México e Cuba. *El Despertar; Aurora; Cultura Obrera; Cultura Proletaria; Brazo y Cerebro; Fuerza Consciente; Regeneración* (Estados Unidos). *Tierra; Vía Libre* (Cuba). *Verbo Rojo; Avante; El Pequeño Grande; Voluntad; Sagitario; Paso; El Trabajador; Tierra y Libertad* (México).

3) América do Sul. *Bandera Proletaria; Cuasimodo; La Protesta; Organización Obrera; La Continental Obrera; La Antorcha; El Libertario* (Argentina). *Servicio de Prensa de la ACAT* (Uruguai). *Luz y Vida; La Batalla* (Chile).

⁶⁹ GEERTZ, Clifford, **Descripción densa: hacia una teoría interpretativa de la cultura**, Barcelona: Gedisa, 1983.

4) Europa. *Cultura Libertaria; Tierra y Libertad; La Revista Blanca; Solidaridad Obrera; El Libertario; Acción Libertaria; IWA Press Service* (Espanha). *L'Humanité Nouvelle; L'en dehors; Le Revolté; La Revue Anarchiste; Les Temps Nouveaux; La Revista Anarquista Internacional* (França). IWMA News Service (Alemanha).

Por trás dessa grande variedade de imprensa, encontramos frequentemente alguns grupos de editores que publicam uma variedade de publicações ao longo do tempo. Em outros casos, referem-se a diversas estratégias para evitar a censura e a repressão. Em termos qualitativos, os jornais que concentram mais conexões e informações sobre a América Central durante todo o período do estudo são: *Regeneración* (Los Angeles); *Cultura Obrera; Cultura Proletaria* (Nova Iorque); *Verbo Rojo* (Cidade do México); *Tierra* (Havana); *La Protesta* (Buenos Aires); *La Continental Obrera* (Buenos Aires); *Tierra y Libertad* (Barcelona); *Acción Libertaria* e *El Libertario* (Gijón); *Les Temps Nouveaux* (Paris); e a *Revista Blanca* (Barcelona).

Quanto às fontes produzidas pelos agentes estatais, privilegamos as fontes diplomáticas que nos permitem estudar a mobilidade dos militantes e o material produzido pelas próprias organizações, compilado pelos funcionários diplomáticos. Além disso, esses agentes estavam em constante comunicação com outras instituições importantes, como o Poder Executivo, o Congresso, a polícia e a imprensa. Tivemos acesso à documentação das embaixadas espanholas em todos os países da América Central, bem como do governo dos Estados Unidos. Fizemos uso parcial dos relatórios policiais dos governos italiano e estadunidense. Quanto aos arquivos do Estado da América Central, visitamos pessoalmente os arquivos da Costa Rica e do Panamá. Fontes dos outros países foram obtidas por meio de consultas e pedidos de digitalização à distância.

Para o trabalho de arquivamento, implementamos uma estratégia que combina trabalho de campo direto e pesquisa remota. Essa foi em muitos casos uma estratégia de adaptação às condições restritivas da pandemia da COVID-19; no entanto, em termos qualitativos, permitiu o acesso a uma variedade de fontes que seriam difíceis de serem acessadas por meio de viagens pessoais. A abertura dos repositórios digitais de muitos institutos favoreceu esse acesso, assim como o trabalho de apoio de muitos pesquisadores e funcionários de arquivos que me forneceram o material solicitado.

Em termos quantitativos, trabalhei pessoalmente em arquivos na Costa Rica, no Panamá, no Brasil, na Espanha, na França e na Holanda. Trabalhei remotamente com acervos da Alemanha, da Argentina, dos Estados Unidos, da Guatemala, da Nicarágua, do México e da Itália. No total são 13 países diferentes com sistemas muito diferentes de organização e

classificação de informações, para os quais escolhi usar apenas o material que me permitiu estabelecer as conexões entre grupos e espaços. Isso sempre foi comparado entre si e com outras fontes da bibliografia. Muitas fontes que entram em detalhes sobre episódios particulares de greves, expulsões de estrangeiros e eventos políticos foram deixadas de fora; no entanto, em todos os casos possíveis, seu local de arquivamento foi registrado nas notas de rodapé.

Finalmente, vale a pena observar que a maior parte do material produzido pelos próprios grupos anarquistas vem das coleções do Arquivo Edgar Leuenroth (AEL) da UNICAMP e do Instituto Internacional de História Social (IIHS) em Amsterdã. Muitos dos dados biográficos dos militantes foram consultados em repositórios mantidos por grupos anarquistas em vários países. De acordo com esse espírito de livre acesso na Internet, durante esta pesquisa disponibilizamos parte das fontes digitalizadas no site <https://archivorebelde.org>. Graças ao apoio financeiro que recebi da UCR e da FAPESP e à colaboração de uma rede de historiadores centro-americanos é possível ter acesso a essas fontes. Esperemos que este seja o primeiro passo para a formação de um arquivo digital do movimento operário e anarquista centro-americano.

Capítulo 1. Compreender o istmo centro-americano: unionismo, imperialismo e economia agroexportadora entre 1870–1930

Introdução

Este capítulo visa fornecer uma contextualização e uma síntese histórica das características comuns que definem o istmo centro-americano durante o período de 1870 a 1930. Considerado pela historiografia como o período “liberal”, esses anos moldaram as principais características políticas, econômicas e sociais do istmo: regimes políticos oligárquicos, economias agroexportadoras e uma constante dependência geopolítica em relação ao governo dos Estados Unidos.

Tomando esses elementos em comum, este texto propõe uma síntese interpretativa baseada em três eixos identificados pela historiografia centro-americana como básicos para uma compreensão do período em questão: 1) a fragmentação política e os conflitos internos; 2) a construção do canal interoceânico e o problema do imperialismo; e 3) a orientação agroexportadora da economia. Esses pontos são moldados historicamente considerando a situação geográfica particular do istmo, que o define como um lugar de trânsito e conexão entre o continente americano e o Oceano Pacífico e o Mar do Caribe.

O primeiro ponto discute os principais elementos que compõem a divisão político-administrativa da região no século XX, considerando as principais mudanças ocorridas desde a divisão do Reino da Guatemala, após a independência do Império espanhol em 1821. O foco dessa discussão é o fracasso do projeto federativo centro-americano e a tentativa fracassada de reconstruí-lo através do chamado “unionismo”.

No segundo ponto, discutimos os elementos geoestratégicos que moldaram o istmo, a começar pelos diferentes projetos de construção de um canal interoceânico que finalmente se tornou uma realidade no Panamá, em 1914. O fato de o principal projeto de infraestrutura da região ter sido construído, administrado e controlado pelo governo dos Estados Unidos ao longo do século XX marca especialmente o desdobramento das diferentes formas de dependência política criadas, que oscilaram entre o imperialismo e o colonialismo.

Finalmente, são discutidos os principais elementos que estabelecem a orientação agroexportadora da economia, marcada pelo cultivo da banana e do café. Através do estudo desses dois produtos, é possível compreender o desenvolvimento da infraestrutura que

acompanha esse tipo de economia, que está fortemente ligada aos mercados dos Estados Unidos e da Europa e profundamente fragmentada dentro da região da América Central.

O eixo articulador desses três pontos está ligado por uma tensão que mostra como as vantagens geoestratégicas do istmo, que lhe permitiriam entrar no mapa político do século XX como um ator importante, se tornaram, simultaneamente, seu principal ponto de desvantagem e dependência. Já em 1854, o geógrafo Eliseo Reclus havia notado esse paradoxo em seu diário de viagem, quando disse que o controle do canal interoceânico definiria o equilíbrio entre a competição colonialista e a independência republicana. Finalmente, o caso do Panamá mostra muito bem como esses elementos jogaram a favor de uma potência estrangeira que deixou bastante claro que o controle do Mar do Caribe e da rota de acesso ao Pacífico lhe daria uma vantagem indiscutível na cena política internacional.

Finalmente, é importante notar que os elementos aqui destacados estão em diálogo com os problemas apontados por vários militantes anarquistas em suas viagens de propaganda pelo istmo durante as primeiras décadas do século XX. Pequenos Estados marcados por confrontos entre caudilhos, economias agrícolas controladas por empresas transnacionais e a presença militar dos Estados Unidos são algumas das temáticas colocadas da imprensa anarquista sobre a região. Como o texto a seguir é de natureza descritiva, os textos e mapas historiográficos são usados como as principais fontes de informação.

1.1 Fragmentação política e unionismo centro-americano

A América Central é uma região de pouco mais de 500.000 km², formada por sete países: Belize, Guatemala, El Salvador, Honduras, Nicarágua, Costa Rica e Panamá. Sua principal característica é que serve de ponte entre a América do Norte e a América do Sul através de um estreito istmo de formação geológica recente que facilita a comunicação entre o Oceano Pacífico e o Mar do Caribe. Embora esse pequeno espaço possa significar a construção de uma unidade territorial unificada, a realidade é que tem historicamente prevalecido uma grande fragmentação política, explicada em parte por suas características geográficas, culturais e sociais. Portanto, a união da região fez parte de um imaginário político construído e mobilizado em momentos específicos, motivado em parte por um dos poucos elementos unificadores de seu território, a possibilidade de construir um canal interoceânico através do istmo.

Considerando o ambiente natural, a região começa no Istmo de Tehuantepec, no sul do México, e chega até a bacia do rio Atrato, na região de Darien, na fronteira entre o Panamá e a Colômbia. De norte a sul, o istmo começa com uma largura maior e vai ficando mais estreito até o sul do Panamá. O relevo é dominado por vales e montanhas de origem vulcânica no centro do território. O clima subtropical mantém as temperaturas quentes da primavera, e as principais linhas costeiras são as terras baixas que se estendem ao longo do Oceano Pacífico e do Mar do Caribe. As maiores florestas, selvas e rios se encontram na região do Caribe, com comunicação direta como as principais ilhas das Antilhas. Essas características dão origem a uma imensa biodiversidade de plantas, animais e climas, assim como de solos vulcânicos férteis¹.

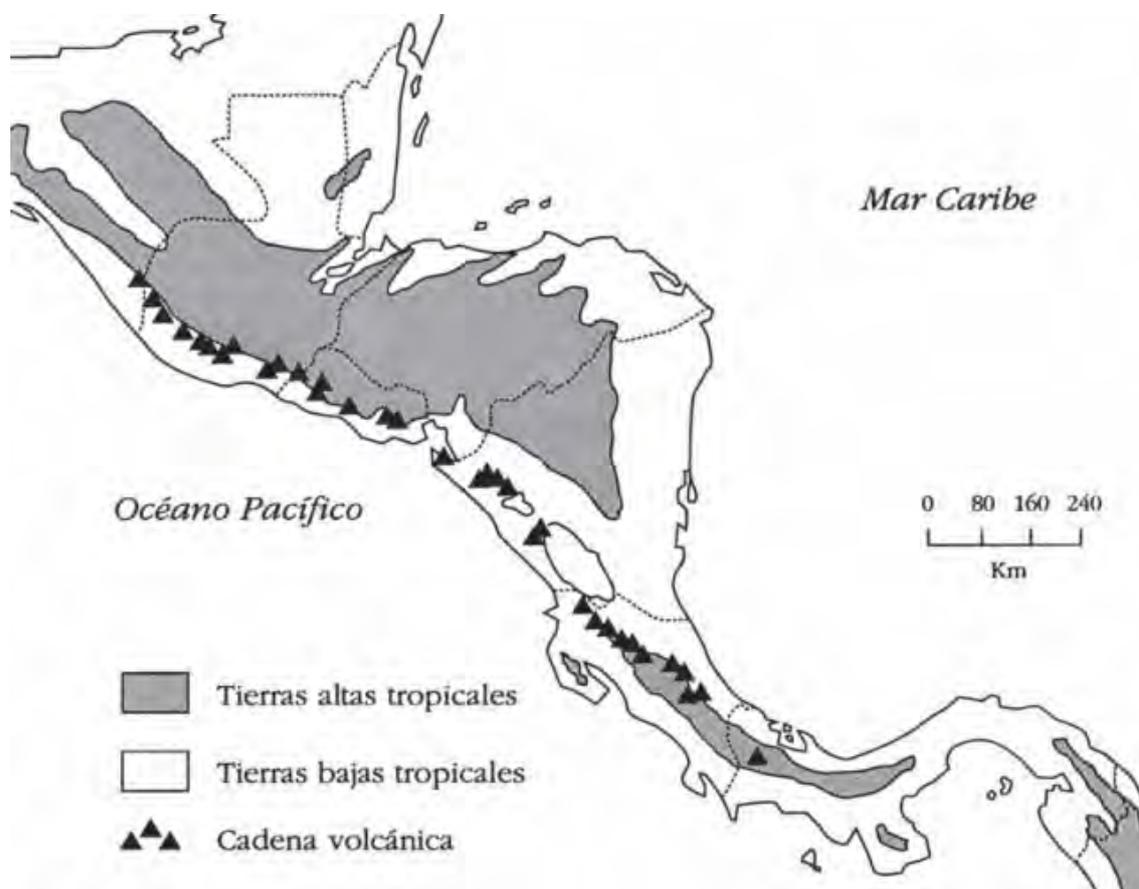
A região tem sido ocupada por uma variedade de povos desde a antiguidade, contando aproximadamente 60 tipos diferentes quando os espanhóis chegaram no século XVI. A maioria destes se estabeleceu nas terras férteis do centro, perto dos vulcões e nas terras baixas do Oceano Pacífico. Assim, o litoral não foi a principal área de povoamento, mas, sim, de trânsito e comércio. Em termos socioculturais, há duas grandes regiões de convergência, a primeira começando no México e chegando ao norte da Costa Rica, formando a região mesoamericana, onde se concentraram as estruturas políticas mais centralizadas, como o Império Maia. A segunda macrorregião, conhecida como Circuncaribe, une as terras altas com o Mar do Caribe, incluindo as ilhas das Antilhas e as regiões da Colômbia e da Venezuela. A inter-relação entre essas duas regiões constitui uma rica diversidade cultural e uma importante posição geoestratégica.

A divisão política e administrativa (região roxa no Mapa 3, a seguir) da região incorpora parcialmente essas características naturais e socioculturais para delimitar as fronteiras de cada país. Podemos sintetizar esse processo em três momentos históricos principais. 1) A Capitania Geral da Guatemala, que se estendeu do século XVI até o início do século XIX como parte do Império espanhol, partiu de Chiapas, no sul do México, até as atuais províncias de Chiriqui e Bocas del Toro, no Panamá, cuja capital estava localizada na Cidade da Guatemala. 2) No século XIX, depois da independência, a República Federal Centro-Americana, formada, entre 1823 e 1838, por Guatemala, El Salvador, Honduras, Nicarágua e Costa Rica. 3) Na dissolução dessa experiência federativa, os limites de cada país foram estabelecidos no século XX, com algumas pequenas modificações na delimitação das fronteiras².

¹ PÉREZ BRIGNOLI, Héctor, **El laberinto centroamericano: los hilos de la historia**, San José: Centro de Investigaciones Históricas de América Central, 2017, p. 12–14.

² VÁZQUEZ OLIVERA, Mario, **La República Federal de Centro-América. Territorio, nación y diplomacia. 1823-1838.**, San Salvador: Centro de Investigaciones en Ciencias y Humanidades. Universidad Dr. José Matías Delgado, 2012, p. 11–17.

Mapa 1. Relevo do istmo centro-americano



Fonte: PEREZ BRIGNOLI, Héctor, *El laberinto centroamericano: los hilos de la historia*, San José: Centro de Investigaciones Históricas de América Central, 2017, p. 14.

Belize e Panamá estão excluídos do mapa acima, pois, apesar de fazerem parte do istmo, suas administrações políticas são construídas de maneira diferente. Belize faz parte da península de Yucatán, disputada entre espanhóis e ingleses nos séculos XVI e XVII devido à exploração das florestas. Durante esse período, as invasões piratas foram recorrentes e anos mais tarde o território foi incorporado como colônia britânica a partir de 1864 até a plena independência em 1981. Durante o domínio britânico, foi chamada de Honduras britânica e estava subordinada à administração jamaicana³.

³ RESTALL, Matthew, Creating “Belize”: The Mapping and Naming History of a Liminal Locale, *Terrae Incognitae*, v. 51, n. 1, p. 5–35, 2019.

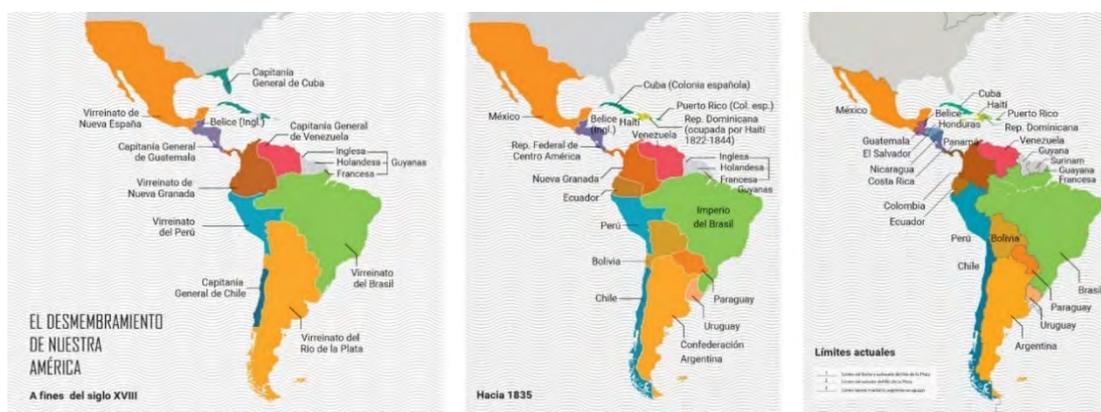
Mapa 2. Macrorregiões culturais das Américas



Fonte: JARAMILLO, ANA. **Atlas Histórico de América Latina y el Caribe: aportes para la descolonización pedagógica y cultural**. Tomo 1. Remedios de Escalada: Universidad Nacional de Lanús, 2016.

No caso do Panamá, foi incorporado ao vice-reinado de Nova Granada na época colonial, sendo um dos principais portos comerciais de prata extraída do Peru e enviada para a Espanha, por uma estrada que atravessava o istmo desde o Pacífico e chegava à cidade de Portobelo, no Caribe. Ela permaneceu como parte da Colômbia até 1903, quando ganhou a independência formal. Sendo um ponto estratégico para o comércio e a defesa militar, a história do Panamá é marcada pela intervenção estrangeira, situação que paradoxalmente se consolida com sua independência, quando o governo dos Estados Unidos compra a concessão do canal interoceânico e estabelece uma administração autônoma da área de 1904 a 1999⁴.

Mapa 3. Fronteiras políticas do Istmo centro-americano séculos XVIII-XX



Fonte: JARAMILLO, ANA. **Atlas Histórico de América Latina y el Caribe: aportes para la descolonización pedagógica y cultural**. Tomo 1. Remedios de Escalada: Universidad Nacional de Lanús, 2016.

Considerando os elementos acima, o conceito de Centro América é delimitado à unidade política construída na República Federal no século XIX, deixando de fora Belize e Panamá. No entanto, se usarmos a dimensão geográfica e sociocultural, o conceito de América Central inclui os países acima mencionados. Nesta pesquisa usamos os dois conceitos como sinônimos, com o entendimento de que analisaremos o Istmo do Panamá, deixando Belize de lado por razões temáticas e não estritamente geográficas.

Através dos mapas, podemos ver como o istmo centro-americano pode ser entendido historicamente como delimitação natural, cultural e política, sendo o foco principal a tensão entre a aparente unidade territorial e a significativa fragmentação política. Na realidade, essa unidade nunca existiu com uma diversidade de formações políticas desde os

⁴ PÉREZ BRIGNOLI, *El laberinto centroamericano*, p. 144–145.

tempos pré-hispânicos, de modo que a ideia de unificação sempre fez parte de um imaginário e de um movimento político, mais do que de uma continuidade histórica.

Mapa 4. Repúblicas da América Central no século XX



Fonte: PÉREZ BRIGNOLI, Héctor, **El laberinto centroamericano: los hilos de la historia**, San José: Centro de Investigaciones Históricas de América Central, 2017, p. 5.

Essa explicação se baseia nas análises do geógrafo anarquista Eliseo Reclus, nas quais ele propõe uma síntese interpretativa da formação do istmo, usando uma perspectiva geohistórica. As categorias de sua análise territorial para compreender o istmo são sua formação geológica, o trânsito de mares e rios, montanhas e vulcões. Das relações entre esses elementos, duas unidades internas resultariam: 1) um triângulo norte composto pela Guatemala, por El Salvador e pela Honduras; e 2) o sul do istmo delimitado pela Nicarágua, pela Costa Rica e pelo Panamá. Segundo Reclus, essa delimitação afetaria as relações políticas e a distribuição da população mais concentrada na parte norte, o antigo centro do poder colonial. Curiosamente, a abordagem de Reclus está em diálogo direto com a historiografia centro-americana do século

XX, que chega a conclusões semelhantes sem se referir necessariamente ao geógrafo francês⁵. Em relação à ocupação territorial, as principais cidades da América Central seguiram os padrões estabelecidos pelos povos indígenas, no que se refere aos solos vulcânicos e às terras baixas do Pacífico. Na época colonial, os espanhóis mantiveram esse padrão, dada a resistência indígena e as dificuldades do clima e do terreno para se estabelecerem em outros lugares. No caso do litoral caribenho, os espanhóis não conseguiram formar cidades estáveis devido ao clima tropical chuvoso e às densas florestas. Por outro lado, os grandes centros populacionais indígenas estavam amplamente dispersos nessa região, usando a paisagem para se proteger e fugir da escravização e dos impostos⁶.

Finalmente, o trânsito marítimo através do Mar do Caribe foi intensamente disputado pelos impérios marítimos durante toda a era colonial, sendo características as incursões piratas e a captura de pessoas para serem vendidas como escravizadas. Alianças entre o Império inglês, os vários grupos piratas e os Zambos-Miskitos impediram os espanhóis de controlarem efetivamente o território caribenho centro-americano⁷. Portanto, a incorporação dessa região foi tarefa dos governos formados depois da Independência nos séculos XIX e XX, que concederam grande parte dessas terras não conquistadas a empresas mineradoras, companhias de banana e consórcios ferroviários ingleses e norte-americanos.

Dadas as particularidades aqui descritas, a unidade territorial do istmo centro-americano foi principalmente um projeto e uma aspiração política. Suas principais referências são as experiências da República Federal da América Central (1824–1838), inspirada no projeto da Grande Pátria de Simón Bolívar, e da União Americana, conhecida como os Estados Unidos da América (EUA). Após a dissolução do projeto federalista, vários pactos foram assinados e tentativas de unificação por meios militares foram feitas entre 1885 e 1898, sendo os militares guatemaltecos o centro unificador. Como a Cidade da Guatemala era a antiga capital colonial e

⁵ RECLUS, ELISEO; RECLUS, ONÉSIMO, **Novísima geografía universal**, traducción y prólogo de Vicente Blasco Ibañez. Madrid: La editorial Española-americana, 1907, p. 5–146.

⁶ SOLÓRZANO FONSECA, Juan Carlos, **Los indígenas en las áreas fronterizas de Costa Rica durante el siglo XIX**, San José: Centro de Investigaciones Históricas de América Central, 2000.

⁷ Esses povos foram o resultado da mistura de várias populações indígenas com descendentes de escravizados africanos que habitavam a litoral caribenho dos territórios de Honduras, da Nicarágua e da Costa Rica. Após várias invasões de piratas ingleses e holandeses nos séculos XVII e XVIII, formaram alianças como a Coroa inglesa, mantendo sua autonomia administrativa em troca da captura de escravizados para serem vendidos em plantações de açúcar nas ilhas inglesas no Mar do Caribe. IBARRA ROJAS, Eugenia, **Pueblos que capturan: Esclavitud indígena al sur de América central del siglo XVI a XIX**, San José: Editorial UCR, 2012.

a maior cidade do istmo, as elites daquele país participaram da ideia de que seria através delas que a região conseguiria sua reunificação⁸.

Tabela 1. População e cidades da América Central

País	Área (Km ²)	População 1900	População 1930	Capital	Cidades importantes
Guatemala	108.889	996.000	1.970.000	Cidade de Guatemala	Quetzaltenango Tonicapán
Honduras	112.492	437.000	988.000	Tegucigalpa	Choluteca Juticalpa
El Salvador	21.041	946.000	1.703.000	San Salvador	Santa Ana San Miguel
Nicaragua	129.494	513.000	831.000	Managua	León Matagalpa
Costa Rica	51.100	374.000	604.000	San José	Cartago Heredia
Panamá	75.517	280.000	505.000	Cidade de Panamá	Colón Chiriquí
Total	521.499	3.546.000	6.601.000		

Fonte: Latin America Economic History Database <http://moxlad.cienciassociales.edu.uy/>

Entre 1847 e 1897, 17 conferências unionistas foram organizadas com diferentes resultados e países participantes, a maioria deles sem alcançar a unidade federal perdida. No entanto, eles estabeleceram algumas instituições cooperativas, como a Corte Centro-Americana de Justiça, com sede na cidade de Cartago, na Costa Rica. Foi só no centenário da independência da Espanha, em 1921, que os governos tentaram novamente unificar, mas os conflitos fronteiriços entre o Panamá e a Costa Rica (1921) e Honduras e El Salvador (1928) impediram o projeto. Com governos marcados por golpes de Estado e fraudes eleitorais, os conflitos

⁸ CASTILLO, Manuel Ángel; TOUSSAINT, Mónica; VAZQUEZ OLIVEIRA, Mario (Orgs.), **Historia de las relaciones internacionales de México, 1821-2010**, Ciudad de México: Secretaría de Relaciones Exteriores, Dirección General del Acervo Histórico Diplomático, 2011, p. 45-60.

internos em cada país, muitas vezes levando a guerras civis, impediram qualquer possibilidade de unidade para evitar a fragmentação política⁹.

O unionismo centro-americano não foi apenas um projeto das elites políticas, mas também das classes médias e trabalhadoras que participaram nos partidos políticos e nas associações de trabalhadores. Em 1911 e 1921, dois congressos de operários foram realizados com a ajuda dos governos, a fim de unificar em uma confederação regional as associações dos cinco países da América Central (Belize e Panamá não foram considerados), estabelecendo um conselho coordenador encarregado de canalizar as demandas de reformas junto a cada governo. Os resultados desse processo foram muito desiguais, com alguns avanços específicos sobre a regulamentação do trabalho noturno, do trabalho infantil e da jornada de trabalho¹⁰.

Entre as resoluções do primeiro congresso de 1911, o dia 15 de setembro, dia da Independência da Espanha, foi estabelecido como o dia principal da unidade regional. O dia 1º de maio também estava ganhando terreno em comemorações, pois naquela data, em 1857, as tropas do escravagista William Walker, do sul dos Estados Unidos, foram derrotadas pelos exércitos centro-americanos e expulsas da Nicarágua, onde ele pretendia estabelecer uma colônia e construir uma rota interoceânica através do país¹¹.

No plano internacional, as relações dessa primeira confederação operaria se deram através do Pan-Americanismo promovido pela Federação Americana do Trabalho (AFL). Essas relações eram contraditórias, dado que esse projeto foi promovido especialmente pelo governo dos Estados Unidos, a fim de continuar sendo o garantidor da segurança regional e da proteção dos países da América Central¹². Este ponto foi especialmente sensível com o projeto unionista, uma vez que as intervenções militares e diplomáticas do governo dos Estados Unidos foram constantes nos casos do Panamá, de Honduras e da Nicarágua¹³. Em cada confederação nacional, as organizações membros mantiveram relações com várias organizações, algumas até mesmo críticas à liderança do conselho regional. Um exemplo dessas diversas relações pode

⁹ ACUÑA ORTEGA, Víctor Hugo, Nación y clase obrera en Centroamérica en la época liberal (1870-1930), in: **Des Indes occidentales à l'Amérique Latine. Volume 2 [en línea]**, México: Centro de estudios mexicanos y centroamericanos, 2006, p. 1–17.

¹⁰ FUMERO, Patricia, **Festejos y símbolos: El primer centenario de la independencia de Centroamérica (1921)**, San José: Editorial UCR, 2021, p. 111–132.

¹¹ A coincidência entre esse acontecimento e a comemoração da luta pelo dia de oito horas explica em parte por que essa data começou a ter um lugar dentro da classe operária centro-americana relativamente tarde. URBINA, Chéster, Gesta heroica, ocultamiento histórico e identidad de clase. La prensa costarricense y el 1.º de maio (1858-1913), **Revista de Ciencias Sociales**, n. 148, p. 101–107, 2015.

¹² GREENE, Julie, **Pure and simple politics: the American Federation of Labor and political activism, 1881-1917**, Cambridge, UK ; New York, NY: Cambridge University Press, 1998.

¹³ GARCÍA GIRALDÉZ, Teresa, Imperialismo-antiimperialismo en el unionismo centroamericano, 1900-1930, **Cuadernos americanos**, n. 124, p. 157–180, 2008.

ser visto no caso do Centro de Estudos Sociais Germinal, uma organização anarquista estabelecida na cidade de San José, na Costa Rica, em 1912. No ano seguinte, foram nomeados para organizar a comemoração do primeiro dia de maio, que articulou o legado anti-imperialista da campanha militar contra William Walker, em 1857, e a luta dos anarquistas assassinados em Chicago, em 1886. O discurso de encerramento da atividade de 1913, proferido pelo professor Joaquín García Monge, relatou esses acontecimentos como uma forma de unificar as exigências federalistas do istmo centro-americano com o internacionalismo proletário promulgado pelo socialismo, colocando as organizações de trabalhadores como base desse projeto¹⁴.

Seguindo esses elementos colocados em comum pelo Centro Germinal da Costa Rica, outras organizações tentaram competir pelo projeto sindicalista da Confederação Obrera Centro-Americana (COCA) em seu congresso de reunificação, em 15 de setembro de 1921. Dada a comemoração do primeiro centenário da Independência da Espanha, a data marcou um momento simbólico e político da primeira ordem para as organizações. A abertura política na Guatemala e em El Salvador permitiu que o espaço de propaganda socialista se expandisse nesses países, e vários sindicatos puderam se organizar, o que contestou a orientação da COCA para os membros internacionais do anarcossindicalismo e do sindicalismo comunista. Mesmo que não tenham tido êxito, esses esforços militantes fizeram avançar a comunicação e a articulação de uma experiência organizacional sem precedentes no istmo até aquele momento¹⁵.

1.2 A construção do canal interoceânico e o problema do imperialismo

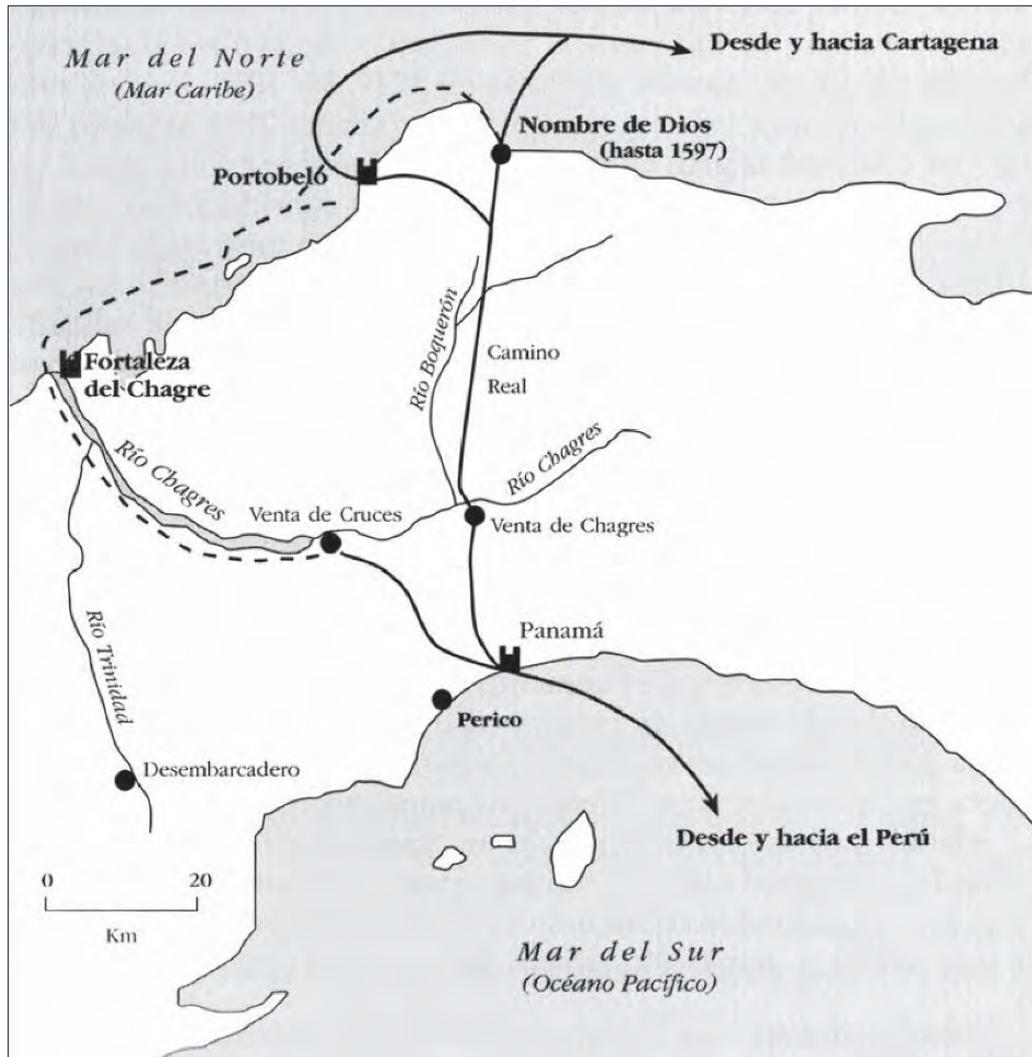
Como já mencionado, grande parte da historiografia centro-americana concorda que a história política do istmo foi construída sobre grandes fragmentações e conflitos internos. Portanto, a unidade regional através de uma federação foi um projeto político fissurado pela conjunção de elementos geográficos, políticos e internacionais. O principal caráter externo era o interesse dos diferentes governos estrangeiros na construção do canal interoceânico. Assim, a vantagem geoestratégica do istmo funcionou contra ele, pois não conseguiu construir uma proposta para a gestão independente da rota interoceânica, mas a deu em concessão para ser construída sob a lógica do planejamento estratégico dos Estados Unidos¹⁶.

¹⁴ OLIVA MEDINA, MARIO, **1º de maio en Costa Rica. 1913-1986**, San José: COMARFI, 1987.

¹⁵ TARACENA, La Confederación Obrera de Centro América (COCA): 1921-1928.

¹⁶ Entende-se, neste texto, que o colonialismo e o imperialismo são fenômenos históricos diferentes que, no entanto, podem convergir e alimentar-se mutuamente. O primeiro faz parte da expansão dos impérios europeus no século XVI, a fim de explorar os recursos de um território e incorporá-lo como parte da administração de uma

Mapa 5. Rota Interoceânica na época colonial



Fonte: PEREZ BRIGNOLI, Héctor, **El laberinto centroamericano: los hilos de la historia**, San José: Centro de Investigaciones Históricas de América Central, 2017, p. 11.

A partir do século XVI, os espanhóis usaram a rota do Istmo do Panamá, construída ao longo de um caminho indígena que unia o chamado Mar do Norte (Caribe) e o Mar do Sul (Oceano Pacífico). A rota comercial começava nas minas de prata no Peru, viajando de navio para a cidade do Panamá, e a partir desse ponto os minerais eram transportados por animais

metrópole específica, portanto, é caracterizado pela incorporação política, econômica e cultural. O imperialismo é um fenômeno mais visível durante o século XIX, decorrente da necessidade do capitalismo de se expandir territorialmente e conquistar novos mercados. Embora seja fundamentalmente um controle econômico, ele abre uma fronteira porosa com outras formas de controle e dependência política, cultural e diplomática. No caso da América Central e do Caribe, esses fenômenos coexistiram durante o século XX, através da extensão da Doutrina Monroe do governo dos Estados Unidos, como ficou demonstrado pela construção do Canal do Panamá. QUESADA MONGE, **El legado de la guerra hispano-antillana-norteamericana**.

para a cidade de Portobelo, no Mar do Caribe, para serem embarcados para a Espanha. O caminho também poderia ser efetuado através do rio Chagres até as fortalezas estabelecidas no Mar do Caribe. Durante toda a época colonial, essa rota foi uma prioridade, dando ao Panamá uma posição estratégica dentro das Américas, portanto, altamente propensa aos ataques piratas e aos interesses comerciais dos outros impérios europeus.

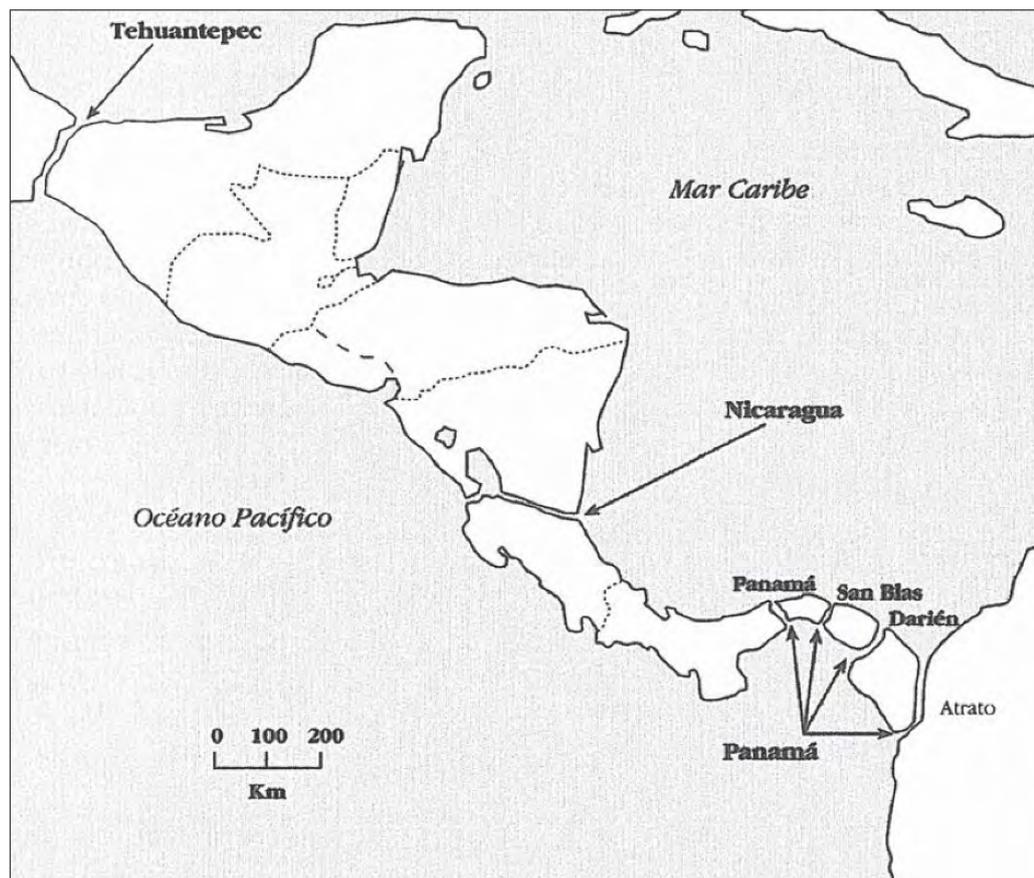
No século XIX, depois da independência da Espanha, as novas repúblicas discutiram as possibilidades de construção de um moderno canal interoceânico que permitisse o comércio internacional e a comunicação entre o continente americano. Dadas as condições geográficas do istmo, havia três possibilidades: 1) Tehuantepec, no México; 2) Nicarágua; e 3) Panamá. Dadas as novas fronteiras administrativas estabelecidas no século XIX, a primeira possibilidade estava nas mãos do governo mexicano, que finalmente decidiu construir um canal seco através de uma linha ferroviária inaugurada em 1908. As repúblicas centro-americanas negociaram a rota através da Nicarágua, já que o Panamá ainda pertencia à Colômbia até a sua independência, em 1903. No entanto, essa rota nunca foi totalmente construída, embora a navegação através do Lago Nicarágua tenha sido usada como rota comercial¹⁷.

Segundo os cálculos elaborados por Eliseo Reclus, em sua viagem pelo istmo, o projeto mais viável era a construção do canal através do Panamá, pois permitiria o trajeto mais curto, aproveitando a infraestrutura ferroviária construída em 1855. Esse projeto foi inspirado por uma combinação de interesses econômicos e geopolíticos, impulsionados pela descoberta de minas de ouro na Califórnia, atraindo muitos viajantes para o Panamá em busca de uma rota curta para unir o leste e o oeste dos Estados Unidos. É preciso lembrar que, no século XIX, a única maneira de viajar era através do Cabo de Hornos, na América do Sul e em torno do Oceano Pacífico, numa viagem de 9.600 quilômetros, diminuindo para 2.200 quilômetros através do istmo centro-americano. Alternativamente, a passagem também foi usada por navios a vapor pela lagoa nicaraguense, que era controlada por empresários estadunidenses. O controle dessa via e a possível construção do canal foram algumas das razões da invasão do escravagista William Walker, expulso em 1857¹⁸.

¹⁷ TACK, Juan Antonio, El Canal de Panamá, in: GANDÁSEGUI, Marco; CASTILLO FERNÁNDEZ, Dídimo; CARRERA HERNÁNDEZ, Azael (Orgs.), **Antología del pensamiento crítico panameño contemporáneo**, Buenos Aires: CLACSO, 2018, p. 25–52.

¹⁸ RECLUS, Élisée, **Mis exploraciones en América**, Valencia: F. Sempere y compañía, 1903, p. 18–20.

Mapa 6. Projetos de canais Interoceânicos no século XIX



Fonte: PEREZ BRIGNOLI, Héctor, *El laberinto centroamericano: los hilos de la historia*, San José: Centro de Investigaciones Históricas de América Central, 2017, p. 6.

Segundo os elementos levantados por Reclus em seus estudos, o canal era fundamentalmente um projeto geopolítico, pois permitiria ao país controlar o acesso privilegiado às rotas comerciais e à defesa militar. Portanto, a disputa sobre sua construção foi intensa desde meados do século XIX, entre os países da América Central que tinham poucas possibilidades financeiras e técnicas para seu desenvolvimento. Essa perspectiva foi uma das motivações para a manutenção do projeto da Federação Centro-Americana, já que a unidade política e territorial permitia uma margem de negociação com empresas estrangeiras. A dissolução da federação e a subsequente fragmentação política inviabilizaram o controle efetivo do canal, abrindo o caminho para uma intervenção externa¹⁹.

¹⁹ RECLUS, Élisée, *El hombre y la Tierra*, Barcelona: Publicaciones de la Escuela Moderna, 1906, p. 161.

Tabela 2. Projetos de construção de canais Interoceânicos

Território	Distancia entre mares	Profundidade	Características
Tehuantepec (México)	216 quilômetros	230 metros	Canal seco através de uma linha ferroviária
Nicaragua	240 quilômetros	Entre 22 y 44 metros	Canal seco com navegação em lago e uma linha ferroviária de 22 km
Panamá	56 quilômetros	86 metros	Canal que segue a rota colonial do rio Chagres e a ferrovia internacional

Fonte: RECLUS, Élisée, **El hombre y la Tierra**, Barcelona: Publicaciones de la Escuela Moderna, 1906, p. 161.

Dadas as condições, a República da Colômbia tinha melhores possibilidades de realizar o projeto de construção do canal através do Istmo do Panamá. Em 1880, o projeto foi dado em concessão à Sociedade Internacional do Canal Interoceânico, de propriedade francesa, chefiada pelo engenheiro Ferdinand de Lesseps, construtor do Canal de Suez. O projeto pretendia cortar o território panamenho seguindo o traçado da linha férrea, por meio de um canal ao nível do mar. Problemas técnicos, alta mortalidade de trabalhadores e escândalos de corrupção na empresa inviabilizaram a construção, e ela acabou sendo vendida ao governo dos Estados Unidos²⁰.

No início do século XX, os Estados Unidos negociaram com o governo colombiano a compra da concessão francesa, apoiando simultaneamente o movimento separatista panamenho. Nessa convergência de interesses diversos e contraditórios, o Panamá conseguiu a independência da Colômbia em 1903, iniciando a construção do canal em 1904²¹. No Tratado

²⁰ RECLUS, ELISEO; RECLUS, ONÉSIMO, **Novísima geografía universal**, p. 145.

²¹ É importante mencionar que o movimento pró-independência do Panamá já existia antes da interferência dos Estados Unidos na construção do Canal, portanto a separação da Colômbia não foi obra exclusiva da potência do norte, mais sim uma convergência de interesses diversos e contraditórios. LÓPEZ BEJARANO, Pilar, **Memorandum Panamá, in: Formación de los Estados Centroamericanos**, San José: Programa Estado de la Nación, 2014, p. 165–181.

Hay-Bunau-Varilla, o governo dos Estados Unidos obteve a construção exclusiva da obra, o controle de uma zona de 10 milhas (*ca.* 16 km) de largura de cada lado da passagem, a defesa militar exclusiva e o estabelecimento de uma administração autônoma da zona do canal. O governo panamenho recebia anualmente dos Estados Unidos uma quantia em dinheiro e ajuda militar em caráter perpétuo, caso o canal fosse ameaçado²².

Com a administração do canal, o governo dos Estados Unidos conseguiu fortalecer sua estratégia de controle territorial nas Américas, estabelecendo bases militares nas ilhas caribenhas e controlando a infraestrutura estratégica dos países da América Central, tais como ferrovias e portos. O caso do Panamá é particularmente sensível, pois sua Constituição introduz uma emenda que permite uma intervenção militar a qualquer momento em que o canal esteja ameaçado. Inspirado pela Constituição cubana de 1901 através da chamada Emenda Platt, o Panamá cedeu sua capacidade de autodefesa e integridade territorial. Não é, portanto, surpreendente que os Estados Unidos tenham pedido ao Panamá que dissolvesse seu exército após obter a independência, em 1903²³.

Como um dos projetos de engenharia mais ambiciosos da história, a abertura do canal em 1914 colocou o governo dos Estados Unidos em uma posição única. Por um lado, eles conseguiram superar as dificuldades do projeto francês, controlando a febre amarela e a malária, bem como construindo um sistema de eclusas. Esse sistema funciona através do controle do nível e da profundidade das águas durante toda a viagem. Por exemplo, um navio entra no Oceano Pacífico e passa pelo canal, onde é servido por um sistema de elevadores, também chamados de eclusas, que ajuda o navio a subir de nível para poder continuar seu trânsito, auxiliado por pequenos trens. Esse sistema evita problemas de calado durante o trânsito e gera economias significativas em trabalhos de escavação. Esse trabalho foi possível graças à criação de uma lagoa artificial que alimenta o sistema de eclusas com água doce e que se chama Lago Gatún. Ele pode ser visto no Mapa 7, no meio da via do canal²⁴.

²² MCGUINNESS, Aims, **Path of empire: Panama and the California Gold Rush**, Ithaca: Cornell University Press, 2008.

²³ ZIMMER, Kenyon, *The Voyage of the Buford: Political Deportations and the Making and Unmaking of America's First Red Scare*, in: **Deportation in the Americas. Histories of exclusion and resistance**, Texas: Texas A&M University Press, 2018, p. 132–162.

²⁴ GREENE, Julie, **The Canal Builders: Making America's Empire at the Panama Canal**, New York: Penguin Press, 2009.

Mapa 7. Canal Interoceânico do Panamá em 1930



Fonte: PEREZ BRIGNOLI, Héctor, **El laberinto centroamericano: los hilos de la historia**, San José: Centro de Investigaciones Históricas de América Central, 2017, p.13.

Em termos geopolíticos, o canal tornou-se mais operacional em 1917, quando os Estados Unidos entraram na Primeira Guerra Mundial. Fortificações, bases de treinamento e infraestrutura de abastecimento foram estabelecidas em toda a zona autônoma. Permitiu também o rápido trânsito de tropas entre o Mar do Caribe e o Pacífico, bem como a coordenação entre suas diversas bases em Cuba e Porto Rico. Esse deslocamento militar foi acompanhado de uma campanha massiva de deportação de militantes e opositores de esquerda da guerra dentro dos Estados Unidos e de constante pressão diplomática para controlar as forças dissidentes em cada um dos países aliados do governo. Referida como “*red scare*” ou “perigo vermelho”, essa campanha atingiu duramente o movimento anarquista através da deportação de

importantes lideranças, como Emma Goldman e Alexandre Berkman²⁵. Cuba foi outro dos lugares especialmente atingidos por essa campanha, onde a maioria dos imigrantes espanhóis ativos nas indústrias que forneciam tabaco e açúcar para o exército americano foram deportados²⁶.

Levando esses elementos em consideração, entendemos o fenômeno do imperialismo como um processo histórico em que uma potência estrangeira impõe sua hegemonia através de uma combinação de meios coercitivos e dissuasivos para obter o controle de recursos estratégicos em um território fora de sua soberania. Nesse sentido, portanto, o controle político está relacionado com o avanço dos investimentos econômicos. Por vezes, esse fenômeno pode ser confundido com o controle colonial, dado que podem ser estabelecidas formas autônomas de administração territorial nas quais um governo estrangeiro e empresas transnacionais estabelecem os parâmetros de seu funcionamento²⁷.

A situação política de Cuba, de Porto Rico e do Canal do Panamá demonstra essa relação entre o colonialismo e o imperialismo. No caso dos outros países da América Central, foram estabelecidas modalidades de tutela política por meio da concessão de empréstimos, controle produtivo e arbitragem jurídica em disputas territoriais. O caso da Nicarágua foi representativo desse processo. Embora o projeto do canal tenha sido abandonado após a construção no Panamá, o governo dos Estados Unidos assegurou o controle de qualquer projeto futuro através do Tratado Bryan-Chamorro de 1914. Além disso, as forças militares mantiveram o controle das alfândegas e dos portos entre 1912 e 1933, como parte das negociações com o Partido Conservador, que estava em intenso conflito com o Partido Liberal. Foi nesse contexto que o Exército de Defesa da Soberania Nacional da Nicarágua (EDSN) foi fundado, liderado pelo guerrilheiro Augusto Sandino, contra a ocupação dos Fuzileiros Navais dos Estados Unidos²⁸.

Dadas as condições históricas que levaram à construção do canal interoceânico, é muitas vezes evidente que a questão está associada ao problema do imperialismo, particularmente à expansão da Doutrina Monroe do governo dos Estados Unidos²⁹. Foi uma

²⁵ ZIMMER, The Voyage of the Buford: Political Deportations and the Making and Unmaking of America's First Red Scare.

²⁶ SHAFFER, Contesting internationalists.

²⁷ QUESADA, Rodrigo, **América Latina, 1810-2010: El legado de los imperios.**, San José: EUNED, 2012, p. 36-37.

²⁸ GOBAT, Michel, **Confronting the American Dream: Nicaragua under US Imperial Rule**, Durham: Duke University Press, 2007.

²⁹ GOBAT, Michel, **Empire by invitation: William Walker and Manifest Destiny in Central America**, Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2018.

questão de debate permanente na imprensa anarquista internacional, denunciando o sistema de protetorado criado após a guerra de 1898 em Cuba e em Porto Rico e a ocupação militar do Haiti, da República Dominicana e do Panamá³⁰.

Embora o controle sobre esses países não fosse absoluto, as margens de autonomia política foram comprometidas em territórios onde um governo estrangeiro manteve bases militares permanentes e garantias constitucionais para intervir a qualquer momento necessário. A partir dessa configuração histórica, fica claro que os movimentos sociais centro-americanos incorporaram repertórios anticolonialistas e anti-imperialistas desde muito cedo, pois eram mais que conceitos abstratos, eram experiências cotidianas³¹.

1.3 Entre o café e a banana, as economias agroexportadoras da América Central

A estrutura da economia centro-americana continua com os padrões de fragmentação anteriormente observados, com regiões diretamente ligadas ao comércio internacional com a Europa e os Estados Unidos como os principais mercados receptores para produtos e investidores de capital. As reformas dos autodenominados governos liberais promoveram esse modelo agroexportador a partir de 1870, com base na necessidade de transformar o chamado “legado colonial”. Esse conceito é usado pela historiografia para descrever o conjunto de reformas realizadas para modernizar os países, seguindo os padrões definidos no século XIX. As medidas mais importantes tinham a ver com os seguintes aspectos: 1) centralização do poder político e transformação do regime municipal colonial; 2) expansão da fronteira agrícola para exportação; 3) criação de infraestrutura adequada para desenvolver as exportações; e 4) provisão de uma força de trabalho constante e barata, seja através da imigração, seja por sistemas de trabalho coercitivo³².

A combinação dessas medidas deu origem a estilos diferentes em cada país, mas todas tinham o horizonte de criar uma estrutura suficiente para se ligar ao mercado capitalista internacional, com base na exportação de um produto especializado, seguindo a teoria das vantagens comparativas. Na época colonial, esse produto era combinado com minerais e tintas naturais, como cochonilha e anil, especialmente na região da Guatemala e em El Salvador³³. Os

³⁰ QUESADA MONGE, *El legado de la guerra hispano-antillana-norteamericana*.

³¹ KERSFFELD, *Contra el imperio. Historia de la Liga Antiimperialista de las Américas*.

³² ALFARO, Sara; RODRÍGUEZ, María Eugenia, El añil en Centroamérica. Siglos XVII-XVIII, *Estudios*, n. 14–15, p. 40–34, 1997.

³³ *Ibid.*

países do sul do istmo tinham uma importante produção de tabaco e de gado. Depois da independência em 1821, as tintas continuaram a ser relevantes, mas nas décadas seguintes seriam deslocadas pelo cultivo do café. Em 1831, a Costa Rica obteve sua primeira exportação de café para o Chile através de seu porto do Oceano Pacífico, e a partir de então o país liderou o cultivo de variedades especializadas da planta durante o século XIX³⁴.

Na década de 1880, o café se tornaria a principal exportação da Costa Rica, da Guatemala e de El Salvador, atingindo 90% do total das exportações em alguns períodos. Os principais países compradores foram a Inglaterra, a Alemanha e os Estados Unidos; o Império Britânico foi o maior investidor entre 1870 e 1914, por empréstimos aos governos para financiar a infraestrutura e a comercialização do produto através de produtores nacionais³⁵. Esses produtores eram em sua maioria centro-americanos que controlavam diretamente a produção e comandavam a liderança dos Estados em aliança com as forças armadas até a década de 1930³⁶. Dadas essas características, falar de café no istmo significa necessariamente compreender a composição do poder político e do mercado de trabalho na maioria dos países. Somente no caso de Honduras e da Nicarágua o café alcançou menor importância política, dada a maior especialização desses países em produtos extrativos, como madeira, minerais e bananas, mas no século XX algumas importantes regiões cafeeiras foram consolidadas³⁷.

As condições climáticas e de solo do istmo permitiram uma especialização do café através da variedade arábica, plantada a uma altitude entre 600 e 1.400 metros, em solos fertilizados pela atividade vulcânica. Essas características permitiram a concorrência no mercado internacional com a produção brasileira, que era muito maior em volume, mas não necessariamente em qualidade. As zonas de plantação de café coincidiram com os principais centros populacionais da planície do Pacífico e perto dos vulcões, permitindo que uma grande parte da população próxima se envolvesse na produção de café.

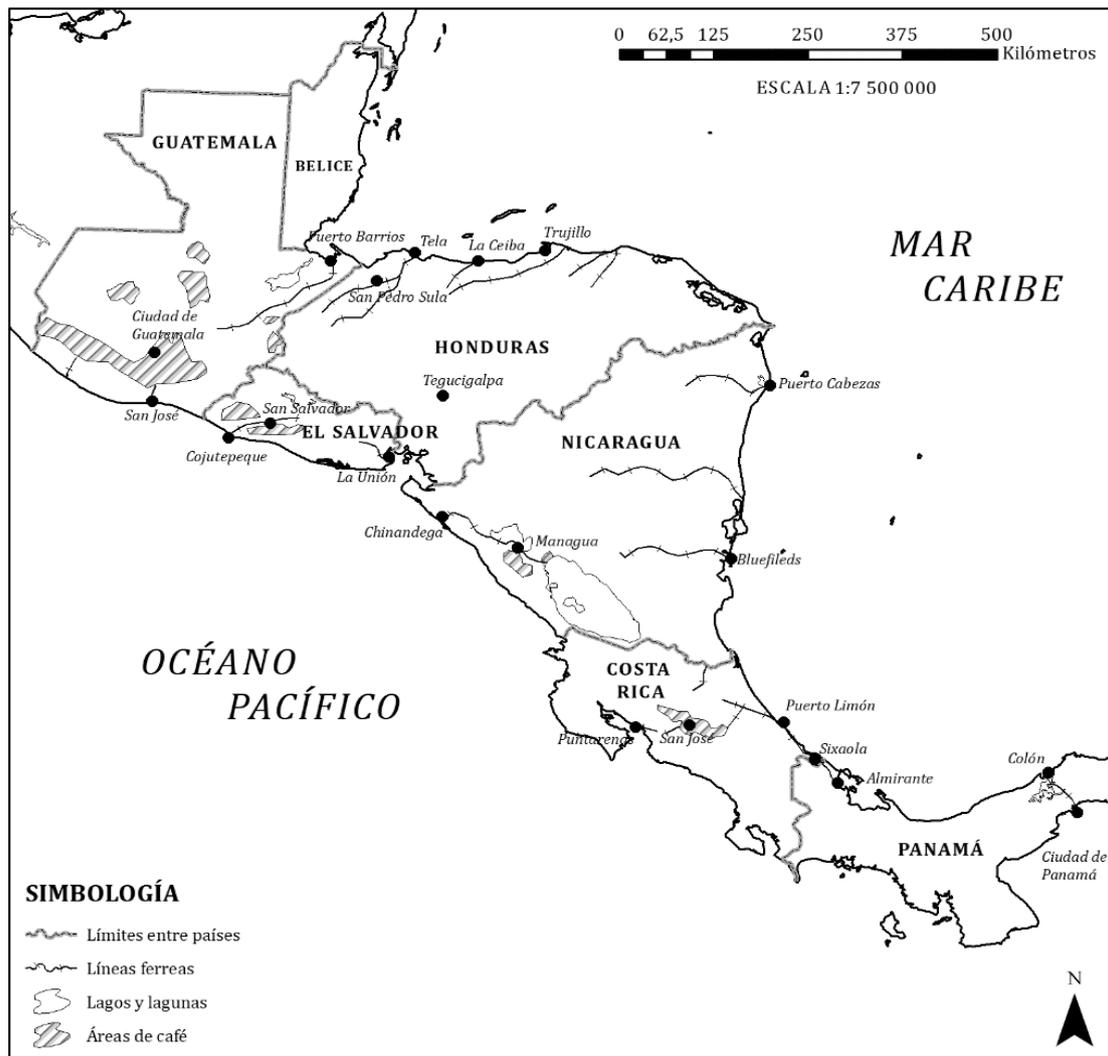
³⁴ SAMPER, Mario, *Café, trabajo y sociedad en Centroamérica (1870-1930): una historia común y divergente*, in: **Historia general de Centroamérica**, San José: FLACSO, Sede Costa Rica, 1993, v. Tomo IV, p. 19.

³⁵ Durante o período de 1851 a 1915, a Grã-Bretanha importou 73% dos produtos agrícolas e 27% das matérias-primas dos países da América Central. Do primeiro, 89% correspondiam ao café e 8% à banana, sendo o restante principalmente madeira, minerais e tintas naturais. Do outro lado da balança comercial, os centro-americanos importaram principalmente têxteis, bens industriais e capital. Foi só em 1914 que os Estados Unidos começaram a ser mais importantes do que o capital britânico como principal importador de mercadorias e investidor de capital no istmo centro-americano. QUESADA MONGE, Rodrigo, *América Central y Gran Bretaña: la composición del comercio exterior (1851-1915)*, **Anuario de Estudios Centroamericanos**, v. 11, n. 2, p. 77-92, 1985.

³⁶ STONE, Samuel, **La dinastía de los conquistadores**, San José: Editorial Universitaria Centroamericana, 1982.

³⁷ Em alguns países, como a Guatemala, El Salvador e a Costa Rica, imigrantes alemães e italianos intervieram no negócio do café através de alianças conjugais que controlavam quantidades significativas de capital em fazendas e bancos. TORRES-RIVAS, Edelberto, **Revoluciones sin cambios revolucionarios**, Ciudad de Guatemala: F&G Editores, 2011.

Mapa 8. Produção de café no istmo centro-americano por volta de 1900



Fonte: Elaboración de José Antonio Mora a partir de SAMPER, Mario, *Café, trabajo y sociedad en Centroamérica (1870-1930): una historia común y divergente*, *En: Historia general de Centroamérica*, San José: FLACSO, Sede Costa Rica, 1993, v. Tomo IV, p. 49.

Os regimes de trabalho nas plantações de café variavam muito de lugar para lugar. Por exemplo, em El Salvador, um modelo agrícola altamente concentrado foi configurado nas mãos de algumas famílias, que monopolizaram as melhores áreas produtivas através da privatização de terras indígenas e comunais. Dado que esse país é o mais densamente povoado e é territorialmente pequeno, o conflito agrário foi intenso e constante a partir do final do século

XIX³⁸. Na Costa Rica, foi criado um sistema misto de pequenos produtores, combinando café com árvores frutíferas e outras culturas familiares. A expansão da colheita também afetou as comunidades indígenas deslocadas e uma pequena fração dos empresários conseguiu centralizar a comercialização e a exportação do produto. A maioria dos conflitos na Costa Rica, portanto, era entre pequenos produtores e exportadores³⁹.

No caso da Guatemala, há um processo semelhante ao de El Salvador, privatizando terras indígenas, mas em menor medida, permitindo a esses povos manter um certo grau de autonomia comunitária. No entanto, o sistema de contratação de trabalhadores indígenas seguiu um padrão coercitivo que combinava muitas formas diferentes de trabalho obrigatório. Com menor produção total, a Nicarágua e o Panamá se especializaram na produção de café em regiões específicas de cada país, com uma presença significativa de imigrantes europeus, nas áreas de Granada e Chiriquí, respectivamente⁴⁰.

O Mapa 8 mostra a extensão territorial da produção de café no istmo no início do século XX, destacando sua relação com a infraestrutura portuária e ferroviária. É evidente que a construção dessas vias de comunicação se destinava a facilitar o acesso das regiões produtoras aos portos de exportação, razão pela qual lhes foi dada prioridade nos projetos das ferrovias. O mapa não mostra os registros do Panamá que estavam concentrados na região de Chiriquí, na fronteira sul com a Costa Rica, perto do vulcão Barú, o que permitiu um produto especializado de alta qualidade.

O segundo produto de importância na estrutura econômica do istmo no período analisado foi a banana. Foi desenvolvida como uma atividade subsidiária do empresário americano Minor Keith, em terras cedidas pelo governo costarricense, às margens da construção da ferrovia atlântica construída entre 1871 e 1890. Nos 333.000 hectares (uma soma que representava 6% do território costarricense na época) recebidos no contrato, Keith obteve muito lucro com a venda de bananas e madeira. Graças a esses recursos e à ajuda da capital de sua família, em 1899 ele conseguiu fundar a United Fruit Company (UFCO), que expandiu suas atividades produtivas ao longo do litoral caribenho do Panamá, de Honduras e da Guatemala⁴¹.

³⁸ ACOSTA RODRÍGUEZ, Antonio, **Los orígenes de la burguesía de El Salvador: el control sobre el café y el Estado. 1848-1890**, Barcelona: Aconcagua Libros; Taller de Estudios e Investigaciones Andino-Amazónicas, 2014, p. 189–220.

³⁹ LOWELL, Gudmundson, Campesino, granjero, proletario: formación de clase de una economía cafetalera de pequeños propietarios 1850-1950, *in*: SAMPER, Mario; ROSEBERRY, William; GUDMUNDSON, Lowell (Orgs.), **Café, sociedad y relaciones de poder en América Latina**, Heredia: EUNA, 2001, p. 183–241.

⁴⁰ RECLUS, ELISEO; RECLUS, ONÉSIMO, **Novísima geografía universal**, p. 110,145.

⁴¹ POSAS, Mario, La plantación bananera en Centroamérica (1870-1929), *in*: **Historia General de Centroamérica**, San José: FLACSO, Sede Costa Rica, 1993, v. Tomo IV, p. 119–120. La UFCO también poseía inversiones en Colombia, Ecuador, Puerto Rico y Cuba.

Enquanto as plantações da UFCO coexistiam com importantes produtores nacionais nos diferentes países, a empresa transnacional controlava a exportação e a comercialização através de seu próprio porto, linha ferroviária e frota marítima chamada Grande Frota Branca. As plantações foram estabelecidas no litoral caribenho, onde as florestas tropicais eram abundantes, e um regime de trabalho altamente hierárquico foi implementado seguindo padrões étnicos e raciais muito definidos. Os patrões e os cargos técnicos eram ocupados por trabalhadores anglo-americanos brancos que viviam em uma residência privada exclusiva. As diferentes tarefas na plantação foram então divididas entre trabalhadores negros, indígenas e mestiços. Cada categoria racial tinha tarefas diferentes, salários diferentes e residências segregadas. Dado esse rígido sistema, a construção de sindicatos unitários foi uma tarefa muito complicada, prevalecendo no início do século XX associações que agrupavam trabalhadores da mesma origem nacional ou racial. Só nos anos 30 é que as uniões multirraciais foram realizadas na maioria dos países⁴².

Enquanto ao litoral caribenho havia sido um refúgio para os povos indígenas que resistiram à colonização espanhola, os governos centro-americanos só conseguiram uma presença institucional permanente na região através de concessões de terras a empresas estrangeiras. Entretanto, contratos altamente favoráveis para empresas como a UFCO (hoje Chiquita) e a Coyumel Fruit Company (hoje Dole), as duas mais fortes, criaram uma gestão quase que autônoma do território. As relações diretas entre as companhias e o consulado do governo dos Estados Unidos significavam que as unidades da marinha do exército estavam disponíveis nos portos da América Central sempre que surgiam disputas laborais em suas áreas de influência⁴³.

A influência das companhias de bananas na política interna dos países foi tão importante que vários advogados da UFCO tornaram-se presidentes, como foi o caso de Ricardo Jiménez Oreamuno, na Costa Rica. Essas relações ajudaram a moldar o conceito da República das Bananas para descrever a política centro-americana, onde o gerente da UFCO poderia ser mais valioso do que qualquer funcionário público do governo. O caso de Honduras, onde a

⁴² Na maioria dos países, os trabalhadores de origem afro-caribenha prevaleceram até a década de 1920, principalmente das ilhas da Jamaica e de Barbados. Embora a maioria desses imigrantes fossem trabalhadores solteiros, havia também uma considerável presença feminina na embalagem de bananas, na limpeza, na cozinha e na instrução privada e religiosa. PUTNAM, Lara, **The company they kept: migrants and the politics of gender in Caribbean Costa Rica, 1870-1960**, Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2002. BOURGOIS, Philippe, **Banano, etnia y lucha social en Centro América**, San José: Departamento Ecueménico de Investigaciones, 1994.

⁴³ COLBY, Jason, **El negocio del imperio: United Fruit, carrera y expansión estadounidense en Centroamérica**, Ithaca: Cornell University Press, 2011.

produção de bananas foi responsável por quase toda a sua economia de exportação, é considerado pela historiografia como o modelo clássico da república das bananas. O único país da região que não desenvolveu uma produção considerável de banana foi El Salvador, mantendo sua economia impulsionada pelo café⁴⁴.

Outro conceito chave para entender o peso da produção de bananas no istmo é a noção de enclave, que se refere à concentração do poder político e econômico da empresa transnacional em um território marcado pelo isolamento geográfico, pela pouca relação com a economia nacional e pelas relações imperialistas⁴⁵. No entanto, nas últimas décadas, o conceito tem sido qualificado por estudos aprofundados sobre o assunto, os quais, ao mesmo tempo, em que destacam o poder excessivo das empresas bananeiras, mostram que elas tinham muitas relações com empresários nacionais e outros setores da sociedade local⁴⁶.

É um tema comum na historiografia centro-americana identificar os trabalhadores das empresas transnacionais como o núcleo forte do proletariado da região, dados seus níveis de concentração, ritmos de trabalho e lutas por reivindicações. Dentro dessas companhias, os imigrantes participaram de maneira relevante, especialmente os provenientes das ilhas caribenhas, onde os jamaicanos foram a maioria entre 1880 e 1920. Outro ponto que se destaca nesse núcleo de trabalhadores é o maior confronto direto e episódios violentos durante ações de greve e petições para a melhoria de suas condições de vida⁴⁷.

Há até um gênero literário muito relevante na região da América Central chamado “romance da banana”, que reúne testemunhos e experiências dessas comunidades trabalhadoras. Alguns dos mais conhecidos são: *Sangre en el Trópico* (Hernán Robleto, Nicarágua, 1930); *Bananos y Hombre* (María Isabel Carvajal, Costa Rica, 1931); e *El Señor Presidente* (Miguel Ángel Asturias, Guatemala, 1946). Esses registros têm sido usados como fontes auxiliares para pesquisas históricas⁴⁸.

Em suma, as principais áreas econômicas do istmo centro-americano estavam centradas em plantações dedicadas à exportação de café e bananas e ao comércio interoceânico,

⁴⁴ EURAQUE, Darío. **Reinterpretación de la República Bananera: región y estado en Honduras, 1870-1972**, Chapel Hill: Universidad de Carolina del Norte Press, 1996.

⁴⁵ POSAS, La plantación bananera en Centroamérica (1870-1929), p. 112.

⁴⁶ HURTADO, Ronny, **La conformación histórica de la Región Atlántico/Caribe costarricense: (re)interpretaciones sobre su trayectoria entre el siglo XVI y el siglo XXI**. San José: Editorial Costa Rica, 2013.

⁴⁷ ACUÑA ORTEGA, Nación y clase obrera en Centroamérica en la época liberal (1870-1930); COLBY, **The business of empire**.

⁴⁸ ORTIZ, María Salvadora, La novela de plantación bananera centroamericana: espacio de reconstrucción de la memoria, **Collard/De Maeseneer**, p. 41–63, 2003.

mantendo uma estrutura principalmente agrária, com profundas desigualdades na distribuição dos recursos produtivos. Portos, ferrovias e estradas foram construídas principalmente para conectar essas áreas com os mercados europeus e americanos, o que levou a uma fragmentação interna. No plano da classe trabalhadora, essa dinâmica espacial dificultou a criação de organizações nacionais e regionais.

Mapa 9. Áreas de plantação de bananas no istmo centro-americano em 1920



Fonte: Elaboración de José Antonio Mora a partir de POSAS, Mario, La plantación bananera en Centroamérica (1870-1929), in: **Historia General de Centroamérica**, San José: FLACSO, Sede Costa Rica, 1993, v. Tomo IV, p. 133.

Embora a economia agroexportadora tenha recebido a melhor terra e infraestrutura, uma parte significativa da economia dedicada à produção artesanal e de subsistência persistiu. A transição entre as diferentes categorias de trabalho era frequente, especialmente dentro do trabalho de plantação, que era combinado com a agricultura familiar e a produção artesanal. Nas cidades, não houve uma grande concentração de fábricas, embora algumas tenham sido estabelecidas para a produção de bebidas, têxteis e materiais para o transporte do café. Todos os insumos industriais ligados à exportação eram importados, e era comum que as fazendas de café e as plantações de banana estabelecessem seus próprios sistemas de abastecimento e de câmbio.

Uma das queixas contínuas dos trabalhadores desses setores era o monopólio das empresas sobre os bens de subsistência e os cupons que só podiam ser trocados nas lojas de plantação. O resultado foi que os salários auferidos foram imediatamente recuperados pela companhia. Dado esse sistema centrado na plantação, a relação entre a produção artesanal e essas regiões sempre foi conflituosa, já que os governos concediam isenções fiscais significativas para produtos importados de grandes empresas⁴⁹.

A produção artesanal se concentrou em bens de consumo populares, como calçados, roupas, cigarros, móveis e alimentos. Dentro dessas categorias, permaneceram desigualdades consideráveis de gênero, sendo as mulheres as mais mal remuneradas e menos reconhecidas em atividades altamente valorizadas, como a produção de vestuários e alimentos. Muito desse trabalho foi realizado dentro de casa, e depois vendido sob contrato para armazéns comerciais. Algumas atividades que exigiram cuidados especiais, tais como tecelagem, fabricação de móveis de madeira e construção de pedra e mármore, foram realizadas por comunidades indígenas, especialmente na Guatemala e em El Salvador. Imigrantes europeus, especialmente italianos e espanhóis, foram empregados nessas categorias, criando por vezes conflitos interétnicos sobre o controle do trabalho⁵⁰.

Desse conjunto de categorias, as primeiras associações mútuas foram fundadas nas capitais dos diferentes países a partir de 1840. O movimento operário no istmo era, portanto, principalmente artesanal e rural. Dada a falta de industrialização da economia, o proletariado foi o resultado da soma desse mundo de trabalho urbano com os núcleos móveis de plantações e infraestruturas de transporte. Em suma, o principal desafio da ação coletiva era tentar fazer a

⁴⁹ ACUÑA ORTEGA, *Clases subalternas y movimientos sociales en Centroamérica (1870-1930)*.

⁵⁰ *Ibid.*, p. 300-315.

ponte entre esses mundos etnicamente diversos, economicamente fragmentados e geograficamente separados⁵¹.

Embora uma análise separada do mundo urbano e rural do trabalho tenha prevalecido tradicionalmente na historiografia, durante as primeiras décadas do século XX houve vários momentos de mobilização em que esses mundos se aproximaram, como os casos de El Salvador e da Guatemala entre 1928 e 1932⁵². Considerando o acesso a novas fontes documentais e o desenvolvimento da pesquisa transnacional, é possível oferecer um panorama menos segregado desses dois mundos e propor abordagens mais dialógicas. Um exemplo dessas possibilidades pode ser encontrado no estudo da imprensa anarquista, através do qual é possível reconstruir as trajetórias dos militantes que circularam entre as cidades e os portos do Pacífico e do Caribe centro-americano para distribuir propaganda sindical.

Nesse caso, refiro-me ao jornal *Cultura Proletaria* (1911–1953), publicado em Nova Iorque por um grupo anarquista composto de trabalhadores espanhóis, italianos, porto-riquenhos, cubanos e mexicanos. A maioria deles trabalhava nas plantações de açúcar e tabaco, assim como na frota comercial da United Fruit Company, que viajava entre portos da costa leste dos Estados Unidos, das ilhas do Caribe e da América Central. Uma análise de alguns desses militantes será desenvolvida mais tarde, nesta pesquisa. Uma leitura desse jornal também revela a abundância de doações recebidas da cidade de Bayonne, em Nova Jersey, onde se encontrava a sede da Standard Oil Company, que tinha importantes contratos de exploração de petróleo nos países da América Central nas primeiras décadas do século XX.

Em suma, o movimento operário centro-americano enfrentou os desafios de incorporar os próprios problemas da região em suas demandas e, simultaneamente, de se conectar com o resto do continente. Sua própria condição isotópica era estratégica para favorecer essa troca. O Canal do Panamá foi usado nesse sentido por vários grupos anarquistas e sindicatos que entenderam as facilidades que a nova rota marítima lhes permitia. Entretanto, havia também a consciência de que qualquer tentativa de unificação seria dificultada pelo governo dos Estados Unidos. A seguir estão alguns desses esforços entre 1890 e 1932, focalizando a atividade anarquista na região.

⁵¹ ABARCA, Configuración del movimiento obrero en Centroamérica, 1914-1929.

⁵² GONZÁLEZ MÁRQUEZ, Luis Rubén, Protesta popular en San Miguel: repensar la ola de movilización social de 1927-1932 desde el oriente salvadoreño, *Anuario de Historia Regional y de las Fronteras*, v. 20, n. 2, p. 17–46, 2015.

Capítulo 2. Anarcofobia e pânico moral: agentes da ordem frente à anarquia, 1850-1910

Introdução

O objetivo deste capítulo é estudar a origem do anarquismo no istmo centro-americano e os significados históricos que ele assumiu no decorrer de seu desenvolvimento como ideia e movimento social entre 1850 e 1910. A fim de reconstruir esse processo, os conceitos de anarcofobia e pânico moral são tomados como eixo principal de análise, usados para estudar os usos políticos construídos na região em torno do conceito de anarquismo. Essa perspectiva é instrumentalizada para compreender o fenômeno do terrorismo e as táticas de propaganda pelo fato durante o século XIX, que será a base sobre a qual o anarquismo será politicamente construído como um crime criminalizado pela legislação¹.

Na primeira seção, trabalharei com os vários significados políticos que os termos anarquia/anarquismo alcançam e como suas conotações positivas e negativas se misturam com o tempo. A ênfase está num exercício de autoafirmação histórica onde o anarquismo é entendido como um movimento social internacional constituído principalmente a partir da experiência e da ruptura da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT). Sabemos pouco sobre a presença anarquista na América Central durante o século XIX, portanto ela é investigada com base na imigração europeia e na análise dos subscritores centro-americanos da imprensa anarquista francesa.

A segunda parte do texto analisa os usos políticos dos conceitos de anarquia/anarquismo nos países da América Central, com base em vários casos de ataques e conspirações políticas. A primeira seção estuda os ataques contra o Presidente Rafael Yglesias, na Costa Rica (1894), e Manuel Estrada Cabrera (1907–1908), na Guatemala, e como foram explicados pela imprensa e pelas autoridades governamentais como “tentativas anarquistas”, supostamente em relação aos ataques na França entre 1892 e 1894.

¹ ALBORNOZ, Martín, **Cuando el anarquismo causaba sensación: La sociedad argentina, entre el miedo y la fascinación por los ideales libertarios**, Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2021. O conceito de “Anarcofobia” é usado para se referir ao medo criado pelas instituições burguesas do anarquismo, e também foi usado pelos próprios anarquistas no século XIX para explicar o fenômeno do terrorismo. É o caso do galego José Prat, que assinou com o pseudônimo de Urania. *El Despertar*, New York, 1 de fevereiro de 1894, p. 2; 15 de fevereiro de 1894, p. 2; 1 de março de 1894, p. 1.

A terceira seção do texto discute o processo sócio-histórico que deu origem à criminalização internacional do anarquismo com base em seu entendimento como um crime contra a sociedade estabelecida. Para tanto, são estudadas as perspectivas dos agentes governamentais envolvidos nesse processo, principalmente criminologistas, diplomatas, legisladores e policiais, a fim de desvendar a ideologia de defesa social e de regeneração moral que lhe está subjacente. Finalmente, são estudadas as cúpulas e conferências americanas nas quais foram estabelecidas as bases legais para apoiar as disposições contra o anarquismo nos países da América Central.

As principais fontes para este capítulo provêm de entidades governamentais, tais como agentes diplomáticos, conferências multilaterais, leis e decretos, relatórios policiais e estudos criminológicos. Dado que o processo de criminalização do anarquismo foi internacional desde seu início, é dada ênfase àquelas fontes de informação produzidas pelos diferentes Ministérios das Relações Exteriores. A fim de trabalhar com eventos particulares e com as perspectivas de indivíduos particulares, são usados jornais de uma grande variedade de fontes.

Finalmente, é importante mencionar que, no caso da América Central, a maioria das alegadas “tentativas anarquistas” foram parte de uma tentativa de usar esse rótulo contra opositores políticos de natureza muito variada que não tinham nenhuma conexão com o movimento anarquista concreto. No entanto, real ou fictício, o combate contra os anarquistas lançou as bases para o prolongamento do controle social contra o movimento operário e as classes trabalhadoras durante o século XX.

2.1 A batalha dos significados

Segundo a enciclopédia anarquista compilada por Sebastian Fauré, o termo anarquia vem do grego, -a para negação e -arquia, mandamento, poder, autoridade. Portanto, An-Archia se referiu à negação do mandato, que historicamente entendemos na figura do governo. Esse conceito seria um ideal social e uma realização efetiva, já que sua origem etimológica fazia parte da negação da realidade do mandato social, a fim de abrir a possibilidade de um horizonte diverso. Seguindo essa perspectiva, o anarquismo seria o movimento social

prático que tenta, nas condições de seu tempo, circunstâncias e contexto, avançar na realização do ideal anarquista².

Nessa relação, o anarquismo seria uma filosofia e uma atitude de rebeldia, que concretiza suas aspirações de enfrentar mandatos entendidos como ilegítimos, injustos ou provisórios. No século XIX, essa crítica central era a do governo, que centraliza o poder, a lei, a propriedade e a divisão de classes. Na expansão do capitalismo por impérios e estados, essas relações são propagadas e conectadas num sistema mundial³. Portanto, o conjunto de grupos despossuídos nesses processos também adquire um caráter internacional. O proletariado e o povo seriam os dois principais conceitos que os anarquistas usariam para designar esse sujeito revolucionário chamado a transformar a realidade⁴.

Historicamente, a palavra anarquia apareceu como sinônimo de vazio de poder e liderança, e associada ao conceito de caos. Assim, seu uso é acentuado em contextos marcados por convulsões que desorientam os sentidos comuns e os costumes normalizados. Não é por acaso que a anarquia aparece em dicionários associados a guerras, batalhas e confrontos⁵. Na história da América Latina, esse conceito foi usado pelos administradores do Império espanhol para se referir aos opositores das instituições imperiais. O termo anarquia reapareceu nas guerras de independência e nas discussões sobre como organizar os novos territórios libertados no século XIX. O termo também foi usado para combater os opositores políticos; os sujeitos anárquicos são muitos e variados, dependendo do contexto e do lugar⁶.

Com a ruptura com o Império espanhol, seguiram-se longas décadas de guerras, confrontos e discussões sobre as formas das novas repúblicas⁷. O historiador Max Nettlau mostra uma coincidência no tempo no uso positivo do termo anarquia para designar um projeto político popular na década de 1840. Na Europa, aparece na França no movimento

² FAURE, Sébastien, **Enciclopedia anarquista**, edición castellana. México, D.F: Tierra y Libertad, 1972, p. 125–134.

³ ELTZBACHER, **El anarquismo según sus más ilustres representantes**, p. 14–15. Segundo este estudo, o anarquismo é uma crítica radical aos conceitos de Estado, direito e propriedade, constituindo aqui sua matriz comum e sua coerência interna. Como é compreendida a relação histórica entre esses conceitos, cria as variantes filosóficas e as correntes internas do anarquismo.

⁴ Em seu estudo do campo popular e de sua relação com as correntes socialistas, o autor estuda os usos das palavras “povo” e “proletariado” no discurso militante anarquista, para descobrir que os dois conceitos se referem a um sujeito histórico e plural revolucionário que implica diferentes camadas das classes populares, dependendo do contexto particular. No caso espanhol, essa polissemia permitiu organizar importantes núcleos do campesinato andaluz e do operariado catalão. BARBERO, **De los medios a las mediaciones**, p. 15–24.

⁵ BLISS, William, **The encyclopedia of social reform**, New York: Funk & Wagnalls, 1897, p. 55–56.

⁶ ANCIZAR, Manuel, **Anarquía i rojismo en Nueva-Granada**, Santiago de Chile: Julho Belin, 1853.

⁷ ZÁRATE, Alfonso, **Medios que las ciencias, político-sociales aconsejan, para hacer menos frecuentes las revoluciones políticas en El Salvador**, Facultad de Jurisprudencia, Universidad Nacional del Salvador, San Salvador, 1893, p. 10.

antimonárquico, com referências como Pierre Joseph Proudhon e Anselme Bellagarrigue. Na América, destaca-se o caso do federalismo colombiano de José F. Rivas e sua luta contra o centralismo estatal⁸.

Em suma, a palavra anarquia é muito mais antiga do que o anarquismo como movimento social. Ao mesmo tempo, o conceito toma diferentes significados em função do contexto histórico e do espaço geográfico. No entanto, a perspectiva de Nettlau aponta para uma convergência entre os vários movimentos da metade do século XIX. Este foi o caso do período entre 1840 e 1870, através do liberalismo republicano e do socialismo. Não devemos, portanto, confundir o anarquismo como doutrina específica com os movimentos, as pessoas e as lutas que inspiraram suas principais ideias⁹.

O caso da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) funciona bem para explicar essa perspectiva de uma maneira mais concreta¹⁰. Fundada em 1864, em Londres, suas seções se espalham pelo continente americano, com grupos nos Estados Unidos, no México, em Cuba, na Argentina e no Uruguai. O estudo dessas conexões tem sido usado para identificar os grupos anarquistas que tomaram forma décadas mais tarde. Estudos mais recentes vão no sentido de mostrar influências em ambas as direções, focalizando tradições de luta, experiências comuns, trocas de impressos e mobilidade das pessoas. Esse é o caso da *Federación Regional de Trabajadores de España* (FRTE) e suas conexões com grupos do continente americano. Suas conexões mostram relações de intercâmbio entre o republicanismo radical catalão e o movimento pró-independência cubana no ativismo operário de ambos os lados do Atlântico¹¹.

Essa experiência foi a base a partir da qual muitos anarquistas foram formados mais tarde. Houve também casos de colaboração e de dupla militância através de temas comuns, como o anticlericalismo e a difusão do racionalismo. Francisco Pi y Margall e Belén de Sárraga são alguns desses casos conhecidos, que tiveram um grande impacto na imprensa do movimento operário latino-americano¹². O estudo dessas trajetórias é de grande utilidade para acompanhar

⁸ RAMA; CAPPELLETTI, *El anarquismo en América latina*, p. IX–X. GONZALO, Fernando, La prehistoria del anarquismo en America, *Revista anarquista internacional* (Paris), n. 2, p. 28–32, 1924.

⁹ CAPPELLETTI, *Prehistoria del anarquismo*.

¹⁰ HIRSCH, Steven; WALT, Lucien van der (Orgs.), *Anarchism and Syndicalism in the Colonial and Postcolonial World, 1870-1940: The Praxis of National Liberation, Internationalism, and Social Revolution*, Lieden: BRILL, 2010, p. 32–74.

¹¹ MOISAND, Jeanne, Revolutions, Republics and IWMA in the Spanish Empire (around 1873), in: **“Arise Ye Wretched of the Earth”**: *The First International in a Global Perspective*, Leiden ; Boston: Brill, 2018, p. 238–252.

¹² GONZÁLEZ, Román Miguel, Las culturas políticas del republicanismo histórico español, *Ayer*, v. 53, n. 1, p. 207–236, 2004.

o curso das influências recíprocas entre a Europa e o continente americano, matizando assim o raciocínio eurocêntrico que prevaleceu nos estudos da história do ativismo laboral.

Conexões semelhantes foram feitas no México e no Rio da Prata. Nesse caso, através da Federação dos Trabalhadores do Jura na Suíça e das seções da Cidade do México, de Buenos Aires e Montevideú. No caso do México, as lutas camponesas e comunitárias foram de grande relevância, enquanto nas cidades portuárias do Rio da Prata essa conexão foi entre a imigração europeia e as lutas do artesanato urbano¹³. Após a ruptura interna da AIT em 1872, os federalistas antipolíticos e apoiadores de Bakunin fundaram seus próprios grupos, prevalecendo em Cuba, no México e na Argentina¹⁴. Dessa base surgiram as primeiras publicações e grupos anarquistas a partir de 1880, como foi o caso da Junta Central de Artesãos de Havana e do jornal *El Productor* (1887–1893), dirigido pelo tipógrafo catalão Enrique Roig de San Martín¹⁵.

2.1.1 Conexões e recepções do anarquismo

No caso da América Central, as conexões formais com a AIT são mais difusas, embora houvesse conexões indiretas. Primeiro, por imigrantes europeus empregados como trabalhadores em construções de obras no istmo. Segundo, através do estabelecimento de um sistema de subscrições para a imprensa anarquista europeia com um público leitor na região. Entre 1840 e 1890, franceses, italianos e espanhóis foram empregados na construção de obras ferroviárias, portuárias e no Canal do Panamá. Esse grupo também incluía exilados e viajantes em busca de terras para se estabelecerem como colonos ou pequenos comerciantes. Essas não são as únicas vias possíveis, pois poderíamos estudar a relação entre o republicanismo radical americano e o socialismo local, mas agora não temos fontes suficientes para explorar detalhadamente essa possibilidade.

Quanto à imigração francesa, temos os casos de Anselme Bellagarrigue, Eliseo Reclus e um grupo de exilados da Comuna de Paris e militantes da AIT que passaram algum tempo em El Salvador, Panamá e Honduras. Bellagarrigue era um escritor radical e militante

¹³ TARCUS, Horacio, *The First International in Latin America*, in: “**Arise Ye Wretched of the Earth**”: **The First International in a Global Perspective**, Leiden ; Boston: Brill, 2018, p. 253–269.

¹⁴ ECKHARDT, Wolfgang, **The first socialist schism: Bakunin vs. Marx in the International Working Men’s Association**, Oakland: PM Press, 2016.

¹⁵ FERNÁNDEZ, Frank, **El anarquismo en Cuba**, Madrid: Fundación de Estudios Libertarios Anselmo Lorenzo, 2000, p. 4–5.

republicano que havia visitado várias vezes o leste dos Estados Unidos e várias ilhas do Caribe entre 1846 e 1848. Na França, participou das revoltas contra a monarquia e fundou o jornal *Anarchie, Journal de l'Ordre* (Anarquia, Diário da Ordem). Nesse contexto, ele defendeu a ideia de que a anarquia era um conceito que descrevia as possibilidades de uma ordem social baseada na igualdade e na liberdade. Com esse argumento, escreveu um manifesto que é considerado um dos primeiros textos anarquistas de seu tempo¹⁶.

Contemporâneo de Proudhon, Anselme não compartilha de sua ideia de mutualismo e parece estar mais próximo do individualismo de Max Stirner. Após o fracasso da revolução na França, ele foi forçado ao exílio. Chegou a Honduras em 1851 e trabalhou como professor de francês, estabelecendo-se definitivamente em El Salvador, em 1852, onde assumiu a cátedra de Direito na Universidade de San Salvador. Pouco se sabe sobre sua vida nesse país da América Central, onde morreu em 1896, deixando seu único filho com o mesmo nome. As informações que conhecemos sobre sua vida foram compiladas por Max Nettlau que, em 1906, tentou republicar seus textos para o jornal *Les Temps Nouveaux*.

Nettlau usa o jornal para tentar chegar ao filho de Anselme em San Salvador e para investigar seu pai¹⁷. Em El Salvador, ele contacta André Rault, que conhece Anselme e o descreve como um homem simples, que não escreve muito nem participa de eventos públicos, e que vive perto de uma comunidade indígena em Pimental, na parte pacífica do país¹⁸. Tentaram o contato direto através de Roberto de Belfort, proprietário de um estabelecimento chamado “o leão de ouro”¹⁹. Depois de muita insistência, Nettlau nunca recebeu uma resposta. O único texto completo de Anselme traduzido para o espanhol foi elaborado por José Prat e publicado no jornal *El Corsario*, na cidade da Corunha, em 1896²⁰. Quanto ao impacto de Bellagarrigue em El Salvador, não encontramos estudos para fornecer novos dados. Os únicos documentos que encontramos provêm de seus descendentes. Seu filho se casou com Ercilla Quintanilla e registrou dois filhos, Edmundo René Bellegarrigue, que morreu alguns meses depois, em 1913, e María Luisa Ramírez Bellagarrigue²¹.

¹⁶ NETTLAU, **La anarquía a través de los tiempos**, p. 63–65.

¹⁷ Instituto Internacional de Historia Social (IIHS). **Max Nettlau Papers**. Anselme Bellegarrigue. Recortes de *Les Temps Nouveaux* (París) de una nota biográfica y bibliográfica sobre Bellegarrigue por Nettlau. ARCH01001. 2570, p. 1-8.

¹⁸ Os originais dessas cartas estão redigidos em francês, e devo sua tradução à Christiane Valdy, professora e tradutora, pensionista do Liceu Franco costarriquenho em San José, na Costa Rica. IIHS. Cartas de Amédée Dunois (-Catonné) y una nota de Nettlau relativa a Anselme Bellegarrigue, su hijo. *Con Guía del Salvador* (1908). 1906-1908. ARCH01001. 2573, 20 de junho de 1906, p. 6.

¹⁹ *Ibid.*, p. 8.

²⁰ *El Despertar*, New York, 20 de março de 1897, p. 3.

²¹ Registro Civil de El Salvador, 1704-2001. Ley de Matrimonio. San Salvador, 5 de dezembro de 1915.

<https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:4NML-C4PZ>

Entre 1852 e 1854, Eliseo Reclus seguiu uma rota migratória como Bellegarrigue, transitando pelo leste dos Estados Unidos e depois pela Colômbia. Ele passa algum tempo na cidade de Colón, no Panamá, onde aprende sobre a ferrovia internacional e os planos de construção do canal interoceânico. Sobre esse assunto escreve extensamente em seu diário, publicado anos depois, após sua experiência mal-sucedida como lavrador em uma colônia agrícola onde vive na Serra Nevada da Colômbia²². Embora Reclus não fosse um anarquista durante esse tempo, essa viagem serve de base para seus estudos posteriores sobre a geografia do istmo centro-americano, que terá um grande impacto sobre o mundo científico e o movimento operário.

Mais tarde, ele reconheceu nessas viagens e em seus contatos posteriores a base para o estabelecimento de uma rede de colaboração na redação de suas pesquisas e na imprensa anarquista. Alguns desses colaboradores foram o anarquista italiano Luigi Galleani, que coletou todas as informações relacionadas com a Guatemala, e o naturalista suíço Henry Pittier, que vive na Costa Rica²³. Além disso, dois irmãos de Reclus estavam envolvidos na empresa de construção do canal interoceânico, o que poderia ser uma maneira de ajudar Eliseo a ter acesso a mais informações sobre o Panamá. No início do século XX, seus textos serão traduzidos para o espanhol pelo professor costa-riquenho Joaquín García Monge, que será o principal agente do jornal *Les Temps Nouveaux* entre 1906 e 1915²⁴.

Muitos trabalhadores franceses percorreram as obras do canal, inclusive vários exilados da Comuna de Paris. Conforme o dicionário do movimento operário francês, vários membros do Clube Republicano de Nova Orleans, a seção francesa da AIT nos Estados Unidos, fundaram uma colônia agrícola na República de Honduras. Simon Auguste, Charles Caron, Benjamin Leloup e N. Wehrman obtiveram 30.000 hectares de terra nesse país para cultivar e viver entre 1874 e 1876. Durante esse período, eles se juntaram aos franceses espalhados pelos Estados Unidos, pela Guiana e pelo Panamá²⁵. Segundo as informações de que dispomos, essa colônia se dissolveu nos anos 1880, com vários de seus membros viajando para o Panamá em busca de trabalho.

Registro Civil de El Salvador, 1704-2001. Certificado de defunción. San Salvador, 14 de junho de 1913, <https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:4D9D-D2T2>.

²² RECLUS, Élisée, **Correspondencia de 1850 a 1905**, Selección a cargo de Luce Fabbri. Traducido del francés por Horacio E. Roqué. Buenos Aires: Imán, 1943, p. 31–34.

²³ *La República*, San José, 3 de outubro de 1890, p. 1; *Cronaca Suvversiva*, Bare, 29 de julho de 1905, p. 2.

²⁴ *Ariel*, San José, número 1, 1906; 1 de abril de 1909; número 7 de 1911; número 61 de 1915; número 83 de 1916; número 86 de 1916.

²⁵ CORDILLOT, Michel, CARON Charles; WEHRMAN N; LELOUP Alfred, Benjamin; SIMON Auguste, in: **Dictionnaire biographique du mouvement social francophone**, París: Maitron, 2014. <https://maitron.fr>

Entre 1889 e 1904, os jornais anarquistas em que Reclus estava envolvido cobriram o andamento da construção do canal, que estava nas mãos de uma companhia francesa dirigida pelo engenheiro Ferdinand de Lesseps. Em janeiro de 1889, o *Le Revolté* discutiu acusações de corrupção na empresa de construção e as mortes de centenas de trabalhadores devido à febre-amarela e ao cansaço²⁶. Em 1890, o jornal comemorava a vitória dos trabalhadores ferroviários do Panamá, em sua maioria jamaicanos, após uma violenta ação de sabotagem que terminou com a vitória dos aumentos salariais²⁷. Com o fechamento do *Le Revolté* pelas autoridades, seus editores continuam com o nome de *Les Temps Nouveaux* para publicar notícias sobre o canal²⁸. Presumivelmente, esses jornais chegaram aos trabalhadores franceses no Panamá, embora não tenhamos conseguido identificar diretamente as subscrições.

Os nomes que conseguimos identificar são os de escritores e cientistas da América Central. Suas trocas aparecem a partir de 1888, por cartas, subscrições e trocas de literatura²⁹. É possível que parte desse material tenha sido usado mais tarde por Reclus em seus capítulos sobre a América Central na Geografia Universal. Tempo depois, Jean Grave lembrou ter enviado panfletos e livros sobre pedagogia racionalista a um ministro de instrução pública na Guatemala³⁰. Essa tendência também foi repetida pelos assinantes das revistas *L'Humanité Nouvelle* e *L'Ere Nouvelle*, editadas pelo professor Agustin Hamon. Nessas publicações, foram publicados poetas e escritores, como o nicaraguense Santiago Arguello, que enviou seus textos para serem resenhados por Hamon em sua revista³¹.

Da Costa Rica e da Guatemala, há também uma estreita comunicação com Hamon para enviar documentos relacionados com a independência dos respectivos países e para escrever artigos sobre as relações políticas na região. O diretor da Biblioteca Nacional da Costa Rica, Rafael Arguello de Vars, escreveu várias cartas sobre esse assunto em 1903³². Da Guatemala, Francisco Contreras colaborou e se tornou o distribuidor da revista em seu país. Dado o crescimento desses intercâmbios, Hamon e Contreras concordaram em formar um comitê editorial composto de dez pessoas. Entre eles, encontravam-se professores, médicos,

²⁶ *Le Révolté*, Paris, 30 de dezembro a 5 de janeiro, p. 2; 6 al 12 de janeiro de 1889, p. 2.

²⁷ *La Révolte*, Paris, 27 de setembro a 3 de outubro de 1890, p. 3.

²⁸ Seu grupo editorial era composto por Pierre Kropotkin, Jean Grave, Eliseo Reclus, François Dumartheray e Herzigr. *Les Temps Nouveaux*, Paris, 28 de janeiro de 1898, p. 2.

²⁹ *La Révolte*, Paris, 28 de julho a 3 de agosto de 1888, pág. 4; del 28 de abril a 4 de maio de 1889, p. 4; *Les Temps Nouveaux*, Paris, 2 de dezembro de 1899, pág. 4; 13 de julho de 1900, p. 4.

³⁰ *La Protesta*, suplemento, Buenos Aires, 22 de novembro de 1926, p. 6-7.

³¹ *L'Humanité nouvelle*, París, Volumen III, 1899, p. 1-181, Volumen VI, 1900, p. 380. IHS. **Augustin Hamon Papers**. Correspondencia. Arguello Santiago, ARCH00546.7, 24 de maio de 1899, p. 92.

³² IHS. **Augustin Hamon Papers**. Correspondencia. Arguello Di Vars, ARCH00546.7, 3 de julho de 1903, pág. 93; 1 de setembro de 1903, p. 94, 1 de outubro de 1903, pág. 95.

químicos, escritores e cientistas da Nicarágua, de El Salvador, da Guatemala, de Honduras e da Costa Rica. Não temos detalhes de como essa comissão funcionou posteriormente, mas pudemos identificar a tradução para o francês de textos desses centro-americanos³³.

Esse primeiro circuito mostra dois canais de intercâmbio. Por um lado, o interesse de editores anarquistas, como Jean Grave, Augustin Hamon, Eliseo Reclus e Pierre Kropotkin, pelos acontecimentos e pela história da América Central. Por outro lado, destaca o interesse dos centro-americanos educados na literatura anarquista, que no caso particular dessas revistas incluía uma grande variedade de temas científicos, políticos e literários. Isso está acontecendo simultaneamente, onde o terrorismo ganha espaço na imprensa comercial e os anarquistas são constantemente atacados como violentos e indesejáveis. Presumimos que as conexões com o mundo científico internacional de Hamon, Reclus e Kropotkin ajudaram a ampliar esse circuito de intercâmbio. A outra via se manifesta através da mobilidade e do exílio da França para a América Central e das redes de solidariedade construídas entre eles.

Com relação à imigração italiana, temos registros de sua intervenção em várias greves na construção da ferrovia para o litoral caribenho da Costa Rica e do Canal do Panamá. No primeiro caso, temos a paralisação do trabalho em 1888 contra o empresário Minor Keith, diretor de obras ferroviárias na Costa Rica e fundador da United Fruit Company. Estudando a luta e os comunicados emitidos pelos italianos na cidade de Cartago, é possível verificar seu conhecimento da língua de protesto e dos direitos laborais³⁴. A historiadora Rita Bariatti aponta a possibilidade desses trabalhadores estarem familiarizados com as ideias socialistas, dada a importância da agitação laboral em seu território de origem, a cidade de Mântua, na região da Lombardia. Seguindo suas trajetórias, a pesquisadora mostra que vários desses mesmos grevistas tinham subscrições do jornal socialista *Vita Nuova*³⁵.

Dos 1.400 italianos contratados para construir a ferrovia, pouco menos da metade retornou à Itália, e os demais se estabeleceram na Costa Rica como camponeses, artesãos e pequenos comerciantes. Dessas famílias que permaneceram em território costarricense, várias delas participaram de associações de trabalhadores, jornais e centros antifascistas³⁶. Outro grupo importante desses imigrantes foi trabalhar nas obras do Canal do Panamá a partir de 1880,

³³ IHS. **Augustin Hamon Papers**. Correspondencia no europea. Centroamérica, ARCH00546.326, 16 de janeiro de 1903, pág. 11-12.

³⁴ AGUILAR BULGARELLI, **La Huelga de los tótiles, 1887-1889**.

³⁵ BARIATTI, **Italianos en América Central**, p. 174–175.

³⁶ Segundo os registros mantidos pela polícia italiana nos arquivos do Estado em Roma, Rocco Liborio Anele, Adriano Arié, Renato Baccaglio e Silvio Di Meo foram registrados como militantes anarquistas nos países da América Central. <http://dati.acs.beniculturali.it/CPC/>

contando mais de 5.000 trabalhadores na primeira década do século XX³⁷. Alguns deles pertenciam a grupos de afinidade que formaram a Federação Internacional Individualista (1911–1914), uma organização anarquista formada por trabalhadores imigrantes da zona do canal.

Não tivemos a possibilidade de estudar a imprensa anarquista italiana para obter mais referências. Entretanto, dadas as características dessa mobilidade, é bastante provável que tenham usado jornais de língua italiana em outras partes do continente americano para se comunicarem³⁸. O caso de Rocco Anele é característico desse processo. Nascido no final do século XIX, seus pais haviam migrado para a Costa Rica para trabalharem na ferrovia, onde finalmente se encontraram na década de 1920. Antes disso, Rocco havia vivido nos Estados Unidos e na Guatemala, onde era um distribuidor de imprensa anarquista³⁹.

O terceiro grupo de imigrantes refere-se aos espanhóis, o maior grupo de europeus na América Central durante o século XIX. Suas conexões devem ser estabelecidas através dos imigrantes instalados no continente americano. Essa conexão é sugerida pelo anarquista galego Ricardo Mella, em 1897, em seu estudo sobre o socialismo na Espanha. Mella apontou uma importante relação entre o movimento operário dos dois continentes, através da conexão colonial e da imigração. Para melhor estudar essas relações, a chave é investigar o trabalho editorial dos imigrantes espanhóis nos Estados Unidos e em Cuba⁴⁰. Essa informação é confirmada pelos dados coletados por Max Nettlau entre 1890 e 1896. Segundo ele, as cidades de Buenos Aires, Paterson e Havana são os principais centros de impressão e distribuição de propaganda anarquista no continente americano⁴¹.

Por essa via indireta, estudaremos as possíveis conexões com o istmo centro-americano. Quanto aos editores, as figuras-chave são os tipógrafos Pedro Esteve e Adrián del Valle, antigos colaboradores do *El Productor* em Barcelona, entre 1887 e 1893. Após se mudarem para o continente americano, fundaram os jornais *El Despertar* (Brooklyn, 1891–1902); *El Productor* (Havana, 1887–1893); *El Esclavo* (Tampa, 1894–1898); e *El Nuevo Ideal* (Havana, 1899–1901). Através desses meios de comunicação, traduziram, compilaram e publicaram panfletos e livros de Bakunin, Kropotkin, Cafiero, Malatesta, Reclus, Agustin

³⁷ BARIATTI, *Italianos en América Central*, p. 180–182.

³⁸ GABACCIA, Donna R.; OTTANELLI, Fraser, *Diaspora or International Proletariat?: Italian Labor, Labor Migration, and the Making of Multiethnic States, 1815-1939*, *Diaspora: A Journal of Transnational Studies*, v. 6, n. 1, p. 61–84, 1997.

³⁹ *Archivio Centrale dello Stato (ACS). Ministero dell'Interno. Direzione generale di pubblica sicurezza. Casellario Politico Centrale. Busta 0126, 3844; 1907-1935.*

⁴⁰ MELLA, Ricardo, *Le Socialismo en Espagne, L'Humanité nouvelle (Paris)*, v. 1, p. 522–535, 1897.

⁴¹ NETTLAU, *Contribución a la bibliografía anarquista de la América Latina hasta 1914*, p. 7–8.

Hamon, Soledad Gustavo e Johan Most. Através desses jornais, recebem notícias de quase todos os países da América Latina, de onde selecionam alguns temas principais dedicados às lutas dos trabalhadores, ao conflito anticolonial em Cuba e às ações de ataque contra as autoridades políticas na Europa⁴².

A recente morte dos anarquistas de Chicago em 1886 e o aumento da violência nos remanescentes do Império espanhol favoreceram a promoção dessas táticas de resistência violenta. Assim, os editores de *El Despertar* e *El Esclavo* publicaram muitas notícias sobre ataques a monarcas, policiais e militares, como vingança por ações repressivas contra greves, manifestações e eventos públicos. Como esse contexto coincidiu com o ressurgimento da luta armada contra o colonialismo espanhol na ilha de Cuba, era comum que esses dois temas estivessem continuamente relacionados.

Em 1894, *El Despertar* publicou uma notícia comemorativa do ataque ao presidente da Costa Rica, Rafael Yglesias, supostamente perpetrado por um grupo de anarquistas⁴³. A mesma informação foi publicada em *El Esclavo*, na cidade da Flórida, onde os anarquistas do tabaco constituíam um importante núcleo de ativistas. Comparando o ataque de Ravachol ao Presidente francês Sardi Carnot com o do Presidente Yglesias na Costa Rica, os editores do *El Esclavo* encorajaram sua audiência a estudar o uso de explosivos em defesa à repressão. Dessa maneira, indicaram como a dinamite poderia ser um recurso barato capaz de ser usado pelo proletariado em seu confronto direto com a burguesia. Ao mesmo tempo, as notícias foram comparadas com os ataques em outros países, dando a entender à sua audiência que havia de fato uma ofensiva revolucionária em todo o continente⁴⁴.

Quanto à independência cubana, esta questão ocupou um espaço importante na imprensa. Isso se deu pela própria presença do anarquismo na ilha e pela importância de suas conexões com o exílio nos Estados Unidos. Por outro lado, esses mesmos trabalhadores também compartilharam espaços militantes na indústria do tabaco, onde trabalhava um número significativo de anarquistas cubanos, espanhóis e italianos. Sobre a participação direta na luta pela independência houve divisões, um setor liderado por Enrique Roig de San Martín e Pedro Esteve criticou o movimento por desviar os trabalhadores de sua luta diária contra o capital⁴⁵.

⁴² MELLA, Le Socialismo en Espagne, p. 533.

⁴³ Nesse caso, sabe-se que não havia anarquistas nesse ataque, que foi planejado por adversários políticos do Presidente. O que é interessante é que a imprensa noticiou o evento como “um ato anarquista” inspirado nas ações de Ravachol na França. *El Despertar*, New York, 30 de setembro de 1894, p. 4.

⁴⁴ *El Esclavo*, Tampa, 21 de novembro de 1894, p. 4.

⁴⁵ ESTEVE, Pedro, **A los anarquistas de España y Cuba memoria de la Conferencia Anarquista Internacional celebrada en Chicago en Setembro de 1893**, New York: Brooklyn: Imprenta El Despertar, 1900.

Outra parte importante foi diretamente envolvida na luta armada e nas ações de sabotagem, assim como nas redes de solidariedade estabelecidas em várias cidades do mundo⁴⁶.

Um dos fatores que ajudou a aproximar essas posições foi o aumento da repressão do governo espanhol contra o movimento operário na Espanha e em Cuba. Como resultado dessas ações, era comum que líderes independentistas e militantes anarquistas se reunissem em prisões, campos de concentração e tribunais⁴⁷. Alguns desses encontros podem ser reconstruídos lendo o jornal *El Pabellón Cubano* (1895–1898), fundado por Emilio Artavia, na cidade de San José da Costa Rica, e o porta-voz do *Partido Revolucionário Cubano* (PRC), criado por José Julián Martí. Nesse país havia um núcleo de exilados cubanos que fundaram uma colônia agrícola chamada *La Mansión*, na província de Guanacaste, no litoral Pacífico. O líder desse projeto foi Antonio Maceo e serviu de apoio logístico para várias incursões armadas na ilha⁴⁸.

Nas páginas do jornal encontramos várias notícias relacionadas com o encontro entre anarquistas espanhóis e cubanos. Em setembro de 1897, foi reproduzida uma carta enviada de Madri ao editor do jornal *El Porvenir*, de Nova Iorque, criticando a repressão exercida no Castelo de Montjuic, em Barcelona, onde muitos anarquistas, socialistas e republicanos foram torturados. O autor destaca as ações do general Antonio Canovás del Castillo, que fomentava a guerra contra os combatentes da independência em Cuba e nas Filipinas, como o arquiteto dessas ações. Em seguida, o artigo comemora a execução de Canovás no balneário cubano de Santa Águeda às mãos do anarquista napolitano Michele Angiolillo⁴⁹.

Em outubro de 1897, foi feita uma revisão da expulsão do anarquista espanhol de origem cubana Fernando Tarrida de Mármol (1861–1915) do território francês, devido à divulgação de seu texto “A Inquisição na Espanha”, que denunciava a repressão contra os anarquistas em Barcelona e em Cuba. Seguindo esse tema, em novembro do mesmo ano foi publicada uma confissão de Angiolillo, afirmando que o assassinato de Cánovas foi uma vingança contra a repressão dos anarquistas e a morte do escritor filipino pró-independência José Rizal. Algumas semanas mais tarde, foi publicada uma carta de um dos deportados das

⁴⁶ SEOANE SUEIRO, Susana, Anarquismo e independentismo cubano: las figuras olvidadas de Enrique Roig, Enrique Creci y Pedro Esteve, *Historia Contemporánea*, n. 30, p. 97–120, 2018. CASANOVAS CODINA, Joan, **¡O pan, o plomo!: los trabajadores urbanos y el colonialismo español en Cuba, 1850-1898**, Madrid: Siglo Veintiuno, 2000.

⁴⁷ ANDERSON, **Under three flags**. Este estudio trata sobre las relaciones entre el filipino José Rizal y Fernando Tarrida de Mármol, pero también de muchos anarquistas catalanes, cubanos y puertorriqueños.

⁴⁸ JINESTA, Carlos, **José Martí en Costa Rica**, San José: Librería Alsina, 1933; AGUILERA, Ulises Delgado, **Maceo en Costa Rica**, San José: Imp. Nacional, 1969.

⁴⁹ *El Pabellón Cubano*, San José, 30 de setembro de 1897, p. 2.

Ilhas Chafarinas, colônia espanhola ao largo do litoral de Marrocos, onde se encontravam vários anarquistas de Barcelona e combatentes da independência cubana. Em janeiro de 1898, foi encontrado o último artigo relacionado com os anarquistas, com um texto do geógrafo Eliseo Reclus a favor da independência cubana e contra o império espanhol⁵⁰.

Os artigos citados mostram como a realidade da repressão uniu espanhóis e cubanos que sofreram a repressão do mesmo regime. Portanto, se não podemos dizer que os leitores do *El Pabellón* cubano eram anarquistas, algumas ações de anarquistas como Tarrida de Mármol e Angiolillo foram tratadas com simpatia pelos editores do jornal⁵¹. A análise da recepção dessa notícia nos clubes pró-independência poderia fornecer outros elementos para rastrear essas relações. Testemunhos posteriores de alguns anarquistas na Costa Rica falam da importância dos trabalhadores cubanos e espanhóis na difusão dessas ideias entre padeiros, sapateiros e tipógrafos nos anos de 1890⁵².

Alguns historiadores sugeriram essa influência através do professor cubano Antonio Zambrana, que lecionou direito na Costa Rica entre 1891 e 1911. Segundo testemunhos da época, Zambrana usou os textos de autores anarquistas em suas salas de aulas. Em uma de suas pesquisas sobre a administração no Estado, ele aponta o melhor modelo organizacional como “anarquia científica”, que visa reduzir o governo ao mínimo possível, a fim de alcançar o progresso social e manter o equilíbrio das forças sociais. Nesse estudo, o autor deixa clara a diferença entre o caráter racional e científico da anarquia como organização da vida política e o anarquismo de ação como propagador da violência⁵³.

Embora não encontremos grupos anarquistas nos países da América Central na segunda metade do século XIX, mostramos como, através do estudo da imigração europeia e da imprensa, podemos encontrar canais para a difusão do anarquismo nessa região. Através desses canais podemos reconstruir a mobilidade das pessoas, o intercâmbio de publicações e a divulgação de notícias que tiveram lugar de ambos os lados do Atlântico. Ao mesmo tempo, essas trocas nos mostram outras vias de difusão estabelecidas em várias partes dos Estados Unidos e de Cuba. Nesse sentido, Nova Iorque e Havana foram pontos estratégicos para

⁵⁰ *El Pabellón Cubano*, San José, 10 de outubro de 1897, p. 3; 14 de novembro de 1897, p. 1; 28 de novembro de 1897, p. 2; 23 de janeiro de 1898, p. 3.

⁵¹ Esse anarquista e professor de matemática estava encarregado da seção científica da *Revista Blanca*, de Barcelona, onde publicou várias crônicas sobre geologia, botânica e arqueologia da América Central. *Revista Blanca, Barcelona*, 15 de junho de 1902, p. 756, 15 de setembro de 1902, p. 187; 15 de novembro de 1902, p. 319, 15 de junho de 1904, pág. 752.

⁵² *La Continental Obrera*, Buenos Aires, agosto de 1930, p. 14-16; *La Protesta*, Buenos Aires, 18 de janeiro de 1927, p. 3; 19 de janeiro de 1927, p. 3.

⁵³ ZAMBRANA Y VAZQUEZ, Antonio, **La administracion**, San José: Tipografia nacional, 1897, p. 88-90.

conectar regiões do istmo centro-americano através da migração de mão de obra, exílio e movimentos de solidariedade. A análise das subscrições da imprensa provou ser um meio útil para identificar o público-alvo do anarquismo, que incluía a classe trabalhadora e os setores relacionados ao mundo da ciência e da literatura.

O outro circuito de recepção foi estabelecido através de uma identificação negativa, estabelecida na imprensa comercial, que noticiou sobre ataques terroristas contra autoridades políticas. Na América Central, essas notícias de acontecimentos no continente europeu foram geralmente usadas para desenvolver paralelos entre os dois continentes, a fim de interpretar a realidade local. Culpar o anarquismo pela oposição política, pelas reformas educacionais e pela difusão da literatura científica foram algumas das questões debatidas na região. No que se segue, estudaremos esse fenômeno com base nas noções de pânico e de fascínio que o anarquismo gerou em vários setores da sociedade.

2.2 Anarcofobia e pânico moral

Na década de 1890, a quantidade de informações disponíveis na imprensa sobre o anarquismo nos países da América Central aumentou significativamente. A maioria desses jornais se concentrou na publicação de notícias sobre ataques terroristas e assassinatos políticos na Rússia e na Europa. A relação entre essas ações violentas e o anarquismo foi construída de várias maneiras: 1) A autoidentificação dos atores dos ataques como anarquistas; 2) O uso da filosofia anarquista como estrutura para justificar as ações violentas; 3) A simpatia dos grupos anarquistas por alguns dos ataques e a ampla cobertura internacional desses eventos pela imprensa comercial. Essa tática de luta foi chamada de “propaganda pelo feito”.

Na historiografia sobre o assunto, são mencionados vários fatores interligados que explicam esse conceito. Tem a ver com a prática terrorista de grupos revolucionários russos, para os quais o uso da violência se destinava a criar terror entre as elites do Império e simpatia entre as classes populares através de ações clandestinas contra figuras de autoridade. Essa campanha atingiu seu objetivo em 1881, com o assassinato do czar Alexandre II. A unidade básica dessa prática era o grupo revolucionário clandestino. Essa forma de organização foi amplamente praticada e defendida pelo revolucionário russo Mikhail Bakunin. Tomando como referência as ideias do francês Louis Blanqui, dos nihilistas russos e das formas associativas da maçonaria, Bakunin popularizou essa prática, tentando agrupar seus companheiros e influenciar a orientação da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT). Essa estratégia tornou-se a

base da Aliança Internacional da Democracia Socialista (1868–1872), reunindo militantes da AIT com afinidades federalistas e antiestatistas⁵⁴.

A conjugação entre o dualismo organizacional (organização política clandestina e organização pública de massa) proposto por Bakunin e a prática das seções italiana e espanhola da AIT são os principais ingredientes para a formação da tática de propaganda por ação. Para o caso italiano, o revolucionário Carlos Cafiero (1846–1892), Andrea Costa (1851–1910) e Errico Malatesta (1853–1932) foram atores-chave na promoção de todos os meios possíveis para encorajar revoltas populares como formas de prática revolucionária que poderiam espalhar o fervor revolucionário e a prática insurrecional. Enquanto, nessa concepção, a propaganda incluía o exemplo pessoal de militância, literatura impressa, debates públicos e educação ideológica, os revolucionários italianos pensavam que os eventos práticos de rebelião poderiam ser um instrumento pedagógico mais eficaz e rápido⁵⁵.

No caso espanhol, os grupos da AIT localizados na região sul da Andaluzia difundiram essa concepção ampla de propaganda, seguindo as insurreições e as insurreições camponesas. Através da Federação do Jura, na Suíça, essa concepção ganhou força nos grupos federalistas, que, após a divisão da AIT e a expulsão de Bakunin, começaram a se tornar o foco principal da organização dos anarquistas a partir de 1872. O último elemento dessa construção são os seguintes congressos anarquistas, onde a propaganda será amplamente discutida, especialmente em Londres, em 1881. Usando as frases de Peter Kropotkin promulgadas nesse evento em favor do uso de todos os meios de divulgação, inclusive ilegais, para causar revolução, foi construída a ideia de que o anarquismo internacional passaria agora ao uso dessa tática como a principal via de ação⁵⁶.

Em suma, a propaganda pelo feito faz parte do repertório histórico do anarquismo, que contempla ações espetaculares, entre as quais podem incluir atos violentos, mas não necessariamente como instrumentos de propaganda e de educação popular. Nesse sentido, não pode ser reduzido ao conceito de terrorismo, apesar do diálogo com ele. O objetivo principal é conseguir o contágio, a difusão e a comunicação de uma mensagem de fácil compreensão, bem como promover a personalidade do executor de uma ação. Embora não tenha sido necessariamente esse o caso, é preciso reconhecer que em muitas circunstâncias os ataques

⁵⁴ AVILÉS FARRÉ, Juan, Bakunin y sus organizaciones revolucionarias en la sombra, n. 15, p. 21–40, 2013, p. 22.

⁵⁵ MARINI, Gualtiero, **Revolução, anarquia e comunismo: às origens do socialismo internacionalista italiano (1871-1876)**, Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2017, p. 332–340.

⁵⁶ BANTMAN, Constance, The Era of Propaganda by the Deed, in: **The Palgrave Handbook of anarchism**, London: Palgrave Macmillan, 2018, p. 371–387.

foram ações de protesto e de vingança por crimes contra o movimento operário. Segundo Luigi Fabbri, a confusão entre crime político e anarquismo fazia parte de uma construção histórica onde escritores, a imprensa burguesa, agentes do Estado e os próprios anarquistas participaram, reduzindo as táticas revolucionárias a simples ações performativas e a um verbalismo violento. Segundo ele, para evitar essas “influências burguesas” sobre o anarquismo, deve-se distinguir o uso da violência como tática revolucionária e da linguagem violenta como recurso de propaganda para mobilização e ação⁵⁷. No entanto, apesar de todas essas considerações, o fato é que no decorrer dos acontecimentos foi muito difícil desenvolver essas diferenciações, como mostrarei a seguir.

2.2.1 Conexões inesperadas: tentativas anarquistas na política centro-americana

Nesse contexto marcado pelo pânico terrorista, a imprensa centro-americana lidou com notícias vindas do exterior de diferentes maneiras, tentando criar vínculos com eventos locais que apontariam para uma multiplicidade de “tentativas anarquistas” que abalariam os fundamentos da sociedade moderna e do direito internacional. Optamos por trabalhar com informações de três jornais de grande circulação, como *La Prensa Libre* (Costa Rica, liberal), *El Diario de Centroamérica* (Guatemala, liberal) e *La Estrella de Panamá* (conservador), a fim de obtermos uma visão geral regional do assunto.

Entre 1892 e 1894, os ataques às autoridades políticas e aos membros da burguesia se multiplicaram na França, constituindo um círculo de intensa violência que sacudiu a cidade de Paris e ecoou em todo o mundo. Durante esse tempo, as manifestações populares em busca de melhores salários e ritmos de trabalho foram constantes, terminando geralmente em confrontos de rua, nos quais a polícia e o exército mataram os manifestantes.

Em resposta à repressão, François Claudius Koëningstein, mais conhecido como “Ravachol”, decidiu atacar vários juízes e policiais com dinamite, até ser preso e condenado à morte por guilhotina, em julho de 1892. Conhecido por sua apologia do roubo e do confronto direto com os ricos, sua execução fez dele um mártir para os pobres que, embora não se identificassem necessariamente com a ideologia anarquista que ele usava para justificar suas ações, o viam como um símbolo próprio em sua luta contra a burguesia⁵⁸.

⁵⁷ FABBRI, Luigi, **Influencias burguesas sobre el anarquismo**, París: Solidaridad Obrera, 1959, p. 16–34.

⁵⁸ NETTLAU, **La anarquía a través de los tiempos**, p. 263. Em 1893, o anarquista francês Sebastian Fauré escreveu uma canção chamada “La Ravachole”, em homenagem a este personagem, e cuja letra diz: “Na grande

Em resposta à execução de Ravachol, em 1893, Auguste Vaillant jogou uma bomba na Câmara dos Deputados em Paris, onde foi detido e posteriormente executado. O ciclo de vingança continuou com a tentativa de assassinato de Émile Henry, em fevereiro de 1894, contra um dos carrascos de Vaillant, e culminou em junho de 1894 com o assassinato do primeiro-ministro francês François Sadi Carnot pelo jovem Jérôme Caserio. Todos eles foram condenados à morte e seus discursos no tribunal ficaram famosos, pois foram reproduzidos na íntegra na imprensa, que acompanhou os acontecimentos com uma mistura de horror, morbidez e encanto.

Na Costa Rica, a cobertura do assassinato de Carnot recebeu atenção especial, pois alguns meses após sua execução, um complô contra o Presidente Rafael Yglesias foi neutralizado durante o desfile militar que comemorava a independência da Espanha, em 15 de setembro de 1894. Segundo *El Anunciador Costarricense*, o ataque foi motivado pela derrota eleitoral de membros do Partido Democrata Independiente, de quem foram apreendidas armas e dinamite. Dadas essas circunstâncias, o jornal acusou os opositores de Yglesias de agirem “à maneira dos anarquistas”, ameaçando a tranquilidade pública para ocupar os mais altos cargos da administração. Nessa linha, o ataque visava consolidar um golpe de Estado, eliminando o chefe do poder executivo⁵⁹.

Nas notícias publicadas pelo jornal *La Prensa Libre* alguns dias após o ataque, o ato foi condenado por não estar adaptado às condições sociais do país e por não ser um verdadeiro instrumento de mudança política. Segundo o jornal, o assassinato político era típico de países onde “o desequilíbrio social abriu profundas divisões na sociedade, onde as doutrinas anarquistas têm, se não justificação, pelo menos uma razão de ser”⁶⁰. Dado que, na Costa Rica, havia liberdade de imprensa e uma sociedade supostamente mais coesa, era estranho que acontecimentos semelhantes aos da França se desenvolvessem, observou o jornal.

Após os acontecimentos em Paris, foi publicado o discurso do senhor Caserio perante a justiça, em que ele é apresentado como uma criança desanimada e triste. Sua execução e seu enterro no cemitério são descritos com grandes detalhes, enquanto se discutem os efeitos de sua morte sobre a família do jovem anarquista⁶¹. Em sucessivos relatórios, uma linha

cidade de Paris; Na grande cidade de Paris; Há burgueses bem alimentados; há burgueses bem alimentados; há infelizes; com o estômago vazio; estes têm fome; viva o som, viva o som; estes têm fome; viva o som da explosão! Vamos dançar o Ravachole; Viva o som, viva o som; vamos dançar o Ravachole; Viva o som da explosão!”. Essas letras foram publicadas numa edição de 1894 do jornal *L'Almanach Du Pere Peinard*, editada por Emile Pouget.

⁵⁹ *El Anunciador Costarricense*, San José, 16 de setembro de 1894, p. 2.

⁶⁰ *La Prensa Libre*, San José, 18 de setembro de 1894, p. 2.

⁶¹ *La Prensa Libre*, San José, 19 de setembro de 1894, p. 3.

semelhante é seguida pela recriação de um quadro biográfico do Presidente Sardi Carnot, apresentado como uma pessoa bem equilibrada e orientada para a família⁶². Nos dias seguintes, o caso continuou a ocupar as páginas da imprensa, publicando partes da investigação lançada pela polícia francesa para dismantelar a rede de anarquistas alegadamente envolvidos na coordenação do ataque⁶³. O advogado Pedro Gori e o grupo de anarquistas com sede em Milão foram acusados sobretudo de serem as principais referências intelectuais de Caserio, embora seus perfis não se enquadrassem no perfil de um criminoso antissocial e se destacassem bastante como modestos trabalhadores⁶⁴.

Na avaliação que Miguel Eduardo Pardo faz do caso Caserio, o jovem ainda é retratado como uma vítima inocente, influenciada pelos “anarquistas teóricos” e atirado para a ação sem determinação explícita. Em comparação com os “anarquistas de ação” de Villant, Henry e Ravachol, que representavam bem a luta dos deserdados contra os ricos, Caserio seria um caso atípico, apesar de ter conseguido assassinar a mais alta autoridade governamental. O anarquismo nessa explicação seria então “um duelo até a morte, um duelo terrível entre aqueles cujas barrigas estão cheias e aqueles que estão famintos”⁶⁵.

Embora esses artigos não justifiquem o ataque político, eles desenvolvem uma explicação que compreende que certos contextos e determinadas condições sociais podem ajudar a compreender sua natureza. Sobre as formas de conter e reprimir o avanço do anarquismo em direção ao litoral americano, discute-se um artigo do criminólogo italiano César Lombroso, intitulado “Anarquia e seus heróis”. Ele analisa a ineficácia da pena de morte para punir crimes políticos, já que transforma seus executores em mártires, venerados pelo povo. Portanto, embora seja necessário utilizar a repressão, segundo Lombroso, “a medida mais radical e prática seria cobri-los de ridículo. Os mártires são venerados, mas não os loucos”⁶⁶. O trabalho do famoso criminólogo, que dedicou grande parte de seus estudos à tentativa de demonstrar que o perfil do anarquista é o de um louco levado ao crime por uma combinação de contexto desfavorável, desvios morais e desequilíbrios congênitos, foi orientado nesse sentido⁶⁷.

⁶² *La Prensa Libre*, San José, 20 de setembro de 1894, p. 2; 21 de setembro de 1894, p. 2.

⁶³ *La Prensa Libre*, San José, 26 de setembro de 1894, p. 2.

⁶⁴ *La Prensa Libre*, San José, 27 de setembro de 1894, p. 3.

⁶⁵ *La Prensa Libre*, San José, 29 de setembro de 1894, p. 2.

⁶⁶ *La Prensa Libre*, San José, 31 de outubro de 1894, p. 2.

⁶⁷ LOMBROSO, César; MELLA, Ricardo, **Los Anarquistas**, Barcelona: Jucar guate, 1978. Esse livro inclui o texto original de Lombroso com um estudo crítico do anarquista galego Ricardo Mella, que debate os postulados supostamente científicos do estudo do criminologista italiano.

Voltando ao ataque falido contra o presidente da Costa Rica, o relatório do inquérito aberto contra o acusado, apresentado no final de outubro de 1894, não mostrou nenhuma ligação direta entre esse evento e uma “tentativa anarquista”. A única prova material apresentada pela polícia foram doze bombas de dinamite encontradas na casa de um dos acusados, que “devido à sua construção e componentes não podem ser aplicadas a usos técnicos ou industriais, mas a um uso especial, como o que lhes foi dado por socialistas ou anarquistas”⁶⁸. Portanto, nesse caso, a relação construída com o anarquismo seria puramente contextual, tomando como referência ações similares realizadas com dinamite. Embora alguns anarquistas justificassem o uso de explosivos como um instrumento de luta, o uso de dinamite não se restringiu a eles.

O atentado político também não foi uma invenção anarquista, pois tem uma longa história na política. Mesmo no contexto costarricense, onde a imprensa e a polícia tentaram dar a esse tipo de ação um caráter “estrangeiro”, ela não era totalmente desconhecida na luta política. Em novembro de 1894, o editor do *La Prensa Libre*, Enrique Loinaz del Castillo, publicou um artigo criticando várias ações do governo espanhol contra o movimento independentista cubano, que uma parte da colônia espanhola residente na Costa Rica tomou como ofensa e planejou atacar o jornalista⁶⁹. Após deixar uma apresentação teatral na cidade de San José, um grupo de espanhóis tentou assassinar Loinaz e o general cubano Antonio Maceo, residente naquela cidade. O conflito resultou na morte do espanhol Isidro Incera, em vários feridos, entre os quais Maceo, e em um conflito diplomático entre a Costa Rica e a Espanha⁷⁰.

A Guatemala também foi atingida pelo trovão da dinamite parisiense, desta vez no contexto de uma manifestação de estudantes do Instituto Nacional Central, que destruíram a cerca na entrada do edifício, acusados de serem “revoltosos”. Conforme a explicação do jornal oficial *El Guatemalteco*, o protesto estudantil foi influenciado pela oposição política ao Presidente José María Reina Barrios, que usou os jovens estudantes para realizar suas ações desestabilizadoras. Segundo o jornal, esses opositores do progresso eram “os mesmos anarquistas que assassinaram Carnot, os mesmos fanáticos que mataram Cirilo Flores”⁷¹. O

⁶⁸ Archivo Nacional de Costa Rica (ANCR). SECRETARIA DE GUERRA Y MARINA, **Documentos relativos a las tentativas de asesinato contra la persona del señor Presidente de la República Rafael Yglesias Castro**, San José, Costa Rica: Tipografía Nacional, 1894, p. 189.

⁶⁹ *La Prensa Libre*, San José, 13 de novembro de 1894, p. 2.

⁷⁰ Archivo Histórico Nacional de España (AHN). Consulado de San José de Costa Rica, 1871-1910, H 2044, C. CONSUL DE ESPAÑA EN SAN JOSÉ, Correspondencia sobre la actividad de los separatistas cubanos en Costa Rica. 12 de novembro de 1894. Dado o conflito diplomático que se seguiu a esse evento, o dossiê é particularmente volumoso, compilando correspondência, artigos de imprensa, panfletos e relatórios sobre a atividade política dos cubanos estabelecidos na Costa Rica.

⁷¹ Refere-se possivelmente ao político liberal guatemalteco Cirilo Flores Estrada, morto num linchamento público na cidade de Quetzaltenango, em 1826.

principal meio de incitar os jovens a seguir o exemplo dos anarquistas foi a imprensa da oposição, que com seus ataques ao projeto de instrução pública do governo “decidiu sobre o crime, enganando jovens incautos e semeando em seus corações inocentes a semente pestilenta da insurreição e do anarquismo”⁷².

Neste caso, são usados argumentos muito semelhantes aos encontrados na Costa Rica, onde um acontecimento local, neste caso um protesto estudantil, é comparado ao ataque do senhor Caseiro ao presidente francês. Embora nenhuma das investigações sobre os acontecimentos tenha provado a presença de anarquistas nesse evento, sua relação com o anarquismo mostra que também na Cidade da Guatemala houve um tratamento do assunto influenciado pelos ataques na França.

Nos meses seguintes, o *El Diario de Centroamérica* fez uma importante cobertura dos acontecimentos em Paris, destacando os números de Vaillant e Santo Caserio. Essas notícias evidenciaram o perigo da disseminação da anarquia no mundo e o horror do ataque contra as autoridades⁷³. A essa análise foram acrescentadas as “crônicas parisienses”, do escritor guatemalteco Enrique Gómez Carrillo, que viveu na França. Seu primeiro texto foi dedicado à cobertura da morte de Ravachol, chamado “o apóstolo do socialismo moderno, o líder dos dinamitadores parisienses e o homem mais popular da França”⁷⁴. Sobre Émile Henry, ele diria ser “um pobre e nobre louco”, para se compadecer⁷⁵. Em sua análise, o guatemalteco segue a explicação do ciclo vingativo dos ataques e da conversão de seus executores em mártires incorporados ao imaginário coletivo popular.

Em seus textos seguintes, Gómez Carrillo complementa a análise do fenômeno terrorista e do grande impacto que ele está tendo sobre o mundo. Segundo ele, o anarquismo é um sintoma das mudanças do mundo moderno, em que essa ideologia representa os ideais da juventude que procuram superar os grandes desequilíbrios introduzidos pelos avanços técnicos do século XIX. A filosofia anarquista conseguiu influenciar concretamente essas mudanças, a começar pelos textos de Peter Kropotkin e Eliseo Reclus como as figuras mais proeminentes. Seguindo esse exemplo, os mais jovens poderiam tornar-se mártires, pois estariam convencidos

⁷² *El Guatemalteco*, Ciudad de Guatemala, 12 de julho de 1894, p. 413.

⁷³ *El Diario de Centroamérica*, Ciudad de Guatemala, 9 de fevereiro de 1894, p. 1; 9 de março de 1894, p. 1 10 de março de 1894, p. 1.

⁷⁴ Todos os textos de Gómez Carrillo publicados no *El Diario de Centroamérica* sobre anarquistas são extraídos da seguinte compilação de sua obra BARRIOS Y BARRIOS, Catalina, **Enrique Gómez Carrillo en el periodismo guatemalteco del siglo XIX**, Ciudad de Guatemala: Editorial Oscar de León Palacios, 2009, p. 143. O historiador guatemalteco Omar Lucas Monteflores tornou possível o acesso a esse documento.

⁷⁵ *Ibid.*, p. 257.

de que suas ideias viveriam através de suas ações de protesto⁷⁶. Isso é demonstrado pelas execuções sangrentas de Ravachol, Villant, Henry e Caserio, onde a repressão alimentou bastante o ciclo de vingança.

Embora nem todos os jovens seguissem o curso da ação, uma parte significativa deles foi seduzida pelo ideal de revolução social do anarquismo. Segundo Gómez Carrillo, em Paris uma grande maioria do mundo literário e boêmio bebia da imaginação anarquista. Mesmo que essa identificação fosse puramente estética, falava para o poeta que se sentia marginal dos grandes cânones da literatura, ou ao jovem proletário que queria se dedicar à escrita, mas que morreria de fome se deixasse de trabalhar⁷⁷. Embora o escritor guatemalteco fizesse parte da juventude que ele mesmo descreve, tendo 21 anos em 1894, ele deixou clara sua filiação burguesa e sua visão distante do curso da revolução social. Em sua crônica de 1º de maio em Paris, diz ele:

Hoje é o dia dos pobres, dos sem-teto, dos “desempregados”, dos famintos e dos revoltosos. Aqui no meu bairro costumam haver grandes manifestações populares em dias como o de hoje. Os trabalhadores dizem que, quando chegar a hora da justiça social, todos nós “burgueses ricos” seremos queimados vivos. Isso me faz acreditar que a hora da “justiça social” jamais chegará, porque como somos nós que temos a força e o medo, poderemos evitar que alguma vez passem de ameaças a atos. Eu não sou inimigo dos “descamisados”. Pelo contrário: gosto do gesto dos plebeus por sua violência e a palavra dos revoltosos me seduz pelo seu ardor.⁷⁸

Essa interpretação é interessante, pois mostra um fenômeno generalizado nos anos 1890 na França e em outros países, chamado de “anarquismo literário”⁷⁹. Esse foi um movimento estético e político que encontrou inspiração na linguagem revolucionária do

⁷⁶ *Ibid.*, p. 147–148.

⁷⁷ Uma fonte privilegiada para estudar essas ligações entre o anarquismo e o mundo literário francês é o suplemento literário semanal publicado pelo jornal comunista-anarquista *Les Temps Nouveaux*. O suplemento consistia de oito páginas, publicado sem interrupção, entre 1895 e 1914. Sua coleção completa pode ser consultada através do site <https://catalog.hathitrust.org/Record/100696502>.

⁷⁸ BARRIOS Y BARRIOS, **Enrique Gómez Carrillo**, p. 266.

⁷⁹ No caso espanhol, o escritor José Martínez Ruiz, conhecido como “Azorín”, escreveu um texto onde analisava esse fenômeno, definindo o anarquista com base no estudo de Félix Dubois “Le Peril Anarchiste” como: “um homem dotado do espírito de independência em uma ou muitas de suas formas, animado por um grande amor à liberdade e possuidor de uma grande curiosidade, um desejo vivo de conhecer. Em suma, ‘um indivíduo combativo, independente, individualista, altruísta, lógico, que busca a justiça, observador, propagandista’. Esse perfil relacionado ao mundo da criação artística criaria o anarquismo literário como um movimento independente ‘... alheio a todos os cânones, desligado de falsos respeitos e de convencionalismos infantis; escritores honestos com a coragem de escrever o que sentem e como o sentem, sem estarem presos a tradições ridículas ou temendo os raios vingadores de falsos deuses”. MARTÍNEZ RUIZ, José, **Anarquistas literarios: notas sobre literatura española**, Madrid: Librería de Fernando Re, 1895, p. 7–9.

anarquismo e nas ações do movimento operário. Foi especialmente por um fascínio pela violência e pelos ataques que pessoas como Ravachol, Henry, Vaillant e Caserio se tornaram personagens de romances, contos, poemas, pinturas e peças teatrais. Embora houvesse também muitas nuances nessa área, onde os próprios anarquistas também cultivavam a expressão artística para entender o mundo e motivar seus leitores a mudá-lo, a “simpatia pelos plebeus” marcou um fenômeno importante que se entrelaça com a história do próprio movimento anarquista⁸⁰.

Em sua última crônica, Gómez Carrillo desenvolve uma análise para compreender a psicologia do anarquista. Segundo o guatemalteco, o anarquismo pode ser entendido como um “estado da alma contemporânea”, marcado por duas tendências principais: o campo ativo e o cerebral. A primeira está ligada às ações terroristas, que parecem ser “uma planície distante e estéril”, enquanto a segunda merece maior preocupação e estudo. O anarquismo cerebral é representado pelo “exaltado e meditativo filósofo”, que pode influenciar de uma maneira mais permanente e profunda. Esse perfil é o da redação do jornal *Le Revolté*, como Reclus, Kropotkin e Jean Grave, com grande influência sobre o movimento operário e o mundo literário. Estes últimos são os que devem ser tratados psicologicamente, pois conseguem precipitar anarquistas simples e pouco instruídos em ações sem sentido⁸¹.

Quanto aos meios de repressão e de contenção do anarquismo, a imprensa desempenhou um papel importante na promoção de um clima de pânico. O jornal *La Estrella de Panamá* publicava constantemente notícias de supostas “tentativas anarquistas”, inclusive de ações tão diversas como protestos, tentativas de golpe de Estado e conspirações militares⁸². Com base no caso do assassinato do Presidente Carnot, o jornal tomou uma posição muito mais dura do que as analisadas acima. Segundo ele, o ataque do senhor Caserio não podia ser desculpado por loucura ou juventude, e teve que ser reprimido da maneira mais dura possível. Da mesma forma, considerando o anarquismo um comportamento antissocial, negou-lhe a condição de doutrina política, de modo que seus proponentes tiveram que ser excluídos de qualquer garantia legal. Essa análise foi ainda mais profunda, apontando o secularismo e as reformas liberais como responsáveis pela falta de moral entre o povo e pelos excessos da imprensa. Especificamente, foi proposto combater o anarquismo através de três mecanismos:

⁸⁰ EISENZWEIG, Uri, **Ficciones del anarquismo**, Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2004.

⁸¹ BARRIOS Y BARRIOS, **Enrique Gómez Carrillo**, p. 296–298.

⁸² *La Estrella de Panamá*, Ciudad de Panamá, 18 de abril de 1894, p. 6.

1) o uso da força; 2) a destruição do secularismo; e 3) a moralização do povo através da religião católica⁸³.

Até agora é evidente que as consequências das bombas que sacudiram a cidade de Paris em 1894 foram muito além das fronteiras francesas, tornando-se uma “ficção” usada para interpretar acontecimentos de natureza muito diferente nos países da América Central. Através da análise dos jornais da Guatemala, da Costa Rica e do Panamá, mostramos como o anarquismo se tornou um fenômeno de grande alcance para compreender o curso da modernidade no final do século XIX. Em particular, a ação terrorista e a linguagem da violência tornaram-se instrumentos para desacreditar a oposição política e explicar comportamentos considerados anômalos. O crime político, o protesto social e o laicismo estavam entre esses fenômenos considerados como “tentativas anarquistas”, aludindo ao novo espectro moderno do “anarquista”.

Que essa relação se criara através da França não é coincidência. Embora seja verdade que os anarquistas eram reais naquele país e o movimento anarquista tivesse sido uma dor de cabeça para as autoridades governamentais durante décadas, havia um consenso de que o ataque era compreensível, se não justificável, no contexto polarizado daquele país. No entanto, é interessante como essa explicação se expande para o contexto centro-americano para eventos onde a existência real de anarquistas nunca foi comprovada. Isso se deve em parte ao fato de que, nesse contexto, a França ainda era o modelo de uma “república civilizada” a ser imitado, com um grande impacto sobre o mundo cultural e diplomático, de modo que o consumo dessa notícia era um sinal de modernidade⁸⁴.

2.2.2 As bombas contra Manuel Estrada Cabrera na Guatemala

Entre 1907 e 1908, o Presidente da Guatemala, Manuel Estrada Cabrera, sofreu dois atentados contra sua vida⁸⁵. Como em 1894, ambos os acontecimentos foram tratados pela

⁸³ *La Estrella de Panamá*, Ciudad de Panamá, 9 de agosto de 1894, p. 1.

⁸⁴ KIRKPATRICK, Michael D., *Phantoms of modernity: the 1894 anarchist furor in the making of modern Guatemala City*, *Urban History*, v. 44, n. 2, p. 231–252, 2017.

⁸⁵ Após a morte do presidente da Guatemala José María Reina Barrios, Manuel Estrada Cabrera tomou posse em 1898 e conseguiu se manter até 1920, quando foi derrubado pelo Partido Unionista. Conhecido por seu estilo autoritário de governo, ele restringiu a liberdade de imprensa e manteve uma polícia secreta que vigiava de perto seus adversários políticos. Ao longo de seus sucessivos mandatos, ele sofreu várias tentativas de golpe de Estado e de assassinato. Dadas essas circunstâncias, o presidente desenvolveu um sistema de inteligência coordenado pessoalmente a partir de sua casa e nas mãos de seu filho. Ele estava encarregado de centralizar todos os telegramas e toda a correspondência que chegavam através de sua rede de informantes localizados em instituições-chave,

imprensa como “tentativas anarquistas”, nas quais o ato estava relacionado ao anarquismo, especialmente o uso de bombas de dinamite. Embora em nenhuma das duas tentativas de assassinato tenha sido possível verificar uma ligação direta com o anarquismo, seu tratamento seguiu o padrão descrito anteriormente neste texto, onde o conceito de anarquismo foi usado para desacreditar os atos dos opositores políticos. A particularidade desses acontecimentos, especialmente o primeiro ataque, em 1907, é que eles desencadearam um conflito diplomático internacional envolvendo vários governos europeus e do México, coberto pela imprensa anarquista que acompanhou de perto as ações repressivas do governo guatemalteco.

No dia 29 de abril de 1907, enquanto Estrada Cabrera viajava em sua carruagem acompanhado de seu filho, do chofer e do chefe de seu gabinete, uma bomba foi detonada e matou seu cocheiro⁸⁶. A reação da Assembleia Legislativa foi condenar o acontecimento e saudar o “Benemérito de la Pátria” por escapar ileso do ataque criminoso⁸⁷. Na legislatura, foi discutida uma proposta para construir um “Asilo Internacional dos Trabalhadores” através do Ministério do Fomento, para ajudar os industriais que precisavam da ajuda do Estado, precisamente no terreno próximo ao local onde o ataque foi perpetrado⁸⁸. Essa medida foi uma forma de demonstrar as qualidades supostamente modernizadoras e solidárias do governo, num contexto de alto conflito, como o que envolveu o ataque.

Os autores da ação foram quatro guatemaltecos – um advogado, dois médicos e um engenheiro – que conseguiram escapar por algumas semanas e depois foram presos graças a um policial infiltrado. Durante os interrogatórios, foi reconstruída uma suposta rede de colaboração na preparação do ataque, que incluía um grande número de opositores políticos, entre os quais se encontravam mexicanos, italianos e espanhóis. A decisão de Estrada Cabrera foi condenar à morte os culpados e manter os demais presos, os quais, segundo testemunhos recolhidos pelos cônsules de vários governos, foram torturados. O curso dos acontecimentos desencadeou uma crise diplomática, uma vez que a severidade das sentenças contra residentes estrangeiros mobilizou os cônsules da Bélgica e da Alemanha para conduzirem um apelo de clemência⁸⁹.

como a polícia, o Ministério das Relações Exteriores, a sede do departamento, o exército e os consulados guatemaltecos no exterior. PÉREZ, Juan Francisco, **La Inteligencia de Estado abre y cierra El siglo XX en Guatemala: Análisis de las formas y el sistema de inteligencia durante los regímenes de Manuel Estrada Cabrera (1898-1920) y Militar Contrainsurgente (1960-1996)**, Licenciatura en Historia, Universidad San Carlos de Guatemala, Ciudad de Guatemala, 2007, p. 41–45.

⁸⁶ *El Guatemalteco*, Ciudad de Guatemala, 29 de abril de 1907, p. 13.

⁸⁷ *El Guatemalteco*, Ciudad de Guatemala, 27 de maio de 1907, p. 353.

⁸⁸ *El Guatemalteco*, Ciudad de Guatemala, 29 de maio de 1907, p. 21.

⁸⁹ AHNE LEGACIÓN DE ESPAÑA EN CENTROAMÉRICA, Gobierno guatemalteco con motivo de exposición de Cuerpo diplomático pidiendo indulto a autores atentado Presidente, p. 7–15. 1 de junho de 1907.

Com outros cônsules residentes na Guatemala, o pedido foi enviado ao Supremo Tribunal de Justiça da Guatemala e incluía onze réus condenados à morte por estarem supostamente envolvidos no ataque contra Estrada Cabrera. A respeito dessa ação, o chefe da delegação espanhola expressou seu desacordo com a participação do cônsul na Guatemala, uma vez que a carta dirigida pelo representante da Alemanha não cumpriu todos os protocolos internacionais estabelecidos para esses casos. Em suas palavras:

esse ato é inspirado por um sentimento humanitário e pode ser considerado pessoal aos signatários, sentimento cuja delicadeza tenho o prazer de reconhecer, e considero muito digno, no entanto, de se referir àqueles que cometeram um ataque anarquista, condenado de maneira especial e severa por todas as nações.⁹⁰

Nessa interpretação, a clemência não deveria ser aplicada em casos de “ataques anarquistas”, que deveriam ser julgados com a pena máxima, como de fato foi o caso. A carta foi assinada pelos cônsules da Alemanha, da Espanha, da Itália, da Inglaterra, da Bélgica, da França e do México, mas não foi bem recebida pelo governo guatemalteco, que insistiu em aplicar a pena de morte à maioria dos que foram identificados como cúmplices⁹¹. No final, os autores do atentado cometeram suicídio, vários de seus colaboradores foram fuzilados e outros foram condenados a penas de prisão, como nos casos de um espanhol e de um italiano.

Na imprensa guatemalteca, a posição majoritária sobre o caso foi a de defender Estrada Cabrera e publicar cartas de apoio ao presidente. *El Diario de Centroamérica* seguiu a versão de que o ataque era um “ato anarquista” que visava perturbar a ordem pública e destruir o progresso que o governo vinha fazendo desde 1898⁹². A revista *La Locomotora* reproduziu informações do jornal oficial do governo *El Guatemalteco*, chamou o evento de “crime contra a pátria” e publicou um número especial com detalhes sobre o ataque⁹³. Dada a censura que prevaleceu no país com relação à imprensa, não é de se surpreender que ela tenha se alinhado tão naturalmente com o líder do Executivo, de modo que será necessário rever jornais internacionais para diferentes interpretações.

⁹⁰ *Ibid.*, p. 28.

⁹¹ *Ibid.*, p. 30–31.

⁹² LUCAS MONTEFLORES, Omar, **El anarquismo en Guatemala. El anarco sindicalismo en la ciudad de Guatemala, 1920-1932**, Licenciatura en Historia, Universidad San Carlos de Guatemala, Ciudad de Guatemala, 2011, p. 88–89.

⁹³ *La Locomotora*, Ciudad de Guatemala, 10 de maio de 1907.

No caso da Espanha, a informação veio através do cônsul da Guatemala, que assinou o pedido de clemência do acusado, inclusive de um espanhol. No final, sua sentença foi comutada para cinco anos de prisão. O jornal anarquista *Tierra y Libertad* comentou vários telegramas sobre o caso, nos quais ironizou o acontecimento e a crise diplomática que se seguiu⁹⁴. No México, o ataque recebeu mais cobertura, pois o evento desencadeou uma crise diplomática que levou quase a um confronto entre Porfirio Díaz e Estrada Cabrera. Acompanharei o caso através da imprensa do *Partido Liberal Mexicano* (PLM), publicada no exílio, nos Estados Unidos⁹⁵.

É bem conhecido que o PLM se tornou um dos atores mais radicais contra o regime de Díaz no início dos anos 1900. Liderado pelos irmãos Jesús, Ricardo e Enrique Flores Magón, o partido desenvolveu uma extensa campanha internacional de denúncia através de seu jornal *Regeneración*, com várias operações armadas planejadas a partir do exílio nos Estados Unidos. Nesse contexto, a Guatemala apareceu constantemente na imprensa dessa organização, dada a colaboração entre Díaz e Estrada Cabrera na perseguição de opositores políticos em ambos os países.

Em 1905, a Junta Organizadora do PLM lançou seu manifesto programático ao povo mexicano da cidade de Saint Louis, no Missouri, onde denunciava a prática da colaboração entre ditadores⁹⁶. O caso mais conhecido foi o do general guatemalteco Manuel Lisandro Barrillas, que estava no exílio no México desde 1904 e em 1906 tentou assassinar Estrada Cabrera por meio de uma expedição armada que foi tolerada pelo governo mexicano. Essa ação foi defendida por Ricardo Flores Magón, que observou no governante guatemalteco o protótipo do “sátrapa e tirano” que prevalecia na América Latina, e por isso considerou sua morte necessária na campanha insurgente desencadeada pelo partido naquela época⁹⁷.

⁹⁴ *Tierra y Libertad*, Barcelona, 6 de junho de 1907, p. 3; 12 de dezembro 1907, p. 4.

⁹⁵ A história desta organização é bem conhecida. Começou como um partido liberal de oposição ao governo de Porfirio Díaz, que promoveu eleições livres e democráticas e uma série de reformas sociais para o México. Com o passar dos anos, a organização tornou-se mais radical e tomou uma posição revolucionária, promovendo a luta armada para derrubar a ditadura. Em 1906, promoveu seu primeiro movimento insurrecional, que fracassou. Entre 1906 e 1909, a organização assumiu características doutrinárias mais próximas do anarco-comunismo, que abraçou como sua ideologia oficial em 1909. Apesar de realizar um programa revolucionário anarquista, a organização nunca abandonou seu nome de Partido Liberal, pelo qual foi criticada por parte do movimento libertário. Seus dirigentes mais importantes estavam organizados na Junta Organizadora e eram Ricardo e Enrique Flores Magón, Juan Sarabia, Antonio Villareal, Antonio Pio Araujo, Librado Rivera e Práxedes Guerrero. Seus jornais foram: *Hijo del Ahuizote*, *Revolución* e *Regeneración*. PARÉS, Javier Torres, **La revolución sin frontera: el Partido Liberal Mexicano y las relaciones entre el movimiento obrero de México y el de Estados Unidos, 1900-1923**, Ciudad de México: UNAM, 1990.

⁹⁶ *Regeneración*, San Luis, 30 de setembro de 1905, p. 1.

⁹⁷ *Regeneración*, Saint Louis, 15 de julho de 1906, p. 1.

O plano de Barrilla fracassou e ele teve que deixar a Guatemala mais uma vez. Em abril de 1907, ele foi assassinado pelos agentes de Estrada Cabrera na Cidade do México. A investigação desse fato apontou José María Lima, Ministro de Guerra da Guatemala, como o responsável, e o governo mexicano solicitou sua prisão. A resposta de Estrada Cabrera foi recusar a entrega de Lima, o que desencadeou um conflito que levou Porfirio Díaz a mobilizar tropas para a fronteira guatemalteca. O PLM interpretou esse acontecimento como uma cortina de fumaça que os dois ditadores estavam tentando vender para mobilizar sentimentos patrióticos e desviar a atenção das ações que estavam ocorrendo contra eles, tanto no México como na Guatemala⁹⁸.

Coerente com a posição de continuar a luta armada contra Díaz, a perspectiva do partido era contrária a qualquer guerra entre os povos, já que no final seriam os soldados recrutados nas classes populares que lutariam para perpetuar a tirania conjunta de seus respectivos governos⁹⁹. No final, o conflito não se escalou para um nível militar, mas uma intensa campanha de difamação foi mantida entre os dois países, com cada governante denunciando os excessos do outro. Esse falso maniqueísmo foi demonstrado no jornal *Revolución*, que criticou o assassinato dos cúmplices do ataque à Estrada Cabrera e a prisão ilegal de vários de seus parentes, inclusive mulheres e crianças. Dado que um dos acusados nesse evento era mexicano, assim como vários outros presos, a imprensa daquele país deu ampla cobertura aos acontecimentos¹⁰⁰. Questiona-se a hipótese de se o PLM estava de alguma maneira envolvido no atentado e relacionado com sua campanha insurgente em 1906.

No momento, as informações na imprensa do partido não são suficientes para dar uma resposta satisfatória. A correspondência de Ricardo Flores Magón sugere que esses eventos foram seguidos de perto pelos militantes da organização. Dada a perseguição desencadeada contra membros da Junta Organizadora por sua atividade insurgente, seus membros tiveram que se dispersar por vários locais. Um deles foi Antonio de Pío Araujo, um ativo organizador e editor do PLM de *Regeneración*, que fez uma viagem em 1907 para levantar fundos para a organização e fugir da prisão por seu papel na greve mineira de Cananea, no Estado de Sonora. Em carta a Ricardo, em maio de 1907, ele informa sobre uma reunião com o ministro guatemalteco Manuel María Miranda, na Cidade do México¹⁰¹.

⁹⁸ *Revolución*, Los Ángeles, 8 de junho de 1907, p. 2

⁹⁹ *Ibid.*, p. 3.

¹⁰⁰ *Revolución*, Los Ángeles, 13 de junho, p. 3; 15 de junho de 1907, p. 2.

¹⁰¹ DE PIO ARAUJO, Antonio, Señor Ricardo Flores Magón. 18 de maio de 1907.

<http://archivomagon.net/obras-completas/correspondencia-1899-1922/c-1907/cor174/>

Dado que a correspondência é infiltrada pelo governo mexicano, não são fornecidos mais detalhes. Alguns meses depois, na resposta de Ricardo, este volta a perguntar a Antonio sobre o conteúdo do encontro com o guatemalteco. Mais uma vez, nenhuma resposta concreta foi recebida. Na mesma carta, Flores Magón informa sobre a morte do general mexicano Francisco Ruiz Sandoval, na Cidade da Guatemala, com quem Araujo deveria se encontrar em Nova Orleans¹⁰².

Nenhum outro detalhe dessas reuniões é mencionado na correspondência dos meses seguintes, onde Ricardo e Araujo trocam informações sobre o caso contra o escritor Louis Bonafoux. Este último foi nomeado pelo PLM para apoiar sua campanha revolucionária internacional contra Porfirio Díaz na imprensa espanhola, onde Bonafoux publicou vários artigos no *El Heraldo de Madrid* apoiando o movimento insurgente no México. A resposta da imprensa ligada a Díaz caluniou o escritor, que teria sido pago por Estrada Cabrera para falar contra o governo mexicano. Nessa disputa, Ricardo pediu a Antonio Araujo que publicasse um artigo apoiando Bonafoux e negando essa suposta relação com o ditador guatemalteco¹⁰³.

Entre julho e dezembro, a correspondência entre os dois foi interrompida e só apareceu no início do último mês, quando vários camaradas no Texas solicitaram informações sobre o paradeiro de Araujo. De acordo com essa carta copiada pelo consulado mexicano, haviam chegado a eles rumores de que Antonio estava na América Central e possivelmente tinha sido baleado na Guatemala. Alguns dias depois, a notícia foi negada; no entanto, não se sabe ao certo se Antonio estava procurando apoio para a luta PLM na América Central¹⁰⁴.

Voltando aos contatos mencionados acima, o Ministro guatemalteco referido foi o General Girón Ruano, que era oficial militar no departamento de Petén e, anos mais tarde, foi colaborador de Augusto Sandino na Nicarágua. No caso de Ruiz Sandoval, este era um oficial militar mexicano que se juntou à oposição contra Porfirio Díaz e colaborou com os grupos armados do PLM. As atividades dessas duas figuras e suas relações precisam ser mais aprofundadas; contudo, o que podemos assinalar até agora é que o território centro-americano não estava totalmente desconectado das redes de colaboração do PLM. Seja como uma

¹⁰² FLORES MAGÓN, Ricardo, Señor Antonio de P. Araujo (San Antonio, Texas) 22 de junho de 1907. <http://archivomagon.net/obras-completas/correspondencia-1899-1922/c-1907/cor185/>

¹⁰³ *Ibid.* 31 de julho de 1907. <http://archivomagon.net/obras-completas/correspondencia-1899-1922/c-1907/cor253/>

¹⁰⁴ Archivo Histórico de la Secretaria de Relaciones Exteriores (AHSRE) CONSULADO DE MÉXICO EN SAINT LOUIS, La embajada de México en Washington y Consulados en Brownsville, Texas, Los Ángeles California, Saint Louis Missouri y Tucson, Arizona, informa y remite periódicos y correspondencia interceptada a los magonistas. 2 de dezembro de 1907. O acesso digital a essa correspondência foi possível graças ao apoio desinteressado do historiador mexicano Alejandro de la Torre, estudioso do anarquismo no México, no Instituto de Antropologia e História (INHA).

retaguarda, um refúgio ou um espaço de colaboração, os países da América Central tiveram uma presença importante nas notícias e nas reportagens da imprensa sobre o PLM.

Em suma, é evidente que havia uma posição no PLM a favor da tentativa de assassinato de Estrada Cabrera, cujas políticas autoritárias foram comparadas às de Porfirio Díaz. Essa posição foi justificada no contexto da campanha insurgente promovida pela organização para derrubar a ditadura no México, que tinha alianças importantes nas duas fronteiras do país. Embora a maioria da atividade do PLM tenha ocorrido na fronteira norte do país com os Estados Unidos, as informações que reunimos sugerem que também houve contatos relevantes na fronteira sul com a Guatemala. Dado que os dois países tinham fronteiras comuns e que seus dois ditadores estavam envolvidos em um conflito diplomático que tentava neutralizar e assassinar seus opositores políticos internos, a situação era favorável para aproximar os dois povos em suas reivindicações comuns.

Está também documentado que o fluxo de armas, dinheiro e combatentes entre a fronteira Guatemala/México era comum. Tanto os revolucionários mexicanos contra Porfirio Díaz como os opositores centro-americanos dos governos de Estrada Cabrera na Guatemala e Zelaya na Nicarágua passaram por esse espaço¹⁰⁵. O que não sabemos com certeza é se essa circulação e essa colaboração visavam um projeto político que pretendia uma revolução regional além das fronteiras do México e da América Central. O que é claro, no entanto, é que a política de alianças e apoio do PLM poderia ter perfeitamente incluído vários liberais centro-americanos que poderiam ter concordado com algumas das exigências da organização.

Em 1908, houve outro ataque contra Estrada Cabrera. Isso aconteceu durante a Semana Santa, quando vários cadetes e oficiais da Escola Politécnica planejaram aproveitar a procissão religiosa em frente à Casa Presidencial para apreender o presidente. No entanto, um informante de Estrada Cabrera relatou o plano antes de sua execução e os perpetradores foram presos e torturados. Algum tempo depois, durante uma recepção oficial, o cadete Víctor Manuel Vega atirou à queima-roupa em Estrada Cabrera, como vingança por seus camaradas presos, mas este escapou ileso.

As consequências desse novo ataque foram devastadoras. Estrada Cabrera ordenou o fuzilamento de toda a companhia a que pertencia o Cadete Vega e a destruição do prédio da escola militar. Em seu discurso, o presidente justificou suas duras ações com o fracasso de seu

¹⁰⁵ No governo mexicano, os acontecimentos armados que tiveram os governos centro-americanos envolvidos na reconstrução da República Federal foram acompanhados de perto. A extensa documentação nos arquivos diplomáticos mostra algumas dessas facetas do conflito. RODRÍGUEZ DE ITA, Guadalupe (Org.), **Guía del Archivo Guerras Centroamericanas 1827-1912**, México: Secretaría de Relaciones Exteriores, Dirección General del Acervo Histórico Diplomático. Instituto Mora, 1995.

“excesso de bondade” para regenerar seus detratores que faziam parte do mesmo círculo que havia tentado atentar contra sua vida um ano antes. Como depositário da autoridade e representante das instituições do país, o chefe do executivo exigiu uma punição severa dos “procedimentos anarquistas”¹⁰⁶. Seu discurso foi ecoado pelos outros ramos do governo, onde o Presidente da Assembleia Legislativa, o Secretário das Relações Exteriores e os embaixadores dos Estados Unidos, de El Salvador e do Chile falaram a seu favor¹⁰⁷.

A imprensa oficial destacou as obras de infraestrutura construídas pelo governo como as principais manifestações do progresso trazido para o país por Estrada Cabrera. Entre elas estavam a construção da ferrovia Interoceânica e a inauguração da rua “29 de abril”, em comemoração à data do ataque de 1907¹⁰⁸. Como, nesse caso, o plano partiu do próprio exército, as forças armadas foram submetidas a uma grande purga e suas consequências foram sentidas nos países vizinhos. Além disso, o fato de os cadetes terem sido escolhidos entre as famílias mais prestigiosas do país significou que a repressão e a vigilância foram dirigidas especialmente a esse setor¹⁰⁹.

A imprensa costarriquenha deu cobertura diferente ao ataque. No caso dos setores mais conservadores, destacou-se a interpretação do *El Orden Social*, um órgão de comunicação católico que reproduziu um artigo do jornal mexicano *El País*, que explicava o ataque a Estrada Cabrera como manifestação lógica do desenvolvimento do liberalismo nos países latino-americanos. Em suas palavras: “o liberalismo só precisa de seguidores de dura consequência lógica e de pouco tempo para a digestão intelectual, e os horrores do anarquismo aparecerão com toda a sua comitiva de aberrações”¹¹⁰. Segundo essa interpretação, como o liberalismo permite a rebelião contra instituições e autoridades estabelecidas, o assassinato era uma parte desse repertório usada pelos opositores políticos para atingir seus objetivos.

O artigo justifica essa observação referindo-se a passagens do livro “O Único e sua propriedade”, do alemão Max Stirner, que discute as falsidades do liberalismo e a necessidade de superá-lo como uma falsa doutrina de liberdade¹¹¹. A explicação de Stirner é, portanto, levada

¹⁰⁶ *El Guatemalteco*, Ciudad de Guatemala, 22 de abril de 1908, p. 169.

¹⁰⁷ *El Guatemalteco*, Ciudad de Guatemala, 27 de abril de 1908, p. 185; 28 de abril de 1908, p. 189; 2 de maio de 1908, p. 205; 12 de maio de 1908, p. 237.

¹⁰⁸ *El Guatemalteco*, Ciudad de Guatemala, 6 de abril de 1908, p. 121; 6 de junho de 1908, p. 329.

¹⁰⁹ PÉREZ, **La Inteligencia de Estado abre y cierra El siglo XX en Guatemala: Análisis de las formas y el sistema de inteligencia durante los regímenes de Manuel Estrada Cabrera (1898-1920) y Militar Contrainsurgente (1960-1996)**, p. 40.

¹¹⁰ *El Orden Social*, Heredia, 29 de maio de 1908, p. 1.

¹¹¹ Johann Kaspar Schmidt (1806-1856), conhecido por seu pseudônimo Max Stirner, era um filósofo alemão e membro dos círculos hegelianos de esquerda, conhecido por seu extremo individualismo exposto em sua obra “O Único e sua propriedade”. Ele influenciou Nietzsche e alguns anarquistas posteriores, embora nem todo o movimento libertário reconhecesse sua filosofia como parte do anarquismo. Na Costa Rica, suas obras fizeram

ao caso guatemalteco, para mostrar como um governo que afirma ser liberal, como o de Estrada Cabrera, pode criar as bases para sua própria destruição, introduzindo reformas que são um terreno fértil para o anarquismo, cuja manifestação mais tangível é o assassinato. Essa interpretação de uma parte do catolicismo fazia sentido em sua disputa mais ampla com vários políticos liberais da América Central que haviam secularizado algumas atividades religiosas e restringido o poder econômico da Igreja. Assim, era comum encontrar nessa imprensa católica ligações entre a maçonaria, o liberalismo e o anarquismo.

Por outro lado, a imprensa liberal costarriquenha deu cobertura ao ataque, enfatizando as consequências repressivas das ações de Estrada Cabrera. O jornal *La Información* advertiu sobre os métodos tirânicos usados para reprimir seus opositores, inclusive membros significativos de famílias no poder, como foi o caso do Dr. Julio Herrera, filho de um político importante durante o governo de Rufino Barrios¹¹². Esse órgão de imprensa também deu ampla cobertura ao testemunho do nicaraguense Pedro Fornos Díaz, que havia solicitado o apoio de Estrada Cabrera para iniciar um movimento armado contra José Santos Zelaya na Nicarágua. Desconfiado de Fornos, Estrada Cabrera criou uma extensa investigação que decifrou um cabo escrito pelos espiões de Zelaya para desacreditar o advogado, que acabou sendo preso na Penitenciária Central da Guatemala¹¹³.

Liberado alguns meses depois, Fornos Díaz viajou para a Costa Rica, onde iniciou uma intensa campanha contra o regime guatemalteco. Em uma das entrevistas que lhe foi concedida, o nicaraguense falou sobre o caso do italiano Juan Vinelli, preso na Penitenciária Central da Guatemala desde 1907, e que teria escrito ao corpo diplomático europeu estabelecido naquele país para mobilizar a opinião internacional em favor dos presos políticos. Preso em celas contínuas, Fornos Díaz pôde testemunhar as práticas de tortura e de envenenamento que ocorreram com os presos, que foram então apresentados como vítimas de suicídio. Foi o caso de Vinelli, que Fornos conheceu pessoalmente e em nome de quem empreendeu uma campanha internacional para ajudar sua família a deixar a Guatemala¹¹⁴.

Na Costa Rica, essa campanha foi retomada por uma comissão de italianos residentes no país, que formaram uma comissão que publicou um texto explicando o caso e

parte do catálogo da Librería Española, no início do século XX, e influenciaram a prática da Federação Internacional Individualista do Panamá entre 1912 e 1914, cujo jornal oficial foi chamado “El Único”.

¹¹² *La Información*, San José, 27 de setembro de 1908, p. 2

¹¹³ PÉREZ, **La Inteligencia de Estado abre y cierra El siglo XX en Guatemala: Análisis de las formas y el sistema de inteligencia durante los regímenes de Manuel Estrada Cabrera (1898-1920) y Militar Contrainsurgente (1960-1996)**, p. 58–59.

¹¹⁴ *La Información*, San José, 30 de setembro de 1908, p. 2.

solicitando a coleta de fundos para apoiar a família de Giovanni Vinelli no pagamento de uma investigação independente. A petição foi escrita em italiano e espanhol, acompanhada pelo artigo de Fornos Díaz publicado no jornal *La Información*. Embora não tenhamos encontrado mais informações sobre Vinelli e suas possíveis ligações com grupos de oposição a Estrada Cabrera, é interessante que chegamos a esse caso precisamente através dos documentos do historiador anarquista Max Nettleau. Em sua coleção pessoal, encontram-se os originais da petição escrita a favor de Vinelli e enviada às comunidades italianas em várias partes do mundo¹¹⁵.

Não sabemos se esses documentos foram enviados diretamente da Costa Rica para Nettleau, mas este estava provavelmente interessado no caso, dado que o ataque a Estrada Cabrera foi vendido como uma “tentativa anarquista”. Do mesmo modo, era comum encontrar na imprensa da época que qualquer ataque a um Presidente seria identificado como anarquista, como se essa doutrina pudesse ser reduzida a assassinato. Devemos, portanto, o acesso a essa documentação a Nettleau, que também estava encarregado de armazenar os jornais e as revistas guatemaltecas que cobriam os diversos ataques contra Estrada Cabrera. Segundo Nettleau, essas publicações entraram em sua posse através do sistema de intercâmbio mantido pelo jornal anarquista *Les Temps Nouveaux*¹¹⁶.

Embora não tenha sido possível provar a presença de anarquistas em nenhuma das tentativas de assassinato de Estrada Cabrera, é certo que esses acontecimentos estavam ligados ao mundo libertário através da prática do assassinato, que desde os anos 1890 era atribuída como a principal característica do anarquismo¹¹⁷. O conceito também foi amplamente utilizado no mundo da política para desacreditar a oposição, criticar as reformas educacionais e combater os opositores. Esse contexto regional, relacionado aos acontecimentos na Europa, levou a um pânico moral que funcionou como o principal instrumento para a elaboração de leis, decretos, tratados e convenções internacionais que pretendem combater o anarquismo. Dessa maneira, essa doutrina tornou-se legalmente proibida e perseguida internacionalmente, com base numa concepção que, como temos demonstrado, foi muito além do próprio movimento anarquista.

¹¹⁵ **IIHS**, Max Nettleau Papers, Central and South America, Other countries, Costa Rica 1908, 3403.

¹¹⁶ As publicações guatemaltecas da coleção de Nettleau são *La Locomotora* (1907), *La Educación Moderna* (1909) e *El Heraldo* (1910). O carimbo do *Les Temps Nouveaux* nos originais dessas publicações prova o que Nettleau disse em uma de suas pesquisas. NETTLAU, Contribución a la bibliografía anarquista de la América Latina hasta 1914, p. 30.

¹¹⁷ Outro exemplo desses usos pode ser visto na Costa Rica, durante as campanhas eleitorais, onde era comum que o termo “Ravachol” fosse usado para se referir ao caráter supostamente irracional e perigoso dos opositores políticos. *El Obrero*, San José, 27 de outubro de 1901, p. 2.

Na seção seguinte, apresentarei esse processo, analisando a construção dessa legislação no contexto da América Central.

2.3 Os agentes da ordem contra a anarquia

O processo de criminalização do anarquismo era parte de uma questão histórica complexa que envolveu muito debate em diferentes governos. No caso da América Central, isso foi influenciado pelos acontecimentos ocorridos na Europa entre 1898 e 1900, durante o ciclo de ataques contra autoridades governamentais e o assassinato do Presidente estadunidense William McKinley, em 1901. É a partir do século XX que o anarquismo aparece como um crime punível por vários instrumentos jurídicos internacionais.

Nesta seção, apresentarei uma visão geral desse processo a partir da perspectiva particular dos agentes do governo, principalmente diplomatas, policiais, legisladores, advogados e criminologistas. Esses pontos de vista são reconstruídos a partir dos relatórios das conferências americanas, da correspondência diplomática das embaixadas e das memórias dos vários ministérios das relações exteriores dos países da América Central. Usarei também relatórios oficiais dos governos dos Estados Unidos e da Espanha para discutir o esforço de coordenação internacional desenvolvido a fim de conter o chamado “terror vermelho”.

Entre outubro de 1901 e janeiro de 1902, o governo mexicano patrocinou e coordenou a segunda conferência internacional americana na capital do país, visando fazer avançar os acordos multilaterais assinados desde 1890. Com a presença de dezenove delegações governamentais do continente americano, a conferência foi de vital importância para a assinatura de tratados, protocolos e acordos comerciais de vários tipos. A particularidade dessa conferência é que, um mês antes do seu início, o continente foi abalado pela notícia da tentativa de assassinato do Presidente dos Estados Unidos William McKinley, na Convenção Pan-Americana da cidade de Buffalo.

Como noticiado pelo chefe da Legação Espanhola em Washington, o evento ocorreu no final da conferência, quando o presidente saudou os presentes com um aperto de mão, como era costume. Naquele momento, ele foi abordado por um jovem elegantemente vestido, que possuía uma das mãos vendada, onde escondeu um revólver com o qual disparou três tiros à queima-roupa no estômago de William McKinley. A polícia prendeu imediatamente o autor do crime, que mais tarde se revelou ser Leon Csolgosz, um homem de 28 anos, da classe

trabalhadora, filho de pais poloneses, que se identificou como um anarquista. McKinley foi hospitalizado, morrendo alguns dias depois por complicações de suas feridas¹¹⁸.

O acontecimento chocou o mundo, pois ele foi o terceiro presidente dos Estados Unidos a ser assassinado e o primeiro do continente a ser morto por um anarquista. Os acontecimentos que desencadearam esse evento foram de dimensão continental, já que McKinley era a figura de destaque do expansionismo militar estadunidense, que havia saído vitorioso da guerra contra a Espanha em 1898 e se apropriado de suas últimas colônias em Cuba, Porto Rico e nas Filipinas. A morte de sua principal autoridade política, portanto, foi um golpe no ego imperialista e na política externa da nação estadunidense. Como seu sucessor foi nomeado Theodore Roosevelt, um soldado experiente que comandou uma brigada de cavalaria em Santiago de Cuba contra o governo espanhol em 1898, e que as autoridades espanholas desconfiavam devido ao seu temperamento imprevisível e impulsivo. Entretanto, nesse contexto, ele foi visto como um importante aliado para conseguir que os Estados Unidos mudassem sua política de imigração, o que permitiu que muitos anarquistas encontrassem asilo e proteção nos Estados Unidos¹¹⁹.

Dadas essas circunstâncias, a agenda da conferência dedicou muito espaço à discussão e aprovação de um tratado sobre extradição e proteção contra o anarquismo. Esse instrumento internacional concretizou, num texto jurídico de âmbito continental, as diretrizes para a coordenação da repressão do anarquismo, encorajando os diferentes governos americanos a favorecerem uma legislação interna para sua criminalização. Tomando como referência os avanços feitos pelo governo dos Estados Unidos após o assassinato de McKinley e os acordos assinados na conferência de Roma em 1898 contra o anarquismo dos governos europeus, o tratado teve em vista ampliar o alcance da coordenação policial e diplomática entre a Europa e a América.

2.3.1 A conferência de Roma e a trama da conspiração internacional

Embora esta não tenha sido a primeira vez que os governos americanos se reuniram para discutir o anarquismo, ele foi mantido no âmbito de acordos bilaterais entre os países e

¹¹⁸ Archivo Histórico Nacional de España. Ministerio de Relaciones Exteriores. Orden Público Parte General 1898 1908 LEGACIÓN DE ESPAÑA EN WASHINGTON, Confirma su telegrama de la fecha relativo al fallecimiento del Presidente de los Estados Unidos, p. 34–35. 14 de setembro de 1901.

¹¹⁹ *Ibid.*, p. 18–19.

algumas embaixadas europeias. Durante as últimas décadas do século XIX, esses esforços concentraram-se no intercâmbio de informações e no acompanhamento de anarquistas de nacionalidade espanhola, italiana e francesa residentes nos Estados Unidos, na Argentina, no Uruguai e em Cuba. Essa relação se devia principalmente ao peso da imigração nos países americanos e à mobilidade dos militantes anarquistas que as autoridades europeias presumiam ter tido colaboradores no planejamento de vários dos atentados perpetrados entre 1892 e 1900. As embaixadas espanhola e italiana foram especialmente ativas na promoção do acompanhamento dos anarquistas nos países americanos¹²⁰.

Embora a maioria dos ataques fosse punível com a morte, isso não parecia diminuir as ações; ao contrário, parecia provocar um ciclo interminável de vingança¹²¹. Dadas essas circunstâncias, em 1898 foi realizada uma conferência em Roma para coordenar ações comuns para combater o anarquismo na Europa. Em razão da natureza secreta da reunião, há pouca documentação sobre os detalhes das discussões, mas é possível reconstruir os pontos mais importantes por meio de correspondência diplomática.

A participação do governo espanhol foi destacável, já que foi um dos epicentros da ação terrorista. Embora o país tivesse promulgado extensas disposições legais para a repressão do anarquismo (leis de 1894, 1896 e 1903), uma parte significativa de seu sucesso dependia da coordenação fronteiriça e da cooperação de inteligência com outros países europeus¹²². Segundo o representante espanhol, as principais questões do debate estavam relacionadas com o acordo sobre uma definição geral de anarquismo, a criação de um sistema comum de coordenação para evitar conflitos em torno das deportações e o alcance da cooperação entre a Suíça e a Inglaterra. A referência a esses dois países se deve ao fato de que eles mantiveram políticas mais abertas de refúgio e exílio, o que permitiu que muitos anarquistas se estabelecessem nesses países a fim de continuarem suas atividades de propaganda¹²³.

Houve um debate considerável sobre o significado exato de anarquista, mas no final a conferência adotou a definição proposta pelo Mônaco, que se concentrava no “ato anarquista”.

¹²⁰ AHN. Ministerio de Relaciones Exteriores. Orden Público Parte General 1898 1908 LEGACIÓN DE ESPAÑA EN WASHINGTON, Contesta á la real orden 106 de 24 de agosto último sobre anarquistas. 24 de setembro de 1900.

¹²¹ No caso da Espanha, a violência estatal favoreceu paradoxalmente o movimento anarquista, que usou esses acontecimentos como eixo discursivo fundamental de sua propaganda escrita e oral para ganhar simpatia entre as classes populares. Esse fenômeno tem sido chamado de “propaganda pela repressão”.ÁVILES, Juan; HERRERÍN, Ángel, *Propaganda por el hecho y propaganda por la represión: anarquismo y violencia en España a fines del siglo XIX*, *Ayer*, v. 80, n. 4, p. 165–192, 2010.

¹²² AHN. Ministerio del Interior. Orden Público 1881-1902 SUBSECRETARIA, Disposiciones para la represión del anarquismo. 12 de dezembro de 1903.

¹²³ AHN. Ministerio de Relaciones Exteriores. Orden Público Parte General 1898 1908 MINISTERIO DE ESTADO, Circular dirigida a los representantes de España en Europa y Washington. 15 de agosto de 1900.

Assim, o anarquismo é considerado como “qualquer ato cujo objetivo seja a destruição por meios violentos de qualquer organismo social. Qualquer pessoa que cometa um ato anarquista no sentido acima é considerada anarquista”¹²⁴. Dado esse caráter antissocial que lhe foi atribuído, o anarquismo não foi considerado uma doutrina política, portanto não foi possível conceder direitos políticos aos seus defensores. Isso é de particular relevância quando se discutem ações de expulsão e deportação, uma vez que complica de fato as possibilidades de pedidos de refugiados.

Em termos administrativos, a conferência sugeriu que cada Estado criasse unidades especiais para monitorar os anarquistas e centralizar as informações em uma autoridade central. Com base nessas informações, foi recomendado um intercâmbio contínuo entre agentes policiais e diplomáticos, a fim de coordenar as atividades de monitoramento. Como instrumentos técnicos, foi sugerido generalizar o sistema de retratos com a filiação e fichas de informação com detalhes biométricos de cada anarquista. Em ações concretas, a conferência propôs medidas de extradição, deportação e a proposta de disposições penais na legislação interna de cada país, inclusive o crime de propagação e cumplicidade¹²⁵.

Esse ponto era o mais complicado, já que dependia dos parlamentos de cada país e da correlação de forças entre as partes; as primeiras disposições de coordenação policial e diplomática foram as mais eficazes. Embora nem todos os países tenham adotado medidas explícitas para criminalizar o anarquismo, geralmente elas foram implementadas dadas as circunstâncias, e as necessidades concretas surgiram. A princípio, foram usadas disposições legais associadas ao crime de conspiração e de manipulação de explosivos, como nos casos da Alemanha (1884), da Áustria (1885), da Bélgica (1887), da Inglaterra (1883), da Itália (1894), de Portugal (1892) e da Suíça (1894)¹²⁶.

No caso de legislação antianarquista, foram geralmente incorporadas disposições que permitiam a repressão da propagação do anarquismo por todos os meios escritos e orais. Foram os casos na Áustria (1885), na França (1894), em Portugal (1896), na Itália (1894) e na Espanha (1894)¹²⁷. Essas medidas são entendidas como formas de conter o ciclo terrorista e a

¹²⁴ Disposiciones de la Conferencia de Roma de 1898, *Ibid.*

¹²⁵ *Ibid.*

¹²⁶ Esse texto foi originalmente escrito em sueco pelo jurista Fredrik Lindholm e traduzido para o espanhol por Emilio Miñana, a fim de servir de base científica para a elaboração de medidas legais contra o anarquismo. O texto analisa a origem histórica do anarquismo, descreve seus principais teóricos e cria um diretório que identifica as principais publicações anarquistas, seus propagandistas e endereços postais. MAÑANA, Emilio, **El anarquismo según las fuentes suecas y extranjeras, por Federico Lindholm.**, Madrid: Centro Editorial de Góngora, 1906, p. 139–159.

¹²⁷ *Ibid.*

simpatia que poderia ser gerada pelos autores dos ataques tornados mártires pelo movimento operário. No entanto, isso implicou a suspensão dos direitos de reunião, expressão e discurso, razão pela qual eles não foram aceitos pela população em todas as circunstâncias.

Segundo a avaliação do historiador Richard Bach sobre os resultados da Conferência de Roma na prevenção de novos ataques, estes se mostraram insuficientes e deficientes, pois muitas das disposições dependiam da estabilidade institucional, da coordenação internacional e da disponibilidade de recursos, que nem sempre eram disponíveis. Do mesmo modo, faltava entusiasmo dos governos para cooperarem uns com os outros, de modo que muitas ações de deportação eram realizadas de maneira semiclandestina e informal¹²⁸. E de fato essa avaliação foi precisa, pois em 1900 o rei Humbert I da Itália foi assassinado pelo anarquista Gaetano Bresci, precisamente no país que havia sediado a conferência de 1898.

Como Bresci residia há vários anos na cidade de Patterson, nos Estados Unidos, a polícia italiana suspeitava que a tentativa de assassinato era parte de uma conspiração internacional envolvendo anarquistas de ambos os lados do Atlântico. Essa leitura foi partilhada pelo governo espanhol, cujo Ministro de Estado escreveu uma extensa circular a seus representantes na Europa e em Washington, com instruções para acompanhar o caso e implementar melhores medidas de inteligência. Em seu texto, o senhor Ministro lamentou que as disposições estabelecidas em 1898 não tivessem tido efeito suficiente, pois ainda existiam grandes problemas de interpretação e de coordenação entre os países. Embora ele concordasse ser difícil avançar na direção da legislação interna, as novas circunstâncias políticas favoreceriam a colaboração de governos mais liberais, como a Bélgica, a Inglaterra e os Estados Unidos¹²⁹.

O Ministro de Estado espanhol sugeriu a seus representantes diplomáticos a implementação de um sistema de inteligência na coleta e análise de notícias publicadas em cada um dos países em que foram incluídos comentários contra as autoridades do Reino e tópicos relacionados com propaganda anarquista. Seria, portanto, tarefa de cada legação e consulado implementar esse trabalho, que seria enviado e centralizado no arquivo do Ministério em Madri. Por meio desse trabalho, o senhor Ministro estava incentivando a colaboração permanente entre

¹²⁸ Um exemplo desse tipo de ação pode ser visto no caso dos britânicos, que mantiveram publicamente uma política de asilo e refúgio, enquanto em casa desenvolveram espionagem e perseguição de anarquistas, que foram geralmente bastante eficazes. Isso é demonstrado por uma análise exaustiva das memórias de policiais e diplomatas ingleses envolvidos na perseguição de anarquistas. BACH, Richard, **The Battle against Anarchist Terrorism. An international history, 1878-1934**, Cambridge: Cambridge University Press, 2014, p. 183–184.

¹²⁹ AHN. MINISTERIO DE ESTADO, Circular dirigida a los representantes de España en Europa y Washington. 15 de agosto de 1900.

policiais e agentes diplomáticos e consulares, visando desarmar possíveis complôs conspirativos¹³⁰.

Finalmente, a circular enviou duplicatas das disposições da Conferência de Roma a serem tomadas como base para a ação diplomática e solicitou que cada legação enviasse cópias da legislação contra o anarquismo em cada um dos países. Das respostas dos agentes diplomáticos espanhóis, foram recebidas leis nesse sentido da Inglaterra (1900), da Itália (1900), da Bélgica (1900), da Holanda (1900), da Rússia (1900), da Alemanha (1900) e de Portugal (1900). Da Suécia e da Noruega foi informado que essas disposições ainda não existiam, mas que os governos estavam preparados para apresentar uma proposta ao Parlamento o mais rápido possível¹³¹. Como se pode ver, a maioria delas foi aprovada nesse mesmo ano, após algumas das disposições de 1898 e outras no calor da morte do Rei da Itália.

A ação diplomática espanhola concentrou-se então nos Estados Unidos, que era um país onde residiam muitos militantes europeus que haviam migrado no século XIX e de onde se acreditava ter sido planejado o atentado contra a vida do rei. Na informação cruzada entre o consulado italiano e espanhol e a polícia em Patterson e Nova Iorque, o italiano Errico Malatesta e o espanhol Pedro Esteve estavam sendo rastreados. De acordo com informações fornecidas por informantes pagos, eles eram membros importantes do jornal *Patterson La Questione Sociale*, onde Gaetano Bresci era ativo¹³².

Como as suposições sugeriam, Bresci era de fato membro do grupo *Direito de Existir*, que editou o jornal na cidade de Patterson, onde trabalhava como tecelão. No início dos anos 1900, ele deixou a cidade e se mudou para a Itália, onde planejava assassinar o Rei. Diz-se que um dos motivos de Bresci para o assassinato foi vingar sua irmã que havia sido morta pelo exército nas manifestações de 1898¹³³. Conforme publicado por seus colegas anarquistas no *El Despertar* de Nova Iorque, Bresci não se enquadrava no perfil tradicional do vingador do estilo Ravachol, pois se dedicava à propaganda oral e à organização coletiva dos trabalhadores.

¹³⁰ *Ibid.*

¹³¹ *Ibid.*

¹³² AHN. LEGACIÓN DE ESPAÑA EN WASHINGTON, Contesta á la real orden 106 de 24 de agosto último sobre anarquistas.

¹³³ Seu caso foi defendido pelo advogado anarquista Francesco Saverio Merlino. Um resumo de sua defesa oral foi publicado como panfleto pelo grupo anarquista Club Aurora, na cidade de Patterson. MERLINO, Saverio, **La difesa de Gaetano Bresci**, terza edizione. Paterson: l' Aurora-Club, 1903. O curso dessas greves entre 1894 e 1898 foi acompanhado de perto pelo cônsul costarriquenho em Palermo Filippo Jagleaire, o qual copiou os decretos de militarização elaborados pelo Rei para a repressão dos grevistas. ANCR. Ministerio de Relaciones Exteriores. Italia. Consules de Costa Rica 1894 JAGLEAIRE, Filippo, Informe sobre insurrecciones y revueltas en las Isla de Sicilia. 13 de janeiro de 1894

No entanto, as circunstâncias o levaram a tomar providências, das quais, segundo esse testemunho, nenhum dos que lhe eram próximos tinha conhecimento¹³⁴.

É difícil saber os detalhes dessa ação; o que é verdadeiro é que Bresci se juntaria aos mártires da ideia e o resultado de sua decisão envolveria uma intensa investigação policial transatlântica entre os governos dos Estados Unidos e da Itália, para controlar as comunicações entre os anarquistas dos dois países. Em um relatório enviado pelo Procurador-Geral dos Estados Unidos ao embaixador italiano, Bresci mandou uma listagem completa das listas de subscrições da *La Questione Sociale* em cada cidade do país, a fim de identificar seu perfil. Essa informação foi compartilhada com a Legação espanhola em Washington, que vinha prestando atenção ao catalão Pedro Esteve, um membro do grupo¹³⁵.

2.3.2 A morte do Presidente McKinley e a fúria do Tio Sam

Apesar de todos os esforços diplomáticos investidos, em setembro de 1901, o Presidente estadunidense William McKinley foi assassinado, o que provocou uma série de ações mais agressivas por parte do governo para aumentar as provisões contra o anarquismo. A trama da investigação sobre os supostos colaboradores de Csolgosz seguiu o tom conspiratório elaborado na maioria dessas investigações, onde o autor é uma pequena parte de um plano maior envolvendo líderes intelectuais que dão orientações e colaboradores que ajudam materialmente a concretizar a ação.

No caso de Bresci, Malatesta deveria estar por trás da trama, o que os agentes diplomáticos espanhóis nunca puderam provar. No caso de Csolgosz, Pedro Esteve foi inicialmente visado; no entanto, nenhuma das investigações provou ter conexões diretas. Portanto, várias autoridades políticas enviaram recomendações ao Procurador Geral Philander C. Knox, para ser possível localizar outros militantes anarquistas como Antonio Maggio, Emma Goldman e Alexander Berkman. O primeiro foi um residente italiano de Kansas City e assinante do jornal *L Aurora*, de Patterson, acusado de conspiração contra o presidente, com base em comentários feitos por um informante que o conhecia. Segundo o próprio testemunho de Maggio, ele era um anarquista, mas nada sabia de nenhuma conspiração contra McKinley.

¹³⁴ *El Despertar*, New York, 30 de agosto de 1900, p. 1-2; 15 de novembro de 1900, p. 3.

¹³⁵ National Archives and Administration Records (NAAR). Department of Justice. D.C Central Files, 1901 Mckinley Assassination ATTORNEY GENERAL, Draft of letter to varios U.S. Attorneys in reference to alleged anarchists and their correspondents.

Outro informante disse à polícia que Maggio havia alegadamente lhe dito que os ataques ao rei Humberto e a McKinley haviam sido planejados de Roma por Malatesta, em protesto contra as políticas coloniais dos dois chefes de Estado na África e nas Filipinas¹³⁶. Embora não houvesse base suficiente para seguir essa lógica de argumentação, era provável que anarquistas como Maggio vissem essas ações como formas legítimas de protesto contra governos opressivos, sem necessariamente qualquer conspiração internacional coordenada. Essa linha de pensamento era comum na imprensa anarquista, como mostra o jornal *La Idea Libre*, da cidade de Lima, no Peru, apreendido pelo cônsul espanhol e enviado ao Ministro de Estado de Madri para análise. De acordo com esse meio, o ataque não poderia ser explicado como o plano de algum lunático anarquista, mas sim como a consequência de uma série de acontecimentos históricos interligados:

Na morte frustrada do Presidente McKinley é preciso ver uma consequência lógica de seus atos políticos; aquilo que os vulgares estão acostumados a chamar de dedo de Deus, a punição necessária para um crime ou uma série de crimes. Quem pode negar que a política imperialista de McKinley conduziu o povo ianque por um caminho perigoso de violência e infâmia? Quem pode negar que o governo McKinley procedeu deslealmente em sua intervenção na ilha de Cuba, ou que está empregando nas Filipinas os mesmos meios odiosos e infames — tais como campos de concentração e de fuzilamento — que os espanhóis usaram nessas ilhas para enfrentar os rebeldes contra seu domínio? Se o homem diretamente responsável por todas essas atrocidades, o ministro Canovás del Castillo, foi morto e bem morto, com aprovação universal, por um anarquista, por que não deveria ser assim seu triste imitador, McKinley?¹³⁷

Considerando essa análise, pode-se sugerir que o assassinato de McKinley foi parte de uma luta mais ampla contra as políticas imperialistas e coloniais de vários governos, como da Espanha, da Itália e dos Estados Unidos. No caso da Espanha, foi documentada a colaboração de anarquistas e líderes pró-independência em ações contra autoridades militares para libertar Cuba, Porto Rico e Filipinas¹³⁸. Do mesmo modo, há estudos que demonstram a influência que

¹³⁶ NAAR. Department of Justice. D.C. Central Files, 1901 McKinley Assassination UNITED STATES ATTORNEY FOR NEW MEXICO, Report as to arrest of Antonio Maggio on the charge of conspiracy. 28 de setembro de 1901.

¹³⁷ *La Idea Libre*, Lima, 14 de setembro de 1901, p. 1. O diplomata espanhol coordenou com a polícia de Lima para que os editores do jornal fossem sancionados pelo pedido de desculpas pelo assassinato de uma figura do Estado, uma vez que se acreditava que o autor do ataque era um espanhol. De acordo com esse funcionário público, o pedido não foi atendido, embora as autoridades peruanas tenham multado posteriormente o jornal pela publicação do artigo. AHN, LEGACIÓN DE ESPAÑA EN WASHINGTON, Confirma su telegrama de la fecha relativo al fallecimiento del Presidente de los Estados Unidos. 14 de setembro de 1901.

¹³⁸ FERNÁNDEZ, Frank, *La Sangre De Santa Agueda: Angiolillo, Betances y Canovas*, Miami: Ediciones Universal, 1994.; ANDERSON, *Under three flags*.

a doutrina da propaganda por ação exerceu sobre os jovens combatentes da independência da Índia em sua luta contra o Império Britânico¹³⁹. Finalmente, foi também mostrado como alguns ataques atribuídos a anarquistas, como o ataque contra o Xá da Pérsia, foram de fato ações de opositores políticos e de minorias étnicas oprimidas¹⁴⁰.

Embora, no testemunho de Csolgosz, esse tema do ataque ao símbolo último do imperialismo americano apareça em sua confissão, não há até agora nenhuma evidência que demonstre uma continuidade direta entre as ações descritas acima. No entanto, é possível argumentar que a imprensa anarquista insinuou essa continuidade como uma forma de dar sustento e propagação às suas ações. Por outro lado, a explicação elaborada por *La Idea Libre* mostra uma das estratégias utilizadas pelo anarquismo para contrastar as narrativas policiais que deslocaram a explicação do fenômeno terrorista exclusivamente no âmbito da criminologia e da loucura¹⁴¹.

Na documentação oficial do governo dos Estados Unidos, a explicação ainda estava orientada para mostrar as conexões de uma conspiração internacional planejada por imigrantes europeus. A acusada seguinte no caso foi Emma Goldman, a conhecida oradora anarquista de origem russa, que Csolgosz admirava publicamente. De acordo com uma carta enviada à Procuradora Knox, as tentativas de acusar Goldman e ordenar sua deportação foram difíceis de realizar, dada sua condição de mulher. Isso se devia ao fato de que a lei do Estado de Nova Iorque só permitia a acusação de cidadãos do sexo masculino com o crime de conspiração e deportação. Portanto, como Emma era uma mulher não naturalizada, ela não podia ser considerada titular de direitos políticos, e conforme a maneira como a lei fora redigida, a única forma de se tornar cidadã era através do casamento com um cidadão do sexo masculino. Portanto, dado o estado atual da lei, Goldman só poderia ser acusada de delitos “sexuais”, como: “aborto, prostituição, adultério, má conduta sexual e moral questionável”¹⁴².

Embora a natureza patriarcal da lei seja suficientemente explícita para entrar em demasiados detalhes, o ponto importante é como os agentes do Estado estavam tentando usar dispositivos legais em seu benefício. No caso de Emma, paradoxalmente, esse caráter da lei era favorável a ela, embora os chamados “crimes específicos de gênero” tenham sido usados mais

¹³⁹ ACHARYA, M.P.T, **We are anarchists. Essays on Anarchism, Pacifism, and the Indian Independence Movement, 1923–1953**, Oakland: AK Press, 2019.

¹⁴⁰ BACH, **The Battle against Anarchist Terrorism. An international history, 1878-1934**, p. 222–229.

¹⁴¹ ANSOLABEHRE, Pablo, El hombre anarquista delincuente, **Revista Iberoamericana**, v. 71, n. 211, p. 539–553, 2005.

¹⁴² NAAR. Department of Justice. D.C Central Files, 1901 Mckinley Assassination SMITH, Frank, Suggestions as to defense and prosecution of Emma Goldman, p. 2–3. 15 de setembro de 1901.

tarde para prendê-la. Esse caso abriria também uma porta interessante para investigar o caso das deportações de mulheres que raramente aparecem nos registros diplomáticos, a menos que fossem categorizadas como “prostitutas” ou possuidoras de “comportamento moral duvidoso”. Não seria raro encontrar casos em que essa categorização fosse uma estratégia técnica para deportar mulheres consideradas perigosas¹⁴³.

Embora as investigações sobre a suposta conspiração contra McKinley não tenham dado muitos frutos concretos, elas levaram ao fortalecimento de um sistema de informação permanente contra os anarquistas e à elaboração de uma série de disposições legais para combater o anarquismo. Ao mesmo tempo, o governo federal também avançou para uma maior cooperação internacional sobre o assunto e uma política mais agressiva em relação àqueles que considerava “indesejáveis”. Segundo as recomendações do professor de Direito Paul Plato Corze, consultado sobre o caso, as medidas repressivas contra o anarquismo tiveram que seguir uma orientação científica em consonância com as modernas teorias da criminalidade.

Para Plato, o problema do anarquismo está relacionado com o problema maior das classes criminosas, grupos de pessoas propensas ao crime, devido a uma série de condições inatas. De acordo com essa linha, essas condições são exacerbadas e proliferam em ambientes corruptos e degradados, razão pela qual é necessário realizar uma completa regeneração moral da nação a fim de recuperar o caminho do progresso e extirpar suas piores doenças. Essa interpretação o afastou do criminologista Cesar Lombroso que, segundo Plato, se concentrou exclusivamente nas características individuais do criminoso anarquista e não no problema que ele representava no organismo nacional¹⁴⁴.

O próprio Plato reconheceu em sua carta ao Procurador Knox que suas teorias ainda não haviam sido publicadas, mas sua experiência como professor e observador da realidade lhe deu motivos suficientes para promover algumas medidas concretas. Segundo ele, era essencial considerar o anarquismo como uma ideia antissocial e bárbara, que só pode estar em pé de igualdade com “os selvagens da África”. Nesse sentido, ele recomendou a criação de uma colônia penal especial nas Filipinas para a qual poderiam ser enviados militantes anarquistas

¹⁴³ Nos arquivos diplomáticos consultados, foram encontrados vários processos em que foram reunidos casos de deportações de anarquistas, prostitutas e criminosos comuns. Isso não foi fortuito, pois a maioria da legislação considerava o anarquismo como um ato terrorista e/ou uma doutrina criminosa. Além disso, a maioria dos anarquistas expulsos provinha das classes trabalhadoras e dos bairros operários, o que fortaleceu essa relação com o chamado “submundo”. ZAMORANO BLANCO, Víctor, Españoles indeseables en Río de Janeiro (1907-1930): actitudes marginales y mecanismos de represión, *Studia Historica. Historia Contemporánea*, v. 28, p. 275–307, 2010.

¹⁴⁴ NAAR. Department of Justice. D.C Central Files, 1901 McKinley Assassination, PLATO POZE, Paul, Theories of criminality. 1 de outubro de 1901

do país. Ali, eles poderiam voltar a entrar em contato com os “índios selvagens” locais e assim serem regenerados através do trabalho¹⁴⁵.

Finalmente, ele propõe que sejam introduzidas leis no país para restringir a liberdade de expressão, que está na raiz do problema, uma vez que foi o excesso de liberdade que causou essa situação. A vigilância permanente das fronteiras e dos portos, a criação de agentes de paz, a polícia secreta e a lei marcial de emergência seriam algumas das medidas de política interna que o governo federal poderia implementar. Embora essas recomendações tenham ido muito além do que realmente se pretendia, elas mostram alguns elementos retomados na legislação em discussão na Câmara dos Deputados, especialmente as restrições à imigração.

Essa comparação entre anarquistas e selvagens foi comum durante todo esse período, pois para a maioria dos criminologistas da época as críticas à autoridade do Estado representavam um retrocesso histórico, já que o Estado representava o maior sinal de progresso para a humanidade¹⁴⁶. Por outro lado, essa relação atinge uma dimensão racial quando comparada com os povos da África a partir de uma visão racista e homogênea, onde precisamente havia muitas tribos sem Estado, o que, na classificação colonial moderna, significava um sinal evidente de atraso¹⁴⁷. Dados esses elementos, era comum que os governos europeus construíssem colônias penais onde os anarquistas eram deportados ou deixados em ilhas desabitadas. Do mesmo modo, há casos documentados em que anarquistas colaboraram com as populações nativas em revoltas contra a imposição colonial¹⁴⁸.

Uma ilustração mais óbvia dessas comparações racistas entre os povos africanos e os anarquistas veio no decorrer da campanha eleitoral costarriquenha de 1901, onde o termo “Ravachol” era comumente usado para se referir ao caráter supostamente irracional e perigoso dos opositores políticos. Essa imagem também assumiu características animalistas e explicitamente racistas, com o objetivo não só de desacreditar o adversário, mas também de promover o medo entre a população. Desse modo, foi desenhada uma figura que misturava as

¹⁴⁵ *Ibid.*

¹⁴⁶ BUXADE, José, **La razón contra la anarquía**, Barcelona: Editor Alejandro Martinez, 1906; BOTELLA, Cristóbal, **El socialismo y los anarquistas**, Madrid: Imprenta de Enrique Teodoro, 1895; CADALSO, Fernando, **El anarquismo y los medios de represión**, Madrid: Romero Impresor, 1896. Todos esses textos foram encontrados na seção sobre anarquismo do catálogo de livros antigos da Biblioteca Nacional da Costa Rica, escritos por advogados e criminologistas espanhóis que tentam influenciar a legislação que favorecia a repressão do anarquismo.

¹⁴⁷ MBAH, Sam, **African anarchism: the history of a movement**, Tucson: See Sharp Press, 1997.

¹⁴⁸ No caso da América Central, a deportação dos anarquistas Luis Barcia (espanhol), Marcelino Salas (cubano) e Máximo Olay (espanhol) para a ilha de Roatán, em Honduras, está documentada por sua participação em várias greves de trabalhadores do tabaco na Flórida. *El Despertar, New York*, 10 de setembro de 1901, p. 1; *L'Alba Sociale, Tampa*, 15 de agosto de 1901, p. 3. *Cultura Obrera, New York*, 1 de fevereiro de 1913, p. 1.

características “criminosas” do anarquista francês Ravachol com a fisionomia de um “selvagem africano”. O fato de essa descrição ter sido publicada em um jornal de trabalhadores mostra que o medo do anarquismo não estava somente entre as elites políticas. Segundo o jornal, Ravachol seria:

Traçamos, em linhas gerais, nosso Ravachol: pigmento escuro como sua consciência escura; cabelo duro e perverso; uma mistura de semnopiteco e chimpanzé, infelizmente ele atingiu uma figura humana, africana em estilo, selvagem; ele conseguiu acostumar-se a esfregar os ombros com a classe humana superior, mas não esqueceu os instintos canibais de sua origem.¹⁴⁹

Voltando ao caso McKinley, após vários meses de debate, foi apresentado ao Procurador Geral várias minutas de disposições legais contra o anarquismo em várias frentes.

1) Através do crime de conspiração e ataque às principais autoridades do Estado; 2) proibindo a imigração de anarquistas e deportando os residentes no país; e 3) restringindo os direitos de livre expressão que trabalham para propagar o anarquismo. Embora alguns desses elementos já existissem na legislação, sua novidade é que eles são explicitamente articulados para combater o ato anarquista definido como:

Propaganda, ensino e defesa da doutrina ou crença de que todo governo estabelecido é prejudicial e pernicioso e deve ser destruído ou que os presidentes, autoridades e chefes executivos do governo nacional podem ser justamente afastados de sua posição oficial de poder por assassinato.¹⁵⁰

Para assegurar que essas disposições fossem implementadas na prática, foi necessário criar uma coordenação especial ao nível do governo federal entre o Departamento do Tesouro, encarregado das deportações, a Comissão de Imigração, encarregada de impedir a entrada no país, e o Departamento de Justiça, para coordenar as investigações judiciais. Dado o sistema de organização interna do país, essas disposições não significavam que cada Estado tivesse leis especiais contra o anarquismo, mas permitiam um primeiro passo para a coordenação interna e, sobretudo, para o intercâmbio internacional. Embora as revisões legais dessas disposições enfatizassem as possíveis contradições que essas medidas poderiam introduzir no direito de expressão, considerou-se que, no caso de suspeitos anarquistas, o serviço de polícia secreta e a apreensão de correspondência nos serviços postais e alfandegários

¹⁴⁹ *El Obrero*, San José, 27 de outubro de 1901, p. 2.

¹⁵⁰ NAAR. Department of Justice. D.C Central Files, 1901 McKinley Assassination COMMISSION TO REVISE, Submitting draft of bill for punishment assaults upon President, anarchism, etc. 23 de novembro de 1901

poderiam ser usados¹⁵¹. A adoção dessas medidas dependia da legislação interna de cada Estado; ao nível federal, foram adotadas medidas relativas à imigração e à deportação, que adquiriram uma dimensão importante durante a Primeira Guerra Mundial¹⁵². Um exemplo dessas medidas foi a declaração introduzida no documento jurídico para a naturalização, que incluía a seguinte disposição:

Não sou anarquista; não sou polígamo nem acredito na prática da poligamia; e é minha intenção de boa-fé tornar-me cidadão dos Estados Unidos da América e residir permanentemente em seu território: DEUS ME AJUDE.¹⁵³

Em termos internacionais, o assassinato de McKinley infligiu um duro golpe à Doutrina Monroe, que havia ganhado força com a derrota da Espanha na guerra de 1898 e a incorporação das Filipinas, do Havaí, de Porto Rico e de Cuba nos Estados Unidos. Após a morte do presidente, Theodore Roosevelt tomou posse e continuou a política expansionista do país, negociando a concessão para a construção do Canal do Panamá e a consolidação de bases militares no Caribe e no Pacífico. Ao juntar negociação diplomática e expansão militar, Roosevelt chamou sua estratégia de “Big Stick”. Assim, a conferência americana significou um espaço estratégico para incorporar todo o continente na luta contra o anarquismo.

2.3.3 O tratado de proteção contra o anarquismo e as conferências americanas

Em dezembro de 1901, começaram as reuniões da comissão eleita para elaborar o tratado de extradição e proteção contra o anarquismo, composta por quatro delegações presididas pelo representante mexicano. Duas medidas principais deveriam ser definidas no

¹⁵¹ Dado o complexo sistema de organização federal do governo, cada Estado tinha sua própria legislação e independência para tratar de assuntos dentro de seu território. No entanto, já no final do século XIX, vários Estados tinham medidas explícitas para investigar os socialistas radicais; essas medidas geralmente incluíam o uso de infiltrados, polícia secreta e apreensão de correspondência. O caso mais conhecido é o do Estado de Chicago, onde quatro anarquistas imigrantes foram executados por supostamente bombardearem uma manifestação na Praça Haymarket, no dia 1º de maio de 1886. O chefe da polícia dessa operação escreveu um extenso livro anos depois, onde reconstruiu o caso e deu uma série de recomendações para reprimir os anarquistas. Algumas delas como a criação de um sistema centralizado de informação que incluía as listas de subscrições dos jornais libertários, seus locais de reunião e os endereços domiciliares dos militantes mais conhecidos. Ele também favoreceu a colaboração com detetives particulares pagos pelos patrões, como a famosa Agência Pinkerton. SCHAACK, Michael, **Anarchy and anarchists. A history of the Red terror and the social revolution in America and Europe**, Chicago: F. J. Schulte & Company, 1889, p. 691–694.

¹⁵² BACH, **The Battle against Anarchist Terrorism. An international history, 1878-1934**, p. 256.

¹⁵³ NARA. U. S. Department Of Labor, Naturalization Service, **Declaration of intention**.

debate: a extradição de anarquistas e a promoção de sua criminalização na legislação interna dos países. Sobre o primeiro ponto, a comissão apresentou como informação de base os diversos tratados bilaterais assinados entre o Chile e o México com diferentes países europeus em 1896 e 1897, nos quais foram definidos os delitos aos quais a extradição estaria sujeita. Com relação a esses, foi feita uma distinção entre crimes considerados comuns (roubo, agressões, falsificação, etc.) e crimes políticos, sendo aqueles dirigidos contra um governo considerado ilegítimo e para os quais as convenções internacionais forneceram algumas garantias de direitos, tais como a proibição de extradição¹⁵⁴.

Dadas essas características, os governos americanos se depararam com a dificuldade de classificar o anarquismo como crime, pois se fosse considerado uma doutrina política legítima, os atos praticados pelos anarquistas cairiam na categoria de crimes políticos e deveriam ser dadas garantias mínimas. Esse problema já havia sido enfrentado na Europa, no caso das legislações da Inglaterra, da Bélgica e da Suíça, que se tornaram países receptores de anarquistas perseguidos da Espanha, da Itália, da Rússia e da Alemanha. Nesse contexto, a prioridade era criar um acordo internacional que considerasse o anarquismo como uma forma de crime comum, ao qual nenhum direito tinha de ser reconhecido.

No debate jurídico, portanto, era importante separar o anarquismo como filosofia e como ato. Como ideia, ele se enquadrava nas liberdades individuais, de modo que uma crença particular não poderia ser transformada em objeto criminoso. Entretanto, se essa ideia fosse posta em prática para cometer um ato considerado crime, a lei poderia criminalizar tal ação. Por essa razão, o Instituto de Direito Internacional, fundado em 1873, na Bélgica, acordou em 1892 uma definição comum de anarquismo que serviria de guia para a elaboração de tratados, leis e acordos multilaterais. A resolução afirmava que “atos criminosos dirigidos contra as fundações de toda organização social, e não apenas contra um tipo de Estado ou uma certa forma de governo, não serão considerados ofensas políticas na aplicação das regras estabelecidas relativas à extradição”¹⁵⁵.

Tomando essa diretriz de 1892, os tratados de extradição que se seguiram poderiam excluir os anarquistas das garantias dos direitos políticos. Esse processo foi acompanhado também pela elaboração de uma teoria criminal baseada em supostas pesquisas científicas, que excluiu o anarquismo das doutrinas políticas¹⁵⁶. Esse raciocínio argumentou que, desde os

¹⁵⁴ Memoria Segunda Conferencia Internacional Americana. México 1901-1902, p. 181.

<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.35112103247476>

¹⁵⁵ BACH, *The Battle against Anarchist Terrorism. An international history, 1878-1934*, p. 158.

¹⁵⁶ LOMBROSO, CESAR, *Los anarquistas*, Buenos Aires: Imprenta Elzeviriana, 1911.

tempos antigos, os seres humanos vivem em sociedade e que essa coletividade sempre foi governada por leis que estabeleceram uma autoridade legítima para governar a coletividade. Portanto, a autoridade é parte da lei natural e consubstancial a qualquer sociedade humana; como resultado, o anarquismo que nega essa legitimidade é contra uma lei da natureza que está subjacente à organização social e ao direito internacional. Finalmente, após essa argumentação, o artigo 2º do tratado afirmava que:

A extradição não pode ser concedida por delitos políticos ou por atos com eles relacionados. Mesmo que o ofensor alegue um motivo ou finalidade política, se o ato para o qual a extradição é solicitada constituir principalmente um crime comum, a extradição lhe será concedida. Os atos de anarquismo dirigidos contra os fundamentos da organização social não serão considerados delitos políticos.¹⁵⁷

A discussão em torno desse artigo foi principalmente sobre a pena de morte, uma vez que um dos crimes comuns ao qual um anarquista poderia ser acusado era a punição com a morte, como foi o caso da maioria dos acusados do crime de assassinato nos países europeus. A outra questão discutida foi a definição do ato anarquista que, segundo algumas delegações, era muito ampla e ambígua. Como as legislações americanas não tinham instrumentos concretos para essa definição, foi proposto tomar como referência as recentes disposições adotadas pelo governo dos Estados Unidos, mencionadas acima, que enfatizavam o caráter antissocial do anarquismo¹⁵⁸. Embora este ponto pareça uma modificação mínima, na realidade ele abriu uma perspectiva muito mais ampla, já que não só relacionava o anarquismo a um ato violento ou criminoso, como havia sido construído na conferência de Roma, mas o considerava como um ato que minava os fundamentos de toda organização social¹⁵⁹.

Apesar das diferenças internas entre delegações sobre essa questão, o artigo sobre extradição foi finalmente aprovado, que insistia em diferenciar crimes políticos e crimes comuns. Assim, foi incluída uma lista de 22 crimes considerados crimes comuns, como falsificação de moeda, roubo, conspiração, motim, pirataria e anarquismo. O texto final copiou essa lista do tratado de extradição assinado antes entre o México e os Estados Unidos, acrescentando o crime de anarquismo. Para evitar confusão futura, uma cláusula especial foi

¹⁵⁷ Memoria Segunda Conferencia Internacional Americana. México 1901-1902, p. 181.

¹⁵⁸ *Ibid.*, p. 185.

¹⁵⁹ Segundo a avaliação de Richard Bach, essa perspectiva adotada pela conferência americana, na maioria influenciada pela legislação americana, não foi acidental, pois na própria ambiguidade e amplitude de sua definição de anarquismo havia o potencial para punir os não-anarquistas, como de fato aconteceu durante a campanha contra o “terror vermelho”, entre 1917 e 1919. BACH, **The Battle against Anarchist Terrorism. An international history, 1878-1934**, p. 256.

acrescentada ao artigo declarando que: “atos classificados como anarquismo pela legislação tanto do país requerente quanto do país requerido não serão considerados crimes políticos”¹⁶⁰.

Após esta última cláusula, a eficácia e a prática desse tratado dependia, na maioria, da criminalização do anarquismo na legislação interna de cada país, caso contrário o trabalho dos diplomatas encarregados de acompanhar os pedidos de extradição seria dificultado. A conferência não era o lugar legítimo para avançar nesse ponto; a comissão concordou que cada delegação apresentaria uma proposta para cada legislatura, para criar uma regulamentação penal contra a “propagação do anarquismo”. Esse compromisso deu às partes um ano, após a ratificação do tratado, para introduzir essas disposições especiais, a fim de que elas pudessem entrar em vigor entre os países que haviam criminalizado o anarquismo¹⁶¹.

Finalmente, o tratado foi aprovado por unanimidade por todas as delegações presentes em janeiro de 1902. Foi incluída uma única reserva que dizia: “os criminosos que mereçam a pena de morte, conforme a legislação dos países solicitantes, não serão entregues, exceto com a promessa de que serão comutados para a próxima pena mais baixa”¹⁶². Essa reserva foi assinada pelas representações da Costa Rica, do Equador, de Honduras e da Nicarágua. Embora a eficácia do tratado dependesse da legislação interna de cada país e da cooperação entre governos, já havia uma base suficiente para se trabalhar.

Nas décadas seguintes, os vários governos americanos ratificaram o tratado e estabeleceram convenções específicas de extradição para facilitar os esforços de coordenação, especialmente entre os países limítrofes. A disposição de considerar o anarquismo como um crime comum foi incluída em todos esses acordos e a questão continuou a fazer parte das conferências americanas de 1914 e 1933, onde muitas das medidas tomadas em 1902 foram ratificadas. A questão também apareceu em algumas cúpulas específicas, como o “Congresso bolivariano” em Caracas, em 1911, onde Equador, Bolívia, Peru, Colômbia e Venezuela assinaram um tratado de extradição contra anarquistas. O outro espaço significativo foi a “convenção policial sobre defesa social” realizada em 1920 entre as forças policiais para fornecer e trocar informações relacionadas com propaganda anarquista, conspirações e atos anarquistas. Esta última convenção reuniu a polícia da Argentina, da Bolívia, do Brasil, do Chile, do Paraguai, do Peru e do Uruguai¹⁶³.

¹⁶⁰ Memoria Segunda Conferencia Internacional Americana. México 1901-1902, p. 213–214.

¹⁶¹ *Ibid.*

¹⁶² *Ibid.*, p. 216.

¹⁶³ Fifth Pan American conference; special handbook for the use of the delegates., p. 72; BACH, **The Battle against Anarchist Terrorism. An international history, 1878-1934**, p. 362.

2.3.4 Controle imigratório e expulsão de estrangeiros

No caso da América Central, o tratado foi ratificado por todos os países: El Salvador (1902), Guatemala (1902), Costa Rica (1903), Panamá (1903), Honduras (1904) e Nicarágua (1904)¹⁶⁴. Além disso, foram estabelecidos posteriormente tratados específicos de extradição entre esses governos, que incluíam a cláusula que excluía o anarquismo como uma doutrina política, portanto, dos direitos políticos. A primeira delas foi assinada durante a Conferência de Paz da América Central, em 1907¹⁶⁵, e suas disposições foram ratificadas em tratados de extradição posteriores, assinados em 1908, 1914, 1923 e 1934¹⁶⁶. Na legislação interna, a maioria dos países proibiu a entrada de imigrantes anarquistas, como foi o caso do Panamá (1904), da Costa Rica (1905) e da Nicarágua (1933)¹⁶⁷, e emendou suas leis sobre deportação de estrangeiros para incluir crimes contra “tranquilidade pública” ou “ordem social”, onde foi feita referência à legislação antianarquista aprovada na Inglaterra e na França, como no caso de El Salvador (1908)¹⁶⁸.

Com relação ao controle da imigração, as autoridades tiveram alguns problemas práticos, pois tinham poucos recursos e pouco pessoal especializado para discernir se alguém era ou não anarquista. O caso do governo do Panamá é importante, pois esse país foi o maior ponto de transbordo comercial do continente através do canal, que concentrou uma força de trabalho em sua fase final de construção, entre 1904 e 1914, de 1.000 a 33.000 pessoas, sem incluir suas famílias. Como a zona do canal era um território autônomo administrado pelo governo dos Estados Unidos, o governo panamenho teve que se coordenar com este último como se fosse qualquer outro Estado independente dentro de seu próprio território¹⁶⁹.

Em 1911, o Subsecretário de Relações Exteriores Eduardo Chiari escreveu a M.H. Thatcher, Chefe do Departamento de Governo da Zona do Canal em Ancón, sobre os inconvenientes que os agentes de saúde estavam enfrentando ao fazer cumprir a lei de imigração que proibia a entrada de anarquistas. Conforme o artigo 5º da legislação: “É proibida a

¹⁶⁴ ANCR. Ministerio de Relaciones Exteriores. Embajada de Costa Rica en Washington LEGACIONES DE COSTA RICA, Firmas de la ratificación del tratado de extradición y protección contra el anarquismo. 1905.

¹⁶⁵ Memoria de la Conferencia de la Paz Centroamericana. Washington 1907.

https://www.sica.int/cdoc/publicaciones/union/con_20121907.pdf

¹⁶⁶ Convención de extradición Centroamericana.

<https://www.iberred.org/convenios-penal/convencion-de-extradicion-centroamericana>

¹⁶⁷ Biblioteca Nacional de Panamá Memoria que el Secretario de Estado en el Despacho de Relaciones Exteriores presenta a la Asamblea Nacional, p. 335–336.

¹⁶⁸ Ministerio de Relaciones Exteriores de El Salvador Compilación de leyes, decretos y otros disposiciones dictados en el ramo de relaciones exteriores. Primera serie, p. 36–37.

¹⁶⁹ <https://micanaldepanamama.com/historia-del-canal/fuerza-laboral/>

imigração de loucos, maníacos, pessoas perigosas, idiotas, mendigos de profissão, anarquistas, criminosos, indivíduos de má conduta conhecida, aleijados, leprosos, epiléticos e, em geral, todos aqueles estrangeiros que sofrem de doenças repugnantes e contagiosas”¹⁷⁰. Para fazer cumprir essa medida, a lei deu o poder à polícia sanitária que, em nome de um médico, verificou todas as pessoas que desejavam entrar no país para determinar se elas preenchiam as características físicas e mentais exigidas.

No entanto, no caso dos anarquistas e dos criminosos, Chiari comentou que os agentes de saúde não tinham a competência profissional ou as ferramentas técnicas para discernir se uma pessoa era ou não anarquista. Ele pediu, portanto, as recomendações de Thatcher para que pudesse buscar mecanismos que atendessem a esse padrão sem causar dificuldades e injustiças desnecessárias às pessoas que procuravam entrar no país. Em sua resposta, o Administrador da Zona do Canal encarregou a Secretária de Quarentena do porto e o Governador da Província de Colón como funcionários competentes de decidirem por unanimidade sobre o direito de desembarque de qualquer pessoa¹⁷¹. A partir dessa resposta, pode-se ver que, na prática, o assunto não variou muito; em vez de nomear funcionários específicos para efetuarem esse trabalho, que não diferiam muito dos agentes sanitários, a aplicação da regra foi de natureza mais política e discricionária.

Essa prática continuou entre 1904 e 1911, e o Supremo Tribunal de Justiça invalidou a autoridade da comissão conjunta criada pelos dois governos para fazer cumprir as proibições. Finalmente, após reunir vários critérios, o Presidente Justo Arosemena decretou um regulamento onde ele habilitou os Chefes de Resguardo e os Doutores da Saúde a tratarem de casos de anarquistas, em coordenação com as autoridades do canal nos portos de Colón e do Panamá. E no caso de disputas e divergências, o Ministério das Relações Exteriores seria responsável pelo tratamento dos casos¹⁷². Em termos concretos, as disposições não mudaram muito, uma vez que a proibição de entrada de anarquistas ainda era considerada uma medida sanitária; no entanto, os poderes de cada autoridade foram melhor delimitados, dando um peso significativo ao governo dos Estados Unidos.

No caso da Costa Rica, a proibição foi estabelecida na lei de imigração de 1905, onde o artigo 3º proibia a entrada de “anarquistas manifestos” e dava autoridade aos governadores dos portos e às autoridades de fronteira para fazer cumprir a regra¹⁷³. Como no

¹⁷⁰ BNP Memoria que el Secretario de Estado en el Despacho de Relaciones Exteriores presenta a la Asamblea Nacional, p. 335.

¹⁷¹ *Ibid.*, p. 337.

¹⁷² *Ibid.*, p. 346.

¹⁷³ ANCR Memoria de la Secretaría de Gobernación y Policía, p. 14.

caso do Panamá, nenhum instrumento é criado para acompanhar essa medida, portanto depende do uso discricionário da autoridade designada e da informação prévia que os diplomatas de outros países podem enviar para alertar sobre a presença de um suposto anarquista. Finalmente, o outro problema identificado na implementação dessas medidas tinha a ver com a escassez de funcionários nos portos e com a limitação de recursos que os países tinham para guardar as regiões de maior trânsito com seus próprios navios. Essa foi uma tarefa que acabou sendo deixada para a Marinha dos Estados Unidos.

Quanto às medidas de deportação, surgiram problemas semelhantes, já que se tratava de políticas intensivas em recursos, especialmente para países com grande presença de estrangeiros, como o Panamá. Normalmente, aqueles sendo expulsos estivessem relacionados a uma greve ou tivessem se destacado como propagandistas. Em outros casos, foram invocados motivos explicitamente racistas, como no caso dos jamaicanos no Caribe costarricense ou dos chineses no Panamá. Nos outros países da América Central, não encontramos outras normas legais que se refiram explicitamente ao anarquismo; isto não quer dizer que a legislação existente não tenha sido aplicada nesses casos. Uma particularidade da região é que as expulsões de estrangeiros anarquistas eram menos comuns, já que, com exceção do Panamá, a maioria deles havia nascido na região da América Central. Entretanto, dado que os portos do Caribe estavam bastante movimentados, o foco das autoridades estava em evitar seu desembarque e alertar as autoridades dos países vizinhos.

Entre 1903 e 1932, encontramos vários casos de expulsão de anarquistas na região da América Central, geralmente relacionados a disputas laborais ou a uma das medidas preventivas estabelecidas pela legislação. O conceito de anarquista foi usado como sinônimo de indesejável, perigo à tranquilidade pública e vagabundagem. Este último termo era o mais usado, pois a legislação contra a vagabundagem estava em vigor desde a época colonial como uma forma de trabalho forçado. Em 1903, o padeiro canário Juan Vera Córdoba foi expulso após uma greve na cidade de San José. O motivo foi o “pronunciamento de ideias subversivas e anarquistas”, após um discurso a seus colegas de trabalho¹⁷⁴.

Entre 1908 e 1909, houve um caso bastante complexo envolvendo o anarquista colombiano conhecido como Biófilo Panclasta. Após sua viagem ao congresso internacional dos trabalhadores em Amsterdã, em 1907, o colombiano viajou para vários países europeus. Da Espanha foi expulso para Cuba e de lá para a América Central, onde foi preso e deportado várias vezes. Na Guatemala, ele foi acusado de estar envolvido na tentativa de assassinato contra o

¹⁷⁴ AHN. Ministerio de Relaciones Exteriores. TORRES, LUIS, Expulsión del súbdito de S.M Juan Vera.

Presidente Estrada Cabrera, em 1908, e mais tarde foi expulso para El Salvador e Nicarágua. Da Nicarágua ele viajou para a Costa Rica, via Pacífico, e escreveu na imprensa sobre suas experiências na prisão. Após alguns meses, ele foi expulso para o Panamá através dos portos do Caribe, no final de 1909¹⁷⁵.

Paradoxalmente, o trânsito do Panclasta se tornou um passeio de propaganda, pois o colombiano usou habilmente sua fama de conspirador para escrever nos jornais e divulgar suas ideias. Esse mecanismo foi identificado pelos pesquisadores Martín Albornoz e Diego Galeano para o caso sul-americano, destacando como as medidas de deportação poderiam ser usadas favoravelmente pelos anarquistas em seus trabalhos de propaganda e solidariedade¹⁷⁶. Esse foi o caso do argentino Julio Diaz, em 1926, quando foi expulso de El Salvador para Honduras e depois do Panamá para o Equador, em sua viagem de propaganda sindical¹⁷⁷.

Em outros casos, as deportações se transformaram em uma nova residência não planejada. Isso aconteceu com o peruano Víctor Recoba, que havia sido expulso do Panamá em 1916 por participar de uma greve marítima. Desde então, Recoba viajou para os Estados Unidos, México e Cuba, onde esteve ativo em vários grupos anarquistas. Com credenciais da CGT mexicana, ele fez uma viagem de propaganda a todos os países da América Central em 1925. Finalmente, no Peru, foi expulso em 1927 para o Panamá e de lá conseguiu atravessar para a Costa Rica, onde se estabeleceu até sua morte, em 1952¹⁷⁸.

Foi no Panamá que o mecanismo de expulsão foi usado de forma mais intensa, como nos casos das greves de 1916 e 1925. Neste último, os anarquistas espanhóis Martín e José María Blazquez de Pedro e a polonesa Sara Gratz foram expulsos. Essas três pessoas haviam participado ativamente da organização de uma conferência internacional anarquista e da greve dos inquilinos. A fronteira entre a Costa Rica e o Panamá também era um ponto problemático, pois havia um grande número de plantações agrícolas onde a agitação laboral era constante¹⁷⁹.

¹⁷⁵ O Secretário de Estado costarrriquenho Vidal Quirós reconheceu as dificuldades de implementação das medidas de expulsão no caso Panclasta, dada a escassa vigilância nos portos e os problemas de coordenação logística entre os países. SECRETARIA DE GUERRA Y MARINA, **Memoria de Guerra y Marina presentada al Congreso Constitucional**, San José: Tipografía Nacional, 1909, p. L.

¹⁷⁶ ALBORNOZ, Martín; GALEANO, Diego Antonio, Los agitadores móviles: las trayectorias anarquistas y las vigilancias portuarias en el atlántico sudamericano, 1894-1908, **Almanack**, n. 21, p. 310-357, 2019.

¹⁷⁷ *La Protesta*, Buenos Aires, 14 de agosto de 1928, p. 3.

¹⁷⁸ Parte desse percurso foi revelada por Recoba em correspondência particular a seu amigo, o anarquista galego que vive na Argentina Campio Carpio. Federación Libertaria Argentina (FLA). **Correspondencia de Campio Carpio**. 17 de agosto de 1935.

¹⁷⁹ AHN. Ministerio de Relaciones Exteriores. LEGACIÓN DE ESPAÑA EN PANAMÁ. **Relación de extranjeros expulsados**. 7 de novembro de 1925. SECRETARÍA DE GOBIERNO, **Memoria Institucional**, Ciudad de Panamá: Secretaría de Gobierno, 1918.

Finalmente, temos os casos da Guatemala e de El Salvador, entre 1926 e 1932. Os governos de ambos os países mantiveram uma coordenação permanente para manter um olho nos ativistas laborais. Na Guatemala, vários anarquistas estrangeiros estavam ativos e se viram de passagem pelo país como resultado de outras expulsões. Nesses casos, eles aproveitaram a oportunidade para participar de propaganda sindical e escrita. Foram os casos de Sebastián San Vicente (basco), Jaime Pascual Domenech (catalão), Nicolás Gutarra (peruano) e Luis Arévalo (mexicano). Em El Salvador, sindicalistas e líderes operários mexicanos foram constantemente expulsos, como aconteceu durante o massacre de 1932¹⁸⁰.

Uma leitura da documentação diplomática do governo dos Estados Unidos com os países da América Central mostra uma maior consciência da agitação grevista nas décadas de 1920 e 1930. Isso estava relacionado com as Revoluções mexicana e russa, que na leitura das autoridades haviam acelerado as viagens e o movimento de supostos agitadores profissionais. Nesses casos, a maioria dos deportados era chamada de “bolcheviques e perniciosos”, sem necessariamente ter uma ligação direta com a militância comunista. No entanto, a legislação usada para realizar essas expulsões veio das leis antianarquistas aprovadas no início do século XX. Por essa razão, não é raro encontrar confusão entre os termos comunistas e anarquistas nos arquivos e na imprensa. Embora para os agentes do Estado essa diferenciação não fosse muito relevante, em alguns casos ela foi usada como argumento de defesa legal. Esse foi o caso do anarquista guatemalteco Manuel Bautista Grajeda para se dissociar do Partido Comunista e se salvar da pena de morte em 1932, durante a repressão. Um ano depois, em 1933, o mecânico espanhol Adolfo Braña tentou a mesma coisa, mas ao contrário, para evitar ser expulso da Costa Rica como um pernicioso anarquista¹⁸¹.

Em resumo, podemos dizer que o núcleo duro que sustentou o direito penal nos séculos XIX e XX foi a ideologia da defesa social. Segundo o jurista Alessandro Baratta, isso surgiu da concepção do direito como uma teoria integral do ser humano, ou seja, como uma visão onde o fato jurídico e os valores sociais estavam intrinsecamente relacionados. Nesse sentido, os agentes do Estado agiram segundo os princípios de uma antropologia criminal que imputava características biológicas e psicológicas do indivíduo a certos comportamentos criminosos que tinham que ser combatidos, a fim de impedir sua propagação na sociedade. O uso de conceitos médicos e seu uso em termos políticos foi uma dessas características¹⁸².

¹⁸⁰ *Cultura Proletaria*, New York, 1 de junho de 1929, p. 1; 16 de abril de 1932, p. 3.

¹⁸¹ *La Gaceta*. Revista de Policía de Variedades, Ciudad de Guatemala, 1 de fevereiro de 1932, p. 7; *Trabajo*, San José, 18 de junho de 1933, p. 3.

¹⁸² BARATTA, Alessandro, **Criminología crítica y crítica del derecho penal: introducción a la sociología jurídico-penal**, Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2004, p. 21–34.

Dessa maneira, as concepções de liberalismo clássico e positivismo foram ligadas para formar uma estrutura institucional que se comunicava fluidamente com a sociedade seguindo vários princípios básicos, como o princípio da legitimidade, a clara diferença entre o bem e o mal, a culpa, a prevenção, o interesse social e o crime natural. Esse conjunto formou o conceito de defesa social como sendo aquele princípio onde o Estado, como autoridade governante de uma sociedade estabelecida, tinha legitimidade para definir e punir aquelas condutas consideradas desviantes¹⁸³. Nesse sentido, a lei pode ser entendida como uma medida defensiva do Estado contra condutas particulares que deveriam ser punidas. O complemento a esse princípio seria o da regeneração moral, que será predominante durante todo o período de estudo e que se baseia concretamente na possibilidade de as autoridades remodelarem a conduta do indivíduo em relação aos parâmetros considerados normais.

Que a legislação elaborada para criminalizar o anarquismo foi vista como uma defesa da sociedade é uma expressão dessa ideologia jurídica que entendeu o Estado e a sociedade como uma unidade orgânica. Era comum, portanto, que a anarquia fosse uma ideia “antissocial e dissolvente”, pois sua doutrina combatia instituições estabelecidas, que eram uma expressão da lei natural e da evolução da humanidade. Da mesma forma, grande parte da legislação aprovada visava controlar a imigração e os estrangeiros através de medidas sanitárias, sendo outro reflexo de como o anarquismo era visto como uma doença que tinha de ser colocada em quarentena ou eliminada do organismo social. Isso, também se refere à ideia da “planta exótica” utilizada pelos agentes estatais – embora não exclusivamente – em vários países, que consideravam o anarquista como um estrangeiro desenraizado que poderia ser expulso para limpar o decoro nacional.

¹⁸³ *Ibid.*, p. 36–37.

Capítulo 3. De todos e de ninguém: federalismo anarquista no Istmo do Panamá, 1910–1925

Introdução

Neste capítulo, estudaremos as formas de organização anarquista no Istmo do Panamá entre 1910 e 1925. Durante esse período, existiam aproximadamente trinta grupos anarquistas que se organizavam por meio de coletivos de afinidade, federações, centros operários e sociedades de resistência. A maioria deles se localizava nas cidades de Colón, no Panamá, e na zona do canal. Sobre esta experiência, várias obras ligadas à história transnacional e à imigração foram publicadas, destacando especialmente o papel dos anarquistas espanhóis nesse processo. No entanto, toda essa experiência organizacional ainda não foi investigada em profundidade, o que desenvolveremos abaixo¹⁸⁴.

Algumas questões associadas a esses estudos referem-se aos impactos da construção do canal interoceânico na dinâmica geopolítica e na expansão imperialista dos Estados Unidos. Desde que este governo assumiu a construção e administração da obra por um século, o território associado ao canal tornou-se uma zona autônoma de vital importância no comércio, na política externa e no controle militar. Internamente, a construtora desenvolveu um sistema de estrita estratificação racial, sociolaboral e de gênero, implementado no governo geral do território. Este sistema assumiu os principais instrumentos de controle social elaborados na economia de plantações do sul dos Estados Unidos, sendo reapropriadas na maioria dos territórios da América Central, onde as empresas deste país tinham investimentos¹⁸⁵.

Nesse contexto, grupos anarquistas foram formados a partir de uma classe operária heterogênea, forçada a competir internamente para melhorar suas condições de vida e de trabalho. Para tentar superar essas contradições, o anarquismo visou implementar uma prática e um discurso internacionalista como forma de pertencimento e coesão coletiva. Os resultados dessa estratégia foram vários, incluindo a organização de uma importante rede de grupos entre

¹⁸⁴ GREENE, Spaniards on the Silver Roll: Labor Troubles and Liminality in the Panama Canal Zone, 1904- 1914; SHAFFER, Contesting internationalists; SHAFFER, **Anarchists of the Caribbean**; MICHAEL YEOMAN, The Panama Papers: anarchist press networks; SHAFFER, Panama red.

¹⁸⁵ GREENE, **Julie Greene. The Canal Builders**; LASSO, Marixa, **Erased: the untold story of the Panama Canal**, Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2019; CONNIFF, Michael L, **Black labor on a White Canal: Panamá, 1904-1981**, Pittsburgh: University of Pittsburg Press, 1985.

trabalhadores imigrantes europeus e latino-americanos. No entanto, isso foi mais fraco entre a comunidade afrodescendente e as mulheres trabalhadoras.

A principal contribuição deste capítulo é reconstruir em profundidade a dinâmica organizacional dos grupos anarquistas sob uma perspectiva transnacional. Para isso, seguimos uma visão que toma como base o estudo das práticas organizacionais dos grupos de afinidade¹⁸⁶. Nesse processo identificamos, localizamos e estudamos cerca de trinta grupos de diferentes tendências ideológicas que se autodenominam anarquistas. A maioria deles fazia parte da Federação de Grupos e Indivíduos Livres do Istmo do Panamá, com relações com outros grupos na Europa e nas Américas.

A primeira seção do capítulo analisa a experiência da federação de grupos anarquistas com foco em diversos temas, como: formação e debate ideológicos, estrutura organizacional, composição de seus membros e seus principais conflitos internos. Suas atividades e ações também são reconstruídas, considerando as condições específicas do sistema de segregação sociolaboral e racial que caracterizaram a vida na zona do canal.

Na segunda seção, o foco está na dinâmica internacional da federação individualista e suas relações com grupos na Espanha, nos Estados Unidos, no Canadá e em Cuba. A terceira parte contempla o estudo dos grupos não associados à federação e suas mudanças e continuidades ao longo do tempo. Nessa parte, incluímos o estudo da participação de anarquistas em diversas associações e sindicatos ligados aos trabalhadores marítimos, artesãos e a liga dos inquilinos.

As principais fontes utilizadas vêm da imprensa anarquista e operária que mantiveram relações com os grupos do Panamá. Para o estudo do sistema de segregação sociolaboral, utilizou-se a documentação oficial da empresa de construção do canal, da Embaixada dos Estados Unidos e de vários consulados estrangeiros. A partir dessa documentação, extraímos censos populacionais, contratos de trabalho, reclamações e petições. Por fim, complementamos o texto com fotografias e mapas que mostram de forma mais explícita as condições de vida e trabalho das famílias trabalhadoras.

¹⁸⁶ O historiador italiano Davide Turcato levantou recentemente uma crítica às abordagens predominantes à organização anarquista e sua relação com o mundo do trabalho. De modo geral, predominou uma leitura que levanta uma pequena preocupação do anarquismo para os problemas práticos da vida da classe trabalhadora e uma inclinação para discussões doutrinárias intermináveis. Isso teria supostamente levado a uma proliferação de tendências internas e conflitos que dificultariam a organização coletiva. Geralmente, essas discussões foram vistas como disputas entre mutualismo, coletivismo, comunismo e individualismo. A proposta de Turcato, pelo contrário, seria estudar essas diferenças com base, na prática, organizacional e no contexto local e internacional do movimento. TURCATO, Davide, *European anarchism in the 1890s: Why labor matters in categorizing anarchism*, *WorkingUSA*, v. 12, n. 3, p. 451–466, 2009.

3.1 Federação de agrupações e indivíduos livres do Istmo do Panamá

A formação do anarquismo no Panamá está diretamente relacionada com a construção do Canal Interoceânico. Durante a época da administração francesa, no final do século XIX, a presença de anarquistas no grupo de trabalhadores foi limitada e dispersa. O que sabemos sobre este período foi o que coletamos da imprensa anarquista francesa, que acompanhou ações de protesto e escândalos de corrupção na empresa construtora. Durante esse período, destacaram-se as greves organizadas por trabalhadores jamaicanos que conseguiram melhorar ligeiramente suas condições de vida¹⁸⁷.

É até o início do século XX, com a administração estadunidense, que os primeiros grupos anarquistas começam a se formar dentro das muitas pessoas contratadas para a construção do canal entre 1904 e 1914; apesar de o governo panamenho ter criado uma legislação para proibir a contratação de anarquistas nas obras do canal, eles conseguiram ser empregados como trabalhadores. As suas origens geográficas foram muito diversas, 60% vieram das Antilhas, da América Latina e da Europa.

O primeiro momento de organização ocorre entre 1904 e 1907, quando um grupo de imigrantes espanhóis chega à região do canal. Esse processo foi registrado a partir de depoimentos e artigos enviados ao jornal *Tierra y Libertad*, de Barcelona, que funcionava como um centro de comunicação e informação de vários grupos de afinidade estabelecidos no continente americano. Conforme o estudo conduzido por Joan Zambrana, a colaboração econômica dos grupos no Panamá foi tão importante que cobriu o déficit financeiro do jornal várias vezes¹⁸⁸.

A metodologia de Zambrana consiste em criar um banco de dados com todos os artigos publicados no *Tierra y Libertad* na década de 1910 e a partir dele construir uma geografia dos grupos anarquistas que publicaram no jornal. Tomei esse estudo como base para o caso da América Central, complementando-o com outros jornais, como o *Tierra* de Havana, o *El Único* de Colón, e o *Acción Libertaria* de Gijón, onde as informações não registradas no semanário de Barcelona aparecem. Para Francisco Madrid, essa forma de estudar o movimento operário libertário permite uma maior compreensão da dinâmica básica e da trajetória de muitas

¹⁸⁷ *Le Révolté*, Paris, 12 de janeiro de 1889, p. 2; 3 de dezembro de 1889, p. 2; 3 de outubro de 1890, p. 3.

¹⁸⁸ ZAMBRANA, Joan, **El anarquismo organizado en los orígenes de la CNT: Tierra y Libertad, 1910–1919**, Barcelona: CEDALL, 2009.

militâncias discretas que passam despercebidas quando o estudo se concentra apenas nas lideranças¹⁸⁹.

Entre 1905 e 1907, foram recebidas as primeiras comunicações dos anarquistas desde a construção do Canal do Panamá. São principalmente relatos sobre as rotas de trânsito para chegar ao local, as duras condições de vida, de trabalho e o envio de dinheiro para receber a imprensa anarquista. Em 1905, um trabalhador que assina como L. P. doa US\$ 2,00 para o jornal *Doctrina anarquista-socialista*, editado pelo tipógrafo catalão Pedro Esteve, na cidade de Patterson, nos Estados Unidos. Nessa mesma publicação, há uma história que conta sobre os problemas da febre-amarela no canal, que fizeram com que muitos trabalhadores dos Estados Unidos retornassem. Para compensar essa falta, a empresa do canal contratou milhares de trabalhadores negros de várias ilhas do Caribe que, segundo os administradores, parecem se adaptarem melhor às condições climáticas do local. Apesar de serem excelentes trabalhadores e muito qualificados em diferentes ocupações, eles recebem metade do salário de um trabalhador branco e não são admitidos nas organizações de trabalhadores da área, que só protegem aqueles dos Estados Unidos¹⁹⁰.

Essa política de segregação racial será uma constante nas obras do canal, mantendo um sistema de competição por empregos seguindo parâmetros raciais. Os trabalhadores negros suplantavam os brancos nessas tarefas mais perigosas, enquanto estes eram colocados em concorrência com os trabalhadores europeus e latino-americanos. Entre 1906 e 1907, essa falta de braços foi resolvida pela contratação de milhares de trabalhadores da Espanha e das ilhas do Caribe. Em dezembro de 1906, uma carta assinada por um imigrante galego informa a grande atividade de recrutamento de trabalhadores das empresas transatlânticas francesas e inglesas nos portos de Santander, Gijón e Vigo, para ocupar empregos na construção do Canal do Panamá. Um grande grupo de pessoas embarcou em uma viagem que demorava cerca de 20 dias até o porto de Colón, onde rapidamente observaram as condições extremamente difíceis de trabalho e de vida que enfrentariam, e que de forma alguma se assemelhava às promessas de boa alimentação, hospedagem e hospitais prometidos¹⁹¹.

Pelas informações publicadas na imprensa anarquista, sabemos que a maioria dos que estavam no Panamá eram de nacionalidade espanhola, especialmente da província da

¹⁸⁹ MADRID, Francisco, **Solidaridad Obrera y el periodismo de raíz ácrata**, Barcelona: Ediciones Solidaridad Obrera, 2010, p. 8–16.

¹⁹⁰ *Doctrina anarquista-socialista*, Patterson, 30 de julho de 1905, pp. 111, 114. Os trabalhadores brancos estadunidenses podiam se organizar na American Federation of Labor (AFL). Geralmente, eles pertenciam às categorias de mecânicos, carpinteiros e ferroviários.

¹⁹¹ *Tierra y Libertad*, Barcelona, 31 de janeiro de 1907, p. 2; *El Audaz*, Ybor City, 4 de setembro de 1907, p. 3.

Galícia. Em 1907, há relatos dos primeiros protestos relacionados às péssimas condições de alimentação, moradia e trabalho distribuídos de acordo com um sistema rigoroso de segregação racial. As salas de jantar, os quartos para dormir e até o transporte foram divididos entre trabalhadores negros e brancos¹⁹².

Essas primeiras queixas foram canalizadas através do cônsul espanhol, cobrado para que os trabalhadores espanhóis fossem equiparados às condições de trabalho dos estadunidenses. A resposta da empresa foi a rejeição do pedido; desde que, para as autoridades, os espanhóis não eram “brancos caucasianos” para que as suas condições pudessem ser equiparadas àquelas dos estadunidenses. A este protesto foi adicionado outro, em que trabalhadores espanhóis protestaram porque outros colegas de trabalho da ilha de Barbados ocuparam os seus trens e bandejões designados para eles¹⁹³.

Esse primeiro confronto entre trabalhadores de diferentes origens geográficas e étnicas marcará todo o período de construção do canal e colocará alguns limites às possibilidades de ação coletiva. Como as diferentes fontes registraram, esses eventos deixam evidentes as manifestações racistas presentes nos trabalhadores espanhóis em relação aos seus companheiros barbadianos. Embora, como mostramos no início, houvesse um reconhecimento da segregação racial e do racismo, isso não impediu a ativação de uma competição ocupacional interna que a empresa administrou a seu favor. Essas tensões marcaram a criação da primeira federação de grupos anarquistas do istmo que, embora tenha alcançado a simpatia de um importante grupo de trabalhadores espanhóis e latino-americanos, não conseguiu atrair para suas fileiras a maioria dos trabalhadores afrodescendentes.

3.1.1 A *la picota*: individualismo ou comunismo?

Em 1910, dois anúncios apareceram relatando a criação de grupos anarquistas no Canal do Panamá. O primeiro, chamado *Libertad, Igualdad y Comunismo*, é fundado pelo andaluz Juan Chacón Uceda, em Pedro Miguel. De acordo com a sua declaração publicada em *Tierra*, de Havana, o grupo “era de propaganda filosófica e queria estabelecer relações com

¹⁹² *Tierra*, Havana, 7 de setembro de 1907, p. 3; 14 de setembro de 1907, p. 3.

¹⁹³ Archivo Histórico Nacional (AHN). Ministério de Relaciones Exteriores. CÓNsul DE ESPAÑA EN PANAMÁ, Conflicto con la policía del canal por festejo de las fiestas de la Virgen del Pilar 16 y 17 de octubre de 1907 en Rio Grande, en los que la policía arrestó a varias personas por el ruido y los condeno a pagar una multa. Correspondencia 1907. Consulado Panamá, 1865–1912.

outros semelhantes nos Estados Unidos e Espanha”¹⁹⁴. Nos meses seguintes, não aparecem mais notícias desse grupo, apenas uma coleta de dinheiro organizada por Chacón entre os seus colegas de trabalho em Pedro Miguel, para cobrir o déficit financeiro do jornal *Tierra y Libertad*, de Barcelona¹⁹⁵.

Em novembro de 1910, um relatório aparece de um segundo grupo chamado *Los Egoístas*, em Gatún. Conforme declaração do seu secretário de relações internacionais, o galego Manuel Rodríguez “Intransigente”, o objetivo era propagar ideias anarquistas nos trabalhadores do canal¹⁹⁶. Para isso, o grupo pretendia criar um sistema de subscrição e distribuição da literatura anarquista, desenvolver campanhas solidárias a favor dos presos por questões sociais e promover debates doutrinários em comícios públicos¹⁹⁷. Nessa mesma declaração, Rodríguez ataca Juan Chacón, negando a existência de um grupo em Pedro Miguel e alegando a sua inatividade. Chacón responde dando conta das suas atividades na formação de outros grupos em Rio Grande, Las Cascadas e Colón. As principais atividades desses coletivos seriam a arrecadação de dinheiro para financiar a imprensa anarquista, especialmente *La Mujer*, de Porto Rico; *El Hambriento*, de Lima; *Cultura Proletaria*, de Nova Iorque; e *Tierra y Libertad*, de Barcelona¹⁹⁸.

Essa primeira polêmica mostra a importância das conexões com Cuba e Espanha para os primeiros grupos anarquistas do istmo, que dedicaram grande parte de seus esforços para financiar a imprensa desses países. Por outro lado, sugere uma competição entre os dois grupos pela origem da atividade militante na região. Em relação a Juan Chacón, a controvérsia continuou aumentando quando Manuel Rodríguez denunciou seu parceiro como “fraudador da

¹⁹⁴ *Tierra*, Havana, 9 de abril de 1910, p. 4.

¹⁹⁵ *Tierra y Libertad*, Barcelona, 5 de outubro de 1910, p. 4.

¹⁹⁶ Manuel Daniel Rodríguez Figueredo é de origem galega, e usou os pseudônimos “Intransigente” e “Zourgidor”. Segundo informações da Guarda Civil de Orense, na Galícia, ele era foragido do serviço militar desde 1897. Viajou como fotógrafo pelo México, por Cuba e pela Argentina. Em 1907, participou de vários grupos anarquistas na cidade de Rosário, de onde foi expulso. Em Cuba, ele permaneceu próximo ao grupo editorial do jornal *Tierra*, em Havana, onde foi vigiado pela polícia. No ano de 1910, viajou para o Panamá com outros anarquistas, onde permaneceu até 1913. Segundo os dados enviados pela polícia de Havana ao Cônsul espanhol em Cuba: “Manuel tinha 31 anos, é solteiro, motorista de carruagem e branco com 1,65 metros de altura”. No Panamá fundou o grupo *Los Egoístas*, em Gatún, participou como secretário de relações internacionais da Federação de Grupos e Individualidades do Istmo do Panamá e foi editor do seu jornal *El Único*. Foi propagandista ativo, escritor e organizador individualista. No Panamá, esteve envolvido em muitos conflitos com militantes que discordavam das suas ideias e, finalmente, em 1913, retornou à Galícia, onde foi acusado de possuir o dinheiro arrecadado pela federação de grupos para a fundação de uma gráfica. ANH. Ministerio de Relaciones Exteriores. Orden Público Parte General 1898 1911 1913 LEGACIÓN DE ESPAÑA EN LA HABANA, Relación de anarquistas conocidos en La Habana.

FERNANDEZ, Eliseo, RODRÍGUEZ FIGUEIREDO, Manuel Daniel “Intransigente” “Zourgidor”, in: **Apuntes para unha enciclopedia histórica do anarquismo galego**, Galicia: Confederación Nacional del Trabajo (CNT), 2020. <https://cnt.gal/enciclopedia/>

¹⁹⁷ *Tierra y Libertad*, Barcelona, 23 de novembro de 1910, p. 4; 11 de janeiro de 1911, p. 4.

¹⁹⁸ *Tierra y Libertad*, Barcelona, 18 de janeiro de 1911. p. 4.

imprensa anarquista” e “delator da polícia”. De acordo com esta acusação, Chacón era um ex-Guarda Civil da cidade de Córdoba que havia se infiltrado no movimento anarquista no Panamá. Segundo Rodríguez, os primeiros textos enviados por Chacón tinham o objetivo de se apropriar do material de propaganda e vendê-lo a um valor maior para deixar o resto como um ganho pessoal¹⁹⁹.

Juan Chacón se defendeu das acusações e continuou enviando dinheiro para financiar a imprensa anarquista desde Pedro Miguel. Algum tempo depois, ele retornou à Andaluzia, onde se estabeleceu como distribuidor do *Tierra y Libertad* na cidade de Uceda, em 1915²⁰⁰. Durante esse período, não encontramos outras denúncias contra esse militante, apenas textos informando sobre a demora no envio de dinheiro, que era uma situação bastante comum na imprensa anarquista da época.

Sobre esse primeiro momento associativo, Ángel Blanco Juez confirma que esse foi o resultado de uma intensa propaganda estabelecida desde 1907 por companheiros que já tinham experiência anterior²⁰¹. Segundo Blanco, em 1909 houve as primeiras assembleias que conseguiram formar os primeiros grupos nas localidades de Gatún, Culebra e Las Cascadas²⁰². Esses grupos não coincidem com os nomeados por Chacón, o que efetivamente prova que houve diferenças internas entre os grupos que estavam se espalhando pelos municípios e acampamentos da região do canal até 1913 (mais à frente deste documento será aprofundado este debate)²⁰³. Isso, também, ampliou a presença de policiais, infiltrados e delatores, na maioria dos comícios, das assembleias e das atividades organizacionais²⁰⁴.

A Federación de Grupos e Individuos Libres del Istmo de Panamá foi formada em fevereiro de 1911, com a participação dos grupos *Los Egoístas*, *Los Invencibles*, *Ferrer*, *Los Sin Nombre* e *Los Seditos*. Além dos grupos, participaram da organização pessoas como José

¹⁹⁹ *El Único*, Colón, 12 de outubro de 1911, p. 33.

²⁰⁰ *Tierra y Libertad*, Barcelona, 21 de julho de 1915, p. 3; 4 de agosto de 1915, p. 2; 30 de novembro de 1915, p. 3.

²⁰¹ Anarquista individualista, participa de vários grupos de afinidade no Panamá. *Grupo Ferrer* localizado em Las Cascadas entre 1910 e 1912, *Libertad y Justicia* em 1913 e *Los Autónomos* na Cidade do Panamá entre 1916 e 1918. Na década de 1920 mudou-se para os Estados Unidos, onde continuou a colaborar no jornal. *Cultura Obrera* de Nova York. Informações compiladas de jornais *Ação Libertária* 1910, *El Único* 1912, *El Libertário* 1913, *Tierra y Libertad* 1916, 1918 e *Cultura Obrera* 1924.

²⁰² *Cultura Obrera*, Nova Iorque, 4 de outubro de 1924, p. 4.

²⁰³ Segundo Chacón, os primeiros grupos formados em 1911 são *Los Nada*, *Libre*, *Examen* (Pedro Miguel) e *Germinal* (Rio Grande). *Tierra y Libertad*, Barcelona, 18 de janeiro de 1911. p. 4.

²⁰⁴ Em uma carta assinada em fevereiro de 1913, o Cônsul da Espanha no Panamá pede autorização do Coronel Goethals, Presidente da Comissão Administrativa do Canal, para empregar a polícia secreta espanhola como trabalhadores e, assim, manter-se informado das atividades dos anarquistas espanhóis e de seus movimentos após terminar o trabalho do canal. AHN. Ministerio de Relaciones Exteriores. H 2753 Orden Público parte general 1911 1913. **CONSUL DE ESPAÑA EN PANAMÁ**, El cónsul de España refiriéndose al Despacho del actual participa que el Coronel Goethals Presidente de la Comisión del Canal Istmo. 22 de fevereiro de 1913.

Pena Ferreira, Bernabé Ruiz e José Novo²⁰⁵. A orientação dessa federação foi anarquista-individualista, resumida em um programa de oito pontos concretos: 1) abolição de toda a tributação; 2) abolição de todas as instituições; 3) abolição de toda demarcação; 4) uma única linguagem universal; 5) ignorância de todos os títulos; 6) iluminação geral para todos; 7) seguro de vida para todas as crianças, idosos e deficientes; e 8) quem quiser comer tem que trabalhar²⁰⁶.

Esses pontos foram construídos a partir de uma interpretação da ideia anarquista que concentrou sua crítica à religião, ao trabalho assalariado, ao governo, à política institucional, à lei e à pátria. As principais referências filosóficas desse programa foram Max Stirner e Frederick Nietzsche, considerados as bases nas quais essa variedade de anarquismo foi construída, a qual não estava disposta a criar acordos com qualquer organização fora desta doutrina específica²⁰⁷.

Sobre as origens dessa corrente anarquista no Panamá, ainda há muitas incógnitas. O que sabemos é que, no momento da criação da federação, já havia militantes que defendiam essa posição a partir de sua experiência em outras localidades, como Espanha, Cuba e Argentina. O caso de Manuel Rodríguez “Intransigente” (fundador do grupo *Los Egoístas*) é característico dessa trajetória. Em 1907, ele participou de grupos antiorganizadores em Rosário, na Argentina, de onde foi expulso, passando um tempo em Cuba e depois emigrando para o Panamá, em 1910²⁰⁸.

Em sua coluna “campo neutro”, publicada em *Tierra y Libertad*, Manuel explica com mais detalhes o conteúdo de sua filosofia. O individualismo segue o método de afirmação do indivíduo livre ou “Ego” nomeado por Stirner, a partir de seu confronto com qualquer coletividade formal e estável. Segundo Manuel, o principal inimigo do anarquismo seria o sindicalismo, dado que essa forma de ação dos trabalhadores introduz permanentemente regulação, legalismo e burocracia. Para ele, este seria o principal problema na América do Sul, onde há um movimento anarquista avançado na Argentina, no Brasil e no Uruguai, que, no entanto, foi “contaminado” pelo sindicalismo. Na América Central, o militante galego mencionou não haver propaganda anarquista, e no caso de encontrar “algum indivíduo de ideias avançadas, abaixa-as, de tal forma que realmente faz pena”²⁰⁹.

²⁰⁵ *Tierra y Libertad*, Barcelona, 26 de abril de 1911, p. 4.

²⁰⁶ *El Único*, Colón, 12 de março de 1912, p. 9.

²⁰⁷ *El Único*, Colón, 12 de outubro de 1912, p. 8.

²⁰⁸ *Tierra y Libertad*, Barcelona, 11 de julho de 1907, p. 3; 25 de julho de 1907, p. 4. A corrente antiorganizadora argumentou que o anarquismo não deveria fazer parte de nenhuma iniciativa organizacional fora de grupos de afinidade e propaganda. Por isso, se opuseram às associações ligadas ao movimento operário. Na Argentina, eles foram importantes na década de 1890, através dos jornais *El Rebelde* e *El Perseguido*.

²⁰⁹ *Tierra y Libertad*, Barcelona, 19 de maio de 1910, p. 3.

Nessa perspectiva, o Istmo do Panamá seria a ponta de lança de um verdadeiro movimento anarquista regional. Para alcançar esse objetivo, o grupo *Los Egoístas* organizou um “concurso sociológico internacional”, que serviria como substituto de um congresso, por uma polêmica aberta nas páginas do *Tierra y Libertad*. Este espaço foi um lugar propício para os individualistas fortalecerem seu programa a partir de um debate aberto²¹⁰. O concurso foi organizado através de três questões abertas: 1) Como se poderia viver sem governo anarquicamente, no comunismo? 2) A organização dos trabalhadores, como propagada pelos sindicalistas (descartando a ideologia anárquica), não é um meio de perpetuar a exploração? 3) O ensino racionalista moderno dos jovens livres deve ser neutro ou anarquista?²¹¹

A posição do *Los Egoístas* foi representada por Manuel Rodríguez e Pedro García. Segundo o primeiro, o ser humano livre só poderia se desenvolver plenamente em uma sociedade individualista, onde a associação coletiva só é necessária a partir da utilidade individual. Nessa visão, o indivíduo é o centro de toda atividade criativa, portanto, só entra em relacionamento com outras pessoas para cobrir as necessidades que ele não pode suprir individualmente²¹². Se esse princípio se estender a toda a sociedade, a organização proposta é o mais informal e flexível possível, como foi proposto por Max Stirner em seu livro “O único e sua propriedade”, como “união dos egoístas”²¹³. Essa visão geral da sociedade também deveria ser aplicada à organização dos trabalhadores, que teria de ser realizada fora de qualquer concepção sindical. Segundo Rodríguez, o sindicato é uma instituição burocrática que reproduz a organização jurídica do Estado e coage a ação livre e fundamentada de cada indivíduo²¹⁴. Sobre a educação, Pedro García afirma ser necessário desenvolver um plano educacional completo, onde as crianças participem desde os seus primeiros anos e cujo centro é o desenvolvimento da liberdade de criação. Para ele, a educação racionalista é anarquista, pois essa ideologia busca a organização racional da sociedade. Portanto, não seria necessário que a prática educacional tivesse uma orientação ideológica explícita²¹⁵.

²¹⁰ As orientações do concurso foram simples, isto é, ele foi organizado através de três perguntas gerais que as pessoas interessadas respondiam no formato de um artigo gratuito e na redação do jornal público. Em seguida, através do grupo editorial, as pessoas eram sugeridas a avaliarem os artigos, e os textos vencedores fariam parte de um folheto impresso distribuído na Espanha e no Panamá. As pessoas escolhidas para avaliarem o concurso foram Leopoldo Bonafulla (pseudônimo de Joan Baptista Esteve), anarquista catalão, e Federico Forcado, professor racionalista e diretor de *Escuela Moderna*, de Valladolid. Esta conexão geográfica deve-se ao fato de que a maioria dos membros de *Los Egoístas* eram trabalhadores de origem espanhola. *Tierra y Libertad*, Barcelona, 22 de fevereiro de 1911, p. 2.

²¹¹ *Tierra y Libertad*, Barcelona, 1 de março de 1911, p. 2.

²¹² *Tierra y Libertad*, Barcelona, 28 de junho de 1911, p. 1.

²¹³ STIRNER, Max, **El Único y su propiedad**, Buenos Aires: Libros de Anarres, 2005.

²¹⁴ *Tierra y Libertad*, Barcelona, 5 de julho de 1911, p. 2.

²¹⁵ *Tierra y Libertad*, Barcelona, 10 de maio de 1911, p. 1.

As posições dos outros concorrentes mostram uma inclinação para o comunismo anarquista como uma orientação filosófica e o sindicalismo revolucionário como uma tática de luta dos trabalhadores. Este último era visto como uma maneira de superar o mutualismo e a organização baseada em sociedades de ofício. As principais ferramentas do sindicalismo seriam o boicote, a greve e a educação dos trabalhadores, de modo a desencadear a revolução social expropriadora que colocaria em comum os meios de produção. Aqui, a principal diferenciação não seria entre ação individual e coletiva, mas sim entre ação direta e indireta. A primeira seria representada no sindicalismo administrado pela base de seus membros e fora do sistema institucional, enquanto a segunda seguia o modelo de sindicalismo socialista hierárquico de ação parlamentar²¹⁶.

O balanço final do grupo editorial sobre o concurso foi um tanto decepcionante, já que existia uma expectativa de maior participação e debate. Quanto ao perfil dos participantes, a maioria eram trabalhadores manuais, que mencionam em seus artigos o fato de não terem preparo intelectual suficiente para desenvolverem amplamente os temas. Em desvantagem de posições, os individualistas organizaram um segundo concurso para tentar mobilizar maior interesse em suas ideias. Dessa vez, o debate foi organizado pelo grupo *Los Sin Nombre*, de Gorgona²¹⁷, com um tema voltado à prática revolucionária e às principais questões que deveriam ser tratadas pela propaganda anarquista²¹⁸.

O resultado do debate seria coletado através de um folheto financiado pelo grupo do Panamá e distribuído através da administração do *Tierra y Libertad*. O debate foi orientado por dois temas centrais e cinco questões. O primeiro tinha a ver com a organização de meios práticos para combater os principais problemas da sociedade, tais como: a religião, a autoridade e o capital²¹⁹.

Dos artigos recebidos, todos foram enviados de diferentes cidades da Espanha e não houve contribuições do grupo organizador ou de outros membros da federação no Panamá. Na luta contra a religião, a maioria considera que o contexto atual de avanços no materialismo e na ciência oferecia grandes vantagens. Esse clima de progresso devia ser aproveitado através do uso da sátira, da ironia e da disseminação da vida depravada dos Papas da Igreja, para mostrar

²¹⁶ *Tierra y Libertad*, Barcelona, 7 de junho de 1911, p. 2; 23 de agosto de 1911, p. 1; 5 de julho de 1911, p. 2-3; 28 de junho de 1911, p. 1.

²¹⁷ O grupo havia sido fundado em fevereiro de 1911 por P.T. Namor e seguiu uma orientação individualista.

²¹⁸ *Tierra y Libertad*, Barcelona, 2 de agosto de 1911, p. 4.

²¹⁹ A segunda questão não foi debatida e se relacionava à organização da revolução social através das seguintes questões: como impedir que os políticos assumam a luta da classe trabalhadora? Como organizar a vida econômica dos povos e indivíduos após a superação da reação? *Tierra y Libertad*, Barcelona, 2 de agosto de 1911, p. 4.

as inconsistências da doutrina cristã. Esse trabalho devia partir da educação racional da infância, seguindo o método de Francisco Ferrer Guardia como a melhor estratégia de longo prazo para a formação de consciências livres²²⁰.

Quanto ao combate à autoridade, esta era uma manifestação moderna do patriarcado, que se institucionaliza na forma do Estado e suas instituições legislativas, executivas e judiciais. O método mais prático para o combate do Estado seria a ação direta durante as eleições, usando boicote e voto nulo para mostrar rejeição ao sistema eleitoral e à autoridade governamental. Para que esse mecanismo fosse eficaz, tinha de ser uma atividade massiva e simultânea em todo o território. Essa ação devia ser fortalecida por propaganda oral e escrita que buscasse o pensamento crítico e convincente²²¹.

Quanto à luta contra o capital, prevalece novamente a ideia de que o meio mais apropriado para combatê-lo é o sindicalismo revolucionário; dado que supera a ideia guiada pelo socialismo eleitoral. O método prático para o sindicalismo realizar seu caminho como uma doutrina revolucionária é a luta direta contra o capital. O sindicato nesse sentido é tanto uma associação de classes quanto uma escola de educação e preparação revolucionária através de ação e propaganda por meio de jornais, bibliotecas e panfletos²²².

Para Corzo, o sindicalismo revolucionário de orientação anarquista é o melhor instrumento de luta contra o capital, dado que coloca nas mãos dos trabalhadores o gerenciamento de sua própria organização. Contra a ação indireta promovida pelo socialismo parlamentar, o autor promove um modelo sindical baseado na luta concreta que evita a burocracia e as regulamentações excessivas. Para o autor, essa luta está totalmente relacionada ao problema da autoridade e da religião, pois com o capitalismo promovem a usurpação da inteligência, da liberdade e do bem-estar em poucas mãos. Portanto, assumir o controle direto da base da sociedade é o melhor meio de transformar a totalidade do sistema estabelecido²²³.

Embora os últimos temas do concurso não tenham sido explicitamente abordados, as respostas aos temas acima mostram novamente uma inclinação para o sindicalismo revolucionário como a melhor organização dos trabalhadores. Conforme o debate reconstruído até agora, entendeu-se que esse modelo sindical era, por si só, anarquista, visto que colocavam em prática as bases do federalismo e da iniciativa pessoal. Para os grupos no Panamá, os dois

²²⁰ *Tierra y Libertad*, Barcelona, 13 de setembro de 1911, p. 2; 22 de novembro de 1911, p. 3, 13 de dezembro de 1911, p. 2.

²²¹ *Tierra y Libertad*, Barcelona, 13 de dezembro de 1911, p. 2; 24 de janeiro de 1912, p. 3.

²²² *Tierra y Libertad*, Barcelona, 24 de janeiro de 1912, p. 3.

²²³ *Tierra y Libertad*, Barcelona, 15 de novembro de 1911, p. 1.

concursos mostraram que, apesar de suas intensas relações com seus companheiros dentro da Espanha, seu programa parecia não ter tantos seguidores.

Apesar disso, a federação continuou a promover o concurso como um meio prático para o debate doutrinário. Nas páginas do jornal da organização, chamado *El Único*, foi criada uma seção chamada “comunismo ou individualismo”. Nessa época, a organização já contava com onze coletivos e diversas individualidades. Os organizadores do concurso foram os editores do jornal, Manuel Rodríguez e Frei B. Pérez²²⁴. O ponto central do debate foi diferenciar a ideia de anarquia do comunismo e do sindicalismo do anarquismo. Os participantes desse debate usaram uma retórica interessante, onde tomavam conceitos de Kropotkin, Reclus e Agustin Hamon para contrastá-los com suas próprias concepções comunistas.

O comunismo como um sistema econômico foi entendido como um coletivismo forçado, que só poderia ser aceito como uma orientação intermediária ou imperfeita da anarquia. Quanto ao movimento operário, foi aplicado o mesmo raciocínio, sustentando que o sindicalismo seria uma forma de reproduzir os mecanismos de funcionamento do Estado com suas regulamentações, suas comissões, seu caixa de auxílio e seus comitês²²⁵.

O único participante que se desvia desse argumento é J. D. Montero, que dirige sua polêmica abertamente contra Manuel Rodríguez. Em sua abordagem, não há indivíduo fora da sociedade e isso só existe materialmente em relação a outra pessoa, portanto, o que realmente vemos é uma complementaridade entre a personalidade individual e o coletivo. Portanto, para Montero, o individualismo é uma filosofia que norteia a moral pessoal, no entanto, é inviável como um sistema econômico, dado que se baseia em um princípio exclusivamente utilitarista. Por fim, em organização econômica, o comunismo continua sendo a melhor orientação para o anarquista²²⁶.

A posição de Montero é interessante, já que ele fez parte do grupo *Los Sin Nombre*, o mesmo que organizou o segundo concurso sociológico através do *Tierra y Libertad*. Como conclusão, poderíamos dizer que na *Federação dos grupos* não havia um consenso quanto à orientação ideológica da organização. Isso também é mostrado no texto de outro militante de

²²⁴ Bernardo Pérez foi um anarquista galego que usava o pseudônimo “Frei B. Pérez” no Panamá. Neste país, fez parte do grupo editorial do jornal *El Único* e do grupo *Los Egoístas*. FERNANDEZ, Eliseo, PÉREZ, Bernardo “Fray B. Pérez”, in: **Apuntes para unha enciclopedia histórica do anarquismo galego**, Galicia: Confederación Nacional del Trabajo (CNT), 2020. <https://cnt.gal/enciclopedia/>

²²⁵ *El Único*, Colón, 2 de dezembro de 1911, p. 37-38; 12 de fevereiro de 1912, p. 74-75; 25 de maio de 1912, p. 130, 12 de março de 1912, p. 89.

²²⁶ *El Único*, Colón, 12 de janeiro de 1912, p. 63-64.

origem italiana chamado Salvatore Campo, que se envolve em uma controvérsia com os editores do *El Único*. Segundo ele, o objetivo do anarquista é a morte do governo, porém para alcançar seu desaparecimento total seria necessária uma transição que só poderia ocorrer através do comunismo como sistema econômico²²⁷.

A partir dos concursos sociológicos, a federação publicou um panfleto intitulado “gérmen individualista”, onde coletou suas principais abordagens em relação ao comunismo, ao sindicalismo e à educação racionalista²²⁸. Outro mecanismo usado pelos editores do jornal da federação foi criar uma seção para expor os supostos “traidores”, “trânsfugas” e “antianarquistas”. Nessa galeria, apareceram os nomes dos militantes que haviam criticado a ideologia individualista, como Juan Chacón e Salvatore Campo. Os conceitos de “comunista” e “sindicalista” alcançam um novo significado nesse contexto para se referir aos desvios do anarquismo. A troca de imprensa recebida foi classificada de acordo com esse mesmo critério²²⁹.

Os concursos sociológicos funcionavam como um mecanismo interessante para substituir congressos ideológicos e mostrar, como o individualismo entendia na prática o debate doutrinário. Essa modalidade foi coerente com as críticas feitas ao excesso de regulação presente em um congresso e transformaram a imprensa no principal instrumento de organização e debate. O confronto direto também funcionou como um mecanismo de coesão interna e diferenciação de outros grupos anarquistas, conforme demonstra o uso da “galeria de trânsfugas”.

Quanto aos seus resultados concretos ao nível internacional, o individualismo parecia estar em desvantagem, embora ao nível do Istmo do Panamá tenha conseguido articular uma federação com 19 grupos ativos entre 1910 e 1914. Apesar de o sindicalismo ter sido criticado como uma estratégia de organização anarquista, a federação não foi contra qualquer tipo de associação como evidenciado por sua própria prática, o que explicaremos em detalhes no próximo tópico.

²²⁷ *El Único*, Colón, 12 de outubro de 1911, p. 9-10.

²²⁸ INTRANSIGENTE; PARAIRE., A.; VILLALOBOS, R., **Germen Individualista**, Panamá: Biblioteca El Único, 1912. O panfleto foi composto por dois artigos de Manuel Rodríguez “Eu sou antissindicalista”, “o homem livre na sociedade anticomunista” e outros por Antonio Pellicer Paraise sobre educação e R. Villalobos intitulado “verdades anárquicas”.

²²⁹ *El Único*, Colón, 12 de abril de 1912, p. 117.

3.1.2 A filosofia da picareta e da pá: a federação anarquista na prática

A Federação de Grupos e Indivíduos Livres do Istmo do Panamá foi fundada, em assembleia, em fevereiro de 1911, com a participação dos grupos *Los Egoístas*, *Los Invencibles*, *Ferrer*, *Los Sin Nombre* e *Los Sedientos*. Esses grupos seguiram uma dinâmica organizacional relacionada à mobilidade laboral de seus membros, de forma que a organização dos grupos ocorresse nos campos de trabalho em torno das obras do Canal, bem como em outras cidades como Panamá, Colón e Portobelo. A Tabela 3 mostra seus principais membros relatados na imprensa anarquista, assim como o Mapa 10 representa a sua localização.

Tabela 3. Federação de Grupos e Indivíduos Livres do Istmo do Panamá

Nome	Localização	Anos de atividade
Los Egoístas	Gatún	1910–1913
Los Invencibles	Culebra	1910–1912
Ferrer	Cascadas	1910–1912
Los Sin Nombre	Gorgona	1911
Los Sedientos	Balboa	1911–1915
Gente Nueva	Punta del Toro	1911
Labor Libertaria	Emperador	1911–1913
Libre Examen	Pedro Miguel	1911–1912
Los Iguales	Miraflores	1911
Los Iconoclastas	Portobelo	1911
Deseo Libertario	Corozal	1911
Los Conscientes	Ciudad de Panamá	1912
Brisas Libertarias	Colón	1912
Aseo Intelectual	Gatún	1912
Nuevos Luchadores	Culebra	1912
Los Nada	Pedro Miguel	1912–1914
Los Íntegros	Paraíso	1912
Libertad y Justicia	Cascadas	1913
Los deseos	Corozal	1913–1914

Fonte: Elaboração própria.

Como pode-se observar na tabela 3, a maioria dos grupos é formada durante o período de 1910 a 1914, o que coincide com a expansão das obras do canal. Algumas dessas localidades eram municípios históricos que tinham uma grande vida comercial desde o século XVI e especialmente desde o século XIX, com a construção da ferrovia interoceânica na década de 1850.

Segundo a historiadora panamenha Marixa Lasso, a região que mais tarde é apropriada pelo governo dos Estados Unidos sofreu mudanças espaciais radicais. À medida que a empresa modificou sua operação, os municípios se tornaram distritos segregados do resto do país, governados conforme os parâmetros de segregação racial estabelecidos pela empresa. Este foi o resultado de um longo processo de tensões entre os dois países, entre 1907 e 1912, que coincidiu com a implementação do projeto imperialista dos Estados Unidos que despovoou a maioria dos lugares históricos, como Emperador, Gatún, Gorgona e a bacia do rio Chagres²³⁰.

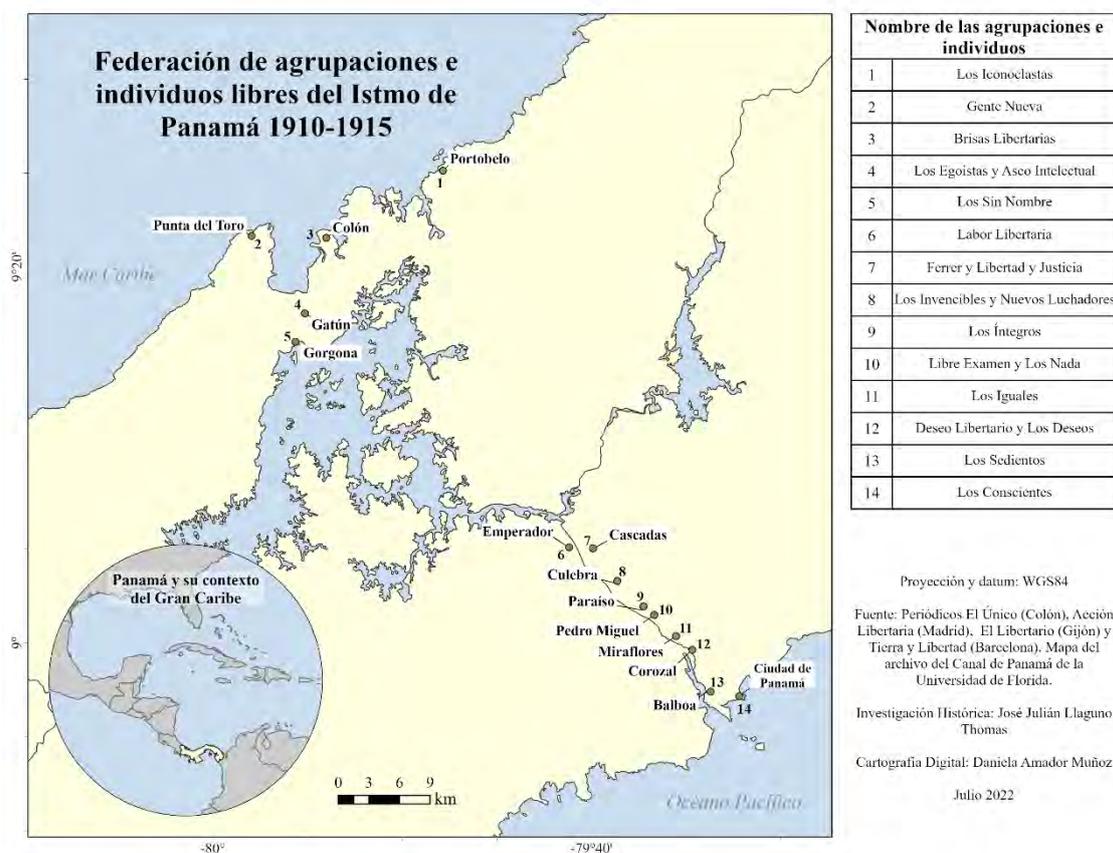
O porto da Cidade do Panamá foi o ponto de entrada para o comércio e o centro da vida política do país desde o século XVI. Através da baía dessa cidade entrou a maioria dos navios do Pacífico, cuja atividade central estava mudando com o curso das obras do canal. Em 1912, a administração do canal decidiu criar um porto autônomo chamado Ancón e depois Balboa, onde foram estabelecidos os principais edifícios da empresa. Com essa modificação, o poder central do canal estava fora do centro administrativo do Panamá e dentro da região autônoma.

Algo semelhante aconteceu com o porto de Colón, no Caribe, onde foi criado Cristóbal, separado da cidade histórica. Estes foram conectados pela linha férrea à Cidade do Panamá. A partir dessa nova configuração espacial e de poder, Gatún tornou-se a porta de entrada para o canal do Caribe e Balboa para o Pacífico. Algumas outras cidades atingiram certos graus de especialização, como Emperador, que se tornou uma das estações ferroviárias mais importantes do Pacífico, enquanto Gorgona foi convertida no centro de reparos de todas as máquinas e todos os equipamentos usados no canal²³¹.

²³⁰ LASSO, *Erased*, p. 1–20.

²³¹ *Ibid.*, p. 51-78.

Mapa 10. Federação de grupos e indivíduos livres do Istmo do Panamá, 1910-1915



Fonte: *El Único* (Colón), *Acción Libertaria* (Madrid), *El Libertario* (Gijón), *Tierras y Libertad* (Barcelona).

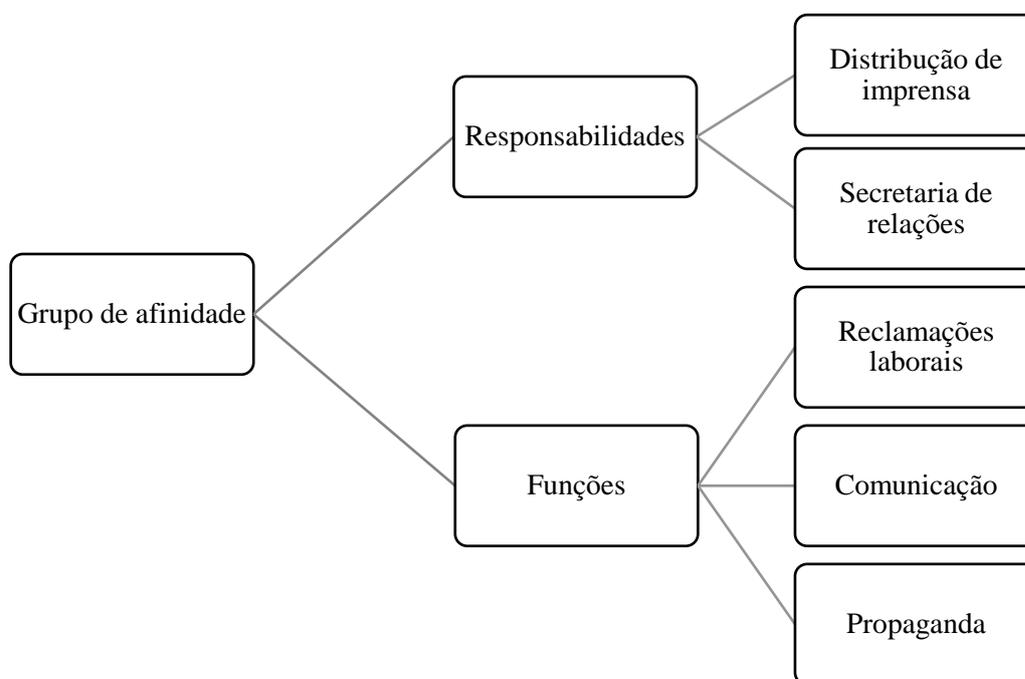
Essas modificações tiveram grandes impactos na vida política e no mercado de trabalho da área, dado que a maioria dos seus habitantes históricos foram deslocados da região ou continuaram vivendo dentro de uma zona dominada por um governo estrangeiro. Esse processo ajuda a explicar por que é tão difícil localizar muitas dessas localidades nos mapas atuais do país, já que muitos dos seus nomes foram modificados ou mesmo literalmente apagados²³². A dinâmica dos grupos de afinidade seguiu essas novas configurações espaciais, visto que o número de seus membros dependia fortemente da disponibilidade de trabalho em algumas das localidades. Portanto, não é de surpreender que os grupos mais numerosos coincidiram com as localidades com maior oferta de trabalho, como Culebra, Gatún e os portos de Colón, Cristóbal e Balboa. Por exemplo, o grupo *Los Egoístas* tinha entre 50 e 100 membros, de acordo com

²³² Dada esta realidade, optamos por construir um mapa com referências de pontos conhecidos, não sendo eles totalmente exatos.

suas listas de contribuições. Conforme os relatórios da polícia do canal, em 1912, estes estimaram entre 800 e 1.000 o total de anarquistas ativos na área²³³.

A estrutura interna desses grupos (Figura 2) era simples e flexível, visto que sua atividade poderia desaparecer ou se fundir com a de outros grupos, dependendo das mudanças na estrutura de trabalho. Sua operação geral era constituída por trabalhadores do mesmo local que se associavam e escolhiam um entregador de imprensa e secretário de relações. Essa consistiu em organizar uma coleta voluntária de dinheiro, resumida em listas, onde eram colocados os nomes das pessoas e o valor arrecado. Esse dinheiro foi usado principalmente para propaganda anarquista, apoio às pessoas presas e para a fundação de escolas racionalistas.

Figura 2. Estrutura do grupo de afinidade anarquista



Fonte: Elaboração própria.

Em um apelo aos “camaradas da escravidão e da miséria”, o militante Tranquilo explicou as características dos agrupamentos anarquistas: “eles não têm regras para amarração de pensamentos; nem parcelas fixas, nem empregados com salários; nem caixas com fundos”²³⁴. Dessa forma, o problema com a gestão do dinheiro e a concentração de poder era evitado. As

²³³ GREENE, Spaniards on the Silver Roll: Labor Troubles and Liminality in the Panama Canal Zone, 1904- 1914, p. 91.

²³⁴ *El Único*, Colón, 12 de outubro de 1911, p. 15. Tradução livre?

declarações dos grupos geralmente afirmavam essas características, explicitando sua ideologia anarquista e individualista, de modo que não haveria dúvida de suas particularidades em relação a outros grupos.

O acompanhamento das atividades dos grupos é possível dado que essas informações foram publicadas regularmente no jornal da federação, denominado *El Único*, entre 1911 e 1912, na cidade de Colón. Ao mesmo tempo, listas completas foram enviadas para outros jornais, como *Tierra y Libertad*, em Barcelona; *Tierra*, em Havana; *Acción Libertaria*, em Gijón; e *El Libertario*, em Vigo, entre 1911 e 1915. Estes jornais tornaram-se a mídia oficial da federação quando o governo panamenho proibiu a impressão do *El Único*.

A escolha desses jornais não é acidental, pois eles explicam a composição da militância da federação e suas relações internacionais. Por exemplo, a relação com a cidade de Havana deve-se ao fato de que nesse lugar muitos imigrantes espanhóis foram formados como anarquistas na ilha. Junto com trabalhadores cubanos formaram o jornal *Tierra*, que operou de forma estável entre 1903 e 1915²³⁵. Esse jornal foi o principal elo de comunicação do anarquismo caribenho, que conectava grupos e militantes de Cuba, de Porto Rico, dos Estados Unidos e do Panamá. Alguns desses militantes que passaram primeiro por Cuba e depois pelo Panamá foram Aquilino López e Manuel Daniel Rodríguez, fundadores do grupo *Los Egoístas*, em 1910²³⁶.

O grupo editor do jornal *Acción Libertaria* mostra um caso semelhante, dado que esse jornal foi mantido por vários grupos anarquistas nas Astúrias e na Galícia, de onde vieram alguns membros da federação estabelecida no Panamá. No grupo editorial, estava Ricardo Mella, que foi um importante contato e conexão de confiança entre os militantes que chegaram ao istmo panamenho. Essa relação foi uma das mais importantes, já que do total de trabalhadores de origem espanhola contratados no canal, mais da metade era de origem galega. Alguns desses casos foram os de Jesús Louzara, de *Los Invencibles*; José Pena Pereira, de *Los*

²³⁵ ANH. Ministerio de Relaciones Exteriores LEGACIÓN DE ESPAÑA EN LA HABANA, Relación de anarquistas conocidos en La Habana. Relatório da Polícia Secreta de Havana sobre as pessoas que compõem a equipe editorial do semanário *Tierra*: Sebastián Aguilar y Mateo (diretor originário das Ilhas Canárias e cidadão cubano), Domingo Mir Durich (administrador, originário da Catalunha), Miguel Lozano Ariza (editor, cubano e tabaqueiro), Joaquín Lucena (editor, cubano, pedreiro), Juan Tur y Tur (editor, originalmente de Mallorca, trabalhador rural), Juan Tenório Fernández (editor, originário de Astúrias, tabaqueiro), Claudio Hernández Díaz (editor, cubano, jornalista), Paulino Ferreiro del Monte (editor, cubano, químico), Gregório Hernández (editor, nativo da Espanha, comerciante), Juan Francisco Moncaleano (editor, afirma ser um nativo da Espanha, embora na realidade seja colombiano), Juan Búa Palacios (editor, nativo da Espanha, sapateiro), Marcelo Salinas y López (editor, cubano, tabaqueiro).

²³⁶ SÁNCHEZ COBOS, Amparo, *Inmigración política en Cuba: las anarquistas españoles (1902-1925)*, 2008; SHAFFER, Havana Hub: Cuban anarchism, radical media and the trans-caribbean anarchist network, 1902-1915.

Conscientes; Bernardo Pérez, “Fray B. Pérez”, editor do *El Único*; e José Novo, do *Libre Examen*²³⁷.

O envio de recursos também foi um fator determinante dessas relações, dado que os grupos do Panamá constantemente enviavam dinheiro para financiar esses três jornais. Segundo a pesquisa da historiadora Amparo Sánchez, o jornal *Tierra*, de Havana, recebeu, entre 1903 e 1915, 3% do total de doações do Panamá. Embora não represente uma soma significativa, representou quase metade dos recursos para os anos de 1912 e 1913. No caso de *Tierra y Libertad* e *Acción Libertaria*, o déficit de vários números foi pago com dinheiro enviado do Panamá²³⁸. No caso do primeiro, entre 1910 e 1911, cerca de 25% das doações para o semanário anarquista de Barcelona foram enviadas do istmo²³⁹.

A estrutura da federação foi baseada na coordenação do trabalho de propaganda e na promoção das relações entre os diferentes grupos. Em sua declaração de princípios, diz que seus membros são “os sem camisa, sem pão e sem liberdade”, filhos daqueles enforcados e baleados em “Chicago, Paris, Jerez, Barcelona, Buenos Aires e Japão”. Discípulos anarquistas de “Stirner, Bakunin, Ferrer e Kotocku”; o objetivo da federação é organizar os trabalhadores do canal contra o canalha de “políticos, clérigos e patrões”²⁴⁰.

A federação promoveu a filosofia de “picareta e pá”, nome recebido pelos trabalhadores que desenvolveram as atividades de limpeza de terrenos e construção da rota do canal. De acordo com um membro do grupo *Los Invencibles*, que assina com o pseudônimo “Sin Dios”, essa filosofia foi baseada na necessidade de agrupar os “sem camisa para conquistar a vida em sua fase intelectual, econômica e moral”. Em um diálogo que inventou entre um filho de um trabalhador e um homem preguiçoso, ele explica que, embora o primeiro seja privado de tudo desde o nascimento, este último tem sua vida assegurada sem a necessidade de trabalhar. Essa desigualdade perpétua é o que cria a necessidade de lutar e ser anarquista, pois somente por esse caminho a liberdade pode ser totalmente conquistada em todos os campos da vida²⁴¹.

Dentro desse agrupamento havia algumas responsabilidades específicas que foram temporariamente assumidas pelos membros dos grupos (Figura 3). Os principais que

²³⁷ PEREIRA, Dionisio (Org.), **Os Conquistadores Modernos. Movimento Obrero na Galicia de anteguerra**, Vigo: Edicións A Nosa Terra, 1992. FERNÁNDEZ, Eliseo, PENA FERREIRA, José (? , 1876 – ?), in: **Apuntes para unha enciclopedia histórica do anarquismo galego**, Galicia: Confederación Nacional del Trabajo (CNT), 2020; LÓUZARA DE ANDRES, Jesús Rodolfo “Rolf Lone” (24-04-1888 -Steubenville-Ohio, 04-02-1973). <https://cnt.gal/enciclopedia/>

²³⁸ SÁNCHEZ COBOS, Amparo, !Tierra! y la internacionalización del anarquismo cubano (1902-1915): editores y ediciones, **Historia y Política**, n. 42, p. 55–83, 2019, p. 71–72.

²³⁹ MICHAEL YEOMAN, *The Panama Papers: anarchist press networks*, p. 92.

²⁴⁰ *El Único*, Colón, 12 de setembro de 1911, p. 2.

²⁴¹ *El Único*, Colón, 12 de novembro de 1911, p. 31; 12 de janeiro de 1912, p. 64.

identificamos são: 1) jornaleiro; 2) grupo editorial; 3) tesouraria; 4) revisores de contas; 5) secretário do comitê pró-presos; 6) secretário da federação; e 7) conselho administrativo. Nenhuma dessas funções eram remuneradas e eram de natureza transitória. O conselho administrativo era formado pelos secretários de relações de todos os grupos federados, portanto, o número de seus membros podia variar dependendo da dinâmica de crescimento dos grupos.

Quanto às condições de trabalho de seus membros, a federação de grupos canalizou as denúncias e as publicou em uma seção específica de seu jornal chamada “la picota”. Geralmente, publicavam os nomes de chefes abusivos e denunciavam as condições de saúde e de higiene em acampamentos e casas. A péssima alimentação e os acidentes de trabalho, devido ao mau uso de explosivos para estradas abertas, foram alguns dos temas mais recorrentes²⁴².

Na coluna publicada por Manuel Rodríguez em *Tierra y Libertad*, chamada “campo neutro”, ele descreve em detalhes essas condições de trabalho. De acordo com este observador, em 1910, foram empregados entre 11.000 e 12.000 trabalhadores que realizam as atividades de escavação e transporte do material recebido para criar os cortes na montanha que dariam lugar ao canal. Os salários foram diferenciados por atividade, raça e nacionalidade, com os europeus recebendo 12 centavos por hora, colombianos recebendo 16, e negros, 13. Dessa soma foi deduzido o pagamento de alimentação, moradia e tempo de inatividade do trabalho, como aconteceu durante as chuvas. As falhas na execução das obras foram punidas com multas e prisão; destacando aqueles chamados de “desprezo à autoridade”²⁴³.

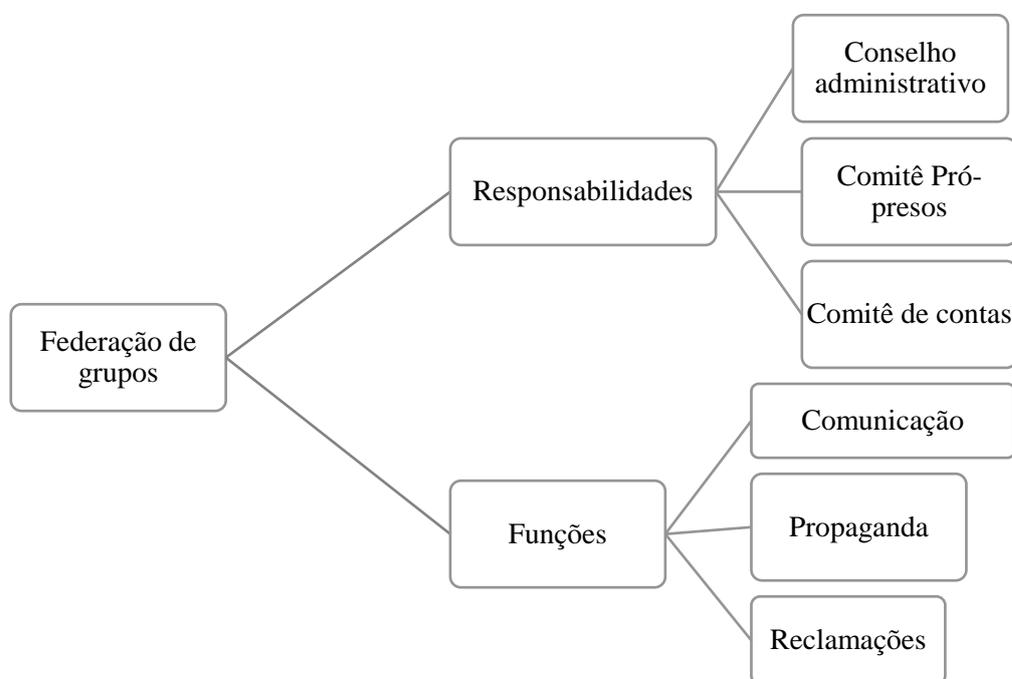
A maioria dos contratos eram feitos informalmente, pressionados pela constante chegada de novos imigrantes de muitos países. A maioria dos europeus veio da Espanha, da Itália, da Grécia, de Portugal e da França. Segundo Rodríguez, essa abundância de braços derrubou os salários, visto que os chefes preferiram contratar trabalhadores afro-antilhanos que recebiam metade do que os de origem europeia. Estes últimos vieram principalmente de Barbados, da Jamaica, de Guadalupe, da Martinica, de Cuba, de Porto Rico, da Nicarágua, da Colômbia e da Costa Rica. Em geral, eles tinham as piores condições de trabalho e muitas vezes

²⁴² *El Único*, Colón, 12 de dezembro de 1911, p.47.

²⁴³ *Tierra y Libertad*, Barcelona, 19 de maio de 1910, p.3. De acordo com um relatório oficial da ICC para 1910, a faixa de pagamento por hora para um trabalhador estadunidense qualificado era entre 16 e 44 centavos, dependendo do trabalho. Para os trabalhadores europeus, essa faixa variou de 16 a 20 centavos, enquanto para os trabalhadores antilhanos isso permaneceu entre 7 e 20 centavos. Do total de 30 mil trabalhadores, 85% pertenciam à categoria prata, enquanto os 15% restantes à ouro. Em suma, os salários dos trabalhadores brancos estadunidenses eram mais que o dobro do nível máximo de outros nas tarefas mais especializadas. Embora a remuneração dos europeus e dos antilhanos fosse igual no seu auge, estes últimos poderiam ganhar menos da metade do que os europeus em algumas tarefas. NAVAS, **El movimiento obrero en Panamá (1880-1914)**, p. 96.

recorram ao suicídio ou à mobilidade interna no Panamá como formas de evitar a dureza do trabalho²⁴⁴.

Figura 3. Estrutura da federação dos grupos anarquistas



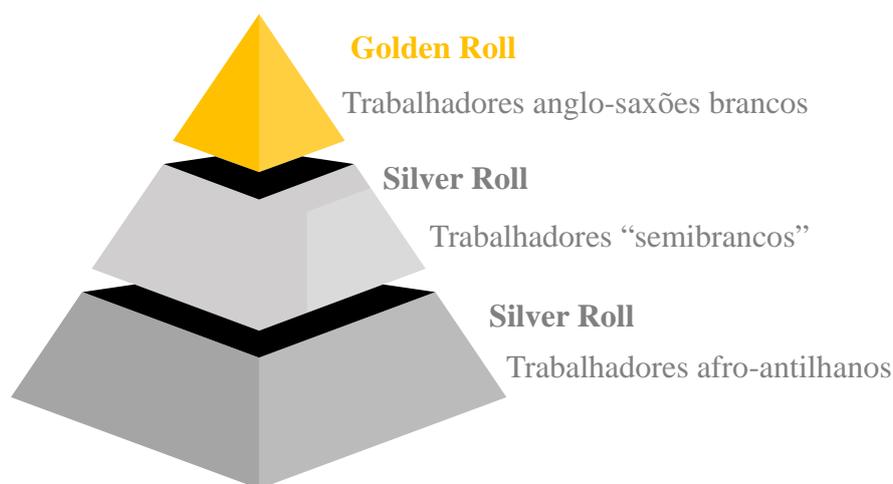
Fonte: Elaboração própria.

Dada essa diversidade étnica, nacional, racial e linguística, era muito difícil para esses trabalhadores se comunicarem, pois eram geralmente segregados em equipes de trabalho e habitações separadas. Febre-amarela e malária foram doenças com altos níveis de incidência na região, aos quais foram adicionados os problemas de desidratação, diarreia e má alimentação. A maioria desses trabalhadores foi a seus respectivos consulados para proteção, embora com resultados práticos fracos. Por fim, o militante galego Manuel Rodríguez reconheceu as

²⁴⁴ A população total na área do canal foi 62.810 pessoas, em 1912, e 22.858, em 1920. Conforme o censo elaborado pela ICC naquele ano, 41.174 trabalhadores eram oficialmente parte de sua folha de pagamento, dentro da qual 80% residiam na região do canal e o restante em Colón e no Panamá. Quanto à folha de pagamento, a proporção seguiu parâmetros semelhantes, com 80% dos trabalhadores empregados pelo ICC e 20% pela ferrovia. Em termos demográficos, os dados apresentados na tabela mostram que os trabalhadores eram, em sua maioria, de Barbados, da Espanha e de Martinica. Se os agruparmos em termos regionais, os antilhanos representavam 67%, os europeus 25%, e os latino-americanos 8%. Esses dados incluem apenas os formalmente empregados, de modo que pode haver variações considerando que houve mobilidade ilegal significativa nas obras e um grande número de empresas privadas. QUARTERMASTER DEPARTMENT, *Census of the canal zone*, Mount Hope: I.C.C Press, 1912, p. 12. MALONEY, Gerardo, *El Canal de Panamá y los trabajadores antillanos*, Ciudad de Panamá: Biblioteca de la nacionalidad, 2014, p. 353.

dificuldades na organização de todos esses trabalhadores, dado as diferenças notáveis. Ele enfatizou especialmente aquelas entre europeus e afro-antilhanos, que caracterizou como fanáticos religiosos, bêbados e jogadores²⁴⁵.

Figura 4. Hierarquia de trabalho no Canal do Panamá



Fonte: Elaboração própria.

As observações de Rodríguez mostram um sistema de segregação laboral baseado em critérios raciais institucionalizados pelo governo da *Istmian Canal Comission* (ICC). Segundo ele, a imensa variedade de trabalhadores foi classificada de acordo com uma hierarquia racial, que deu acesso diferenciado a salários, horas de trabalho, serviços de saneamento, moradia, entretenimento, etc. As principais categorias foram chamadas em inglês *golden* (ouro) e *silver* (prata) (Figura 4). Estas denominações são baseadas nas moedas usadas para os pagamentos: moeda de ouro ou dólares para trabalhadores anglo-saxões brancos e moeda de prata ou dinheiro panamenho para trabalhadores não-brancos. Nesta última categoria, havia muitas subdivisões, que incluíam os europeus “latinos”, que não eram considerados brancos como os espanhóis, e os afro-antilhanos e latino-americanos em geral²⁴⁶.

²⁴⁵ *Tierra y Libertad*, Barcelona, 14 de dezembro de 1910, p.3; 21 de dezembro de 1910, p.3; 15 de fevereiro de 1911.

²⁴⁶ GREENE, Spaniards on the Silver Roll: Labor Troubles and Liminality in the Panama Canal Zone, 1904- 1914.

Imagem 1. Trabalhadores Afro-antilhanos no Canal do Panamá



Fonte: Coleção do Museu do Canal do Panamá, Universidade da Flórida.

É claro que Rodríguez escreveu como um anarquista “semibranco” galego dentro dessa categorização, o que o colocou em uma posição ambígua do ponto de vista do internacionalismo proletário. Isso porque seus escritos contêm muitos elementos preconceituosos e racistas, no que diz respeito aos trabalhadores negros que ele considerava “passivos, fanáticos e bêbados”, por praticarem seus próprios ritos espirituais e culturais. Embora Rodríguez geralmente se referisse aos trabalhadores das ilhas do Caribe, a verdade é que grande parte dos trabalhadores da América Central também eram negros. Em termos práticos, isso representou um grande desafio para a organização anarquista que buscou unificar uma classe trabalhadora em um mundo racializado e amplamente hierárquico²⁴⁷.

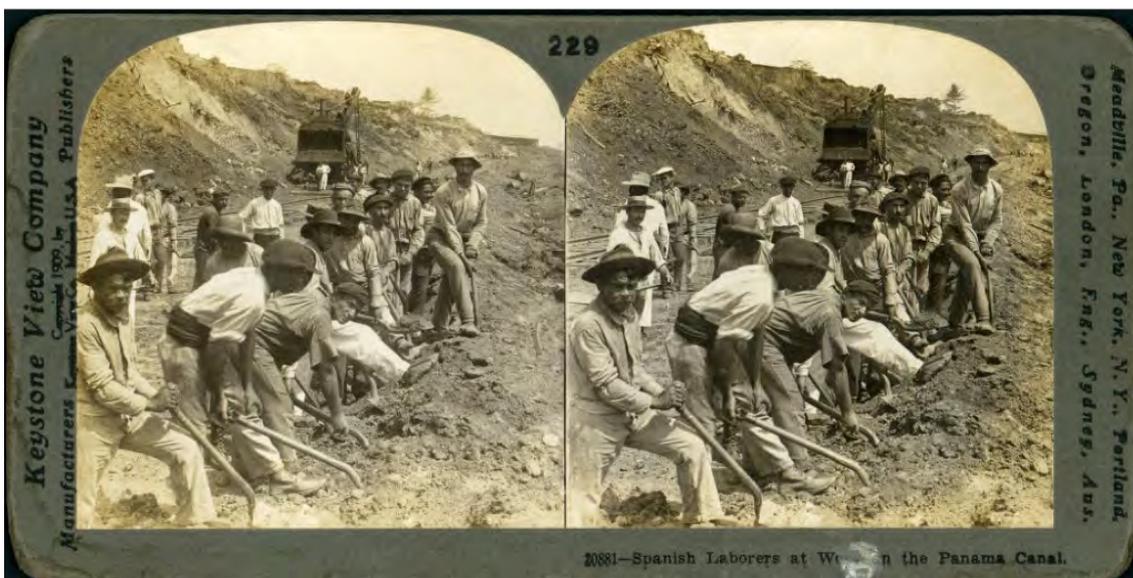
Oficialmente, poucas mulheres foram contratadas nas obras do canal, porém suas presenças foram muito importante em algumas tarefas como a alimentação. Isso poderia explicar parcialmente a baixa visibilidade das mulheres em grupos anarquistas que recrutavam seus membros no local de trabalho²⁴⁸. Teófila Rebolledo é a única mulher que encontramos

²⁴⁷ SHAFFER, Contesting internationalists.

²⁴⁸ O censo de 1912 mostra que a maioria das mulheres veio de Barbados e de Martinica e estavam empregadas em quatro atividades principais: (1) agricultoras, 2) comerciantes e vendedoras, (3) artesãs e 4) empregadas domésticas. Dentro dessa presença feminina, havia uma importante hierarquia racial, visto que a maioria das mulheres brancas eram esposas de membros da hierarquia laboral, que empregavam mulheres negras para trabalharem dentro de suas casas. Apesar dessa importante divisão, algumas mulheres caribenhas conseguiram

como militante do grupo *Los Invencibles* de Culebra, onde participou como palestrante em vários comícios e escreveu um artigo sobre o papel das mães na educação anarquista de seus filhos²⁴⁹.

Imagem 2. Trabalhadores espanhóis no Canal do Panamá



Fonte: Coleção do Museu do Canal do Panamá, Universidade da Flórida.

Para a historiadora Julie Green, a presença feminina foi aumentando a partir de 1906, quando a administração da ICC começou a notar que a produtividade dos trabalhadores aumentou com as suas chegadas. No caso das mulheres brancas, seu objetivo era servir como “reprodutoras do Império”, criando um lar estável e uma família que serviria como um exemplo cívico. No caso das mulheres trabalhadoras, elas poderiam complementar as tarefas das mulheres brancas nas casas e colaborar na melhoria da produtividade dos seus companheiros, na preparação de alimentos, na lavagem de roupas e na companhia sentimental. Em suma, o trabalho reprodutivo foi considerado fundamental para o aumento da produtividade e a manutenção dos trabalhadores em seus empregos. Apesar da importância da presença feminina

economizar uma parte de sua renda como cozinheiras e lavanderias, para poderem enviar dinheiro para suas famílias ou comprar terras para se estabelecerem como agricultoras. GREENE, **Julie Greene**. **The Canal Builders**, p. 136–137.

²⁴⁹ *Acción Libertaria*, Gijón, 27 de setembro de 1911, p. 4; *Tierra y Libertad*, Barcelona, 7 de fevereiro de 1912, p. 4; *El Único*, Colón, 12 de dezembro de 1911, p. 42.

no Canal, não foram classificadas como “trabalhadoras”, embora tivessem horas de trabalho iguais ou maiores que as dos homens²⁵⁰.

Dessa heterogeneidade de pessoas, a historiografia trabalhou com as tradições de luta e organização dos trabalhadores europeus e antilhanos, que aparentemente não tinham muitos espaços em comum²⁵¹. Mesmo nas ilhas do Caribe, há uma grande variedade de idiomas como inglês, francês, espanhol, crioulo e algumas rivalidades internas, que os cônsules e os chefes destacaram para manter a estrutura racial e a disciplina do trabalho. Quanto àqueles que se sentiram desafiados pela solidariedade anarquista, a maioria dos registros aponta a presença de europeus e latino-americanos. Nos antilhanos, parece serem principalmente aqueles de Cuba que faziam parte dos grupos de afinidade²⁵².

Dentro do grupo *Los Nada*, de Pedro Miguel, temos as subscrições de “um padeiro navarrese”, “Astúrias”, “um africano”, “El Ché”, “P. Carrera Panameño” e do peruano Enrique Goñi. O pseudônimo africano poderia se referir a um trabalhador negro antilhano ou de um país da América Central. O “ché” refere-se a alguém do Rio de Prata, de onde sabemos que Julio Carrasco veio, um membro argentino do mesmo grupo. No grupo *Los Sedientos*, de Balboa, aparece uma subscrição de “um costarriquenho”. Em *Los Conscientes*, na Cidade do Panamá, assina “alguns catalães” e “um cubano”. Por fim, temos o caso do peruano Víctor Recoba Montoya, membro dos grupos *Unión Libertaria*, de Balboa, e *Los Autónomos*, da Cidade do Panamá²⁵³.

Nessa variedade de origens, grupos anarquistas foram organizados territorialmente, tendo como principal referência o local de trabalho. Na seção chamada “vida da classe trabalhadora”, o *El Único* ofereceu suas páginas para poder tornar-se um canal direto de denúncia contra os abusos e os excessos dos chefes e uma conexão entre os grupos e os acampamentos de trabalhadores.

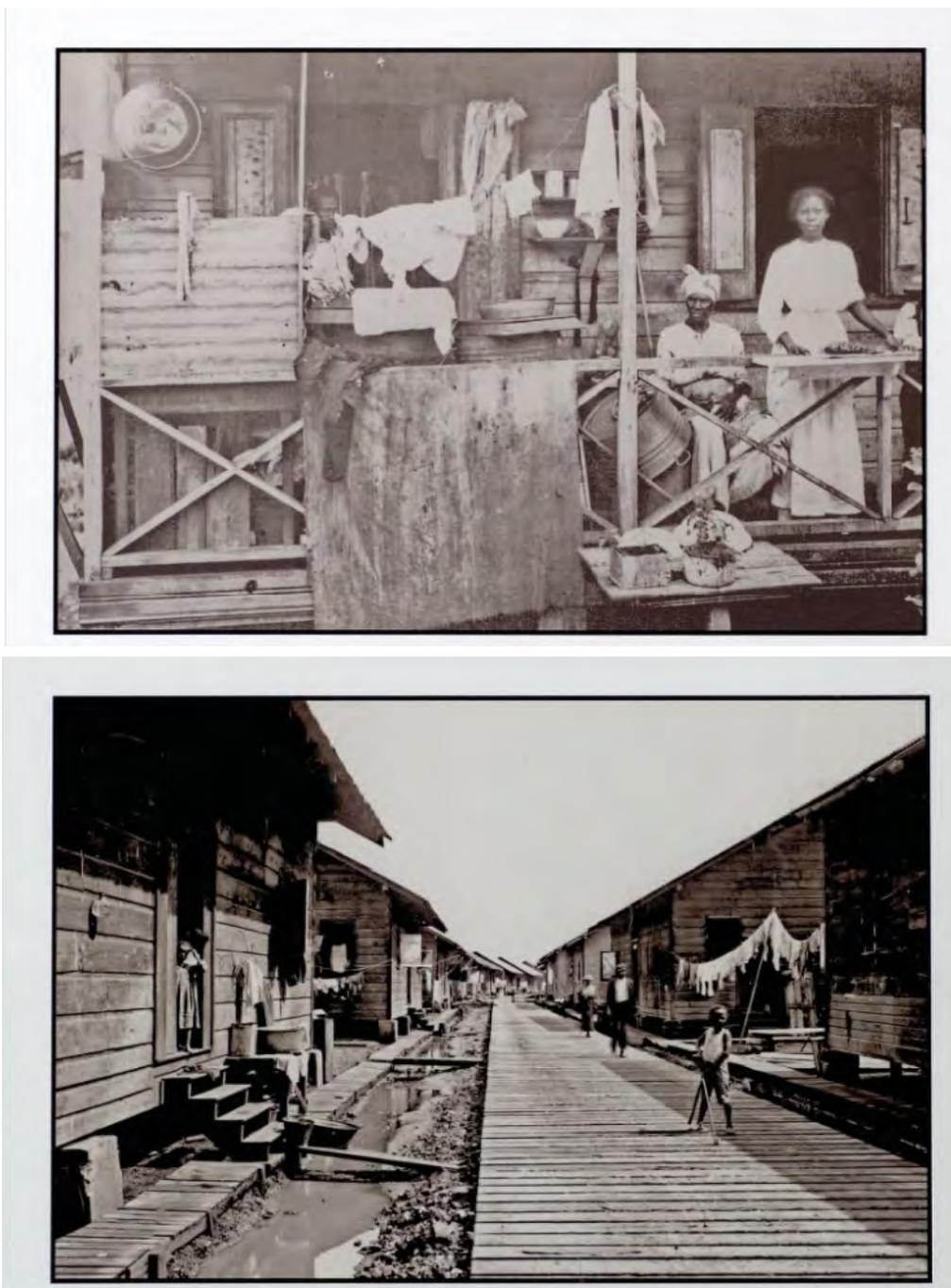
²⁵⁰ GREENE, Julie Greene. *The Canal Builders*, p. 156–180.

²⁵¹ ZUMOFF, J. A., Black Caribbean Labor Radicalism in Panama, 1914-1921, *Journal of Social History*, v. 47, n. 2, p. 429–457, 2013.

²⁵² Vale lembrar que até agora nenhuma investigação completa foi realizada sobre a origem da militância anarquista. Este trabalho envolveria o cruzamento de informações da imprensa anarquista, os dados da empresa e a correspondência dos diferentes consulados. Provisoriamente, posso adicionar alguns nomes ao que já é conhecido, usando as listas de doação dos grupos para a imprensa anarquista internacional.

²⁵³ Listas de doações publicadas em *Tierra, Acción Libertaria e Tierra y Libertad*, 1911-1918. SHAFFER, *Anarchists of the Caribbean*, p. 118,189.

Imagem 3. Casas de famílias afro-antilhanas



Fonte: Coleção do Museu do Canal do Panamá, Universidade da Flórida.

O jornal foi distribuído gratuitamente e pago com contribuições voluntárias dos grupos. Era de interesse organizar aos “carpinteiros, foguistas, carreteiros, estivadores e cocheiros” que, segundo o jornal, eram as categorias com as piores condições de trabalho. O

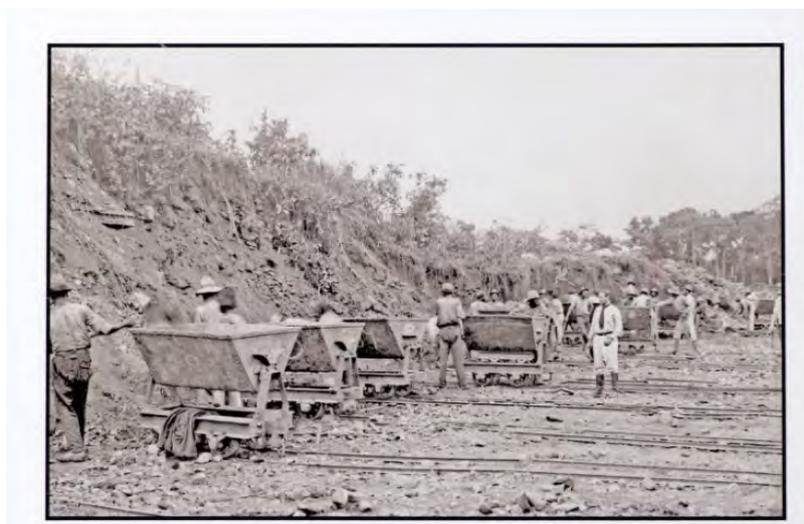
processo geralmente era realizado através dos secretários dos grupos, que coletavam as reclamações com os dados dos patrões, da localidade, da divisão administrativa e do número das equipes²⁵⁴.

Imagem 4. Fumigadores



Fonte: Coleção do Museu do Canal do Panamá, Universidade da Flórida.

Imagem 5. Escavação manual



Fonte: Coleção do Museu do Canal do Panamá, Universidade da Flórida.

²⁵⁴ *El Único*, Colón, 12 de outubro de 1911, p. 17; 27 de abril de 1912, p. 117.

Esse sistema de denúncia acompanhou o processo de organização interna das obras, onde os trabalhadores foram divididos em departamentos e equipes. Os principais foram: 1) escavação e drenagem; 2) portões e barragens; 3) máquinas e edificações; 4) trabalho, subsistência e habitação; 5) material e abastecimento; 6) saúde; 7) administração; e 8) ferrovia. Os chamados trabalhadores de “picareta e pá” correspondiam aos dois primeiros departamentos que, com os operadores ferroviários, constituíam a maioria da força de trabalho²⁵⁵.

Embora a composição da federação fosse formada exclusivamente por trabalhadores manuais, essa rejeitou a formação de sindicatos e sociedades de resistência. Essa diferença deve-se ao fato de que, segundo os individualistas, o sindicalismo se baseia em uma ideia de determinismo econômico, que busca organizar as pessoas assalariadas no presente através de melhorias parciais, sem necessariamente ter um projeto coletivo para o futuro. Essa falta de orientação ideológica e a necessidade de manter uma burocracia mínima para sua manutenção fizeram do sindicato uma forma de perpetuar a dependência dos salários. Em suma, a organização dos trabalhadores era legítima e necessária, porém poderia ser canalizada pelos grupos de afinidade de forma que regulamentações, caixa de auxílio, encargos e contribuições obrigatórias não seriam necessárias²⁵⁶.

Além de confrontar diretamente os chefes e denunciar suas arbitrariedades na imprensa, a federação de grupos manteve uma intensa campanha em defesa da regulamentação da jornada de trabalho. Liderados pelo grupo *Los Conscientes*, da Cidade do Panamá, seu argumento era que o número de horas de trabalho deveria estar em relação à categoria à qual pertenciam. A principal reclamação foi que apenas trabalhadores anglo-saxões brancos tinham direito a uma jornada de oito horas e sindicalização gratuita em alguns dos sindicatos da Federação Americana do Trabalho (AFL)²⁵⁷.

Esse sistema de segregação racial e laboral deixou de fora 80% dos trabalhadores (isso sem contar com a exclusão estrutural da presença das mulheres). Para resolver a escassez de vida, os trabalhadores da folha de pagamento de prata negociaram um aumento no número de horas de trabalho para aumentar seus salários. Segundo as informações compiladas pelo grupo anarquista, elas podiam variar de 12 a 20 horas diárias, dependendo do departamento de trabalho. Além da óbvia exploração, o grupo apontou que a maioria dessa renda foi perdida pelos trabalhadores em salas de jogo, bordéis e botecos; então, finalmente, o aumento do trabalho não teve impacto positivo na melhoria das condições de vida.

²⁵⁵ NAVAS, *El movimiento obrero en Panamá (1880-1914)*, p. 91.

²⁵⁶ *Ibid.*, p. 2; p. 117.

²⁵⁷ CONNIFF, *Black labor on a White Canal: Panamá, 1904-1981*, p. 25.

A proposta de *Los Conscientes* era que fosse estabelecido uma única jornada de 8 horas para todas as categorias de trabalhadores, aceitando até mesmo a redução dos salários. Isso porque haveria menos incentivo para que o salário fosse desperdiçado em vícios, portanto, deixaria mais tempo para descanso, leitura e organização de encontros. O meio prático de conseguir isso era o boicote coletivo de chefes e o bom uso do dinheiro em atividades que permitiriam o descanso e a conscientização das famílias trabalhadoras²⁵⁸.

3.1.3 Atividades de propaganda e agitação

Entre as principais atividades da federação estavam a fundação da sua própria gráfica, o funcionamento do comitê pró-presos, o apoio do jornal e o desenvolvimento de um comício de propaganda mensal. Na imprensa, a federação desenvolveu muitos esforços na arrecadação de dinheiro para ser enviado ao *Acción Libertária*, na Espanha. O dinheiro seria usado para comprar os equipamentos necessários para garantir a independência na impressão de material de propaganda. Entre outubro de 1911 e setembro de 1913, pouco mais de 5.000 pesos em ouro americano haviam sido coletados para esse projeto, no entanto, não temos informações precisas sobre como foram investidos devido aos conflitos internos sobre sua distribuição²⁵⁹.

Esse foi um dos problemas na organização, por isso foi vital publicar as listas de contribuições para tornar sua distribuição mais transparente. Na imprensa, o responsável pela manutenção das contas foi o galego Manuel Daniel Rodríguez, o “Intransigente”. Este foi um dos fundadores do grupo *Los Egoístas*, membro da equipe editorial do *El Único* e secretário da federação de grupos. Grande parte dos artigos no jornal da organização foram escritos por ele, que se tornou um dos principais elos com a imprensa internacional. Dada essa ampla visibilidade, Rodríguez é um dos militantes mais estudados pela historiografia que lida com o anarquismo no Panamá.

O conflito com Rodríguez ocorreu em 1913, quando seus companheiros pararam de vê-lo no Panamá e especularam sobre seu possível retorno à Espanha. A partir da sua ausência, começou uma investigação sobre sua carreira militante, visto que seu desaparecimento coincidiu com a perda dos fundos protegidos por ele para o financiamento da gráfica. A partir

²⁵⁸ *El Único*, Colón, 12 de dezembro de 1911, p. 46; 12 de janeiro de 1912, p. 58; 12 de abril de 1912, p. 110; 31 de maio de 1912, p. 138.

²⁵⁹ *Acción Libertária*, Madrid, 12 de setembro de 1913, p. 3.

dessa especulação inicial, vários dados são publicados sobre Rodríguez. Ele foi acusado de ter desempenhado um papel de “informante” da polícia em uma greve na cidade de Rosário, na Argentina. Também foram apontados os constantes conflitos com o grupo editor de *Tierra*, em Havana, e uma possível má gestão do dinheiro arrecadado²⁶⁰.

Em informações colhidas por Jesús Louzara, diz-se que Rodríguez foi visto em Orense, na Galícia, onde deveria continuar colaborando com o grupo editor do *El Libertario*. Uma notícia daquela cidade menciona que ele foi possivelmente preso por ser um desertor do serviço militar. Após discutir essas informações com a correspondência enviada por outros camaradas orenses, verificou-se que Rodríguez havia aberto uma loja naquela cidade em 1914. Tudo indicava que ele teria fundado o estabelecimento com as 900 pesetas arrecadadas para a gráfica²⁶¹.

Esse fato desanimou profundamente a iniciativa, dado que precisamente Rodríguez foi um dos mais intransigentes sobre o uso do dinheiro para a propaganda anarquista. Nas colunas de *El Único*, ele publicou uma seção especial chamada “a la picota”, onde atacou pessoalmente militantes que haviam cometido alguma falha em relação à coleta e ao uso do dinheiro. Esse conflito interno levou o italiano Sam Campo a denunciá-lo legalmente por calúnia, o que causou divisões entre os grupos da federação²⁶².

Nas campanhas pró-presos, a federação manteve arrecadações permanentes para apoiar militantes anarquistas de vários países. Para isso, o comitê enviou suas listas de doações à imprensa com os detalhes do que foi coletado e os nomes das pessoas que apoiava. Parte dos fundos foi para as famílias de deportados e prisioneiros de Cuba, da Argentina, da Espanha, do Chile e do Peru. Comícios mensais foram espaços importantes para a arrecadação desses fundos e para tornar públicas as denúncias de leis de repressão e expulsão que prevaleceram nesses países. Estes foram os principais temas dos comícios para denunciar “os crimes da reação predominante na Espanha” em Las Cascadas, Gorgona e Gatún, em outubro e novembro de 1911. Em janeiro de 1912, a organização protestou contra “a aplicação da lei de residência na Argentina”, na Cidade do Panamá, que havia conseguido deportar um número expressivo de militantes anarquistas de origem espanhola²⁶³.

É importante considerar as diferenças de gênero, dado que a historiografia demonstra que, nos comitês pró-presos, as mulheres tiveram um papel destacado. Isso se deve,

²⁶⁰ *Acción Libertaria*, Madrid, 6 de junho de 1913, p. 4.

²⁶¹ *Tierra y Libertad*, Barcelona, 26 de agosto de 1914, p. 3.

²⁶² SHAFFER, Panama red.

²⁶³ *El Único*, Colón, 15 de outubro de 1911; 29 de outubro de 1911; 20 de novembro de 1911; 12 de janeiro de 1912.

em parte, às condições da família patriarcal e à divisão sexual do trabalho, que atribuiu o papel de cuidado e gestão de recursos às mulheres. No entanto, também foi uma oportunidade para algumas mulheres anarquistas desenvolverem uma atividade que politizasse esse papel atribuído²⁶⁴. No caso do Panamá, encontramos o trabalho de Teófila Rebolledo, militante nos grupos *Los Egoístas*, *Los Invencibles* e *Germinal*, entre 1911 e 1914. Em 1912, ela enviou várias doações do grupo *Germinal* ao jornal *Tierra*, em Havana, para o comitê “pró-prisioneiros sociais” e às famílias de deportados na Espanha²⁶⁵.

Outro caso característico foi o dos militantes deportados. Geralmente, os homens eram expulsos; enquanto as mulheres tinham de ficar para os cuidados com as crianças. Foi o caso da anarquista colombiana Blanca Moncaleano, que teve de cuidar de seus quatro filhos em Havana, quando seu companheiro Juan Francisco foi expulso pelo governo do México para a Espanha, em 1912. A equipe editorial do jornal *Tierra* abriu uma coleta para a família Moncaleano, de modo a apoiar Blanca em sua viagem ao México e os cuidados de seus filhos. Do Panamá, Blanca recebeu apoio do *Centro Obrero de Gatún* com US\$ 5,00 em novembro de 1912 e do grupo *Los Autónomos*, da Cidade do Panamá, com US\$ 10,00 em 1916 para apoiá-la para pagar o funeral de seu companheiro²⁶⁶. Em 1914, vários anarquistas de Gatun, Punta del Toro, Las Cascadas e Cidade do Panamá enviaram um total de US\$ 15,00 como doações para o jornal *Pluma Roja*, editado por Blanca na cidade de Los Angeles, na Califórnia. Desses valores, US\$ 2,00 foram enviados por Remedios Galaviz, de Las Cascadas. Em troca, o jornal *Pluma Roja* semanal foi encaminhado através do correio marítimo para o Panamá²⁶⁷.

Outro caso de apoio dado pelo comitê pró-presos foi o do anarquista colombiano Vicente Rojas Lizcano, conhecido como “Biófilo Panclasta”. Ele passou por todos os países da América Central em 1909, onde foi preso e expulso várias vezes. Em 1911, *El Único* publicou uma matéria onde se acreditava que Panclasta tivesse morrido em Cartagena. No entanto, algum tempo depois, se descobriu que ele passou um período no Panamá, se recuperando das suas temporadas na prisão. Em 1913, Panclasta esteve no hospital, onde recebeu vários camaradas

²⁶⁴ Mulheres anarquistas no *Partido Liberal Mexicano* e no grupo *Hermanos Rojos* no enclave petrolífero de Tamaulipas eram casos característicos desta militância. HERNÁNDEZ, Sonia, Caritina M. Piña and Anarchosyndicalism: Labor Activism in the Greater Mexican Borderlands, 1910– 1930, in: CASTAÑEDA, Christopher J.; LÓPEZ, Montserrat FEU (Orgs.), **Writing Revolution**, Urbana: University of Illinois Press, 2019, p. 136–152.

²⁶⁵ *Tierra*, Havana, 13 de abril de 1912, p. 4; 11 de maio de 1912, p. 4; 31 de agosto de 1912, p. 4.

²⁶⁶ *Tierra*, Havana, 23 de novembro de 1912, p. 4; *Tierra y Libertad*, Barcelona, 12 de abril de 1916, p. 4.

²⁶⁷ Os outros doadores foram Doroteo Macarro, Vicente Curto, Braulio Hurtado, Albin García, Daniel Sánchez e Melchor Vázquez. *Pluma Roja*, Los Angeles, 1 de fevereiro de 1914, p. 4.

da federação anarquista que lhe deram 20 pesos como resultado de uma coleta preparada pelo comitê²⁶⁸.

Geralmente, essas atividades pró-prisioneiros eram realizadas fora dos prédios do governo, como delegacias de polícia, consulados estrangeiros e tribunais judiciais. Da mesma forma, uma parte importante das ações era realizada particularmente contra as autoridades espanholas e os estabelecimentos comerciais provenientes daquele país. Os pedidos de boicote foram constantes nesse estilo de protesto, que não passou despercebido pelo consulado espanhol. A instituição relatou a presença anarquista constante nos trabalhadores do canal, como aconteceu com os dias de protesto contra a execução do pedagogo Francisco Ferrer Guardia, em 1909²⁶⁹.

3.2 Federação Individualista Internacional

Dada a alta presença de imigrantes estrangeiros e sua mobilidade laboral constante, a federação procurou estender seu programa a outras latitudes, como Cuba, Espanha, Estados Unidos e Canadá. Em 1911, uma turnê de propaganda em Cuba foi organizada para adicionar grupos a esse projeto, canalizado através do jornal *Vía Libre*, fundado em Havana como uma forma de neutralizar a influência do *Tierra*²⁷⁰. Esses esforços valeram a pena, fundando a *Federação Individualista Internacional*, em julho de 1911 (Mapa 11). Muitas vezes, os novos grupos foram fundados por militantes que haviam deixado as obras do canal e se estabelecido em outros países.

A principal atividade da federação era arrecadar dinheiro para financiar propaganda anarquista. Por exemplo, o chamado grupo *Miscelánea Libertaria* incluía trabalhadores que viviam em cidades norte-americanas, como Seattle, Nova Iorque e Tolema, nos Estados Unidos, e Victoria e Wancon, no Canadá. A mesma característica teve o grupo *Ciclón Libertario*, formado por contribuições de militantes da Espanha, das cidades de Córdoba, Valladolid, Madri e Gijón. Um caso característico dessa mobilidade foi o de Claudio Salamero. Ele aparece como membro do *Los Seditos*, de Balboa, em 1911; do *Miscelánea Libertaria*,

²⁶⁸ *El Único*, Colón, 12 de novembro de 1911, p. 16; *El Libertário*, Madrid, 13 de outubro de 1913, p. 4.

²⁶⁹ AHN. Ministerio de Relaciones Exteriores. Orden Público Parte General 1909 1910. CONSUL DE ESPAÑA EN PANAMÁ, Participa á V.E los hechos ocurridos en esta ciudad con motivo de la prisión y sentencia del agitador Ferrer. 17 de octubre de 1909.

²⁷⁰ *El Único*, Colón, 12 de outubro de 1911, p. 17.

em Seattle, em 1912; do *Lúcifer*, em Nova Iorque, em 1912; e do *Centro de Estudios Sociales*, de Vancouver, em 1913.

Essa mobilidade laboral e os contatos anteriores estabelecidos no Panamá favoreceram a fundação de grupos de afinidade em diferentes cidades para onde esses militantes se mudaram. É provável que essa dinâmica também favorecesse a migração em cadeia para algumas cidades como Nova Iorque, onde muitos antigos trabalhadores do canal eram empregados como marinheiros e portuários. Foi o caso do grupo *Lúcifer*, em 1913, que enviou dinheiro para o *Acción Libertaria*, em Madri, e anunciou sua dissolução desde que seus membros se mudaram para outras cidades portuárias²⁷¹.

Os trabalhadores marítimos foram a espinha dorsal da federação, por isso reconstruiremos sua trajetória a partir do grupo *Brisas Libertarias*, fundado no porto de Colón, em 1911. Esse trabalho foi fundamental nas obras do canal e do comércio do Panamá, dado que permitiu conectar o comércio do lado do Pacífico e do Caribe, além da navegação pelo rio Chagres. Também foram incluídos nessa categoria aqueles que trabalharam nas frotas comerciais da *United Fruit Company* (UFCO), que possuía uma grande área de plantações de banana na província de Chiriquí. Durante esse tempo, era normal encontrar grande mobilidade laboral entre ocupações como marinheiros, portuários e trabalhadores agrícolas. Dada a importância dos portos e da atividade comercial no canal, os anarquistas também foram empregados nesses ofícios, geralmente em empregos menos qualificados, como os foguistas.

Por ser um trabalho fundamentalmente masculinizado, era costume desses grupos exaltar sua virilidade como dispositivo de identidade. Em uma das chamadas iniciais do grupo, S. Arnan convida seus companheiros a “entrar nos grupos existentes na área, e assim, seremos homens em vez de autômatos”²⁷². José Novo de Pedro Miguel criticou o pouco interesse na organização de seus colegas, dada a prática de serem simpatizantes de chefes e desperdiçando seu pequeno salário com bebidas, jogos e bordéis. Como o consumo de álcool era bastante difundido entre os marinheiros, alguns militantes proclamavam a proibição de seu consumo nos navios e a promoção de centros de leitura²⁷³.

O sistema organizacional do grupo seguiu as orientações individualistas dos demais membros da federação. Sua proposta foi resumida em quatro pontos principais: 1) formação e organização a bordo dos navios; 2) não ter presidente da organização, que o dinheiro seja investido em propaganda; 3) fora os delegados, “senhores deputados trabalhadores em mangas

²⁷¹ *Acción Libertaria*, Madrid, 18 de julho de 1913, p. 3.

²⁷² *El Único*, Colón, 12 de outubro de 1911, p. 14.

²⁷³ *El Único*, Colón, 12 de novembro de 1911, p. 16.

de camisa”; e 4) fora patente e alugueis de instalações, transformar o navio em um local de reunião e biblioteca. O objetivo fundamental desse grupo era a organização nos navios e não nos portos. Segundo sua perspectiva, o dinheiro economizado na manutenção de centros sindicais se reverteria no financiamento da literatura anarquista²⁷⁴.

Tabela 4. Federação Individualista Internacional, 1911–1914

Localização	Nome do grupo
Canadá	Centro de Estudios Sociales Miscelánea Libertaria
Estados Unidos	El Libertario Lucifer Miscelánea Libertaria
Cuba	Vía Libre Individualidades
Panamá	Federación de agrupaciones
França	Individualidades
Espanha	Ciclón Libertario Individualidades

Fonte: Elaboração própria, a partir do *El Único* (Colón), do *El Libertario* (Madrid) e do *Cultura Obrera* (Nueva York).

Como o navio era o centro da atividade, foram propostas algumas táticas de combate diretamente em alto mar, para melhorar as condições de trabalho empregadas. Isso porque havia uma vantagem estratégica dos trabalhadores. Por exemplo, os foguistas podiam parar de alimentar as caldeiras das máquinas²⁷⁵. Por outro lado, essa forma de ação foi uma clara crítica ao modelo sindical defendido pela *União dos Foguistas do distrito do Atlântico e do Golfo*, que foi uma organização fundada por marinheiros hispânicos nos Estados Unidos. Seu secretário-geral foi o galego Jaime Vidal, que havia emigrado para os Estados Unidos em 1909, após a repressão da “semana trágica” de Barcelona. Ao chegar em Nova Iorque, Vidal entrou em contato com o catalão Pedro Esteve e participou da fundação do jornal *Cultura Obrera*, voltado principalmente para os tabaqueiros e marinheiros hispano-americanos²⁷⁶.

Embora essa organização esteja organizada desde 1892, é até 1910 com Jaime Vidal, Xan de Graña, Secundino Brage e José Filguiera que ela mantém uma atividade estável. Alguns

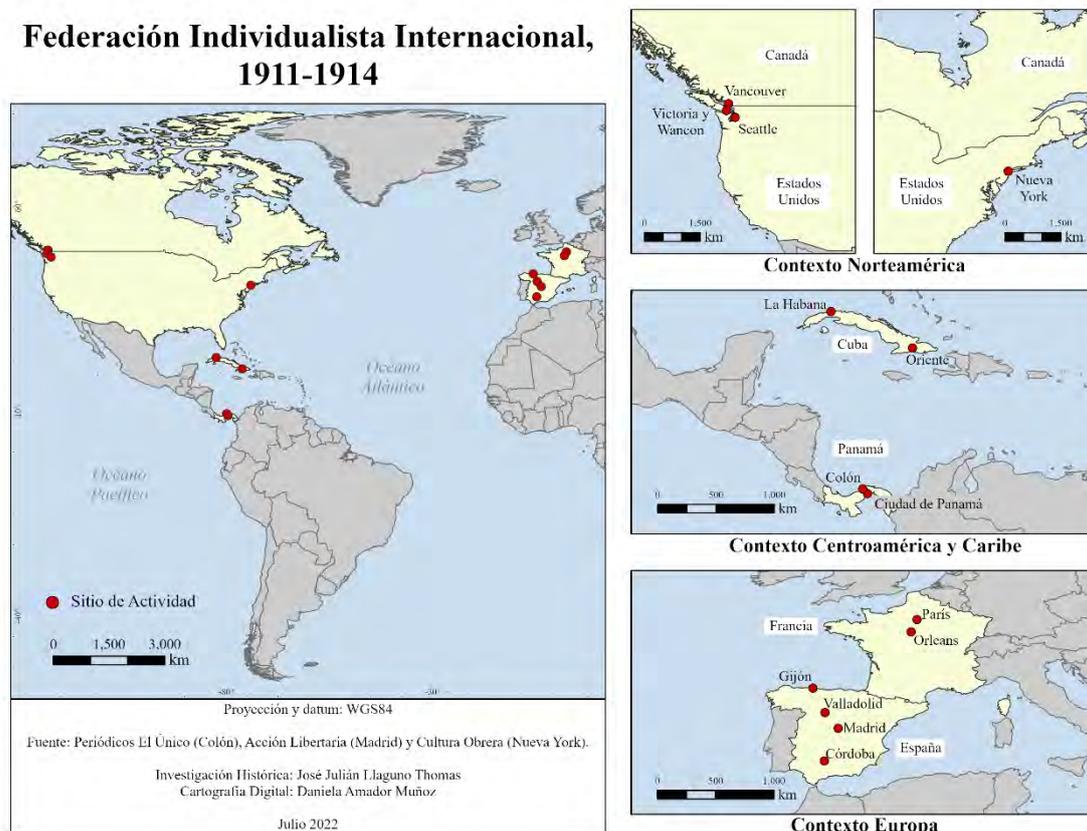
²⁷⁴ *El Único*, Colón, 12 de fevereiro de 1912, p. 73.

²⁷⁵ *El Único*, Colón, 12 de março de 1912, p. 80.

²⁷⁶ FERNÁNDEZ, Bieito Alonso, Migración y sindicalismo. Marineros y anarquistas españoles en New York (1902-1930), *Historia Social*, n. 54, p. 113–135, 2006, p. 119.

desses trabalhadores galegos já tinham vivido em Cuba antes, então eles possuíam uma trajetória militante semelhante àqueles do Panamá. Na organização, havia várias tradições de luta que buscavam criar uma prática sindical revolucionária, tendo o anarquismo como sua principal inspiração. Inicialmente, a organização era afiliada à AFL, que defendia a autonomia das suas seções. No entanto, a alta presença de imigrantes não qualificados e sua ideologia anarquista incomodava os dirigentes tradicionalmente formados por trabalhadores brancos qualificados²⁷⁷.

Mapa 11. Federação Individualista Internacional, 1911–1914



Fonte: *El Único* (Colón), *Acción Libertaria* (Madrid), *Cultura Obrera* (Nueva York).

Essa relação com a AFL de Samuel Gompers foi listada como uma das críticas centrais feitas à organização desde o Panamá. Em um de seus textos, Gompers foi comparado a Vidal por receber um salário por ser líder sindical, enquanto os trabalhadores “comem grão-

²⁷⁷ *Ibid.*, p. 120-121.

de-bico sem gordura e suportam os piores empregos”²⁷⁸. Outro texto acusa Vidal de ser um “sindicalista pancista” e “preguiçoso”, cujo modelo sindical era baseado em taxas fixas, encargos e regulamentos. Para combater essa forma de organização, o *Brisas Libertarias* promoveu o boicote ao pagamento de taxas sindicais e à organização livre e autônoma nos navios²⁷⁹.

A tática da *União dos Foguistas* sobre o controle do trabalho também foi atacada. Trata-se de um método amplamente utilizado pelos trabalhadores marítimos, onde o sindicato pressionou para que todos os contratos fossem feitos diretamente com os patrões, sem empreiteiros nem intermediários. Isso permitiu maior estabilidade no emprego e, claro, obrigava os trabalhadores a pertencerem ao sindicato para obter essas vantagens. Isso para os individualistas significava, na prática, uma espécie de sindicalização forçada, por isso rejeitaram-na²⁸⁰.

Em troca, promoveram uma organização nas dragas, nas lanchas e nos barcos, sem qualquer regulamentação específica. As únicas taxas cobradas foram doações voluntárias para financiar o *El Único*, recebidas no Centro Galego e na administração do jornal na cidade de Colón. Por fim, as críticas também incluíram o editor de *Cultura Obrera*, Pedro Esteve, que apoiou Jaime Vidal em seu trabalho organizacional e em sua afiliação momentânea aos *Industrial Workers of The World* (IWW), depois do rompimento como a AFL. Manuel Rodríguez chamou o jornal de Esteve de “Basura obrera” e promoveu o boicote aos jornais editados por Vidal, o “Brazo y Cerebro” e o “Fuerza Consciente”, por dar apoio aos anarquistas do Partido Liberal Mexicano²⁸¹.

Em suma, podemos dizer que o tipo de organização do grupo *Brisas Libertarias* foi uma extensão de como os grupos individualistas funcionavam, agrupando apenas os trabalhadores marítimos. Após o término dos trabalhos no canal, a organização não continuou. Alguns dos seus membros formaram outros grupos, como o *Lúcifer*, em Nova Iorque, e o *Los Irredentos*, no Canadá. Dentro desse grupo estava José Novo que, em 1916 e 1917, enviou dinheiro para o *Cultura Obrera*²⁸².

Apesar de todas as críticas elaboradas contra o jornal *Cultura Obrera*, as colaborações do Panamá foram importantes entre 1911 e 1914. Essas doações foram enviadas

²⁷⁸ *El Único*, Colón, 12 de abril de 1912, p. 102.

²⁷⁹ *El Único*, Colón, 27 de abril de 1912, p. 116.

²⁸⁰ *El Único*, Colón, 12 de abril de 1912, p. 111, 119.

²⁸¹ *El Único*, Colón, 10 de maio de 1912, p. 123, 25 de maio de 1912, p. 132.

²⁸² *Cultura Obrera*, Nova Iorque, 19 de agosto de 1916, p. 4; 7 de abril de 1917, p. 4.

de Culebra, de Colón, de Las Cascadas e da Cidade do Panamá²⁸³. Nos anos seguintes, vários dos militantes ativos no Panamá se reuniram nos Estados Unidos e no Canadá e escolheram precisamente o *Cultura Obrera* como seu principal porta-voz. Entre 1927 e 1953, o jornal continuou sob o nome de *Cultura Proletaria* e tornou-se o mais antigo jornal anarquista hispano-americano nos Estados Unidos.

Alguns desses militantes, como Jesús Louzara e Ángel Blanco Juez, lembram sua experiência militante na Federação Individualista, como base para sua organização posterior. De acordo com esses militantes, a forma de operação da Federação dos Grupos Anarquistas de Cuba (FAAC) e da Federação de Grupos Anarquistas de língua Espanhola nos Estados Unidos (FAALC) tomam como principal referência a que fizeram parte no Panamá. Podemos dizer que a experiência panamenha, apesar de curta e bastante conflituosa, foi fundamental tanto na experiência migratória quanto na organização dessa militância transnacional²⁸⁴.

3.3 Anarquistas sem federação

Embora a maioria dos grupos constituídos no Panamá fosse parte da federação individualista, houve alguns que foram fundados às margens ou mesmo como rupturas internas dela. Foi também o caso desses grupos se fundirem devido à cessação do trabalho em um dos locais dos seus membros. As razões para essas diferenças podem ser uma combinação de discrepâncias táticas, pessoais, ideológicas e organizacionais. No entanto, estas não foram mantidas como fronteiras totalmente delimitadas. Uma análise mais detalhada da correspondência dos grupos mostra que alguns deles colaboraram com a federação individualista e até se tornaram parte dela em alguns momentos.

Um dos conflitos mais visíveis ocorreu entre o grupo Germinal e o Los Egoístas. A declaração fundadora do primeiro grupo enfatiza essa diferença quando diz:

Com este nome, um grupo puramente anarquista foi fundado com o propósito de difundir entre indivíduos de ambos os sexos as ideias redentoras da espécie humana, abolindo de uma vez por todas as convenções sociais para viver a sociedade livre que garante bens para

²⁸³ Elas incluíram membros da federação individualista, trabalhadores da frota marítima da UFCO, como aqueles a bordo do navio S. S. Panamá e os operadores da Dragagem Carribean, em Colón. Esses dados foram extraídos de doações publicadas na seção “pro cultura obrera”, entre 1911 e 1914.

²⁸⁴ COHN, JESSE, *Traces of the Revista Única: Appearances and Disappearances of Anarchism in Steubenville, 1909–1973*, in: CASTAÑEDA, Christopher J.; LÓPEZ, M. Montserrat FEU (Orgs.), **Writing Revolution: Hispanic Anarchism in the United States**, Chicago: University of Illinois Press, 2019, p. 153–174.

todos. Em nossas fileiras há espaço para todos aqueles que estão dispostos a trabalhar para a emancipação completa do proletariado, mas os falsos e traidores que querem semear discórdia e tenham presente de que eles têm que lutar com indivíduos conscientes que sabem como raciocinar e discutir com aqueles que não enfrentam e desprezam aqueles que usam meios rastejantes ou usam calúnia.²⁸⁵

Esse conflito teve origem em uma reunião onde Teófila Rebolledo critica algumas ideias de Manuel Rodríguez. Pouco tempo depois, Rebolledo é incluída na lista de “trânsfugas”, por colaborar com o jornal *Tierra*, de Havana, e deixar de ser uma “anarquista terrível” para se tornar uma “fondera”²⁸⁶. Ao longo do ano de 1912, esse conflito se intensificou internacionalmente, uma vez que tanto Teófila quanto outros militantes de Culebra decidiram participar do grupo Germinal do Rio Culebra. Segundo os parâmetros de Rodríguez, o grupo era “sindicalista” e “libertário”, usando essas palavras como sinônimos de “não anarquista” ou, mais especificamente, “não individualista”.

A origem desse conflito com os membros do grupo Germinal está relacionada aos confrontos pessoais com Rodríguez, bem como às diferenças sobre táticas de luta anarquistas. O rompimento com o grupo editor de *Tierra* pesou, uma vez que foi acusado de deixar de ser anarquista para se tornar “liberal-libertário”, em alusão ao Partido Liberal Mexicano, e “sindicalista operário”, considerado um desvio do individualismo. Desde que o jornal de Havana canalizou grande parte dos recursos arrecadados no Panamá para a Revolução Mexicana, a denúncia incluiu todas as pessoas que apoiaram essas campanhas²⁸⁷. Finalmente, isso é comprovado no fato de que na seção “trânsfugas” todas as pessoas que colaboraram com o jornal *Tierra* foram incluídas. Essa ruptura explica por que grupos que não eram individualistas não aparecem nas páginas do *El Único*, e só podemos reconstruir suas atividades através da leitura do seu oponente em Havana.

Esse confronto desencadeou uma investigação internacional sobre a atividade militante de Rodríguez em Cuba e na Argentina. O grupo editorial de *Tierra* compilou histórias de camaradas que o conheceram nesses países, descrevendo-o como “fanático” e “fura-greve”, já que ele geralmente tentava impedir seus companheiros de se envolverem nessas atividades. Ricardo Flores Magón foi além e argumentou que o perfil psicológico e a prática de Rodríguez se encaixam com o dos “agentes provocadores” pagos pela polícia. O fato do mesmo grupo *Los*

²⁸⁵ *Via Libre*, Havana, 9 de março de 1912, p. 9.

²⁸⁶ O termo “fondera” refere-se ao trabalho numa fonda, nome utilizado para chamar as salas de jantar onde os trabalhadores do canal geralmente comiam. *El Único*, Colón, 12 de março de 1912, p. 80; 4 de maio de 1912, p. 119; 10 de maio de 1912, p. 124.

²⁸⁷ *El Único*, Colón, 4 de maio de 1912, p. 119.

Egoístas ter pedido esses esclarecimentos mostra que na organização havia desconfiança de Rodríguez²⁸⁸.

Em relação aos ataques a Teófila, claras características misóginas podem ser vistas. Sua aparição na “La picota” ocorre precisamente quando ela questionou o fanatismo de Rodríguez e sua atitude persecutória com os outros companheiros do Panamá. A crítica pública e escrita elaborada por Teófila, possivelmente, provocou a fúria de “Intransigente”. Após essa controvérsia, onde o grupo Germinal defendeu sua camarada, não temos mais vestígios da sua atividade²⁸⁹.

A trajetória de Teófila é singular, dado que a documentação não inclui explicitamente a militância de outras mulheres nos grupos. Em seu artigo “Às mães”, Rebolledo levanta a importância de envolver mulheres na educação racionalista e anticlerical da infância, seguindo as ideias de Teresa Claramunt e Luisa Michel²⁹⁰. Uma forma concreta de empreender essa educação racionalista era dar nomes não religiosos aos filhos das famílias trabalhadoras. Por exemplo, em 1912, Ramón Sierra e Visitación Herrera nomearam sua filha de “Única”, como uma maneira de “livrar a mente de toda a sujeição”. No mesmo ano, dois filhos gêmeos também nasceram chamados por seus pais, Antônio Arenas e Francisca Alvarez, de “Antorcha e Arquímedes, que saberão cultivar a luz e derrubar a teocracia predominante”²⁹¹. Em relação ao cuidado da infância, a luta contra o alcoolismo e o jogo nos trabalhadores também foi combatida, visto que a embriaguez levava à paternidade irresponsável e à violência familiar²⁹².

Como alternativa aos vícios, os grupos organizavam atividades recreativas para as famílias operárias nos domingos, que serviam como piqueniques de propaganda. Finalmente, houve constantes discussões sobre o amor livre e a limitação da procriação. Os panfletos escritos pelo anarquista espanhol Luis Bulffi foram amplamente divulgados no Panamá, pois constantemente apareciam nas listas de doações e venda de literatura²⁹³. Por fim, deve-se notar que as mulheres trabalhadoras do canal foram muito importantes para organizar os pedidos de apoio e as reclamações junto aos consulados. Geralmente, foram elas que escreveram ao cônsul

²⁸⁸ *Tierra*, Havana, 30 de janeiro de 1912, p. 2.

²⁸⁹ *Tierra*, Havana, 17 de fevereiro de 1912, p. 3; 24 de fevereiro de 1912, p. 3.

²⁹⁰ Uma dessas presenças esquecidas foi a da espanhola Aurora Alvarez que, conforme os registros do historiador Jesse Cohn, tinha se encontrado com seu companheiro Jesús Louzara, do grupo *Los Invencibles*, no Panamá. Embora não tenhamos encontrado registros de Aurora no Panamá, sabemos que anos depois ela será uma proeminente militante nos Estados Unidos, onde comandou a publicação individualista *Algo* em 1926. Seu caso provavelmente não é único e outras mulheres da classe trabalhadora tornaram-se anarquistas como seus companheiros em sua experiência panamenha. COHN, *Traces of the Revista Única: Appearances and Disappearances of Anarchism in Steubenville, 1909–1973*.

²⁹¹ *El Único*, Colón, fevereiro de 1912, p. 77-78.

²⁹² *El Único*, Colón, 12 de novembro de 1911, p. 21, 25, 32.

²⁹³ *El Libertário*, Madrid, 28 de maio de 1913, p. 4.

para solicitar notícias sobre seus companheiros deportados ou reclamações por acidentes de trabalho. No caso do consulado espanhol no Panamá, este era um tema recorrente que envolvia negociações complexas com as autoridades do canal²⁹⁴.

Entre 1911 e 1918, foram fundados nove grupos de afinidade que seguiram uma estrutura organizacional semelhante à dos grupos individualistas, porém mantiveram diferenças com estes como mostramos acima. Em todas as localidades, esses grupos conviveram com outros pertencentes à federação individualista, com exceção de Bas Obispo e Cristóbal. Em lugares como Gatun, Culebra e Cidade do Panamá é onde encontramos o maior número de grupos, o que também é explicado pela alta concentração de trabalhadores nessas localidades.

Quanto ao número de militantes organizados, os grupos variaram de 10 a 50 membros cada. Os mais numerosos foram *Germinal*, *Libre Discusión* e *Ni Dios ni Pátria*. Quanto às suas atividades, funcionaram como importantes centros de comunicação e financiamento para comitês pró-presos, imprensa e literatura anarquista. Os principais destinatários do dinheiro enviado por esses grupos foram os jornais *Tierra y Libertad*, em Barcelona, e *Tierra*, em Havana. Neste último, é onde localizamos a maioria da correspondência desses grupos, marcando algumas das diferenças com a federação individualista, que decidiu boicotar o semanário de Havana desde 1911.

As cidades de Havana e Barcelona foram os principais elos para enviar dinheiro para outras publicações anarquistas. Alguns dos destinatários dessas colaborações foram: *Cultura Libertaria*, de Ferrol; *El Porvenir del Obrero*, de Mahón; *El Látigo*, de Baracaldo; *Cultura Obrera* e *Brazo y Cerebro*, de Nova Iorque; *Renovación*, de San José da Costa Rica; e *La Batalla*, de Santiago do Chile. No caso de publicações estabelecidas na Espanha, isso pode ser um indicador da procedência de alguns dos militantes estabelecidos no Panamá. No caso de Nova Iorque, os jornais são basicamente aqueles editados pelo catalão Pedro Esteve e pelo galego Jaime Vidal, cuja propaganda era especialmente voltada para tabaqueiros e marinheiros, que serão ocupações pelas quais os anarquistas do Panamá transitam regularmente.

O caso de *La Batalla* é interessante, porque mostra uma das rotas migratórias estabelecidas por alguns militantes que embarcaram do Panamá para os Andes para se

²⁹⁴ Foi o caso de um pedido de indenização feito pela esposa do trabalhador Juan Morandeira, em 1909. Ele morreu em um acidente por uso de dinamite e morreu com outros três trabalhadores. Em 1912, Felisa Martín Garrido também foi ao consulado para pedir indenização pela morte de seu marido Pedro Rodríguez em um acidente na Companhia Ferroviária do Panamá. AHN. Ministerio de Relaciones Exteriores. Política Exterior Panamá 1880 1911. **CONSUL DE ESPAÑA EN PANAMÁ**, Reclamación de Juan Morandeira por accidente de trabajo y jornales atrasados.1909; Consulado Panamá 1865 1912. **CONSUL DE ESPAÑA EN PANAMÁ**, Instancia de la viuda del obrero Pedro Rodríguez, Felisa Martín Garrido.1912.

instalarem em portos e cidades mineiras. Valeria a pena explorar, neste caso, para ver se eram trabalhadores peruanos e chilenos que voltaram aos seus locais de origem após terminarem seus trabalhos no canal²⁹⁵.

Um sinal de que as diferenças internas entre os grupos não foram mantidas como fronteiras totalmente fechadas é indicada pela correspondência estabelecida com *El Libertario*, em 1913. Este jornal foi o porta-voz da federação individualista na Espanha e também recebeu doações e subscrições de grupos não afiliados a esta organização, como *Los Errantes* e *Solidaridad*²⁹⁶. Este último grupo já fazia parte da federação em 1913, enquanto o grupo *Libre Discusión* decidiu se fundir com *Los Egoístas* no mesmo ano²⁹⁷. Essa mudança também coincide com a política de despovoamento da região do canal e a conclusão da maioria das obras. Durante os anos de 1913 e 1914, a atividade anarquista se concentrou em Gatún e na Cidade do Panamá.

Tabela 5. Grupos anarquistas não federados no Panamá

Nome	Localização	Anos de atividade
Germinal	Culebra, Río Grande	1911–1912
Los Libertarios	Miraflores	1912–1913
Los Errantes	Bas Obispo	1912–1913
Ni Dios Ni Patria	Ancón	1913–1914
Libre Pensamiento	Gatún	1913
Solidaridad	Ciudad de Panamá, Punta del Toro	1913
Unión Libertaria	Balboa	1914
Libre Discusión	Cristóbal	1914
Los Autónomos	Ciudad de Panamá	1915–1918

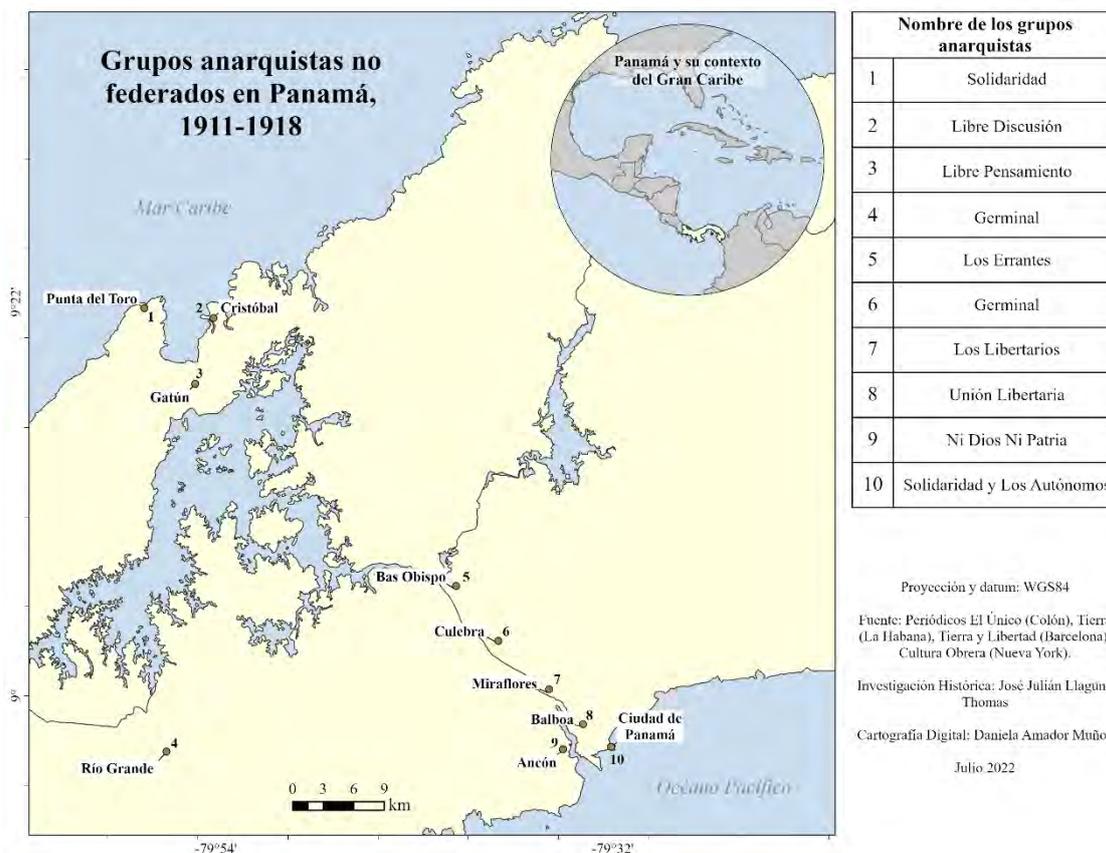
Fonte: Elaboração própria.

²⁹⁵ J. Roldan assinou como correspondente para La Batalla na cidade de Culebra em 1913. O jornal recebeu dinheiro dos grupos *Los Invencibles*, *Los Sedientos*, *Ni Dios Ni Patria* e *Los Iguales*. Observar a seção de administração do jornal entre 1913 e 1915.

²⁹⁶ *El Libertario*, Gijón, 19 de março de 1913, p. 4.

²⁹⁷ *El Libertario*, Vigo, 29 de março de 1913, p. 4.

Mapa 12. Grupos não federados no Panamá, 1911–1918



Fonte: *El Único* (Colón), *Tierra* (La Habana), *Tierra y Libertad* (Barcelona), *Cultura Obrera* (Nueva York).

Em 1915, apenas o grupo *Los Sedientos* permaneceu ativo, que finalmente se dissolveu e se mudou para a Cidade do Panamá. Nesta nova sede, continuaram sua atividade sob o nome *Los Autónomos*, agora com a presença dos irmãos Blazquez de Pedro vindos de Salamanca. Alguns dos veteranos da federação anarquista que permaneceram nesse grupo foram Ángel B. Juez, Tranquilo e Claudio Lorente. Este grupo foi acompanhado pelos peruanos Enrique Goñi e Víctor Recoba e pelo argentino Julio Carrasco. Todas as coletas mensais deste grupo foram publicadas em *Tierra y Libertad*, de Barcelona, onde podemos recuperar algumas de suas atividades entre 1916 e 1918. O dinheiro arrecadado foi enviado aos jornais *Ariete* (México), *Cultura Obrera* e *Voluntad* (Nova Iorque), *Ideas y Figuras* e *La Protesta* (Buenos Aires), *Rebelión* (Rosário), *Prometeo* (Assunção, Paraguai), *La Batalla* (Valparaíso), *La Batalla*

(Montevideu), e *El Hombre Libre* (Madri). As contribuições também incluíram doações para comitês pró-prisioneiros e para compra de livros, panfletos e almanaques²⁹⁸.

O grupo *Los Egoístas* foi o que recebeu a maioria dos membros remanescentes dos grupos *Libre Pensamiento* e *Aseo Intelectual*. Nesta localidade, o centro operário de Gatún também foi mantido como espaço de reunião e biblioteca. No final de 1913, a sede da federação de grupos mudou-se para o centro da Cidade do Panamá, onde permaneceram sete grupos ativos. Sua diretoria foi formada por Jesús Louzara, Tranquilo, J. Otero, Castor López, Ceferino González, Rafael Pardo e Eusébio Torres²⁹⁹.

Ao contrário dos grupos individualistas, os militantes do grupo *Los Egoístas* foram bastante ativos no movimento operário panamenho nas cidades de Colón, Panamá e na região do canal. Neste último local, as condições de vida dos trabalhadores da categoria prata não melhoraram e o sistema de competição ocupacional e segregação racial foi mantido. Como o anarquista galego Jorge de Borrán observou em uma visita às obras do canal, o custo humano foi enorme para um trabalho de engenharia que, embora traga benefícios para a humanidade, será usado para aumentar o poder dos Estados Unidos e os negócios de seus aliados³⁰⁰.

Essa enorme desigualdade será uma das principais questões que ativarão as diferentes lutas trabalhistas nas quais grupos anarquistas estarão envolvidos. Participaram da formação de sociedades de resistência e promoveram várias greves entre 1916 e 1925. Algumas dessas organizações foram o *Centro Obrero de Colón* e a *Unión Marítima del Istmo*. Dentro desses coletivos, participaram ativamente os membros do grupo *Los Autónomos*. José María Blazquez de Pedro foi responsável pelas relações internacionais e pela imprensa, e Víctor Recoba e Julio Carrasco fizeram parte da diretoria da *Unión Marítima*.

Os detalhes desse movimento foram narrados por Blazquez de Pedro ao jornal *Cultura Obrera*, em Nova Iorque. Segundo ele, em outubro de 1916, a União Marítima foi formada como uma sociedade de resistência que reuniu os trabalhadores das dragas de Colón e do Panamá. Naquele exato momento, seus membros declararam uma greve para exigir melhores condições de alimentação, moradia e salários. O movimento foi seguido por outras categorias. Rapidamente, a organização abriu suas próprias instalações, que serviram para coordenar o movimento e como centro logístico para canalizar a solidariedade com as famílias dos grevistas.

²⁹⁸ Tiradas das seções “maremágnum” e “balance” de *Tierra y Libertad*, de Barcelona entre 1915 e 1918, geralmente publicadas na página 4 do jornal.

²⁹⁹ *Acción Libertaria*, Madrid, 28 de novembro de 1913, p. 3.

³⁰⁰ *Fuerza Cerebral*, Nova Iorque, 15 de julho de 1916, p. 3.

As autoridades do canal tentaram contratar trabalhadores jamaicanos como fura-greves para operarem as máquinas, no entanto, muitos deles se recusaram³⁰¹.

Dada a recusa da administração do canal em atender às demandas, foi declarada uma greve geral em todos os comércios, incluindo os de alimentos, limpeza e serviços de transporte. Uma das estratégias utilizadas pela organização para unificar o movimento foi focar seu discurso sobre a unidade multirracial da classe, envolvendo tanto trabalhadores quanto suas famílias e seus vizinhos de diversas nacionalidades³⁰². Segundo a historiografia, foi o primeiro movimento de protesto que efetivamente alcançou a união de trabalhadores antilhanos, europeus e latino-americanos³⁰³.

Todas as proclamações da greve foram escritas em espanhol e em inglês e sua unidade foi baseada em um apelo a uma pátria universal que, embora baseada em seu assentamento no Panamá, foi construída em uma noção geral de dignidade, justiça e solidariedade. Apesar dessa importante mobilização, as autoridades do canal não cederam e rejeitaram todas as exigências³⁰⁴. O resultado foi o fechamento da sede social da união marítima, a proibição da organização e a expulsão do país de vários dos seus líderes como estrangeiros perniciosos. Entre eles, estavam: Víctor Recoba (peruano), Edilberto Segura (peruano), Carlos Rodríguez (costarriquenho), Arturo Walker (antilhano) e César Lascano (mexicano)³⁰⁵.

Embora a greve tenha sido perdida, segundo Blazquez de Pedro o movimento foi uma grande vitória moral dos trabalhadores. Segundo ele, as principais lições foram: 1) alcançar a unidade do movimento a partir das bases; 2) as possibilidades de unir diferentes raças e nacionalidades em uma luta comum; 3) desconfiar do sindicalismo amarelo e racista da AFL; e 4) entender as condições relativas de liberdade do governo do Panamá diante das pressões dos Estados Unidos³⁰⁶.

Após a expulsão de Víctor Recoba, Blazquez de Pedro foi empregado em vários navios, de onde enviou dinheiro para o *Cultura Obrera*, entre abril e setembro de 1917, quando

³⁰¹ *Cultura Obrera*, Nova Iorque, 21 de outubro de 1916, p. 4.

³⁰² *Cultura Obrera*, Nova Iorque, 28 de outubro de 1916, p. 4.

³⁰³ ZUMOFF, *Black Caribbean Labor Radicalism in Panama, 1914-1921*, p. 437-438.

³⁰⁴ *Cultura Obrera*, Nova Iorque, 4 de novembro de 1916, p. 4.

³⁰⁵ Biblioteca Nacional de Panamá. Decreto número 9 de 1916. SECRETARÍA DE GOBIERNO, **Memoria Institucional**, p. 463-464.

³⁰⁶ *Cultura Obrera*, Nova Iorque, 2 de dezembro de 1916, p. 4. É importante mencionar que em 1919 e 1920 houve novamente duas greves importantes na região do canal, grandes em termos do número de trabalhadores envolvidos. A década de 1920 foi liderada principalmente por trabalhadores da Índia Ocidental, de Barbados e da Jamaica. Assim como em 1916, a repressão foi generalizada e seus líderes expulsos do país. MALONEY, **El Canal de Panamá y los trabajadores antillanos**.

desembarcou em Nova Iorque³⁰⁷. O resto dos militantes do grupo *Los Autónomos*, que permaneceu no Panamá, continuou ativo no movimento operário, apesar do fato de que o grupo se dissolveu em 1918. Enrique Goñi e José María Blazquez de Pedro participaram da Federação dos Trabalhadores do Panamá, entre 1919 e 1921, que reuniu as organizações existentes na época. Nas páginas do seu jornal *El Obrero*, discutem-se os diferentes modelos sindicais inspirados no sindicalismo revolucionário, o industrialismo da IWW e o pan-americanismo promovido pela AFL³⁰⁸.

Nesse debate, os anarquistas formaram o *Grupo Comunista*, em julho de 1921, inspirado pela Revolução Russa. Seus princípios são:

1) Aspiramos a toda melhoria material e moral com base na perfeita solidariedade entre todos os trabalhadores do país, em primeiro lugar, e do mundo depois, 2) Proclamamos, portanto, a franca luta de classes. Isso significa que nunca, em qualquer caso, aceitaremos essa velha falsidade chamada de “harmonia entre o trabalho e o capital” 3) Somos defensores do comunismo, a única solução para o problema social que pode ser benéfica para todos os seres humanos, sem distinções de qualquer tipo 4) Uma vez que a República Soviética russa é, sem dúvida, a melhor e única expressão prática de nossos ideais conhecida pelo presente no mundo, expressamos nossa firme adesão à sua existência e nossa conformidade com os princípios da Terceira Internacional constituídos em Moscou 5) Condenamos qualquer submissão a qualquer política; pois sabemos que nenhum governo burguês foi, não será ou poderia ser um amigo leal dos trabalhadores.³⁰⁹

O grupo operou através de um conselho de 5 membros, que é automaticamente alterado todos os meses, evitando sua especialização e burocracia. Esse coletivo funcionou como um núcleo revolucionário na federação e como centro de estudos dos trabalhadores. Ele conseguiu estabelecer duas sedes, uma, na Cidade do Panamá e outra em Colón. Seu secretário de relações internacionais foi Blazquez de Pedro, que organizou a campanha em favor dos anarquistas italianos Sacco e Vanzetti³¹⁰. Uma das lutas mais importantes do grupo foi se opor à expulsão dos trabalhadores antilhanos desempregados, proposta pelo governo, que tinha um viés explicitamente racista e que a maioria dos sindicatos da federação dos trabalhadores apoiava³¹¹.

³⁰⁷ *Cultura Obrera*, Nova Iorque, 16 de junho de 1917, p. 4; 4 de agosto de 1917, p. 4; 11 de agosto de 1917, p. 4; 15 de setembro de 1917, p. 4; 22 de setembro de 1917, p. 4; 29 de setembro de 1917, p. 4.

³⁰⁸ *El Obrero*, Cidade do Panamá, 17 de setembro de 1921, p. 2; 3 de dezembro de 1921, p. 1.

³⁰⁹ *Repertório Americano*, San José, 31 de outubro de 1921, p. 12.

³¹⁰ *El obrero*, Cidade do Panamá, 29 de outubro de 1921, p. 4.

³¹¹ Inclui membros do socialismo, do liberalismo e do anarquismo, que geralmente tinham simpatias pela União Soviética e criticavam as posições da AFL e seu modelo sindical para o Panamá. Alguns de seus membros foram Lola Collantes, Pedro López, Julia Palau, Manuel V. Garrido, Jorge Brower, Diógenes de la Rosa, Cristóbal Segundo, Domingo H. Turner. José D. Moscote e Ernesto Morales foram colaboradores. Os membros do grupo

Apesar da consolidação de posições em torno de um sindicalismo de combate, o Grupo Comunista não conseguiu deslocar as posições reformistas ligadas à *Confederación Panamericana de Trabajadores* (COPA), à qual a Federação dos Trabalhadores do Panamá era filiada. Em dezembro de 1924, o grupo decidiu deixar a federação para formar o *Sindicato General de Trabajadores* (SGT). Vários membros do Grupo Comunista participaram do seu conselho de administração. Seus estatutos incluíam dez pontos em que era orientada a ação direta como estratégia de luta do proletariado e a necessidade de incorporar efetivamente as mulheres à força organizada da união. Blazquez de Pedro continuou participando dessa organização até ser deportado pelo governo por seu papel na greve dos inquilinos de 1925³¹².

No período entre 1915 e 1925, os anarquistas foram capazes de se inserir na formação de sociedades de resistência, centros operários e sindicatos. Eles realizaram isso em conjunto com militantes de outras tendências ideológicas que coincidiram em uma prática revolucionária e internacionalista. Os lugares mais ativos foram as cidades do Panamá, Cólón e a região do canal, onde alcançaram pela primeira vez uma aliança multirracial e multinacional mais estável do que em anos anteriores. O fruto orgânico desse trabalho foi observado na formação da Federação dos Trabalhadores do Panamá, em 1921, através do Grupo Comunista e sua subsequente participação no SGT.

Durante esse período, decidiram deixar o grupo de afinidade como base de sua atividade para participar de associações de classe mais amplas e inclusivas. Outra mudança importante foi a incorporação de muitas mulheres como organizadoras, oradoras e militantes sindicais. A formação de sociedades femininas e demandas específicas vindas delas sempre estiveram presentes no Grupo Comunista. Dentro deste trabalho, destacaram-se as professoras e alunas do Instituto Nacional, onde os núcleos do feminismo panamenho se formaram³¹³.

A luta mais importante do período foi a greve dos inquilinos de 1925, que alcançou uma mobilização geral nas principais cidades do Panamá. Esta greve foi planejada no mesmo momento em que havia sido pauta da conferência continental de grupos anarquistas, organizada pela CGT mexicana e FORA argentina. Os protagonistas desta organização foram os irmãos José María e Martín Blazquez de Pedro, presos e deportados clandestinamente do

também apoiavam publicações como *El Caballero Andante* e *Cuasimodo*. A partir deste núcleo virão mais tarde os fundadores do Partido Socialista e do Partido Comunista do Panamá. FRANCO MUÑOZ, Hernando, **Movimiento obrero panameño: 1914-1921**, Ciudad de Panamá: [s.n.], 1979, p. 45–48.

³¹² QUINTERO, Iván, **El sindicato General de Trabajadores**, Ciudad de Panamá: Centro de Estudios Latinoamericanos Justo Arosemena, 1979, p. 21–28.

³¹³ MARCO SERRA, Yolanda, Los debates acerca de la condición femenina y el feminismo en Panamá, 1911-1922, **Revista del CESLA. International Latin American Studies Review**, n. 21, p. 89–104, 2018.

Panamá para Cuba, onde finalmente morreram em 1927. Esses eventos impactaram na militância anarquista no Panamá, que permaneceu dispersa nos anos seguintes, colaborando com a imprensa anarquista no exterior, mas com pouca presença no movimento operário organizado³¹⁴.

³¹⁴ CUEVAS, Alexander, **El movimiento inquilinario de 1925**, Ciudad de Panamá: Centro de Estudios Latinoamericanos Justo Arosemena, 1980.

Capítulo 4. Pela causa do trabalho organizado: os anarquistas no movimento operário centro-americano, 1910-1928

Introdução

O objetivo deste capítulo é reconstituir as formas de inserção do anarquismo no movimento operário organizado na América Central. Para isso, trabalharemos com a experiência associativa da *Confederación Obrera Centroamérica* (COCA). Esta organização esteve ativa entre 1921 e 1928, tendo como precedente um importante trabalho de articulação regional desenvolvido desde 1911. Este foi o ano do Primeiro Congresso dos Trabalhadores da América Central, o primeiro evento que reuniu delegações de trabalhadores de todos os países. A ideologia seguida pela COCA foi a criação de uma “federação centro-americana do trabalho”, visando a reconstrução da República Federal da América Central, com base nas organizações operárias da região.

Embora essa questão tenha sido investigada pela historiografia centro-americana, a maioria das obras é construída a partir de uma perspectiva nacional e não regional. A exceção é um artigo de Arturo Taracena, escrito nos anos 80, que até hoje não tem sido continuado e aprofundado. Como não há bibliografia específica sobre a COCA, a contribuição deste capítulo é reconstruir a participação de militantes anarquistas nessa experiência de organização sindical a partir de uma perspectiva regional e internacional. Para isso, estudaremos os canais de articulação utilizados entre 1911 e 1928 para desenvolver esse trabalho de organização no movimento operário¹.

Estudaremos esse processo em dois momentos principais: primeiro, entre 1911 e 1914; segundo, entre 1921 e 1928. O intervalo de tempo não analisado em profundidade deve-se ao fato de que não houve congressos de trabalhadores devido a vários acontecimentos, como a intervenção militar dos Estados Unidos na Nicarágua e o desenvolvimento da Primeira Guerra Mundial. Na primeira seção, estudaremos a ideologia sindicalista promovida pelo operariado centro-americano e sua relação com o internacionalismo proletário.

¹ TARACENA, La Confederación Obrera de Centro América (COCA): 1921-1928; POSAS, Mario, **La lucha de los trabajadores hondureños organizados**, Tegucigalpa: Editorial Universitaria, Universidad Nacional Autónoma de Honduras, 2017; DE LA CRUZ, **Las luchas sociales en Costa Rica, 1870-1930**; ACUÑA ORTEGA, Nación y clase obrera en Centroamérica en la época liberal (1870-1930); ALMEIDA, **Waves of protest**.

Em segundo lugar, caracterizaremos os canais utilizados pelos anarquistas da região para divulgar suas ideias e formas de organização. Esses coincidem temporariamente na Costa Rica, que se torna um ponto de articulação entre jornais, centros de estudo, grupos de afinidade e sociedades de trabalhadores. Embora este não seja o único ponto, é o que melhor conseguimos documentar em sua relação com o movimento anarquista internacional. A CGT da Costa Rica será sua maior realização organizacional, embora sua estratégia sindical não estabeleça um finalismo doutrinário específico.

Na segunda parte, estudaremos a atividade anarquista na COCA nos anos 1920. Aproveitamos a rotação da sede da organização em cada país da América Central para refletir sobre suas lutas particulares e conjuntas. Reconstruímos também os laços internacionais estabelecidos para criar uma conferência anarquista na Cidade do Panamá em 1925. Embora o evento tenha sido reprimido antes de começar, seus preparativos nos permitem mostrar a rede de contatos e alianças estabelecidas para seu desenvolvimento. A correspondência e as viagens de propaganda estavam entre os métodos mais comuns usados.

Quanto às fontes utilizadas, a maioria delas provém da imprensa anarquista dos diversos países com os quais os militantes centro-americanos tiveram contatos. Também usamos correspondência de organizações sindicais, como a CGT, no México, a FORA, na Argentina, e a própria diretoria da COCA. Dada a presença constante do governo dos Estados Unidos na região, usaremos relatórios e documentos diplomáticos compilados por diferentes agências dos Estados Unidos que monitoraram o movimento operário.

Finalmente, o estudo da experiência sindical da COCA nos permite estudar algumas questões associadas, como o problema do imperialismo, as disputas ideológicas no movimento operário e as relações internacionais. Embora nem todo o movimento operário organizado tenha participado dessa experiência, é verdade que as correntes mais radicais foram forjadas dentro dela. Tanto os anarquistas quanto os comunistas participaram ao nível local e regional da COCA para desenvolverem sua propaganda, suas articulações e seus principais debates. Como surgiram tensões e diferenças internas, essas correntes decidiram romper com a COCA e construir suas próprias organizações. Dessa ruptura com a COCA, o anarcossindicalismo surgiu como uma estratégia sindical específica.

4.1 As muitas faces do internacionalismo proletário

A primeira experiência de inserção coletiva anarquista no movimento operário foi através dos congressos operários da América Central, de 1911 e 1921, que culminaram com a fundação da *Confederación Obrera Centroamericana* (COCA). Esse órgão era plural e variado na composição de suas organizações, proporcionando uma plataforma para forjar contatos, experiências comuns e projetos coletivos. Ao nível local e sindical, essa experiência organizativa também permitiu criar um espírito de unidade e ganhar melhorias parciais nas condições de trabalho e de vida de seus membros.

Durante esse período, a maioria dos trabalhadores anarquistas da região atuaram nas sociedades de classe e nos centros mutualistas de seus respectivos países. Em alguns lugares, eles conseguiram criar seus próprios espaços de articulação, através da imprensa e de grupos de afinidade, nos períodos de 1911-1914 e de 1921-1928. No primeiro período, o centro dessa articulação foi a Costa Rica, através do *Centro de Estudios Sociales Germinal*, da *Confederación General de Trabajadores* (CGT) e do jornal *La Aurora Social*. Por sua vez, esse jornal foi escolhido como o porta-voz da primeira Confederação Operaria Centro-Americana, entre 1913 e 1914, permitindo a difusão de ideias e o intercâmbio de contatos entre as organizações.

Na década de 1920, essa articulação se fez através de dois espaços simultâneos: a COCA e a AIT, em Berlim. Esta última organização teve em vista expandir sua filiação no continente americano através da CGT mexicana e da FORA. Para esse fim, foram feitas várias turnês de propaganda para organizar uma conferência anarquista em 1925, na Cidade do Panamá. Embora a repressão não tenha permitido a realização da conferência, seu planejamento nos permite mostrar as redes de apoio e de contatos que foram implantadas na América Central. Essas relações finalmente deram frutos com o congresso fundador da ACAT, em Buenos Aires, em 1929, do qual participou uma delegação guatemalteca.

No movimento operário confederado da América Central, três tradições doutrinárias coexistiram: unionismo, anti-imperialismo e socialismo. O unionismo buscava a reconstrução da República Federal da América Central, com o objetivo de permitir maior poder de negociação internacional, principalmente em relação ao governo dos Estados Unidos. Dado seu controle do canal interoceânico no Panamá e sua permanência militar na Nicarágua, o anti-imperialismo converte-se numa temática cada vez mais presente na agenda dos movimentos sociais da região. Na COCA, estas pautas foram colocadas nos congressos operários e nas ações das diferentes federações filiadas.

Segundo a historiadora Teresa García, no início, o movimento unionista tinha dois pontos principais de referência: 1) o ideal de unidade americana de Simón Bolívar; e 2) a luta anticolonial contra o Império espanhol. Na América Central, esse imaginário de unidade inspirou a criação de uma República Federal na primeira metade do século XIX; tendo como lideranças representativas os políticos José Cecilio del Valle e Francisco Morazán. Um segundo momento foi caracterizado pelo fracasso do projeto federal e sua relação com o imaginário anti-imperialista do final do século XIX, especialmente diante do avanço militar e econômico dos Estados Unidos. Os escritos do uruguaio José Enrique Rodó foram fundamentais nessa síntese do que foi chamado de “arielismo” ou unidade hispano-americana².

Essa relação entre posição geoestratégica, hispano-americanismo e anti-imperialismo foi incorporada ao movimento unionista durante o século XX, atingindo seu momento mais importante durante os anos 20. Embora a liderança desse movimento estivesse inicialmente nos setores intelectuais, o movimento popular se envolveu mais constantemente através das *Ligas Unionistas* e do movimento dos trabalhadores urbanos. Como movimento social e projeto político teve em vista reconstruir a ideia da Pátria Grande, considerando as particularidades étnicas, geográficas e culturais do istmo. Grupos, indivíduos e movimentos de ideologias muito diversas, incluindo o anarquismo, tomaram parte nesse projeto.

A relação entre unionismo e anarquismo pode ser estabelecida como influências doutrinárias e experiências militantes, sem que existam necessariamente como dois movimentos unificados. Colocamos aqui alguns elementos dessa conexão propostos pelas historiadoras Marta Casaús e Teresa García³. Em primeiro lugar, houve uma relação com os conceitos de federalismo e mutualismo desenvolvidos por Proudhon que chegaram à América Central através das traduções do catalão Francisco Pi y Margall. Segundo essa tradição, o mutualismo está na base do socialismo científico, que visa reconhecer a capacidade de autoconsciência e de organização da classe trabalhadora. Essa aliança entre grupos de produtores deveria ser dirigida tanto econômica quanto politicamente, procurando articular a federação de produtores livres com a república federal⁴.

² GARCÍA GIRÁLDEZ, Teresa, Imperialismo-anti-imperialismo en el unionismo centroamericano, 1900-1930, **Cuadernos americanos**, n. 124, p. 157–180, 2008.

³ CASAÚS ARZÚ, Marta, El antiimperialismo espiritualista de Alberto Masferrer, in: **Confrontación de imaginarios. Los antiimperialismos en América Latina**, Buenos Aires: CLACSO, 2021, p. 83–108.

⁴ Usamos as edições originais traduzidas e anotadas por Francisco Pi y Margall. PROUDHON, P.J, **De la capacidad de las clases jornaleras**, Madrid: Librería de Alfonso Durán, 1869; PROUDHON, P.J, **El principio federativo**, Madrid: Librería de Alfonso Durán, 1872.

O segundo elemento de influência se encontra na ideia de terra e trabalho humano como base da riqueza e diversidade da humanidade. Isso levado à esfera política significava o reconhecimento do protagonismo das classes produtoras e seu direito à posse de todos os frutos de sua criação coletiva. As influências mais claras nessa área foram os geógrafos Eliseo Reclus e Pedro Kropotkin, amplamente lidos pelos setores letrados e populares da América Central⁵. Finalmente, o binômio entre luta anticolonial e anti-imperialista funcionou como um imaginário de integração e unidade diante das ameaças imperiais. No caso do anarquismo, essa relação foi baseada no princípio da autodeterminação dos povos e da oposição ao avanço do Estado capitalista. Em termos históricos, a guerra hispano-antilhana de 1898 em Cuba e em Porto Rico havia dado provas concretas ao movimento anarquista da necessidade de incorporar esses elementos ao seu ideal de emancipação⁶.

Alguns intelectuais que incorporaram esses elementos anarquistas à sua militância unionista foram os professores Alberto Masferrer (salvadorenho) e Joaquín García Monge (costarriquenho). O primeiro o fez através de seu programa político chamado “mínimum vital”, que incorporou as abordagens de Proudhon, Kropotkin e Reclus, deslocando suas ideias antiestatistas e anticapitalistas com a ideia de um Estado mediador e benfeitor. No caso de García Monge, seu unionismo foi incorporado a uma ideia mais ampla de hispano-americanismo cosmopolita, onde as noções de Pátria Chica e Pátria Grande eram constantemente retrabalhadas com base no protagonismo dos movimentos populares⁷.

Em sua relação com o movimento operário no início do século XX, Masferrer e García Monge estiveram diretamente envolvidos na difusão dessa ideologia como jornalistas, editores e educadores. Ambos eram defensores da educação integral e do racionalismo, como era entendido na pedagogia libertária. Nessa abordagem, o trabalho manual e intelectual possuía o mesmo valor e deveria ser cultivado por todas as pessoas. Nas histórias de vida desses dois professores, essa relação é explicitada de diversas maneiras. Ambos reconhecem que foram trabalhadores autodidatas em Santiago do Chile que os apresentaram às ideias anarquistas de Reclus e Kropotkin⁸. Embora esses educadores tenham se afastado do anarquismo após a

⁵ Algumas dessas ideias já haviam sido expostas por Reclus, em suas viagens pela América Latina em meados do século XIX, tomando como referência a experiência da Grande Colômbia e incorporando mais tarde sua análise do istmo centro-americano em seu trabalho geográfico. RECLUS, **Mis exploraciones en América**; RECLUS, ELISEO; RECLUS, ONÉSIMO, **Novísima geografía universal**.

⁶ ANDERSON, **Under three flags**.

⁷ CASAÚS ARZÚ, Marta; GARCÍA GIRÁLDEZ, Teresa, **Las redes intelectuales centroamericanas. Un siglo de imaginarios nacionales (1820-1920)**, Ciudad de Guatemala: F&G editores, 2005.

⁸ MASFERRER, Alberto, **¿Qué debemos saber? cartas a un obrero**, segunda edición. San Salvador: Caminos Hnos y Cía, 1947, p. 14. GARCIA MONGE, Joaquín, **Obras escogidas**, San José: EDUCA, 1974, p. 89.

Primeira Guerra Mundial, continuaram a reconhecer nessa filosofia a base de sua educação política.

Os congressos operários centro-americanos de 1911 e 1921 foram organizados retomando os elementos simbólicos do movimento unionista. Esses eventos foram convocados no âmbito das comemorações de 15 de setembro, que marcaram as lutas pela independência contra o império espanhol. A estrutura da organização usava a linguagem republicana em suas denominações, tais como a divisão do poder executivo e legislativo, a assembleia constituinte e a emissão de decretos e leis. A direção da confederação de trabalhadores foi chamada de *Conselho Supremo Plenipotenciário* e seus delegados foram chamados de deputados. As relações internacionais da confederação seguiram a linguagem da diplomacia e suas atividades estavam repletas de formalidades. Outra característica foi que os congressos foram financiados com o apoio de governos interessados em promover a unidade centro-americana, como El Salvador, Guatemala e Honduras⁹. Nessa aliança, a liderança do movimento operário influenciou a política regional através de suas exigências particulares. Algumas delas foram a criação de escolas de artes e ofícios, a regulamentação da jornada de trabalho e o controle do capital estrangeiro. Essas foram incorporadas apenas parcialmente à legislação dos países e só por curtos períodos encontraram um apoio institucional real.

Com o discurso anti-imperialista, aconteceu algo semelhante. Este movimento havia se tornado massivo nas décadas de 1910 e 1920, onde convergiram muitos tipos de ideologias. Dentro destas, havia alguns setores moderados ligados às elites políticas e econômicas que procuravam uma melhor margem de manobra para seus negócios. Essas tensões eram evidentes nas negociações sobre disputas fronteiriças e concessões a companhias norte-americanas. O Departamento de Estado dos Estados Unidos monitorou essas atividades em cada um dos países da América Central, qualificando como “discurso anti-americano” qualquer crítica aos seus interesses. Essa documentação tem sido usada pela historiografia centro-americana para reconstruir indivíduos e organizações que participaram dessas mobilizações¹⁰.

⁹ POSAS, *La lucha de los trabajadores hondureños organizados*, p. 170–172.

¹⁰ NARA. *Records of the Department of State Relating to Political Relations Between the U.S. and Central America*, 1911–1929. Essa documentação cruza informações entre as diferentes embaixadas dos Estados Unidos na América Central a respeito de propaganda considerada “antiamericana”. Alguns dos eventos monitorados incluíram a atividade dos anarquistas mexicanos Ricardo e Enrique Flores Magón, nos Estados Unidos, o acompanhamento dos protestos em El Salvador contra a aquisição de bases navais, críticas contra o desembarque de tropas na Nicarágua e o controle dos dirigentes sindicais nas plantações de bananas em Honduras e na Costa Rica.

Essas nuances e contradições causaram grande decepção em alguns setores do movimento operário, favorecendo a difusão de doutrinas socialistas revolucionárias, como o anarquismo e o marxismo. Essa experiência militante foi muito comum em El Salvador e na Guatemala. Porém, na propaganda anarquista foram utilizadas várias estratégias para tentar dialogar e radicalizar o movimento unionista. A primeira empregou alguns elementos conceituais, simbólicos e históricos para contrastar com a realidade e assim apontar as contradições do movimento e suas possíveis alternativas. Caricaturas, poesias e escritos em tom irônico foram implementados como recursos didáticos para conduzir esta crítica. Por exemplo, havia constantemente desenhos alusivos ao “Tio Sam” invadindo a Nicarágua e o Panamá. A poesia retomou acontecimentos históricos da luta do Istmo, como a independência da Espanha ou a guerra contra o escravagista William Walker, expulso da região em 1857. Em 1912, o costa-riquenho José María Zeledón, editor da revista anarquista *Renovación*, organizou esses elementos num poema intitulado “Welcome”, dedicado à visita à América Central do secretário de Estado norte-americano Philander Knox:

Nuevo Walker sin huestes aguerridas y francas
 Que vienes á este suelo cabalgando en las ancas
 De la mansa perfidia! Nuestro grito sonoro,
 Rebotará en protesta sobre tu yelmo de oro.
 Prodigando el narcótico de tu dólar sonante
 -que en dolor se convierte- cazador trashumante
 De castrados leopardos, llegas á nuestros lares
 Con tu garrote grueso cubierto de azahares
 Y tu puño de hierro bajo sedeño guante.

Linchador de naciones! Nuevo Walker sin bríos
 Belicosos! ¿Qué pides á nuestras mansedumbres?
 ¿Quieres probar acaso la linfa de estos ríos?
 Ó quieres ver de cerca las hondas podredumbres
 Que llevarán exánimes á nuestras muchedumbres
 Á la noble palestra de vuestros desafíos?¹¹

No poema, Zeledón compara Knox a Walker e denuncia a farsa da colaboração entre os governos unionistas e “a águia rapace do Norte”. Para ele, a maioria dos recursos e das reuniões dos governos que impulsionaram a união centro-americana foi gasta em questões fronteiriças e em negociações diplomáticas com os Estados Unidos. Os resultados geralmente beneficiaram as concessões às companhias estadunidenses e limitaram o exercício da soberania,

¹¹ *Renovación*, San José, 29 de fevereiro de 1912, p. 18.

como havia acontecido com as concessões para o canal interoceânico na Nicarágua e no Panamá¹².

O outro ponto de crítica se referia ao estreito sentido estatista do unionismo, como defendido pelo escritor Salvador Mendieta em sua obra “La enfermedad de Centroamérica” (A Doença da América Central). Para Zeledón, a relação entre nacionalismo e estatismo restringia o horizonte político da região e sua aliança com o internacionalismo proletário moderno. Em suma, essa “unidade vinda de cima” deveria ser combatida por uma aliança popular vinda de baixo. Nesse cenário, a classe trabalhadora tinha que desempenhar um papel de liderança ao lado da intelectualidade comprometida. Por essa razão, o anti-imperialismo popular deveria começar com a organização dos trabalhadores nas empresas estrangeiras localizadas no país¹³.

Para José María Zeledón, o movimento unionista constituía um ponto de partida, mas nunca o verdadeiro objetivo do proletariado emancipador. Para ser realmente transformador, o movimento não podia entrar no sistema institucional existente, portanto, tinha que articular a insatisfação popular desde baixo e de fora dos governos. Uma crítica semelhante é feita à propaganda hispano-americana promovida pelo socialista argentino Manuel Ugarte¹⁴. Um ponto de vista semelhante será defendido pelos anarquistas mexicanos agrupados no seio do *Partido Liberal Mexicano* (PLM) em sua denúncia do desembarque de fuzileiros norte-americanos na Nicarágua. Segundo Antonio Pío Araujo, “a salvação da gleba nicaraguense depende de sua união revolucionária com os rebeldes mexicanos a lutar pela Terra e pela Liberdade”¹⁵. Em sua análise geopolítica, o PLM estava ciente da importância de estender o processo revolucionário na América Central, a fim de dificultar a abordagem militar americana. A mobilização de tropas do Canal do Panamá para invadir Yucatán em 1914 provou que os anarquistas mexicanos tinham razão¹⁶.

A presença contínua das tropas estadunidenses na Nicarágua entre 1912 e 1934 mostrou que o vizinho do norte não estava disposto a permitir a plena soberania dos países da

¹² *Renovación*, San José, 30 de janeiro de 1912, p. 16.

¹³ *Renovación*, San José, 28 de fevereiro de 1911, p. 2-5.

¹⁴ Durante sua visita à Costa Rica, Manuel Ugarte deu várias palestras nas sedes das sociedades operárias em 1912. As críticas de Zeledón foram expressas da seguinte maneira: “O campo em que Ugarte explora seus anseios é muito diferente do caminho variado em que cantamos nossas canções de esperança [...] Ele vai com o socialismo para a conquista do poder político, certo de que ali aguarda a voz de um *Ressurrexit*, a tão almejada fortuna dos homens. Queimamos nossos navios a tempo de chegar a outras costas, longe daquela miragem sedutora, e jamais voltaremos a ela. Tendo perdido definitivamente nossa fé no terreno árido da política, não lhe lançaremos mais nossas sementes destinadas a produzir uma vegetação vigorosa”. *Renovación*, San José, 29 de fevereiro de 1912, p. 2-4.

¹⁵ *Regeneración*, Los Ángeles, 7 de septiembre de 1912, p. 3.

¹⁶ O acompanhamento dos acontecimentos relacionados ao Canal do Panamá foi elaborado pelo anarquista William C. Owens, na seção inglesa do jornal PLM. *Regeneración*, Los Ángeles, 24 de agosto de 1912, p. 1; 31 de agosto de 1912, p. 4; 19 de outubro de 1912, p. 4.

América Central. Na década de 1920, a crítica anarquista ao movimento unionista seguiu as mesmas linhas de argumentação acima descritas. A luta contra o capitalismo e o Estado era a mesma. Assim, o caráter particular do anarquismo anti-imperialista se voltou para a luta contra a interferência dos Estados Unidos, cujas empresas controlavam grande parte dos setores agroexportador, mineiro, de transporte e bancário. Os conflitos fronteiriços entre a Costa Rica e o Panamá (1920-1921) e entre Honduras e a Guatemala (1928-1929) destacaram a articulação desses elementos. Nesses lugares, predominavam as plantações de bananas de propriedade norte-americana, de modo que o conflito estava também relacionado com os interesses econômicos específicos desses atores.

Nestes conflitos, o movimento unionista tinha uma posição ambígua, pois defendia um anti-imperialismo moderado e nacionalista. Apesar da tradição antimilitarista dos congressos operários, a maioria de seus membros apoiou a mobilização militar nas fronteiras. As únicas vozes críticas vieram de militantes anarquistas e comunistas do movimento operário, que expressaram sua rejeição nos jornais *Via Libre* (Costa Rica), *Cuasimodo* (Panamá), *Orientación Sindical* (Guatemala) e *El Machete* (Honduras). Como em disputas anteriores, conciliações e arbitragens estavam nas mãos do governo dos Estados Unidos, o que favoreceu as companhias na demarcação de terras¹⁷.

Como temos demonstrado até agora, é possível identificar elementos doutrinários comuns entre o anarquismo e o unionismo. Entretanto, esses dois movimentos sociais mantiveram importantes tensões no desenvolvimento de sua estratégia política e de suas táticas de luta. Do ponto de vista do movimento operário revolucionário, o unionismo permitiu a articulação de uma linguagem comum e de uma ideia de unidade enraizada em uma experiência territorial semelhante. Entretanto, sob a liderança do movimento e do contexto geopolítico em que se desenvolveu, ele teve que ser necessariamente empurrado para além dos limites estabelecidos por sua doutrina republicana e federal.

4.2 Espaços de articulação regional na década de 1910

No que se segue, mostraremos os mecanismos de articulação e de inserção utilizados pelos anarquistas centro-americanos para ganhar influência no conjunto do

¹⁷ *Vía Libre*, San José, 4 de dezembro de 1920, p. 1, *Cuasimodo*, Ciudad de Panamá, junio-julio de 1920, p. 39-41. *Cuasimodo*, Ciudad de Panamá, junho-julho de 1920, p. 39-41.

movimento operário organizado, nas décadas de 1910 e 1920. Inicialmente, vamos nos concentrar no jornal *La Aurora Social*, no *Centro de Estudios Sociales Germinal* e na CGT. Fizemos esta escolha após desenvolver uma análise cruzada da militância dos três espaços, o que nos permitiu identificar efetivamente uma estratégia de inserção anarquista e de influência para a região. Numa segunda etapa, estudaremos essas articulações através da COCA e suas relações regionais e internacionais.

4.2.1 Forjar consciências libertárias

Um dos principais canais utilizados pelos militantes anarquistas para divulgar suas ideias foi a imprensa. O jornal *La Aurora Social*, “o porta-voz da classe operária centro-americana”, foi fundado para esse fim. Em 1912, a situação parecia favorável para esse tipo de empreendimento. Alguns fatores se uniram, tais como a criação da primeira confederação de trabalhadores da América Central e a instalação de seu primeiro conselho na capital da Costa Rica. Esses acontecimentos permitiram que a cidade de São José se tornasse, por alguns anos, um espaço de convergência entre as lideranças do movimento operário centro-americano. Essa situação foi aproveitada por militantes anarquistas que atuavam nas associações de padeiros, da construção civil e das artes gráficas, para divulgar suas ideias e propostas organizativas.

A linha editorial do jornal *La Aurora Social* era socialista e sua composição temática e sua distribuição eram centro-americanas. Dados esses caracteres, suas páginas foram abertas a todas as organizações de trabalhadores da região. Seu conselho de administração era formado por trabalhadores de vários países que residiam na Costa Rica. Seus editores foram os tipógrafos Ovidio Rojas (costa-riquenho), Gerardo Vega (costa-riquenho) e J. B. Sánchez Borja (hondurenho)¹⁸. Os três defenderam diferentes vertentes do socialismo, de modo que o jornal era um espaço aberto para o debate ideológico e para as articulações organizacionais.

O grupo de redação esforçou-se para contextualizar o debate em termos centro-americanos, mostrando semelhanças e diferenças com o resto do socialismo internacional. Segundo eles, as particularidades da região estavam na predominância do capitalismo agrário, com um importante artesanato urbano e poucas indústrias. As posições de intelectuais instruídos e de trabalhadores autodidatas foram frequentemente debatidas quanto ao que essas condições significavam para um movimento operário organizado. Por exemplo, o jornal publicou as

¹⁸ O grupo de administradores do *La Aurora Social* incluía o guatemalteco Julio Padilla, o pastor salvadorenho Vallesté Gallardo, os nicaraguenses Luis Felipe Ibarra Maiorga e Manuel Jarquín e os costa-riquenhos Lesmes Sáurez, Félix Quesada e Juan Ramón Porras. *El Pacífico*, Puntarenas, 6 de julho de 1912, p. 4.

reflexões do advogado costarricense Fabio Baudrit, que argumentava que, como não havia desenvolvimento industrial, não havia luta entre capital e trabalho propriamente dito. Portanto, as premissas para o movimento operário deveriam ser colocadas na poupança e na educação, a fim de construir um “Estado protetor para os menos favorecidos, a fim de evitar choques e greves”¹⁹.

Essa perspectiva coincidia com uma parte importante do movimento mutualista centro-americano, que se expressou em termos semelhantes no congresso operário de 1911²⁰. Os principais acordos desse congresso eram para: exigir a regulamentação do horário de trabalho; proteger a produção artesanal; favorecer a livre circulação de pessoas entre os países; e financiar uma escola pública de artes e ofícios. Outro aspecto crucial identificado pelos delegados dos trabalhadores referia-se aos problemas da unidade centro-americana. Segundo eles, os principais obstáculos eram: 1) a instabilidade política interna e 2) a presença militar do governo dos Estados Unidos. Quanto ao primeiro ponto, ficou claro que a região centro-americana se caracterizava por constantes golpes de Estado e revoluções políticas que colocavam os diferentes setores das elites políticas uns contra os outros. Por essa razão, insistiu-se que as organizações se afastassem da participação eleitoral e das revoluções, que geralmente se referiam aos conflitos armados entre partidos políticos e caudilhos²¹.

Como contraproposta, o grupo de redação do jornal apresentou sua leitura da região com base nos argumentos do anarquista espanhol José Prat, que explicou didaticamente as maneiras pelas quais o capitalismo se apropriou do valor criado pelo trabalho humano²². Dadas as semelhanças que esses tipógrafos encontraram entre a Espanha e a América Central, eles argumentaram que poderia haver uma luta de classes e uma questão social sem necessariamente ter uma economia industrial. De acordo com sua leitura, houve uma concentração dos meios de produção, especialmente no campo, por empresas estrangeiras. Nas cidades, a apropriação de mão de obra nas oficinas e nos recursos públicos através de atividades parasitárias, como o exército e a polícia, já era visível²³.

¹⁹ *La Aurora Social*, San José, 6 de agosto de 1912, p. 2.

²⁰ Essa era também a posição da Sociedad Federal de Trabajadores de San José e de seu jornal *Hoja Obrera*, que tinha divergências com *La Aurora Social* sobre a estratégia do movimento operário. Apesar disso, não havia uma fronteira fechada entre os dois grupos, pois todos os seus editores participaram como dirigentes de várias sociedades filiadas à Confederación de Obreros.

²¹ (CIRMA). Colección de la Familia Taracena Arriola. Primer Congreso Centroamericano de Obreros, **El Porvenir de los obreros**, v. número extraordinario, n. 7, 1911, p. 11–13.

²² *La Aurora Social*, San José, 20 de agosto de 1912, p. 2. Este artigo foi um resumo de uma palestra mais longa, publicada como um folheto. PRAT, José, **En pro del trabajo**, Barcelona: Librería Salud y Fuerza, 1906, p. 11.

²³ *La Aurora Social*, San José, 13 de agosto de 1912, p. 1; 20 de agosto de 1912, p. 4; 27 de agosto de 1912, p. 4.

As diferenças particulares levantadas pelo tipógrafo Gerardo Vega residiam nos instrumentos de luta. Nesse sentido, compartilhava com seus camaradas mais moderados que o único caminho a seguir era a conquista evolucionária dos direitos através do socialismo. Com base nas ideias de Kropotkin em seu trabalho “Apoio mútuo”, esse caminho deveria ser fruto da conquista paciente e constante do trabalho organizado. Para esse tipógrafo, greves e revoluções não constituíam o melhor meio, pois desencadeavam ciclos absurdos de violência que não produziam resultados concretos. Para apoiar essa posição, ele contou o número de mortes causadas na Rússia e no México devido às explosões revolucionárias, que ele acreditava serem justas, mas que não concordava com o transbordamento de violência e vingança que elas causavam²⁴.

A respeito do anarquismo, Vega se distanciou da ideia que associava essa doutrina à “violência, à dinamite e ao atentado”. Para ele, a anarquia é uma ideia de organização social que deve ser construída por convicção, propaganda e organização. Seu método seria a regeneração da luz e não a revolução social expropriadora²⁵. Ele insiste na importância da organização independente da classe trabalhadora, que deveria afastar-se da política profissional organizada por “parasitas, zangões e exploradores”²⁶. Seus principais referenciais foram o francês Jean-Marie Guyau e o russo Peter Kropotkin, que articularam uma filosofia que fundamentava cientificamente a negação da autoridade e abria caminho para a distribuição de toda a riqueza social produzida pela coletividade²⁷.

Em linha com essas abordagens, Ovidio Rojas defendia um socialismo libertário influenciado pelo cristianismo. Esse tipógrafo elaborou sua abordagem usando várias frases de Bakunin, nas quais ataca o egoísmo da burguesia e sua profunda hipocrisia no que diz respeito à moralidade. Segundo Rojas, o bom socialismo buscava a libertação do ser humano, que seria alcançada através da melhoria moral do indivíduo e da conquista da liberdade. O socialismo bem compreendido resulta desses dois pilares, que se distinguem da organização institucional da religião e dos sacerdotes como os principais representantes da hipocrisia social²⁸.

Em uma série de artigos, essa relação entre socialismo e cristianismo primitivo é explorada em maior profundidade, com base em uma comparação histórica entre as duas doutrinas. Em um primeiro sentido, os pregadores de ambas as correntes vieram das classes mais humildes e sua luta se concentrava em denunciar os males morais e corruptores do Império

²⁴ *La Aurora Social*, San José, 9 de julho de 1912, p. 2; 20 de agosto de 1912, p. 2.

²⁵ *La Aurora Social*, San José, 27 de agosto de 1912, p. 2.

²⁶ *La Aurora Social*, San José, 12 de novembro de 1912, p. 3.

²⁷ *La Aurora Social*, San José, 12 de setembro de 1913, p. 2.

²⁸ *La Aurora Social*, San José, 10 de abril de 1913, p. 3.

Romano e do capitalismo. Tanto Jesus como Engels haviam anunciado que essas mudanças seriam necessariamente violentas, mas, na prática, seguiu-se uma evolução mais matizada²⁹. Na história comparativa dessas duas correntes, houve lutas internas entre as correntes que marcaram as diferenças nos métodos de luta. No caso do cristianismo, estas foram entre uma corrente liberal, representada por São Paulo, e uma corrente conservadora, liderada por São Pedro. Uma situação semelhante ocorreu no socialismo, entre aquelas correntes que promoviam o confronto direto ou a resistência não violenta, como no caso de Leon Tolstói. Finalmente, cada uma das correntes teve seus próprios mártires revolucionários e promulgou a conquista de um paraíso baseado na completa igualdade e liberdade de todos os seres humanos³⁰.

O socialismo libertário, promovido pelo grupo de redação do *La Aurora Social*, é constituído por influências do cristianismo primitivo, do pacifismo, do evolucionismo e da crítica à política burguesa. Bakunin, Kropotkin, Guyau, Jesus e Tolstói foram constantemente usados como suportes teóricos. Apesar dessas referências, as abordagens do grupo redator pareciam estar mais em sintonia com os postulados do mutualismo elaborados pelo Proudhon. Sobre esse tema, o jornal publicou uma série de artigos intitulados “O socialismo e as classes trabalhadoras”³¹.

Na prática, muitas dessas abordagens do mutualismo foram colocadas em prática nas organizações de trabalhadores da América Central. As obras de Proudhon vieram principalmente através das traduções e interpretações de Pi y Margal, que era um autor conhecido na imprensa operária desde o final do século XIX³². Suas ideias sobre federalismo político também desempenharam um papel importante nas abordagens unionistas da América Central. Tanto na terminologia utilizada quanto em seu conteúdo, grande parte da estrutura organizativa implementada na Confederação Obrera poderia estar relacionada com esse tipo de federalismo republicano.

Em suma, podemos argumentar que o debate sobre o conteúdo e as formas do socialismo não tinha fronteiras ideológicas rigidamente demarcadas. Pluralidade e intercâmbio foram uma das características que permaneceram na imprensa operária centro-americana. Embora o grupo editor do *La Aurora Social* se inclinasse para o socialismo libertário, as páginas

²⁹ *La Aurora Social*, San José, 22 de agosto de 1913, p. 3.

³⁰ *La Aurora Social*, San José, 5 de setembro de 1913, p. 2.

³¹ Esses artigos se baseiam no livro homônimo escrito pelo venezuelano Manuel Vicente Martínez, em 1909. O texto foi escrito tendo em vista a realidade venezuelana. Em 1912, o autor vivia na Costa Rica como expatriado da ditadura do general Juan Vicente Gómez, que governou entre 1908 e 1935. MARTÍNEZ, Manuel Vicente, **El socialismo y las clases jornaleras.**, Caracas: Tip. Casa de especialidades, 1909.

³² *Hoja Obrera*, San José, 24 de setembro de 1910, p. 2.

do jornal estavam abertas ao debate de todas as tendências. Essa pluralidade se reflete também na variedade de publicações que receberam, como *Quimeras* e *La Unión Obrera* (Nicarágua); *Brazo y Cerebro* e *Mujer Salvadoreña* (El Salvador); *El Trabajo* (Guatemala); e *La Batalla de los Trabajadores* (Chile).

Através desse intercâmbio, podemos rastrear como esse tipo de anarquismo circulou na região da América Central. Como não conseguimos encontrar cópias de nenhum desses jornais, vamos nos restringir ao caso salvadorenho. As organizações salvadorenhas foram representadas no Conselho Federal Operário Centro-Americano por Leopoldo Valencia. Esse trabalhador foi um dos organizadores do congresso de San Salvador em 1911 e um orador ativo. Na Costa Rica, ele participou de várias viagens para promover a organização e a educação dos trabalhadores. Ele escreveu na imprensa contra a ocupação estadunidense da Nicarágua e defendeu o uso da “adaga, da pistola e da dinamite” como armas legítimas de luta utilizadas por outros, como Breschi na Itália, Pardiñas na Espanha e Califf na Rússia. Por esse incitamento ao assassinato, Leopoldo Valencia foi acusado de ser um “dinamitador” e discípulo do anarquista italiano Errico Malatesta pela imprensa operária moderada³³.

Essa apologia do terrorismo efetuada por Valencia não era nova, mas era algo extravagante no movimento operário costarriquenho. Discursos semelhantes já haviam sido defendidos antes por militantes operários, mas limitados a outras latitudes, como Cuba, Rússia, Itália e Espanha³⁴. O fato de o salvadorenho ousar tomar uma posição tão direta sobre o assunto e de ter celebrado o assassinato do presidente de seu país resultou em uma ordem de expulsão do país³⁵. Embora essa posição não tenha sido decisiva para identificá-lo como anarquista, outras pistas mostram que Valencia participou do circuito internacional libertário.

Ao retornar a El Salvador, ele foi preso por suas declarações antigovernamentais e posições anti-imperialistas. Quando foi libertado, permaneceu como interlocutor do *La Aurora Social* até 1914. Em San Salvador, ele editou a revista socialista *Brazo y Cerebro*, usando o mesmo nome de outra publicação anarquista editada pelo galego Jaime Vidal, nos Estados Unidos. Por meio dessa publicação, ele distribuiu o jornal *Regeneración* e apoiou as campanhas de libertação de seus editores, os anarquistas mexicanos Enrique e Ricardo Flores Magón e Librado Rivera. A polícia estadunidense documentou essa relação entre 1914 e 1918, quando interceptou a correspondência da redatora de *Regeneración* María Talavera com Leopoldo

³³ *Hoja Obrera*, San José, 3 de agosto de 1913, p. 2; 14 de agosto de 1913, p. 3.

³⁴ *La Aurora*, San José, 28 de novembro de 1904, p. 1; 25 de janeiro de 1905, p. 1; 3 de fevereiro de 1905, p. 3.

³⁵ *La República*, San José, 9 de agosto de 1913, p. 2.

Valencia em San Salvador, Roque Anele na Guatemala e o grupo *La Aurora Social* na Costa Rica³⁶.

O perfil de Leopoldo Valencia segue uma trajetória semelhante à dos tipógrafos costa-riquenhos que editaram o jornal *La Aurora Social*: artesão, autodidata, líder sindical e orador. Sua conexão direta com a organização e sua relação com a imprensa anarquista no México mostram uma das maneiras possíveis de difundir o socialismo libertário na América Central que temos documentado. Mostra também como a plataforma da confederação de trabalhadores permitiu articulações e contatos que poderiam ser canalizados para outros projetos de propaganda. Um deles era o Centro Germinal, formado por trabalhadores de várias nacionalidades e ofícios da cidade de São José que procuravam ampliar o acesso à propaganda anarquista a seus camaradas centro-americanos.

4.2.2 Propagar a cultura internacional do proletariado

Em 1912, o jornal *La Aurora Social* anunciou a criação de um grupo anarquista na cidade de San José, na Costa Rica, chamado “El Libertario”. Seu objetivo era difundir os ideais comunistas-anarquistas através da ação pessoal e da imprensa, de modo que pretendiam publicar um jornal com o mesmo nome. Sua diretoria era formada pelos trabalhadores Juan Rafael Meneses, Juan Rafael Bonilla, José Alfaro, Juan Elías Hernández e Julio Monge³⁷.

Ao mesmo tempo, o *Centro de Estudios Sociales Germinal*, “fundado de acordo com um importante movimento internacional de propaganda da cultura do proletariado”, iniciou suas atividades³⁸. Suas instalações estavam localizadas no mesmo lugar que o grupo *El Libertario* e seus membros fundadores faziam parte de sua administração. É muito provável que o grupo anarquista tenha decidido fundir-se com o novo centro de estudos. Esse espaço destinava-se a cumprir várias tarefas, tais como: escola noturna, centro de reuniões e biblioteca.

³⁶ NARA. Investigative Case Files of the Bureau of Investigation. Mexican Files. Case 232-3068. **Mexican Anarchist Matter**, Washington: Federal Bureau of Investigation, 1918. Estou em dívida com o historiador americano Kenyon Zimmer por ter localizado os arquivos digitais do FBI sobre o anarquismo no banco de dados. <https://www.fold3.com/search?general.title.id=74:FBI+Case+Files>

³⁷ Sobre esses trabalhadores descobrimos que Juan Rafael Meneses era carpinteiro e foi o secretário da Sociedade de marceneiros e carpinteiros. Juan Rafael Bonilla era membro do Centro de Obreros de Cartago. José Alfaro e Julio Monge participaram da noite em homenagem ao pedagogo catalão Francisco Ferrer Guardia, em 1909. Juan Elías Hernández era datilógrafo e editor do jornal operário, *Cultura*.

³⁸ GAMBOA, Emma, **Omar Dengo**, San José: EUNED, 1990, p. 16.

O grupo não publica seu próprio jornal, portanto publica a maioria de suas atividades no *La Aurora Social*. Seu outro meio de divulgação foi a revista *Renovación*, onde a maioria dos colaboradores do grupo escreveram³⁹. A pesquisa documental que realizamos mostra que o centro manteve comunicação com jornais como: *Tierra y Libertad* e *Solidaridad Obrera* (Barcelona), *Luz y Vida* (Antofagasta), *Tierra* (Havana), *Cultura Obrera* (Nova Iorque) e *Regeneración* (Los Angeles).

Seu nome se refere tanto ao legado do calendário da Revolução Francesa como ao romance escrito por Émile Zola. Embora esse nome não fosse novidade no movimento operário internacional, sua escolha pode ter sido justamente no sentido de se tornar parte desse espírito internacionalista. Embora o centro tenha tido uma vida curta, entre 1912 e 1914, vários centros sociais para a classe trabalhadora continuaram a funcionar sob seu nome entre 1932 e 1940⁴⁰.

A organização interna do centro consistia em: 1) uma comissão administrativa, 2) uma assembleia de membros, e 3) colaboradores. De acordo com relatos da imprensa, as reuniões foram realizadas à noite, após o término do dia de trabalho. Não havia uma diretoria, e as reuniões geralmente começavam com o canto do hino “hijos del pueblo” (filhos do povo). Em suas paredes estavam penduradas uma bandeira vermelha e uma bandeira preta, ao lado de retratos de Zola e Eliseo Reclus⁴¹. A maioria de seus membros provinha da classe trabalhadora e seus colaboradores eram geralmente professores, tanto homes como mulheres. Todos os domingos, o centro organizava passeios ao campo e jogos de futebol⁴².

De acordo com um comunicado publicado no jornal *Tierra y Libertad*, de Barcelona, o objetivo do centro era dar um caráter mais metódico e regular a propaganda ácrata. Isso vinha se desenvolvendo desde o início do século na Costa Rica de uma maneira um tanto desorganizada. O grupo solicitava que toda a propaganda fosse dirigida através do centro, para poder ser canalizada para o resto dos países da América Central. Entre suas principais atividades estava o funcionamento de uma escola gratuita com um cursinho sobre a história da organização do trabalho e outro sobre uma introdução à sociologia. Por outro lado, a aspiração mais

³⁹ Revista sociológica dedicada à difusão do racionalismo educativo de Francisco Ferrer Guardia, do sindicalismo revolucionário e do anarquismo. Seu grupo editorial era constituído por Anselmo Lorenzo (Barcelona), Ricardo Falcó (San José) e José María Zeledón (San José).

⁴⁰ Na Costa Rica, Germinal foi o nome de um jornal, de uma revista, de uma gráfica e de uma cooperativa de casas baratas para famílias da classe trabalhadora. *Diario de Costa Rica*, San José, 16 de janeiro de 1932, p. 5; *La Hora*, San José, 25 de janeiro de 1935, p. 4; *La Tribuna*, San José, 21 de agosto de 1938, p. 15; *La Hora*, San José, 19 de março de 1940, p. 6.

⁴¹ *La Prensa Libre*, San José, 7 de agosto de 1912, p. 3; 8 de maio de 1913, p. 2.

⁴² Os professores mais ativos foram Joaquín García Monge, José María Zeledón, Omar Dengo, Salomón Castro e Carmen Lira. Outros se juntaram às atividades e aos comícios, tais como Mario Sancho e Rubén Coto. *La Prensa Libre*, San José, 21 de janeiro de 1913, p. 1.

importante do centro era estabelecer a primeira federação geral de trabalhadores do país. Segundo o comunicado, a organização havia conseguido organizar duas associações de acordo com “o sistema adequado aos nossos ideais”.

Quanto ao número de seus membros, o centro começou com cinco e tinha mais de oitenta membros no final de 1912. Finalmente, o comunicado destaca a posição estratégica da Costa Rica como centro de difusão anarquista na América Central:

Este país oferece condições de segurança para propaganda que o resto dos países o negam de qualquer maneira, devido aos regimes políticos sob cuja pressão luta. Até onde um regime político pode ser bom, e avaliado comparativamente, o nosso é; e não é o caso das outras regiões da América Central, onde nem sequer é possível vangloriar-se da posse do critério socialista, sem isso abrir as portas de uma cela que pode ficar fechada para sempre. E notem que o critério socialista não só é quase inofensivo no conceito burguês, mas até mesmo fiel e útil para explorar para os interesses governamentais.⁴³

Esse interesse em se tornar um centro de propaganda e de organização sindical era ambicioso. No entanto, o centro tinha alguns recursos e contatos que poderiam ajudar seu trabalho. Em termos materiais, havia uma sala de reuniões que funcionava como uma biblioteca, uma escola noturna e uma sala de eventos. O professor Omar Dengo, que havia editado os jornais libertários *Sanción* e *Cultura*, entre 1908 e 1910, foi nomeado secretário para as relações externas. Outros membros do corpo docente estavam envolvidos na escola noturna e em palestras públicas.

A maioria da assembleia de membros veio do setor de artesãos urbanos. Eles formavam parte das sociedades de trabalhadores das cidades de Alajuela, Cartago e San José. Seus ofícios incluíam padeiros, carpinteiros, marceneiros, tipógrafos, sapateiros e costureiras. Entre eles estavam imigrantes centro-americanos, peruanos e espanhóis. Finalmente, o centro contou com a rede de contatos estabelecida pelo tipógrafo catalão Ricardo Falcó Mayor, estabelecido em 1910 na Costa Rica e editor da revista *Renovación*. A casa de Falcó funcionava como livraria, gráfica e oficina, e muitos dos textos anarquistas discutidos nas sessões do centro estavam disponíveis para compra⁴⁴.

⁴³ *Tierra y Libertad*, Barcelona, 15 de janeiro de 1913, p. 3.

⁴⁴ Uma dessas coleções era a Biblioteca Sociológica Internacional, uma coleção de livros anarquistas constituída por textos de Eliseo Reclus, Pedro Kropotkin, Federico Urales, Héctor Zoccoli, Anselmo Lorenzo, Jean Grave, Carlos Malato e Ricardo Mella. *Renovación*, San José, 20 de fevereiro de 1913, p. 19.

Para administrar a biblioteca, o centro recorreu à imprensa anarquista internacional em busca de livros sobre sociologia, ciência e literatura. Essa campanha foi reproduzida nos jornais *Tierra* (Havana), *Luz y Vida* (Antofagasta), *Solidaridad Obrera* (Barcelona), e *Cultura Libertaria* (Ferrol)⁴⁵. Geralmente, esses livros eram lidos em voz alta para aqueles que não sabiam ler e seu conteúdo era complementado com declamação de poesia e organização de peças teatrais. Algumas das peças encenadas foram escritas pelo argentino Alberto Ghirardo⁴⁶.

Além do lazer e da leitura, a escola noturna também ofereceu espaço para o estudo das ciências e dos ofícios. Como parte de suas múltiplas funções, o centro buscou intercâmbio com outros grupos anarquistas. Foi o caso do jornal *Tierra*, de Havana, a quem o secretário do grupo, Omar Dengo, escreveu uma carta. O objetivo desse intercâmbio era receber orientações sobre “meios de propaganda e organização”, bem como ser considerado no que diz respeito às atividades de “solidariedade, protesto e contribuição financeira”⁴⁷. Com relação a essas colaborações, o grupo manteve subscrições do jornal da Havana, que era o distribuidor da revista *Renovación* em Cuba.

Como parte das atividades de solidariedade internacional, o grupo *Tierra* colaborou com o Centro Germinal em sua campanha de apoio à ala anarquista do PLM⁴⁸. O centro assinou um comunicado coletivo apoiando as campanhas insurrecionais do PLM e criticando a ala reformista liderada por Francisco Madero. Embora não haja notícias de envio de armas e combatentes, o centro se ofereceu para colaborar em todas as tentativas de dar refúgio e asilo a seus camaradas do México, se necessário⁴⁹. Esse comunicado foi posteriormente acompanhado de artigos de José María Zeledón e Omar Dengo, que reforçaram o apoio ao PLM e sua ideologia anarquista e que foram reproduzidos em outros jornais simpáticos a essa causa⁵⁰.

Para fortalecer a propaganda internacional, o Centro Germinal propôs a criação de um “anual do movimento anarquista”, onde os avanços, as experiências e os problemas da organização anarquista no mundo poderiam ser sintetizados. O centro enviou essa proposta ao tipógrafo catalão Pedro Esteve, editor do jornal *Cultura Obrera*, de Nova Iorque. Em sua

⁴⁵ *Tierra*, La Habana, 22 de junho de 1912, p. 4; *Luz y Vida*, Antofagasta, março de 1913, p. 3; *Cultura Libertaria*, Ferrol, 16 de janeiro de 1913, p. 3.

⁴⁶ *La Aurora Social*, San José, 26 de novembro de 1912, p. 3.

⁴⁷ *Tierra*, La Habana, 29 de junho de 1912, p. 3.

⁴⁸ *Renovación*, San José, 15 de agosto de 1912, p. 1; *La Aurora Social*, San José, 24 de abril de 1913, p. 3.

⁴⁹ *Regeneración*, Los Ángeles, 19 de abril de 1913, p. 1.

⁵⁰ *Regeneración*, Los Ángeles, 6 de abril de 1912, p. 1; 1 de janeiro de 1913, p. 2. Em suas memórias, o anarquista mexicano Blas Lara menciona a recepção da revista *Renovación*, da Costa Rica, e sua venda em comícios do PLM organizados pelas mulheres da organização, como Francisca J. Mendoza, Concha Rivera e María Talavera Brousse. GÓMEZ GUITIÉRREZ, Mariano, **La vida que yo viví: novela histórico-liberal de la Revolución mexicana**, México: Instituto Nacional de Antropología e Historia, 2017, p. 189.

resposta, Esteve respondeu que o projeto era demasiado ambicioso e impraticável, já que a dinâmica dos grupos anarquistas era muito variável para manter um registro fiel de sua trajetória. Por outro lado, para poder desenvolver tal atividade, seria necessário lidar com línguas diferentes e estabelecer correspondência direta com grupos em todo o mundo⁵¹.

Como vimos até agora, o Centro Germinal mobilizou seus contatos no exterior para fortalecer seu projeto de educação e formação. Isso deu alguns frutos concretos, como o apoio ao anarquismo mexicano, o envio de dinheiro aos jornais e o recebimento da imprensa libertária. Isso favoreceu a visibilidade do anarquismo na região centro-americana, que estava ganhando força no Panamá através dos trabalhadores do canal. A comunicação com eles foi mantida através do sistema de intercâmbio de publicações. Dessa análise, sabemos que o centro manteve contato direto com organizações em El Salvador e no Panamá⁵².

A multifuncionalidade do centro é uma das características típicas do associativismo ácrata. O centro de estudos sociais poderia servir como um grupo de afinidade, uma escola noturna e um centro de propaganda internacional. Além disso, como centro de trabalhadores, buscou a autoeducação, criando alianças com outros setores, como professores, e suas atividades também tiveram eco na imprensa operária centro-americana através da distribuição do *La Aurora Social*⁵³. Em seu impacto organizacional, o Centro Germinal promoveu a criação da primeira federação nacional de trabalhadores na Costa Rica e a comemoração do 1º dia de maio de 1913. Esse trabalho de organização foi acompanhado de uma intensa campanha contra a participação eleitoral e a defesa do sindicalismo revolucionário.

Esse trabalho de organização mostra um bom exemplo da articulação entre o nível local e o internacional. Embora seu propósito de servir como centro de propaganda para toda a região tenha sido limitado, seu legado pode ser reconstruído através da participação de seus membros na CGT da Costa Rica. Embora essa organização não tenha assumido um finalismo anarquista, a influência dos anarquistas podia ser vista em alguns ofícios, como padeiros, sapateiros, carpinteiros, tipógrafos e costureiras.

⁵¹ Para Pedro Esteve, o único capaz de tal tarefa era Max Nettlau, que já havia escrito em Paris, em 1897, uma obra intitulada “bibliografia da anarquia”, e que continuaria nessa linha até o fim de sua vida, nos anos 40. *Cultura Obrera*, New York, 3 de maio de 1913, p. 4.

⁵² Em El Salvador, o professor costarricense Max Jiménez foi o distribuidor da revista *Renovación*, enquanto no Panamá foram os editores do jornal *El Único*.

⁵³ *La Aurora Social*, San José, 6 de agosto de 1912, p. 3; 26 de novembro de 1912, p. 3; 10 de dezembro de 1912, p. 2; 17 de abril de 1913, p. 2; 19 de junho de 1913, p. 2.

4.2.3 Organizar as associações de acordo com os nossos ideais

Em janeiro de 1913, foi fundada a *Confederación de Obreros “22 de enero”*, com a participação de centros de trabalhadores, associações de ofícios e grupos mutualistas. Essa organização incluía trabalhadores do bonde de San José, pedreiros, padeiros, tipógrafos, sapateiros e posteriores, costureiras, tabaqueiras e lavadeiras. O âmbito geográfico da organização abrangia as cidades de São José, Alajuela e Cartago. A estrutura organizacional seguiu o modelo federal de outras organizações de trabalhadores da América Central. Nenhum objetivo doutrinário específico foi mencionado em seus estatutos, embora duas cláusulas tenham sido introduzidas proibindo a organização de participar de eventos religiosos e de políticas eleitorais. O jornal *La Aurora Social* foi escolhido como o porta-voz oficial da confederação até 1914, quando deixou de ser impresso devido a problemas econômicos⁵⁴.

Em abril foi formada uma comissão com membros da Confederação de Obreros e do Centro Germinal para comemorar o 1º de maio. Essa coincidência foi possível dadas as afinidades das organizações, mas também ao fato de que todos os membros do centro pertenciam à confederação. O convite convidava a “classe operária residente no país, sem distinção de raça, nacionalidade, profissão, crenças religiosas e políticas, a comemorar o dia 1º de maio como Dia do Trabalhador”. O comitê organizador convocou uma interrupção do trabalho e a comemoração para seguir os preceitos estabelecidos no Congresso Internacional dos Trabalhadores, em Paris, em 1889, que estabeleceu o costume universal de comemorar a luta dos trabalhadores de Chicago para estabelecer a jornada de oito horas de trabalho. O texto foi encerrado com a exortação “de que os trabalhadores formulem seus planos de luta emancipatória para os dias seguintes do ano de trabalho”. No final, o convite foi bem recebido, e o governo permitiu que a atividade fosse realizada, embora o texto do convite tivesse sido considerado “subversivo” pelo Secretário do Governo⁵⁵.

A atividade começou com um desfile liderado pelo comitê organizador e as bandeiras vermelhas com bandeirolas pretas do Centro Germinal. O grupo prosseguiu em direção ao parque La Sabana, com representantes dos sindicatos bem como das famílias dos

⁵⁴ *La Aurora Social*, San José, 10 de abril de 1913, p. 2; 15 de maio de 1913, p. 3. O jornal permaneceu uma gráfica de trabalhadores até, pelo menos, 1918 e 1919. Podemos ver isso pelo número de panfletos e brochuras publicadas.

⁵⁵ A comissão organizadora era composta pelo Centro de Estudios Sociales Germinal, pela Sociedad Obrera de Alajuela, de Obreros de Cartago, pelo Centro Social de Obreros de San Ramón, pelas Sociedades Federais de Trabajadores, Anónima del Gremio de Zapateros, Tipográfica de Socorros Mutuos, de Socorros Mutuos Tranvillera, Sociedad de Panaderos e pelo Club Sport “La Libertad”. BNCR. Colección de hojas sueltas. **MANIFIESTO Á LOS TRABAJADORES**. Imprenta Lehman. Abril de 1913.

trabalhadores. Ao chegar ao parque, começou uma partida de futebol entre o Sport La Libertad e o Club Oriente⁵⁶. Depois do jogo, foi criada uma tribuna para um comício onde falaram os membros do Centro Germinal Carmen Lira, Omar Dengo, José María Zeledón e Juan Rafael Pérez. No final do comício, uma comitiva foi ao Cemitério Geral para prestar homenagem a várias trabalhadoras que haviam morrido em consequência de um acidente em uma fábrica de pólvora. No cemitério, falaram Gerardo Vega e Arístides Rodríguez, denunciando a exploração de mão de obra e a insegurança a que as trabalhadoras estavam diariamente expostas na fábrica. Enquanto algumas pessoas ficaram fora do Congresso para se atualizarem sobre as mudanças legislativas, outra comissão partiu para a Penitenciária Central para entregar o dinheiro arrecadado para os prisioneiros⁵⁷.

No final da tarde, em frente ao edifício metálico de San José, Luis Valle y Suárez, membro da Sociedade dos Trabalhadores de Alajuela e do Centro Germinal, conduziu sua palestra, com o professor Joaquín García Monge encerrando. Segundo informações da imprensa, essa parte do evento foi a mais concorrida, com cerca de 400 pessoas presentes para ouvir o conhecido professor. O encerramento final do evento foi um baile organizado pelos sapateiros⁵⁸. A noite proletária foi tranquila e correu como o planejado, juntando atividades esportivas, culturais e políticas.

A rota da atividade reúne alguns elementos simbólicos importantes que vale a pena destacar. As visitas ao cemitério obreiro, à penitenciária, às praças públicas e a uma escola são lugares onde o movimento operário e seus aliados estiveram ativos. Não havia nenhuma lista de exigências ao governo, nenhuma visita ao congresso. O discurso de encerramento de Joaquín García Monge resume bem o programa sindicalista e anarquista que o Centro Germinal queria desenvolver na confederação:

O progresso de toda espécie que ocorre em Vossa classe deve ser de iniciativa própria, sustentado e reforçado por seus esforços associados, por vocês, sem contar com intermediários externos. Descarte, portanto, essa perigosa ilusão parlamentar daqueles que lisonjeiam seus ouvidos, dizendo-lhe que com atos do Congresso vocês obterão bolsas de estudo para seus filhos no exterior, proteção contra acidentes laborais e até mesmo a casa do povo para discutir seus interesses, que geralmente são antagônicos com os da minoria, inclusive a Câmara dos deputados.

Juntem-se para tornar suas casas bonitas, higiênicas e confortáveis, pois nelas passarão todas as suas horas de estudo e de descanso. Juntem-se para discutir os assuntos que lhe interessam como cidadãos e trabalhadores, e façam o

⁵⁶ *La República*, San José, 3 de maio de 1913, p. 3.

⁵⁷ *La Prensa Libre*, San José, 2 de maio de 1913, p. 1.

⁵⁸ *Hoja Obrera*, San José, 6 de maio de 1913, p. 2.

melhor de si, segundo suas próprias forças, sem esperar pela ajuda de intervenções externas que lhe cobriam cem por cento por uma moradia confortável e abriam suas almas às emoções enobrecedoras da arte; ao velho Tolstói, que fez as desgraças dos camponeses sofredores que o rodeavam; ao Kropotkine, aquele velho poderoso, sombra protetora dos oprimidos da terra, e a tantos outros que, sem os altos dotes destes, possuíam até mesmo sacrifício, coragem e constância. Ao Eliseo Reclus, cuja vida exemplar esteve sempre a serviço da classe proletária e que, de sua sepultura, repete a você esta frase definitiva: “Os oprimidos não encontrarão libertadores fora de si”.⁵⁹

Autonomia de classe e independência como base para o desenvolvimento material e melhoria cultural. União do trabalho intelectual e manual. Desconfiança na liderança externa e na política parlamentar. Reconhecimento de Louise Michel, Tolstói, Kropotkin e Reclus como exemplos militantes e educadores populares. Esses foram alguns dos elementos elaborados pelo Centro Germinal que deram conteúdo às suas campanhas públicas. As mais importantes eram dar bases sindicais à Confederação dos Trabalhadores e promover a abstenção eleitoral como tática de luta dos trabalhadores.

O modelo sindical defendido se baseava nas sociedades de ofícios, que estavam bem adaptadas à realidade produtiva da Costa Rica da época. Como vimos, a maioria dos membros da confederação vieram do artesanato urbano. Em lugares onde não havia membros suficientes, foram organizadas sociedades locais de ofícios vários. O outro pilar da organização eram os centros recreativos e esportivos que funcionavam para atrair as famílias da classe trabalhadora. As mulheres foram bastante ativas nessas associações, instrumentais no financiamento e na organização de palestras, piqueniques, apresentações teatrais, jogos de futebol e bailes.

Em ofícios, os anarquistas estavam presentes entre padeiros, tipógrafos, trabalhadores da construção civil e costureiras⁶⁰. Dentro dessas organizações, alguns deixaram claro seu ideal sindicalista, como mostra a declaração de princípios do Centro de Obreros da cidade de Cartago:

Fizemos nosso caminho sob os princípios sindicalistas que George Yvetot propôs para nosso bem. Esses princípios baseiam-se na ação direta, preenchendo a lacuna que ansiávamos preencher. Essa ação consiste no fato

⁵⁹ OLIVA, MARIO, **1º de maio en Costa Rica. 1913-1986**, p. 19–24.

⁶⁰ O caso do padeiro Juan Rafael Pérez é característico dessa liderança. Trabalhador autodidata, participou como orador e conferencista através de “dissertações sociológicas”, onde discutiu ideias anarquistas. Ele foi orador no comício de 1º de maio de 1913 e defendeu um tipo de anarquismo comunitário como modelo adaptado às condições costarrriquenhas. Ele foi militante em vários partidos operários, como *La Unión Obrera* (1915), *Conquista y Derecho* (1920) e o *Partido Reformista* (1923). Nessas organizações partidárias, ele sempre defendeu seu credo anarquista e permaneceu um líder ativo nas organizações de padeiros.

de que, além de qualquer ajuda externa, sem qualquer influência dos poderes que lhe são conferidos, ela é exercida pelo próprio povo, a fim de obter o benefício mais efetivo para nossos ideais democráticos. É inútil recordar as decepções daqueles que contaram sinceramente com a ação parlamentar. Basta considerar a maneira como as leis foram aplicadas para que os trabalhadores formem seu próprio julgamento (...) Por isso achamos necessário convocar nossos camaradas a se unirem como uma só família para fazer causa comum. Nossos braços significam: PATRIA, PROGRESO Y FECUNDIDAD.⁶¹

Essa apropriação do sindicalismo revolucionário dá algumas pistas sobre como essa corrente estava sendo posta em prática dentro da CGT⁶². Curiosamente, o uso do conceito de pátria é mantido, embora em um sentido diferente do patriotismo. Segundo o primeiro sentido, “amar a pátria é propagar boas doutrinas e exemplos nobres”, que era o que faziam nas organizações de trabalhadores. O patriotismo foi entendido como uma doutrina defensiva e militar do Estado, que seguia uma série de rituais e códigos muito distantes do bem coletivo. O mesmo vale para a noção de progresso, que, segundo o jornal *La Aurora Social*, “era um conjunto de verdades conquistadas”. Nessa visão, o movimento operário era a base e suas ações coletivas, o motor para a conquista do bem-estar coletivo⁶³.

Outra questão fundamental na Confederação dos Trabalhadores foi a composição de seus membros. Como já mencionamos, em seus primeiros anos, ela não tinha presença nas cidades costeiras e nos portos. Esses lugares eram estratégicos, pois concentravam a maioria do proletariado agrícola e do circuito de agroexportação. Numa tentativa de atrair trabalhadores caribenhos para a organização sindical, Omar Dengo escreveu um manifesto público. Nesse texto, ele defendeu o internacionalismo proletário e a abstenção eleitoral como táticas de luta no movimento operário.

O primeiro se baseou numa noção inclusiva do proletariado “sem distinção de raça, credo e nacionalidade”, que deveria se refletir na composição das organizações. Para Dengo, as campanhas contra os “trabalhadores estrangeiros” eram falsas e prejudiciais, pois encorajavam sentimentos de patriotismo de Estado. Essa campanha se referia a um projeto apoiado por

⁶¹ *La Aurora Social*, San José, 2 de março de 1914, p. 4.

⁶² George Ivetot (1868–1942) foi um tipógrafo anarquista francês e militante sindical. Ele exerceu vários cargos de responsabilidade na Confederação Geral dos Trabalhadores da França. Seu panfleto, o “abc do sindicalismo”, foi originalmente publicado em francês em 1908 e posteriormente traduzido para o espanhol em Barcelona, como um guia do sindicalismo revolucionário. Na Costa Rica, o texto foi vendido pelos tipógrafos catalães Ricardo Falcó e Andrés Borrásé em sua livraria, entre 1911 e 1919. Também aparece como parte da Biblioteca Sociológica Internacional. Esta pode ter sido a maneira pela qual os trabalhadores de Cartago obtiveram acesso ao texto. *Renovación*, San José, 10 de março de 1913, p. 35.

⁶³ *La Aurora Social*, San José, 2 de março de 1914, p. 4.

alguns setores operários para restringir o emprego de trabalhadores negros e estrangeiros. Isso afetaria os trabalhadores das plantações de banana no Caribe, principalmente da Jamaica⁶⁴. Embora a confederação tenha mantido relações com os trabalhadores caribenhos, só em 1920 é que a *Fraternidad de Trabajadores de Limón* aderiu à organização sindical. Um dos canais que favoreceu essa relação foi o jornal *Vía Libre*, publicado pelo *Ateneo Sindicalista*, que publicou uma seção em inglês projetada para ser lida por trabalhadores jamaicanos.

À participação das mulheres, prevaleceu um discurso masculino sobre as condições em que elas deveriam aderir ao movimento. Nesse sentido, a maioria das resoluções dos congressos dos trabalhadores referem-se à proteção das mulheres e das crianças contra as condições de exploração do mundo do trabalho. Assim, na imprensa operária, foi enfatizado o papel educador e moralizador das mulheres nas famílias e nas organizações de trabalhadores. A participação delas foi muito evidente nas atividades culturais, nas campanhas antiálcool e nas escolas noturnas⁶⁵. Nessa esfera, as professoras, que geralmente eram assinantes da imprensa operária e anarquista, eram proeminentes⁶⁶. No Centro Germinal, a professora María Isabel Carvajal (Carmen Lira) atuou como oradora, escritora e organizadora que manteve essas relações entre a profissão docente e o movimento operário. Seu discurso na comemoração do 1º de maio de 1913 foi dedicado aos filhos das famílias da classe trabalhadora⁶⁷.

Como propagandistas, destacava-se a livre-pensadora Belén de Sárraga, que visitou os países da América Central em 1912 e 1929. Em sua primeira visita, ela percorreu todos os países da região, dando palestras e compilando dados para seu livro “Clericalismo na América”, em que ela analisa o papel da Igreja Católica no continente⁶⁸. Durante sua estadia na Costa Rica,

⁶⁴ BNCR. Colección de Hojas Sueltas. DENGO, Omar. **Palabras de admiración y concordia. A los trabajadores**. Imprenta Nueva. Agosto de 1913. Como exemplo prático de solidariedade, Omar Dengo referiu-se a uma greve dos trabalhadores jamaicanos em 1910 contra a United Fruit Company. Durante o conflito, foi criada a primeira organização de trabalhadores da região chamada “Union of Artisan and Labourers of Limón”. Para quebrar a greve, a empresa contratou trabalhadores das ilhas de Saint Kitt e Nevs para substituir os jamaicanos. Isso levou a alguns confrontos iniciais entre os dois grupos; no entanto, no final, eles se uniram para reclamar seus direitos contra a companhia. ABARCA HERNÁNDEZ, Carlos, Los inmigrantes de Saint Kitts: 1910, un capítulo en la historia de los conflictos bananeros costarricenses, **Revista de historia**, n. 21–22, p. 191–240, 1990; CHOMSKY, A., Afro-Jamaican Traditions and Labor Organizing on United Fruit Company Plantations in Costa Rica, 1910, **Journal of Social History**, v. 28, n. 4, p. 837–855, 1995.

⁶⁵ ALVARENGA, **Identities in dispute: las reinventiones del género y de la sexualidad en la Costa Rica de la primera mitad del siglo XX.**, p. 5–16; FLÓREZ-ESTRADA PIMENTEL, Las mujeres también quieren libertad.

⁶⁶ O jornal *La Aurora Social* tinha uma seção permanente chamada “femeninas”, dirigida por Emilia Castro Salas. Essa autora se pronunciou contra os ideais da “emancipação da mulher”. O jornal também publicou artigos de outras mulheres anarquistas e socialistas, como Blanca Moncaleano (colombiana), Ada Negri (italiana) e Luisa Michel (francesa).

⁶⁷ OLIVA, MARIO, **1º de maio en Costa Rica. 1913-1986**.

⁶⁸ SÁRRAGA, **El clericalismo en América**, p. 278–282. Seu estudo sobre a Costa Rica é dedicado ao Presidente Ricardo Jiménez Oreamuno e ao professor Roberto Brenes Mesén.

ela deu várias palestras onde falou sobre “as mulheres como entidade social” e “os problemas do clericalismo”. Nessas conversações, defendeu uma crítica devastadora à Igreja como instituição opressiva e à religião católica como reprodutora de ignorância e desigualdade. No que diz respeito às mulheres, Sárraga as exortava a se organizarem e a participarem do movimento operário e anticlerical. Segundo sua perspectiva, as mulheres como educadoras tinham um papel fundamental a desempenhar no combate à religião e na difusão do racionalismo⁶⁹.

Em resposta às ideias de Belén, um grupo de mulheres católicas tentou impedir suas palestras. Como o governo não apoiou a censura, o grupo imprimiu um texto denunciando as ideias que Sárraga promovia, tais como o socialismo, o amor livre e o ferrerismo⁷⁰. De acordo com esse grupo, as mulheres costarriquenhas eram contra o divórcio, o sufrágio, o amor livre e as greves⁷¹. Embora essa posição não pudesse ser generalizada às mulheres, as questões que elas criticaram faziam parte dos grandes debates no movimento operário. Apesar de ter estado apenas alguns dias na Costa Rica, a visita de Belén foi um bom momento para trazer os debates sobre a estrutura da sociedade e a divisão sexual do trabalho para um contexto mais amplo.

No mercado de trabalho, as mulheres experimentaram muitas desigualdades em comparação com seus companheiros nas mesmas ocupações. Além de receberem uma remuneração menor, elas continuam a trabalhar dentro de suas famílias como cuidadoras. Em setores da produção, elas foram proeminentes nas indústrias alimentícia, têxtil e agrícola. Dentro da CGT, elas atuavam nas associações de tabaqueiras e costureiras bem como nas de vendedoras de mercado e de trabalhadoras em fábricas ligadas à indústria alimentícia⁷². Embora essa participação fosse reconhecida, a maioria dos dirigentes da confederação era contra a fundação de sociedades de mulheres, argumentando que isso supostamente dividiria o movimento. Apesar dessas contradições, em 1912 as costureiras fundaram a sociedade *Libertad Obrera Femenina*, na cidade de Alajuela⁷³.

⁶⁹ *La Aurora Social*, San José, 23 de julho de 1912, p. 2; *Hoja Obrera*, San José, 6 de agosto de 1912, p. 1.

⁷⁰ Este conceito se refere à proposta de educação racionalista de Francisco Ferrer Guardia. Suas ideias foram ferozmente combatidas pela Igreja católica na Costa Rica e seus órgãos de imprensa. Essa crítica teve suas raízes na reforma educacional promovida no início do século, liderada por professores que foram efetivamente influenciados pelas propostas da Escola Moderna de Barcelona. Essa posição pode ser lida nos jornais *La Unión Católica*, *El Orden Social* e *El Correo de España*.

⁷¹ BNCR. Colección de hojas sueltas. Unas damas católicas josefinas. **Adiós a Belén de Sarraga!** Tipografía Lehmann. Sin fecha.

⁷² DOBLES TREJOS, Cecilia, Hilvanando historias una aproximación al conocimiento del oficio de la costura 1900-1960, **Anuario de estudios centroamericanos**, v. 1, n. 25, p. 61–81, 1999; MORA-CARVAJAL, Virginia, Las luchas de las obreras urbanas en Costa Rica (1900-1930), **Nueva sociedad**, v. 135, p. 138–149, 1995.

⁷³ Algumas de suas afiliadas foram Ester Chinchilla, Esperanza Borón, Lidia Castaing, Diva Núñez, María G. de Álvarez, Amparo Ocampo, Mercedes de Soto, Clotilde de Chinchilla, Olivia Picado, Trinidad Álvarez e Carolina Cruz. *Hoja Obrera*, San José, 5 de novembro de 1912, p. 4.

A outra área de influência do Centro Germinal foi a promoção da abstenção eleitoral. Em 1913, foi combinado em sua assembleia criar um “comitê de propaganda revolucionária contra a política”, liderado por Luis Valle y Suárez. Essa era uma questão estratégica, já que na confederação estavam sendo discutidas a apresentação de candidaturas de trabalhadores nos partidos burgueses e a formação de um partido de operários independentes. Essa estratégia ia no sentido oposto ao sindicalismo revolucionário, de modo que essa polêmica mostra as diferentes tendências que coexistiram na organização dos trabalhadores⁷⁴.

Essa campanha era dirigida aos homens, pois as mulheres estavam excluídas por lei do direito de voto até 1949. Apesar dessa exclusão institucional, as mulheres participaram do debate de várias maneiras. Emília Castro, editora da seção feminina do jornal *La Aurora Social*, acreditava ser prejudicial para as mulheres entrar na política eleitoral, pois esse era um domínio de corrupção e violência masculina. Nesses termos, ela apoiou a campanha do Centro Germinal. No entanto, houve outra visão, apresentada por Carmen Lira que, embora coincidissem com as críticas à participação eleitoral, não a atribuía a razões biológicas e emocionais. A decisão tinha fundamentos políticos e éticos, relacionados com a educação em um sentido integral e emancipatório⁷⁵.

Por outro lado, a Sociedade Federal dos Trabalhadores de São José apoiou as candidaturas dos trabalhadores no Partido Republicano, através de seu jornal *Hoja Obrera*. A posição do Centro Germinal foi defendida por José María Zeledón. Segundo ele, a política era formada por um círculo fechado de personalidades ligadas a partidos políticos que eram a expressão de empresários ligados ao capital externo. Nesse sentido, a classe trabalhadora era materialmente excluída dessa representação, de modo que sua incorporação institucional nas condições atuais nada mais era do que “uma simulação de direitos e divisão” que dividia e deixava os povos cheios de “escaramuças e famílias divididas”. Embora o autor reconheça que no então momento atual a classe trabalhadora ainda precisasse da “superstição política do voto” para se sentir integrada à nação, ele pedia solidariedade e raciocínio para criar gradualmente outro caminho⁷⁶.

A redação de *Hoja Obrera* respondeu ao texto de Zeledón dizendo que, de fato, sua organização partilhava os objetivos do Centro Germinal que estavam centrados na “regeneração social, na educação da classe trabalhadora e em sua melhoria material e cultural”. No entanto,

⁷⁴ *La Prensa Libre*, San José, 13 de junho de 1913, p. 1.

⁷⁵ *Hoja Obrera*, San José, 27 de junho de 1913, p. 3; *La Aurora Social*, San José; 9 de junho de 1913, p. 3; 17 de setembro de 1912, p. 3; 30 de setembro de 1912, p. 2.

⁷⁶ BNCR. Colección de hojas sueltas. ZELEDÓN, José María, Al margen de la lucha. Maio de 1913.

não compartilhou de seu credo abstencionista. Para defender essa posição, um trabalhador usou o texto de Eliseo Reclus “evolução e revolução”, para apoiar seu argumento de participação na política eleitoral, por melhorias graduais⁷⁷. Os argumentos do Centro Germinal foram tratados como representando uma escola pessimista baseada em “ideias de alta cor exótica e anárquica”⁷⁸.

A outra crítica que os membros do Centro Germinal enfrentaram foi a suposta “bondade democrática” da Costa Rica, onde o regime republicano estava suficientemente entrincheirado para evitar extremos políticos. Esse argumento foi baseado no fato de que a desigualdade social era menor que em outros contextos, como a Rússia, onde ideias socialistas e abstenção política eram uma expressão direta das condições materiais. O autor dessas críticas intitulou sua resposta ao Centro Germinal como “judaicos”, empregando o termo no sentido de excomungar o anarquismo do verdadeiro “ser nacional”, comparando-o a um judeu errante, sem pátria e sem raízes⁷⁹.

Em resposta a essas críticas, o Centro Germinal publicou um panfleto com a base de suas críticas ao sistema eleitoral, distribuído nas ruas da cidade de São José. O texto continha frases de escritores com diferentes perspectivas ideológicas, como Leopoldo Lugones, Francisco Pi y Maragall e Carlos Marx⁸⁰. O texto se concentrava em discutir a noção de anarquismo como uma suposta “planta exótica”, que basicamente poderia ser atribuída a qualquer doutrina política moderna. A diferença estaria no significado dado à doutrina por um movimento social coletivo. Nesse sentido, o anarquismo seria o resultado de uma “apropriação de povos ligados por um mesmo objetivo, de modo que nenhuma ideia é mera repetição”⁸¹.

Para o centro, embora o anarquismo tenha nomes de propagandistas e teóricos proeminentes, “o pensamento humano deve ser repetido, não tem pátria: é a herança comum dos homens”. Sobre a política eleitoral, insiste-se que é o sistema institucional que sustenta os

⁷⁷ *Hoja Obrera*, San José, 13 de maio de 1913, p. 2; 3 de junho de 1913, p. 2.

⁷⁸ *Hoja Obrera*, San José, 15 de junho de 1913, p. 2.

⁷⁹ BNCR. Colección de Hojas Sueltas. UN OBRERO. **Judaizantes**. 24 de dezembro de 1913. Essa mesma linha de argumentação foi usada em várias palestras proferidas pelo advogado Luis Cruz Meza nas instalações da Sociedade Federal dos Trabalhadores. Segundo ele, o sistema de distribuição de propriedade, a abundância de terras e a menor diferenciação social criaram as condições para que a Costa Rica evitasse os problemas da “questão social”. O objetivo dos trabalhadores era, portanto, o socorro mútuo. Os membros do Centro Germinal Julio Monge, Luis Valle y Suarez, Julio Romero e Antonio Maitucci, que estavam na audiência, desafiaram o advogado na imprensa para um debate doutrinário público, para contrariar essa visão de uma sociedade harmoniosa, sem classes. *La República*, San José, 1 de abril de 1913, p. 2; 3 de abril de 1913, p. 3.

⁸⁰ O título do texto usava as frases de Francisco Pi y Maragall “a política é a arte de enganar o povo” e o de Karl Marx “a emancipação dos trabalhadores será seu próprio trabalho”. BNCR. Colección de Hojas Sueltas. CENTRO DE ESTUDIOS SOCIALES GERMINAL. **A los trabajadores**. Imprenta y litografía del comercio. 1913.

⁸¹ *Hoja Obrera*, San José, 29 de junho de 1913, p. 2; 2 de julho de 1913, p. 2.

privilégios das classes proprietárias, que transmitem o poder entre si. Portanto, a proposta prática do centro é a união de operários e camponeses contra a política personalista sem ideias⁸².

Dada a extensão dessa polêmica, ela foi intitulada pela imprensa como “controvérsia doutrinária”, e mostrou várias dimensões de como o anarquismo era entendido no movimento operário. Por um lado, havia tensão com aqueles que vinham dos setores médios, acusados de serem “pessimistas” e “paternalistas”. Essa crítica era dirigida a alguns membros do Centro Germinal, como José María Zeledón. Isso estava relacionado com o argumento da planta exótica, identificada com o anarquismo como uma ideologia descontextualizada. Isso fazia sentido na arena eleitoral, aonde parte da classe trabalhadora queria ser incluída na nação através da representação política. Propor que essa esfera fosse contra os interesses da classe trabalhadora foi uma crítica direta a esse desejo de inclusão⁸³.

Essa campanha pode, portanto, ser um bom exemplo para desenvolver uma reflexão mais ampla sobre a relação entre classe social, nacionalidade e cidadania. No caso da CGT que estamos estudando, essa sempre foi uma questão aberta e plural, com a participação de anarquistas de uma posição que questionava a base da suposta bondade democrática do regime republicano. Esse era um ponto central, caso se quisesse convencer o resto dos trabalhadores de que seu horizonte emancipatório não estava na inclusão no sistema, mas em sua transformação. Nessa área, acreditava-se que o movimento operário organizado poderia ser a base para o início dessa luta.

Entre 1914 e 1920, a CGT não publicou sua própria imprensa, pelo que suas atividades devem ser estudadas com base nos comunicados que enviou à imprensa comercial. Os membros da central germinal continuaram ativos na organização sindical, embora o grupo tenha formalmente deixado de existir. Alguns deles formaram o Ateneo Sindicalista em 1919, que se tornou um espaço formativo para a CGT. Em âmbito centro-americano, foi novamente levantada a necessidade de um novo congresso de trabalhadores e de unificar as organizações regionais em uma nova confederação sindical. Este foi o nascimento da *Confederación Obrera Centroamericana* (COCA), outro espaço organizacional em que participaram os militantes anarquistas.

⁸² *Hoja Obrera*, San José, 18 de junho de 1913, p. 3.

⁸³ O jornal *Hoja Obrera* considerava José María Zeledón um “amigo dos trabalhadores”, enquanto seu anarquismo estivesse no reino das ideias mais gerais. No entanto, criticaram suas posições em relação à esfera da organização dos trabalhadores. Por essa razão, é importante notar que a campanha pública do Centro Germinal foi organizada por todos os membros do grupo de trabalhadores, mesmo que Zeledón tenha sido uma de suas canetas mais visíveis na imprensa. *Hoja Obrera*, San José, 20 de junho de 1913, p. 3; 2 de julho de 1913, p. 2.

4.3 A Luta pelo Pan-Americanismo operário radical na década de 1920

Na década de 1920, vários elementos se reuniram novamente, permitindo a organização do segundo congresso de operários da América Central, realizado na Cidade da Guatemala em 1921. Com um atraso de dez anos, vários acontecimentos haviam dificultado a continuidade desse espaço de debate ideológico e de articulação organizacional. Durante esse período, ocorreram importantes mudanças que afetaram o curso do movimento operário centro-americano. No plano internacional, a região passou por uma crise socioeconômica como resultado do colapso de seu comércio exterior durante a Primeira Guerra Mundial. Ao mesmo tempo, a guerra constatou a mudança definitiva da Europa como seu principal parceiro comercial para os Estados Unidos, que também usaram o Canal do Panamá como centro estratégico para suas operações militares durante a guerra.

Durante esse período, os organismos de articulação usados para difundir o anarquismo e o sindicalismo revolucionário sofreram mudanças. Os jornais e os centros de estudos discutidos acima deixaram de existir. Dada a grande crise socioeconômica, o período entre 1914 e 1920 viu um recrudescimento dos movimentos de greve na maioria dos países e a criação de sindicatos de resistência. Os problemas de inquilinato, desemprego, salários e alimentação estavam entre as principais demandas⁸⁴.

No nível do movimento operário internacional, as mudanças ocorreram com o desenvolvimento das revoluções no México e na Rússia. No primeiro caso, a América Central foi um cenário estratégico para a disputa geopolítica, mas também para a solidariedade proletária que procurava fortalecer os laços com as diferentes correntes ideológicas. O anarquismo mexicano conseguiu construir uma rede de apoio em El Salvador, na Guatemala, na Costa Rica e no Panamá durante a década de 1910. Embora instáveis, esses contatos foram fundamentais para a propaganda sindicalista na década de 1920, com militantes indo e vindo entre o México e o istmo centro-americano.

No caso da Rússia, o processo revolucionário suscitou expectativas de mudanças no mundo inteiro. Embora geográfica e culturalmente mais distantes da América Central, as notícias da Revolução Soviética começaram a mobilizar o entusiasmo no movimento operário. No caso da militância anarquista, sua recepção foi variada e mutável. Um setor importante apoiou a revolução durante os primeiros anos e tomou elementos de sua luta para interpretar sua própria realidade e pressionar para as mudanças desejadas. Outros se converteram ao

⁸⁴ ABARCA, Configuración del movimiento obrero en Centroamérica, 1914-1929.

comunismo como foi elaborado a partir da leitura que fizeram dos bolcheviques e se comprometeram a construir partidos comunistas. Finalmente, havia um setor que faria uma forte diferenciação ideológica do bolchevismo e que se voltaria para a construção do anarcossindicalismo⁸⁵.

Essas disputas ideológicas iriam se institucionalizar com relação às organizações sindicais internacionais. Por um lado, houve o reformismo articulado na *Confederación Obrera Panamericana* (COPA), entre 1918 e 1930, liderado pela AFL nos Estados Unidos e pela CROM no México. Oficialmente, a COCA era filiada a esse órgão, embora dentro de cada federação de trabalhadores houvesse críticas de que se tratava de um projeto de legitimação do imperialismo estadunidense. Um segundo órgão foi a Internacional Sindical Roja (ISR), entre 1921 e 1937, com sede em Moscou, com pouca presença na América Central no início, mas que ganhou força nos anos 30. Finalmente, a terceira instância estava ligada à Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), com sede em Berlim, que articulava o sindicalismo revolucionário e o anarcossindicalismo.

Mostraremos agora os mecanismos de inserção anarquista no movimento operário tomando como referência a trajetória da Confederação Obrera Centroamérica, entre 1921 e 1928. Durante esse período não encontramos nenhum caso de coordenação explícita do anarquismo centro-americano, por isso trabalharemos com informações dispersas em cada um dos países. Usaremos agentes externos para reconstruir essa inserção, usando como canais principais a propaganda do secretariado da AIT em Berlim, os propagandistas da CGT no México, e os da FORA na Argentina. O objetivo dessa coordenação era atrair o sindicalismo centro-americano para a AIT, usando a plataforma COCA como articulador de contatos. O objetivo não era criar uma corrente anarquista no órgão regional, mas sim romper com ela e criar seus próprios corpos, como finalmente aconteceu em 1928.

⁸⁵ Entendo a Revolução Russa como um processo histórico em que participaram muitas forças políticas e sociais diferentes. Portanto, o anarquismo fez parte desse processo através de seus próprios grupos e alianças com as outras forças revolucionárias. As diferenças com os bolcheviques se tornaram cada vez mais profundas à medida que o partido centralizou o poder e suprimiu os órgãos de expressão dos outros grupos de esquerda. Para uma análise detalhada deste processo, ver AVRICH, Paul, **Los anarquistas rusos**, Barcelona: Alianza Editorial, 1974; LEHNING, Arthur, **Marxismo y anarquismo en la Revolución Rusa.**, Argentina: Utopia Libertaria Anarres., 2004; VADILLO, Julián, **Por el pan, la tierra y la libertad. El anarquismo en la Revolución rusa**, Guadalajara: Volapük, 2017; TAIBO, Carlos, **Anarquismo y revolución en Rusia (1917-1921)**, Madrid: Los Libros de la Catarata, 2019.

4.2.1 A Confederación Operaria Centro-americana

Segundo o historiador Arturo Taracena, a criação da COCA teve duas origens convergentes, uma exógena, promovida pelas organizações dos Estados Unidos e do México, e outra interna, promovida pela ascensão do movimento unionista centro-americano⁸⁶. No Pan-americanismo, havia duas correntes diferentes. A primeira veio do México e teve em vista posicionar os avanços do processo revolucionário no resto do continente, através da aliança entre o novo governo e as organizações sindicais. Esse processo foi expresso de duas maneiras, a primeira através da Confederación Obrera Regional Mexicana (CROM), liderada por Luis Morones e sua aliança com o executivo federal. Essa organização promoveu uma estratégia de ação múltipla que combinava luta política eleitoral e sindicalismo, neutralizando suas origens anarquistas e revolucionárias⁸⁷.

Por outro lado, ela foi conduzida através da *Casa del Obrero Mundial* (COM), de orientação anarquista. Entre 1915 e 1917, essa organização se aliou a uma das tendências internas dos movimentos armados do país, chamada constitucionalismo. Nesse momento, a COM formou suas próprias unidades militares chamadas Batalhões Vermelhos. No Estado de Yucatán, esse processo foi conduzido pelo general socialista Salvador Alvarado, que era governador do Estado. Dadas as tensões diplomáticas entre os Estados Unidos e o México, um dos objetivos do general Alvarado era divulgar as conquistas da Revolução Mexicana no continente americano para servir como uma espécie de muro de contenção contra o imperialismo e a guerra⁸⁸.

A segunda corrente foi liderada pela AFL, que teve em vista neutralizar a influência das correntes socialistas e radicais no movimento operário latino-americano. Com diferentes origens ideológicas e táticas, essas duas correntes convergiram para promover o Pan-americanismo operário no continente. Para esse fim, foram organizadas várias viagens de propaganda e as organizações de trabalhadores da Guatemala, da Nicarágua e da Costa Rica colaboraram. Entretanto, a entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial e o apoio da AFL na guerra desencadearam as reticências da maioria das organizações de trabalhadores do continente. Finalmente, a conferência foi realizada no Texas, em 1918, com delegados

⁸⁶ TARACENA, La Confederación Obrera de Centro América (COCA): 1921-1928, p. 81.

⁸⁷ RODRÍGUEZ TREJO, Eduardo, **La otra izquierda: testimonios de una ideología olvidada, el anarquismo en México (1931-1971)**, Maestría en Historia Moderna y Contemporánea, Instituto de Investigaciones Dr. José María Luis Mora, Ciudad de México, 2016, p. 66–67.

⁸⁸ CARBÓ, Anna Ribera, **La Casa del Obrero Mundial: anarcosindicalismo y revolución en México**, Ciudad de México: Instituto Nacional de Antropología e Historia, 2010.

operários da Guatemala, de El Salvador e da Costa Rica representados. Como resultado dessa conferência, foi fundada a *Confederación Obrera Panamericana* (COPA), onde foi decidido promover uma organização semelhante para o conjunto dos países da América Central⁸⁹.

Embora o pan-americanismo fosse liderado pela estratégia da AFL, militantes e grupos anarquistas tentaram internamente posicionar seu programa revolucionário. Na conferência de Nova Iorque de 1919, essa visão foi proposta pelo galego Jorge de Borrán, delegado da COM em Tampico. Em seus estatutos, ele sugeria manter a autonomia das federações nacionais, a solidariedade com a Revolução Russa, romper as relações com a burguesia, promover a educação racionalista e a orientação comunista anarquista da federação. Nenhuma dessas propostas foi incluída nas resoluções do novo corpo de trabalhadores, e os grupos anarquistas se retiraram de sua estrutura⁹⁰.

Quanto às organizações de trabalhadores da América Central, elas aderiram individualmente aos estatutos da COPA. Para melhorar sua coordenação, concordaram em formar um órgão regional. Conforme os relatórios, o número de associados dos cinco países era de 20.000 membros ativos em 115 associações, das quais 20 eram sindicatos e 3 eram federações nacionais⁹¹. Seguindo o tom sindicalista, a comemoração do centenário da independência da Espanha em 1921 foi escolhida para o segundo congresso de trabalhadores da América Central. Isso foi financiado pelos governos da Guatemala, de El Salvador e de Honduras, que estavam promovendo o pacto sindical federal do istmo⁹².

A estrutura organizacional da confederação utilizava a linguagem republicano-federal, chamando a organização de República do Trabalho ou de Federação Centro-Americana do Trabalho. Em sua base estavam as diversas associações formadas por sociedades mutualistas, associações de classe, cooperativas e sindicatos. Esses foram agrupados em uma

⁸⁹ LOVEIRAS Y CHIRICO, Carlos, **Las conferencias panamericanas de trabajadores**, Washington, D. C.: The Law Reporter Printing Company, 1917. No âmbito dessas organizações, Carlos Loveira (cubano) e Baltasar Pagés (catalão) foram eleitos como delegados para fazerem uma viagem continental, a fim de “promover as conquistas da divulgação dos procedimentos da Revolução Mexicana e da unificação dos trabalhadores continentais”. Em suas viagens, de 1915 e 1916, eles visitaram organizações de trabalhadores na Costa Rica, no Panamá, no Peru, no Chile, na Argentina, no Uruguai e no Brasil. Seus detalhes e análises foram coletados em uma conta que compila documentos em primeira mão para compreender esse movimento.

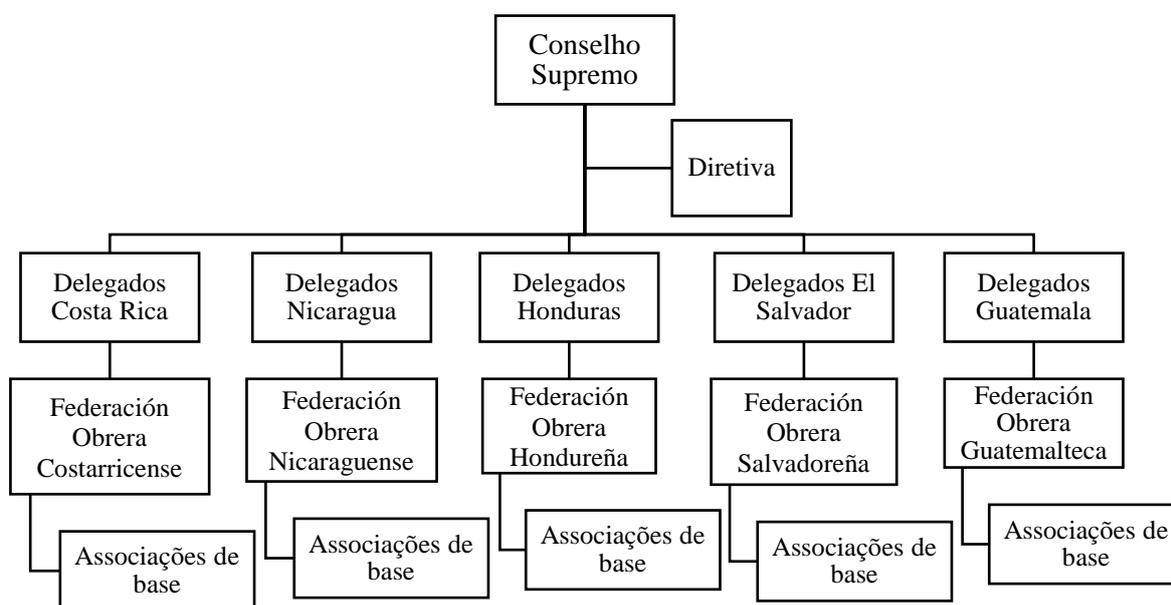
⁹⁰ *El Pequeño Grande*, Tamaulipas, 9 de agosto de 1919, p. 1.

⁹¹ **The American Labor Year book 1919-1920**, New York: The Rand School of Social Science, 1920, p. 321–323.

⁹² Nas discussões e resoluções do congresso, o discurso foi muito mais marcado por ideias socialistas e internacionalistas do que na reunião de 1911. A influência da Revolução Mexicana e de sua Constituição Política de 1917 também é explícita, onde o capítulo sobre “trabalho e assistência social” é incorporado. O Conselho da COCA procurou que suas resoluções e decretos fossem incorporados às constituições das repúblicas do istmo, como havia sido o caso no México. University of Texas. Latin American Collection. Biblioteca Arturo Taracena Flores. **Congreso del Trabajo Centroamericano**, Ciudad de Guatemala: Tipografía Nacional, 1921, p. 86–87.

Federação Regional por país que elegeu os delegados que comporiam o Conselho Superior, como mostra a Figura 5. Esse órgão era composto por uma diretoria de 6 membros: Presidência, Vice-Presidência, Secretário Geral, Secretário de Relações Externas, Secretário Adjunto e Tesouraria⁹³.

Figura 5. Estrutura organizacional da Confederación Obrera Centroamericana



Fonte: Elaboração própria.

A sede do Conselho Supremo girou em cada uma das capitais do istmo. Sobre sua ideologia, a COCA defendeu um estilo evolutivo de socialismo que buscava a cooperação das classes sociais dentro de cada país. Entre suas principais exigências estava a regulamentação das relações laborais através da criação de um Departamento de Trabalho e de Conselhos de Arbitragem e Conciliação. Entre suas principais exigências estavam a igualdade de direitos para as mulheres, a regulamentação das relações de trabalho no campo e a proteção dos povos indígenas. A organização proibiu a participação direta de seus membros na política eleitoral e nos conflitos armados entre nações da região centro-americana⁹⁴.

⁹³ CIRMA. Colección Familia Taracena Arriola. **Constitución de la Confederación Obrera Centroamericana**, Tegucigalpa: Tipografía Nacional, 1922, p. 11–12.

⁹⁴ *Ibid.*, p. 4–10.

Imagem 6. Logotipo oficial da COCA



Fonte: Estatutos de la Sociedad de Obreros “Unión Obrera”.
Tipografía Nacional: Tegucigalpa, 1926, p. 1.

Embora a COCA não tenha assumido um propósito doutrinário específico, anarquistas ativos nas federações de trabalhadores de El Salvador, da Guatemala e da Costa Rica estavam presentes dentro da organização. Na Nicarágua e em Honduras essa presença era mais dispersa e menos perceptível. A participação em congressos, viagens de propaganda e contatos internacionais ajudou a articular essas experiências militantes. A seguir, apresentaremos as características dessa inserção militante dentro das federações de trabalhadores de cada país.

Durante sua existência, a sede da COCA situava-se na Cidade da Guatemala, em San Salvador, Tegucigalpa e San José. Na Guatemala, o movimento operário havia sido ativo na luta contra a ditadura de Manuel Estrada Cabrera, em 1920. Parte dessa liderança foi incorporada à *Liga Obrera Unionista*, que era uma das organizações aliadas do Partido Unionista da América Central que assumiu o governo. Inicialmente, essas alianças permitiram uma abertura política e uma maior liberdade de associação. Entretanto, essas relações logo se deterioraram, o que também teve um impacto dentro da Federação Guatemalteca para a Proteção do Trabalho, tradicional aliada do governo anterior. O setor insatisfeito liderado pelos carpinteiros decidiu formar a *Unificación Obrera Socialista* (UOS).

Essa associação procurou promover o sindicalismo e a educação dos trabalhadores, e organizou conferências e debates públicos em suas instalações⁹⁵. Foi dentro dessa organização que se formou o núcleo inicial que mais tarde articularia o anarcossindicalismo no país. Alguns desses militantes foram Manuel Bautista Grajeda e Antonio Méndez Paz⁹⁶. Segundo Bautista,

⁹⁵ Em seu relatório sobre o movimento operário guatemalteco, Manuel Bautista recorda sua participação nas conferências da Unificación Socialista, quando tinha 23 anos. *Cultura Proletaria*, New York, 12 de novembro de 1927, p. 3.

⁹⁶ Manuel Bautista Grajeda (1899-1983). Ele era um trabalhador e seleiro guatemalteco. Ingressou pela primeira vez na *Liga Obrera Unionista*, ligada ao Partido Unionista, onde participou das lutas de rua contra o ditador

foi em uma dessas conferências que ele entrou em contato com a literatura anarquista. Esta foi fornecida por Sebastián San Vicente, um anarquista espanhol que atuou como secretário de organização da CGT mexicana. Ele havia sido expulso para a Guatemala com outro camarada comunista, que aproveitou sua estada no país centro-americano para difundir o sindicalismo. San Vicente deu palestras e comícios nos teatros da Guatemala e de La Libertad⁹⁷. No seu retorno ao México, Sebastian continuou a enviar literatura anarquista e a imprensa da CGT, que se tornou o principal contato dos camaradas guatemaltecos⁹⁸.

Este primeiro momento de contatos internacionais é vital para compreender a trajetória do sindicalismo na Guatemala. Isso porque o material de formação e as relações estabelecidas com sindicatos revolucionários de outros países reforçaram os debates ideológicos e a busca de alternativas organizacionais. Na COCA, foi fundamental o deslocamento da federação de trabalhadores mutualistas por uma opção sindical mais crítica. Os setores que promoveram esse processo foram os anarquistas e os comunistas. Durante esse período, algo semelhante aconteceu no México dentro da CGT, criada para contrapor-se à CROM, que havia abandonado suas ideias anarquistas a fim de trabalhar com o governo mexicano. Assim, não é surpreendente que os contatos dos comunistas e dos anarquistas guatemaltecos se tenham cruzado com os mesmos grupos internacionalmente. Finalmente, essa tarefa deu frutos em 1925, quando a *Federación Regional Obrera de Guatemala* (FROG) foi formada e assumiu a representação no Conselho Supremo da COCA⁹⁹.

Dentro do FROG, as diferentes tendências ideológicas começaram a construir suas próprias associações fora da federação sindical. Os comunistas uniram forças para fundar o

Manuel Estrada Cabrera, em 1920. Ele logo se desiluiu com a direção do partido no poder e se juntou à Unificación Obrera Socialista (UOS). Quando essa organização decidiu adotar uma postura comunista, ele se separou dela e fundou o grupo Nueva Senda, com outros trabalhadores da cidade, em 1926. Desse primeiro grupo, surgiu o núcleo organizador do Comitê Pro Acción Sindical, em 1928. Participou como delegado dessa organização no congresso fundador da Associação Continental Americana de Trabalhadores (ACAT), em Buenos Aires, em 1929. Foi o principal correspondente guatemalteco do período do *Cultura Obrera*, em Nova Iorque. TARACENA ARRIOLA, Arturo y LUCAS MONTEFLORES, Omar. *Bautista Grajeda, Manuel*. Diccionario biográfico de las izquierdas latinoamericanas. 2022 <https://diccionario.cedinci.org/bautista-grajeda-manuel/>

⁹⁷ O camarada expulso do México era Sebastián San Vicente, um anarquista espanhol (possivelmente basco ou asturiano), marinheiro e mecânico de profissão. Ele havia atuado como sindicalista na IWW nos Estados Unidos e em Cuba. Em 1921, ele viajou para o México e ingressou na CGT como propagandista, onde anarquistas e comunistas coexistiram nos primeiros anos. Ele foi expulso para a Guatemala em 1921, onde realizou trabalho de organização na capital. Conseguiu entrar clandestinamente no México, onde continuou sua militância na CGT. Foi definitivamente expulso do país para a Espanha em 1923. ÍÑIGUEZ, MIGUEL, *Esbozo de una enciclopedia histórica del anarquismo español*, Madrid: Fundación de Estudios Libertarios Anselmo Lorenzo, 2001, p. 549; TAIBO II, Paco Ignacio, *Arcángeles: doce historias de revolucionarios herejes del siglo XX*, Madrid: Traficantes de Sueños, 2011, p. 123–136.

⁹⁸ SHAFFER, *Anarchists of the Caribbean*, p. 242. *El Trabajador*, Ciudad de México, 4 de setembro de 1921, p. 4.

⁹⁹ TARACENA, Presencia anarquista en Guatemala entre 1920–1932.

Partido Comunista Centro-Americano, com a ajuda de militantes do México, de El Salvador e de Honduras. No entanto, com o tempo, sua vocação regional não foi mais viável e eles seguiram o caminho de um partido nacional. No caso dos anarquistas, eles se agruparam em um centro de estudos sociais chamado Nueva Senda, em 1926. Através desse espaço, foi elaborada a estratégia para construir um sindicalismo revolucionário, baseado na rejeição da ação política eleitoral. Essas diferenças foram expressas nos congressos internos do FROG, o que finalmente levou a uma cisão interna em 1928. Os sindicatos simpatizantes do anarquismo formaram o *Comité Pro Acción Sindical* (CPAS), em 1928, com a presença de oito organizações¹⁰⁰.

Em 1922, a sede da COCA foi transferida para Tegucigalpa, onde a *Federación Obrera Hondureña* (FOH) estava representada. Esta havia sido fundada em 1921 e seguia um programa socialista reformista, baseado na criação de cooperativas de produção e consumo, na regulamentação das relações capital-trabalho e na promoção da unidade centro-americana¹⁰¹. No estudo interno dessa organização, não conseguimos identificar uma militância anarquista, embora possamos nos referir a alguns canais indiretos de influência. O primeiro é que o jornal da organização *Orientación Obrera* foi enviado em troca à *Federación Obrera Regional Uruguaya* (FORU), o que pudemos verificar estudando os carimbos postais da organização nos exemplares mantidos pelo anarquista italiano Ugo Fedeli durante sua residência em Montevideu¹⁰².

A segunda referência tem a ver com o trânsito de sindicalistas e marinheiros em Puerto Cortes e as plantações de banana. A embaixada dos Estados Unidos enviava constantemente relatórios sobre os “agitadores bolcheviques” nessa região¹⁰³. Na imprensa anarquista há relatos de marinheiros a passar pelos portos hondurenhos que relatam as condições de trabalho no país. Um deles, Montes de Oca, publicou um relato sobre o movimento operário centro-americano na *Revista Anarquista Internacional*, em Paris. Segundo esse militante, as organizações de trabalhadores eram muito diferentes nas cidades e no litoral caribenho. Nesta última região, a economia era dominada por empresas estrangeiras de banana, e estes eram os lugares onde se concentrava a maioria do proletariado rural. Na avaliação desse ativista, os trabalhadores tinham mais condições de se organizarem de maneira independente e

¹⁰⁰ TARACENA ARRIOLA, Arturo, *El Primer Partido Comunista de Guatemala (1922–1923)*. Diez Años de una historia olvidada, *Anuario de Estudios Centroamericanos*, v. 15, n. 1, p. 49–63, 1989.

¹⁰¹ POSAS, *La lucha de los trabajadores hondureños organizados*, p. 164–166.

¹⁰² IIHS. Ugo Fedeli Papers.

¹⁰³ NARA. Investigative Case Files of the Bureau of Investigation. Old German Files, 1909-1921. **Suspect Bolshevik**. Case 269312. <https://www.fold3.com/image/3449906>

de travar lutas salariais sem tantos regulamentos. Foi aí que o conflito entre capital e trabalho foi levantado mais abertamente, de modo que seria uma escola positiva para o sindicalismo¹⁰⁴.

De fato, o diagnóstico de Montes de Oca estava correto no que diz respeito às organizações de trabalhadores do Caribe. Nessa região havia associações nos portos, nas ferrovias e nas plantações de banana. As mulheres também organizaram suas próprias organizações, que eram mais propícias à linguagem da luta de classes do que ao evolucionismo. Essas mudanças foram evidentes em 1926 e 1927, quando a sede da COCA foi novamente estabelecida na cidade de Tegucigalpa. Os novos estatutos da FOH estabeleceram “o sindicalismo como princípio e o direito à greve como meio de luta”¹⁰⁵.

Outro ponto digno de destaque é a adoção da escola racionalista como “o único meio eficaz de propagar ideias libertárias e conseguir a transformação social a que o proletariado aspira”. Não temos certeza se essa prática foi realizada seguindo a experiência da Escola de Francisco Ferrer, que tanto inspirou o sindicalismo anarquista; no entanto, sua incorporação mostra uma mudança importante em relação ao modelo educacional promovido anteriormente. Por último, vale notar que todos os comunicados da federação de trabalhadores foram assinados como “saúde e revolução social” e não como “evolução social”, como costumava ser¹⁰⁶.

As diferenças internas de orientação e táticas dentro da FOH foram resolvidas por cisão em 1928 e 1929. Nesse período, foi formada a *Federación Sindical Hondureña* (FSH), organizada principalmente pelos sindicatos da região norte do país. A maioria dos trabalhadores dessa organização era simpatizante da ISR, que também recebeu literatura anarquista de outros países. Um desses casos foi o de Juan Paulo Wainwright, correspondente do jornal *Cultura Proletaria*, de Nova Iorque, em 1930¹⁰⁷. Artigos do mesmo jornal foram reproduzidos no *El Martillo*, órgão da FSH. Foi essa organização que liderou a campanha pela libertação de Sacco e Vanzetti, enviando telegramas de protesto aos consulados dos Estados Unidos e convocando manifestações de rua¹⁰⁸.

¹⁰⁴ O artigo é assinado por C. Montes de Oca. Não temos certeza se essa assinatura se refere ao hondurenho Confucio, irmão do militante comunista Zoroastro Montes de Oca. O que é certo é que, na imprensa anarquista, ele é referido como um militante libertário próximo a Juan Pablo Wainwright. *Revista Anarquista Internacional*, Paris. 15 de novembro de 1924, p. 20-21.

¹⁰⁵ NARA. Records of the Department of State relating to Internal Affairs of Honduras, 1910-1929. **Honduras labor 1917-1928**. p. 59-65.

¹⁰⁶ Ídem.

¹⁰⁷ *Cultura Proletaria*, New York, 22 de fevereiro de 1930, p. 4; 5 de abril de 1930, p. 4; 28 de junho de 1930, p. 4; 9 de agosto de 1930, p. 4.

¹⁰⁸ NARA. Records of the Department of State relating to Internal Affairs of Honduras, 1910-1929. **Bolshevism. Communist. Communistic Activities**. December 8, 1926-September 23, 1929. p. 96-100.

As evidências que encontramos sobre Honduras mostram que a estratégia de ruptura também foi seguida por sindicalistas que procuravam uma nova orientação para a COCA. No entanto, não conseguimos identificar a ação clara dos anarquistas nesse processo, embora o estudo das diferentes federações de trabalhadores mostre que eles receberam imprensa e literatura anarquista. Temos também o caso de Juan Pablo Wainwright, que manteve contatos simultâneos com os marinheiros anarquistas de Nova Iorque e os militantes da Internacional Comunista. Uma maior exploração dessas relações poderia ser um passo nessa direção.

Em 1923, a sede da COCA foi estabelecida na cidade de São José, onde a confederação teve muitos problemas para consolidar a representação do movimento operário costarricense. Em seu congresso de fundação, só a Federação dos Trabalhadores de Puntarenas participou. Essa baixa participação da CGT costarricense se deveu a dois motivos: a desconfiança de seus dirigentes no processo de unificação da América Central e o debate interno sobre a formação de um partido de operários que participaria das eleições presidenciais. Esse debate estava em curso desde a fundação da confederação, em 1913, que havia estabelecido em seus estatutos uma linha antipolítica e socialista que proibia a organização de participar da política eleitoral.

Os anarquistas na organização defenderam essa posição em seus congressos. No entanto, essa posição foi modificada com o tempo. Esse debate se manifesta no congresso de 1921, quando o carpinteiro espanhol Ginés Sánchez propôs, com Juan de Dios López, adotar o “comunismo anarquista” como a ideologia da CGT¹⁰⁹. Essa proposta foi rejeitada pelo congresso, mas também o foi a formação de um Partido Socialista. Essa posição antipartidária foi abandonada em 1923, quando uma maioria da organização decidiu fundar o Partido Reformista¹¹⁰.

¹⁰⁹ Gines Sánchez era um anarquista espanhol que viveu durante algum tempo na cidade de San José, na Costa Rica. Ele era carpinteiro e membro da Sociedade de Marceneiros e Carpinteiros. Em 1921, foi eleito secretário de Relações Exteriores da CGT. Como conferencista, defendeu o apoliticismo e o sindicalismo. No congresso regional da CGT, apresentou sua dissertação sobre o comunismo anárquico, posição considerada “exagerada pelo nosso ambiente social”. Julio Padilla (guatemalteco) e Ricardo Falcó (catalão) criticaram sua posição antipolítica e defenderam a necessidade de criar um Partido Socialista na Costa Rica com base na CGT. *La Prensa*, San José, 30 de abril de 1921, p. 1; 19 de julho de 1921, p. 5.

¹¹⁰ O debate sobre a formação de um partido operário na Costa Rica já vinha ocorrendo desde o início do século XX. A primeira experiência a esse respeito foi através da *Liga de Obreros*, em 1902. Em geral, estes funcionavam como listas de trabalhadores a serem apresentados nos partidos estabelecidos ou como clubes políticos republicanos. Em 1915, foi formado o partido *Unión Obrera*, que rapidamente se dissolveu. Em 1919, o trabalhador Gerardo Matamoros foi eleito para o partido *Conquista y Derecho*. Para 1920, os militantes da CGT discutiram a necessidade de formar um Partido Socialista, que foi finalmente estabelecido, sob o nome de *Partido Reformista*, em 1923. Vários militantes anarquistas que haviam feito parte do grupo *El Libertario* e do Centro Germinal participaram dessas experiências partidárias.

Os setores descontentes com a luta eleitoral continuaram sua atividade sindical dentro da *Federación Obrera Costarricense* (FOCR) e se juntaram à COCA em 1923. Essa organização era constituída por duas cooperativas, três federações provinciais de trabalhadores e oito associações de ofícios formadas por tipógrafos, marceneiros, carpinteiros, mecânicos, pedreiros, sapateiros, alfaiates, padeiros e cocheiros. A vida da FOCR foi curta, porém permaneceram as organizações locais e provinciais, mantendo pouca comunicação com o resto da COCA¹¹¹.

Na cidade de São José, os anarquistas participaram em 1925 do *Comité Provincial do Trabalho*, que reuniu os sindicatos da província. Essa associação incluía carpinteiros, padeiros, coletores de lixo, cocheiros, pintores e sapateiros. Sua diretoria era composta por Carlos Monge Sáenz, Fausto Peraza e Juan de Dios López. Durante a atividade do conselho, ocorreram as greves dos catadores de lixo, dos padeiros e dos cocheiros contra as regras de trânsito. Em sua sala de reuniões, foram realizados debates sobre a Revolução Russa e o sindicalismo. Essa organização foi responsável pela organização do desfile do 1º de maio de 1925, na capital do país, onde agitaram sua bandeira vermelha e negra. Todos os seus comunicados foram assinados com a frase “Pela causa do trabalho organizado. Saúde e Revolução Social”¹¹².

Em 1926, fundaram o *Comité de Acción Social Obrera* para servir como órgão de relações anarquistas entre os sindicatos. Os padeiros foram proeminentes nessa atividade militante¹¹³. Foi só em 1927 que outra confederação foi fundada ao nível nacional com uma influência marxista muito mais marcante e mudou seu nome para *Unión General de Trabajadores* (UGT), em 1930, afiliando-se à Confederación Sindical Latinoamericana (CSL)¹¹⁴.

¹¹¹ O Conselho Supremo da COCA foi muito ativo em San José para consolidar a participação da CGT. A correspondência do delegado da *Federación Obrera Hondureña* mostra essa insistência. CIRMA. Colección Familia Taracena Arriola. **Archivo Privado de Manuel Sosa. Secretario General de la Federación Obrera Hondureña**. 5 de março de 1923.

¹¹² *La Prensa*, San José, 29 de junho de 1925, p. 4; 11 de agosto de 1925, p. 4.

¹¹³ ROSABAL, Guillermo, **El mundo del trabajo y la dinámica social en la producción de pan en Costa Rica. 1900-1950**, Tesis de Maestría en Historia, Universidad de Costa Rica, San José, 1998, p. 143-147. Em sua análise das ideias anarquistas dos padeiros, Rosabal menciona que elas coexistiram com um estilo moderado de organização e ação que não teve em vista superar os limites das relações paternalistas estabelecidas com as elites e os chefes políticos. Essa perspectiva coincide com a análise que Víctor Recoba fez do grêmio, que ele considerava “os eternamente descontentes, mas mal orientados”. Eles haviam sido os primeiros a estabelecerem a greve como método de luta. entre 1892 e 1894. Eles fundaram as associações *El Ejemplo*, *Sociedad de Panaderos*, *Amor y Libertad* e o *Sindicato de Panaderos*. A maioria dessas organizações funcionava como sociedades comerciais, cooperativas e sindicatos. *La Continental Obrera*, Buenos Aires, agosto de 1930, p. 14-16.

¹¹⁴ NARA. Records of the Department of State relating to internal affairs of Costa Rica, 1910-1929. **Communist activities**. 26 de fevereiro de 1931. TARACENA, La Confederación Obrera de Centro América (COCA): 1921-1928, p. 86-87.

Em El Salvador, as organizações de trabalhadores estavam em contato com grupos anarquistas desde o início da década de 1910, como já mostramos acima¹¹⁵. Em 1919, havia o Centro Racionalista Germinal, na cidade de San Salvador, formado por alfaiates, barbeiros, pedreiros e sapateiros, onde convergiam os setores mais radicais da militância operária¹¹⁶. Sua trajetória na COCA é semelhante à do caso guatemalteco. Enrique Conde explica que com a abertura política da década de 1920, a organização sindical começou a crescer no setor do artesanato urbano¹¹⁷.

Em 1922, foi fundada a *Unión Obrera Salvadoreña* (UOS) e houve uma disputa interna com a Confederación de Obreros para representação no seio da COCA. Esse conflito durou até 1924, quando a sede da COCA foi estabelecida em San Salvador. Finalmente, foi tomada a decisão de unificar as organizações através da Federação Regional dos Trabalhadores de El Salvador (FRTS), que lideraria a maioria das greves durante o período de 1925 a 1932¹¹⁸.

Várias tendências ideológicas coexistiram dentro da FRTS. No plano internacional, essas diferenças estavam relacionadas com filiações internacionais. As tendências mais radicais quiseram deslocar o reformismo na COCA e dar-lhe um caráter mais explicitamente sindicalista. Internamente, os protagonistas desse período mencionam as constantes disputas entre comunistas e anarquistas. Os primeiros queriam que a FRTS fosse a base social do Partido Comunista e assim conseguir filiação à ISR. Por outro lado, os anarquistas quiseram seguir o caminho do sindicalismo revolucionário e se distanciar de qualquer organização partidária¹¹⁹.

Finalmente, a última inflexão veio num congresso da FRTS, em 1928, quando os comunistas ganharam o controle da junta federal e pressionaram para a formação do partido. Os anarquistas decidiram deixar a organização e fundaram o Centro Sindical Libertário, em 1930, com os sindicatos dissidentes¹²⁰. Uma característica da FRTS foi que ela conseguiu um importante impulso organizacional no campo, especialmente entre pescadores, camponeses e trabalhadores das plantações de café. Na cidade, vários sindicatos de mulheres foram

¹¹⁵ Temos relações documentadas com anarquistas do México e da Costa Rica. Por outro lado, uma delegação salvadoreña representada por Luis F. Resinos foi convidada para o congresso da “federação comunista do proletariado mexicano”. Como resultado desse congresso, foi fundada a CGT mexicana. *El Libertario*, Veracruz, 26 de fevereiro de 1921. p. 2.

¹¹⁶ GONZÁLEZ MÁRQUEZ, Luis Rubén, **Política popular contenciosa: movilización social y hegemonía en El Salvador, 1919-1932**, Tesis de maestría en sociología, Facultad Latinamericana de Ciencias Sociales, Quito, 2017, p. 77–78.

¹¹⁷ *Servicio de prensa de la ACAT*, Montevideo, junho de 1931, p. 3

¹¹⁸ University of Texas. Latin American Collection. Biblioteca Arturo Taracena Flores. FEDERACIÓN DE OBREROS DE EL SALVADOR, **Ya era tiempo; obreros, conoce a tus malos guías**, San Salvador: Imprenta Diario del Salvador, 1924.

¹¹⁹ DALTON, Roque, **Miguel Marmol. Los sucesos de 1932 en El Salvador**, Melbourne: Ocean Sur, 2007, p. 122–127.

¹²⁰ *Cultura Proletaria*, New York, 12 de julho de 1930, p. 3.

organizados, entre eles os das feirantes e vendedoras ambulantes. Esse desenvolvimento sindical foi brutalmente reprimido em 1932, na sequência da revolta indígena e do plano do Partido Comunista de promover uma insurreição popular.

Como pudemos rastrear, a COCA manteve uma pluralidade de associações diversas, de doutrinas e de formas de ação. Até 1926, permaneceu uma linha evolucionista e colaboracionista em sua relação com os governos da região centro-americana. Entretanto, nos últimos anos de sua existência, militantes mais radicais começaram a assumir a liderança do conselho supremo. Disputas internas e rupturas organizacionais em cada um dos países levaram a essas mudanças, que finalmente levaram ao fim da confederação em 1928.

A princípio, houve alianças internas entre comunistas e anarquistas para afastar os mutualistas da liderança da COCA. Mais tarde, houve diferenças entre eles, que decidiram criar organizações sindicais separadas, embora esses militantes também se tenham encontrado novamente em alguns espaços comuns. Foram a Liga Anti-Imperialista, as Universidades Populares e as campanhas contra a execução dos anarquistas italianos Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti. Os protestos contra os conflitos fronteiriços entre a Guatemala e Honduras e a presença militar dos Estados Unidos na Nicarágua também foram pontos de convergência. Embora a desconfiança mútua e as rivalidades tenham sido mantidas, essas campanhas de luta permitiram que algumas facetas dessas articulações regionais se tornassem visíveis¹²¹.

No caso dos militantes anarquistas, eles aproveitaram a rotação da sede da COCA em cada país para fortalecer seus contatos. Sua articulação mais explícita ocorreu em 1925, com a tentativa de organizar um congresso anarquista na Cidade do Panamá. Embora essa atividade tenha sido reprimida, seus contatos deram frutos, em 1929, com a fundação da ACAT. As organizações que fomentaram essas relações foram a Secretaria da AIT, a CGT do México e a FORA da Argentina. Viagens de propaganda, comícios, correspondência e intercâmbio de literatura foram os principais instrumentos utilizados para essa articulação.

¹²¹ Na América Central, organizações sindicais na Guatemala, em El Salvador, em Honduras, na Costa Rica e no Panamá se pronunciaram a favor de Sacco e Vanzetti. Sua campanha pela libertação incluiu trabalhadores de várias tendências ideológicas, inclusive alguns intelectuais e escritores que criticaram a falsidade jurídica do caso. Para uma análise internacional do caso, ver TEMKIN, Moshik, **El caso de Sacco y Vanzetti: los Estados Unidos a juicio**, Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2016.

4.2.2 A Conferência Intercontinental do Panamá

Em janeiro de 1923, foi fundada em Berlim a Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), reunindo o anarquismo e o sindicalismo revolucionário. Entre as organizações americanas estavam a CGT (México), a FORA (Argentina) e a FORU (Uruguai), que articulavam um projeto de expansão organizacional no continente americano. Nessa estratégia existiam duas abordagens diferentes no secretário da AIT: uma mais inclusiva, proposta por Rudolf Rocker, Alexander Shapiro e Eusebio Carbó, que buscava uma aproximação com os sindicatos ligados à ISR; e uma segunda posição foi representada por Diego Abad de Santillán e pela FORA na Argentina, que buscava uma estratégia de ruptura com todas as tendências rivais e a criação de um sindicalismo anarquista próprio. A CGT mexicana reuniu inicialmente anarquistas e comunistas, mas estes últimos foram expulsos em 1923, quando a organização adotou o “comunismo libertário” como orientação ideológica¹²².

Imagem 7. Reunião de delegados da CGT mexicana



Fonte: Da esquerda para a direita: José Valadés, Durán, Nicolás Bernal e Julio Diaz (FORA). 22 de abril de 1925. Diego Abad de Santillán Papers. IIHS. Ámsterdam.

¹²² MIGUELAÑEZ MARTÍNEZ, María, Anarquistas en red. Una historia social y cultural del movimiento libertario continental (1920-1930), *in*: **IX Encontro Internacional da ANPHLAC (Associação de Pesquisadores e Professores de História das Américas): Goiânia, 26 de julho a 29 julho de 2010**, [s.l.: s.n.], 2010.

A propaganda da AIT foi promovida pela CGT e pela FORA, para fundar uma confederação sindical americana. Para conseguir isso, eles planejaram uma estratégia de propaganda baseada em círculos ideológicos e territoriais de influência. A CGT mexicana, com ênfase na América do Norte, na América Central e no Caribe, e FORA na América do Sul. O ponto de contato com o secretariado da AIT seria Diego Abad de Santillán, que serviria como canal de comunicação e coordenação¹²³. O elo mais fraco dessa estratégia foi a região da América Central e do Caribe, fortemente influenciada pela COPA¹²⁴.

No caso da CGT, essa estratégia era particularmente importante, já que o governo dos Estados Unidos vinha desenvolvendo uma política de isolamento do processo revolucionário desde 1910. Ao nível sindical, a CGT teve em vista neutralizar a influência de seu principal rival, a CROM, que enviava constantemente delegações à América Central para fortalecer o projeto da COPA. A estratégia da CGT foi a de fortalecer as relações com a base das organizações filiadas à COPA, por militantes anarquistas específicos.

As maneiras de desenvolver esse trabalho de organização eram promover uma viagem de propaganda que levasse a uma conferência intercontinental na Cidade do Panamá em novembro de 1925 (ver Mapa 13). O objetivo dessa reunião era unificar os sindicatos e os grupos afins da AIT no continente americano. Esse trabalho deveria ser acompanhado de propaganda escrita na forma de jornais, revistas, folhetos e boletins informativos. A coordenação dessa viagem esteve nas mãos da CGT, especialmente de José C. Valadés e do argentino Julio Díaz, da FORA (ver Foto 7). Este último viajaria por todos os países da América Central até chegar ao Panamá, onde havia sido fundada uma comissão organizadora da conferência. Nesta comissão estavam os irmãos Martín e José María Blazquez de Pedro, a polonesa Sara Gratz e Óscar Alfaro¹²⁵.

¹²³ Sinesio Baudillo García Fernández (1897-1893). Conhecido no movimento anarquista por seu pseudônimo Diego Abad de Santillán. Nascido na Espanha, ele se mudou para a Argentina em 1905. Nesse país, se tornou militante na FORA e editor do jornal *La Protesta*. Nos anos 20, ele se mudou para a Alemanha para estudar medicina e entrou para o secretariado da AIT, em Berlim. Nessa cidade, serviu de ponte de comunicação para o movimento anarquista entre a Europa e a América. TARCUS, Horacio, Abad de Santillán, Abad (García Fernández, Sinesio Baudillo), in: **Diccionario biográfico de las izquierdas latinoamericanas**, [s.l.: s.n.], 2019. <http://diccionario.cedinci.org>

¹²⁴ *La Protesta*, suplemento, Buenos Aires, 2 de fevereiro de 1925, p. 2.

¹²⁵ SHAFFER, **Anarchists of the Caribbean**, p. 239-241.

Mapa 13. Turnê de propaganda da CGT mexicana na América Central



Fonte: Correspondência entre José Valadés e Diego Abad de Santillán, 1922-1926. IHS. Amsterdã.

Os esforços de propaganda da CGT estavam em curso desde 1921, na Guatemala e em El Salvador. A primeira viagem foi o resultado da expulsão do espanhol Sebastián San Vicente (secretário organizador da CGT) para a Guatemala, onde participou do congresso fundador da *Unión Obrera Socialista* (UOS). Em 1922, o peruano Leopoldo Urmachea também visitou a organização. Como resultado desse trabalho, Antonio Méndez Paz e Manuel Bautista

Grajeda continuaram sendo os principais contatos na Cidade da Guatemala¹²⁶. Uma linha semelhante foi seguida com El Salvador, convidando uma delegação representada por Luis F. Resinos para o congresso da “federación comunista del proletariado mexicano”¹²⁷.

Imagem 8. Viagem de propaganda da CGT no México



Fonte: Da esquerda para a direita: Julio Diaz, Ciro Mendoza, Rafael Pérez, Antonio Pacheco e José Valadés. 24 de agosto de 1925. Diego Abad de Santillán Papers. IIHS. Amsterdã.

¹²⁶ LUCAS MONTEFLORES, *La Senda Libertaria. Nacimiento y desarrollo del anarquismo en Guatemala*, p. 111–115. *El Trabajador*, Ciudad de México, 4 de setembro de 1921, p. 4.

¹²⁷ *El Libertario*, Veracruz, 26 de fevereiro de 1921. p. 2.

No terceiro congresso da CGT, em 1924, foi decidido promover a formação de uma confederação americana. O plano era primeiro organizar uma conferência com militantes anarquistas para chegar a um acordo sobre as linhas gerais e depois convocar um congresso continental. O encarregado de organizar essa primeira viagem foi José Valadés, que procurou a participação das delegações de Cuba e da Guatemala para viajarem ao congresso da AIT em Amsterdã, em 1925. Essa viagem à Europa não foi possível, portanto, os esforços foram concentrados no envio de delegados da CGT a El Salvador e à Guatemala para desenvolver propaganda no campesinato desses países. Esse ponto era fundamental, uma vez que um dos acordos organizacionais da CGT era a formação de sindicatos e cooperativas no campo¹²⁸.

Em 1925, a CGT recebeu o argentino Julio Díaz, que havia representado a FORA no congresso da AIT em Amsterdã. Ele se juntou aos trabalhos de propaganda no México, visitando o Distrito Federal, Veracruz, Tampico, Villa Cecilia, Monterrey, San Luis Potosi e Aguascalientes. O acordo era que Díaz apoiaria os delegados da CGT em sua viagem pela América Central a fim de visitar todos os países e convocar a conferência no Panamá (veja Foto 8). A primeira delegação partiu em maio e era composta por Antonio Pacheco e Fernando Ríos (Víctor Recoba), mostrados nas fotografias 8 e 9. Eles visitaram El Salvador, Guatemala, Honduras, Panamá e Peru, levando literatura da AIT e da CGT. No Peru, o grupo editorial de *La Protesta*, de Lima, foi convidado a participar da conferência¹²⁹.

Como resultado dessa viagem, os delegados de El Salvador, da Guatemala e do Peru se comprometeram a participar da conferência intercontinental. Para apoiar o comitê organizador da conferência, foi fundada uma organização na cidade de Colón, enquanto os irmãos Blazquez de Pedro prestavam apoio na cidade do Panamá. Os contatos foram enviados a Valadés, na Cidade do México, para preparar os convites. Os convidados foram Antonio

¹²⁸ IIHS. DIEGO ABAD DE SANTILLAN PAPERS. Secretariado de la AIT. **Correspondencia José C. Valadés**. 1924. p. 4-27.

¹²⁹ O delegado Ríos era o pseudônimo do anarquista peruano Víctor Recoba Montoya. Após ser expulso pelo governo peruano com Leopoldo Urmachea, ele se juntou à CGT em Tampico e na Cidade do México, como militante. No México, agiu sob os pseudônimos “Alejandro Montoya”, “Fernando Ríos” e “Artemio”. Ele era o administrador do jornal *Nuestros Ideales*, da CGT. A identidade de Recoba é confirmada pelo relato de Julio Díaz, de sua viagem, em que ele diz: “A organização em El Salvador não era uma organização de lutadores endurecidos, pois a orientação que foi impressa a ela se devia à propaganda e à atividade do companheiro Recoba que, passando por aquele país vários meses antes de mim, divulgou muita literatura revolucionária trazida do México”. *La Protesta*, Buenos Aires, 14 de agosto de 1928, p. 3; LUCAS MONTEFLORES, **La Senda Libertaria. Nacimiento y desarrollo del anarquismo en Guatemala**, p. 112–113; MELGAR BAO, Ricardo, Recepción y redes anarquistas de la Revolución Mexicana en los Andes, **El Cuexcomate**, n. 39, 2011. IIHS. DIEGO ABAD DE SANTILLAN PAPERS. Secretariado de la AIT. **Correspondencia José C. Valadés**. 1924. p. 71-72.

Méndez Paz (Guatemala), Virgilio Alvarado Chacón (El Salvador), Apolonio Palazio (Nicarágua), F. Orrego Restrepo (Colômbia) e o grupo *La Protesta* (Peru)¹³⁰.

Imagem 9. Víctor Recoba com o grupo Los Errantes em Veracruz



Fonte: Víctor Recoba, primeiro da esquerda para a direita, com o jornal em mãos. No centro, com o cão, Buenaventura Durruti e atrás dele Francisco Ascaso em 1924. Fundación Anselmo Lorenzo (FAL). Madrid.

¹³⁰ IIHS. DIEGO ABAD DE SANTILLÁN PAPERS. Secretariado de la AIT. **Correspondencia José C. Valadés**. 1924. p. 74-75.

Quanto aos contatos com a América Central, é digno de menção que todos eles pertenciam a diferentes órgãos da COCA. No quinto congresso da CGT, uma delegação da COCA havia sido convidada e havia sido decidido fortalecer a propaganda da organização em relação à América Central¹³¹. Antonio Méndez Paz foi um militante da USO que criticou a orientação da *Federación Obrera Guatemalteca*¹³². Virgilio Alvarado foi membro do Conselho Provisório da *Federación Regional de Trabajadores de El Salvador*, em 1924¹³³. Apolonio Palazio foi delegado da *Federación Obrera Nicaragüense* no Conselho Supremo da COCA. Em 1923, ocupou o cargo de Secretário Geral e Secretário de Relações Externas em San José, na Costa Rica¹³⁴.

Dentro desses contatos vale notar a ausência dos delegados da Costa Rica, o que parece confirmar o isolamento que a FOCCR manteve com o resto da COCA. Por outro lado, é importante mencionar que os outros contatos desempenharão um importante papel de ligação, além de darem um impulso ideológico dentro de suas respectivas organizações. Isso foi confirmado após a dissolução da COCA, da qual as organizações simpatizantes da AIT emergiram. Méndez tornou-se militante do *Comité Pro Acción Sindical* da Guatemala, Virgilio Alvarado do *Centro Sindical Libertario*, e Apolonio do Grupo Socialista da Nicarágua. Quanto aos contatos na cidade de Colón, a CGT se correspondia com a *Unión de Obreros*, onde participava Óscar Alfaro.

Depois de todo esse trabalho de organização, os preparativos para a conferência estavam prontos para acontecer em novembro, na cidade do Panamá. Foram confirmadas as delegações da Argentina, do México, da Guatemala, de El Salvador, do Panamá, do Uruguai e do Peru. Ao chegar ao porto de Balboa, a polícia do canal prendeu todos os delegados e eles não foram autorizados a desembarcar no país. Valadés, no México, e Julio Díaz, que estava a caminho do Panamá, foram advertidos em um telegrama a não viajarem para o Panamá¹³⁵. A razão dessa ação foi a descoberta dos planos para a conferência pelas autoridades do canal. Isso

¹³¹ Em 1926, a CGT relata a visita de um delegado salvadoreño à Cidade do México para reforçar o trabalho de organização entre as duas organizações. É possível que este tenha sido membro do Conselho Supremo da COCA, que naquela época era representado pela FRTS. BAENA PAZ, Guillermo, **La Confederación General de Trabajadores (1921-1931). Antología**, Segunda edición. Ciudad de México: Ediciones Hormiga Libertaria, 2006, p. 51–52.

¹³² TARACENA ARRIOLA, Arturo; LUCAS MONTEFLORES, Omar, Méndez Paz, Antonio, *in*: **Diccionario biográfico de las izquierdas latinoamericanas**, [s.l.: s.n.], 2021. <http://diccionario.cedinci.org>

¹³³ FEDERACIÓN DE OBREROS DE EL SALVADOR, **Ya era tiempo; obreros, conoce a tus malos guías**, p. 9,34.

¹³⁴ *Diario de Costa Rica*, San José, 8 de abril de 1923, p. 7.

¹³⁵ SHAFFER, **Anarchists of the Caribbean**, p. 244–246. Sou grato ao historiador Kirk Shaffer por me enviar cópias da documentação apreendida de Martin Blazquez de Pedro. NARA. RG 185 PANAMA CANAL RECORDS 1914-1934. **Panama Congress Planned by reds**. 30 de outubro; 14 de novembro de 1925.

se deu como resultado da repressão da greve dos inquilinos de setembro. Durante esse tempo, José María Blazquez de Pedro havia sido preso e enviado secretamente a uma prisão dos Estados Unidos e depois deportado clandestinamente¹³⁶. Em seguida, seu irmão Martin, que era o secretário da conferência anarquista, foi detido. A polícia confiscou toda a sua correspondência contendo os nomes, os endereços e as nacionalidades dos delegados presentes à reunião de novembro. Graças a essa preciosa documentação, os organizadores foram presos e Martin Blazquez de Pedro e a polonesa Sara Gratz foram expulsos do país¹³⁷.

A coordenação repressiva entre o governo panamenho e as autoridades do Canal conseguiram dismantlar o movimento anarquista no país. Inicialmente, muitos dos dirigentes do movimento grevista, que se tornaria um dos mais importantes da história do país, foram expulsos. Por outro lado, isso levou as autoridades a descobrirem outro movimento de coordenação internacional do qual parecem não ter tido conhecimento até então. Do comitê de coordenação da conferência, somente Óscar Alfaro permaneceu na cidade de Colón, ficando como principal correspondente do país junto à CGT e à imprensa da FORA.

Embora os delegados da América Central não tenham podido se reunir no Panamá, as atividades de planejamento da conferência permitiram uma maior aproximação e intercâmbio. Essa atividade de relacionamento continuou nos anos seguintes, com a viagem de Julio Diaz à Guatemala, a El Salvador, à Nicarágua e à Costa Rica. Desse núcleo de contatos surgiu a iniciativa de se filiar à Associação Continental Americana de Trabalhadores (ACAT), em 1929. Podemos dizer que a insatisfação no projeto COCA e a articulação com a AIT serviram de catalisador para a formação de uma corrente anarcossindicalista na América Central. Isso coincidiu com uma iniciativa continental mais ampla que tentava concretizar uma forma de pan-americanismo operário fora da esfera de controle dos governos e do sindicalismo da AFL. A ACAT poderia ser um espaço organizacional intermediário entre o internacionalismo proletário da AIT e o velho projeto de unidade do continente americano.

¹³⁶ O advogado de José María Blazquez de Pedro apresentou *habeas corpus* contra sua prisão ilegal, rejeitada. *Ibid.*, 10 de novembro de 1925.

¹³⁷ O embaixador espanhol no Panamá enviou aos seus superiores uma lista de todos os estrangeiros expulsos do país por participarem de movimentos de greve. Os irmãos Blazquez de Pedro e Sara Gratz aparecem na lista. AHN. Ministerio de Relaciones Exteriores. LEGACIÓN DE ESPAÑA EN PANAMÁ. **Relación de extranjeros expulsados**. 7 de novembro de 1925.

Capítulo 5. Saúde e comunismo libertário: América Central e a Associação Continental Americana de Trabalhadores, 1929-1935

Introdução

O objetivo deste capítulo é reconstituir a presença organizacional de grupos anarquistas centro-americanos na Associação Continental Americana de Trabalhadores, entre 1929 e 1935. Para isso estudaremos as organizações de base, considerando suas composições militantes, suas formas de organização, seus temas de luta, suas presenças territoriais e filiação profissional. Especificamente, trabalharemos com três organizações da Guatemala, de El Salvador e da Costa Rica que estavam formalmente ligadas à ACAT, embora seus simpatizantes também estivessem localizados no Panamá. As duas primeiras organizações funcionavam como confederações sindicais, enquanto que a da Costa Rica era um centro de estudos sociais formado por trabalhadores de vários ofícios urbanos.

Nosso principal argumento é que essa experiência foi o produto de uma ampla rede organizacional continental que conseguiu, com muitos obstáculos, constituir a primeira articulação anarcossindicalista na região da América Central. Embora cada uma das organizações tivesse suas próprias particularidades, a maioria delas provinha da plataforma sindical da COCA e participava das mesmas redes militantes ao nível internacional. A historiografia sobre o assunto não fez grandes progressos desde a década de 1980, com exceção da Guatemala e do Panamá que têm sido mais estudados na história do anarquismo e do movimento operário¹.

Dada essa lacuna, nossa pesquisa vem trabalhar nessas articulações militantes de uma perspectiva transnacional, a fim de ter mais elementos para interpretar a experiência associativa da ACAT a partir de vários pontos geográficos. Com relação a essa questão, uma das descobertas mais importantes é a importância dos grupos anarquistas hispano-americanos estabelecidos nos Estados Unidos nessa rede militante do Caribe. Embora não tenham sido devidamente constituídos como sindicatos, os grupos de afinidade e os jornais anarquistas de

¹ TARACENA, ARTURO, El manuscrito de Max Nettlau sobre el anarquismo en Centroamérica (1906-1932); RAMA; CAPPELLETTI, **El anarquismo en América latina**; TARACENA, Presencia anarquista en Guatemala entre 1920 1932; LUCAS MONTEFLORES, **La Senda Libertaria. Nacimiento y desarrollo del anarquismo en Guatemala**; SHAFFER, **Anarchists of the Caribbean**.

Nova Iorque foram aliados fundamentais de seus camaradas centro-americanos, servindo como meio de comunicação, divulgação, propaganda e arrecadação de fundos.

Algumas das principais questões associadas à ACAT diziam respeito ao aumento do autoritarismo e do fascismo nas Américas. Isso foi acompanhado na América Central por uma paranoia anticomunista que serviu como uma das principais justificativas para o estabelecimento de regimes militares. Outra constante foram os problemas econômicos e sociais associados à crise capitalista de 1929 e suas consequências para as economias agroexportadoras e dependentes. O imperialismo americano e sua presença militar na Nicarágua ativaram uma ampla rede de solidariedade internacional que se cruzou com campanhas pela libertação de prisioneiros e militantes anarquistas.

Essas questões são apresentadas a seguir, organizadas ao longo de três eixos principais. Na primeira seção, estudaremos as articulações internacionais que permitiram a criação da ACAT a partir de uma intensa propaganda continental, que teve como principais articuladores a CGT mexicana, a FORA e o secretariado da AIT. Na segunda parte, estudaremos a estrutura organizacional da ACAT, suas principais discussões doutrinárias e temáticas e a análise do contexto latino-americano da época. Na última parte, entraremos em detalhes sobre os grupos centro-americanos, especialmente os estabelecidos em El Salvador, na Guatemala e na Costa Rica. Em todos esses casos, a combinação de repressão, crise econômica e divisões internas desarticulou as estruturas sindicais.

Seguindo o tom geral da pesquisa, desenvolvemos uma análise cruzada de fontes compostas principalmente por aquelas produzidas pelas próprias organizações e pelos diferentes órgãos governamentais. Além disso, neste capítulo, usamos a documentação de diferentes órgãos ligados à União Soviética, tais como a COMINTERN, a ISR e a Liga Anti-Imperialista. Isso porque os comunistas se tornaram os principais rivais internos do anarquismo no mundo sindical, a partir de meados dos anos 20. Essas fontes são acompanhadas do uso intensivo de vários dicionários operários que nos ajudam a reconstruir a trajetória de vários militantes e grupos de base.

5.1 Propaganda continental da AIT

Como temos dito, a construção do anarcossindicalismo na América Central decorre de um processo de articulação que teve lugar nos anos 20. Isso aconteceu no âmbito da COCA. A combinação entre esses fatores motivaram os militantes trabalhadores simpatizantes do

projeto da AIT a participar de uma nova tentativa de unificação regional. Entretanto, o contexto político do continente foi adverso a tais projeções, dado o avanço da repressão, a crise econômica e a competição ideológica com o comunismo soviético. A primeira tentativa dessa articulação foi a conferência de 1925, no Panamá. Uma segunda tentativa foi planejada para Buenos Aires, em 1927, que só se concretizou em 1929. Entretanto, os esforços de coordenação na região centro-americana produziram alguns resultados com a viagem continental de Julio Díaz e os esforços dos militantes centro-americanos para tornar visíveis suas lutas no movimento libertário internacional.

A viagem de Julio Díaz fez parte de uma estratégia mais ampla da FORA para ampliar sua influência e seu modelo organizacional ao nível continental. Isso tem sido caracterizado por María Miguelañez como um estilo de organização anarquista de trabalhadores cujos princípios e cuja doutrina foram estabelecidos nos estatutos da FORA, desde sua fundação em 1901 até 1915. Segundo a leitura de seus dirigentes, forismo significava anarquismo operário, razão pela qual eles rejeitaram os termos anarcossindicalismo e sindicalismo revolucionário. Essa linha foi bem-sucedida na Argentina até a Primeira Guerra Mundial, quando surgiram correntes no seio da FORA que questionavam o finalismo anarquista da organização. Isso acabou levando a rupturas internas que mantiveram os diferentes grupos em conflito, interna e internacionalmente, durante os anos 20².

Essas rivalidades se transferiram para a América Central durante a viagem de Julio Díaz, questionada pela *Alianza Libertaria Argentina* (ALA), pelo grupo *La Antorcha* e pela Unión Sindical Argentina (USA). O interrogatório deles foi feito em duas direções: primeiro, à figura pessoal de Díaz; segundo, à política do Conselho Federal da FORA. Quanto a Díaz, o jornal *El Libertario* (ALA) o acusou de ser um informante da polícia na cidade de Tucumán, enquanto o *Bandera Proletaria* (USA) questionou o financiamento de suas viagens de propaganda³.

Sobre a proposta de criação de uma confederação continental de trabalhadores, o grupo *La Antorcha* questionou a legitimidade da convocação, que excluiu todas as organizações rivais da FORA. Também criticaram a falta de representação de Díaz, uma vez que seu mandato não foi aprovado pelas associações afiliadas da FORA nem pela Secretaria da AIT. Esse interrogatório iria perseguir Díaz durante toda sua viagem, gerando algumas dificuldades na

² MIGUELAÑEZ MARTÍNEZ, *Más allá de las fronteras: el anarquismo argentino en el periodo de entreguerras*, p. 89–93. Para um estudo detalhado dos grupos separatistas da FORA ver: DOESWIJK, Andreas L, *Los anarco-bolcheviques rioplatenses (1917-1930)*, Buenos Aires: CeDInCI, 2013.

³ MIGUELAÑEZ MARTÍNEZ, *Más allá de las fronteras: el anarquismo argentino en el periodo de entreguerras*, p. 114–116.

Guatemala, onde ele foi questionado publicamente através da imprensa e da correspondência. Embora, ao longo do tempo, Julio recebesse o apoio da CGT mexicana e do secretariado da AIT, a discussão básica era se os camaradas centro-americanos seguiriam o modelo do forismo ou do sindicalismo revolucionário⁴.

Mapa 14. Viagem continental do delegado da FORA, Julio Díaz



Fonte: *La Protesta*, Buenos Aires, 1925-1927.

⁴ *La Antorcha*, Buenos Aires, 2 de outubro de 1925, p. 2; 20 de novembro de 1925, p. 2; *Bandera Proletaria*, Buenos Aires, 28 de novembro de 1925, p. 1; *El Libertario*, Buenos Aires, 10 de dezembro de 1925, p. 1.

A viagem continental de Julio Díaz durou cerca de dois anos, entre 1925 e 1927, percorrendo 11 países. Segundo os registros, seu itinerário era o seguinte: 1. México; 2. Guatemala; 3. El Salvador; 4. Honduras; 5. Nicarágua; 6. Costa Rica; 7. Panamá; 8. Equador; 9. Peru; 10. Bolívia; e 11. Argentina (Mapa 14). A viagem foi feita ao longo do litoral do Pacífico, utilizando portos, ferrovias e estradas como principais meios de comunicação. Durante a viagem pela América Central, a maioria das reuniões e das atividades de propaganda foram realizadas nas capitais. Na maioria dos países houve grandes restrições à atividade do movimento operário, de modo que Díaz só pôde permanecer na Guatemala, em El Salvador, na Nicarágua e na Costa Rica. Em Honduras e no Panamá ele não foi autorizado a desembarcar. Nos primeiros países, suas atividades se desenvolveram em semiclandestinidad, de modo que somente na Costa Rica conseguiu atuar publicamente durante vários meses⁵.

Saindo do México, Julio Díaz chegou à Cidade da Guatemala, em setembro de 1925, onde permaneceu por alguns dias. A situação no país era complicada para o movimento operário, de modo que todas as reuniões se realizavam nas casas de contatos previamente estabelecidos. Díaz não deu muitos detalhes de sua visita, apenas mencionou o pouco conhecimento do anarquismo no movimento operário. Alguns meses depois da visita de Díaz, os anarquistas da Cidade da Guatemala fundaram o *Centro de Estudios Sociales Nueva Senda*, que seria o principal elo com a Secretaria da AIT. Numa carta de seu secretário Antonio Méndez Paz a Fritz Kater, em Berlim, em fevereiro de 1926, ele confirma a recepção de propaganda da CGT (México), da FORA (Argentina) e da FORU (Uruguai), onde ele publica na seção internacional do jornal *Prensa Obrera*. Nesse meio, ele também publicou a controvérsia internacional em torno da excursão de Julio Díaz. Em resposta, a Comissão Administrativa da AIT defendeu a integridade de Díaz e explicou que o conflito se deveu às divisões internas do movimento anarquista na Argentina. Além disso, era preciso consolidar a comunicação com a Guatemala, a quem são enviados cartazes de propaganda da AIT para as sedes dos sindicatos bem como a publicação das notícias enviadas pelo editor guatemalteco no jornal da secretaria⁶.

Em outubro de 1925, Julio Díaz chegou a El Salvador. De acordo com seu relato, foi o lugar mais interessante de toda a viagem pela região. Víctor Recoba havia visitado anteriormente San Salvador para convidar uma delegação para a conferência do Panamá. A situação política do país era semelhante à da Guatemala. O governo manteve um estado de sítio e as reuniões e os comícios foram rapidamente interrompidos. A diferença, segundo Díaz, é que

⁵ *La Protesta*, Buenos Aires, 9 de fevereiro de 1927, p. 3.

⁶ IHS. DIEGO ABAD DE SANTILLÁN PAPERS. **Secretariado de la AIT**. 24 de março de 1925; 26 de fevereiro de 1926.

naquele país ele havia encontrado “um grupo de camaradas entusiastas e organizados que queriam o objetivo anarquista”⁷. Ele provavelmente se referia à *Federación Regional de Trabajadores* (FRTS), fundada em 1924, e a força motriz por trás de uma das correntes radicais dentro da COCA. Apesar do entusiasmo de Díaz, seu trabalho de organização foi interrompido por sua expulsão para o Porto de Amapola, em Honduras, e de lá para a Nicarágua.

Ele não foi autorizado a desembarcar em Honduras, portanto não temos informações sobre se ele realmente tinha contatos lá. A situação na Nicarágua também estava em turbulência devido ao confronto armado entre o Partido Liberal e o Partido Conservador. Apesar disso, Díaz conseguiu ficar no Conselho Supremo da COCA em Manágua. Segundo seu relatório, a maioria do movimento operário era mutualista e ligado a um dos partidos políticos em disputa. Houve, portanto, pouco interesse pelo anarquismo e pelo sindicalismo. As organizações mais estáveis foram a *Federación Obrera Nicaragüense* (representante na COCA) e o *Obrerismo Organizado*. Também aqui sua atividade foi discreta devido às condições políticas; porém, Díaz entrou em contato com os estivadores do porto de Corinto, no Pacífico, onde ele encontrou um centro de trabalho mais propício ao sindicalismo⁸.

É possível que o contato de Díaz na Nicarágua tenha sido Apolonio Palazio, que havia sido convidado para a conferência no Panamá. Desses vários contatos, o secretariado da AIT entrou em comunicação com o grupo *Obrerismo Organizado*, através da CGT mexicana. José Pérez, secretário de relações sociais da organização, explicou em detalhes as condições particulares do movimento operário nicaraguense e sua doutrina mutualista. Segundo seu relatório, o nacionalismo era uma característica importante da organização, dada a ocupação militar estadunidense e as constantes guerras civis entre liberais e conservadores. Portanto, a doutrina operária defendida por sua organização buscava a harmonia com todos os elementos liberais do país, a fim de libertar a nação⁹.

O principal ideólogo dessa corrente foi o trabalhador autodidata Sofonías Salvatierra. Em 1928, ele publicou um livro onde desenvolveu em profundidade essa relação entre operariado e nacionalidade¹⁰. De acordo com Salvatierra, suas principais influências foram o liberalismo como filosofia, a maçonaria como guia espiritual e o sindicalismo

⁷ *La Protesta*, Buenos Aires, 14 de agosto de 1928, p. 3.

⁸ Ídem.

⁹ IHS. MAX NETTLAU PAPERS. **Hojas sueltas y materiales impresos, Centro y Suramérica, otros países, Nicaragua, 1925-1928**, ARCH01001.3406, 5 de outubro de 1925, p. 2-3.

¹⁰ Sofonías Salvatierra foi editor do jornal *Evolución Obrera* (1923–1933) e Ministro da Agricultura durante o governo liberal de Juan Sacasa. Parte da coleção desse jornal pode ser consultada na documentação do anarquista Ugo Fedeli, no Instituto Internacional de História Social, em Amsterdã.

moderado da CROM mexicana. Em sua análise do sindicalismo revolucionário e do anarquismo, ele os define como impraticáveis e violentos, já que estão implicados no conceito de ação direta, uma doutrina de confronto¹¹. Essa perspectiva explica, em parte, por que Julio Díaz não deu muita importância ao fortalecimento das relações com essas organizações, que defendiam uma estratégia muito diferente da FORA.

Essa ligação com o movimento operário nicaraguense não se traduziu no fortalecimento de uma corrente anarquista. Entretanto, a luta de guerrilha liderada por Augusto Sandino contra a ocupação estadunidense despertou grande interesse na propaganda da AIT. Na carta de resposta de José Pérez a Fritz Kater, em Berlim, encontra-se em anexo um folheto da Liga Anti-Imperialista das Américas, pedindo voluntários e armas para lutar na Nicarágua¹².

Julio Díaz escreveu um artigo sobre o peso do imperialismo yanque na Nicarágua, tomando referências de sua visita¹³. Ele continuou então sua viagem através do Pacífico até a Costa Rica, onde pôde ficar por alguns meses escrevendo e fazendo propaganda. Ele concentrou sua atividade na capital San José, onde a princípio não encontrou muito entusiasmo por seu projeto¹⁴. Em seu relatório a Diego Abad de Santillán, em Berlim, ele mencionou que o movimento operário costarriquenho estava muito isolado da COCA e do resto do continente.

De acordo com Díaz, isso se devia a disputas internas que terminaram com a dissolução da CGT e a formação do Partido Reformista¹⁵. Entre seus contatos, ele encontra apoio entre os padeiros que acabam de reorganizar seu sindicato. Em conversas com Luis Bonilla, membro dessa organização, ele reconstrói a história do movimento operário no país e se informa sobre os principais debates internos¹⁶. Em suas crônicas enviadas ao *La Protesta*,

¹¹ BNCR. SALVATIERRA, Sofonías, **Obrerismo y nacionalidad**, Managua, Nicaragua: Progreso, 1928, p. 82–87.

¹² O material da Liga Anti-Imperialista inclui uma carta escrita em fevereiro de 1928 por Sócrates, irmão de Augusto Sandino, endereçada ao secretariado dessa organização em Nova Iorque. Anexa à carta, encontra-se uma folha com a inscrição “Enlist for Sandino”, “Defeat Wall Streets War against Nicaragua”, acompanhada de fotos de guerrilheiros mortos em combate. Finalmente, um formulário para enviar doações à Liga para financiar o comitê “Hands-off Nicaragua”, na Cidade do México. IIHS. *Max Nettlau Papers*, Hojas sueltas y materiales impresos, Centro y Suramérica, otros países, Nicaragua 1925-1928, 24 de fevereiro de 1928.

¹³ *La Protesta*, Buenos Aires, 18 de novembro de 1926, p. 2.

¹⁴ *La Protesta*, Buenos Aires, 14 de agosto de 1928, p. 3.

¹⁵ IIHS. DIEGO ABAD DE SANTILLÁN PAPERS. **Correspondencia por orden alfabético**. Julio Díaz 1925-1926.

¹⁶ Como resultado de sua visita, Julio Díaz ajuda a fortalecer a correspondência entre o sindicato dos padeiros e o Bureau da AIT. Ele menciona muita apatia e pessimismo entre os trabalhadores, devido às disputas internas no movimento operário. Apesar dessa situação, ele disse: “É preciso cuidar da Costa Rica, porque é o ponto mais estratégico para influenciar toda a cena centro-americana”. Ele recomenda, portanto, o envio constante de propaganda da AIT ao país. IIHS. DIEGO ABAD DE SANTILLÁN PAPERS. **Correspondencia por orden alfabético**. Julio Díaz 1925-1926, p. 21-22.

ele descreve as condições de pobreza no país, a exploração das mulheres, os baixos salários e a miséria em que vivem muitas crianças na cidade¹⁷.

As palestras de Díaz tiveram lugar na Biblioteca Nacional, anunciadas no jornal *La Prensa*. Esse jornal foi o porta-voz do Partido Reformista e do setor da CGT que o apoiou¹⁸. Em suas páginas, Díaz escreveu vários artigos e divulgou a formação do *Comité de Acción Social Obrera*, em 1926. Esse grupo foi formado nas instalações do sindicato dos padeiros por Luisa Sojo (costureira, secretária-geral), Carlos Monge Sáenz (carpinteiro, secretário de correspondência), Amado Pérez (sapateiro, tesoureiro), Gonzalo Hernández (marceneiro, imprensa), Fausto Peraza (mecânico, imprensa) e Ramón Conejo (carpinteiro, imprensa)¹⁹.

Esse grupo funcionava como um comitê de relações anarquistas no movimento operário. Responsável pela propaganda sindical na Costa Rica e também pela comunicação internacional com organizações relacionadas com a AIT, organiza um boletim chamado *Acción Social*, do qual apenas dois números são publicados. De acordo com seus estatutos, o comitê tinha “uma fundação social revolucionária”, portanto a organização não seguiu os protocolos de registro legal²⁰. Entre as atividades do comitê temos registros de sua participação numa campanha de solidariedade com as vítimas de um acidente ferroviário no rio Virilla. Em solidariedade com essa tragédia, o grupo de trabalhadores La Vanguardia colaborou com o Progreso de Honduras. Em maio de 1926, enviou um comunicado em solidariedade com a greve geral na Inglaterra. No mês de junho, participaram de uma campanha de solidariedade com os camponeses e os pequenos agricultores da Costa Rica, denunciando os problemas da legislação sobre a colonização agrícola. O grupo também se pronunciou contra os empréstimos estrangeiros e a concentração de terras nas mãos de empresas transnacionais. Finalmente, o grupo favoreceu a organização de atividades culturais destinadas às famílias da classe trabalhadora, como a noite artística organizada conjuntamente com a professora Lila Ramos no clube Victor Hugo²¹.

¹⁷ *La Protesta*, Buenos Aires, 14 de agosto de 1928, p. 3.

¹⁸ Bernardo Merino García, um antigo militante anarquista em Cuba, que Julio Díaz parecia conhecer, era membro do grupo editorial do jornal. Ele teve algumas discussões com ele sobre a Revolução Russa e, apesar das diferenças entre eles, o jornalista Merino deu espaço no jornal para Julio Díaz publicar vários de seus artigos sobre “unidade dos trabalhadores e anti-imperialismo”. IHS. DIEGO ABAD DE SANTILLÁN PAPERS. **Correspondencia por orden alfabético**. Julio Díaz 1925-1926, p. 23. *La Prensa*, San José, 19 de abril de 1926, p. 4; 20 de abril de 1926, p. 4.

¹⁹ *La Prensa*, San José, 26 de março de 1926, p. 4.

²⁰ *La Prensa*, San José, 27 de março de 1926, p. 1; *La Protesta*, Buenos Aires, 8 de novembro de 1926, p. 6.

²¹ *La Tribuna*, San José, 13 de maio de 1926, p. 7; 9 de setembro de 1926, p. 8; 21 de outubro de 1926, p. 9; *Diario de Costa Rica*, San José, 6 de junho de 1926, p. 5.

Em suas relações com o movimento operário costarriquenho, o comitê promoveu atividades fora da política eleitoral. A comissão participou da diretoria da Universidade Popular com Fausto Peraza como delegado²². A maioria de seus membros eram militantes sindicais que vieram da experiência do Conselho Provincial do Trabalho, que reuniu os sindicatos da capital. Segundo o que o padeiro Luis Bonilla disse a Julio Díaz, o conselho veio substituir a falta de atividade da *Federación Obrera Costarricense* (FOCR), quando a CGT se desintegrou para formar o Partido Reformista. No final de 1926, o Comitê de Ação Social deixou de funcionar, e vários de seus membros fundaram a *Agrupación Obrera de Estudios Sociales Hacia La Libertad*, em 1928, que fez parte da ACAT²³.

Depois da Costa Rica, Díaz começou seu retorno pelo porto de Guayaquil, de onde foi expulso para Callao, no Peru. Lá ele pôde fazer propaganda em Lima, onde estabeleceu uma polêmica com os anarquistas simpatizantes do sindicalismo revolucionário. Em seguida, ele continuou seu retorno para Buenos Aires via Bolívia. A viagem continental de Julio Díaz nos permitiu mostrar as articulações que estavam acontecendo entre os grupos simpatizantes da AIT na América Central. Segundo a avaliação de Díaz, seu maior sucesso organizacional foi em El Salvador, embora houvesse avanços na comunicação na Nicarágua, na Costa Rica e na Guatemala. Embora esses contatos não pudessem se reunir no Congresso do Panamá, em 1925, suas relações foram mantidas através da CGT e da FORA. Os problemas financeiros e a repressão estavam entre os fatores que dificultaram esse trabalho de organização. A outra grande barreira enfrentada pelos anarquistas foi a feroz competição ideológica do movimento operário²⁴.

Além desses fatores, houve também problemas internos que dividiram o movimento anarquista argentino. Ao retornar, Julio teve de enfrentar alguns desses questionamentos, tanto de grupos rivais como de alguns dos sindicatos da FORA. A *Sociedad de Resistencia de Obreros Carpinteros* criticou as posições do Conselho Federal e do La Protesta, ao projetar sua ortodoxia pessoal nas relações externas da organização. Isso ficou claro nos depoimentos escritos e nos relatórios orais de Díaz, que basicamente não considerava nenhuma das organizações que ele visitou como anarquista, com exceção da CGT mexicana²⁵.

Com todas as críticas e reservas, o fato é que a viagem continental atraiu mais interesse de grupos anarquistas simpatizantes da AIT para seus camaradas da América Central.

²² *La Tribuna*, San José, 30 de outubro de 1926, p. 4; *La Prensa*, San José, 8 de novembro de 1926, p. 3.

²³ *La Protesta*, Buenos Aires, 18 de janeiro de 1927, p. 3; 19 de janeiro de 1927, p. 3.

²⁴ *La Protesta*, Buenos Aires, 14 de agosto de 1928, p. 3.

²⁵ *El Carpintero y Aserrador*, Buenos Aires, maio de 1927, p. 6; setembro de 1927, p. 2.

Eles conseguiram tornar conhecidas suas lutas e propaganda além de suas fronteiras. Uma dessas chaves foi o jornal *La Protesta* que, apesar de todas as críticas internas e externas, foi o único jornal anarquista do mundo a manter uma circulação diária. O jornal aumentou sua cobertura do contexto centro-americano a partir de 1925 e manteve um intercâmbio contínuo com grupos da Costa Rica, de El Salvador e da Guatemala.

5.2 A ideologia e as lutas da ACAT

Apesar das muitas dificuldades, a FORA e a CGT mexicana continuaram seus esforços para convocarem o congresso revolucionário que daria origem à seção continental da AIT. A CGT aprovou, em seu sexto congresso, recursos específicos para tal esforço e elegeu seu secretário-geral, Enrique Rangel, como seu delegado. No caso da FORA, ela criou uma comissão de propaganda internacional e o secretariado de relações internacionais para organizar melhor esse trabalho. A data foi marcada para maio de 1929, em Buenos Aires, com a presença de delegações e observadores dos Estados Unidos, do México, da Guatemala, da Costa Rica, da Bolívia, do Peru, do Chile, do Brasil, da Argentina e do Uruguai. Além disso, também viajou uma delegação do secretariado da AIT e do Bureau Internacional Antimilitarista²⁶.

Quanto à presença centro-americana, ela foi representada diretamente pelo guatemalteco Manuel Bautista Grajeda, delegado do *Comité Pro Acción Sindical*. Sua viagem se tornou uma turnê de propaganda em conjunto com Enrique Rangel, da CGT mexicana. A viagem deles partiu do porto de Veracruz, parando em Nova Iorque, Havana e Rio de Janeiro. Nesses portos, eles aproveitaram a oportunidade para trocar impressões com os companheiros de cada lugar. O jornal *Cultura Proletaria* escreveu um relatório sobre essa visita a Nova Iorque e se comprometeu a servir de elo entre as organizações centro-americanas e a comunidade de língua espanhola nos Estados Unidos²⁷.

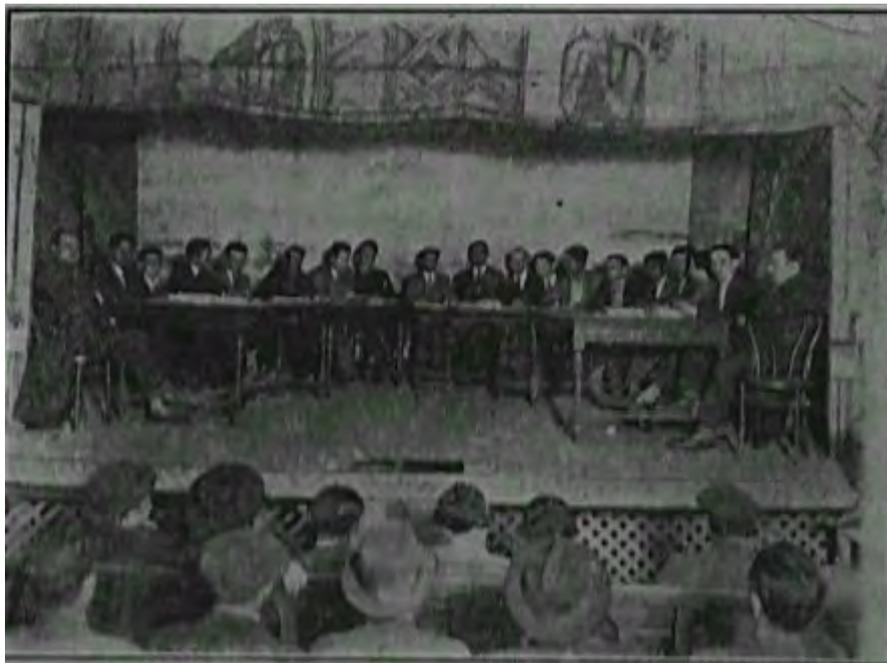
A composição das delegações no congresso mostra a diversidade do encontro, composto por federações sindicais, centros sociais, grupos de propaganda e jornais anarquistas. Sete organizações estiveram presentes com delegações diretas (Argentina, Paraguai, Bolívia, México, Guatemala, Brasil e Uruguai) e quatro indiretamente (Bolívia, Peru, Costa Rica e os

²⁶ BAENA PAZ, *La Confederación General de Trabajadores (1921-1931). Antología*, p. 59–60. *Organización Obrera*, Buenos Aires, janeiro de 1929, p. 7; *La Protesta*, Buenos Aires, 12 de junho de 1928, p. 2.

²⁷ *Cultura Proletaria*, New York, 20 de abril de 1929, p. 3.

Estados Unidos). Também estavam presentes como observadores os militantes da IWW chilena, Armando Triviño e P. Ortuzar, naquela época no exílio²⁸.

Imagem 10. Delegações no congresso fundador da ACAT



Fonte: *La Continental Obrera*, Buenos Aires, julho de 1929, p. 3.

A agenda apresentada pela FORA foi dividida em três aspectos principais: 1) princípios, doutrina e tática; 2) estrutura organizacional; e 3) estudos e problemas gerais. No primeiro ponto, o socialismo libertário foi afirmado como a doutrina da organização baseada na abolição do Estado, na superação do capitalismo e na libertação do povo de sua condição de assalariado. Os métodos de luta seguem a inspiração da Primeira Internacional, de confronto direto contra a classe exploradora, e recorrem a táticas sindicais, tais como greve, boicote e sabotagem. A organização rejeita qualquer tipo de arbitragem e intervenção do Estado nas relações entre as classes sociais. Derivado desse princípio, rejeita qualquer participação em órgãos estatais, portanto, também critica as alianças com organizações de trabalhadores que seguem uma tática eleitoral e parlamentar²⁹.

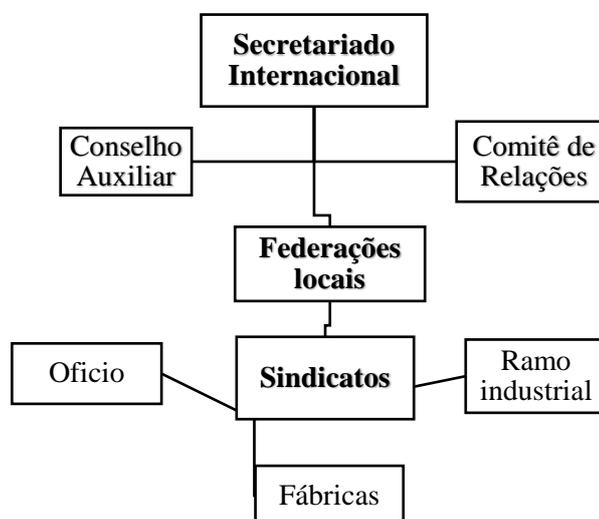
²⁸ **Congreso constituyente de la ACAT**, Buenos Aires: Ediciones de la A.C.A.T., 1930, p. 7–8.

²⁹ *Ibid.*, p. 9–12.

No finalismo ideológico, o comunismo anárquico é recomendado, embora a organização não estabeleça um modelo econômico específico a se seguir. O caminho para atingir esse objetivo é a revolução social, incluindo os instrumentos da insurreição armada, a ação grevista, e todo o repertório de ações que preparam a classe trabalhadora para administrar a sociedade e abolir sua condição de classe.

Em sua estrutura organizacional, a ACAT assume o legado federalista construído pelo anarquismo desde o século XIX. A base da organização são os indivíduos que, na sociedade capitalista, são constituídos como assalariados e produtores, que aderem voluntariamente à organização. A partir dessa base, formam-se sindicatos que, dependendo da realidade econômica de cada lugar, podem ser constituídos por ofícios, ramo industrial e fábricas. As relações territoriais e econômicas dos sindicatos formam federações locais que elegem um órgão de administração. Essa diretoria é composta por um secretariado de três pessoas e um conselho auxiliar composto por uma delegação de cada organização filiada (Figura 6)³⁰.

Figura 6. Estrutura organizativa da ACAT



Fonte: Elaboração própria.

³⁰ *Ibid.*, p. 12.

Essa estrutura organizacional era flexível, pois, na verdade, existiam poucas organizações presentes que fossem suficientemente grandes para seguir essa orientação. Apenas a Argentina, o Uruguai e o México eram realmente confederações sindicais, as outras eram compostas por federações locais, centros operários e sindicatos independentes. Congressos eram realizados a cada três anos e um sistema de financiamento voluntário foi criado segundo o modelo da FORA. Desse dinheiro, uma contribuição foi para a AIT, outra para a propaganda da ACAT e finalmente uma terceira para o fundo de socorro internacional.

A primeira secretaria foi instalada em Buenos Aires, composta por Manuel Villar (secretário de correspondência), José Berenguer (tesoureiro) e Emilio López Arango (secretário de imprensa). Todos esses militantes estavam ligados à FORA e ao jornal *La Protesta*³¹. Para dar continuidade ao trabalho de organização, foram fundados o jornal *La Continental Obrera*, uma tipografia e um arquivo do movimento operário. O jornal foi publicado com alguns problemas entre 1929 e 1935. Em seu primeiro ano, foi financiado pela FORA e distribuído gratuitamente. A partir de 1930, foi vendido por 10 centavos, já que a FORA decidiu continuar com seu próprio jornal, o *Organización Obrera*. Imprimiu 10.000 exemplares por mês e teve que ser suspenso devido ao golpe militar na Argentina, entre setembro de 1930 e 1932. Durante esse intervalo, sua edição foi impressa nas cidades de Montevideu e Santiago do Chile. Entre 1933 e 1935, a CGT chilena assumiu sua publicação em caráter permanente³².

O jornal foi o principal instrumento de relacionamento da ACAT, divulgando relatórios e notícias de todas as suas organizações afiliadas. Foi também enviado a grupos anarquistas de outros países não afiliados, tais como Cuba, Panamá, Colômbia e Equador. A censura aplicada ao correio de diferentes países dificultou sua circulação, o que foi evitado com o envio de notícias a outros jornais semelhantes. O jornal *Cultura Proletaria*, em Nova Iorque foi um desses meios de comunicação que ajudou a fazer circular os comunicados da ACAT na América do Norte, no Caribe e na América Central³³.

³¹ *La Continental Obrera*, Buenos Aires, julho de 1929, p. 10. Em 1930, o padeiro Emilio López Arango foi assassinado em frente de sua casa por um grupo anarquista rival, com o qual tinha várias controvérsias a respeito da doutrina, da ação e da ética do movimento. Diego Abad de Santillán assumiu o cargo de secretário de imprensa da ACAT, da Arango. *Verbo Rojo*, Ciudad de México, janeiro de 1930, p. 2.

³² *La Continental Obrera*, Buenos Aires, abril – maio de 1930, p. 3; FEDERACIÓN OBRERA REGIONAL ARGENTINA, **Memoria. Actas y acuerdos. Reunión regional de delegados celebrada en Rosario**, Buenos Aires: FORA, 1934, p. 32–34.

³³ Vários governos proibiram a circulação da imprensa da ACAT através do serviço postal. Censura e apreensões foram relatadas no México e no Chile. *La Continental Obrera*, Buenos Aires, abril-maio de 1930, p. 26.

Mapa 15. Organizações filiadas à Associação Continental Americana de Trabalhadores, 1929–1932



Fonte: *La Continental Obrera* (Buenos Aires, Montevideo, Santiago de Chile), *Servicio de Prensa de la AIT* (Berlín).

A fim de fortalecer a propaganda, a ACAT fundou sua própria editora e publicou cinco folhetos entre 1929 e 1931: 1. *Congreso constituyente de la ACAT*; 2. *Problemas actuales del anarquismo*, de Rudolf Rocker; 3. *Emilio López Arango, su vida y su obra*, de Diego Abad de Santillán; 4. *Reseña del movimiento obrero moderno*, de Augustin Souchy; e 5. *Contra la guerra en América, Bolivia y Paraguay*. Esse trabalho editorial foi complementado pelas edições do *La Protesta*, que mantinham um catálogo maior. Alguns destes folhetos foram

usados para campanhas organizadas pela ACAT, como o estudo de Diego Abad de Santillán sobre a jornada de trabalho de 6 horas³⁴.

Quanto ao arquivo da ACAT, ele não pôde ser mantido devido ao golpe militar de setembro de 1930, na Argentina, pelo general Uriburu. Sua documentação foi apreendida e depois queimada, de acordo com Diego Abad de Santillán em suas memórias³⁵. A única parte preservada foi a documentação pessoal de Santillán enquanto vivia em Berlim, entre 1922 e 1926, e os documentos enviados ao secretariado da AIT e aos militantes europeus. A coleção mais completa está sob a custódia do Instituto Internacional de História Social em Amsterdã e espalhada nos jornais de organizações afins³⁶.

Os temas em discussão no congresso da ACAT foram: 1. Desemprego e a jornada de trabalho de 6 horas; 2. Imigração e o problema do campesinato; 3. Reação, guerra e ditaduras; e 4. Relações internacionais com as organizações operárias. O estudo sobre o desemprego foi baseado em um trabalho anterior de Diego Abad de Santillán, preparado para o congresso da AIT em Leija, em 1925. Ele argumentava que a crise mundial do emprego se devia à combinação da racionalização da indústria capitalista e sua concentração corporativa na forma de monopólios e associações financeiras. Dada essa peculiaridade, os custos foram transferidos para a classe trabalhadora forçada ao desemprego, ao trabalho à peça e à competição profissional. A resolução do AIT, diante desses problemas, foi a luta pelo dia de 6 horas, a fim de aumentar a empregabilidade, aceitando mesmo reduções salariais em alguns casos³⁷.

As resoluções da ACAT sobre esse problema nas Américas seguiram as recomendações feitas pela AIT. Esse problema estava diretamente ligado à imigração, especialmente na América do Sul, onde os governos mantinham políticas de atração de imigrantes europeus a fim de colonizar as terras dos povos indígenas e competir com salários com os trabalhadores das cidades. O Congresso recomendou que os afiliados informassem as pessoas interessadas sobre as condições sociais, econômicas e políticas de cada país, a fim de evitar a reprodução desse ciclo de pobreza³⁸.

No caso do campesinato, a ACAT reconhecia esse setor como parte indispensável do proletariado revolucionário do continente. Foi recomendada uma enquete internacional

³⁴ Tive acesso a todas as publicações da ACAT na coleção do IIHS, em Amsterdã, com exceção da biografia de Emilio Lopez Arango.

³⁵ ABAD DE SANTILLÁN, Diego, **Memorias (1897-1936)**, Barcelona: Planeta, 1977, p. 358.

³⁶ IIHS. IWMA Archives. A documentação da AIT, entre 1922 e 1961, é incompleta. Dentro disso, algumas circulares, panfletos e atas pertencentes à ACAT. <https://search.iisg.amsterdam/Record/ARCH00658>

³⁷ ABAD DE SANTILLÁN, Diego, **La jornada de seis horas**, Tercera edición. Buenos Aires: Editorial La Protesta, 1928; **Congreso constituyente de la ACAT**, p. 48–63.

³⁸ **Congreso constituyente de la ACAT**, p. 17–18. *La Continental Obrera*, Buenos Aires, julho de 1929, p. 6.

sobre o assunto, a fim de canalizá-lo teoricamente e coletar dados sobre a realidade de cada país. Embora nenhuma resolução específica tenha sido emitida, os delegados da Guatemala, do México, da Bolívia e do Paraguai comentaram sobre a importância do assunto³⁹. Isso era óbvio, uma vez que nesses países os camponeses e os povos indígenas prevaleceram como as principais forças produtivas. A CGT mexicana já havia incorporado os sindicatos, as federações e as cooperativas do campo à sua estrutura em 1925, enquanto na Guatemala e na Bolívia as organizações anarquistas estavam preocupadas em incorporar os povos indígenas ao seu movimento. A imprensa anarquista paraguaia incluiu em suas páginas seções escritas em Guaraní para incentivar essa relação⁴⁰.

O problema do militarismo, da guerra e da reação recebeu atenção especial, pois consumiu a maioria dos esforços e recursos. Tanto na Europa quanto na América, prevaleceu a ascensão do fascismo e dos governos militares, e o movimento operário foi constantemente ameaçado. Na discussão, foram incluídas as lições aprendidas após a Primeira Guerra Mundial e a centralidade do antimilitarismo como prática militante e orientação propagandística das organizações anarquistas. O repertório de ações ia desde a educação pacifista das crianças, o boicote à indústria de armas e a deserção do exército. No caso americano, isso incluiu os constantes conflitos fronteiriços, como Bolívia-Paraguai e Honduras-Guatemala, onde a ACAT concentrou seus esforços para impedir a participação do movimento operário em confrontos militares⁴¹.

Outra particularidade na leitura do continente foi o problema do imperialismo norte-americano, que estava frequentemente associado aos conflitos fronteiriços, às ocupações militares e à exploração de recursos estratégicos. Essa situação tornou a região um lugar apropriado para a formação de um movimento anti-imperialista que, segundo a leitura anarquista, era fundamentalmente liberal e nacionalista. Portanto, embora reconhecendo a legitimidade dessa luta, insistiu em seu diálogo com a ideologia internacionalista, cosmopolita e antiestatista. O conteúdo das campanhas da ACAT sobre esse assunto seguiu essas orientações⁴².

³⁹ *Ibid.*, p. 19–22.

⁴⁰ BAENA PAZ, **La Confederación General de Trabajadores (1921-1931). Antología**, p. 71–77. Entre 1921 e 1926, a revista quinzenal *Renovación* de Asunción tinha uma coluna escrita em guaraní.

⁴¹ **Congreso constituyente de la ACAT**, p. 35; ASOCIACIÓN CONTINENTAL AMERICANA DE LOS TRABAJADORES, **Contra la guerra en América. Bolivia y Paraguay**, Montevideo: Ediciones de la A.C.A.T., 1931.

⁴² **Congreso constituyente de la ACAT**, p. 35. Apesar das diferenças marcantes, era comum encontrar materiais gráficos e ilustrações retiradas de publicações da Liga Anti-Imperialista das Américas (LADA) na imprensa filiada à ACAT.

Enquanto a ACAT defendia uma posição mais fechada em suas alianças sindicais, promovia uma ação mais heterodoxa em frentes de luta fora do mundo estritamente sindical. A organização promoveu relações com grupos e indivíduos dos movimentos estudantis, intelectuais e culturais que lutaram contra o fascismo, o militarismo, as ditaduras e os obstáculos ao livre pensamento. Algumas dessas campanhas foram a libertação do anarquista Simon Radowitzky, o auxílio aos anarquistas e sindicalistas russos, e a luta contra as ditaduras no Chile, no Peru e na Guatemala. A organização também enviou delegados ao congresso de professores americanos em Montevideu, em 1930⁴³.

O último ponto de discussão refere-se às relações internacionais. As resoluções da ACAT sobre esse assunto seguiram as orientações adotadas pela AIT anos antes. Elas defenderam um movimento sindical com uma orientação anarquista, que incluía as diferentes variantes organizativas. Dependendo do país, essas estratégias no movimento operário foram chamadas de sindicalismo revolucionário, anarcossindicalismo ou simplesmente federalismo anarquista. A FORA defendeu este último modelo, que a diferenciava da maioria das organizações filiadas à AIT⁴⁴. Embora durante toda a preparação do congresso os delegados da FORA tenham defendido essa orientação para todo o órgão continental, no final as resoluções aprovadas incluíam um modelo mais em sintonia com a AIT⁴⁵.

As principais diferenças eram com os comunistas russos e com a IWW dos Estados Unidos. Com relação aos primeiros, a ACAT dirigiu propaganda contra as tentativas de Moscou de enquadrar o movimento operário latino-americano conforme os parâmetros da Internacional Comunista. Este foi um momento vital em 1929, quando o congresso fundador da Confederação Sindical Latino-Americana estava sendo organizado em Montevideu. O mais evidente foi a resolução emitida em Moscou para combater as tendências anarquistas no movimento operário. Os relatórios do Bureau do Caribe e da América do Sul são bastante esclarecedores sobre as táticas utilizadas para afastar o anarquismo da liderança do movimento operário⁴⁶. Por outro lado, essa política coincidiu com uma preocupação crescente da COMINTERN de estender sua influência na América Latina. Essa linha foi interpretada pela ACAT como uma luta frontal, de

⁴³ Durante esse período, Julio Díaz foi enviado em uma viagem de propaganda à Bolívia para reforçar a campanha contra a guerra com o Paraguai. *La Continental Obrera*, Buenos Aires, março de 1930, p. 14 -15.

⁴⁴ ARANGO LÓPEZ, Emilio; ABAD DE SANTILLÁN, Diego, **El anarquismo en el movimiento obrero**, Barcelona: Cosmos, 1925.

⁴⁵ Dentro da Federación Obrera Provincial San Juanina havia uma posição pouco encorajadora sobre a ACAT, pois se acreditava que o congresso renunciou ao finalismo doutrinário da FORA. No contexto da fundação da organização, foi reconhecido que o esforço estava atrasado e que o prestígio internacional da FORA estava em declínio. *Verbo Nuevo*, San Juan, 1 de outubro de 1929, p. 4.

⁴⁶ JEIFETS, Victor; SCHELCHKOV, Andrey (Orgs.), **La Internacional Comunista en América Latina. En documentos del archivo de Moscú**, Santiago de Chile: Ariadna Ediciones, 2018.

modo que sua resolução era romper qualquer tipo de relação com o bolchevismo e informar em sua imprensa sobre as condições de exploração do povo russo⁴⁷.

Quanto às relações com a IWW, as diferenças já existiam desde o início de 1919, quando a liderança de sua secretária de Chicago foi assumida pelos comunistas. De acordo com Matt Johnson, convidado pela CGT mexicana para o congresso do Panamá, em 1925, nesse contexto havia uma divisão interna promovida pela tática de agentes de Moscou que promovia uma maior centralização da organização e sua separação de qualquer referência ao movimento anarquista. Aqueles que permaneceram ligados ao “industrialismo puro” publicaram outro jornal chamado *Industrial Unionist*, em Portland, trabalhando na linha de um programa de emergência. As seções da IWW no México e no Chile seguiram essa corrente mais próxima do anarquismo e mantiveram suas críticas sobre a noção de ditadura do proletariado⁴⁸.

A FORA manteve uma crítica radical da IWW por sua neutralidade ideológica; contudo, manteve relações mais abertas com a seção chilena. No congresso da ACAT, a resolução a respeito dessa organização foi um tanto ambígua. O tom das críticas foi mais moderado do que nos anos anteriores, reconhecendo sua importância no movimento operário estadunidense, mas abrindo as possibilidades de relações com outras organizações fora de sua esfera de influência. Esse foi um problema importante, já que a reivindicação continental da organização não podia excluir as organizações dos Estados Unidos. Na prática, a relação da ACAT foi mantida com o grupo de redação da *Cultura Proletaria* em Nova Iorque, onde convergiram anarquistas hispano-americanos de várias tendências⁴⁹.

Finalmente, podemos dizer que a ACAT chegou em um momento em que o anarquismo estava perdendo influência no movimento operário latino-americano. Isso se deveu a uma combinação de problemas internos, à competição ideológica com correntes adversas e à constante instabilidade política do continente. Apesar disso, a organização continuou a funcionar entre 1929 e 1935, aumentando seu número de membros em El Salvador e na Bolívia, e mantendo grupos de afinidade no Panamá, na Colômbia e no Equador. Embora suas bases mais importantes no México e na Argentina tenham sofrido mudanças devido à repressão e às divisões internas, a CGT chilena assumiu a liderança da organização entre 1933 e 1935.

⁴⁷ *La Continental Obrera*, Buenos Aires, septiembre de 1929, p. 7. POY, Working Class Politics and Labour Internationalism in Latin America: An Overview of Labour International Organisations in the Region During the Interwar Period (1919–1939), p. 177–180.

⁴⁸ IHS. DIEGO ABAD DE SANTILLÁN PAPERS. Secretariado de la AIT. **Correspondencia José C. Valadés**. Outubro de 1925. p. 78-79.

⁴⁹ Para um estudo detalhado das tendências internas na IWW em América Latina, ver COLE, Peter; STRUTHERS, David M.; ZIMMER, Kenyon, **Wobblies of the World: A Global History of the IWW**, London: Pluto Press, 2017.

No caso da América Central, foi a primeira vez que conseguiram, ainda que em pouco tempo, um espaço dentro de uma confederação propriamente anarquista. Guatemala, El Salvador e Costa Rica foram seus principais redutos organizacionais, que sofreram danos irreparáveis com a onda repressiva de 1932. Isso se tornou um massacre popular em El Salvador que exterminou mais de 30.000 pessoas e o golpe de Estado na Guatemala que levou à prisão da maioria dos militantes do *Comité Pro Acción Sindical*. Na Costa Rica, o refluxo se deu através da competição com os comunistas que, após fundarem o partido em 1931, conseguiram ganhar a liderança do movimento sindical. A seguir, apresentaremos a trajetória dessas organizações e suas principais lutas.

5.3 O anarcossindicalismo centro-americano e a esfera internacional

A participação de organizações centro-americanas na ACAT foi possível graças a um trabalho permanente de comunicação e propaganda, a partir de 1925. Jornais, correspondências, viagens e campanhas conjuntas foram os principais recursos com os quais os grupos anarquistas da região entraram na esfera internacional. Nesse trabalho, havia vários indivíduos que funcionavam como articuladores organizacionais. Esses foram Manuel Bautista (Guatemala), Víctor Recoba (Costa Rica), Clodomiro Rubins (El Salvador) e Óscar Alfaro (Panamá). Eles eram militantes dos grupos de afinidade da ACAT e estavam encarregados de recolher dinheiro, escrever relatórios, enviar artigos para a imprensa e distribuir a literatura recebida do exterior.

Durante esse período, havia apenas dois órgãos de imprensa anarquistas, *Orientación Sindical*, na Guatemala, e *Germinación*, na Costa Rica, que publicaram apenas alguns números entre 1928 e 1930. A maioria dos acordos e das informações circulava através da imprensa da AIT na Europa, da CGT no México, da FORA na Argentina e do jornal *Cultura Proletária* nos Estados Unidos. Entre esses grupos existiam alianças e amizades construídas conjuntamente por viagens de propaganda, migração, correspondência e exílio. Essa mobilidade explica em parte o conhecimento local e internacional que esses militantes possuíam através da experiência pessoal. Era também comum que alguns deles transitassem temporariamente pelas organizações e pelos órgãos de imprensa de vários países. Aqui estão alguns exemplos.

Manuel Bautista era guatemalteco, sendo delegado do congresso da ACAT com Enrique Rangel, da CGT mexicana. Ele se reuniu pessoalmente com todas as delegações e

realizou várias reuniões de organização no seu retorno à Guatemala. Víctor Recoba era um anarquista peruano que trabalhou no Canal do Panamá e depois se juntou à CGT mexicana, onde fez várias viagens de propaganda à América Central. Após sua expulsão do Peru, ele se estabeleceu na Costa Rica. Clodomiro era o pseudônimo do guatemalteco Lino Sea Salguero, que viajava constantemente a El Salvador e respondia à maior parte da correspondência internacional. Finalmente, Óscar Alfaro foi o principal contato no Panamá e permaneceu como correspondente de imprensa e organizador na cidade de Colón e na capital⁵⁰.

Organizacionalmente, esses militantes atuaram no movimento operário em seus países de residência, por centros sociais, sindicatos e grupos de afinidade. Entre 1929 e 1935, foram filiados à ACAT, ao *Comite Pro Acción Sindical* (CPAS) na Guatemala, à *Agrupación Obrera de Estudios Sociales “Hacia la Libertad”* na Costa Rica e ao *Centro Sindical Libertario* em El Salvador. No Panamá, o grupo *Nuevos Rumbos* foi formado brevemente, embora não tenha conseguido uma presença sindical estável. Todas essas organizações surgiram na COCA e estavam em constante disputa com grupos comunistas locais.

5.3.1 Pela ação sindical na Guatemala

Na Guatemala, a origem do CPAS veio do grupo Nueva Senda, em 1926, que começou como um centro de estudos sociais. Envolveu trabalhadores que haviam deixado a FROG e se dedicaram ao estudo de ideias anarquistas e ao trabalho conjunto com grupos em outros países. Conforme um comunicado, o grupo começou com quatro pessoas e chegou a cinquenta membros em 1928. Suas atividades internacionais se concentraram na coleta de dinheiro para financiar literatura anarquista e na colaboração com comitês de prisioneiros em várias localidades. Seu principal meio de comunicação foi o jornal *Cultura Proletaria*, de Nova Iorque. Através desse meio, enviaram um comunicado em solidariedade aos anarquistas

⁵⁰ Os historiadores guatemaltecos Omar Lucas e Arturo Taracena haviam levantado a possibilidade de que Clodomiro Rubins fosse o pseudônimo do argentino Julio Díaz. No entanto, a análise de novas fontes prova que esse era de fato o nome sob o qual o militante guatemalteco Lino Zea Salguero escreveu. Pudemos verificar esse pseudônimo através das revelações do próprio autor, que enviou uma carta denunciando sua perseguição pela polícia guatemalteca e salvadorenha. Ele foi um organizador do CPAS e esteve em contato constante com militantes salvadorenhos do FRTS, onde se deslocou várias vezes para fugir da polícia. Ele manteve sua atividade sindical com seu irmão Margarito Zea Salguero. TARACENA ARRIOLA; LUCAS MONTEFLORES, **Diccionario biográfico del movimiento obrero urbano de Guatemala, 1877-1944**, p. 125, 280. *Cultura Proletaria*, New York, 19 de octubre de 1929, p. 2; 11 de octubre de 1930, p. 3.

cubanos presos pelo governo Machado e enviaram dinheiro para ajudar a reavivar a publicação do *El Libertario* e do *Tierra*, em Havana⁵¹.

Entre 1926 e 1931, cerca de 242 dólares em doações foram enviados semanalmente para o semanário de Nova Iorque. Esse dinheiro foi usado para pagar as assinaturas do jornal, comprar livros e financiar o Comitê Pró-Presos. Através desse sistema de doação, o grupo recebeu subscrições de outros jornais, como: *La Protesta* (Buenos Aires), *La Revista Blanca* (Barcelona), *Verbo Rojo* (Cidade do México), *Avante* (Monterrey), *Sagitario* (Tamaulipas) e *Paso* (Cidade do México). Essas publicações foram lidas nas dependências do grupo, que funcionava como biblioteca, e também foram distribuídas gratuitamente às pessoas interessadas. Em 1928, o grupo informou manter regularmente 90 assinaturas para o jornal *Cultura Proletaria*⁵².

Essa colaboração entre grupos dos Estados Unidos, do México e da Guatemala vinha se desenvolvendo desde o início dos anos 20. Na assembleia dos grupos anarquistas hispânicos nos Estados Unidos, essa posição foi ratificada com base num acordo de colaboração com a CGT mexicana para fortalecer a propaganda anarquista no Caribe e na América Central. Isso se materializou através da visita conjunta de Bautista e Rangel ao congresso da ACAT, em Buenos Aires, e do espaço fornecido pelo *Cultura Proletaria* para a publicação de informações da América Central. Alguns dos artífices dessa colaboração nos Estados Unidos eram trabalhadores veteranos do Canal do Panamá, como foi o caso do galego Jesús Louzara (Rudolf Lone)⁵³.

Por outro lado, as páginas do *Cultura Proletaria* deram espaço permanente às atividades de seus camaradas guatemaltecos. Os principais correspondentes foram Manuel Bautista, Lino Zea e Nicolás Mendoza. Eles enviaram vários relatórios sobre a trajetória do movimento operário no país e sobre a situação política local. Uma característica constante desses relatórios foi a violência com que o governo guatemalteco lidou com a mobilização popular. Algumas dessas medidas foram a repressão das greves, a espionagem da liderança dos trabalhadores, a expulsão dos militantes estrangeiros e o estado de sítio. Embora a ditadura de Estrada Cabrera tivesse caído em 1920, o aparelho repressivo não parece ter mudado muito⁵⁴.

⁵¹ *Cultura Obrera*, New York, 6 de novembro de 1926, p. 3.

⁵² As doações foram registradas na seção chamada Pro Cultura Proletária, em sua última página. *Cultura Proletaria*, New York, 5 de maio de 1928, p. 3.

⁵³ *Cultura Proletaria*, New York, 1 de junho de 1929, p. 1.

⁵⁴ Alguns dos anarquistas e sindicalistas estrangeiros expulsos da Guatemala entre 1926 e 1930 foram: Nicolás Gutarra (peruano), Jaime Pascual Domenech (catalão), Julio Antonio Mella (cubano), Luis Arévalo (mexicano) e Esteban Pavelich (peruano).

Essa situação convenceu os membros do grupo Nueva Senda a entrar no mundo sindical, “através da luta fora da lei, do governo e de qualquer reconciliação entre capital e trabalho”⁵⁵. Essas difíceis condições obrigaram o grupo a permanecer semiclandestino, já que a maioria de suas atividades públicas era constantemente monitorada.

Em uma assembleia, os membros do centro decidiram fundar vários sindicatos autônomos. Na fundação desses sindicatos participaram 1.500 pessoas, entre as quais se encontravam trabalhadores da carpintaria, alfaiates e pedreiros. Dentre esses três sindicatos, foi assinado um pacto de solidariedade, segundo o modelo do “comunismo anárquico”. Cada um dos sindicatos elegeu vários delegados que juntos formaram o *Comité Pro Acción Sindical* (CPAS), em 1928, como um conselho de administração. Depois de alguns meses, a organização conseguiu incorporar mais três sindicatos constituídos por sapateiros, curtidores, metalúrgicos e entregadores de jornais. Além disso, foi fundado um Comitê Pró-Presos e o grupo Nueva Senda foi mantido como centro de estudos e biblioteca. A organização concordou em se filiar à AIT de Berlim e em seguir as táticas de luta do anarcossindicalismo⁵⁶.

Para expandir essa organização sindical, foi fundado o jornal *Orientación Sindical*, editado por Víctor Guzmán, em formato de oito páginas, quinzenais. Os correspondentes foram estabelecidos em várias cidades da Guatemala, sendo enviados pelo correio para a Alemanha, a Espanha, o México e a Argentina. A fim de expandir a organização, foram feitas várias viagens de propaganda ao porto de San José, Escuintla e Retalhuleu. Neste lugar foi fundado um sindicato que nomeou como secretário de correspondência Lino Salguero. Embora os trabalhadores ferroviários e portuários fossem favoráveis, eles não puderam formar sindicatos devido à repressão. Em 1929, o governo criou uma legislação especial para combater o “bolchevismo”, que levou à prisão dos dirigentes do CPAS, ao fechamento de suas instalações e à proibição da distribuição de seu jornal⁵⁷.

Através desses sindicatos, o CPAS teve em vista unir os trabalhadores do campo, principalmente nas plantações de café e de cana de açúcar. Esse era um objetivo prioritário que havia sido discutido nas assembleias da organização e na imprensa. Ao mesmo tempo, significava diálogo com as comunidades indígenas, que constituíam a maioria do campesinato do país. De acordo com Lino, Zea e Henio, suas turnês pelo campo lhes permitiram experimentar as condições de miséria e pobreza dessas comunidades. Em geral, o sistema de

⁵⁵ *Cultura Obrera*, New York, 6 de março de 1926, p. 3; 17 de abril de 1926, p. 2.

⁵⁶ *Cultura Proletaria*, New York, 5 de maio de 1928, p. 3.

⁵⁷ *Cultura Proletaria*, New York, 10 de novembro de 1928, p. 3; 2 de fevereiro de 1929, p. 3; *Orientación Sindical*, 1 de junho de 1928, p. 3; 15 de junho de 1928, p. 2; *La Continental Obrera*, Buenos Aires, setembro de 1929, p. 8-9.

trabalho era organizado através da coerção e do endividamento, onde os trabalhadores eram pagos por cupons que só funcionavam nas lojas das fazendas. Outros problemas eram o alcoolismo e a violência interna, que afetava particularmente as mulheres que trabalhavam ao lado de crianças durante 14 horas por dia⁵⁸.

Essas questões foram levantadas por Manuel Bautista no congresso da ACAT. Em sua apresentação, ele disse que os camponeses indígenas constituíam a maioria da classe trabalhadora guatemalteca, que deveria ser a base da organização sindical. No entanto, ele reconheceu que o trabalho organizativo do CPAS foi dificultado pela diversidade linguística das comunidades e seu sistema de trabalho sazonal nas fazendas. Isso representava desafios, pois as organizações tinham que se articular com base nessas particularidades locais e culturais⁵⁹.

Quanto ao relacionamento entre o CPAS e as comunidades indígenas, o historiador Omar Lucas argumentou haver uma relação débil condicionada por três fatores: 1) o racismo estrutural prevalente na sociedade guatemalteca; 2) a constante repressão do governo ao movimento sindical; e 3) a predominância dos mestiços urbanos nas fileiras do anarquismo local. A combinação desses fatores dificultou o trabalho, inclusive no movimento sindical, embora, ao mesmo tempo, a organização tenha incorporado a noção de campesinato indígena em seu discurso e em suas atividades⁶⁰. A chave era colaborar na organização sindical e, simultaneamente, compreender a importância da defesa territorial e da pertença à comunidade como base para a resistência contra o capitalismo. Embora isso não pudesse ser desenvolvido, o CPAS mostrou abertura para colaborar nessa reflexão.

Quanto a participação das mulheres nos sindicatos afiliados ao CPAS, temos poucas evidências de sua incorporação como afiliadas. No entanto, a imprensa da organização publicou denúncias sobre as condições de trabalho a que as trabalhadoras estavam expostas no comércio da capital. As condições das mulheres rurais também foram denunciadas em diversos comícios, enfatizando a “necessidade de organizá-las, de lutar por sua educação e emancipação”⁶¹. Nas listas de doações internacionais não há assinaturas de mulheres, embora sejam evidentes suas participações em atividades públicas, como comícios, manifestações e eventos culturais. Na

⁵⁸ *Cultura Obrera*, New York, 9 de abril de 1927, p. 3; *Cultura Proletaria*, New York, 15 de dezembro de 1928, p. 4.

⁵⁹ *La Protesta*, Buenos Aires, 18 de maio de 1929, 19 de maio de 1929, 23 de maio de 1929, 31 de maio de 1929.

⁶⁰ LUCAS MONTEFLORES, Omar, *Anarchism and the Indigenous Peoples of Guatemala: A Tenuous Relation*, *Anarchist Studies*, v. 28, n. 2, p. 76–92, 2020.

⁶¹ *Orientación Sindical*, Ciudad de Guatemala, 15 de junho de 1928, p. 6; 15 de julho de 1928, p. 8.

manifestação do 1º de maio de 1929, a polícia da Cidade da Guatemala prendeu várias mulheres por participarem da atividade⁶².

Apesar de todas as restrições, as mulheres conseguiram se organizar nas dependências do comércio, das fábricas de vestuário e das fazendas de café. Costureiras, vendedoras e colhedoras de café foram bastante ativas entre 1925 e 1929. Estas últimas conseguiram organizar um sindicato e iniciar um conflito para melhorar suas condições de trabalho⁶³. Durante a onda de repressão de Jorge Ubico, entre 1931 e 1932, muitas delas foram presas, acusadas de serem “comunistas”, e suas fotos foram expostas na imprensa com referências ao demônio e às bruxas, a fim de punir publicamente sua ruptura com o papel tradicional que lhes foi dado pela sociedade cristã⁶⁴.

Nas crônicas de viagem dos anarquistas Julio Díaz (argentino) e Eduard Bertrán (francês) há algumas chaves para entender essa invisibilidade das mulheres no movimento operário. Ambos concordam que as ruas das cidades da América Central estavam cheias de mulheres e crianças trabalhando em todo tipo de atividade informal. Uma das mais prevalentes foi a prostituição e o comércio de rua. Nesse sentido, o local de trabalho se expande para lugares que são difíceis de serem tomados pela organização sindical. Por outro lado, as famílias também são entendidas como lugares de exploração, onde o horário de trabalho das mulheres é ampliado⁶⁵.

Desse balanço organizativo, podemos dizer que a base social mais importante do CPAS estava na cidade, embora mantivessem comunicação com o campo. Suas principais exigências imediatas foram a formação de sindicatos, o aumento dos salários, o estabelecimento da jornada de oito horas de trabalho e a liberdade de expressão e de reunião. Essas exigências foram alcançadas por meio de ações diretas, rejeição de qualquer colaboração com o Departamento do Trabalho e disputa constante com os comunistas. Isso os colocou em um terreno de conflito permanente dentro e fora do movimento operário.

A rivalidade com os comunistas era interna ao movimento sindical, uma vez que o CPAS foi formado através dos sindicatos dissidentes do FROG. As comemorações do 1º de

⁶² LUCAS MONTEFLORES, *Mujeres en la conformación del incipiente sindicalismo revolucionario en Guatemala, 1920-1932*.

⁶³ CARRILLO PADILLA, Ana Lorena, *Sufridas hijas del pueblo: la huelga de las escogedoras de café de 1925 en Guatemala*, *Mesoamérica*, v. 15, n. 27, p. 93–126, 1994.

⁶⁴ LUCAS MONTEFLORES, *Mujeres en la conformación del incipiente sindicalismo revolucionario en Guatemala, 1920-1932*. As fotos das mulheres presas foram publicadas na revista da Polícia Nacional, com desenhos de demônios e monstros simulando cenas do inferno e da destruição da sociedade. *La Gaceta*. Revista de Policía de Variedades, Cidade da Guatemala, 1º de fevereiro de 1932; 7 de fevereiro de 1932. Sou grato ao historiador Omar Lucas por me enviar um exemplar digital desta revista.

⁶⁵ CARRILLO PADILLA, *Sufridas hijas del pueblo*.

maio foram também uma oportunidade para mostrar as diferenças entre as duas tendências, como foi o caso nos anos de 1929 e 1931. No plano internacional, essas diferenças foram transferidas para os congressos de Buenos Aires e Montevideu de 1929, onde foram criadas as duas confederações sindicais rivais do continente. Na correspondência trocada das atividades, foram realizadas reclamações contra os delegados do congresso. Mas também houve aproximações pessoais e organizativas, especialmente na época da repressão do governo⁶⁶.

No âmbito da ACAT, o CPAS foi a organização mais ativa na região da América Central, tanto em sua presença internacional quanto na sua atividade sindical. No jornal *La Continental Obrera*, as condições do movimento guatemalteco foram geralmente comparadas com as da Bolívia, tanto pela presença indígena e camponesa de sua população como pela constante violência do Estado. Do mesmo modo, as denúncias dos camaradas guatemaltecos foram usadas na campanha internacional contra a reação, que incluiu os conflitos fronteiriços Guatemala-Honduras e Bolívia-Paraguai. No primeiro caso, no centro da disputa territorial estavam os interesses das empresas de banana Cuyamel Fruit Company e United Fruit Company, que tiveram enorme influência na política de cada um dos países⁶⁷.

Manuel Bautista e Benjamín Amaya eram membros do comitê de assistência do secretariado da ACAT. A través deles, o CPAS também participou da campanha para libertar o anarquista Simon Radowitzky da prisão de Ushuaia, na Argentina, enviando dinheiro e publicando manifestos de protesto⁶⁸. A mesma linha foi seguida em relação aos presos anarquistas em Cuba e à ditadura de Machado. O Secretariado do CPAS protestou contra a morte do líder comunista cubano Julio Antonio Mella, que havia sido expulso algum tempo antes da Guatemala por seu trabalho militante⁶⁹.

Na imprensa da AIT em Berlim, o CPAS enviou vários relatórios sobre as táticas utilizadas pelo governo guatemalteco para combater o movimento sindical. Algumas delas foram para declarar um estado de sítio em que todas as garantias individuais, como liberdade de reunião, de imprensa e de trânsito, foram suspensas. Isso aconteceu em 1929, 1931 e 1932.

⁶⁶ Nas celebrações do 1º de maio de 1929, anarquistas e comunistas realizaram eventos separados. Houve confrontos verbais contra a **Federación Obrera para la Protección del Trabajo** e a polícia reprimiu a manifestação, culpando os primeiros por incitarem à violência. LUCAS MONTEFLORES, **La Senda Libertaria. Nacimiento y desarrollo del anarquismo en Guatemala**, p. 153–162. *La Continental Obrera*, Buenos Aires, junio de 1930, p. 12. SECRETARIADO SUDAMERICANO DE LA INTERNACIONAL COMUNISTA, **Importancia de la primera conferencia comunista latinoamericana. Resoluciones adoptadas por la misma**, Buenos Aires: La correspondencia Sudamericana, 1929.

⁶⁷ *La Continental Obrera*, Buenos Aires, setembro de 1929, p. 8-9; dezembro de 1929, p. 16.

⁶⁸ *La Continental Obrera*, Buenos Aires, febrero de 1930, p. 9; *Orientación Sindical*, Ciudad de Guatemala, 1 de junio de 1928, p. 3.

⁶⁹ *La Continental Obrera*, Buenos Aires, março de 1930, p. 12; *Cultura Proletaria*, New York, 22 de março de 1930, p. 4.

Por outro lado, era proibido publicar na imprensa do país qualquer notícia relacionada com o movimento operário bem como a constante infiltração de agentes policiais em reuniões, assembleias e comícios. Outro ponto destacado foi a constante colaboração com a CGT mexicana que, por sua proximidade geográfica e ideológica, foi quem mais contribuiu em recursos econômicos e organizacionais e de colaboração pessoal com o CPAS. Em seu relatório de 1931, o Secretariado da AIT informou que o CPAS tinha um quadro de 2.000 membros ativos. Em comparação, esses números eram maiores que os das organizações sindicais dos Países Baixos, da Noruega e da Bélgica⁷⁰.

Podemos dizer que o CPAS canalizou seus contatos internacionais para fortalecer seu trabalho interno e manter uma presença externa constante. Em termos organizacionais, suas principais ligações foram com grupos nos Estados Unidos (Federação dos grupos anarquistas de língua espanhola), no México (CGT e Hermanos Rojos) e em El Salvador (Centro Sindical Libertario). Outro elemento que contribuiu para sua propaganda foi a presença de militantes estrangeiros que aderiram à organização, tais como Nicolás Gutarra (peruano), Luis Arévalo (mexicano) e Jaime Pascual (espanhol). Eles trouxeram suas experiências sindicais anteriores e ampliaram seus contatos internacionais.

Fora do CPAS, o outro núcleo anarquista estava na cidade de Jutiapa através do grupo *Liberto Anarco* (liberdade anarquista em esperanto), fundado por um imigrante alemão que havia vivido na Argentina conhecido como “Burro Rabí”. Esse lugar era estratégico, por estar situado muito perto da fronteira com El Salvador e servir de ponto de encontro entre militantes dos dois países. Essa via foi usada por Lino Salguero para escapar da repressão depois do 1º de maio de 1929. Segundo seu relato, vários camaradas do CPAS perseguidos pela polícia se reuniram em Jutiapa para tentar refúgio na América do Sul, o que não foi possível. Ele também usou essa rota para ir a El Salvador e informar sobre as disputas internas na FRTS⁷¹.

⁷⁰ *IWMA News Service*, Berlín, 16 de outubro de 1929, p. 10; 21 de agosto de 1930, p. 5; 4 de maio de 1931, p. 1.

⁷¹ Segundo o depoimento do comunista salvadoreño Miguel Ángel Ibarra, havia em Jutiapa um grupo anarquista com cerca de 30 membros, entre os quais El Burro Rabí, Rafael Contreras, Crescencio Vázquez, Pedro Vacaro, Francisco Izquierdo e Concepción Rodríguez. IBARRA, Miguel Ángel, **Cafetos en flor**, Ciudad de México: [s.n.], 1947, p. 153–155; TARACENA ARRIOLA; LUCAS MONTEFLORES, **Diccionario biográfico del movimiento obrero urbano de Guatemala, 1877-1944**, p. 98,176,276. Eles se corresponderam com o anarquista mexicano Librado Rivera, que enviava seu jornal à Jutiapa. *Avante*, Villa Cecilia, Tamaulipas, 15 de junho de 1928, p. 4; 1 de outubro de 1928, p. 4.

5.3.2 O sindicalismo libertário em El Salvador

Em suas crônicas assinadas com Clodomiro Rubins, Lino Zea escreve sobre as condições miseráveis em que viveu o povo salvadorenho. De acordo com suas observações, um grande número deles eram camponeses sem terra obrigados a trabalhar nas plantações de café durante a época da colheita. Durante a estação chuvosa, os trabalhos de colheita caíram, de modo que emigraram para a Guatemala para trabalharem em outras fazendas. Dada essa importância do trabalho agrícola, Lino considerava que o trabalho de organização deveria se concentrar na formação de sindicatos camponeses. Essa tarefa foi desempenhada pela FRTS, que aumentou sua presença no campo a partir de 1927, formando sindicatos de vários ofícios. Nesse trabalho de organização, foram dadas palestras sobre a doutrina anarquista e o movimento sindical internacional⁷².

A partir de 1928, os comunistas que militavam na federação formularam uma estratégia para ocupar a liderança da organização e expulsar dela aqueles que consideravam reformistas e anarquistas. Dado o crescimento da organização ao nível sindical, a ideia era controlar sua liderança a fim de estabelecer contato com os comitês locais do Partido Comunista que estavam sendo formados. O primeiro momento decisivo foi o envio de uma delegação da FRTS ao congresso de Montevideú, em 1929⁷³.

Depois que o congresso da FRTS recebeu os relatórios da delegação, foi decidido que faria parte da Confederação Sindical Latino-Americana, o que deu impulso à estratégia interna dos comunistas para assumir a liderança da FRTS. Essa divisão foi oficializada no 4º congresso da organização, em 1930, onde os anarquistas não puderam participar dos debates. As resoluções desse evento foram a expulsão dos dirigentes que haviam colaborado com o governo e dos anarquistas, seguindo as orientações da Secretaria do Bureau do Caribe, que era a sede da Internacional Comunista (CI) na região⁷⁴.

Segundo relatórios enviados pelo comunista mexicano Jorge Fernandez Amaya, encarregado do trabalho ideológico da IC em El Salvador e na Guatemala, a FRTS tinha entre 4.000 e 7.000 membros com 13 sindicatos afiliados. Esses números são aproximados, incluindo as organizações rurais e urbanas⁷⁵. Após a divisão da FRTS, os sindicatos dissidentes formaram

⁷² *Cultura Proletaria*, New York, 5 de outubro de 1929, p. 4.

⁷³ *Cultura Proletaria*, New York, 19 de outubro de 1929, p. 3.

⁷⁴ *Cultura Proletaria*, New York, 12 de julho de 1930, p. 2. Esta estratégia foi confirmada pelo testemunho do comunista salvadorenho Miguel Mármol. DALTON, Miguel Marmol. **Los sucesos de 1932 en El Salvador**, p. 128–132.

⁷⁵ COMINTERN. Buró del Caribe: actas e informes. 9 de abril de 1931, p. 2-3. <https://archivorebelde.org/search>

sua própria confederação chamada *Centro Sindical Libertario* (CSL). O secretário de correspondência dessa nova organização foi Enrique Conde, que enviou comunicados ao secretariado da ACAT e a organizações afins⁷⁶. Antes da criação do CSL, a *Unión de Tejedores de San Salvador*, a primeira organização do país afiliada à ACAT, já havia se separado da FRTS. Seu secretário de comunicações foi Agustín Cruz Pérez, que solicitou que fosse enviada propaganda libertária para fortalecer o trabalho educativo da organização⁷⁷.

Temos poucas informações sobre o trabalho interno dos anarquistas na FRTS. Os únicos testemunhos diretos são de militantes comunistas da América Central e da Internacional Comunista. Segundo um dos mais conhecidos, o salvadorenho Miguel Mármol, nos primeiros dias da organização, os trabalhadores anarquistas eram bastante ativos. Eles tinham suas bases no artesanato urbano e contavam com bons oradores e organizadores, como Gumersindo Ramírez, Raúl B. Monterrosa, Gerardo Elías Rivas e Manuel Peña Pineda. Alguns deles também participaram como delegados na COCA, como foi o caso de Virgilio Alvarado Chacón, que havia sido o principal contato dos propagandistas da CGT mexicana e da FORA Argentina⁷⁸.

Segundo Mármol, esses líderes estavam bem relacionados a organizações internacionais, principalmente na Guatemala, no México, na Espanha e na Argentina. Seu discurso antieleitoral foi bem recebido pelos camponeses, o que se tornou a força da organização com o passar do tempo. Um dos principais instrumentos para a educação interna foi a fundação da Universidade Popular, onde foram realizados cursos de treinamento e discussões durante a noite. O jornal do educador Alberto Masferrer, chamado *Patria*, publicava constantemente as atividades da FRTS, que mantinha a Universidade Popular com a colaboração de professores e estudantes⁷⁹.

As universidades populares receberam grande impulso durante a Revolução mexicana, como um projeto de extensão cultural e alfabetização liderado pelo pedagogo José Vasconcelos. Em alguns casos, a Embaixada do México financiou projetos semelhantes em países vizinhos. Em El Salvador foi mantida pela FRTS, e assim foi reconhecida nos

⁷⁶ *La Continental Obrera*, Buenos Aires, agosto de 1930, p. 3; *Cultura Proletaria*, New York, 12 de junho de 1930, p. 2.

⁷⁷ *La Continental Obrera*, Buenos Aires, junho de 1930, p. 12.

⁷⁸ CHING, Eric; RAMÍREZ, José Alfredo, El Salvador y la Revolución rusa (1917-1932), **Anuario de Estudios Centroamericanos**, v. 43, p. 287, 2017; ALEMÁN, José, La FRTS y el centro sindical libertario: anarquismo e intelectualidad obrera en el salvador (1924-1930); DALTON, Miguel Mármol. **Los sucesos de 1932 en El Salvador**, p. 218–220.

⁷⁹ *Patria*, San Salvador, 3 de maio de 1928, p. 2; 21 de dezembro de 1928, p. 1; 7 de janeiro de 1930, p. 1; 19 de janeiro de 1930, p. 1; 18 de julho de 1930, p. 3.

testemunhos dos dirigentes operários como um espaço vital para sua formação política. Entretanto, eles mesmos desenvolveram críticas ao conteúdo “patriótico e burguês” de alguns cursos ministrados por professores da classe média urbana. Nesse caso, J. Mateo López escreveu da cidade de San Miguel para a anarquista Librado Rivera, no México. Em sua carta, ele criticava a falta de debates sobre a “questão social” e o “socialismo internacional”, e pedia a Rivera material pedagógico para preencher essa lacuna. Nos depoimentos do comunista Miguel Mármol, foi elaborada uma crítica no mesmo sentido⁸⁰.

Outra característica importante da FRTS foi a organização das mulheres, principalmente entre as vendedoras ambulantes, as camponesas e as trabalhadoras de fazendas. O apoio à luta de Sandino na Nicarágua também foi constante, como a organização do carnaval em Sonsonate, em 1929, onde alguns dos carros alegóricos foram denominados “Alerta Pueblo Latino”, “Patria y Libertad” e “Viva Sandino”. Finalmente, a FRTS também desenvolveu um valioso trabalho de organização nas comunidades indígenas de Izalco, onde mais tarde foi organizada uma revolta popular que foi brutalmente reprimida em janeiro de 1932⁸¹.

Com relação às atividades do *Centro Sindical Libertario*, temos registros de que mantinham um local de reunião e uma biblioteca para os sindicatos afiliados. Vários de seus dirigentes também foram oradores regulares nas comemorações do 1º de maio. Este evento, como havia acontecido na Guatemala, permaneceu um lugar de tensão com os comunistas. A partir de 1931, sua atividade se tornou cada vez mais difícil, devido às medidas governamentais de proibição de toda propaganda revolucionária e à constante perseguição ao movimento camponês⁸².

Quanto a seus contatos internacionais, o CSL manteve relações com grupos no México (CGT e Hermanos Rojos), nos Estados Unidos (grupo Cultura Proletaria), na Guatemala (CPAS) e na Argentina (ACAT e FORA). Pela imprensa desses grupos, identificamos subscrições das cidades de San Salvador e San Miguel, entre 1928 e 1932. Esses foram os principais canais de comunicação, utilizados pelo grupo para solicitar propaganda e divulgar suas atividades. Do grupo Cultura Proletaria, o anarquista francês Eduard Bertran (pseudônimo de Leon Rodriguez) foi enviado como propagandista à América Central, em 1931. Ele deixou Nova Iorque e visitou todos os países da América Central até a Costa Rica, onde

⁸⁰ *Avante*, Tamaulipas, 15 de junho de 1928, p. 2. DALTON, Miguel Mármol. **Los sucesos de 1932 en El Salvador**, p. 101–102.

⁸¹ *Patria*, San Salvador, 1 de novembro de 1928, p. 1; 19 de fevereiro de 1929, p. 6; 22 de agosto de 1929, p. 3.

⁸² *Patria*, San Salvador, 27 de julho de 1930, p. 8; *Servicio de Prensa de la ACAT*, Montevideo, junho de 1931, p. 3.

permaneceu por alguns meses em 1932. Desta visita temos os últimos registros sobre os camaradas salvadorenhos⁸³.

A viagem de Bertran foi parte de um projeto para fundar colônias agrícolas anarquistas na América Central e para fortalecer os contatos do jornal *Cultura Proletaria*. Embora pessoalmente não estivesse muito interessado no sindicalismo, seus principais contatos na Guatemala e em El Salvador foram os anarquistas que militavam na CPAS e no CSL. Bertran chegou à Guatemala em setembro de 1931, quando o general Jorge Ubico já estava no poder, de modo que todas as suas reuniões tiveram de ser realizadas clandestinamente⁸⁴.

Quando chegou em San Salvador, encontrou condições semelhantes, de modo que não pôde agir publicamente. Nessa cidade, ele viu muita pobreza e mendicância nas ruas. A maioria de seus contatos eram camaradas sindicalistas que organizavam reuniões em casas seguras. Segundo as conversas que teve, os principais problemas do país foram a ditadura e o estado de sítio. Essa política repressiva foi combinada com um “discurso trabalhista” que, ao mesmo tempo em que atacava o movimento operário, o cooptava. Aqui, o viajante se refere ao governo do ex-Presidente Araujo, que afirmou publicamente ter sido influenciado pelos trabalhistas britânicos⁸⁵.

Apesar dessas difíceis condições, Bertran foi recebido com carinho e entusiasmo. Ele elogiou a atitude determinada de seus camaradas salvadorenhos e especialmente seu trabalho de organização entre os camponeses e as comunidades indígenas. Para ele, como para os visitantes anteriores, a base do anarquismo na América Central tinha de estar no campo e entre os camponeses indígenas, e ele não via como muito produtiva a tentativa de conquistar os intelectuais e os instruídos. Essa conclusão contradizia sua própria experiência na França e nos Estados Unidos, onde ele havia concentrado sua militância entre os setores letrados. Em suas próprias palavras:

⁸³ *Cultura Proletaria*, New York, 4 de abril de 1931, p. 1; 11 de abril de 1931, p. 1. Leon Rodríguez tratava-se de um anarquista francês de tendência individualista e ilegalista, cuja atividade militante é registrada já em 1892. Ele foi preso várias vezes por falsificação de dinheiro e em 1912 foi acusado de ser colaborador do grupo de anarquistas ligados a Bonnot, quando tentou vender títulos roubados por este último. Ele foi deportado de vários países e nos anos 20 se estabeleceu em Nova Iorque, de onde viajou para vários países da América Latina. Em 1934, ele foi preso em seu caminho pela Venezuela e permaneceu na prisão até 1935. Voltou então à França e lá viveu até sua morte, ocorrida em 1969. **RODRÍGUEZ, Léon, Armand « BERTRAND » ; “E. BERTRAN” — [Dictionnaire international des militants anarchistes]**, disponível em: <<http://militants-anarchistes.info/spip.php?article5205>>. acesso em: 11 fev. 2022. THOMAS, Bernard, **La Belle époque de la Banda de Bonnot**, Euskal Herria: Txalaparta, 2000.

⁸⁴ *Cultura Proletaria*, New York, 5 de setembro de 1931, p. 2.

⁸⁵ *Cultura Proletaria*, New York, 17 de outubro de 1931, p. 2.

Cometi tantos erros em minha vida que não pude contá-los, e um deles foi acreditar que as ideias anarquistas não eram dirigidas aos mais oprimidos do proletariado, mais àqueles elementos que gozam de um relativo bem-estar, o que lhes permitiu pensar um pouco mais. Vendo a miséria e a opressão por aqui, e a ansiedade dos trabalhadores em receber nossa palavra, tenho que mudar de opinião sobre a questão.⁸⁶

A visão de Bertrán introduz alguns elementos interessantes, como o papel desempenhado pelo colonialismo interno e o problema da terra na América Central. Segundo Bertran, o problema da região não era o suposto atraso de seus povos, mas as contradições da civilização capitalista que expropriavam a maior parte de suas terras e a possibilidade de viver com dignidade. Apesar dessas duras condições, ele destaca em todas as suas crônicas o espírito de amabilidade e cordialidade que encontrou em todas as cidades que visitou na Guatemala, em El Salvador e em Honduras. Por outro lado, ele analisa a psicologia das classes dirigentes, compostas por proprietários de terras, comerciantes e banqueiros; nelas, prevalece o desprezo pelas classes populares e a imitação de tudo o que vem da Europa⁸⁷.

Além de seus contatos e análises de suas viagens na região, as crônicas de Bertrán publicadas no *Cultura Proletaria* testemunham um período particularmente violento para o movimento operário. Em suas viagens, ele pôde ver como a repressão foi coordenada na Guatemala, em El Salvador e em Honduras usando a suposta “conspiração comunista” para o assassinato indiscriminado. De seus contatos, ele chegou à conclusão de que a maioria havia sido presa ou forçada a fugir para escapar da morte. Foi o caso do correspondente Juan Pablo Wainwright, em Honduras, membro ativo do *Socorro Vermelho Internacional* e o principal distribuidor do jornal *Cultura Proletaria* em seu país⁸⁸.

Finalmente, a repressão iniciada no início de 1932, na Guatemala e em El Salvador, atingiu níveis de terror que tornariam esses acontecimentos um dos mais importantes traumas históricos da região. Com maior intensidade em El Salvador, esses acontecimentos ficaram conhecidos como “o massacre de 1932”, pois o número de mortos ultrapassou 30.000 em um país de menos de 2 milhões de pessoas. Embora os planos insurrecionais do Partido Comunista tenham desempenhado um papel na mobilização popular, eles não foram a única força envolvida. Todo o movimento operário foi afetado, com ênfase especial para os setores

⁸⁶ *Cultura Proletaria*, New York, 31 de outubro de 1931, p. 2.

⁸⁷ *Cultura Proletaria*, New York, 16 de abril de 1932, p. 3.

⁸⁸ *Cultura Proletaria*, New York, 12 de dezembro de 1931, p. 2.

camponeses e indígenas. Apesar das diferenças internas entre anarquistas e comunistas no movimento sindical, a repressão não discriminou as tendências políticas⁸⁹.

As últimas notícias que temos de anarcossindicalismo nesses países são precisamente os testemunhos dessa repressão publicados no jornal *Cultura Proletaria*⁹⁰. Embora na narrativa da polícia todos fossem comunistas, os anarquistas não escaparam à repressão. Alguns foram baleados, outros foram presos ou forçados ao exílio. Da lista das pessoas detidas, conseguimos identificar Enrique Conde do CSL e Manuel Bautista Grajeda da CPAS⁹¹. No caso de El Salvador, depois de 1932, não encontramos mais vestígios de organizações anarquistas, enquanto na Guatemala alguns dos antigos membros da CPAS fundaram o grupo *Los Libertarios*, em 1944, quando foram libertados da prisão⁹².

5.3.3 Grupo Rumo à Liberdade da Costa Rica

Na Costa Rica, a conexão com a ACAT foi feita através da *Agrupación Obrera de Estudios Sociales “Hacia La Libertad”* (Rumo à Liberdade), fundada em 1928. Ao contrário de El Salvador e da Guatemala, essa organização não reunia sindicatos, mas funcionava como um grupo de afinidade e um centro social. Sua formação coincidiu no tempo com a proposta de reorganização da CGT costarriquenha, iniciada em 1927, com uma orientação sindicalista revolucionária. Na confederação, reuniram-se trabalhadores de tendências comunistas e anarquistas e membros do partido reformista, que propuseram nos estatutos da CGT a luta contra o capitalismo, o imperialismo e a religião. A luta de classes foi reconhecida como uma

⁸⁹ Há uma abundante bibliografia sobre esse assunto, que se aprofundou na pluralidade de atores envolvidos na tentativa insurrecional. GOULD, Jeffrey L.; LAURIA-SANTIAGO, Aldo A., **To rise in darkness: Revolution, repression, and memory in El Salvador, 1920–1932**, Durham: Duke University Press, 2008; CHING, Eric, In Search of the Party: The Communist Party, the Comintern, and the Peasant Rebellion of 1932 in El Salvador, **The Americas**, v. 55, n. 2, p. 204–239, 1998; CHING, Eric Kristofer; LÓPEZ BERNAL, Carlos Gregorio; TILLEY, Virginia, **Las masas, la matanza y el martinato en El Salvador: ensayos sobre 1932**, 1a ed. San Salvador: Universidad Centroamericana, 2007; BENITEZ, Pablo, El Salvador, 1932: Los cofrades insurrectos. Herencia corporativa colonial en la sociedad salvadoreña, **Observatorio Latinoamericano**, v. Dossier El Salvador, n. 9, p. 31–42, 2012.

⁹⁰ *Cultura Proletaria*, New York, 6 de febrero de 1932, p. 2

⁹¹ Para o caso salvadorenho, veja a lista de militantes registrados como comunistas pela polícia em 1931, onde aparecem gênero e endereço. Muitos membros do FRTS aparecem aqui. AGUILUZ VENTURA, **Las primeras conexiones político obreras entre México y El Salvador: comunistas, redes obreras y diplomacia, 1919-1931**, p. 107–112. Para Guatemala revisar *La Gaceta*. Revista de Policía de Variedades, Ciudad de Guatemala, 1 de fevereiro de 1932; 7 de fevereiro de 1932.

⁹² *Tierra y Libertad*, Ciudad de México, 10 de noviembre de 1945, p. 3; 25 de noviembre de 1945, p. 3.

tática revolucionária, e a necessidade de uma revolução social como único caminho para a emancipação da classe trabalhadora⁹³.

Essa confluência é evidente na eleição do comitê organizador com a participação de Fausto Peraza (mecânico da Costa Rica), Carlos Monge (carpinteiro da Costa Rica), Jorge Vivó (secretário auxiliar da Confederação Obrera de Cuba), Ricardo Falcó (tipógrafo catalão), Adolfo Braña (mecânico das Astúrias) e Juan Rafael Pérez (padeiro da Costa Rica). A maioria deles havia participado de grupos de afinidade anarquistas e estava em contato com o secretariado da AIT, em Berlim, e com a Internacional Vermelha, em Moscou. O debate doutrinário e a estrutura organizacional da CGT foi desenvolvida pelo cubano Jorge Vivó em sua coluna “tópicos proletários”, no jornal *La Prensa*. Sua proposta era seguir a estrutura organizacional da IWW com base nos sindicatos da indústria e nas federações locais⁹⁴. Outras questões importantes eram incorporar o anticlericalismo, o anti-imperialismo e incluir as mulheres nos sindicatos, embora sem que elas mesmas formassem organizações específicas⁹⁵.

Acompanhando esse debate doutrinário estava o jornal *La Lucha*, que retomou em suas páginas o slogan da IWW: “Organização, educação e emancipação”. Foi fundado por trabalhadores da cidade de Heredia e tornou-se brevemente o porta-voz da CGT, quando foi formalmente constituída em 1928. A variedade ideológica também ficou evidente no grupo de redação desse jornal, que incluía Jorge Vivó (cubano), Juan Stahl (porto-riquenho) e Joaquín Calvo Zumbado (alfaiate costarriquenho). Os dois primeiros foram reconhecidos pela Embaixada dos Estados Unidos como líderes operários comunistas e oradores qualificados. No caso de Calvo, ele era alfaiate estabelecido na cidade de Heredia e secretário do grupo Vanguardia Proletaria, um grupo de estudo que subscreveu o jornal *Cultura Proletaria* em Nova Iorque. Outro caso é o do padeiro Luis Badilla, um conhecido anarquista que foi membro da diretoria da CGT na cidade de Puntarenas⁹⁶.

⁹³ *La Lucha*, Heredia, 12 de octubre de 1927, p. 3. NARA. **Records of the Department of State relating to internal affairs of Costa Rica, 1910-1929**. Despatch no. 1078, 11 de noviembre de 1927. Esse relatório inclui uma cópia do jornal *La Lucha*, os estatutos da CGT e um relato de seus princípios e principais dirigentes.

⁹⁴ JEIFETS, Víctor; JEIFETS, Lazar, *La odisea roja. Varias líneas al retrato político de Jorge Vivó d’Escoto*, **Revista CS**, p. 167–200, 2014.

⁹⁵ *La Prensa*, San José, 19 de setembro de 1927, p. 4; 20 de setembro de 1927, p. 5; 21 de setembro de 1927, p. 5; 22 de setembro de 1927, p. 5; 23 de setembro de 1927, p. 5; 24 de setembro de 1927, p. 5; 26 de setembro de 1927, p. 5; 27 de setembro de 1927, p. 5; 28 de setembro de 1927, p. 5; 29 de setembro de 1927, p. 5; 1 outubro de 1927, p. 5; 4 de outubro de 1927, p. 6.

⁹⁶ NARA. **Records of the Department of State relating to internal affairs of Costa Rica, 1910-1929**. Despatch no. 1078, 11 de novembro de 1927. Os membros do grupo *Vanguardia Proletaria* eram Yannaula, Sanchez, Zamora, Kalivo, Hernandez, Chaveni, Chavez, Bermudez, Matamoros e J. Calvo. *Cultura Proletaria*, New York, 16 de junho de 1928, p. 4; 18 de agosto de 1928, p. 4.

Essa confluência de militantes dentro da CGT mostra que o sindicalismo revolucionário foi um instrumento que permitiu a unidade tática de diferentes tendências internas. Isso significa, em termos concretos, que a prática divisória promovida pela FORA durante a turnê de Julio Díaz não foi adotada. Isso é evidente, uma vez que a maioria dos contatos de Díaz estava precisamente participando desse processo de reorganização da CGT. Ao mesmo tempo, esse processo organizacional coincidiu com as críticas internas desenvolvidas no Partido Reformista, que estava comprometendo seu programa socialista ao entrar no congresso. Isso poderia explicar a incorporação das cláusulas contra a participação eleitoral e religiosa na CGT.

As principais lutas desenvolvidas durante esse processo foram as greves dos alfaiates, dos empregados das companhias de eletricidade e a campanha pela liberação de Sacco e Vanzetti⁹⁷. A organização também incorporou ao campesinato e ao proletariado rural, especialmente nas cidades portuárias de Limón e Puntarenas. Quanto à filiação internacional, a CGT tomou um rumo diferente, com um setor decidindo aderir à Confederação Sindical Latino-Americana e outro à ACAT. A posição majoritária era a primeira, de modo que foi decidido mudar o nome da organização para *Unión General de Trabajadores* (UGT), em 1930.

O grupo ligado à ACAT não conseguiu enviar um delegado direto, mas este foi representado no congresso por uma carta enviada por Víctor Recoba. Esse anarquista peruano seria o secretário de relações externas do grupo “Hacia la Libertad” e o editor da revista *Germinación*. A presença internacional do grupo seguiu os mesmos canais que os outros agrupamentos da América Central. O elo principal foi o jornal *Cultura Proletaria*, de Nova Iorque. Entre 1928 e 1932, cerca de US\$ 150,00 foram enviados pelo grupo para distribuição a outros jornais, como: *Avante* (Monterrey), *La Protesta* (Buenos Aires), *Verbo Rojo* (Cidade do México), *Luz y Acción* (Guayaquil) e *Tierra* (Havana). Através desse meio, o grupo também apoiou a impressão do jornal de Nova Iorque, comprou livros e apoiou as campanhas do Comitê Pró-Presos⁹⁸.

Através da revista *Germinación*, publicada entre 1929 e 1930, o grupo organizou seu sistema de intercâmbio e distribuição. A publicação foi destinada a servir como um instrumento educacional e de divulgação, embora seu alcance seja difícil de medir, dado que apenas um exemplar sobreviveu. Todos os seus artigos foram assinados por pseudônimos que

⁹⁷ Para protestar contra o assassinato de Sacco e Vanzetti, foi formado o Centro Socialista Costa-riquenho. Para uma análise detalhada ver OLIVA MEDINA, *Ensayos de historia intelectual.*, p. 207–230.

⁹⁸ *Cultura Proletaria*, New York, 30 de junho de 1928, p. 4; 18 de agosto de 1928, p. 3; 1 de setembro de 1928, p. 4; 20 de outubro de 1928, p. 4; 16 de março de 1929, p. 4; 18 de maio de 1929 p. 4; 2 de novembro de 1929 p. 4; 28 de junho de 1930 p. 4; 14 de novembro de 1931 p. 4.

já havíamos identificado no jornal *La Lucha*, da CGT, como “Zenón de Expósito” e “Mephisto”. Seu editor Víctor Recoba usou o nome “Artemio”, usado anteriormente em sua militância na CGT mexicano.

Quanto à composição de seus membros, identificamos cerca de 150 nomes reunidos a partir de listas de subscrições enviadas por Recoba à imprensa anarquista. Entre eles estavam trabalhadores costarriquenhos, italianos e espanhóis. Alguns deles eram Genaro Pentacolo e Roco Libero Anele, sapateiros italianos registrados pelo governo fascista como anarquistas subversivos, com um extenso dossiê policial alimentado pelo consulado italiano em San José⁹⁹. No caso dos espanhóis, participava o asturiano Adolfo Braña, que havia sido militante da CNT na Espanha, líder do Partido Reformador e da CGT. Mais tarde, ele se tornaria um militante do Partido Comunista.

Dos outros nomes identificados, temos antigos dirigentes da CGT, como Luis Bonilla, Patricio Ortiz e Juan de Dios López. Entre as mulheres, estavam Belén Melquiades, Mercedes González e María Mena. Quanto às ocupações dos participantes, havia padeiros, sapateiros, mecânicos, carpinteiros, pedreiros, alfaiates e costureiras. Estes pertenciam a seus respectivos sindicatos, dentro dos quais procuravam fortalecer suas posições e sua influência através da ação e da educação com seus colegas de trabalho. Nesse sentido, a maioria de seus membros decidiu participar simultaneamente de várias organizações.

A participação do grupo *Hacia la Libertad* na ACAT foi marcada por três questões principais: o problema do desemprego, as críticas à repressão e a disputa com os comunistas¹⁰⁰. A primeira foi parte da crise do capitalismo mundial em 1929. No caso da Costa Rica, sua economia estava fortemente ligada ao mercado internacional através do café e da banana. A maioria de sua população continuou a viver no campo e a trabalhar nesse setor. Ao mesmo tempo, na década de 1920, houve uma importante migração em direção à capital San José. Nesse sentido, a crise foi rapidamente transferida para trabalhadores rurais e artesãos urbanos, que perderam seus empregos¹⁰¹.

⁹⁹ Rocco Anele (1879-1935) nasceu em Cosenza, região de Montano. Seus pais haviam migrado para a Costa Rica no final do século XIX. Ele viveu nos Estados Unidos e na Guatemala, onde foi assinante da imprensa anarquista. Em 1920, ele foi expulso deste último país e mudou-se para junto de sua família, na Costa Rica. Ele se naturalizou costa-riquenho em 1925 e fundou uma sapataria na cidade de San José. Genaro Pentacolo (1900–1935), nascido em Morano, Calabria, emigrou para a Costa Rica em 1923. Nesse país, ele fundou uma sapataria na cidade de São José. Era um militante aberto, anarquista e antifascista, mantendo contato com seus camaradas na Itália. BARIATTI, **Italianos en América Central**, p. 206–208. Archivio Centrale dello Stato (ACS). **Ministero dell’Interno. Direzione generale di pubblica sicurezza**. Casellario Politico Centrale. Busta 0126, 3844; 1907-1935.

¹⁰⁰ *News Service IWMA*, Berlín, agosto de 1929, p. 6; 4 de maio de 1931, p. 1.

¹⁰¹ ANGULO BRENES, Sonia, **La era del desencanto: protesta social, organización laboral y poder en Costa Rica, 1929-1940**, Tesis de doctorado en historia, Universidad de Costa Rica, San José, 2021, p. 98–105.

Nos relatórios enviados por Víctor Recoba, ele menciona que o problema do desemprego atingiu um grande número de trabalhadores. Os mais afetados foram os empregados da UFCO, a qual reduziu o emprego nas plantações, nas docas e nas ferrovias. Esse problema se estendeu aos camponeses e aos trabalhadores das fazendas de café, associado à concorrência dos alimentos importados e à falta de trabalho nas colheitas. Essa situação levou à organização de uma comissão sem trabalho, cuja diretoria incluía membros do grupo *Hacia La Libertad*, e Juan de Dios López e Patricio Ortiz. Segundo Recoba, o objetivo dessa presença era tanto promover a luta concreta contra o desemprego quanto propor a reorganização dos sindicatos de marceneiros, carpinteiros, padeiros, sapateiros e mecânicos¹⁰².

As propostas concretas do comitê eram que o governo congelasse os preços de alguns alimentos e que promovesse algumas obras públicas para melhorar o desemprego nas cidades. No campo, sugeria a promoção de colônias agrícolas e o emprego nas plantações com melhores condições de trabalho. Dadas as poucas respostas concretas às propostas, várias manifestações foram realizadas, atraindo entre 2.000 e 3.000 pessoas. A manifestação de 27 de maio de 1929 foi reprimida, deixando muitos presos e feridos¹⁰³.

Esses eventos relatados por Recoba foram usados pelo jornal *La Protesta*, de Buenos Aires, para analisar as condições de vida do proletariado centro-americano. Tomando como base os relatórios sobre salários na Costa Rica, o texto apresentava a relação de dependência entre o tipo de capitalismo agrário e o poder político das empresas estadunidenses¹⁰⁴. Essa análise foi semelhante àquela desenvolvida pelos comunistas da região; no entanto, a diferença estava nas táticas a serem usadas pelo movimento operário para enfrentar esse cenário. Para os bolcheviques, a estratégia era formar uma “frente unida” com a burguesia nacionalista para enfrentar as empresas imperialistas, enquanto, para a Recoba, a luta deveria ser exclusivamente do movimento operário¹⁰⁵.

Essas diferenças táticas e ideológicas eram muitas vezes alimentadas por conflitos pessoais e coletivos. Os relatórios escritos por Recoba para a imprensa da ACAT aprofundaram

¹⁰² *La Continental Obrera*, Buenos Aires, julho de 1930, p. 14-16.

¹⁰³ *La Continental Obrera*, Buenos Aires, junho de 1930, p. 16; ANGULO BRENES, **La era del desencanto: protesta social, organización laboral y poder en Costa Rica, 1929-1940**, p. 120–121.

¹⁰⁴ *La Protesta*, Buenos Aires, 28 de agosto de 1930, p. 3. Sobre Fausto Peraza Escalante, vale notar que este carpinteiro foi membro do Comitê de Ação Social Obrera fundado como um órgão de relações anarquistas durante a turnê de propaganda do argentino Julio Díaz. Ele também havia sido membro da Liga Anti-imperialista e da Universidade Popular. Ele entrou brevemente para o Partido Comunista, do qual foi expulso em 1931 por ser considerado oportunista e profundamente ideológico e moralmente desorientado. QUIRÓS SOLÍS, Pablo Andrés, **Antes y después del estalinismo en Costa Rica. Instituciones transnacionales antiimperialistas (1926-1934)**, San José: Centro de investigaciones Históricas de América Central UCR, 2021, p. 19–21.

¹⁰⁵ *La Continental Obrera*, Buenos Aires, agosto de 1930, p. 14.

essas polêmicas, que ele mesmo desenvolveu. Desde sua estadia no México, este militante peruano foi um crítico ferrenho das alianças com os comunistas e manteve essa posição em seu trabalho posterior na Costa Rica. Nesse sentido, Recoba defendeu um movimento sindical anarquista exclusivo, sem colaboração com outras tendências ideológicas¹⁰⁶.

Alguns desses episódios de conflito continuaram a ocorrer entre 1929 e 1935. No primeiro, Recoba denunciou, em carta ao congresso fundador da ACAT, a eleição do trabalhador costarricense Fausto Peraza como delegado ao congresso da CSAL, em Montevideu. Segundo ele, Peraza não representava nenhum mandato organizacional coletivo, sendo pago com dinheiro enviado por Moscou¹⁰⁷. Em 1930, o peruano se envolveu numa polêmica pública, em uma assembleia de trabalhadores desempregados, com o comunista venezuelano Rómulo Betancourt, que se referiu ao anarquismo como uma forma de terrorismo utópico¹⁰⁸. Durante aquele ano, os comunistas fundaram a Alianza de Obreros y Campesinos para participarem das eleições, promovendo o professor Joaquín García Monge como candidato à presidência.

Essa relação entre o partido político e o movimento sindical foi promovida pelos comunistas, que finalmente fundaram seu próprio partido em 1931. A mobilização do movimento dos desempregados ajudou a fortalecer essa estratégia, que ao longo dos anos seguintes conquistou gradualmente espaço para o grupo *Hacia La Libertad*. Embora o grupo não tenha conseguido fundar sindicatos devidamente libertários, seus membros permaneceram ativos nessas mobilizações até 1934. Um desses ativistas foi o sapateiro italiano Rocco Anele, preso em 1932 pela polícia em uma manifestação. O consulado italiano e a embaixada dos Estados Unidos vigiaram de perto esse trabalhador, conhecido por sua militância anarquista desde a sua juventude¹⁰⁹.

O ano de 1932 foi um ano intenso, dadas as repercussões do massacre em El Salvador. A UGT convocou várias manifestações de repúdio e houve constantes relatórios da Embaixada dos Estados Unidos sobre a presença de militantes comunistas da Nicarágua e da

¹⁰⁶ O jornal do Partido Comunista Mexicano noticiou as atividades anarquistas de Víctor Recoba na Costa Rica e pediu a seus assinantes da América Central que boicotassem sua revista. *El Machete*, Ciudad de México, 1 de dezembro de 1928, p. 2.

¹⁰⁷ *La Continental Obrera*, Buenos Aires, junho de 1929, p. 11-12

¹⁰⁸ *La Revolución*, San José, 17 de maio de 1930, p. 1; *La Continental Obrera*, Buenos Aires, julio de 1930, p. 14-16.

¹⁰⁹ Segundo o relatório do cônsul italiano em San José, Rocco vinha desenvolvendo propaganda anarquista e antifascista na Costa Rica desde sua chegada. Ele era ativo no movimento operário e recebia literatura anarquista da Argentina, do México e dos Estados Unidos. Ele foi empregado como sapateiro e vendedor de jornais e livros. Morreu de tuberculose em 1935, no Hospital San Juan de Dios. ACS. **Ministero dell'Interno. Direzione generale di pubblica sicurezza**. Casellario Politico Centrale. Busta 0126, 1 de junho de 1932.

Europa oriental. As deportações e expulsões faziam parte das medidas implementadas pelo governo costarricense, que estava seguindo sua legislação aprovada em 1903 contra a “propaganda anarquista”. Como nenhuma medida legal específica havia sido criada contra o comunismo, a linha interpretativa era considerar esses militantes como anarquistas subversivos. Foi o caso da expulsão do trabalhador espanhol Adolfo Braña, em 1933, que na época ocupava um cargo municipal na cidade de São José como representante do Partido Comunista¹¹⁰.

Essa relação entre anarquismo e comunismo foi construída do ponto de vista do Estado como sinônimo de violência e de ideias alheias à tranquilidade do país. Nesse sentido, foram tomadas medidas para restringir a circulação de sua literatura e mantido um registro de suas atividades públicas¹¹¹. Do ponto de vista de seus militantes concretos, essa confusão fortaleceu as polêmicas internas. Para os membros do Partido Comunista, o anarquismo estava associado ao individualismo extremo e ao terrorismo, embora em casos de expulsões não apoiassem tais medidas que afetavam seus próprios militantes. Por outro lado, Víctor Recoba usou esse argumento para entrar em polêmica com o partido e responsabilizar seus dirigentes pelo clima de perseguição que sofria por parte da polícia e das embaixadas peruanas e mexicanas¹¹².

As comemorações do 1º de maio foram outra área em que anarquistas e comunistas tentaram se diferenciar. O jornal *Trabajo*, órgão do *Partido Comunista de Costa Rica* (PCCR), publicava constantemente artigos polêmicos sobre o simbolismo e a prática anarquista dessa data. Isso foi particularmente importante na Costa Rica, uma vez que foram os anarquistas do Centro Germinal que haviam solicitado essa comemoração pela primeira vez, em 1913. Por outro lado, alguns membros do grupo *Hacia La Libertad* responderam a essa campanha com

¹¹⁰ NARA. Records of the Department of State relating to internal affairs of Costa Rica, 1910-1929. **Communist or workers activities**. 7 de abril de 1932; 14 de abril de 1932; 28 de abril de 1932; 1 de junho de 1932; 2 de novembro de 1932.

¹¹¹ Em 1930, a embaixada dos Estados Unidos em San José pediu informações sobre a legislação do país relativa à expulsão dos comunistas e à proibição de sua propaganda. Todas as medidas em vigor no país até aquele momento diziam respeito à repressão do anarquismo. Em 1931, o regulamento postal foi emendado para proibir a circulação de publicações comunistas. Essa legislação foi aplicada para confiscar a literatura que Víctor Recoba recebeu do exterior, inclusive a imprensa da AIT, da ACAT e dos jornais anarquistas. NARA. Records of the Department of State relating to internal affairs of Costa Rica, 1910-1929. **Costa Rica laws relating to deportation of communists and regulation of communist propaganda**, 26 de setembro de 1930. *Cultura Proletaria*, New York, 23 de maio de 1931, p. 2; *ABC*, San José, 12 de maio de 1931, p. 1.

¹¹² A companheira de Adolfo Braña usou o argumento de identificar o anarquismo com o individualismo e o terrorismo para evitar a expulsão de seu marido. Esse foi um argumento defensivo contra a política do governo, já que temos declarações anteriores do próprio Braña, nas quais ele falou de sua relação com o anarquismo nos anos 20. Esse argumento foi a base para que Recoba escrevesse uma denúncia sobre o caso. *Trabajo*, San José, 18 de junho de 1933, p. 3; 22 de julho de 1934, p. 3, *Cultura Proletaria*, New York, 30 de junho de 1934, p. 2; *Voluntad*, Ciudad de México, 20 de agosto de 1934, p. 2.

um folheto, em 1933, denunciando os métodos repressivos empregados na União Soviética e a política eleitoral do Partido Comunista¹¹³.

O auge dessa controvérsia ocorreu em 1935, quando o grupo *Hacia la Libertad* não existia mais. Naquele ano, os Irmãos Rodrigo e Rodolfo Sequeira participaram do assassinato do conhecido cafeicultor Alberto González Lahman, depois de um roubo fracassado. Tanto o empresário quanto os atacantes foram mortos na ação, dando a esse evento uma grande cobertura da mídia. Isso porque a investigação policial revelou um manifesto político escrito pelos irmãos, encontrados com literatura anarquista e comunista em sua casa. Essas provas incluíam livros de Errico Malatesta e jornais anarquistas, como o *El Luchador* (Barcelona), o *Cultura Proletaria* (Nova Iorque) e o *El Peludo* (Buenos Aires). Reconhece-se também que um dos irmãos era militante do Partido Comunista¹¹⁴.

A investigação levantou a hipótese de que, por trás da ação, estava um grupo anarquista que usava o terrorismo como tática de luta. Víctor Recoba e Rocco Anele foram imediatamente interrogados como conhecidos anarquistas e distribuidores da literatura encontrada. Esse episódio reacendeu a controvérsia entre o secretário-geral do PCCR e Víctor Recoba, que acusavam reciprocamente de colaborar com o governo para desacreditar e reprimir o grupo rival. Essa polêmica foi levada à arena internacional através do *Cultura Proletaria*, banido do serviço postal costarricense¹¹⁵.

Por outro lado, essa polêmica também mostra nuances entre as disputas e as tensões entre comunistas e anarquistas. Os Irmãos Sequeira foram um exemplo, pois assistiram a reuniões e atividades convocadas pelo PCCR, e também participaram de grupos de estudo anarquistas. O próprio Recoba reconheceu, em sua correspondência, que Rodrigo era próximo de seu grupo ideológico, o que verificamos em sua assinatura do manifesto anarquista de 1933 e em suas contribuições monetárias ao grupo *Hacia La Libertad*. Outros casos de membros

¹¹³ *Trabajo*, San José, 1 de maio de 1933, p. 4. O Panfleto se intitulava “Al Pueblo Consciente. 1886–1º de maio de 1933” e foi assinado por Enrique Estrada, Gonzalo Hernández, Roque Libre Anele, Antonio G. Saliemi, Ronulfo López Prado, Miguel Salazar, Francisco Vindas, Raúl Meléndez, Rodrigo Siqueira e Luis Badilla C. Saliemi, Ronulfo López Prado, Miguel Salazar, Francisco Vindas, Raúl Meléndez, Rodrigo Siqueira e Luis Badilla C. De acordo com um interrogatório posterior de Víctor Recoba pela polícia de San José, ele negou ter participado da redação do texto, embora soubesse de sua existência. ANCR. Corte Suprema de Justicia. Juzgado Primero Penal de San José. **Expediente de homicidio ofendido González Lahaman Alberto contra Sequeira Barquero, Rodolfo y Nicolás Sandoval Barahona**. R 1214-000226. 1935

¹¹⁴ Idem. Para uma análise dos detalhes do caso, ver OLIVA MEDINA, Mario, *La bolsa o la vida: un atentado anarquista en la Costa Rica de los 30, Pacarina del Sur (en línea)*, n. número 34, 2018.

¹¹⁵ *Cultura Proletaria*, New York, 14 de setembro de 1935, p. 2; 19 de outubro de 1935, p. 4; *Trabajo*, San José, 20 de outubro de 1935, p. 5.

desse grupo que mais tarde aderiram ao PCCR foram Adolfo Braña, Gonzalo Montero Berry e Pedro A. Cuendis¹¹⁶.

No jornal *El Trabajo*, foi reconhecido haver “anarquistas honestos” no país, embora o anarquismo fosse constantemente considerado sinônimo de terrorismo. Por outro lado, alguns líderes anarquistas haviam decidido aderir à militância do PCCR, enquanto outros permaneceram na luta sindical e antifascista sem serem membros do PCCR. Essa continuidade ocorreu ao nível local na formação do grupo *Pro República Española*, em 1936, a fim de apoiar os republicanos durante a guerra civil. No plano internacional, Víctor Recoba continuou sendo membro do *Hermandad Anarquista Internacional* (HAI), que reunia militantes da Espanha e de vários países da América Latina. Quanto à ACAT, o secretariado estabelecido em Santiago do Chile correspondeu com Recoba entre 1932 e 1935, embora não haja registro da permanência do grupo *Hacia La Libertad*. Os remanescentes de seus militantes seguiram definitivamente uma estratégia de militância discreta em diferentes frentes sociais e culturais¹¹⁷.

O ano de 1932 foi decisivo para o destino da ACAT na América Central, pois a repressão chegou a todas as suas organizações, desmantelando grande parte do trabalho militante que havia sido realizado durante a década anterior. Isso afetou também a secretaria da ACAT, forçada ao exílio após o golpe militar na Argentina. Embora nos anos seguintes a organização tenha sido restabelecida em Santiago do Chile, sua presença na América Central não foi restabelecida. Ao mesmo tempo, os militantes que permaneceram ativos voltaram seus esforços para a luta antifascista e para o apoio à revolução social na Espanha durante 1936 e 1937.

¹¹⁶ Federación Libertaria Argentina (FLA). **Correspondencia de Campio Carpio a Víctor Recoba**, 17 de agosto de 1935. Agradeço à colega galega Iria Pérez por localizar e ter digitalizado essa valiosa documentação numa viagem de pesquisa a Buenos Aires, em 2019.

¹¹⁷ FLA. **Correspondencia de Campio Carpio. Circulares de la Hermandad Anarquista Internacional (HAI)**, 18 de abril de 1936. *Cultura Proletaria*, New York, 7 de novembro de 1936, p. 3.

Capítulo 6. Viagem Libertária pela América Central: imprensa libertária e relações militantes, 1904-1932

Introdução

Neste capítulo propomos uma reconstrução dos laços militantes estabelecidos por grupos anarquistas na América Central através de publicações impressas. Para estudar este processo, partimos da metodologia do historiador austríaco Max Nettlau, em sua reflexão sobre a propaganda anarquista no continente americano. Utilizando publicações impressas como guias do movimento anarquista, desenvolvemos esta “viagem libertária” a partir daquelas produzidas no istmo centro-americano. Entre 1880 e 1932, grupos anarquistas privilegiaram jornais, panfletos e livros para divulgar suas ideias e servir como meio de comunicação. Algumas cidades americanas produziram uma grande parte dessa produção editorial, que em muitos casos foi um reflexo da atividade organizacional anarquista. Buenos Aires e Havana são casos característicos dessa relação entre impressão e organização. No entanto, essa ligação nem sempre foi tão estreita, portanto não devemos perder de vista os lugares menos conhecidos nos registros escritos¹.

No caso da América Central, encontramos uma realidade onde os meios de propaganda e a organização anarquista não andaram sempre sincronizados. Isto poderia ser devido à fraqueza coletiva do movimento e aos desinteresse das classes populares em suas ideias. Embora isso seja parcialmente verdade, em termos comparativos com outras partes do continente americano, um olhar mais atento nos obriga a considerar outros fatores envolvidos no processo. A falta de preparação ideológica, a escassez de recursos econômicos, a censura, a repressão e a fragilidade organizacional são algumas das variáveis que os próprios protagonistas apontaram.

Nesse sentido, há poucos registros de material impresso anarquista centro-americano, além daqueles já anotados por Max Nettlau. De acordo com sua cronologia, entre 1906 e 1932: *Ariel* (1906-1914), *Renovación* (1911-1914), *Le Semeur* (1925-1928), *Acción Social* (1926) e *Germinación* (1929-1930) foram publicados na Costa Rica. *El Único* (1911-

¹ NETTLAU, Max, Viaje libertario a través de América Latina, *Revista Reconstrucción*, n. 76–78, 1972.

1912), no Panamá, e *Orientación Sindical* (1928), na Guatemala². Dada essa escassez de imprensa, grupos anarquistas se voltaram principalmente para a troca e o envio de correspondência para outras publicações em outros países. Espanha, França, Estados Unidos, México, Cuba, Argentina e Uruguai foram os destinos mais importantes para as comunicações anarquistas centro-americanas.

Embora os registros de Nettelau estejam incompletos, ele considera apenas as publicações que são explicitamente anarquistas. Assim, uma grande variedade de imprensa operária e revistas culturais são deixadas de fora. Para este capítulo, consideramos um *corpus* maior, que inclui as publicações listadas na Tabela 5. Privilegiamos nesta seleção o jornal e a revista, pois são os meios de comunicação que concentram a maior quantidade de informação. Utilizamos o conceito de imprensa libertária a fim de expandir o universo das publicações para incluir aquelas onde o anarquismo teve uma presença importante, seja através de seu grupo de redação, seu conteúdo ou seus vínculos internacionais.

Sobre este tema, em particular, há pouca reflexão na América Central. Os poucos estudos existentes se concentram na Costa Rica, onde havia uma relação direta entre o material impresso anarquista, o movimento operário e a intelectualidade. No caso do Panamá, encontramos também alguns estudos de revistas liderados por escritores anarquistas, bem como os vínculos internacionais estabelecidos pelos grupos anarquistas do Canal do Panamá³.

Quanto ao rótulo anarquista, a maioria das publicações centro-americanas evitou o termo, dada a censura estabelecida na legislação, a perseguição no correio e o estigma da palavra. Em alguns casos, o termo liberal ou libertário era preferido. Para seu funcionamento, foram fundamentais os tipógrafos e professores que funcionavam como editores, tradutores e agentes de vendas. Embora os homens prevalecessem neste processo, as mulheres eram vitais como subscritoras, leitoras e vendedoras. Em muitos casos, a publicação foi um porta-voz de um grupo ou tornou-se uma forma de organização.

² TARACENA, ARTURO, El manuscrito de Max Nettelau sobre el anarquismo en Centroamérica (1906-1932).

³ OLIVA MEDINA, Mario, La revista Renovación: de la política a la literatura, 1911-1914, in: **Ensayos de historia intelectual**, Ciudad de México: CILAC, 2018, p. 275–296; MORALES, **Cultura oligárquica y nueva intelectualidad en Costa Rica: 1880-1914**; HERRERA, Fernando, **Vida y Verdad: revista. San José de Costa Rica, 1904.**, San José: EUNED, 2004; OVARES, Flora, **Crónicas de lo efímero: revistas literarias de Costa Rica**, San José: EUNED, 2011; MUÑOZ, **Blázquez de Pedro y los orígenes del sindicalismo panameño**; SHAFFER, Havana Hub: Cuban anarchism, radical media and the trans-caribbean anarchist network, 1902-1915; SÁNCHEZ COBOS, ¡Tierra! y la internacionalización del anarquismo cubano (1902-1915); MICHAEL YEOMAN, The Panama Papers: anarchist press networks.

Tabela 6. Publicações libertárias na América Central, 1906-1930

Título	Descrição	Editores	Localização	Anos
Vida y Verdad	Órgano de la Sociedad Vida y Verdad	Roberto Brenes Mesén, Joaquín García Monge	San José. Costa Rica	1904
La Aurora	Continuidade de Vida y Verdad	Roberto Brenes Mesén	San José. Costa Rica	1904-1905
Colección Ariel	Biblioteca Económica	Joaquín García Monge	San José. Costa Rica	1906-1917
Sanción	Publicación obrera contra todos y para todos	Omar Dengo, Víctor Manuel Salazar	San José. Costa Rica	1908
Cultura	Semanario para los trabajadores que desean instruirse y progresar	Omar Dengo, Víctor Manuel Salazar, Juan Elías Hernández	San José. Costa Rica	1909-1910
Renovación	Sociología, arte, ciencia, pedagogía racionalista	Ricardo Falcó, Anselmo Lorenzo, José María Zeledón, Carmen Lira	San José. Costa Rica	1911-1914
El Único	De todos y de nadie Publicación individualista	Manuel Daniel Rodríguez, Bernardo Pérez	Colón. Panamá	1911-1912
La Aurora Social	Vocero defensor de la clase obrera centroamericana	Gerardo Vega, Ovidio Rojas, J. B. Sánchez	San José. Costa Rica	1912-1914
El Caballero Andante	Revista semanal ilustrada de bellos ideales	José María Blazquez de Pedro	Cidade do Panamá	1918
Cuasimodo	Magazine interamericano de información mundial	Julio Barcos, Nemesio Canales, J. D. Moscote	Cidade do Panamá	1919-1920
Vía Libre	Tribuna de la juventud	Julio Padilla, Cristian Rodríguez, Ricardo Falcó	San José. Costa Rica	1920-1921
Le Semeur	Publicación trimestral de ideas y hechos	Miguel Palomares	Puriscal. Costa Rica	1925-1928
Acción Social	Comité de Acción Social Obrera	Carlos Monge Sáenz	San José. Costa Rica	1926
Orientación Sindical	Quincenario de propaganda anarcosindicalista	Comité Pro Acción Sindical	Cidade da Guatemala	1928
Germinación	Revista mensual de cultura sociológica	Agrupación Obrera de Estudios Sociales Hacia La Libertad	San José. Costa Rica	1929-1930

Fonte: Elaboração própria.

Quanto ao seu formato e conteúdo, era bastante variado, favorecendo seu público trabalhador e sua mensagem educativa e crítica com a realidade atual. A partir desta análise, estamos interessados em reconstruir a dimensão organizacional da imprensa, já que é através

dela que podemos estudar mais de perto as relações concretas entre os diferentes grupos e militantes. Embora tenhamos tomado como base as publicações impressas na América Central, incluiremos nesta reflexão outros jornais com os quais existiam fortes laços de intercâmbio. As seções de correspondência, finanças e intercâmbio serão o principal meio para esta reconstrução.

Na primeira seção, estudaremos os elementos que entram em jogo na produção de um jornal. Propomos reconstruir a conformação dos grupos de redação, formato, tiragem, temas principais, financiamento, preços e, sobretudo, as relações de confiança construídas para sustentar as publicações. Em uma segunda seção, reconstruiremos os circuitos de circulação e seus agentes. Este processo envolve troca, subscrição e venda como os principais processos materiais através dos quais os laços de confiança são estabelecidos. Estudaremos quatro principais conexões geográficas, que incluem: 1) América Central, 2) Caribe, 3) Europa e 4) Rio da Prata. Também refletiremos sobre os usos políticos do material impresso e sua relação com os processos organizacionais no mundo do trabalho.

6.1 Produzir o verbo novo

A edição de publicações anarquistas na América Central começou no início do século XX, sob a forma de revistas e jornais de curta duração. Uma de suas características consiste no fato de que poucos deles se declararam explicitamente “anarquistas”, criando alguns problemas quando se trata de classificá-los ideologicamente. Para construir um *corpus* comum, escolhi 15 publicações da Costa Rica, do Panamá e da Guatemala com tendência libertária, entendendo-as como espaços onde o anarquismo teve uma expressão importante. Este critério é construído do ponto de vista dos assuntos que participam da produção editorial, como grupos, editores, assinantes e colaboradores.

É relevante mencionar que estou trabalhando com publicações às quais pude ter acesso direto, por isso descarto outras das quais não consegui encontrar cópias físicas. Em El Salvador, na Nicarágua e em Honduras não encontrei jornais anarquistas, embora tenha encontrado militantes e grupos que expressaram suas ideias na imprensa de fora de seus próprios países e na imprensa de seus camaradas, em outras latitudes.

Entre 1904 e 1910, todas as publicações registradas foram publicadas na cidade de San José, na Costa Rica. Eram de curta duração, geralmente de apenas alguns meses. Sua organização interna tomou a forma de uma empresa de fato ou comercial, registrada no registro

civil, conforme exigido por lei. Em 1906, havia sido aprovado um decreto executivo que punia com a prisão publicações que eram “anarquistas ou onde o povo era agitado contra as instituições do Estado, ou contra as autoridades constituídas”⁴. Esta pode ser uma das razões pelas quais as publicações foram geralmente descritas como “liberais” ou “libertárias”, a fim de escapar da censura.

Estes conceitos também foram utilizados ao se fazer declarações públicas ou entrar em polêmicas. Por exemplo, o poeta José María Zeledón empregou o termo “juventude liberal” para se referir àqueles que organizaram uma manifestação em protesto contra a execução de Francisco Ferrer Guardia, em 1909⁵. O professor Roberto Brenes Mesén usou o mesmo termo para mobilizar o sentimento anticlerical e promover o ensino da teoria da evolução⁶. Na época das eleições, apesar de afirmar uma “abstenção doutrinária”, este grupo de professores participou de alianças com grupos de trabalhadores para favorecer as campanhas dos políticos liberais, como foi o caso de Ricardo Jiménez Oreamuno⁷.

Além do uso instrumental do conceito, ele também foi mobilizado para construir alianças com os setores populares e para se diferenciar dos conversadores. Estes últimos eram a alta hierarquia da Igreja Católica, contrária a qualquer tentativa de modernização cultural, e as elites do café ligadas ao Estado. Este grupo, conhecido como “o Olimpo”, foi identificado como a elite que, embora geralmente identificada com valores liberais, na prática, eram os principais ideólogos e reprodutores do capitalismo agroexportador⁸.

Essa diferenciação social foi construída em *Vida y Verdad* e *La Aurora*, através de uma crítica a todos os símbolos de autoridade estabelecidos. Sob o slogan “a vida e a verdade triunfam sobre deuses, instituições e homens”, a publicação teve em vista mostrar o caráter transitório das instituições estabelecidas. Em suas quatro questões, suas críticas se concentraram nas figuras do advogado, do médico, do político, do padre e dos militares.

A revista *Vida y Verdad* foi impressa nas oficinas do catalão Avelino Alsina, na cidade de San José, e teve uma tiragem modesta e simples (ver Imagem 11). Todas as contribuições foram assinadas com pseudônimos, com exceção dos textos de José Fabio Garnier

⁴ ANCR. Secretaría de Policía. *Colección de leyes y decretos*. Poder Ejecutivo. Decreto N° 24, 1906; pp. 337-342.

⁵ BNCR. Colección de Hojas Sueltas. UNOS JÓVENES, Convocatoria. 13 de outubro de 1909.

⁶ MOLINA, Iván, **La ciudad de los monos: Roberto Brenes Mesén, los católicos heredianos y el conflicto cultural de 1907 en Costa Rica**, Heredia: Editorial Universidad Nacional de Costa Rica, 2001.

⁷ Este foi o caso do grupo La Vanguardia, formado por Omar Dengo, José María Zeledón e Rubén Coto, em 1909, como um clube político eleitoral. Após sua participação ocasional, o grupo se dissolveu e seus membros continuaram a participar da imprensa operária e de revistas culturais.

⁸ SALAZAR, Orlando, **El apogeo de la república liberal en Costa Rica: 1870-1914**, San José: Editorial de la Universidad de Costa Rica, 1990, p. 161–162.

e José María Zeledón⁹. Uma de suas novidades foi a distribuição gratuita da publicação fora de várias igrejas aos domingos, o que gerou uma grande agitação, dada sua mensagem explicitamente secular e anticlerical. A maioria dos textos veio de seus editores e autores, como Max Nordau, Émile Zola, León Tolstói, Manuel Ugarte e José Ingenieros¹⁰. Após quatro edições, a revista desapareceu e um novo jornal foi formado no final de 1904.

Nas páginas do *La Aurora*, o grupo se reorganizou através de um jornal diário, combinando textos doutrinários, notícias e venda de anúncio publicitário. Seu financiamento dependia da venda e da publicidade de estabelecimentos, como sapatarias, marcenarias e barbearias. Sua equipe editorial e colaboradores foram principalmente professores, como Rubén Coto, Arturo Torres e Francisco Lloret Bellido¹¹. Sua composição manteve o estilo tabloide de quatro páginas, com colunas escritas em textos curtos. Neste jornal, o conteúdo anarquista é muito mais explícito. Isto é combinado com traduções e textos dos próprios editores.

Como a maioria das notícias que circulavam sobre o anarquismo diziam respeito a eventos violentos, a principal função do jornal era mostrar suas raízes sociais e filosóficas. Para isso, o grupo editorial engajou-se no diálogo com o anarquismo europeu, a fim de contextualizar o assunto à realidade local. Um caso característico deste processo foi a tradução de um texto de Jean-Marie Guyau publicado em *Les Temps Nouveaux*, em que ele discutia as possibilidades de promover o anarquismo em países modernos e liberais, como a Suíça e a Costa Rica¹².

No comentário que se segue à tradução do texto, Joaquín García destaca as possibilidades reais de adaptação e disseminação do anarquismo no país, mas não devido à “suposta bondade liberal” da Costa Rica. Esse trabalho seria antes o resultado da promoção de uma “educação integral” que formaria a consciência das pessoas livres e forneceria a base para desafiar o sistema estabelecido. Segundo o professor costarriquenho, os principais problemas do país residiam no caráter oligárquico de seu governo, na concentração da terra por empresas estrangeiras, e no alcoolismo e na desorganização generalizados das classes populares¹³.

⁹ Gonzalo Sánchez usou o nome Marcos Froment; García Monge utilizou os nomes Jonathas Riedell, Demetrio Rudine, Alejo Bazaroff, Julio Valles e The Clarion. Brenes Mesén assinou como Leonardo da Vinci, Erasmus de Rotterdam, Abelardo de Rienze e Julián Junin. HERRERA, **Vida y Verdad: revista. San José de Costa Rica, 1904.**, p. XVIII.

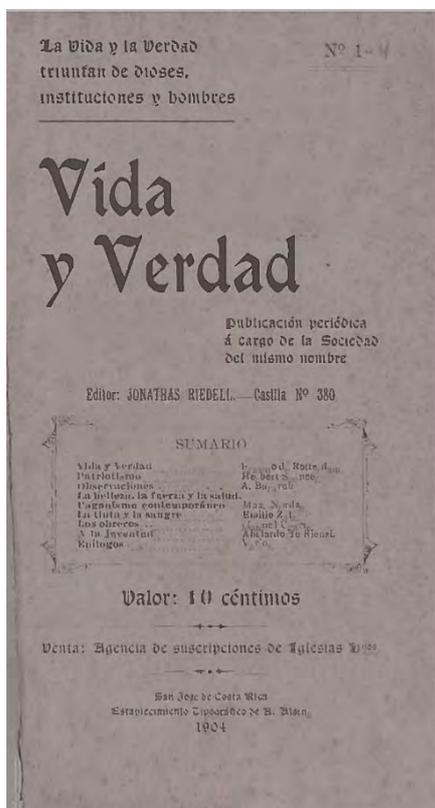
¹⁰ Ver índice de autores da revista.

¹¹ Todos os três eram professores e escritores. Os dois primeiros eram costarriquenhos e o último espanhol. Lloret Bellido chegou à Costa Rica em 1900 e ensinou línguas e comércio. Na cidade de Alicante, ele havia sido militante do Partido Republicano Federal e propagador das ideias de Francisco Pi y Margall. *La República*, San José, 8 de agosto de 1900, p. 2.

¹² *La Aurora*, San José, 16 de dezembro de 1904, p. 1.

¹³ *La Aurora*, San José, 19 de novembro de 1904, p. 1.

Imagem 11. Os jornais Vida y Verdad e La Aurora



Fonte: Biblioteca Nacional de Costa Rica.



Outra chave para essa aliança entre a juventude e as classes trabalhadoras foi a promoção do associativismo. De acordo com Francisco Lloret, a educação abrangente tinha de incluir tanto o treinamento individual quanto a união coletiva. Para o educador espanhol, os principais obstáculos residiam nos conceitos errôneos que existiam sobre o anarquismo e na apatia generalizada em relação à associação coletiva. Para ele, a anarquia era um ideal social que buscava equilíbrio e justiça, apesar de o fato de alguns anarquistas terem sido ligados a ações violentas¹⁴.

¹⁴ Voltando à sua experiência na Espanha, ele menciona o caso do assassinato do militar Canovás del Castillo, em Cuba, em 1897, como um ato necessário para combater a tirania e a exploração do governo. Para este caso, ele coloca o jesuitismo e a autoridade governamental como as principais instituições que exploram o povo espanhol, reproduzindo as desigualdades e fomentando a violência. *La Aurora*, San José, 18 de novembro de 1904, p. 1; 17 de janeiro de 1905, p. 2.

Esta tentativa de diferenciar o anarquismo do terrorismo é mantida na discussão proposta em *La Aurora*, justificando, simultaneamente, o uso da violência como tática de defesa proletária. Embora não seja a principal ferramenta proposta pelo grupo editor do jornal, seus membros estão cientes de que, em alguns contextos, ela se torna uma saída inevitável diante da repressão e da tirania. Os casos da Espanha e da Rússia são colocados para discussão, onde o uso de dinamite e a insurreição podem ser táticas válidas para combater a Monarquia e o Exército¹⁵.

Os telegramas sobre a Revolução Russa de 1905 foram comentados a fim de mostrar como a juventude e a classe trabalhadora daquele país poderiam se unir para derrubar a tirania do Czar¹⁶. Em seu artigo “a revolução”, Rubén Coto defendeu o uso da dinamite como tática de autodefesa contra as forças czaristas¹⁷. Enquanto havia essa consciência da necessidade de violência para desencadear uma revolução social, o grupo *La Aurora* pregou uma tática pacífica de mudança. José María Zeledón defendeu a promoção da educação popular e da abstenção eleitoral como as principais ferramentas para combater as injustiças sociais. Roberto Brenes Mesen, por outro lado, encorajou a criação de comunas agrícolas inspiradas na escola Yasnaya Poliana, de Tolstói, como um exemplo prático de promoção das relações entre a juventude e a classe trabalhadora, como ele havia observado no Chile, no início do século XX¹⁸.

Outra influência permanente em todas essas primeiras publicações foi a combinação de modernismo, hispano-americanismo e anti-imperialismo. Joaquín García Monge expressou esta relação em seu projeto *Colección Ariel*, publicado entre 1906 e 1917, com referências retiradas de Rubén Darío, José Enrique Rodó e José Martí. O formato de publicação foi o de uma “biblioteca econômica” que reuniu uma seleção de escritos literários, científicos e sociológicos, em um formato impresso de 32 páginas. Tinha uma tiragem de 800 a 1.000 exemplares, a um valor de 0,10 centavos, e era especialmente destinada a estudantes, professores e trabalhadores de ambos os sexos¹⁹.

Com um conteúdo amplo, Ariel funcionou como uma verdadeira biblioteca popular, onde seu editor escolheu cuidadosamente seu conteúdo (ver Figura 12). A maioria dos textos referentes ao anarquismo e ao movimento operário veio do sistema de intercâmbio e das traduções que a própria editora fazia. Nesta seleção de autores, os textos de Francisco Ferrer,

¹⁵ *La Aurora*, San José, 28 de novembro de 1904, p. 1.

¹⁶ *La Aurora*, San José, 25 de janeiro de 1905, p. 1; 3 de fevereiro de 1905, p.3.

¹⁷ *La Aurora*, San José, 7 de fevereiro de 1905, p. 2.

¹⁸ *La Aurora*, San José, 20 de fevereiro de 1905, p. 1.

¹⁹ *Ariel*, *San José*, número 2, 1906, p. 1.

Eliseo Reclus, Pedro Kropotkin, Rafael Barret e Augustin Hamon foram favorecidos²⁰. A partir destes autores, foram publicados textos relacionados à divulgação da ciência, ao ensino, ao amor livre e à criatividade individual. Em termos mais amplos, estes seriam alguns dos componentes mais importantes da educação integral que o mesmo professor tentou colocar em prática em seu trabalho docente.

Imagem 12. Eliseo Reclus e Rafael Barrett

COLECCIÓN ARIEL
Epitomes de Literatura Internacional, Antigua y Moderna.
Los buenos autores al alcance de todos.

7

ELISEO RECLUS

EL HOMBRE Y LA TIERRA

(Extractos: 1ª serie)

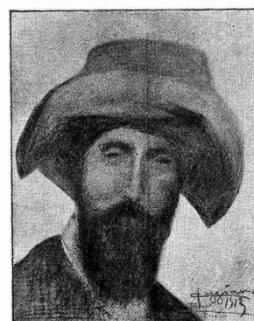
CONTENIDO

	<u>PÁGINA</u>
Eliseo Reclus, biografía de Pedro Kropotkine	3
Los Esquimales	22
El agua corriente	28
El juego	39
La imitación	40
El mandil de Kaueh	44
La llama purificante	46
El culto del arado	50
Cain y Abel	52
El rey de la creación	54
La ayuda mutua	58

GRABADOS:

Eliseo Reclus. La leyenda del mandil. Grulla herida.

ARTÍCULOS DIVERSOS



RAFAEL BARRETT

COLECCIÓN
• • • ARIEL

Fonte: Biblioteca Nacional de Costa Rica.

A partir dessa seleção, García Monge criou antologias temáticas e de autor. Entre estas, temos uma das primeiras publicações de extratos de “Homem e a Terra”, de Reclus, e uma ampla seleção de contos do espanhol Barret. Entre 1906 e 1945, esse editor costarriquenho continuou a traduzir, selecionar, publicar e vender as obras de Kropotkin e Reclus. Inclusive,

²⁰ *Ariel*, San José, número 1, 1906; 1 de abril de 1909; número 7, 1911; número 61, 1915; número 83, 1916; número 86, 1916; número 20, 1908; número 10, 1909; número 83, 1916.

este trabalho de divulgação dos geógrafos anarquistas é mais duradouro do que sua própria afiliação libertária²¹.

Entre 1908 e 1910, duas publicações apareceram com uma orientação mais operária que buscava continuar o trabalho educacional no movimento laboral. A primeira foi *Sanción* “publicación obrera contra todos e para todos”, editada pelo estudante de direito Omar Dengo e o jornalista Víctor Manuel Salazar (ver Imagem 13). Durante os três meses de atividade, o jornal foi publicado semanalmente, em um formato de quatro páginas. Sua primeira página apresentava frases de Manuel Ugarte, Alberto Masferrer, Luisa Michel e Jean Grave. Foi seguido por uma seção de artigos dedicados à crítica social atual e terminou com uma seção de notícias e comentários sobre assuntos atuais.

Imagem 13. Jornais Sanción e Cultura



Fonte: Biblioteca Nacional de Costa Rica.

²¹ A edição Homem e à Terra incluiu uma nota biográfica escrita por Kropotkin sobre Reclus. Alguns livros à venda foram: “Artistas e Rebeldes”, de Rudolf Rocker, que tinha um capítulo sobre Kropotkin; do anarquista russo García Monge vendeu em seus catálogos os livros “Ética”, “Origem e Evolução da Moralidade”, “A Grande Revolução: 1789–1793” e “Ideais e Realidade na Literatura Russa”. *Repertorio Americano*, San José, 10 de agosto de 1925, p. 14; 12 de abril de 1930, p. 7; 30 de março de 1945, p. 15. Alguns desses livros estão na Biblioteca Carlos Monge Alfaro da Universidade da Costa Rica, doados pelo filho de García Monge.

A curta vida de *Sanción* continuou com *Cultura*, ao qual se juntou o tipógrafo Juan Elías Hernández, em 1910. O semanário seguiu o formato anterior, desta vez dedicando mais espaço às escolas noturnas para trabalhadores e aos conselhos práticos sobre como trabalhar em certos ofícios. Por exemplo, foram publicadas informações sobre o tratamento da madeira para carpinteiros, as formas de preservar o ferro para a mecânica e melhorias nas colas para os trabalhos de reparo de calçados. O semanário foi apoiado por vendas e publicidade de pequenas empresas, especialmente alfaiates, padarias e sapatarias²².

Outros estudantes se juntaram a esse projeto enquanto colaboradores, tais como José Albertazzi Avendaño e Amado Chaverri Matamoros, que haviam sido estudantes da García Monge²³. Através deste grupo editorial, desenvolveu-se um elo importante entre o movimento operário costarricense e os grupos anarquistas. Por exemplo, Omar Dengo recebeu correspondência da *Federación Obrera Regional Uruguaya* (FORU), a qual ele encaminhou ao jornal *Hoja Obrera*, o porta-voz da *Sociedad Federal de Trabajadores*, de San José²⁴.

Desde esse primeiro ciclo de publicações, a participação de professores, estudantes e tipógrafos como editores, tradutores e escritores é notável. A maioria dessas publicações não durou mais de alguns meses, com tiragens modestas e simples. Sua orientação foi pedagógica e informativa. Seus principais leitores se encontravam nas cidades e tinham pouca circulação internacional. Quanto à sua tendência anarquista, foi elaborada em chave educacional, incentivando a aliança entre a juventude e a classe trabalhadora urbana. Suas principais influências vieram da Europa, especialmente da França e de traduções tiradas de *Les Temps Nouveaux*, de Kropotkin, Reclus, Louise Michel, Jean Grave e Guyau. Estes autores foram lidos e adaptados a seu próprio contexto, marcados pelas influências do hispano-americanismo, do modernismo e do anti-imperialismo, resultando no que poderíamos chamar de “cosmopolitismo hispano-americano”.

²² *Cultura*, San José, 13 de junho de 1909, p. 3.

²³ Albertazzi (1892–1967) foi um escritor e político costarricense, descendente de trabalhadores italianos que migraram para a Costa Rica para trabalhar na Ferrovia Atlântica. Em sua juventude, participou da imprensa operária e de revistas anarquistas. Chaverri (1892–1945) foi um escritor muito ativo nos círculos culturais costarricenses. Em 1918, ele viajou para o México e juntou-se ao processo revolucionário com o setor constitucionalista. Ele escreveu vários livros sobre este processo.

²⁴ A carta foi assinada pelo secretário do Conselho Federal do FORU Juan Morea. *Hoja Obrera*, San José, 29 de maio de 1910, p. 1.

6.1.1 Expandir a cultura sociológica do proletariado

A década de 1910 marcou um ponto de viragem na edição anarquista na América Central. Seu espaço de produção se estendeu ao Panamá e se envolveu em vários projetos associativos, como a CGT na Costa Rica, a *Confederación Obrera Centroamérica* e a *Federación Individualista Internacional*. Também se criaram projetos literários com vocação internacional, como o *El Caballero Andante* e o *Cuasimodo*. Embora este trabalho esteja concentrado em dois países, seu escopo é regional e internacional.

Outro aspecto a ser destacado é que as cinco publicações editadas nesse período dão saltos qualitativos em sua composição gráfica e sua organização interna. A maioria são revistas, com exceção do jornal *La Aurora Social*, que segue um formato mais simples, em estilo tabloide. A maioria é ilustrada e impressa, com grande atenção à estética e ao conteúdo. Outra característica comum é a importância da publicidade para seu financiamento e o trabalho remunerado de seus editores. O jornal *El Único* adota uma orientação diferente, financiado exclusivamente pela contribuição voluntária de seus militantes.

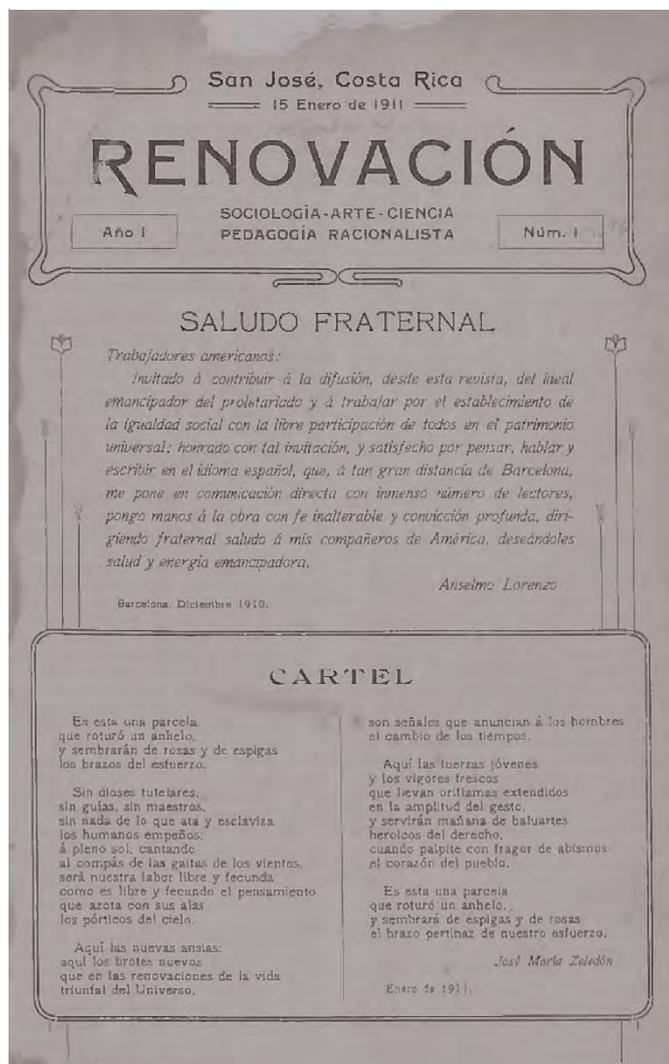
Esse período também viu uma relação mais estreita entre o trabalho editorial e a organização, que pode ser reconstruída graças à expansão dos meios de propaganda escritos. A ânsia por panfletos e livros é visível na formação de bibliotecas sociológicas e catálogos de livros, a maioria dos quais são importados da Espanha e da Argentina. Um papel fundamental foi desempenhado pelos imigrantes espanhóis, que se destacaram como tipógrafos, publicistas, editores e propagandistas. As necessidades práticas da luta diária mobilizaram em parte este dinamismo, que sofreu grandes impactos durante a crise econômica provocada pela Primeira Guerra Mundial.

Em janeiro de 1911, foi publicado o primeiro número da revista *Renovación*, dedicado à “sociologia, arte, ciência e pedagogia racionalista” (ver Imagem 14). Com um formato artístico mais elaborado, a revista era uma publicação quinzenal regular de 48 páginas, impressa em cores. A maioria das ilustrações e fotografias foram feitas pelos espanhóis Francisco Hernández Holgado e Fermín Sagristá²⁵. Seu grupo editorial era internacional, coordenado entre San José e Barcelona. Nessa primeira cidade, estava Ricardo Falcó Mayor, um catalão que emigrou com seu amigo Andrés Borrásé para a Costa Rica, em 1910, e o poeta

²⁵ Hernández (1865–1961) chegou à Costa Rica no início do século XX e se dedicou à fotografia e à ilustração. Ele participou como caricaturista em um grande número de jornais satíricos, revistas culturais e jornais comerciais. Sagristá era um ilustrador anarquista bem conhecido no movimento internacional por suas colaborações com a imprensa libertária. Uma seleção destas ilustrações foi publicada na homenagem a Francisco Ferrer Guardia, pela revista *Renovación*, em outubro de 1911.

José María Zeledón. Da Espanha, seu editor foi o veterano anarquista Anselmo Lorenzo. A revista foi impressa nas oficinas da sociedade Falcó e Borrásé.

Imagem 14. Revista Renovación



Fonte: Biblioteca Nacional de Costa Rica.

Esta coordenação foi possível devido à amizade pessoal de Falcó e Lorenzo, à sua militância conjunta na sociedade “el arte de imprimir”, em Barcelona, e à sua colaboração no jornal *Solidaridad Obrera*²⁶. No caso de Zeledón, ele já era um conhecido escritor libertário que havia participado de todas as publicações dessa tendência, desde o início do século XX. Quanto à linha editorial da revista, ela manteve o amplo espírito das publicações sociológicas

²⁶ *Solidaridad Obrera*, Barcelona, 10 de fevereiro de 1908, p. 3; 6 de maio de 1908, p. 4; 17 de fevereiro de 1911, p. 4.

anarquistas, como a *Revista Blanca*, de Barcelona. Isto permitiu que a publicação recebesse contribuições de uma ampla gama de escritores nacionais e estrangeiros, que os editores organizaram conforme os temas da publicação. Dezesete escritores da Costa Rica participaram, destacando-se textos de escritores ligados ao Centro Germinal de Estudos Sociais, como José María Zeledón, Omar Dengo, Carmen Lira e Joaquín García Monge. Textos de Rubén Coto, Salomón Castro, Elías Jiménez Rojas e Bolívar Montero também foram publicados. A maioria dessas pessoas eram professores bastante ativos na vida cultural do país²⁷.

Em relação ao movimento operário, a revista promoveu um sindicalismo revolucionário, como o que estava se desenvolvendo na Espanha e em outras partes do continente americano. O principal teórico a este respeito foi Anselmo Lorenzo, através de suas palestras sociológicas e seus artigos sobre a história do movimento operário internacional. José María Zeledón atuou como ponte para o movimento local através de sua coluna “conversemos”, onde tratou de temas como amor livre, educação racionalista, abstenção eleitoral e sindicalismo²⁸. Das outras contribuições locais, destacam-se os contos e ensaios que representam as desigualdades sociais do país, com um profundo conteúdo antimilitarista, pacifista e anticlerical.

Quanto às contribuições internacionais, *Renovación* publicou textos de 190 escritores diferentes, mais notadamente da Espanha, da França e da América do Sul. Os nomes mais destacados em quantidade de textos foram: Anselmo Lorenzo, Ricardo Mella, Francisco Pi y Margall, Isaac López, Fernando Tarrida de Mármol, Anatole France, Eliseo Reclus, Pedro Kropotkin e Manuel Ugarte²⁹. Na Costa Rica, a revista foi distribuída em todas as províncias do país, através de agentes, revendedores e colaboradores. Além disso, poderia ser adquirida em livrarias, barbearias e sapatarias. Nas barbearias, o conteúdo da publicação era geralmente lido em voz alta e discutido pelos trabalhadores.

²⁷ Índice de autores da revista, 1911–1914.

²⁸ *Renovación*, San José, números 2 a 20 de 1911.

²⁹ Índice de autores da revista, 1911-1914.

Imagem 15. Catálogo da Biblioteca Sociológica Internacional

Biblioteca Sociológica		Están a la venta en la Librería Falcó, las obras siguientes:	
		Colones	
Kropotkine (Pedro).	<i>Palabras de un rebelde</i>	Rústica	0.50
	<i>Campos, fábricas y talleres</i>	»	0.50
	<i>Las prisiones</i>		0.50
	<i>El apoyo mutuo, (2 tomos)</i>		1.00
Lorenza (Anselmo).	<i>La ciencia moderna y el anarquismo</i>		0.50
	<i>El banquete de la vida</i>		0.75
	<i>Vida anarquista</i>		0.50
»	<i>El pueblo</i>		0.50
Mella (Ricardo).	<i>Cuestiones Sociales</i>		0.50
Reclus (Eliseo).	<i>Nuestro planeta</i>		0.50
»	<i>La atmósfera</i>		0.50
»	<i>La vida en la tierra</i>		0.50
»	<i>Las fuerzas subterráneas</i>		0.50
»	<i>La montaña</i>		0.50
»	<i>El arroyo</i>		0.50
»	<i>Nieves, ríos y lagos</i>		0.50
»	<i>El océano</i>		0.50
Spencer (Herbert).	<i>Origen de las profesiones</i>		0.50
	<i>El individuo contra el Estado</i>		0.50
	<i>Educación intelectual, moral y física</i>		0.50
	<i>Los primeros principios, (2 tomos)</i>		1.00
	<i>Las ceremonias de la vida</i>		0.50
»	<i>El Progreso</i>		0.50
Zola (Emilio).	<i>Epistolario</i>	Tela	1.00
Jaquet (Clemencia).	<i>Compendio de Historia Natural, (3 tomos)</i>		3.00
Buen (Odón de).	<i>Pequeña Historia Natural, (5 tomos ilustr.)</i>		5.00
Letourneau (Charles).	<i>Psicología étnica, (4 tomos)</i>		4.00
»	<i>Genesis y evolución de la moral</i>	Rústica	0.50
Ferrer (Francisco).	<i>La Escuela Moderna</i>	Tela	1.00
Grave (Juan).	<i>Las aventuras de Nono</i>	Rústica	0.50
»	<i>Pierra libre</i>	»	0.50
Petit (Michel).	<i>El niño y el adolescente</i>	»	0.50
Pi y Arsuzga (Franc).	<i>Prejuicios de lucha</i>	»	0.50
Urales (Federico).	<i>Sembrando flores</i>	»	0.50
»	<i>Origen del cristianismo</i>	»	0.50
Bloch y Parat-Javal.	<i>La substancia universal</i>		1.00
Engerrand (Georges).	<i>Nociones de las primeras edades de la huma-</i>		1.00
»	<i>.....</i>		1.00
Eslander (J. F.).	<i>La Escuela Nueva</i>	Rústica	1.00
Naquet (Alfredo).	<i>Hacia la unión libre</i>		1.00
Mater (André).	<i>República Francesa y Vaticano</i>		1.00
»	<i>Ferrer. Interesante folleto</i>		0.20
Estévanez (Nicolás).	<i>Resumen de Historia de España</i>	Tela	1.00
Lluria (Enrique).	<i>Humanidad del Porvenir</i>	Rústica	0.50
Chardon (J. P.).	<i>Floral, (drama social)</i>		0.50
Hire (Juan de la).	<i>El infierno del soldado</i>		0.50
Malato (Carlos).	<i>Las clases sociales</i>		0.50
»	<i>En guerra, (folleto)</i>		0.25
Pert (Camille).	<i>En anarquía</i>		0.50
Yvetot (J.).	<i>A. B. C. del Sindicalista, (folleto)</i>		0.15
Malatesta (Enrique).	<i>Entre campesinos, (folleto)</i>		0.20
»	<i>En el café, (folleto)</i>		0.20
»	<i>En tiempo de elecciones, (folleto)</i>		0.10

NOTAS. Los pedidos han de ir acompañados del importe.—Los suscritores de RENOVACIÓN las recibirán sin aumento de precio.—Las obras que están marcadas a un colón, en moneda americana, 50 centavos, y las de 0.50 a 25 centavos oro americano.—DIRECCIÓN: 7ª Avenida, Este, 247.—Apartado 638.

SAN JOSE DE COSTA RICA

Fonte: *Renovación*. 10 de marzo de 1913.

O trabalho educativo da revista foi complementado pela criação da *Biblioteca Sociológica Internacional*, que distribuía livros anarquistas a preços populares (ver Imagem 15). O catálogo consistia em textos de Pedro Kropotkin, Eliseo Reclus, Ricardo Mella, Anselmo Lorenzo, Federico Urales, Enrique Malatesta, Carlos Malato e Juan Grave. Também incluía a

coleção completa dos textos educativos de Francisco Ferrer Guardia e da Escola Moderna de Barcelona. Quanto aos panfletos, textos de Sebastián Fauré, Benjamín Mota, William Morris, Anselmo Lorenzo e Antonio Pellicier foram vendidos na livraria Falcó³⁰. Em 1914, problemas financeiros e diferenças internas puseram um fim à publicação. Entretanto, Ricardo Falcó continuou com a distribuição da Biblioteca Sociológica e criou várias coleções de livros anarquistas que permaneceriam à venda até o início da década de 1930³¹.

Imagem 16. Jornal El Único



Fonte: Instituto Internacional de Historia Social.

No Panamá, o primeiro jornal anarquista foi o *El Único*, “de todos y de nadie”. Publicação individualista editada pelos galegos Bernardo Pérez (“Fray B. Pérez”) e Manuel Daniel Rodríguez (“Intransigente”), na cidade de Colón (ver Imagem 16). O formato da

³⁰ LLAGUNO THOMAS, José, **Anarquismo, sociabilidad obrera y redes intelectuales en Costa Rica: un estudio de cultura política (1909-1919)**, Tesis de maestría en Historia. Programa Centroamericano en Historia, Universidad de Costa Rica, San José, 2015, p. 108–109.

³¹ Algumas dessas coleções foram *Cuadernos Renovación*, *Literatura Barata* e *Libros Escogidos*. A maioria destes livros foi importada da Espanha e suas edições pertenciam a casas comerciais e anarquistas, como *Maucci*, *Domenech*, *Sampere* e *La Revista Blanca*.

publicação consistia em 18 a 20 páginas impressas mensalmente, com uma tiragem de 2.500 exemplares. A distribuição era gratuita para grupos individualistas federados, e custava 20 centavos de ouro para venda geral. Quanto à distribuição interna, foi vendida em toda a área do canal, assim como em livrarias, cafés, barbearias e sorveterias em Colón e na Cidade do Panamá. Também era comumente distribuída nos comícios da federação e nos navios onde seus ativistas trabalhavam como marinheiros³².

O grupo também publicou sua própria biblioteca sociológica, composta por um almanaque ilustrado para 1912 e três panfletos resultantes de competições sociológicas. Quanto aos textos do exterior, foram vendidos os publicados pelo grupo *Nuevos Rumbos* de Montevideu, Émile Armand, Antonio Pellicier e Kropotkin³³. A maioria destes folhetos foi importada do exterior, especialmente da Espanha, do Uruguai, da Argentina e dos Estados Unidos.

Uma das preocupações mais importantes desses militantes era a possibilidade de divulgar suas ideias para a classe trabalhadora. Para conseguir isso, a esfera de influência prioritária era a família da classe trabalhadora e o local de trabalho. Uma das principais características dos grupos de afinidade era o financiamento da propaganda, principalmente por jornais, folhetos e livros. Dado o caráter da federação individualista, este processo não foi centralizado no grupo editor do *El Único*. Cada grupo poderia financiar jornais de diferentes lugares e tendências, de acordo com afinidades coletivas e pessoais, como mostramos no Capítulo 3. Quando o governo panamenho proibiu a impressão do *El Único*, este esforço de difusão continuou através do *Acción Libertaria* e do *El Libertario* na Espanha (Imagem 17). Através de sua correspondência administrativa, podemos reconstruir parte desse processo. O dinheiro enviado do Panamá foi utilizado para financiar jornais, pagar assinaturas de camaradas no exterior e comprar panfletos. Em 1912, foi enviado dinheiro de Colón para pagar o envio de 15 cópias do *El Libertario* para o camarada A. B. em Santa Marta, na Colômbia³⁴. Do Emperador, o grupo Labor Libertaria enviou dinheiro para a Biblioteca *Salud y Fuerza* em Barcelona³⁵.

³² Outra característica desta publicação foi a leitura no Hospital Ancón, durante a internação de algum trabalhador ferido em um acidente laboral. Os padres jesuítas e a polícia da região enfatizaram o grande número de jornais anarquistas que os trabalhadores espanhóis receberam e exigiram como material de leitura durante sua recuperação. HARRY, Franck, *Zone Policeman 88*, New York: The Century Co, 1913, p. 58–59.

³³ *El Único*, Colón, 12 de março de 1912; 27 de abril de 1912.

³⁴ *El Libertario*, Gijón, 21 de setembro de 1912, p. 4.

³⁵ *El Libertario*, Gijón, 28 de dezembro de 1912, p. 4.

Imagem 17. Prensa de la federación individualista internacional



Fonte: Instituto Internacional de Historia Social.

O jornal *La Aurora Social*, “porta-voz da classe trabalhadora centro-americana”, foi por um tempo o veículo da Confederação Operária da América Central e da CGT da Costa Rica (Imagem 18). Seu formato era de quatro páginas, a primeira página consistia em algum poema ou frase libertária, uma seção de artigos de discussão de cada país centro-americano e uma seção de notícias e publicidade. A tiragem foi de 5.000 exemplares, financiados por vendas e propagandas. Estes últimos eram geralmente provenientes das oficinas de simpatizantes e membros de sociedades de trabalhadores, como padarias, sapatarias, barbearias e livrarias.

O grupo editor era composto pelos tipógrafos costarriquenhos Ovidio Rojas, Gerardo Vega e o hondurenho J. B. Sánchez Borja. Sua linha editorial era socialista, com uma tendência aberta a todas as correntes, embora marcada por um estilo libertário e evolutivo. Este meio foi o principal veículo de comunicação do operariado centro-americano e, através dele, de alguns militares anarquistas que atuavam em diferentes países. Quanto à sua distribuição local, foi enviada a todos os trabalhadores locais na Costa Rica, sendo mantidos agentes em todas as províncias do país.

Imagen 18. Jornal La Aurora Social

REP. DE COSTA RICA SAN JOSE, 23 DE JULIO DE 1912 AMERICA CENTRAL

LA AURORA SOCIAL

Vocero de la Clase Obrera Centro-americana

Director, **Gerardo Vega C.** Administrador, **J. B. Sánchez Borja** Editor, **Ovidio Rojas**

Año I APARECERÁ TODOS LOS LUNES Núm. 3

BARBERIA

DE

Salas y Sandoval

Situada en la Calle Central Sur, al frente de "La Buenaventura"

Es indiscutible que en esa humilde barbería queda el cliente satisfecho por el trabajo que con tanto esmero se le hace al favorecedor.

De "Cantos Rojos"

¡Fuera es luchar! Palabra es el combate,
Donde el alma del fuerte se agiganta;
Tiende la fibra del esfuerzo, la fe,
Y en pesaca triunfal, la Vida canta.

Quien ante el dolor, su pendón no abate,
Marcha a la cumbre, con segura planta,
Pues si cae en la lid al rudo embate,
Más grande, como héroe, se levanta.

Tal de la Vida es la perpetua guerra,
Que hasta esa madre pródiga, la Tierra,
Leyes tiene, despietadas y duras;
¡Páese para dar sus frutos, con sus madres,
Si preciso que el hombre la taladre
Hundiéndole el arado en las carnas!

Angel Falco (*)
Uruguayo

(*) Pocas veces se ha visto en la historia de la literatura americana un triunfo más rápido, más noble y más sólido que el que ha alcanzado el poeta uruguayo Angel Falco en solo tres años de labor fecunda, hermosa labor que dió vida á cuatro obras de valía.

Angel Falco es joven, contará quizás veinticinco años y ha conseguido ya ser cantado por muchos de sus compatriotas que, con justicia, ven en él al futuro más grande poeta de su tierra.

Angel Falco era militar, pero sus ideas revolucionarias insultaban diariamente al uniforme; un día arrojó la espada de la patria, para empuñar la pluma de la humanidad y se lanzó, como en sus tiempos de guerra, al frente del escuadrón de sus versos en una formidable carga á todos los prejuicios de la época.

La primera poesía suya que leí fué "Gorkiana", aparecida en el diario ácrata *La Protesta* y que figura en la colección que forma el tomo de los "Cantos Rojos". "Gorkiana" era una poesía que estallaba como esas bombas de los nihilistas rusos bajo la caja de los trineos principescos; una verdadera explosión de odio á la tiranía de los zaras; un corazón generoso que reverteba de entusiasmo por la causa de los deportados á Siberia. En ese mismo diario aparecieron otras poesías de Falco que, aprendidas y recitadas en las asambleas obreras de la Argentina y Uruguay, sirvieron más de una vez para decidir los movimientos huelguistas que agitaron las masas proletarias de ambos países.

"Cantos Rojos", libro de pelea, encierra la verdadera alma generosa y valiente de Angel Falco.

En todo este libro, Falco grita, alza los brazos en actitud de combate, insulta á los cobardes, escupe sus desprecios, anima á los desheredados de la vida, empuja á las avalanchas humanas, esgrime el rayo como un dios olímpico, destrumba montañas y abre precipicios con sus inanos.

Prepara cinco libros: "Auroras Atlánticas", "Arte Revolucionario", "América Libertaria", "Antología Roja" y "Breviario Galante". Serán cinco rajes de laurel que arrancará á la Gloria.

ALEJANDRO SUX
1912

ZAPATERIA

DE

Elías Sánchez A.

Situada en la Calle de la Estación, 50 varas al Este de "La Cabaña"

Se elabora calzado cosido ó clavado á gusto del cliente.

Hormas al estilo americano, francés y español.

OSRAM

ES EL NOMBRE DE

LA MEJOR BOMBILLA PARA LUZ ELECTRICA

No hay ninguna otra que la supere en calidad y es la que hoy recomendamos como

LA MEJOR en todo sentido

Precios reducidos

Koberg & Echandi
Unicos importadores

Gran Almacén Eléctrico al lado del Banco Anglo

ALSEN

EL REY DE LOS CEMENTOS

Empleado en las principales obras de mampostería del mundo. Actualmente en el ensanche de la Avenida de New York.

en el viaducto de Key West (del Florida Railway, que lo prefirió entre todas las muestras remitidas.)

en Costa Rica: en la obra de cañería y cloacas de SAN JOSÉ, Aduana de Limón, Minas Tres Amigos, etc. etc.

Alfredo Esquivel,
Agente

Talabartería

DE

JUAN CASTILLO ZELEDÓN

Situada en la Calle Central Sur, entre las Avenidas 10ª y 12ª

BOTICA ESPAÑOLA

— ASTORGA HERMANOS —

Despacho de recetas. — Surtido completo en drogas y medicina de patente. — Precios módicos

Situada 300 varas al Sur de la Iglesia de la Soledad

C. MANGEL & Compañía

DETRAS DEL COLEGIO DE SEÑORITAS

Instalaciones, Iluminaciones y rótulos eléctricos

MADERAS

Madera de laurel negro, otras de nsperos, calidad y clase superior, en tablas, tablancillos, alfajas, reglas, tabillas, etc. vende

-Francisco López García-

Depósito: Barrio de Amón, contiguo á la casa de habitación de don Alfredo Esquivel.

ORTIZ

Joyería — Relojería

El surtido más completo en joyas finas y de gusto. — Regalos para caballeros, niños y matrimonios — Novedades — Platería: Fábrica de joyas la más antigua. — Esmaltado y grabado. — Reparaciones complicadas y simples en cualquier reloj. — Garantía, satisfacción y cumplimiento

ROBERT HERMANOS

Precios reducidos -- **-ALMACEN DE ROPA HEGHA-** -- Muy buenos generos

Este documento es propiedad de la Biblioteca Nacional "Miguel O'Giggia Loraño" del Sistema Nacional de Bibliotecas del Ministerio de Cultura y Juventud, Costa Rica.

No que diz respeito aos textos anarquistas, os próprios editores do jornal trataram do assunto em sua seção “socialismo e seus avanços”, expondo um socialismo libertário no sentido de Kropotkin. A esta base foram acrescentadas contribuições do cristianismo primitivo e do evolucionismo de Proudhon. Com esta combinação particular, o objetivo era se adaptar às condições do movimento operário centro-americano. Outros autores publicados nesta linha foram: José Prat, Francisco Pi y Margall, Alberto Ghirardo, Alejandro Sux e Blanca Moncaleano. Em 1914, o jornal deixou de imprimir devido a problemas econômicos, embora a oficina tenha continuado com o mesmo nome, produzindo impressos para os sindicatos e recebendo publicações anarquistas, como a *Regeneración*, de Los Ángeles³⁶.

Entre 1918 e 1920, apareceram duas revistas na Cidade do Panamá que continuaram o vazio deixado pelos anos anteriores. A primeira, chamada *El Caballero Andante* (Imagem 19), foi editada pelo espanhol José María Blázquez de Pedro, que havia migrado para o país com seu irmão Martín, em 1914, por intermédio de seu amigo mútuo Serafín González. Na sua chegada ao país, os irmãos se envolveram em grupos anarquistas nas cidades de Colón e Panamá. Na ausência de sua própria imprensa, José María colaborou assiduamente com a *Tierra y Libertad*, em Barcelona, e continuou sua militância no grupo *Los Autónomos*, que levava o mesmo nome que aquele grupo em que ele havia participado em sua cidade natal de Salamanca³⁷.

Com a ajuda do caricaturista panamenho Julio Diaz Taracido, José María publicou sua “revista ilustrada de belos ideais”, com uma tiragem semanal de dez números entre abril e junho de 1918. A publicação tinha um formato de 12 páginas e o seu preço era de 0,10 centavos de dólar por edição. Sua capa apresentava uma caricatura de seu editor com uma caneta na mão, apontando para o horizonte de seu ideal representado por três mulheres nuas envoltas nas frases “liberdade, amor e beleza”. Sua base ideológica foi resumida na frase: “fraternidade universal, sem mestres e sem fronteiras”³⁸.

Produzida inteiramente por seu editor, a tiragem da revista foi modesta, financiada exclusivamente por suas vendas sem publicidade comercial. Uma das peculiaridades desta publicação era o fato dela ser composta por textos curtos e simples, com abundante material gráfico. Os desenhos animados explicaram as contradições sociais do país e resumiram a

³⁶ NARA. Investigative Case Files of the Bureau of Investigation. Mexican Files. Case 232-2718. **Mexican Anarchist Matter**.

³⁷ SORIANO, Ignacio; ÍÑIGUEZ, Miguel, **José María Blázquez de Pedro: anarquista de ambos mundos (en Béjar, Panamá y Cuba)**, Vitoria: Asociación Isaac Puente, 2017.

³⁸ *El Caballero Andante*, Ciudad de Panamá, 1 de junho de 1918, p. 98. Estou em dívida com o historiador Ignacio Soriano por me enviar esta revista digitalizada, que está na biblioteca da Universidade de Salamanca, na Espanha.

mensagem a ser transmitida de uma forma bastante pedagógica. Geralmente, eles eram compostos de diálogos curtos com desenhos simples e diretos.

Do conteúdo da revista, destacam-se os debates sobre feminismo e sobre trabalho cultural feminino. Este tema é abordado por textos de Concepción Arenal, Madame Severine e Belén de Sárraga³⁹. Os temas tratados pelo editor dizem respeito à educação racionalista, a situação política na Espanha e sua concepção do socialismo anarquista⁴⁰. De escritores anarquistas, ele publica textos de Proudhon, Fernando Tarrida de Mármol, Bakunin e Fermín Salvochea.

Os problemas econômicos não permitiram a continuidade da revista, portanto Blazquez de Pedro continuou seu trabalho editorial como colaborador da publicação *Cuasimodo* (Imagens 20 e 21). Esta revista foi fundada pelo professor racionalista argentino Julio Barcos e pelo escritor porto-riquenho Nemesio Canales⁴¹. O primeiro período foi impresso na Cidade do Panamá, entre 1919 e 1920, e depois em Buenos Aires, no ano de 1921. O formato da revista era de altíssima qualidade, combinando técnicas modernas de fotografia e ilustração. Cada edição mensal tinha cerca de 100 páginas e era vendida por 0,30 centavos de dólar. A publicação foi administrada através de uma parceria comercial formada por Barcos, Canales e o panamenho J. D. Moscote, nas oficinas da International Publishing Co⁴².

A orientação da revista foi de âmbito internacional, com ênfase especial na ligação entre a Espanha e a América. Seus temas eram amplos, incluindo seções temáticas, anúncios comerciais, notícias e informações sobre a atualidade panamenha. Suas seções mais estáveis foram: 1) edições do dia, 2) nossos professores da América, 3) artes e literatura, 4) notícias do mundo científico, 5) atividades modernas das mulheres e 6) notas panamenhas. De todas as publicações analisadas até agora, *Cuasimodo* é a que mais pública as contribuições das mulheres, assim como a única que mantém uma seção permanente com uma perspectiva feminina⁴³.

³⁹ *El Caballero Andante*, Ciudad de Panamá, 20 de abril; 18 de maio; 1 de junho de 1918.

⁴⁰ *El Caballero Andante*, Ciudad de Panamá, 6 de abril; 20 de abril; 18 de maio; 25 de maio; 1 de junho de 1918.

⁴¹ Estes dois educadores haviam se encontrado em Porto Rico e percorreram todos os países da América Central até se estabelecerem no Panamá. Em El Salvador haviam estabelecido relações estreitas com Alberto Masferrer e na Costa Rica com José María Zeledón, Carmen Lira e Joaquín García Monge. GONZÁLEZ, Alexandra Pita, De la Liga Racionalista a cómo educa el Estado a tu hijo: el itinerario de Julio Barcos, **Revista de Historia**, n. 65–66, p. 123–141, 2012.

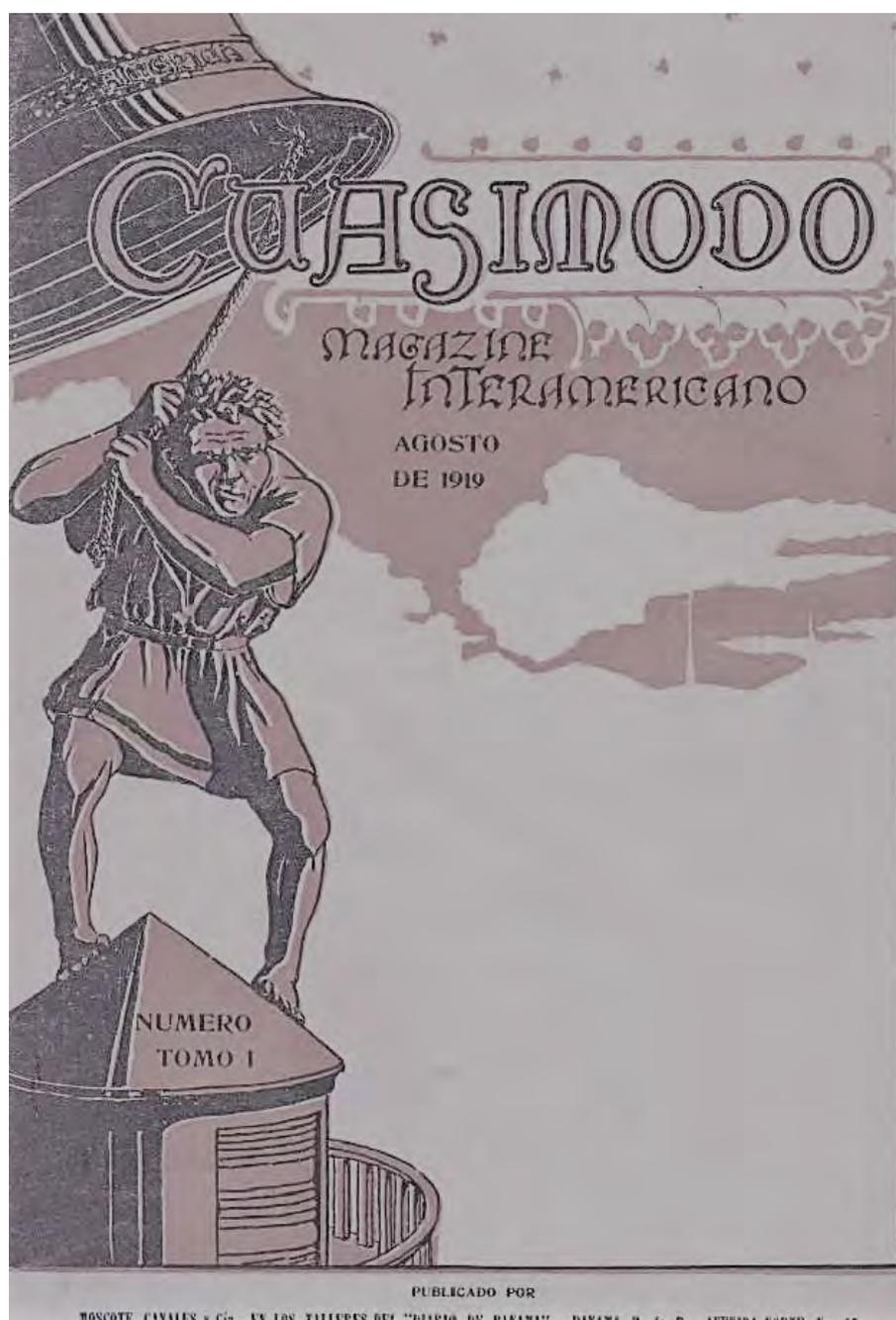
⁴² *Cuasimodo*, Ciudad de Panamá, junho de 1919.

⁴³ Esta seção cobriu todos os aspectos da participação das mulheres na vida política, cultural, econômica, sindical e científica. Textos de mulheres, professoras e ativistas socialistas foram proeminentes.

Imagem 19. Revista El Caballero Andante



Imagem 20. Revista Cuasimodo 1919



Fonte: Biblioteca Nacional de Panamá.

Imagem 21. Revista Cuasimodo 1921



Fonte: Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas.

Outra peculiaridade desta revista é o amplo espaço que ela dedica à disseminação de teorias maximalistas e ao acompanhamento de eventos decorrentes da Revolução Russa. Julio Barcos era um entusiasta do processo revolucionário naquele país, assim como Blazquez de Pedro. Esses editores realizaram várias campanhas em favor da Rússia, entendendo que o que estava acontecendo ali era parte de uma revolução mundial que poderia estimular ações similares no continente americano. Embora este entusiasmo inicial não fosse mantido com a mesma intensidade na década de 1920, os primeiros anos da revolução foram seguidos com excitação e paixão⁴⁴.

Blazquez de Pedro continuou sendo um colaborador regular da revista com artigos analisando a situação política na Espanha e a questão social no Panamá. A revista era também um espaço para anunciar sua livraria “La Racional”, que ele mantinha em sua casa no número 45, rua 13 (Imagem 22). Em seu catálogo estavam “O Homem e à Terra”, de Reclus, e “A Grande Revolução Francesa”, de Kropotkin⁴⁵. Outras canetas libertárias publicadas em *Cuasimodo* incluíram textos de Emma Goldman, Malatesta, Eusebio Carbó, Kropotkin e Alberto Ghirardo. Em 1921, a revista inaugurou seu segundo período, desta vez de Buenos Aires, devido aos problemas que seus editores enfrentaram com o governo panamenho. Aqui, a publicação dedicou mais espaço de seu conteúdo ao anarquismo, especialmente aos grupos que mantiveram seu apoio à revolução russa e romperam com a FORA e o *La Protesta*⁴⁶.

Das publicações analisadas nesta seção, a maioria terminou devido a problemas econômicos, embora outras, como *El Único* e *Cuasimodo*, tiveram que enfrentar a censura do governo. A composição de seus editores foi uma aliança entre trabalhadores e professores, destacando-se o trabalho de estrangeiros que vivem na Costa Rica e no Panamá. Sua linha gráfica melhorou notavelmente e a ênfase foi colocada em seu conteúdo didático para servir como um instrumento de educação e organização. Nos casos de *El Único* e *La Aurora Social*, estes foram os porta-vozes das organizações de trabalhadores, enquanto o restante do grupo editorial funcionou como uma organização. Quanto à continuidade, alguns de seus editores continuaram a trabalhar, desta vez concentrando sua atividade em sindicatos e centros sociais. Na década de 1920, não houve aumento no número de publicações impressas na região da

⁴⁴ Blazquez de Pedro fundou o Grupo Comunista, enquanto Barcos se associou com os chamados “anarcobolcheviques”, na Argentina, que se separaram da FORA e do *La Protesta*. SHAFFER, **Anarchists of the Caribbean**, p. 156–159.

⁴⁵ *Cuasimodo*, Ciudad de Panamá, agosto de 1920, p. 80.

⁴⁶ Alguns meses após sua chegada a Buenos Aires, Nemesio Canales deixou a administração da revista para morar em Montevideú. *Cuasimodo*, Buenos Aires, 4 de abril de 1921, p.1.

América Central, mais houve um aumento expressivo na participação da imprensa internacional através de correspondentes, assinantes, colaboradores e distribuidores.

Imagem 22. Livraria La Racional

¿ QUEREIS

estar bien informados del movimiento social
de todo el Mundo en general y de la nación
española en particular?

Pues comprad todos los números de la revista
“ESPAÑA”.

en “LA RACIONAL,” librería de
J. M. BLAZQUEZ de PEDRO

CALLE 13 OESTE — NUMERO 45

TAMBIEN en esta librería podréis adquirir las si-
guientes obras por cuadernos:

«*El Hombre y La Tierra*», por Reclus,
«*La Gran Revolución Francesa*», Kropotkine,
«*Enciclopedia Seguí*», por varios, «*Historia de
España en el Sig'lo XIX*», por Pi Margall,
«*Historia General de España*», por Codolá,
«*Historia de las Naciones*», por varios autores,
«*Libro Médico de la Casa*», por Darder y
Dalmau;

Las revistas «*La Esfera*», «*Nuevo Mundo*»,
«*Mundo Gráfico*», «*Los Contemporáneos*»,
«*Alrededor del Mundo*», «*Los Muchachos*»,
Diarios de Madrid, y los libros más notables
que se publican en España.

Fonte: *Cuasimodo*, maio de 1920.

6.1.2 Forjar o anarcossindicalismo

A década de 1920 marcou a luta pela extensão do sindicalismo no movimento operário centro-americano. Este processo estava ganhando impulso aos níveis regional e internacional com a influência dos processos revolucionários no México e na Rússia. No âmbito da América Central, a comemoração do primeiro centenário da independência da Espanha deu ímpeto a outra tentativa de reconstrução da República Federal. Embora a COCA tenha apoiado este processo, nem todas as organizações estavam comprometidas com o “unionismo” como a principal solução política para a classe trabalhadora.

No âmbito sindical, houve um intenso debate e disputa entre os três principais internacionais sediados em Amsterdã, Berlim e Moscou. Socialistas, anarquistas e bolcheviques

promoveram esse processo na América Latina, oposto pela Confederação Pan-Americana do Trabalho, promovida pela AFL, nos Estados Unidos, e pela CROM, no México. Entendida pelos anarquistas como a “Doutrina Monroe do Trabalho”, as ações da COPA na América Central e no Caribe foram percebidas como parte da política externa imperialista do governo americano para frear o impulso revolucionário do internacionalismo proletário⁴⁷.

Enquanto essa competição internacional existia, as fronteiras não estavam definitivamente marcadas. Dentro de cada organização nacional existiam múltiplas filiações e simpatias que variaram temporalmente dependendo das correlações internas de forças. Outra peculiaridade dessa década é que, pela primeira vez, o anarcossindicalismo tomou forma como uma corrente ideológica específica na Costa Rica, na Guatemala e em El Salvador. Estes grupos foram formados no calor dos debates e das divisões internas nas federações de trabalhadores que vinham funcionando desde o início do século XX.

Em março de 1920, o novo Comitê Executivo da CGT da Costa Rica decidiu em sua assembleia criar o *Ateneo Sindicalista*, a fim de discutir questões econômicas, técnicas e políticas da classe trabalhadora⁴⁸. Para ampliar estes debates, foi decidido fundar uma publicação chamada *Vía Libre*, que seria dirigida pelo guatemalteco Julio Padilla, o costarricense Cristian Rodríguez e o catalão Ricardo Falcó (Imagem 22). A revista foi impressa na gráfica Falcó y Borrásé, em um formato simples de oito páginas, vendida a 0,15 centavos de dólar por exemplar.

De acordo com seu programa editorial, “Vía Libre será uma revista de ideologia internacional, onde serão registradas todas as palpitações da luta entre Capital e Trabalho”⁴⁹. Seu conteúdo consistia em uma seção editorial, uma tribuna de trabalhadores, notícias internacionais e cartas. Uma novidade desta publicação foi a criação de uma página em inglês para promover a colaboração com os trabalhadores caribenhos da Costa Rica, que eram em sua maioria jamaicanos. A publicação foi financiada por suas vendas e pela introdução de anúncios de pequenas empresas, como tabernas, carpintarias, sapatarias, tabacarias e restaurantes.

⁴⁷ *Verbo Rojo*, Ciudad de México, novembro de 1929, p. 2.

⁴⁸ *Diario de Costa Rica*, San José, 10 de março de 1920, p.3.

⁴⁹ *Vía Libre*, San José, 4 de dezembro de 1920, p. 1.

Imagem 22. Jornal Vía Libre



Fonte: Instituto Internacional de Historia Social.

A maioria de seus colaboradores eram ativistas operários e membros da CGT. Quanto aos temas abordados, foram discutidos os principais modelos sindicais estabelecidos na época. O sindicalismo revolucionário francês, o industrialismo da IWW e o sindicalismo de múltiplas ações defendido pela CROM mexicana⁵⁰. Sobre estas questões, apareceram textos de Sorel, Eugene Debs e da *Federación de Sindicatos Obreros del Distrito Federal de México*. Da última organização, a CGT havia solicitado o envio de propaganda para ser utilizada como material de discussão nas sessões do Ateneu⁵¹.

⁵⁰ O conceito de ação múltipla refere-se à combinação de luta de rua e ação parlamentar. Esta mistura particular de ação direta e eleitoral foi promovida por seu líder Luis Morones. Os setores que queriam recuperar o caminho original do CROM romperam com ele e formaram a CGT. No início, teve a participação de militantes anarquistas e comunistas, até 1921, quando estes últimos deixaram a central. RODRÍGUEZ TREJO, Eduardo, **La otra izquierda: testimonios de una ideología olvidada, el anarquismo en México (1931-1971)**, Maestría en Historia Moderna y Contemporánea, Instituto de Investigaciones Dr. José María Luis Mora, Ciudad de México, 2016, p. 66-67.

⁵¹ *Vía Libre*, San José, 4 de dezembro de 1920, p. 2.

O progresso da Revolução Russa e os textos de Lênin ocuparam muito espaço nas páginas da revista. Sobre este assunto, Ricardo Falcó publicou um panfleto com textos de Lenin chamado “Os soviets em ação”. A publicação apresentava os catálogos da livraria Falcó y Borrásé, composta pelas coleções *Cuadernos Renovación* e *Biblioteca de Grandes Pensadores* (Imagem 23). Desta seleção de livros, foram vendidas obras de Anselmo, Lorenzo, Kropotkin, Reclus, Proudhon e Pi y Margall. Também foram publicados textos de Ricardo Mella, Fernando Tarrida de Mármol, Eliseo Reclus e contos de Rafael Barret⁵². Da análise desses conteúdos, podemos dizer que este jornal tinha um sentido plural e pedagógico, destinado a ser uma plataforma de debate dentro da CGT. Portanto, a presença anarquista foi expressiva, sobretudo por panfletos, livros e artigos que refletiam sobre o movimento operário e suas aspirações culturais.

Imagem 23. Cuadernos Renovación e Biblioteca Los grandes pensadores

RENOVACIÓN

Cuadernos de 64 a 96 págs. de un solo autor
Precio: 30 céntimos ejemplar

La Escuela altruista, Anselmo Lorenzo.
Lecturas, Angel Ganivet.
La basílica fantasma, Pierre Loti.
El príncipe feliz, Oscar Wilde.
Miscelánea literaria, Juan Maragall.
La Ciencia y la Metafísica, Carlos Gagini.
La vida que pasa, Eduardo Zamacois.
El Estado Docente, Ricardo Castro Meléndez.
La canción triste (poesías), Vicente Medina.
Del momento fugaz, Leonardo Montalbán.
Homenaje a Fracia 1918.
Desde Europa, José Enrique Rodó, 1.ª serie.
Diálogos sobre la belleza, Francisco Pi y Margall.
Páginas selectas, Jacinto Benavente.
Antología hispano-americana, Nicaragua.
Malos vecinos, Georges Clemenceau.
El patio azul, Santiago Rusiñol.
De sobremesa, Jacinto Benavente.
Bronces de antaño (teatro), Eduardo Calsamiglia.
El jardín de Epicuro, Anatole France.
Páginas escogidas, Mariano Ospina R.
Juan José, Joaquín Dicenta.
Artículos, Eça de Queiroz.
Evangélicas, Pedro B. Palacios (Almafuerte).
Las guarías del crepúsculo, Napoleón Pacheco.
El alma de la escuela, Luis de Zulueta

Precio: un colón ejemplar

La República de los soviets, Luis Araquistain.
Extraordinario.

Cuentos de amor y de tragedia, V. Sáenz.
Fanatismo político y religioso, 1.ª parte, Benito Pérez Galdós.

IMPRESA FALCÓ & BORRASÉ
Frente al Palacio de Justicia, San José

IMPRESA : LIBRERIA : ENCUADERNACION
FALCÓ & BORRASÉ
FRENTE AL PALACIO DE JUSTICIA
Tel. 329 - San José, C.R. - Ap. 638
BIBLIOTECA LOS GRANDES PENSADORES

A 50 CENTIMOS TOMO

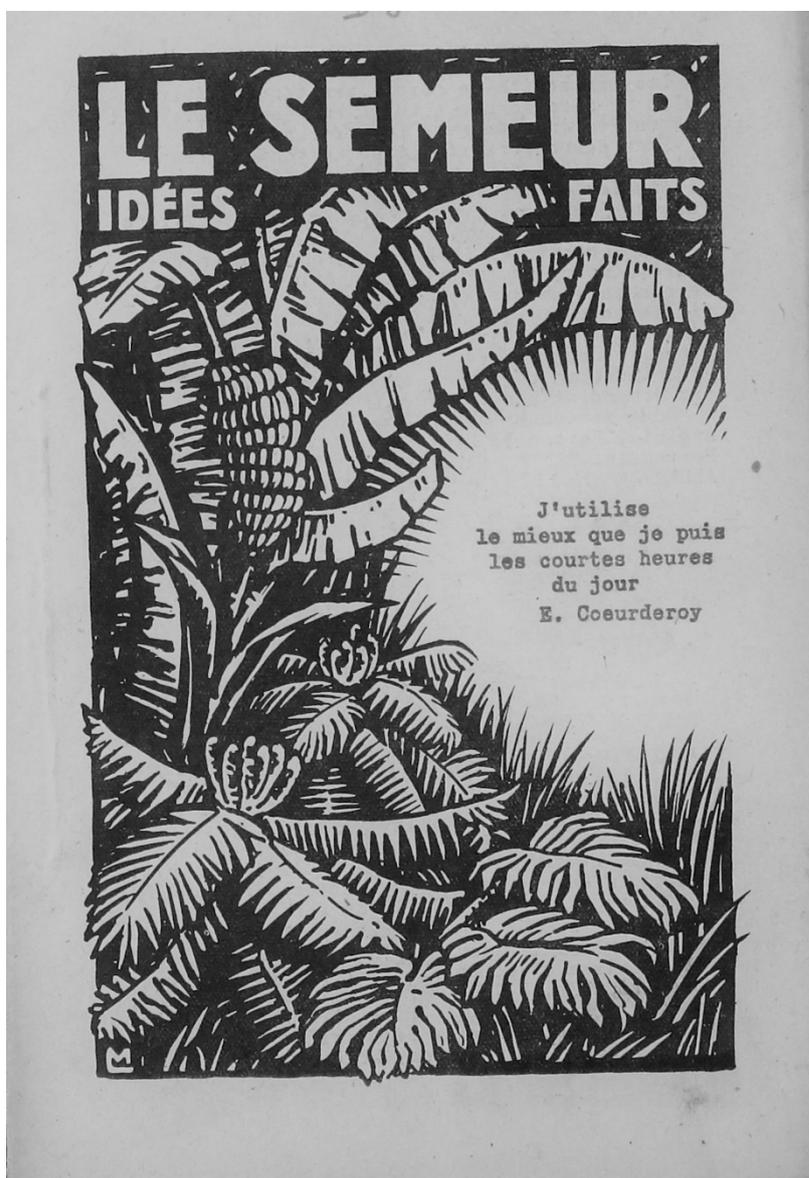
Las Clases Jornaleras, F. Pi y Margall.
Miscelánea filosófica, Voltaire.
La Propiedad, P. J. Proudhon.
Crítica del Cristianismo, F. Laurent.
Temas Varios, Eduardo Benot.
El Hombre y la Tierra, Eliseo Reclus.
Las Ciencias Históricas y } Ernesto Renan y
Las Ciencias Naturales } M. Berthelot.
Crítica Social, Emílio Zola.
De los Jesuitas, J. Michelet.
La Vida, Camilo Flammarion.
La Religiosa, Diderot.
Palabras de un rebelde, P. Kropotkin.
El Socialismo, J. Jaurés.
El Utilitarismo, Stuart Mill.

Fonte: *Vía Libre*, 11 de dezembro de 1920; febrero de 1921.

⁵² *Vía Libre*, San José, 22 de janeiro de 1921, p. 58.

Entre 1925 e 1928, surgiu outra revista anarquista na Costa Rica, que diferia das publicações dedicadas ao sindicalismo e ao movimento operário. Foi chamada *Le Semeur* (O Semeador), editada pelo professor francês Miguel Palomares da cidade de Santiago de Puriscal, uma região indígena e cafeeicultora de San José (Imagem 24). Esta publicação foi escrita em francês e em esperanto, em um formato colorido com uma extensão de 14 a 20 páginas. Foi impressa trimestralmente e custava US\$ 1,00 em moeda americana e 20 francos. Seu editor recebia correspondência e contribuições de seus contatos em Nova Iorque e em Paris.

Imagem 24. Revista Le Semeur



Fonte: Instituto Internacional de Historia Social.

A orientação da revista foi individualista, inspirada pelas abordagens de Émile Armand, na França. A proposta principal foi a formação de comunidades anarquistas no campo e a reconstrução, na prática, de um modelo de vida coletiva sem o Estado e sem o capitalismo⁵³. No caso da Costa Rica, este projeto começou como uma colônia agrícola formada por anarquistas estrangeiros, principalmente franceses, belgas, italianos e espanhóis. Esta publicação foi seu principal canal de comunicação internacional, assim como o porta-voz de suas experiências, seus debates e problemas práticos⁵⁴.

Chamado de “far away farm”, este projeto incluiu várias comunidades agrícolas que começaram a se formar em 1919 e continuaram até o final dos anos 30. Nos anos que se seguiram, alguns casais anarquistas continuaram a viver na comunidade Mastatal até os anos 70⁵⁵. Um elo pouco conhecido nesta experiência é aquele estabelecido com os anarquistas hispano-americanos que viviam nos Estados Unidos. Um deles foi o galego Jorge de Borrán, um editor, jornalista e propagandista que trabalhou como operário no Panamá, em Cuba, no México e nos Estados Unidos.

Em 1920, Borrán havia viajado de sua residência em Nova Iorque para a Costa Rica e o Panamá, a fim de promover o progresso da colônia agrícola⁵⁶. No jornal *Vía Libre*, publicou alguns artigos sobre sua viagem e tornou-se o principal agente de vendas da Livraria Falcó em Nova Iorque, de onde enviou sua publicação *Aurora* para a Costa Rica⁵⁷. Essas viagens deram frutos, pois vários anarquistas se juntaram à experiência de vida coletiva. O jornal *Cultura Proletaria* tornou-se uma tribuna permanente, onde os avanços e as contradições desta experiência foram discutidos. Ex-trabalhadores do Canal do Panamá, como o galego Jesús de Louzara, residente em Steubenville desde 1914, foram muito ativos nesse assunto.

Enquanto as páginas do *Le Semeur* juntavam os individualistas, havendo uma pluralidade de posições sobre o sindicalismo, existiam aqueles que percebiam as comunas agrícolas como uma alternativa ao movimento sindical organizado e aqueles que participaram de ambas as experiências. Em 1931 e 1932, o antigo colaborador do famoso “banda Bonnot”, o anarquista francês Leon Armand Fernandez, fez uma turnê de propaganda por todos os países

⁵³ ARMAND, Emile, **Formas de vida en común sin Estado ni Autoridad**, Madrid: Innisfree, 2014.

⁵⁴ Há um testemunho desta experiência coletiva em: MENZIES, Malcolm, **Mastatal**, París: Plein Chant, 2009.

⁵⁵ *Diario de Costa Rica*, San José, 11 de fevereiro de 1923, p. 2; *La República*, San José, 30 de junho de 1968, p. 21.

⁵⁶ Esta visita à comuna é evidenciada por várias compras de terras, nas quais Borrán estava envolvido. ANCR. Fondos Notariales. PROTO-PROTONOT-INOT-002075-011-100-00152. **Cancelación de hipoteca. Balvina Pérez Rodríguez y Jorge Borrán Janeiro. San José**», 23 de junho de 1921.

⁵⁷ *Vía Libre*, San José, 1 de agosto de 1921, p. 53.

da América Central, a fim de fortalecer os contatos com a redação do *Cultura Proletaria*⁵⁸. Durante sua estada na Costa Rica, ele ficou em Mastatal para conhecer a experiência comunitária e escreveu várias resenhas sob o pseudônimo de E. Bertran⁵⁹. Um estudo desta revista individualista e de suas redes internacionais pode gerar novos conhecimentos sobre outras tendências anarquistas e suas estratégias organizacionais.

As viagens de propaganda, como as realizadas por Bertrán, também foram utilizadas por outros anarquistas interessados em fortalecer o movimento sindical. Este foi o caso do anarquista argentino Julio Diaz, militante da FORA e colaborador da CGT mexicana. Durante 1925 e 1926, ele viajou por toda a América Central a fim de fortalecer os contatos para a organização de um congresso continental. A ideia básica era conquistar os sindicalistas reformistas e bolcheviques para o projeto AIT. É neste processo que foram fundadas as publicações *Acción Social*, *Orientación Sindical* e *Germinación*. Estas foram porta-vozes oficiais da ACAT na Costa Rica e na Guatemala.

A primeira publicação foi um boletim do qual são registrados apenas dois números, impressos pelo Comitê de Ação Social Obrera, fundado por Julio Diaz, na cidade de San José, em 1926. Era composto por mecânicos, costureiras, carpinteiros, marceneiros e sapateiros. Todos esses militantes vieram da CGT e seu principal objetivo era conquistar seus companheiros de trabalho para a formação de sindicatos de ação direta. O boletim foi editado mensalmente pelos carpinteiros Carlos Monge Sáenz e Fausto Peraza⁶⁰.

Em 1928, os sindicatos de alfaiates, pedreiros e carpinteiros da Cidade da Guatemala fundaram seu jornal *Orientación Sindical* (Imagem 25). Este foi um anarcossindicalista quinzenal, editado pelo secretariado do *Comitê Pro Acción Sindical*, que foi o órgão coordenador destas organizações. Seu formato era estilo tabloide de oito páginas, vendido ao preço de US\$ 3 e produzido na gráfica Aurora. Suas seções foram divididas em artigos de opinião, notícias sobre lutas sindicais e propaganda da AIT.

⁵⁸ RODRIGUEZ, Léon, Armand «BERTRAND»; “E. BERTRAN” - [Dictionnaire international des militants anarchistes]. THOMAS, La Belle époque de la Banda de Bonnot.

⁵⁹ *Cultura Proletaria*, New York, 2 de abril de 1932, pp. 1, 3; 14 de maio de 1932, p. 3.

⁶⁰ Não encontramos nenhuma cópia física deste boletim, o conteúdo foi obtido de anúncios publicados em outros jornais na Costa Rica e na Argentina. *La Prensa*, San José, 26 de março de 1926, p. 4; *La Protesta*, Buenos Aires, 8 de novembro de 1926, p. 6.

Imagem 25. Jornal Orientación Sindical

Netflan

Orientación Sindical

ORGANO DE LOS SINDICATOS

único de sastres, albañiles y modeladores en cemento y Comité en Pro de la Federación de los Trabajadores en Madera.

POR ACUERDO DEL 8 DE ENERO DE 1928

Barriendo con las fórmulas del viejo edificio de la autoridad y la ley, las muchedumbres del trabajo en todos los ambientes del mundo, flamean al viento la enseña generosa de la anarquía. Las madres d' hoy día, entregan á regañadientes sus hijos á la Patria... ¡Guerra que llegue aquel que rompa la soberbia dominante y proclame la igualdad símbolo d' Libertad, Justicia, Amor

¡BREVES!
Démoseos á la vida, á la lucha; seamos un conjunto de energías q' es preciso prodigar como el perfume de las flores á correr como los ríos; si se estanca, nos pasa lo q' al agua, nos descomponemos, es decir, nos pudrimos. Quisen no lesda, quien no tiene un porvenir que conquistar; primero se abarrea luego se envicia, terminando en el oscuro conato de la maldad imperante.

AÑO I
GUATEMALA, 15 DE MAYO DE 1928
Nº 12

EL 1º DE MAYO Y DOS MANIFESTACIONES

Todos los placeres materiales no son comparables al placer espiritual que nos proporciona la lucha.

PEDRO CROPORINE

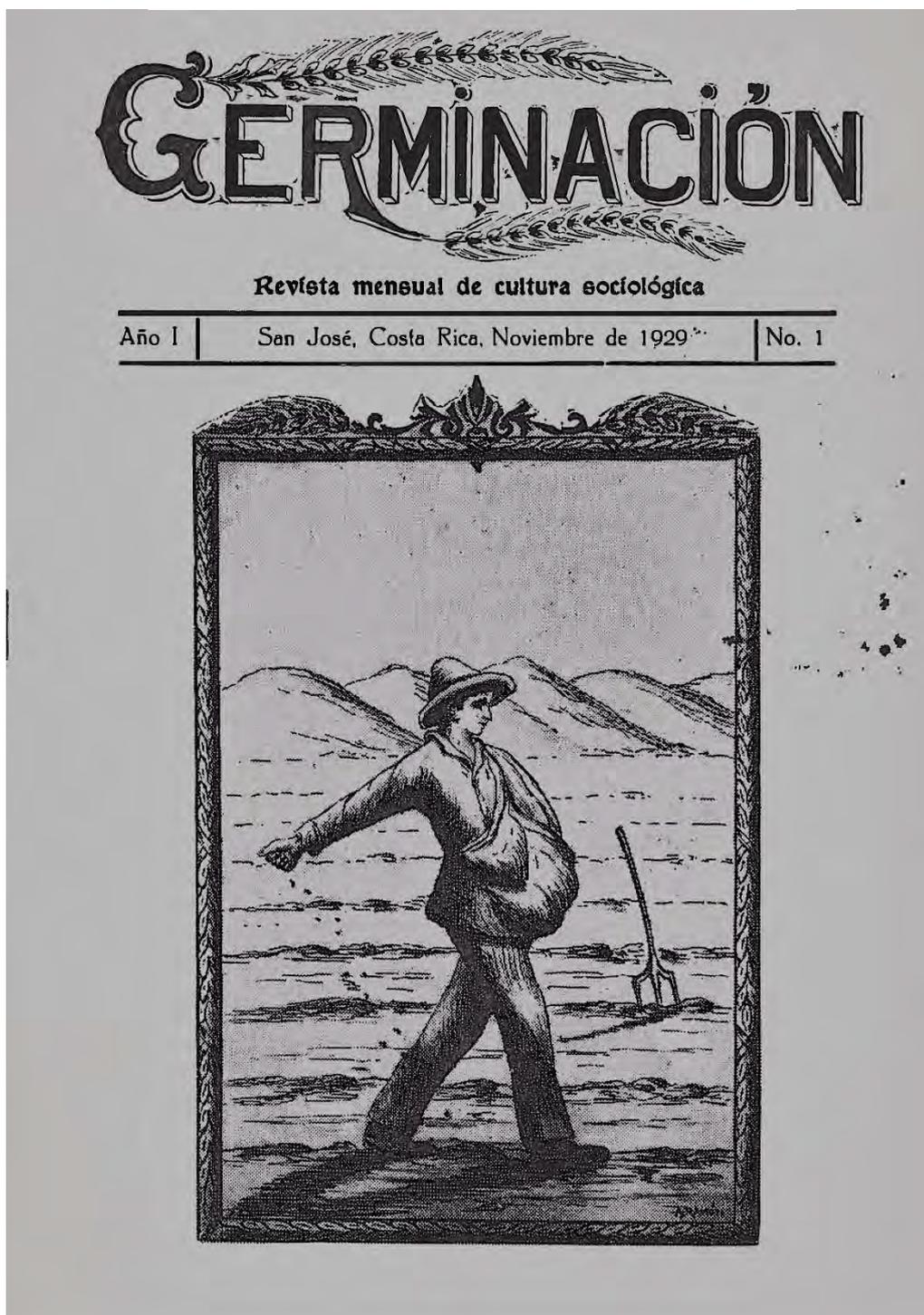
Con el corazón rebotante de noble entusiasmo que nos proporcionan nuestras convicciones de idealistas y soñadores de una sociedad de iguales, nos dirigimos al parque « La Concordia, » punto señalado para la reunión de los distintos organismos que controla el Comité Pro-Acción Sindical. Como es nuestra costumbre, antes de la hora indicada llegamos para esperar la reunión de las fuerzas productoras que deberian engrosar las filas de la manifestación que el Comité se proponia efectuar como una viril protesta, y de solaridad con las organizaciones revolucionarias de los demás países del mundo, haciendo causa común en la protesta universal que en este día se realiza contra el monstruoso crimen que el capitalismo yanqui consumó con nuestros compañeros el 11 de Noviembre de 1887, haciendo un recuento de las grandes y titánicas luchas que los trabajadores revolucionarios han sostenido contra el capitalismo arrancándole mejoras económicas que han costado ríos de sangre á la clase proletaria pero que, á pesar de todo, han triunfado en sus peti-

ciones y por lo cual hoy disfrutamos de las 8 horas de trabajo. Los trabajadores empezaron á afluir por los cuatro costados del mencionado parque y cuando habia una gran concurrencia, los politiqueros de la Federación Obrera y los de la Regional queriendo aprovecharse de la gran propaganda que el Comité habia hecho de antemano, empezaron á discurrir para de esta manera atraerse á los obreros que, confundidos, no acertaban á dar cuál era la organizacion en la que tendrían que desfilar. No obstante cuando los políticos emprendieron su marcha vieron que el Comité no iba allí, y entonces volvieron las espaldas para reunirse con sus compañeros que les esperaban para empezar el acto. Se dió principio y varios compañeros con palabras claras y vibrantes arengaron á la multitud que sedienta de escuchar algo que no fuera patriotería ó politiquería guardaba el más profundo silencio, prendida la mirada de los labios de los oradores que supieron encuadrarse en el terreno ideológico de la sublime doctrina anarquista condenando las odiosas tiranías y dictaduras que

Int. Institut.
Soc. Geschiedenis
Amsterdam

Fonte: Instituto Internacional de Historia Social.

Imagem 26. Revista Germinación



Fonte: Instituto Internacional de Historia Social.

A maioria dos textos foi assinada com pseudônimos. Além dos militantes guatemaltecos, o jornal publicou textos de colaboradores do *Cultura Proletaria*, como Ángel María Dieppa, Juan Expósito e S. Espi. A campanha pela liberdade de Simón Radowitzky ocupou um lugar importante nas páginas do jornal. A intensa repressão do governo guatemalteco forçou seus editores a encerrar a publicação, de modo que eles optaram por continuar relatando sua atividade organizacional através do *Cultura Proletaria*, em Nova Iorque, da imprensa mexicana CGT e da FORA na Argentina.

Entre 1929 e 1930, a revista sociológica *Germinación* apareceu em San José, na Costa Rica, publicada pela *Agrupación Obrera de Estudios Sociales Hacia La Libertad* (Imagem 26). Só pudemos revisar o primeiro número desta publicação. Foi editada mensalmente, no formato de 20 páginas, e custou 0,25 centavos de dólar. Seu principal editor foi o anarquista peruano Víctor Recoba Montoya, que assinou sob o pseudônimo “Artemio”. A maioria de seus textos foi assinada com pseudônimos e tratava de uma variedade de assuntos, como anarquismo, sindicalismo, ciências naturais e educação racionalista. Através da revista, poderiam ser comprados livros e panfletos, como “La inquisición de España” e “El movimiento obrero español 1886-1926” de Manuel Buenacasa⁶¹.

Nenhuma das publicações sindicais acima mencionadas conseguiu durar mais de um ano, portanto a maioria das informações sobre as atividades dessas organizações foi enviada à imprensa da ACAT e de suas organizações afins. As principais razões foram repressão, censura e falta de meios financeiros. Em 1932, ondas de repressão na Guatemala e em El Salvador dizimaram os sindicatos, enquanto na Costa Rica, o anarcossindicalismo estava perdendo terreno para o avanço do Partido Comunista.

Dada esta onda de repressão que varreu todo o continente americano, o trabalho editorial e de propaganda foi móvel e constantemente deslocado de um lugar para outro. Além da imprensa oficial ligada à AIT e à ACAT, o canal de comunicação mais estável foi mantido através do *Cultura Proletaria*. Entre 1925 e 1936, este jornal de Nova Iorque foi o principal centro de comunicação do anarquismo centro-americano. Como esta publicação foi dirigida por anarquistas espanhóis, cubanos e porto-riquenhos, seus editores deram prioridade ao fortalecimento de seus vínculos com grupos estabelecidos no Caribe, na América Central e no norte da América do Sul. Esta comunicação também se beneficiou da posição estratégica do porto e da cidade de Nova Iorque, onde os grupos exilados latino-americanos também estavam sediados.

⁶¹ *Germinación*, San José, novembro de 1929.

6.2 Caribe Libertário

Pensar na distribuição e circulação da imprensa anarquista significa percorrer os espaços e territórios onde o jornal foi lido. Neste sentido, podemos obter uma aproximação de seus leitores. Da mesma forma, a distribuição e o intercâmbio nos permitem identificar relações de confiança, camaradagem e alianças diversas que os diferentes grupos estabeleceram através do material impresso. Nesta seção, reconstruirei este processo, com base na rede de assinantes, correspondentes e colaboradores da imprensa centro-americana, a fim de ter um perfil mais claro do público internacional do qual eles participaram.

Mapa 16. Circulação internacional da imprensa anarquista, 1904–1932



Fonte: Elaboração própria.

Dadas as informações coletadas até agora, foram estabelecidos quatro circuitos principais de relações (expressos no Mapa 16): 1) América Central, 2) Grande Caribe, 3) Rio da Prata e 4) Europa. Com relação ao Caribe, tomamos como referência a concepção ampliada deste território, construída pelo historiador Kirk Shaffer ao analisar a composição das redes de

comunicação do anarquismo. Estes seriam compostos pelo litoral leste-sul dos Estados Unidos, principalmente Nova Iorque e Flórida, pelas ilhas do Caribe hispânico, pelo México e pelos países da América Central⁶²

Um aspecto importante a ser considerado com relação à circulação da imprensa são os efeitos da repressão, da censura e do exílio. Já discutimos acima como os países da América Central participaram da aplicação de vários tratados internacionais e da legislação interna que proíbe a circulação de material impresso anarquista. Estes eram geralmente confiscados e guardados nos correios, de modo que levava, diversas vezes, muito tempo para que as correspondências chegassem a seus assinantes.

Em outros casos, a censura generalizada foi utilizada na denúncia de certos eventos considerados “sensíveis” pelas autoridades, tais como greves e ações de protesto. A partir de 1917, esses mecanismos se tornaram mais eficazes, dada a percepção do “perigo bolchevique” proveniente da Rússia. Neste sentido, muitos anarquistas foram submetidos a esta repressão por fazerem parte do “comunismo internacional”, embora pessoalmente não tivessem nenhuma conexão com a República dos Soviéticos. Dadas essas circunstâncias, a busca por locais mais seguros para publicação foi uma constante durante todo o período, de modo que a geografia específica de um jornal não necessariamente limitava seu alcance.

6.2.1 Conexão centro-americana

No caso da Costa Rica, todas as publicações foram impressas na cidade de San José, com exceção do *Le Semeur*, publicado em Santiago de Puriscal. *Renovación* teve o sistema de distribuição mais extenso, entre 1911 e 1914, com agentes em todas as províncias do país, administrado pela empresa Falcó y Borrásé. A maioria desta distribuição estava concentrada nos centros urbanos de cada província e nas áreas de maior produção agrícola, como as fazendas de café em Heredia, a cana de açúcar em Cartago e a banana em Limón⁶³.

Sobre seu sistema de intercâmbio, a publicação recebeu revistas científicas, educacionais, literárias e infantis. Nenhuma dessas publicações era anarquista, embora a maioria tenha sido editada por colaboradores da *Renovación* e impressa na gráfica de Falcó y Borrásé. Tais foram os casos de José María Zeledón, Carmen Lira, Joaquín García Monge e

⁶² SHAFFER, *Anarchists of the Caribbean*.

⁶³ LLAGUNO THOMAS, *Anarquismo, sociabilidad obrera y redes intelectuales en Costa Rica: un estudio de cultura política (1909-1919)*, p. 104.

Omar Dengo. Eles estiveram envolvidos na revista infantil *San Selerín*, na revista *Ariel* e no jornal de sátira política *La Linterna*, publicado durante o processo eleitoral.

De El Salvador, o intercâmbio seguiu canais similares, por publicações literárias e científicas como *La Razón* e o *Ateneo de El Salvador*. A única publicação anarquista recebida da região foi *El Único*, de Panamá. Ricardo Falcó correspondeu com seus editores e vendeu a revista em sua livraria em San José. A edição especial que *Renovación* dedicou a Francisco Ferrer Guardia, em outubro de 1911, foi muito bem recebida no Panamá e também foi distribuída em Havana através do jornal *Vía Libre*⁶⁴.

Mapa 17. Conexão de Imprensa Anarquista Centro-Americana, 1904–1932



Fonte: Elaboração propia.

⁶⁴ *Vía Libre*, La Habana, 5 de agosto de 1911, p.4.

Quanto ao movimento operário, as publicações *Hoja Obrera* e *Aurora Social* foram recebidas. Os colaboradores da *Renovación* também escreveram para estes jornais, especialmente os membros do Centro Germinal. Nas instalações deste centro de estudos, os professores Joaquín García Monge e Omar Dengo deram aulas noturnas de sociologia, economia, política e história do trabalho. Sua biblioteca também estava aberta ao público, onde se podia ler os jornais recebidos através da troca e os livros importados por Ricardo Falcó⁶⁵.

No caso de *La Aurora Social*, os tipógrafos Gerardo Vega e Ovidio Rojas foram os principais elos com o resto do movimento operário centro-americano. Em sua redação, também venderam a revista *Renovación* e o catálogo de livros de Falcó e Borrásé. De seu intercâmbio, receberam as publicações *Quimeras* e *La Unión Obrera*, da Nicarágua; *Brazo y Cerebro* e *Mujer Salvadoreña*, de El Salvador; e *El Trabajo*, da Guatemala. Estas publicações foram publicadas pelos centros de artesãos e pelas sociedades de socorros mútuos dos diferentes países. Como não obtivemos nenhum problema, não podemos dar mais informações sobre estes jornais.

Dessas publicações, a única socialista foi *Brazo y Cerebro*, editada na cidade de San Salvador, por Leopoldo Valencia. Este trabalhador residiu na Costa Rica como membro do Conselho Federal da Confederación Obrera e tinha sido acusado pela imprensa de ser um “estrangeiro pernicioso”, por defender o assassinato e o uso da violência revolucionária. Nesta controvérsia, Valencia foi acusado de ser um anarquista e um seguidor das ideias de Malatesta. Embora não tenhamos assuntos desta publicação para tratar, sabemos por outras fontes que Leopoldo era distribuidor de jornais anarquistas em seu país⁶⁶.

No Panamá, os editores do *El Único* não pareciam ter muito interesse em se conectar com o resto da região da América Central. De sua correspondência administrativa, eles só mantiveram contato com Ricardo Falcó. O jornal foi enviado para Pantaleón García, na Cidade da Guatemala⁶⁷. Sua distribuição no Panamá foi para todos os acampamentos de trabalhadores na zona do canal, onde havia membros da Federación Individualista, assim como na capital e em Colón.

No caso de José María Blazquez de Pedro, enviou sua poesia e publicações para a Costa Rica através de Joaquín García Monge e Elías Jiménez Rojas. O primeiro publicou os comunicados do grupo comunista onde José María atuou como secretário de relações

⁶⁵ *Tierra y Libertad*, Barcelona, 15 de janeiro de 1913, p. 3.

⁶⁶ *Hoja Obrera*, San José, 3 de agosto de 1913, p. 2; 14 de agosto de 1913, p. 3.

⁶⁷ Do relatório enviado por este assinante, parece que ele é um imigrante espanhol que trabalha em uma plantação de café. *El Libertario*, Gijón, 12 de outubro de 1912, p. 4.

exteriores⁶⁸. Este último recebeu *El Caballero Andante* através de sua revista científica *Eos*⁶⁹. Em 1921, o Grupo Comunista procurou fortalecer seus contatos e sua ideologia revolucionária em toda a América Central através da imprensa operária. No jornal *El Obrero*, da Cidade do Panamá, membros do grupo publicaram manifestos a favor de Sacco e Vanzetti, apoio à Revolução Russa e críticas ao conservadorismo da *Confederación Obrera Panamericana*⁷⁰. Neste periódico, também identificamos artigos de Eliseo Reclus, Anselmo Lorenzo e Rodolfo González Pacheco.

Na revista *Cuasimodo*, Blazquez de Pedro colaborou com os educadores Julio Barcos e Nemesio Canales. Embora esta publicação não tenha tido uma seção específica de intercâmbio, podemos reconstruir alguns de seus vínculos com a região a partir da trajetória de seus editores. A principal conexão era com os movimentos de professores e estudantes na Costa Rica e em El Salvador. Canales e Barcos haviam vivido no antigo país em várias épocas entre 1917 e 1920. Durante este período, houve um governo militar liderado pelos irmãos Tinoco, que enfrentou significativa oposição dos movimentos dos trabalhadores, dos estudantes e dos professores.

Também na Costa Rica, Barcos foi nomeado membro honorário da *Unión Libertadora Venezolana*, uma organização no exílio que luta contra a ditadura naquele país. Em 1920, José María Zeledón propôs no congresso que o educador argentino fosse nomeado “cidadão honorário” por seu destacado papel na luta contra a ditadura de Tinoco. Entretanto, havia muitos rumores sobre sua personalidade, pois Barcos havia supostamente vindo à Costa Rica para fazer uma biografia do ditador, que recusou sua oferta. Outros setores também questionaram suas supostas incoerências ideológicas, já que ele se definiu como anarquista e participou de várias nomeações governamentais em vários países⁷¹.

Apesar dessa trajetória controversa, Barcos teve importantes aliados na Costa Rica que serviram de elo e colaboradores em seu projeto editorial. A professora Carmen Lira foi agente e distribuidora oficial da *Cuasimodo* em 1919 e 1920, enquanto Clemencia González

⁶⁸ *Repertorio Americano*, San José, 31 de outubro de 1921, p. 12; 14 de novembro de 1921, p. 15.

⁶⁹ LLAGUNO THOMAS, **Anarquismo, sociabilidad obrera y redes intelectuales en Costa Rica: un estudio de cultura política (1909-1919)**, p. 133.

⁷⁰ *El Obrero*, Ciudad de Panamá, 29 de outubro de 1921, p. 3; 5 de novembro de 1921, p. 3; 17 de dezembro de 1927, p. 1

⁷¹ ANCR. ASAMBLEA LEGISLATIVA, **Barcos Julio R: Proyecto de ley del diputado José María Zeledón Brenes en que se le concede el título de ciudadano honorario de Costa Rica**, San José, Costa Rica: Congreso, 1920. DIAZ, David; SHAFFER, Kirwin, El ciudadano anarquista, *La Nación*, p. 34, 2010.

assumiu esta tarefa em 1921 e 1922. A revista também foi um veículo relevante para denunciar a guerra de fronteira entre a Costa Rica e o Panamá, em 1921⁷².

Em El Salvador, Barcos seguiu uma trajetória semelhante, onde participou da elaboração do Código de Instrução e de vários projetos educacionais. Aqui, seu principal contato foi Alberto Masferrer, um professor que ele há muito admirava. Masferrer era um assíduo defensor do vitalismo, uma corrente que ele dizia ser uma síntese do anarquismo, do cristianismo e do hispano-americanismo. Sobre o pensamento libertário, o educador salvadorenho foi um profundo conhecedor e divulgador do pensamento de Kropotkin e Reclus⁷³.

Em todas as publicações analisadas até o momento, podemos ver como os educadores desempenharam um papel importante. Seja como editores, mediadores ou colaboradores, esses periódicos se basearam em seus conhecimentos e experiência. Como existem poucas publicações anarquistas na América Central, é necessário considerar esses projetos mais amplos nos quais foram construídas alianças e amizades. Por outro lado, é necessário analisar as trocas das publicações em conjunto com a trajetória de seus editores, a fim de identificar relações que possam passar despercebidas em uma leitura individual dos impressos.

Nos últimos dias de protesto antes da queda do regime em 1919, Julio Barcos participou das manifestações, dando palestras e palestras. Durante esse período, ele fez amizade com alguns daqueles professores, como Joaquín García Monge, Carmen Lira e José María Zeledón. Em 1920, com a chegada do novo governo chefiado por Julio Acosta, Barcos foi nomeado para liderar a reforma educacional através de um novo código de instrução pública.

Uma conexão semelhante levou ao desenvolvimento da revista *Le Semeur*. Seu núcleo inicial começou com Pedro Prat e Giovani Lepory, que formaram uma colônia agrícola à qual se juntaram outros anarquistas europeus durante as décadas de 1920 e 1930. Na Costa Rica, seus principais contatos foram os educadores Elías Jiménez Rojas e Joaquín García Monge. O primeiro era um químico que havia estudado na França, no final do século XIX, e que editou várias publicações científicas impressas na livraria Falcó y Borrásé. Em Paris e Orléans, Jiménez manteve contato com anarquistas-individualistas, especialmente com Émile Armand, de quem traduziu vários textos para sua revista⁷⁴.

⁷² *El Hombre Libre*, San José, 31 de março de 1920, p. 6; La Tribuna, San José, 12 de junho de 1921, p. 5.

⁷³ *Cuasimodo*, Ciudad de Panamá, junho de 1920.

⁷⁴ JIMÉNEZ, Emilio, Elías Jiménez Rojas, *Apuntes*, p. 509–510, 1945.

Segundo o testemunho de Elías Jiménez, ele deu trabalho a George Vidal e outros membros da comunidade em sua farmácia por um tempo⁷⁵. Quando Miguel Palomares aderiu ao projeto, ele estava encarregado de distribuir a revista *Reproducción*, de Elías, através de seus contatos internacionais. Com García Monge, houve uma comunicação semelhante, por sua revista *Repertorio Americano*, onde George Vidal publicou em vários números seu pequeno romance “mi mujer y mi monte”, em que relatou várias das experiências da comuna e fez uma crítica às convenções morais da época⁷⁶. Quando *Le Semeur* cessou a publicação em 1928, seus colaboradores enviaram seus textos e dinheiro para Émile Armand através da *L'En Dehors*. Dos que permaneceram na Costa Rica, a maioria foi para o comércio e a educação. Miguel Palomares era professor de francês na Escola Normal, em Heredia, e dirigia uma livraria com seu sócio na mesma cidade.

Como temos mostrado até agora, os principais contatos e intercâmbios foram entre a Costa Rica, o Panamá e El Salvador. Neste último país, na ausência de sua própria imprensa, os anarquistas usavam revistas culturais, a imprensa operária e seus contatos em outros países para comunicar suas ideias e seus projetos. Na década de 1920, a maioria de seus militantes vinha da *Federación Regional de Trabajadores de El Salvador* (FRTS). Esta organização publicou *El Machete*, onde sua atividade sindical e sua discussão ideológica poderiam ser seguidas. Infelizmente, não foi possível encontrar nenhum número desta publicação. Indiretamente, o jornal *Patria*, de Alberto Masferrer, publicava constantemente informações sobre as atividades da FRTS entre 1929 e 1932⁷⁷.

Uma situação semelhante existia na Guatemala, com o jornal *Orientación Sindical*, do qual apenas alguns números de 1928 sobreviveram. Embora a proximidade territorial com El Salvador tenha permitido um fluxo constante entre os ativistas trabalhadores em cada país, só conseguimos reconstruir essas relações através de seu intercâmbio internacional.

Segundo Miguel Mármol, um sapateiro salvadorenho, as atividades e publicações da *Confederación Obrera Centroamericana* serviram de espaço de encontro e intercâmbio para militantes anarquistas e comunistas. Temos registros de que a COCA publicou a revista *Novación*, da qual também não encontramos nenhum exemplar⁷⁸.

Em resumo, podemos dizer que os vínculos entre os anarquistas centro-americanos não se faziam principalmente através de suas próprias publicações. Devido à escassez destas,

⁷⁵ *Repertorio Americano*, San José, 29 de março de 1941, p. 12.

⁷⁶ VIDAL, George, *Mi mujer y mi monte*, San José: Ministerio de Cultura, Juventud y Deportes, 1972.

⁷⁷ *Patria*, San Salvador, 18 de maio de 1928, p. 4; 22 de março de 1929, p. 8; 23 de agosto de 1929, p. 1.

⁷⁸ DALTON, Miguel Mármol. *Los sucesos de 1932 en El Salvador*, p. 91–92.

suas trocas ocorreram através de vários canais, que nem sempre são perceptíveis. Em tempos de repressão e censura, isto foi particularmente difícil, especialmente no movimento sindical, forçado a continuar seu trabalho na semiclandestinidade. Educadores e imigrantes desempenharam um papel proeminente como elos. Isto não quer dizer que não houve outras conexões, mas pelo menos estas são as que podemos identificar a partir dos registros que temos.

6.2.2 Circuito Caribenho

Nos Estados Unidos, uma parte importante das publicações anarquistas foi mantida por grupos de imigrantes. No caso de suas conexões com a América Central, mexicanos, cubanos, porto-riquenhos e espanhóis foram proeminentes. Entre 1910 e 1932, estas relações foram mantidas através dos editores Ricardo Flores Magón, Pedro Esteve e Jaime Vidal. As relações com os primeiros concentraram-se em apoiar o processo revolucionário mexicano através dos guerrilheiros PLM e seus grupos afins. O jornal *Regeneración*, publicado em Los Angeles, chegou à Costa Rica, ao Panamá e a El Salvador de forma intermitente, entre 1911 e 1918.

Na Costa Rica, seu principal agente foi Ricardo Falcó, que recebeu as assinaturas do jornal, enviou a revista *Renovación* como troca e vendeu os livros da Biblioteca Sociológica Internacional. Curiosamente, quando comparamos os autores e os temas desta biblioteca, vemos que a maioria deles coincidiram, o que nos permite pensar em um projeto de autêntica coordenação internacional⁷⁹.

Por sua vez, *Regeneración* recebeu as assinaturas da *Renovación* e enviou a revista para Califórnia, Washington e Texas⁸⁰. Em suas páginas, foram publicados vários artigos discutindo o avanço do imperialismo estadunidense na América Central, e foi criada uma campanha internacional de protesto, denunciando os problemas que essas intervenções trouxeram à causa revolucionária continental⁸¹.

⁷⁹ BARRERA, Jacinto, La biblioteca sociológica de Regeneración y la red internacional anarquista, *in*., Ciudad de México: [s.n.], 2011, p. 1–38.

⁸⁰ *Regeneración*, Los Angeles, 24 de agosto de 1912, p. 2; 3 de maio de 1913, p. 3.

⁸¹ *Regeneración*, Los Angeles, 27 de julho de 1912, p. 3.

Mapa 18. Conexão Caribenha da Imprensa Anarquista, 1904–1932



Fonte: Elaboração própria.

O relacionamento com grupos anarquistas no Panamá era mais variado e tenso, pois havia muita desconfiança da Federação Individualista sobre o caráter anarquista dos editores de *Regeneración*. Apesar destes debates, vários grupos baseados na Zona do Canal enviaram subscrições e dinheiro para PLM, direta ou indiretamente, por Havana e por Nova Iorque. Na seção inglesa do jornal, o anarquista William C. Owens dedicou sua coluna a acompanhar a construção do canal interoceânico e as consequências que isso traria para a consolidação do poder militar americano no Caribe⁸². A conexão com El Salvador foi conduzida por Leopoldo Valencia, que era o distribuidor do jornal na capital do país⁸³.

A comunicação com Pedro Esteve ocorreu por *Cultura Obrera* e *Cultura Proletaria*, entre 1910 e 1925, quando este último morreu. Entre 1927 e 1935, este intercâmbio continuou com o grupo de redação do jornal. Durante o primeiro período, o apoio à PLM e à

⁸² *Regeneración*, Los Ángeles, 24 de agosto de 1912, p. 1; 19 de octubre de 1912, p. 4.

⁸³ Em uma investigação do FBI sobre María Talavera, companheira de Ricardo Flores Magón, a polícia apreendeu correspondência dirigida a assinantes de *Regeneración*, em El Salvador e na Costa Rica. NARA. Investigative Case Files of the Bureau of Investigation. Mexican Files. Case 232-2718. **Mexican Anarchist Matter**.

Revolução Mexicana foi um elo importante que incluiu grupos da América Central, especialmente os da Costa Rica e do Panamá. A principal conexão com Nova Iorque era através dos marinheiros que eram a base do papel e que viajavam constantemente como trabalhadores da frota comercial da UFCO.

Os marinheiros utilizaram a subscrição voluntária nos navios e nos portos em que viajavam. Para identificar esses registros, cruzamos a correspondência administrativa com os nomes dos navios nos registros da frota da UFCO⁸⁴. Entre 1911 e 1917, identificamos doações de U\$ 24, 25 dólares, de marinheiros, nos navios: S. S. Panamá, S. S. Ancón, S. S. Zacapa, Vapor Limón, S. S. Carrillo, S. S. Sixaola e S. S. Parismina⁸⁵. Todos esses navios foram registrados em portos da América Central, cujos nomes podem ser identificados. Por exemplo: Panamá e Ancón, para o caso do Panamá; Limón, Carrillo, Sixaola e Parismina, para a Costa Rica; e Zacapa, na Guatemala. Estes portos correspondem respectivamente às cidades de Colón, Bocas del Toro, Limón e Puerto Barrios. Embora os registros que temos dessas tripulações sejam, em sua maioria, de trabalhadores espanhóis, não seria estranho encontrar centro-americanos. Uma indicação desta relação é encontrada em um relatório de greve de um marinheiro no Vapor Sixaola, que descreve uma ação similar liderada por trabalhadores jamaicanos nas plantações de bananas desta localidade caribenha costarriquenha⁸⁶.

As páginas de *Cultura Obrera* também serviram como um vínculo com outros grupos anarquistas hispano-americanos estabelecidos nos Estados Unidos. Foi o caso do grupo da Fraternidade de Boston, que em 1916 escreveu a José López y Fernández, em San José, na Costa Rica, a fim de coordenar o envio de jornais⁸⁷. Outros vínculos foram com os grupos editores de *Aurora* e *Algo*, em Nova Iorque e em Ohio, respectivamente. Estas publicações foram dirigidas pelos galegos Jorge de Borrán e Jesús Louzara, cuja militância no Panamá já mencionamos.

Quanto ao intercâmbio e à venda de *Cultura Obrera* na América Central, *Renovación*, *Le Semeur*, *Germinación* e *Orientación Sindical* foram seus principais agentes na Costa Rica e na Guatemala, entre 1911 e 1930. Durante este período, grupos anarquistas da América Central canalizaram suas doações para Nova Iorque, de onde receberam propaganda para suas atividades organizacionais e espaço no jornal para publicar seus comunicados.

⁸⁴ Registros da UFCO Historical Society. <https://www.unitedfruit.org>.

⁸⁵ *Cultura Obrera*, New York, 27 de janeiro de 1912, p. 4; 12 de abril de 1913, p. 4; 21 de junho de 1913, p. 4; 30 de maio de 1914, p. 4; 27 de junho de 1914, p. 4; 7 de abril de 1917, p. 4.

⁸⁶ *Cultura Obrera*, New York, 12 de abril de 1913, p. 3.

⁸⁷ *Cultura Obrera*, New York, 24 de junho de 1916, p. 4.

Entre 1911 e 1935, foram recebidas doações de quase todos os países da América Central. Da Guatemala, foram enviadas pelo grupo *Nueva Senda* e pelo *Comité Pro Acción Sindical*⁸⁸. Da Costa Rica, o Centro Germinal, Vanguardia Proletaria e a *Agrupación de Estudios Sociales Hacia La Libertad* enviaram dinheiro. De El Salvador, era o *Centro Sindical Libertario*, no Panamá, o grupo Los Autónomos, os marinheiros, *Nuevos Rumbos* e vários companheiros de Honduras, de Puerto Cortés. Este último caso é interessante, pois não encontramos nenhum registro anterior deste país. Nesta região do norte de Honduras, havia um valioso núcleo do proletariado agrícola trabalhando nas plantações de banana, no porto e na ferrovia. O agente principal aqui foi Juan Pablo Wainwright, encarregado da distribuição do jornal e do envio das contribuições⁸⁹.

Dessas contribuições podemos extrair os nomes dos militantes que funcionaram como os principais correspondentes da *Cultura Proletaria*. Durante a década de 1920, eles concentraram sua atividade na organização sindical e seus vínculos com a AIT. Estes foram: Víctor Recoba (Costa Rica), Manuel Bautista Grajeda (Guatemala), Lino Zea Salguero (El Salvador), Juan Pablo Wainwright (Honduras), e José María Blazquez de Pedro e Óscar Alfaro (Panamá)⁹⁰. Viagens de propaganda, campanhas de solidariedade contra a repressão e a desordem também foram canalizadas através desses militantes. Esta atividade não foi negligenciada pelas autoridades de cada país, que proibiram a circulação postal da *Cultura Proletaria* e sua venda em livrarias, como no caso de Víctor Recoba na Costa Rica⁹¹.

Em diálogo direto com o grupo editorial de *Cultura Proletaria* estavam os jornais *Brazo y Cerebro* e *Fuerza Consciente*, de Jaime Vidal. Este fogueiro espanhol fortaleceu o trabalho organizacional entre os marinheiros e foi um importante canal de apoio à PLM e à Revolução Mexicana nos Estados Unidos. Sua conexão com grupos da América Central foi especialmente com a Costa Rica e o Panamá, entre 1911 e 1914. Ricardo Falcó era seu agente de vendas em San José, enquanto no Panamá recebia periodicamente doações de Colón, Las

⁸⁸ Cerca de 112 dólares e 25 pesos guatemaltecos foram enviados da Guatemala durante este período. *Cultura Proletaria*, New York, 11 de junho de 1927, p. 4; 8 de outubro de 1927, p. 4; 12 de maio de 1928, p. 4; 25 de agosto de 1928, p. 4; 2 de fevereiro de 1929, p. 4; 10 de maio de 1930, p. 4; 22 de agosto de 1931 p. 4.

⁸⁹ *Cultura Proletaria*, New York, 22 de fevereiro de 1930, p. 4; 5 de abril de 1930, p. 4; 28 de junho de 1930, p. 4; 9 de agosto de 1930, p. 4. Juan Pablo era sobrinho do professor e seguidor hondurenho da Escola Moderna Enrique Nulia. Durante a Primeira Guerra Mundial, ele se alistou no exército canadense e em seu retorno estava nos Estados Unidos trabalhando como marinheiro e perto da IWW. No final dos anos 1920, ele estava entre os simpatizantes da Terceira Internacional e futuros fundadores do Partido Comunista. Ele passou algum tempo realizando trabalho de organização nas plantações de banana do norte de Honduras. VILLARS, Rina, **Lealtad y rebeldía. La vida de Juan Pablo Wainwright**, Tegucigalpa: Editorial Guaymuras, 2010, p. 175–180.

⁹⁰ *Cultura Proletaria*, New York, 11 de outubro de 1930, p. 3.

⁹¹ *Cultura Proletaria*, New York, 20 de outubro de 1928, p. 3.

Cascadas, Culebra, Gatún e Corozal. Entre os marinheiros, os membros da tripulação do S. S. Turrialba e do S. S. Umantilla enviaram um total de U\$ 4,50⁹².

A ligação com a imprensa anarquista no México aparece através do PLM e seu órgão exilado em Los Angeles, mencionado acima. Com a *Casa del Obrero Mundial* (COM), a ligação foi realizada através dos colombianos Juan e Blanca Moncaleano. Seus textos sobre a Revolução Mexicana e a emancipação da mulher foram publicados na imprensa operária e anarquista na Costa Rica e no Panamá⁹³. Deste último país, foram feitas doações contínuas para favorecer a publicação *Pluma Roja*, dirigida por Blanca, em Los Angeles, enquanto os jornais *Luz* e *Lucha*, da COM, foram recebidos em troca na Costa Rica⁹⁴.

Embora haja poucas evidências de colaboração com a COM, as relações foram fortalecidas nos anos 20 com a CGT e o grupo *Hermanos Rojos*. Essa primeira organização anarcossindicalista se esforçou para enviar suas publicações para a Guatemala e para El Salvador, que eram mais próximos territorialmente. Ao mesmo tempo, seus órgãos de imprensa proporcionaram espaço para que seus camaradas da América Central publicassem seus comunicados e avanços organizacionais. Nicolás Rangel, José Valadés e Antonio Pacheco foram alguns destes elos dentro da CGT. O mesmo aconteceu com o Panamá, onde José María Blazquez de Pedro foi um colaborador permanente, assim como alguns militantes da *Unión de Obreros*, de Colón. As páginas de *Horizonte Libertario* e *Verbo Rojo* foram as que deram mais espaço a essas colaborações⁹⁵.

No grupo *Hermanos Rojos*, o veterano Librado Rivera foi o que mais escreveu sobre eventos da América Central, que ele conhecia de perto por seu envolvimento com o PLM décadas antes. A imprensa do grupo *Sagitário*, *Avante e Paso*, publicada entre 1922 e 1932, recebeu correspondência da Costa Rica, da Guatemala, de El Salvador e do Panamá. José Mateo López de San Miguel (El Salvador) era assinante dos jornais do grupo e solicitou a Librado Rivera o envio de panfletos e livros anarquistas. No caso da Guatemala, foi relatada a fundação de um novo grupo na cidade de Jutiapa chamado *Liberto Anarco* (anarquista livre, em esperanto)⁹⁶.

O caso da Costa Rica é interessante porque seu principal contato foi o peruano Víctor Recoba, que havia sido expulso de seu país em 1927 e conseguiu se estabelecer em San

⁹² Fuerza Consciente, New York, 9 de agosto de 1913, p. 4.

⁹³ *La Aurora Social*, San José, 23 de julho de 1912, p. 2; *El Único*, Colón, 12 de outubro de 1911, p. 5.

⁹⁴ Sección recibidos. Renovación, 1911-1913.

⁹⁵ *Horizonte Libertario*, Aguascalientes, 13 de outubro de 1922, p. 6; 1 de dezembro de 1922, p. 6; *Verbo Rojo*, Ciudad de México, 20 de agosto de 1923, p. 2.

⁹⁶ *Avante*, Monterrey, 15 de junho de 1928, p. 2; 1 de outubro de 1928, p. 4.

José. Victor era um anarquista veterano que havia participado ativamente da CGT no México sob os pseudônimos “Alejando Montoya” e “Artemio”, além de ter participado como elo na turnê do grupo expropriador “Los Errantes”⁹⁷. De sua residência nova, ele foi o editor da revista *Germinación* e foi o agente que canalizou as subscrições para *Avante* e *Verbo Rojo*. Em *Avante*, ele também enviou textos sobre a situação repressiva no Peru sob a ditadura da Leguía⁹⁸.

As relações entre Cuba e a América Central se desenvolveram principalmente através do Panamá, entre 1907 e 1915. O jornal *Tierra* foi o ponto focal desta coordenação, que incluiu a troca de publicações e doações de dinheiro. Este forte relacionamento se deveu ao fato de que vários dos anarquistas estabelecidos no Canal do Panamá haviam trabalhado em Cuba, tanto antes como depois da conclusão das obras em 1914. Os imigrantes espanhóis, que eram editores de jornais em Cuba e no Panamá, desempenharam um papel importante nesta relação.

Do Panamá, os grupos *Los Egoístas*, *Germinal*, *Los Nada*, *Los Libertarios*, *Los Sin Nombre*, *Los Sedientos*, *Los Invencibles* e *Gente Nueva* enviaram doações para o *Tierra*. Segundo os cálculos do historiador Amparo Sánchez, em 1912 e 1913, essas doações representaram metade da renda do jornal⁹⁹. A correspondência administrativa semanal também funcionava como um centro de comunicação, com camaradas nos Estados Unidos, no México e em Porto Rico.

Na Costa Rica, seu principal agente foi Ricardo Falcó, que vendia o jornal em San José e recebia as subscrições que eram enviadas para Havana. As campanhas de solidariedade contra os anarquistas deportados por participarem de greves e atividades de propaganda também foram constantes. Do intercâmbio da *Renovación*, as publicações *Vía Libre*, *Cultura Obrera*, *El Audaz*, *El Naturalista* e *Nuevos Horizontes* também foram recebidas de Havana. As mais importantes campanhas conjuntas das quais as duas publicações participaram foram o apoio à Revolução Mexicana e as comemorações de Francisco Ferrer Guardia.

Uma primeira avaliação desse circuito de distribuição mostra que as organizações centro-americanas estavam fortemente ligadas ao Caribe. Foi precisamente no México, em

⁹⁷ ALCAYAGA SASSO, Mónica, **Librado Rivera y los Hermanos Rojos en el movimiento social y cultura anarquista en Villa Cecilia y Tampico, Tamaulipas, 1915-1932**, Tesis de doctorado en historia, Universidad Iberoamericana, Ciudad de México, 2006, p. 165–168. Um dos membros do grupo Los Errantes se estabeleceu na Costa Rica depois que o grupo se separou em Montevideú. Este era Alejandro Ascaso Abadía, irmão de Francisco, que morreu anos mais tarde, em julho de 1936, em Barcelona. Na Costa Rica, Alejandro se afastou do anarquismo e se dedicou ao jornalismo, sob a identidade de Manuel Formoso Peña. Não sabemos se Recoba e Ascaso mantiveram algum contato em San José, onde se encontraram novamente por acaso. FORMOSO, Manuel, *El regreso de Alejandro Ascaso Abadía (1898-1982): un exiliado aragonés que nunca pudo regresar*, in: **La España exiliada de 1939: actas del Congreso " Sesenta años después" (Huesca, 26-29 de octubre de 1999)**, Huesca: Instituto " Fernando El Católico", 2001, p. 97–101.

⁹⁸ *Avante*, Monterrey, 1 de janeiro de 1929, p. 2.

⁹⁹ SÁNCHEZ COBOS, *!Tierra! y la internacionalización del anarquismo cubano (1902-1915)*.

Cuba e nos Estados Unidos que eles enviaram a maioria de suas contribuições monetárias, sua correspondência e seus comunicados. A imprensa nesses locais tornou-se o porta-voz de seus assinantes, que muitas vezes não conseguiam canalizar essas informações em seus próprios países. Finalmente, essa participação resultou em maior visibilidade da região centro-americana na esfera internacional, incorporada às análises da imprensa anarquista sobre eventos e notícias atuais.

6.3 Camaradas do mundo inteiro

Dado que o trabalho editorial na América Central foi pequeno e descontínuo ao longo do tempo, é necessário recorrer à imprensa internacional para reconstruir a rede de colaborações nas quais o anarquismo participou. Para conseguir isso, escolhi organizar esses vínculos com base nos lugares onde encontrei mais referências de subscrições, intercâmbios e colaborações. Desta seleção, as mais importantes foram as publicações editadas na França, na Espanha e na Argentina, entre 1904 e 1932. Estes locais desempenharam um papel proeminente como centros editoriais de propaganda escrita, de modo que as ligações com a imprensa libertária nestas regiões favoreceram o acesso a panfletos, livros e várias revistas.

6.3.1 Circuito do Rio da Prata

No Rio da Prata, existiam núcleos importantes de propaganda anarquista. Especialmente nas cidades de Buenos Aires e Montevideú, houve uma proliferação de prensas, gráficas e editoras. Durante as primeiras décadas do século XX, as conexões com este centro foram vitais para os grupos da América Central, que utilizavam seus veículos de imprensa como centros de comunicação, propaganda e organização. Entretanto, a distância geográfica trouxe algumas complicações, já que a correspondência poderia levar meses para chegar.

O jornal com o qual este intercâmbio foi mais duradouro foi o *La Protesta*, de Buenos Aires. Quanto à sua circulação na América Central, *La Protesta* foi vendido irregularmente na Costa Rica, no Panamá, em El Salvador e na Guatemala, entre 1911 e 1935. Todas as publicações libertárias que temos localizado na região receberam o jornal anarquista, que geralmente era acompanhado por outros jornais operários ligados à FORA. Por exemplo: entre 1911 e 1914, os editores de *El Único* e *Renovación* receberam *El Obrero Panadero*, *Organización Obrera*, *La Acción Obrera* e *El Dependiente*. Revistas educacionais e literárias

também foram bastante apreciadas, como *La Escuela Popular*, *Francisco Ferrer* e *Ideas y Figuras*. Vale lembrar que um dos editores dessas publicações foi o educador Julio Barcos, que passou algum tempo na Centro-americana, entre 1917 e 1920, onde colaborou com alguns de seus antigos leitores.

Mapa 19. Conexão Sul-Americana da Imprensa Anarquista, 1904–1932



Fonte: Elaboração própria.

Na década de 1920, *La Protesta* recebeu publicações em troca da Guatemala, da Costa Rica e do Panamá. Estas foram: *Prensa Obrera*, *Orientación Sindical*, *Hacia el Futuro*, *Acción Social*, *Le Semeur*, *Germinación*, *La Lucha*, *Repertorio Americano* e *Cultura Social*, respectivamente. A maioria delas estava ligada ao movimento sindical e aos editores anarquistas. Embora a administração do jornal não compartilhasse a linha de todas as publicações recebidas, estas foram mantidas no arquivo social que estava sendo construído¹⁰⁰.

Outra estratégia utilizada para manter o público leitor informado sobre os eventos nos diversos países foi a “seção telegráfica”. Geralmente foram publicados eventos relacionados à política dos países, ao movimento operário e à política externa. Golpes de Estado, problemas de fronteiras, greves e movimentos militares americanos foram algumas das notícias publicadas sobre os países da América Central. Na década de 1920, foi dada muita cobertura à rebelião indígena de 1925, no Panamá, à luta anti-imperialista, na Nicarágua, e à repressão do movimento sindical, na Guatemala e em El Salvador¹⁰¹.

Além do jornal, *La Protesta* também enviou seu “suplemento semanal”, que era um veículo mais teórico sobre a história do movimento operário e anarquista. Em suas páginas foi publicada a conhecida obra de Max Nettlau sobre a bibliografia anarquista da América Latina, onde ele dedicou algumas páginas à América Central¹⁰². Um dos elementos mais interessantes deste intercâmbio é que ele serviu como um impulso para os grupos centro-americanos construírem seu modelo sindical inspirado no anarquismo operário da FORA, defendido por *La Protesta*.

Essa linha foi representada pelo guatemalteco Manuel Bautista Grajeda, no congresso de fundação da ACAT, em 1929. Uma vez fundada a organização continental, seu jornal *La Continental Obrera* foi mantido na maioria pela FORA e seu conselho editorial por membros do *La Protesta*, como Emilio López Arango e Manuel Villar. Nas páginas deste jornal, todos os grupos membros da ACAT da América Central publicaram suas reportagens.

Finalmente, cabe dizer que a ligação com Montevideú seguiu canais semelhantes aos de Buenos Aires, embora com um nível de intensidade menor, conforme as informações disponíveis. O intercâmbio de publicações centro-americanas ocorreu principalmente nos períodos entre 1911–1914 e 1925–1930, com a Costa Rica, o Panamá e a Guatemala. Algumas

¹⁰⁰ *La Protesta*, suplemento quincenal, Buenos Aires, 8 de novembro de 1926, p. 6; 28 de fevereiro de 1927, p. 48; 30 de março de 1927, p. 80; 18 de julho de 1927, p. 192; 30 de janeiro de 1928, p. 68; 16 de fevereiro de 1928 p. 99.

¹⁰¹ *La Protesta*, Buenos Aires, 10 de maio de 1925, 24 de maio de 1927; 21 de abril de 1928; 29 de maio de 1928.

¹⁰² NETTLAU, Contribución a la bibliografía anarquista de la América Latina hasta 1914.

das publicações recebidas foram: *Infancia, Educación Sociológica, Solidaridad, Cultura Libertaria* e *Tiempos Nuevos*. Esta última publicação editou uma biblioteca de panfletos vendidos na Costa Rica e no Panamá. Ao nível sindical, o FORU também se uniu aos esforços continentais nos anos 20 e serviu como refúgio para os exilados argentinos em tempos de repressão. Sua imprensa foi enviada para a América Central através de grupos de membros da ACAT¹⁰³.

6.3.2 Circuito Europeu

As conexões com o anarquismo francês foram construídas através de quatro editores principais: Augustin Hamon, Jean Grave, Émile Armand e Sebastián Fauré. Na primeira década do século XX, este intercâmbio foi realizado através do professor Joaquín García Monge, da Costa Rica, que traduziu e adaptou textos de *Les Temps Nouveaux* e *L'Ere Nouvelle*. O conteúdo variado dessas publicações, que incluía uma seleção de ciência, literatura e arte, favoreceu sua divulgação para além do público leitor puramente anarquista¹⁰⁴. *Les Temps Nouveaux* foi a principal fonte de panfletos e livros, como foi o caso da “Moralidade Anarquista”, de Kropotkin, vendida em San José, em 1909¹⁰⁵.

Durante a década de 1910, este intercâmbio continuou com *Les Temps Nouveaux*. Ricardo Falcó enviou a Paris o volume especial dedicado a Francisco Ferrer, vendido por Jean Grave¹⁰⁶. A partir desta conexão, o intercâmbio da *Renovación* informou ter recebido as publicações *L'Anarchie, Brisas Libertarias, Hors du Troupeau* e *Le mouvement anarchiste*¹⁰⁷.

O caso do *Brisas Libertarias* é interessante, pois este jornal foi editado pelos espanhóis que viviam em Marselha Jesús Flores e Ángel Fernández, em 1912. Esta cidade foi um ponto de recepção para exilados espanhóis e um ponto de conexão com outros anarquistas da América Latina, para onde eles enviaram sua propaganda¹⁰⁸. Foi o caso do Canal do Panamá, onde havia um número importante de anarquistas espanhóis que receberam a imprensa impressa na França. Os editores de *El Único* receberam *L'Anarchie*, de Paris, que tinha um perfil

¹⁰³ *Servicio de Prensa ACAT*, Montevideo, junho de 1931, p. 3.

¹⁰⁴ *L'Ere nouvelle*, París, julho-agosto de 1904, p. 324; *Les Temps Nouveaux*, París, 16 de dezembro de 1905, p. 8; 2 de novembro de 1907, p. 4.

¹⁰⁵ *Les Temps Nouveaux*, Paris, 22 de janeiro de 1909, p. 8.

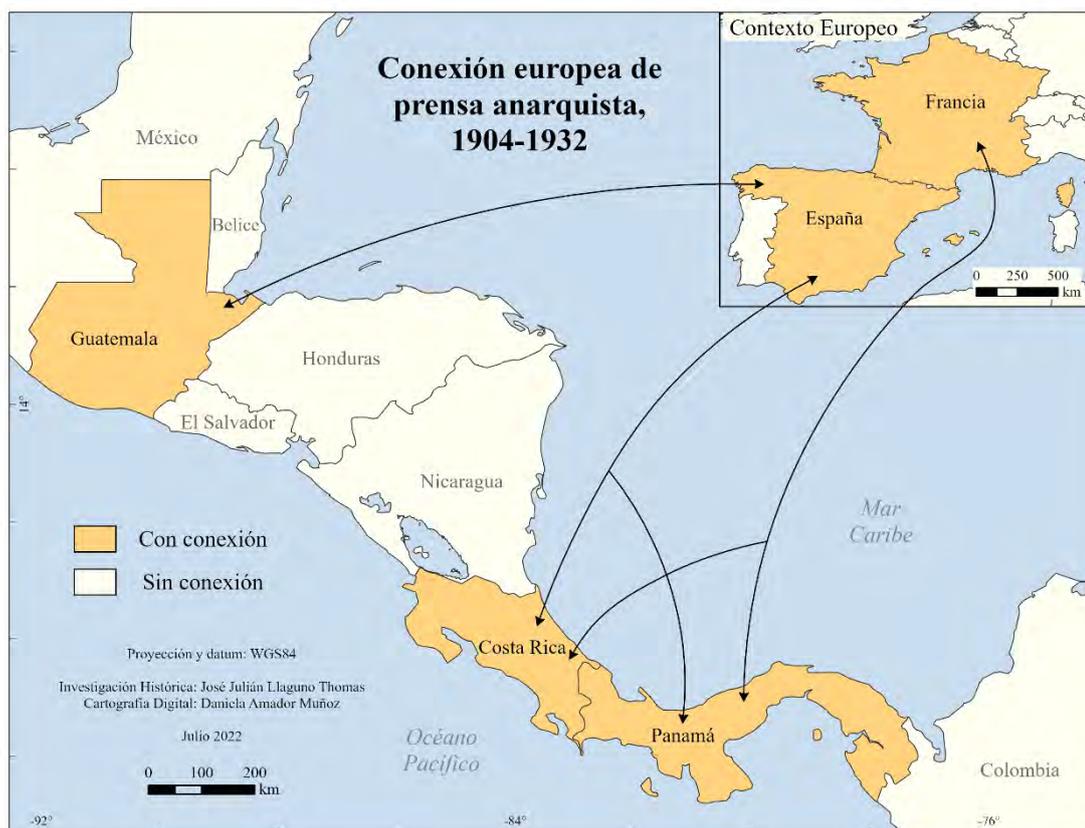
¹⁰⁶ *Les Temps Nouveaux*, Paris, 25 de novembro de 1911, p. 8.

¹⁰⁷ Sección recibidos, *Renovación*, 1911-1914.

¹⁰⁸ *Brisas libertarias*, Merselle, 5 de agosto de 1912.

individualista, e *L'Ére Nouvelle*, de Orléans, editado por Émile Armand. Também na federação de grupos que apoiavam o jornal, havia uma organização de trabalhadores marítimos chamada *Brisas Libertarias*¹⁰⁹.

Mapa 20. Conexão de imprensa anarquista europeia, 1904–1932



Fonte: Elaboração própria.

Dada a preferência pela tendência individualista mantida nesse intercâmbio, as publicações francesas foram relevantes como fontes de formação ideológica e de contato internacional. Émile Armand foi uma das chaves para esta conexão, que também foi o agente de vendas da publicação panamenha na cidade de Orleans. Este intercâmbio continuou na década de 1920, mas a partir de outras latitudes. Alguns dos anarquistas que haviam estado no Panamá migraram mais tarde para os Estados Unidos, onde mantiveram comunicação com Armand e com aqueles interessados em formar colônias agrícolas.

¹⁰⁹ *El Único*, Colón, 27 de abril de 1912, p. 116.

As publicações onde esse intercâmbio pode ser reconstruído são *L'en dehors* e *La Revue anarchiste*. O principal debate foi entre Jorge Macareno e Eduard Bertrán sobre as condições econômicas e sociais para sustentar as colônias agrícolas na América Central¹¹⁰. Para convencer os leitores dessas publicações a se estabelecerem na colônia Mastatal, na Costa Rica, Bertrán escreveu uma série de artigos relatando sua experiência de viagem entre 1931 e 1932, a fim de canalizar o apoio necessário para a continuidade da comunidade¹¹¹. No intercâmbio de *Le Semeur*, a importância da conexão com a França como o local onde muitos dos membros da colônia foram recrutados, bem como onde se buscou apoio econômico, se reflete. Entre 1925 e 1928, esta revista recebeu um total de 27 publicações da França, especializadas em vegetarianismo, naturismo, esperanto e anarquismo individualista¹¹².

Finalmente, vale a pena mencionar o trabalho de mediação e conexão que Sebastian Fauré realizou entre o anarquismo europeu e o americano. Na cidade de Paris, existiam núcleos importantes de exilados espanhóis durante a ditadura de Primo de Rivera. Em 1924 e 1925, Fauré imprimiu em suas oficinas a *Revista Internacional Anarquista*, em uma edição trilingue, espanhol-francês-italiano, que publicou propaganda da AIT e alguns artigos sobre o movimento operário mundial. Em seu texto sobre a América Central, C. Montes de Oca descreve as condições socioeconômicas de cada país e exorta seus camaradas a concentrar o trabalho de organização nas plantações agrícolas do Caribe e nos portos. Segundo ele, é aqui que a luta entre capital e trabalho é mais aguda e onde o sindicalismo anarquista poderia ser mais frutífero¹¹³.

A conexão mais relevante com o anarquismo europeu foi através da Espanha. Isto se deveu a certas circunstâncias, como a alta presença de imigrantes daquele país na América Central, a proximidade linguística e a importância da Espanha como centro de propaganda anarquista. Anselmo Lorenzo, Ricardo Mella, José Prat e a família Montseny foram alguns dos editores que mais favoreceram essas conexões. As publicações com maior fluxo de comunicação foram: *Tierra y Libertad*, *Acción Libertaria*, *La Revista Blanca*, *Generación Consciente e Estudios*.

Ricardo Falcó, da Costa Rica, fortaleceu o vínculo com Barcelona, por *Tierra y Libertad* e *Solidaridad Obrera*. O elo principal foi Anselmo Lorenzo que, além de escrever os

¹¹⁰ *La Revue Anarchiste*, Paris, número XII, novembro- dezembro, 1930, p. 35-39; número XVI, julho- septiembre de 1931, p. 87-101.

¹¹¹ *L'en dehors*, Paris-Orléans, 15 de septiembre de 1931, p. 12-13; 15 de dezembro de 1931, p. 22-23; 15 de maio de 1932, p. 106-107.

¹¹² Lista de canje de la revista 1925-1928.

¹¹³ *La Revista Internacional Anarquista*, Paris, 5 de noviembre de 1924, p. 20-21.

editoriais da revista, foi o principal distribuidor europeu. A partir deste ponto, Lorenzo enviou a publicação para a França, a Itália e a Inglaterra¹¹⁴. As vendas e subscrições foram canalizadas através dos gabinetes de redação dos jornais. Foi o caso do quiosque de jornais dirigido por Francisco Gómez, na cidade de Valência, onde as edições de *Renovación* e *Acción Libertaria* podiam ser compradas¹¹⁵. Da cidade de Lyon, J. M. enviou 8 pesetas a Ricardo Falcó para livros e 19 pesetas à redação do *El Único*, no Panamá, para pacotes do jornal¹¹⁶.

Entre 1911 e 1914, *Tierra y Libertad* enviou livros e panfletos de Ricardo Mella, Anselmo Lorenzo, José Prat e Fermín Salvochea para a Costa Rica. Os almanaques anuais criados pelo jornal também eram muito procurados. Com o Panamá, esta conexão foi ainda mais intensa, pois havia mais grupos anarquistas naquele território. Esses grupos enviaram subscrições para os jornais, publicaram suas atividades e listas de doações. A seção de correspondência também funcionou como um canal de comunicação para encontrar camaradas. Por exemplo: Blazquez de Pedro publicou um anúncio, em 1915, de que havia mudado sua residência de Salamanca para a Cidade do Panamá, para que os outros jornais pudessem enviar-lhe suas subscrições¹¹⁷.

O envio de livros e panfletos para o Panamá foi canalizado através do intermediário do jornal em Barcelona. Livros da *Biblioteca Salud y Fuerza* e edições de *La Escuela Moderna* foram alguns dos mais solicitados pelos grupos anarquistas¹¹⁸. O outro canal importante de comunicação foi por Ricardo Mella, na cidade de Vigo. Este escritor anarquista foi o principal contato de Ricardo Falcó naquela região e escreveu vários textos para a revista publicada em San José. Ele era também um dos principais laços com seus camaradas galegos que viviam no Panamá e enviavam dinheiro para o *Acción Libertaria* e o *El Libertario*, que se tornaram seus próprios jornais quando o governo panamenho proibiu o *El Único*.

Entre 1902 e 1934, a *Revista Blanca*, publicada pela família Montseny, recebeu comunicações da maioria dos países da América Central através de subscrições, trocas e reprodução de artigos. Entre 1902 e 1905, Fernando Tarrida de Mármol escreveu várias crônicas científicas sobre a Nicarágua e sobre Honduras¹¹⁹. Na década de 1920, a revista recebeu em troca as publicações *Le Semeur* (Costa Rica), *Repertorio Americano* (Costa Rica),

¹¹⁴ LLAGUNO THOMAS, **Anarquismo, sociabilidad obrera y redes intelectuales en Costa Rica: un estudio de cultura política (1909-1919)**, p. 120.

¹¹⁵ *Tierra y Libertad*, Barcelona, 10 de maio de 1911, p. 4.

¹¹⁶ *Tierra y Libertad*, Barcelona, 15 de fevereiro de 1912, p. 4.

¹¹⁷ *Tierra y Libertad*, Barcelona, 18 de agosto de 1915, p. 4.

¹¹⁸ *Tierra y Libertad*, Barcelona, 3 de maio de 1911, p. 4; 15 de novembro de 1911, p. 4.

¹¹⁹ *La Revista Blanca*, Barcelona, 15 de setembro de 1902, p. 187; 15 de junho de 1904, p. 752.

Germinación (Costa Rica) e *Orientación Sindical* (Guatemala). Na Costa Rica, entre 1926 e 1930, havia pelo menos seis agentes de venda e subscrições da revista, incluindo Ricardo Falcó e Víctor Recoba¹²⁰.

O grupo Nueva Senda, da Guatemala, subscreveu a revista, enviando 152 pesetas entre 1927 e 1930¹²¹. Durante o mesmo período, três outros assinantes aparecem na correspondência administrativa enviando dinheiro da Cidade da Guatemala¹²². Através dessas páginas, você também poderia ler os comunicados do secretariado da AIT com os relatórios enviados pelo movimento operário na Guatemala e na Costa Rica¹²³. A luta guerrilheira de Augusto Sandino, na Nicarágua, também recebeu atenção na revista através de vários artigos de Federica Montseny e Baturrillo, entre 1927 e 1934, denunciando a ocupação estadunidense do país¹²⁴.

A última conexão importante com a Espanha foi através das publicações individualistas publicadas em Valência: *Iniciales*, *Estudios* e *Generación Consciente*. O intercâmbio foi com *Le Semeur* (Costa Rica), *Germinación* (Costa Rica), *La Prensa* (Costa Rica) e *Orientación Sindical* (Guatemala). Os editores destas publicações foram os agentes de vendas na América Central e receberam subscrições de trabalhadores, cientistas e professores. Dado o amplo conteúdo destas publicações com relação ao naturismo, à sexualidade e saúde, seus leitores foram além dos círculos anarquistas.

Como balanço geral, podemos dizer que a conexão com a Europa e o Rio da Prata foi concentrada com as publicações anarquistas mais duradouras e de maior prestígio. Estas foram publicadas em Paris, Barcelona e Buenos Aires, que tinham muitas vezes vínculos diretos com seus camaradas da América Central através da imigração. Uma primeira rota foi a dos espanhóis e franceses estabelecidos na Costa Rica e no Panamá, que se tornaram agentes e distribuidores com suas cidades de origem. Outra via dizia respeito ao estabelecimento de projetos internacionais, como as colônias agrícolas, que despertaram considerável interesse entre a comunidade de imigrantes anarquistas em vários lugares.

¹²⁰ *La Revista Blanca*, Barcelona, 1 de junho de 1926, p. 40; 1 de novembro de 1927, p. 40; 1 de setembro de 1928, p. 40; 1 de novembro de 1928, p. 40; 15 de fevereiro de 1930, p. 40; 15 de maio de 1930 p. 40.

¹²¹ *La Revista Blanca*, Barcelona, 1 de maio de 1927, p. 40; 1 de outubro de 1928, p. 40; 15 de julho de 1930, p. 40

¹²² *La Revista Blanca*, Barcelona, 1 de fevereiro de 1925, p. 40; 1 de setembro de 1926, p. 40; 1 de fevereiro de 1927, p. 40.

¹²³ *La Revista Blanca*, Barcelona, 1 de outubro de 1930, p. 39.

¹²⁴ *La Revista Blanca*, Barcelona, 1 de fevereiro de 1928, p. 38; 15 de junho de 1928, p. 73; 15 de março de 1934, p. 288.

Estas conexões também mostram a pluralidade dos leitores, pois o estudo de seus intercâmbios nos permite identificar relações que vão além do movimento operário. Finalmente, o caso do *La Protesta*, em Buenos Aires, mostra um bom exemplo de como o trabalho editorial e o organizacional podem andar de mãos dadas. Isto foi de suma importância com a fundação da ACAT e a visibilidade que esta imprensa deu aos grupos da América Central.

Conclusões gerais

Por muito tempo, a história do anarquismo na América Latina foi escrita a partir de uma narrativa que enfatizava seus períodos de glórias e fracassos. O primeiro começou em 1880, indo até 1914, com alguns movimentos dominantes no México, em Cuba e na América do Sul. Seu estágio de declínio começou no final da Primeira Guerra Mundial e foi até a década de 1930, onde outras correntes ganharam relevância, como o caso do comunismo e dos movimentos nacionalistas. Grande parte da historiografia seguiu essa periodização, elaborando ajustes dependendo do país e da região de estudo.

As explicações para esse declínio estiveram associadas a fatores internos de cada lugar e a alguns outros aspectos comuns, como a competição ideológica com outras correntes, os erros táticos, o ataque à repressão e o declínio da imigração. Mudanças no modo de produção e no estilo corporativista de liderança também foram fatores que influenciaram o processo. No entanto, outros elementos explicativos, como as interconexões e as relações entre grupos e militantes, muitas vezes foram deixados de lado, o que poderia variar essa narrativa, em conjunto com seu recorte temporal e espacial.

Devemos essa mudança de abordagem à história transnacional, embora alguns dos seus elementos já tenham sido apontados anteriormente por pesquisas que não utilizam esse método histórico. Se mudamos a compreensão do anarquismo como um movimento de conexões e interações, podemos identificar espaços, grupos e pessoas que antes não apareciam tão visivelmente. É claro que essa mudança de enfoque não significa renunciar à temporalidade histórica, mas significa repensar suas limitações.

Essa abordagem, baseada na mobilidade e na circulação, não implica deixar de lado a importância da localidade e das diferentes demarcações políticas, culturais e sociais, como as fronteiras, por exemplo. Nosso método explicativo ensaiou uma escrita “de baixo”, tanto no sentido de considerar a ação dos sujeitos desta história quanto de reconstruir o movimento a partir das suas bases. Para isso, nos concentramos em grupos de afinidade, que assumem diferentes formas associativas e interesses ao longo do tempo. Os principais eram grupos ideológicos, mas também jornais, centros sociais e associações de trabalhadores. Quando estes eram escassos, seguimos as trajetórias dos seus membros e a partir deste lugar identificamos suas atividades coletivas.

Um dos maiores desafios foi identificar a atividade anarquista em grupos e localidades onde estes não estavam especificamente organizados. Isso acontecia

frequentemente nas associações de trabalhadores e sindicatos que tinham um caráter muito mais plural. Em alguns casos, essa falta de visibilidade foi uma estratégia de proteção em tempos de repressão e conflitos internos. Em outros, mostrou a impossibilidade de efetivar suas propostas. De qualquer forma, o ponto central era identificar como os princípios e as práticas anarquistas estavam sendo realizados.

Sobre as origens do anarquismo na região, exploramos várias vias de recepção durante a segunda metade do século XIX. A primeira foi relacionada à imigração europeia e à troca de imprensa. A maioria desses imigrantes eram italianos, franceses e espanhóis, que viajavam para trabalhar em alguns canteiros de obras, como ferrovias, e no Canal do Panamá. Outra parte deles chegou como refugiados políticos e exilados, mantendo contato com seus locais de origem por meio de correspondência e imprensa. Em termos quantitativos, na América Central tiveram um impacto muito menor do que em outras regiões do continente, embora tenham deixado contribuições notáveis no mundo associativo e na imprensa.

A outra forma de recepção foi através da troca de matéria impressa. Uma primeira rota foi dada com a imprensa anarquista francesa editada por Jean Grave, Augustin Hamon, Eliseo Reclus e Pedro Kropotkin. Eles enviaram seus jornais para assinantes na Nicarágua, em El Salvador, na Guatemala, na Costa Rica e no Panamá. Em Paris, eles receberam revistas, jornais e documentos históricos enviados da América Central. A maioria dessas trocas ocorreu com pessoas ligadas às ciências, às artes e à literatura. Também identificamos que os documentos enviados pelos centro-americanos mais tarde serviram como fontes de informação para vários estudos de Reclus e para o suplemento literário de *Les Temps Nouveaux*.

O maior traço dessa troca foi deixado por Max Nettlau, que acabou recolhendo os materiais recebidos por Jean Grave. Nos seus escritos sobre a bibliografia anarquista da América Latina, ele recuperou uma lista desses documentos que mais tarde passaram para a coleção do IIHS, em Amsterdã. Utilizamos essa documentação em diferentes partes da pesquisa, composta por jornais, revistas, panfletos e cartas. No início do século XX, traduções de textos retirados da imprensa francesa foram a base das primeiras publicações anarquistas estabelecidas na Costa Rica entre 1904 e 1906. Os escritos de Kropotkin, Reclus, Tolstói e Guyau se destacaram.

O outro canal de recepção foi criado com editores anarquistas nos Estados Unidos e em Cuba. Estes eram compostos principalmente por italianos, espanhóis, cubanos e porto-riquenhos. Os temas de maior cobertura foram o terrorismo e a independência de Cuba na década de 1890. Dada a participação direta dos anarquistas nesses movimentos, a imprensa pró-

independência constantemente os informava. Encontramos essas descobertas estudando o exílio cubano na Costa Rica e suas redes de informação. O estudo desses clubes políticos e suas relações com o movimento operário local são formas necessárias para continuar se aprofundando nesta questão. Por outro lado, a imprensa anarquista incorporou em suas notícias eventos relacionados à construção do Canal do Panamá e aos ataques a políticos na região centro-americana.

Por fim, a via de recepção que gerou maior impacto público foi a cobertura feita sobre “propaganda pelo feito” e terrorismo. A imprensa comercial do Panamá, da Guatemala e da Costa Rica encheu muitas das suas páginas, entre 1894 e 1898, com esse tipo de evento. Sua cobertura estava longe de ser meramente informativa, incorporada como chave interpretativa para vários acontecimentos, como greves, protestos, reformas educacionais e vários conflitos políticos. Sob o nome de “tentativas anarquistas”, foram registradas essas ações que tinham como centro o uso irracional da violência. Na Guatemala, o governo de Manuel Estrada Cabrera foi o que mais forjou supostos anarquistas para combater seus inimigos políticos, que tentaram assassiná-lo em várias ocasiões entre 1906 e 1908.

Durante esse auge do terrorismo, foram estabelecidas as bases para reduzir o movimento anarquista a um conjunto de comportamentos e ações violentas. Apoiados pela criminologia e pela lei, vários agentes do governo se reuniram e chegaram a vários acordos para transformar o anarquista em criminoso e suas ações em crimes. O principal conteúdo desses processos foi estabelecido no tratado de proteção contra o anarquismo, assinado pelos governos americanos no contexto do assassinato do Presidente McKinley, nos Estados Unidos, em 1901. Os países da América Central aderiram a este tratado através das conferências americanas e incorporaram seus principais acordos à legislação interna e aos acordos bilaterais. As medidas mais importantes foram o controle da imigração, a expulsão de estrangeiros e a censura à matéria impressa.

Quanto à formação de grupos anarquistas na região, estes começaram a ser visíveis no início do século XX, a partir de publicações, centros culturais e grupos de afinidade. Sua difusão na classe trabalhadora ocorreu a partir de núcleos de artesãos urbanos e trabalhadores temporários em canteiros de obras, portos e ferrovias. Membros das classes médias, principalmente professores, professoras e alunos, também participaram desse processo. Identificamos três experiências associativas principais, onde os anarquistas participaram ativamente. A primeira foi a experiência do federalismo anarquista, estabelecido no Panamá entre 1904 e 1925. A segunda ocorreu através das várias confederações de trabalhadores da

América Central, entre 1910 e 1928. Finalmente, temos a participação na Associação Continental Americana de Trabalhadores, entre 1929 e 1935.

No caso do Panamá, a experiência de formação dos grupos está diretamente relacionada à construção do canal interoceânico. A circulação de impressos e trabalhadores migrantes é identificada desde 1880, no entanto, não era até início do século XX, quando começou a se formar a maioria dos grupos que estabeleceram uma extensa rede de comunicação e propaganda dentro e fora do istmo. A presença de milhares de pessoas de diversas nacionalidades e origens raciais possibilitou essas comunicações. Nesta conjuntura, o principal desafio era se organizar em um espaço geográfico e laboral dividido a partir de um sistema de segregação racial construído pelo governo dos Estados Unidos.

A estrutura dos grupos foi constituída a partir do local de trabalho e se relacionavam com outros a partir de uma federação que facilitava a coordenação e a comunicação. Esse federalismo conseguiu reunir cerca de vinte grupos estabelecidos na maioria das localidades do canal e nas cidades de Colón e Panamá. A partir do estudo da sua composição, identificamos que a maioria eram imigrantes espanhóis, italianos e latino-americanos. Dada a estrutura do mercado de trabalho, a maioria dos seus membros eram homens, embora também identificamos a participação feminina em diversas atividades educacionais, de formação e propaganda.

Outra característica desse movimento foi a sua diversidade tática e ideológica. Isso porque a maioria dos grupos se identificava com uma corrente individualista, colocando em prática uma estrutura organizacional flexível e fora das estruturas formais do movimento sindical. A imprensa, os concursos sociológicos e as controvérsias foram algumas das suas ferramentas de treinamento. Sua comunicação internacional foi bastante intensa, principalmente com os grupos da Argentina, de Cuba, dos Estados Unidos, do Canadá, da Espanha e da França. Esse federalismo anarquista também coexistiu com uma dúzia de outros grupos, que não se identificavam com o individualismo. Em muitas ocasiões, eles desenvolveram polêmicas e conflitos, embora existissem também espaços de colaboração. Sua estrutura organizacional era semelhante, mesmo que esses grupos estivessem mais inclinados a se inserirem no movimento operário. Suas conexões internacionais estavam concentradas com os grupos que militavam mais intensamente no sindicalismo.

Com a conclusão das obras do canal, a maioria dos grupos desapareceu, e aqueles que permaneceram estiveram ativos até meados da década de 1920. Nesse período, foi promovida uma atividade mais intensa nos centros e nos sindicatos dos trabalhadores. Entre 1916 e 1925, houve um intenso período de conflitos laborais, onde grupos anarquistas

promoveram uma prática de solidariedade internacionalista. Isso tinha a ver com a união de trabalhadores de diferentes nacionalidades e raças, sob um discurso e uma prática comuns que unificavam as lutas por melhorias no padrão de vida.

No caso do Istmo do Panamá, mostramos um dos tipos mais claros de redes militantes transnacionais. Embora a migração e a repressão tenham atingido fortemente o movimento ao nível local, muitos dos seus organizadores se mobilizaram para outros países, como Cuba, Canadá e Estados Unidos. Isso se deveu, em grande parte, ao seu caráter como trabalhadores temporários e imigrantes, mas também às suas próprias redes de solidariedade. Nesses destinos formaram novos grupos de afinidade e nas décadas de 1920 e 1930 foram fundamentais para apoiar outros grupos em países da América Central. Os jornais *Cultura Obrera* e *Cultura Proletaria*, de Nova Iorque, foram o centro dessas comunicações, onde vários grupos, movimentos e militantes se cruzaram.

As conexões entre os grupos no Panamá e o resto dos países da América Central também foram influenciadas pela mobilização laboral e pelas redes de solidariedade. Estas foram relevantes através do Caribe e da mobilização entre o canal interoceânico, as plantações de banana e os portos. Aqui, os trabalhadores marítimos desempenharam um papel crucial, tanto como militantes como conexões entre lugares e pessoas. A maioria deles era de origem afro-caribenha, o que paradoxalmente não se reflete na imprensa anarquista. Uma das razões dessa falta de representação se deve às manifestações racistas no mesmo movimento e às diferenças socioculturais e étnicas. No entanto, nesta pesquisa, não nos aprofundamos no assunto, para podermos encontrar surpresas em inquéritos subsequentes.

A outra conexão foi através das diferentes confederações e internacionais dos trabalhadores. Neste processo organizacional, o Panamá ficou de fora da Confederação Operaria Centro-americana porque foi construído tendo como referência a experiência histórica e geográfica da República Federal Centro-Americana. Apesar dessa exclusão, mostramos como militantes anarquistas participaram da formação da Federação dos Trabalhadores do Panamá, em 1919, e constituíram várias associações revolucionárias dentro dela. Diferenças ideológicas, políticas e táticas levaram os ácratas a criarem seus próprios órgãos sindicais, onde convergiram na década de 1920 com comunistas e socialistas.

Quanto à experiência da COCA, encontramos um longo processo de trabalho organizacional no associativismo ligado ao movimento operário da América Central. Na década de 1910, a COCA teve como centro de reunião e divulgação a cidade de San José, na Costa Rica. A criação da primeira sede da confederação dos trabalhadores, a presença de exilados da

América Central e a atividade de militantes anarquistas na cidade favoreceram essa confluência. A imprensa e os centros sociais foram os principais espaços de comunicação e disseminação das ideias anarquistas, que eram constantemente discutidas nas sociedades de trabalhadores de diferentes comércios. Ao nível local, a maior conquista desse processo foi a criação da Confederação Geral dos Trabalhadores da Costa Rica, que permaneceu ativa de 1913 a 1923. Embora a CGT não tenha assumido programaticamente o sindicalismo revolucionário, algumas semelhanças foram estabelecidas em sua estrutura organizacional, especialmente relacionadas à abstenção eleitoral e ao anticlericalismo.

No plano regional, essas articulações permitiram importantes vínculos com organizações em El Salvador, onde podemos traçar mais um trabalho de disseminação anarquista desenvolvido por diversos artesãos. Em termos internacionais, também mostramos as diferentes articulações através de atividades como a solidariedade com a Revolução Mexicana, o apoio aos prisioneiros anarquistas, a comemoração do Dia 1º de maio e as homenagens à Escola Moderna e a Francisco Ferrer Guardia.

Uma das particularidades dessa experiência associativa foi sua relação com o movimento sindicalista da América Central. A partir da análise das suas relações históricas e das trajetórias de alguns dos seus representantes, conseguimos estabelecer um diálogo com o internacionalismo proletário. Embora isso tenha se desenvolvido de formas diferentes, não há dúvida de que uma parte do ativismo dos trabalhadores das décadas de 1910 e 1920 foi formada no movimento sindicalista e até manteve uma dupla militância em outros espaços. Um dos temas que mais alimentou essa relação foi o anti-imperialismo, um movimento diversificado que ganhou força nas organizações operárias. Como mostramos ao longo desta pesquisa, esse movimento foi constantemente alimentado pela experiência imediata da região, vivenciando constantes intervenções militares, diplomáticas e econômicas pelos Estados Unidos.

Essa expansão imperialista foi muito mais evidente com a entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial, em 1917. O Canal do Panamá foi o núcleo de operações militares e geoestratégicas durante esse período, que se misturou com uma política de combate às correntes socialistas revolucionárias. Este processo coincidiu com o desenvolvimento dos processos revolucionários no México e na Rússia, que dispararam os alarmes da “disseminação do bolchevismo”. Isso resultou em uma série de medidas, como o controle de imigração, a expulsão de estrangeiros, a censura nos correios e uma campanha de vídeo constante. Por outro lado, no movimento operário, esses eventos causaram um impacto positivo no sentido de inspirar a própria luta local e visualizar possíveis horizontes emancipatórios. Embora não

tenhamos analisado esses processos em detalhes, mostramos algumas das suas manifestações a partir dos debates internos sobre o sindicalismo, a revolução e os internacionais dos trabalhadores.

Na década de 1920, o projeto da COCA – que estava inativo desde pelo menos 1914 – foi retomado. Desta vez, uma nova expansão do sindicalismo e suas expressões mais radicais podem ser vistas na maioria dos países. No início, o trabalho de articulação ocorreu entre anarquistas e comunistas para deslocar a liderança dos trabalhadores mais moderados. A partir de 1925, esses conflitos se concentraram entre anarquistas e comunistas, que começaram a marcar maiores diferenças doutrinárias e táticas. Ao nível internacional, isso se expressou a partir dos diferentes projetos de trabalhadores internacionais que tentaram articular seus próprios projetos políticos.

Essa ideia de unidade, que ganha vitalidade através do pan-americanismo dos trabalhadores, foi impulsionada pelos anarquistas através de dois processos: fortalecendo a radicalização interna da COCA, e consolidando contatos com o resto do sindicalismo anarquista. Os principais aliados foram as organizações filiadas à AIT, que teve o destaque da CGT do México e da FORA da Argentina. Turnês de propaganda, correspondência, trabalho editorial e organização de congressos foram os principais instrumentos dessas colaborações. Mais uma vez, a Cidade do Panamá apareceu como um local estratégico para esta chamada, mas que a repressão não permitiu. No entanto, seu esforço de articulação consolidou relações que mais tarde permitiram a fundação da ACAT.

Nesse novo projeto associativo continental, as organizações centro-americanas participaram pela primeira vez. A base desses grupos surgiu das federações de trabalhadores filiadas à COCA. Na Guatemala e em El Salvador, foram formadas confederações sindicais anarquistas. Na Costa Rica, foi formado um centro social, sendo tentada a reconstituição da CGT sob os parâmetros do sindicalismo revolucionário. No Panamá, os esforços organizacionais não conseguiram alcançar uma expressão coletiva estável, embora militantes anarquistas continuassem suas atividades nos sindicatos dos seus ramos específicos. Nessa articulação com a ACAT, foi quando o anarcossindicalismo apareceu explicitamente como uma expressão ideológica e organizacional em vários países da América Central simultaneamente.

A trajetória dentro da ACAT foi curta devido a uma coincidência de fatores adversos, como repressão, ditaduras, concorrência ideológica e a reconstituição de contatos internacionais. O ano de 1932 foi decisivo nesses eventos, devido à confluência entre o golpe militar em Buenos Aires, a cidade sede do secretariado da ACAT, e a repressão maciça na

Guatemala e em El Salvador. Nestes dois países, os anarquistas sobreviventes permaneceram presos até meados da década de 1940 e nesse período aqueles que continuavam no movimento operário o faziam discretamente. Na Costa Rica, o Partido Comunista conseguiu ganhar destaque no movimento sindical, embora os ácratas permanecessem ativos em algumas guildas, mas sem o mesmo impulso dos anos anteriores.

Nessa direção, o estudo da imprensa anarquista internacional é o principal recurso que temos para localizar essas novas frentes de ação, mantidas na década de 1930. A solidariedade com a revolução espanhola é um desses casos que podemos reconstruir, com base nas atividades de apoio desenvolvidas pelos anarquistas da América Central. Quanto à imprensa, decidimos dedicar um capítulo à sua análise por ser um dos principais instrumentos de comunicação e organização utilizados. Em muitos casos, uma publicação era o próprio grupo anarquista, enquanto em outros refletiam as alianças e coincidências entre diferentes pessoas e grupos.

De qualquer forma, a criação de poucos jornais anarquistas na região centro-americana não significou que foi desconectada dos outros circuitos militantes. Demonstramos isso a partir da análise da produção e circulação da imprensa entre 1904 e 1932. O estudo de grupos de intercâmbio, correspondências, subscrições e publicações foi uma forma muito útil de identificar e analisar esses circuitos. Em termos sintéticos, podemos dizer que o grande Caribe foi o principal circuito onde os grupos da América Central participaram durante todo o período analisado. Em alguns momentos e em projetos coletivos específicos, a Europa e o Rio da Prata cumpriram a função de produzir a maioria das formas utilizadas no trabalho de educação e serviram como vínculos com outros circuitos da militância.

O estudo da imprensa também possibilitou tornar visíveis outros atores participantes do processo, como alunos, professores e professoras, que eram pessoas aliadas do movimento operário em diferentes circunstâncias. Educação racionalista, emancipação feminina, análise da história da América Central, anti-imperialismo e solidariedade internacional foram alguns desses temas que permitiram essas relações. Por sua vez, essas confluências não estavam isentas de conflitos e diferenças, como foi mostrado em alguns debates como a participação eleitoral, a formação ideológica ou a liderança nos sindicatos.

Em termos das estratégias de inclusão dos grupos anarquistas, encontramos uma diversidade de possibilidades e tensões. Em um nível discursivo, as noções de classe visavam enfatizar os pontos comuns entre aqueles que ganhavam a vida com seu trabalho, a fim de implementar estratégias de organização e resistência. No entanto, em muitas ocasiões isso foi

evasivo em termos de marcadores estruturais, tais como gênero, raça, qualificação e pertença territorial. Apresentamos casos em que essas questões eram claramente visíveis em debates públicos, congressos operários e lutas concretas. No entanto, em outras ocasiões nos faltaram elementos para ir mais fundo, em parte devido ao silêncio dos protagonistas dessa história. Em todo caso, deixamos vestígios dessas tensões durante toda a pesquisa e as tornamos visíveis.

Isso é evidente no caso das mulheres, com as quais prevaleceu uma relação paternalista e moralizadora. No entanto, vimos também casos em que as mulheres se organizaram independentemente e se juntaram a grupos e organizações de classe com base em suas próprias exigências. Uma situação semelhante aconteceu com os indígenas e camponeses, que parecem desaparecer na noção mais generalizada do proletariado agrícola. Apesar disso, a importância numérica e qualitativa da população rural dos países da América Central é constante nos relatos de propagandistas, escritores e ativistas operários. No caso da insurreição de 1932, em El Salvador, grande parte da mobilização veio justamente das regiões rurais. O estudo aprofundado de algumas regiões agrícolas e o uso de fotografias poderiam ser um instrumento vital para avançar ainda mais nesse caminho.

Por fim, resta dizer que nesta pesquisa nos concentramos em algumas experiências organizacionais e conexões prioritárias, deixando ainda um espaço aberto para futuras investigações. Nessa direção, consideramos importante pesquisar sobre a solidariedade internacional com a Nicarágua e a luta do Exército Defensor da Soberania liderado por Augusto Sandino. Durante o texto, mostramos como esse tema apareceu na imprensa anarquista e promoveu curiosidade e apoio, mas ainda há que estudar a recepção que esse processo teve nos grupos anarquistas do continente americano.

Outra questão tem a ver com o estudo do movimento dos trabalhadores no Canal do Panamá e como este foi um centro logístico de comunicação entre grupos e pessoas de várias partes do mundo. Os Andes, o Rio da Prata e o Brasil são alguns desses lugares onde grupos anarquistas tinham conexões importantes. Esses locais também foram o destino de trabalhadores desempregados que buscavam trabalho nas minas do Peru e do Chile, nos portos de Buenos Aires e de Montevideú, e nas plantações de café de São Paulo. A mesma lógica de conexões poderia ser estabelecida com os diferentes circuitos que construímos ao analisar a imprensa. Cada um deles tem elementos suficientes para serem aprofundados. Por exemplo, as conexões entre o anarquismo individualista francês e as comunas agrícolas nos Estados Unidos e na Costa Rica.

Em termos organizacionais, ainda faltam trabalhos que atendam ao desenvolvimento da ACAT no continente. Aqui mostramos suas articulações ao nível regional, mas ainda há muito o que investigar sobre as outras organizações afiliadas na América do Sul. Em particular, ainda há um vácuo sobre o anarcossindicalismo na Colômbia, na Venezuela e no Equador. Também sabemos pouco sobre os rumos das organizações sindicais após 1932. A documentação que encontramos mostra o destaque assumido pela CGT chilena na época.

Em relação a alguns temas prioritários na propaganda anarquista estão a emancipação feminina, a educação racionalista e o amor livre. Colocamos esses temas em toda a ação de grupos anarquistas, mas ainda há a necessidade de aprofundar suas conexões internacionais. Nesses temas, notamos um importante papel feminino, embora as fontes escritas fossem ocupadas principalmente por vozes masculinas. O estudo da circulação das impressões escritas por mulheres, os passeios de propaganda e o trabalho não remunerado podem nos ajudar a elaborar uma reflexão mais profunda.

Por último, sugerimos ser preciso aprofundar a “questão agrária” e como essa problemática foi elaborada pelos grupos ácratas. Esse foi um tema prioritário, que foi apreciado nos congressos da ACAT e onde a delegação centro-americana insistiu em seu debate. O estudo do caso da América Central pode ser útil para estabelecer conexões com o mercado de trabalho caribenho, que ligava a produção de café, de bananas, de tabaco e de açúcar com as economias da América do Norte e da Europa.

Referências Bibliográficas

1. Fontes de arquivo

Argentina

Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas Argentina, Buenos Aires, (CEDINCI)

Portal de revistas Americalee

Diccionario biográfico de las izquierdas latinoamericanas

Federación Libertaria Argentina (FLA)

Correspondencia de Campio Carpio, 1935–1936

Alemanha

Instituto Iberoamericano (IAI)

Arte Público Hispanic historical collection

Latin American newspapers

Hispanic American newspapers

Brasil

Archivo Edgar Leuenroth (AEL)

Latin American Anarchist and Labour Periodicals (1880–1940)

Folhetos e jornais anarquistas

Costa Rica

Biblioteca Nacional (BNCR)

Hemeroteca

Libros antiguos

Colección de hojas sueltas

Archivo Nacional de Costa Rica (ANCR)

Secretaría de Guerra y Marina

Secretaría de Gobernación y Policía

Ministerio de Relaciones Exteriores

Archivo de Prensa Latinoamericana (PrensaCR)

<https://prensacr.info>

Archivo Rebelde

<https://archivorebelde.org>

Espanha**Archivo Histórico Nacional de España (AHN)**

Ministerio de Gobernación

Ministerio de Relaciones Exteriores

Legación de España en Centroamérica

Legación de España en Washington

Legación de España en Panamá

Legación de España en La Habana

Consulado de España en Costa Rica

Confederación Nacional del Trabajo de Galicia (CNT)

Enciclopedia histórica do anarquismo galego

<https://cnt.gal/enciclopedia/>

Biblioteca Nacional

Hemeroteca

Centro de Documentación Antiautoritaria (CEDALL)

Prensa anarquista digitalizada

Estados Unidos**National Archives and Administration Records (NAAR)**

Department of Justice

Department of Labor and Naturalization Service

Federal Bureau of Investigation (FBI)

Panama Canal Records 1914 1934

Records of the Department of State relating to internal affairs of Costa Rica, 1910–1929.

Records of the Department of State relating to Internal Affairs of Honduras, 1910–1929.

Records of the Department of State Relating to Political Relations Between the U.S. and Central America.

Family Search

Registro Civil de El Salvador

Hathi Trust Digital Library

Memoria de Relaciones Exteriores de El Salvador

Memorias de las conferencias americanas 1901–1933

University of Texas

Latin American Collection. Biblioteca Arturo Taracena Flores

University of Florida

Panama Canal Museum Collection

França

Biblioteque de documentation internationale contemporaine

Dictionnaire international des militants anarchistes

<https://militants-anarchistes.info>

Guatemala

Centro de Investigaciones Regionales de Centroamérica (CIRMA)

Colección de la Familia Taracena Arriola

Holanda

International Institute of Social History (IISH)

Max Nettlau Papers

Augustin Hamon Papers

Diego Abad de Santillan Papers

Rudolf Lone Papers

International Workingmen's Association (IWMA)

Anarchist newspapers

Anarchist Pamphlets

Ugo Fedeli Papers

Italia

Archivio Centrale dello Stato (ACS)

Ministero dell'Interno. Direzione generale di pubblica sicurezza

Casellario Politico Centrale.

Nicaragua

Instituto de Historia de Nicaragua y Centroamérica (IHCA)

Prensa obrera

Archivo Legislativo

Normas Jurídicas de Nicaragua

México

Archivo Digital Ricardo Flores Magón

<http://archivomagon.net>

Archivo Histórico de la Secretaria de Relaciones Exteriores (AHSRE)

Fondo Hermanos Flores Magón, 1901–1912

Panamá**Biblioteca Nacional (BNP)**

Hemeroteca

Memorias de la Secretaria de Gobernación

Memorias de la Secretaria de Relaciones Exteriores

Archivo Nacional de Panamá (ANP)

Huelga de Inquilinato 1925, 1932.

2. Publicações periódicas

ABC (San José)

Acción Libertaria (Gijón, Madrid)

Ariel (San José)

Bandera Proletaria (Buenos Aires)

Cuasimodo (Ciudad de Panamá, Buenos Aires)

Cronaca Subversiva (Bare)

Cultura (San José)

Cultura Libertaria (Ferrol)

Cultura Obrera (Nueva York)

Cultura Proletaria (Nueva York)

Diario de Costa Rica (San José)

El Anunciador Costarricense (San José)

El Caballero Andante (Ciudad de Panamá)

El Carpintero y Aserrador (Buenos Aires)

El Despertar (New York)

El Diario de Centroamérica (Ciudad de Guatemala)

El Esclavo (Tampa)

El Guatemalteco (Ciudad de Guatemala)

El Libertario (Buenos Aires, Gijón, Veracruz)

El Obrero (San José, Ciudad de Panamá)

El Orden Social (Heredia)

El Pacífico (Puntarenas)

El Pabellón Cubano (San José)

El Pequeño Grande (Tamaulipas)

El Porvenir de los obreros (Ciudad de Guatemala)
El Trabajador (Ciudad de México)
El Único (Colón)
Fuerza Consciente (New York)
Fuerza Cerebral (New York)
Germinación (San José)
Hoja Obrera (San José)
L'Humanité nouvelle (Paris)
La Estrella de Panamá (Ciudad de Panamá)
La Antorcha (Buenos Aires)
La Aurora (San José)
La Aurora Social (San José)
La Idea Libre (Lima)
La Información (San José)
La Locomotora (Ciudad de Guatemala)
La Lucha (Heredia)
La República (San José)
La Revista Blanca (Barcelona)
La Revue Anarchiste (Paris)
La Prensa (San José)
La Prensa Libre (San José)
La Protesta (Buenos Aires)
La Tribuna (San José)
L'Alba Sociale (Tampa)
L'en dehors (Paris-Orléans)
Le Révolté (Paris)
Le Semeur (Santiago de Puriscal)
Les Temps Nouveaux (Paris)
Luz y Vida, (Antofagasta)
Orientación Sindical (Ciudad de Guatemala)
Patria (San Salvador)
Regeneración (Saint Louis, Los Ángeles)
Renovación (San José)

Revolución (Los Ángeles)
 Repertorio Americano (San José)
 Revista Anarquista internacional (Paris)
 Sanción (San José)
 Servicio de prensa de la ACAT (Montevideo)
 Solidaridad Obrera (Barcelona, Paris)
 Tierra (La Habana)
 Tierra y Libertad (Barcelona)
 Trabajo (San José)
 Vía Libre (La Habana, San José)
 Vida y Verdad (San José)
 Voluntad (Ciudad de México)

3. Fontes impressas

ABAD DE SANTILLÁN, Diego. **La jornada de seis horas**. Tercera edición. Buenos Aires: Editorial La Protesta, 1928.

ANCIZAR, Manuel. **Anarquía i rojismo en Nueva-Granada**. Santiago de Chile: Julio Belin, 1853.

ARANGO LÓPEZ, Emilio; ABAD DE SANTILLÁN, Diego. **El anarquismo en el movimiento obrero**. Barcelona: Cosmos, 1925.

ASAMBLEA LEGISLATIVA. **Barcos Julio R: Proyecto de ley del diputado José María Zeledón Brenes en que se le concede el título de ciudadano honorario de Costa Rica**. San José, Costa Rica: Congreso, 1920.

ASOCIACIÓN CONTINENTAL AMERICANA DE LOS TRABAJADORES. **Contra la guerra en América. Bolivia y Paraguay**. Montevideo: Ediciones de la A.C.A.T, 1931.

BLISS, William. **The encyclopedia of social reform**. New York: Funk & Wagnalls, 1897.

BOTELLA, Cristóbal. **El socialismo y los anarquistas**. Madrid: Imprenta de Enrique Teodoro, 1895.

BUXADE, José. **La razón contra la anarquía**. Barcelona: Editor Alejandro Martínez, 1906.

CADALSO, Fernando. **El anarquismo y los medios de represión**. Madrid: Romero Impresor, 1896.

CENTRO DE ESTUDIOS SOCIALES GERMINAL. **A los trabajadores**. Imprenta y litografía del comercio. 1913.

Congreso constituyente de la ACAT. Buenos Aires: Ediciones de la A.C.A.T, 1930.

Congreso del Trabajo Centroamericano. Ciudad de Guatemala: Tipografía Nacional, 1921.

Constitución de la Confederación Obrera Centroamericana. Tegucigalpa: Tipografía Nacional, 1922.

DENGO, Omar. **Palabras de admiración y concordia. A los trabajadores.** Imprenta Nueva. Agosto de 1913.

ELTZBACHER, Paul. **El anarquismo según sus más ilustres representantes.** Madrid: La España Moderna, 1894.

ESTEVE, Pedro. **A los anarquistas de España y Cuba memoria de la Conferencia Anarquista Internacional celebrada en Chicago en Septiembre de 1893.** New York: Brooklyn: Imprenta El Despertar, 1900.

FEDERACIÓN DE OBREROS DE EL SALVADOR. **Ya era tiempo; obreros, conoce a tus malos guías.** San Salvador: Imprenta Diario del Salvador, 1924.

FEDERACIÓN OBRERA REGIONAL ARGENTINA. **Memoria. Actas y acuerdos. Reunión regional de delegados celebrada en Rosario.** Buenos Aires: FORA, 1934.

GARCÍA, Víctor. **La incógnita de Indoamérica.** México D.F: Tierra y Libertad, 1957.

HARRY, Franck. **Zone Policeman 88.** New York: The Century Co, 1913.

IBARRA, Miguel Ángel. **Cafetos en flor.** Ciudad de México: [s.n.], 1947.

INTRANSIGENTE; PARAIRE., A.; VILLALOBOS, R. **Germen Individualista.** Panamá: Biblioteca El Único, 1912. (Folleto N 3).

Invitación conmemoración primero de mayo en San José. MANIFIESTO Á LOS TRABAJADORES. Imprenta Lehman. Abril de 1913.

JIMÉNEZ, Emilio. Elías Jiménez Rojas. **Apuntes**, p. 509–510, 1945.

JINESTA, Carlos. **José Martí en Costa Rica.** San José: Librería Alsina, 1933.

LOMBROSO, CESAR. **Los anarquistas.** Buenos Aires: Imprenta Elzeviriana, 1911.

LOVEIRAS Y CHIRICO, Carlos. **Las conferencias panamericanas de trabajadores.** Washington, D. C.: The Law Reporter Printing Company, 1917.

MAÑANA, Emilio. **El anarquismo según las fuentes suecas y extranjeras, por Federico Lindholm.** Madrid: Centro Editorial de Góngora, 1906.

MARTÍNEZ RUIZ, José. **Anarquistas literarios: notas sobre literatura española.** Madrid: Librería de Fernando Re, 1895.

MARTÍNEZ, Manuel Vicente. **El socialismo y las clases jornaleras.** Caracas: Tip. Casa de especialidades, 1909.

MASFERRER, Alberto. **¿Qué debemos saber? cartas a un obrero.** segunda edición. San Salvador: Caminos Hnos y Cía, 1947.

MELLA, Ricardo. Le Socialismo en Espagne. **L'Humanité nouvelle (Paris)**, v. 1, p. 522–535, 1897.

- MERLINO, Saverio. **La difesa de Gaetano Bresci**. terza edizione. Paterson: l'Aurora-Club, 1903.
- NETTLAU, Max. Contribución a la bibliografía anarquista de la América Latina hasta 1914. **Suplemento La Protesta**, p. 5–33, 1927.
- NETTLAU, Max. **La anarquía a través de los tiempos**. Madrid: Editorial Maucci, 1935.
- PRAT, José. **En pro del trabajo**. Barcelona: Librería Salud y Fuerza, 1906.
- Primer Congreso Centroamericano de Obreros. **El Porvenir de los obreros**, v. número extraordinario, n. 7, 1911.
- PROUDHON, P.J. **De la capacidad de las clases jornaleras**. Trad. Francisco Pi y Margall. Madrid: Librería de Alfonso Durán, 1869.
- PROUDHON, P.J. **El principio federativo**. Trad. Francisco Pi y Margall. Madrid: Librería de Alfonso Durán, 1872.
- QUARTERMASTER DEPARTMENT. **Census of the canal zone**. Mount Hope: I.C.C Press, 1912.
- RECLUS, Élisée. **Correspondencia de 1850 a 1905**. Selección a cargo de Luce Fabbri. Traducido del francés por Horacio E. Roqué. Buenos Aires: Imán, 1943.
- RECLUS, Élisée. **El hombre y la Tierra**. Barcelona: Publicaciones de la Escuela Moderna, 1906. (Tomo 6).
- RECLUS, Elisée. **Mis exploraciones en América**. Valencia: F. Sempere y compañía, 1903.
- RECLUS, ELISEO; RECLUS, ONÉSIMO. **Novísima geografía universal**. traducción y prólogo de Vicente Blasco Ibañez. Madrid: La editorial Española-americana, 1907. (Tomo 5. América Central y del Sur).
- SALVATIERRA, Sofonías. **Obrerismo y nacionalidad**. Managua, Nicaragua: Progreso, 1928.
- SÁRRAGA, Belén de. **El clericalismo en América: a través de un continente**. Lisboa, Portugal: Editorial Lux, 1915.
- SCHAACK, Michael. **Anarchy and anarchists. A history of the Red terror and the social revolution in America and Europe**. Chicago: F. J. Schulte & Company, 1889.
- SECRETARIA DE GUERRA Y MARINA. **Documentos relativos a las tentativas de asesinato contra la persona del señor Presidente de la República Rafael Yglesias Castro**. San José, Costa Rica: Tipografía Nacional, 1894.
- SECRETARIADO SUDAMERICANO DE LA INTERNACIONAL COMUNISTA. **Importancia de la primera conferencia comunista latinoamericana. Resoluciones adoptadas por la misma**. Buenos Aires: La correspondencia Sudamericana, 1929.
- The American Labor Year book 1919-1920**. New York: The Rand School of Social Science, 1920.
- UN OBRERO. **Judaizantes**. 24 de diciembre de 1913.

UNAS DAMAS CATÓLICAS JOSEFINAS. **Adiós a Belén de Sarraga!** Tipografía Lehmann. Sin fecha.

UNOS JÓVENES. Convocatoria conmemoración muerte de Francisco Ferrer. Octubre de 1909.

ZAMBRANA Y VÁZQUEZ, Antonio. **La administración.** San José: Tipografía nacional, 1897.

ZÁRATE, Alfonso. **Medios que las ciencias, político-sociales aconsejan, para hacer menos frecuentes las revoluciones políticas en El Salvador.** Facultad de Jurisprudencia, Universidad Nacional del Salvador, San Salvador, 1893.

ZELEDÓN, José María, Al margen de la lucha. Mayo de 1913.

ZOCCOLI, Ettore. **La anarquía: las ideas, los hechos.** Barcelona: Impr. de Henrich, 1908.

4. Fontes secundárias

ABAD DE SANTILLÁN, Diego. **Memorias (1897-1936).** Barcelona: Planeta, 1977.

ABARCA, Carlos. Configuración del movimiento obrero en Centroamérica, 1914-1929. **El Socialista Centroamericano**, p. 1–13, 2013.

ACHARYA, M.P.T. **We are anarchists. Essays on Anarchism, Pacifism, and the Indian Independence Movement, 1923–1953.** Oakland: AK Press, 2019.

ACOSTA RODRÍGUEZ, Antonio. **Los orígenes de la burguesía de El Salvador: el control sobre el café y el Estado. 1848-1890.** Barcelona: Aconcagua Libros; Taller de Estudios e Investigaciones Andino-Amazónicas, 2014.

ACUÑA ORTEGA, Víctor. Clases subalternas y movimientos sociales en Centroamérica (1870-1930). *In: Historia General de Centroamérica. Las repúblicas agroexportadoras.* San José: FLACSO, Sede Costa Rica, 1994. (Tomo IV).

ACUÑA ORTEGA, Victor Hugo. Nación y clase obrera en Centroamérica en la época liberal (1870-1930). *In: Des Indes occidentales à l'Amérique Latine. Volume 2 [en línea].* México: Centro de estudios mexicanos y centroamericanos, 2006, p. 1–17. Disponible em:

<DOI: <https://doi.org/10.4000/books.cemca.2116>>.

AGUILAR BULGARELLI, Oscar. **La Huelga de los tútiles, 1887-1889: un capítulo de nuestra historia social.** San José: EUNED, 1989.

AGUILERA, Ulises Delgado. **Maceo en Costa Rica.** San José: Imp. Nacional, 1969.

AGUILUZ VENTURA, René. **Las primeras conexiones político obreras entre México y El Salvador: comunistas, redes obreras y diplomacia, 1919-1931.** Maestría en historia, Universidad Autónoma de Chiapas, Tuxtla Guitierrez, Chiapas, 2017.

ALBORNOZ, Martín. **Cuando el anarquismo causaba sensación: La sociedad argentina, entre el miedo y la fascinación por los ideales libertarios.** Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2021.

ALBORNOZ, Martín; GALEANO, Diego Antonio. Los agitadores móviles: las trayectorias anarquistas y las vigilancias portuarias en el atlántico sudamericano, 1894-1908. **Almanack**, n. 21, p. 310–357, 2019.

ALCAYAGA SASSO, Mónica. **Librado Rivera y los Hermanos Rojos en el movimiento social y cultura anarquista en Villa Cecilia y Tampico, Tamaulipas, 1915-1932**. Tesis de doctorado en historia, Universidad Iberoamericana, Ciudad de México, 2006.

ALEMÁN, José. La FRTS y el centro sindical libertario: anarquismo e intelectualidad obrera en el salvador (1924-1930). Disponible em:

<<https://josalemnh.wordpress.com/2017/11/03/la-frts-y-el-centro-sindical-libertario-anarquismo-e-intelectualidad-obrera-en-el-salvador-1924-1930/>>.

ALEXANDER, Robert J.; PARKER, Eldon M. **A history of organized labor in Panama and Central America**. Westport, Conn: Praeger Publishers, 2008.

ALFARO, Sara; RODRÍGUEZ, María Eugenia. El añil en Centroamérica. Siglos XVII-XVIII. **Estudios**, n. 14–15, p. 40–34, 1997.

ALMEIDA, Paul. **Waves of protest: popular struggle in El Salvador, 1925-2005**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

ALVARENGA, Patricia. **Identidades en disputa: las reinenciones del género y de la sexualidad en la Costa Rica de la primera mitad del siglo XX**. San José: Editorial UCR, 2012.

ANDERSON, Benedict. **Under three flags: anarchism and the anti-colonial imagination**. London: Verso, 2005.

ANGULO BRENES, Sonia. **La era del desencanto: protesta social, organización laboral y poder en Costa Rica, 1929-1940**. Tesis de doctorado en historia, Universidad de Costa Rica, San José, 2021.

ANSOLABEHERE, Pablo. El hombre anarquista delincuente. **Revista Iberoamericana**, v. 71, n. 211, p. 539–553, 2005.

ARMAND, Emile. **Formas de vida en común sin Estado ni Autoridad**. Madrid: Innisfree, 2014.

AVILÉS FARRÉ, Juan. Bakunin y sus organizaciones revolucionarias en la sombra. **Ayer**, n. 15, p.21–40, 2013.

ÁVILES, Juan; HERRERÍN, Ángel. Propaganda por el hecho y propaganda por la represión: anarquismo y violencia en España a fines del siglo XIX. **Ayer**, v. 80, n. 4, p. 165–192, 2010.

AVRICH, Paul. **Los anarquistas rusos**. Barcelona: Alianza Editorial, 1974.

BACH, Richard. **The Battle against Anarchist Terrorism. An international history, 1878-1934**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

BAENA PAZ, Guillermo. **La Confederación General de Trabajadores (1921-1931)**. **Antología**. Segunda edición. Ciudad de México: Ediciones Hormiga Libertaria, 2006.

- BANTMAN, Constance. The Era of Propaganda by the Deed. *In: The Palgrave Handbook of anarchism*. London: Palgrave Macmillan, 2018, p. 371–387.
- BARATTA, Alessandro. **Criminología crítica y crítica del derecho penal: introducción a la sociología jurídico-penal**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2004.
- BARBERO, Jesús Martín. **De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía**. Barcelona: G. Gil, 1987.
- BARIATTI, Rita. **Italianos en América Central: de Cristóbal Colón a Segunda Posguerra**. San José: Editorial Alma Máter, 2011.
- BARRERA, Jacinto. La biblioteca sociológica de Regeneración y la red internacional anarquista. *In: Ciudad de México: [s.n.]*, 2011, p. 1–38.
- BARRIOS Y BARRIOS, Catalina. **Enrique Gómez Carrillo en el periodismo guatemalteco del siglo XIX**. Ciudad de Guatemala: Editorial Oscar de León Palacios, 2009.
- BATALHA, Claudio; DA SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (Orgs.). **Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas: Editora Unicamp, 2004.
- BATALHA, Claudio; MAC CORD, Marcelo (Orgs.). **Organizar e proteger: trabalhadores, associações e mutualismo no Brasil (séculos XIX e XX)**. Campinas: Editora Unicamp, 2014.
- BENITEZ, Pablo. El Salvador, 1932: Los cofrades insurrectos. Herencia corporativa colonial en la sociedad salvadoreña. **Observatorio Latinoamericano**, v. Dossier El Salvador, n. 9, p. 31–42, 2012.
- BENSIMON, Fabrice; DELUERMOZ, Quentin; MOISAND, Jeanne (Orgs.). **“Arise ye wretched of the earth”: the first International in a global perspective**. Leiden ; Boston: Brill, 2018.
- BERRY, David; BANTMAN, Constance (Orgs.). **New Perspectives on Anarchism, Labour and Syndicalism: The Individual, the National and the Transnational**. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2010.
- BLOND, Georges. **El gran ejército de la bandera negra: los anarquistas a través del mundo**. Barcelona: Luis de Caralt, 1975.
- BOURGOIS, Philippe. **Banano, etnia y lucha social en Centro América**. San José: Departamento Ecuménico de Investigaciones, 1994.
- CAMARERO, Hernán; MANGIANTINI, Martín (Orgs.). **El movimiento obrero y las izquierdas en América Latina: Experiencias de lucha, inserción y organización (Volumen 1)**. Raleigh: UNC Press Books, 2018.
- CAPPELLETTI, Ángel J. **Prehistoria del anarquismo**. Madrid: Queimada, 1983.
- CAPPELLETTI, Ángel J. El anarquismo en Costa Rica. **Repertorio Americano**, n. 25, p. 81–94, 2015.
- CAPPELLETTI, Ángel J. **La ideología anarquista**. Barcelona: El grillo libertario, 2010.

CARBÓ, Anna Ribera. **La Casa del Obrero Mundial: anarcosindicalismo y revolución en México**. Ciudad de México: Instituto Nacional de Antropología e Historia, 2010.

CARRILLO PADILLA, Ana Lorena. Sufridas hijas del pueblo: la huelga de las escogedoras de café de 1925 en Guatemala. **Mesoamérica**, v. 15, n. 27, p. 93–126, 1994.

CASANOVA GONZÁLEZ, Pablo (Org.). **Historia del movimiento obrero en América Latina. Tomo 2**. Ciudad de México: Siglo XXI Editores, 1985.

CASANOVAS CODINA, Joan. **¡O pan, o plomo!: los trabajadores urbanos y el colonialismo español en Cuba, 1850-1898**. Madrid: Siglo Veintiuno, 2000.

CASAÚS ARZÚ, Marta. El antiimperialismo espiritualista de Alberto Masferrer. *In: Confrontación de imaginarios. Los antiimperialismos en América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2021, p. 83–108.

CASAÚS ARZÚ, Marta; GARCÍA GIRÁLDEZ, Teresa. **Las redes intelectuales centroamericanas. Un siglo de imaginarios nacionales (1820-1920)**. Ciudad de Guatemala: F&G editores, 2005.

CASTILLO, Manuel Ángel; TOUSSAINT, Mónica; VAZQUEZ OLIVEIRA, Mario (Orgs.). **Historia de las relaciones internacionales de México, 1821-2010**. Ciudad de México: Secretaría de Relaciones Exteriores, Dirección General del Acervo Histórico Diplomático, 2011.

CHING, Eric. In Search of the Party: The Communist Party, the Comintern, and the Peasant Rebellion of 1932 in El Salvador. **The Americas**, v. 55, n. 2, p. 204–239, 1998.

CHING, Eric; LÓPEZ BERNAL, Carlos Gregorio; TILLEY, Virginia. **Las masas, la matanza y el martinato en El Salvador: ensayos sobre 1932**. 1a ed. San Salvador: Universidad Centroamericana, 2007.

CHING, Eric; RAMÍREZ, José Alfredo. El Salvador y la Revolución rusa (1917-1932). **Anuario de Estudios Centroamericanos**, v. 43, p. 287, 2017.

CHOMSKY, Aviva. Afro-Jamaican Traditions and Labor Organizing on United Fruit Company Plantations in Costa Rica, 1910. **Journal of Social History**, v. 28, n. 4, p. 837–855, 1995.

COHN, JESSE. Traces of the Revista Única: Appearances and Disappearances of Anarchism in Steubenville, 1909–1973. *In: CASTAÑEDA, Christopher J.; LÓPEZ, M. Montserrat FEU (Orgs.). Writing Revolution: Hispanic Anarchism in the United States*. Chicago: University of Illinois Press, 2019, p. 153–174. Disponível em:

<<http://www.jstor.org/stable/10.5406/j.ctvscxs19.14>>. Acesso em: 1 jul. 2020.

COLBY, Jason M. **The business of empire: United Fruit, race, and U.S. expansion in Central America**. Ithaca: Cornell University Press, 2011.

COLE, Peter; STRUTHERS, David M.; ZIMMER, Kenyon. **Wobblies of the World: A Global History of the IWW**. London: Pluto Press, 2017.

- COLOMBO, Eduardo. **La voluntad del pueblo: democracia y anarquía**. Buenos Aires: Tupac Ediciones, 2006. (Utopía libertaria).
- CONNIFF, Michael L. **Black labor on a White Canal: Panamá, 1904-1981**. Pittsburgh: University of Pittsburg Press, 1985.
- CORRÊA, Felipe. **Bandeira negra. Rediscutindo o anarquismo**. São Paulo: Autonomia literaria, 2022.
- CUEVAS, Alexander. **El movimiento inquilinario de 1925**. Ciudad de Panamá: Centro de Estudios Latinoamericanos Justo Arosemena, 1980.
- DALTON, Roque. **Miguel Marmol. Los sucesos de 1932 en El Salvador**. Melbourne: Ocean Sur, 2007.
- DAMIER, Vadim. **Anarcho-syndicalism in the 20th century**. Edmonton: Black Cat Press, 2009.
- DE LA CRUZ, Vladimir. **Las luchas sociales en Costa Rica, 1870-1930**. San José: Editorial Universidad de Costa Rica, 2004.
- DIAZ, David. From Radicals to Heroes of the Republic: Anarchism and National Identity in Costa Rica, 1900-1977. *In*: LAFORCADE, Geoffroy de; SHAFFER, Kirwin (Orgs.). **Defiance of Boundaries: Anarchism in Latin American History**. Florida: University Press of Florida, 2015, p. 403–448.
- DIAZ, David; SHAFFER, Kirwin. El ciudadano anarquista. **La Nación**, p. 34, 2010.
- DOBLES TREJOS, Cecilia. Hilvanando historias una aproximación al conocimiento del oficio de la costura 1900-1960. **Anuario de estudios centroamericanos**, v. 1, n. 25, p. 61–81, 1999.
- DOESWIJK, Andreas L. **Entre camaleões e cristalizados: os anarco-bolcheviques Rioplatenses**. Doutorado em História, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1998.
- DOESWIJK, Andreas L. **Los anarco-bolcheviques rioplatenses (1917-1930)**. Buenos Aires: CeDInCI, 2013.
- ECKHARDT, Wolfgang. **The first socialist schism: Bakunin vs. Marx in the International Working Men's Association**. Oakland: PM Press, 2016.
- EISENZWEIG, Uri. **Ficciones del anarquismo**. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2004.
- EURAQUE, Darío A. **Reinterpreting the Banana Republic: region and state in Honduras, 1870-1972**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1996.
- FABBRI, Luigi. **Influencias burguesas sobre el anarquismo**. Paris: Solidaridad Obrera, 1959.
- FAURE, Sébastien. **Enciclopedia anarquista**. edición castellana. México, D.F: Tierra y Libertad, 1972.
- FERNÁNDEZ, Bieito Alonso. Migración y sindicalismo. Marineros y anarquistas españoles en Nueva York (1902-1930). **Historia Social**, n. 54, p. 113–135, 2006.

FERNÁNDEZ, Frank. **El anarquismo en Cuba**. Madrid: Fundación de Estudios Libertarios Anselmo Lorenzo, 2000.

FERNÁNDEZ, Frank. **La Sangre De Santa Agueda: Angiolillo, Betances y Canovas**. Miami: Ediciones Universal, 1994.

FLÓREZ-ESTRADA PIMENTEL, María. Las mujeres también quieren libertad: el problema de los anarquismos y socialismos masculinos de 1880-1930 en Costa Rica. **Cuadernos Inter.cambio sobre Centroamérica y el Caribe**, v. 18, n. 2, p. 74–111, 2021.

FORMOSO, Manuel. El regreso de Alejandro Ascaso Abadía (1898-1982): un exiliado aragonés que nunca pudo regresar. *In: La España exiliada de 1939: actas del Congreso " Sesenta años después "(Huesca, 26-29 de octubre de 1999)*. Huesca: Instituto " Fernando El Católico", 2001, p. 97–101.

FRANCO MUÑOZ, Hernando. **Movimiento obrero panameño: 1914-1921**. Ciudad de Panamá: [s.n.], 1979.

FUMERO, Patricia. **Festejos y símbolos: El primer centenario de la independencia de Centroamérica (1921)**. San José: Editorial UCR, 2021.

GABACCIA, Donna R.; OTTANELLI, Fraser. Diaspora or International Proletariat? Italian Labor, Labor Migration, and the Making of Multiethnic States, 1815-1939. **Diaspora: A Journal of Transnational Studies**, v. 6, n. 1, p. 61–84, 1997.

GAMBOA, Emma. **Omar Dengo**. San José: EUNED, 1990.

GARCÍA GIRALDÉZ, Teresa. Imperialismo-antiimperialismo en el unionismo centroamericano, 1900-1930. **Cuadernos americanos**, n. 124, p. 157–180, 2008.

GARCIA MONGE, Joaquín. **Obras escogidas**. San José: EDUCA, 1974.

GEERTZ, Clifford. **Descripción densa: hacia una teoría interpretativa de la cultura**. Barcelona: Gedisa, 1983.

GOBAT, Michel. **Confronting the American Dream: Nicaragua under US Imperial Rule**. Durham: Duke University Press, 2007.

GOBAT, Michel. **Empire by invitation: William Walker and Manifest Destiny in Central America**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2018.

GONZÁLEZ, Alexandra Pita. De la Liga Racionalista a cómo educa el Estado a tu hijo: el itinerario de Julio Barcos. **Revista de Historia**, n. 65–66, p. 123–141, 2012.

GONZÁLEZ MÁRQUEZ, Luis Rubén. **Política popular contenciosa: movilización social y hegemonía en El Salvador, 1919-1932**. Tesis de maestría en sociología, Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, Quito, 2017.

GONZÁLEZ MÁRQUEZ, Luis Rubén. Protesta popular en San Miguel: repensar la ola de movilización social de 1927-1932 desde el oriente salvadoreño. **Anuario de Historia Regional y de las Fronteras**, v. 20, n. 2, p. 17–46, 2015.

GONZÁLEZ, Román Miguel. Las culturas políticas del republicanismo histórico español. *Ayer*, v. 53, n. 1, p. 207–236, 2004.

GOULD, Jeffrey L. **Orgullo amargo: el desarrollo del movimiento obrero nicaragüense (1912-1950)**. Managua: IHNCA/UCA, 1997.

GOULD, Jeffrey L.; LAURIA-SANTIAGO, Aldo A. **To rise in darkness: Revolution, repression, and memory in El Salvador, 1920–1932**. Durham: Duke University Press, 2008.

GRAHAM, Robert. **Anarchism: a documentary history of libertarian ideas**. Montreal; New York: Black Rose Books, 2005.

GREENE, Julie. **Pure and simple politics: the American Federation of Labor and political activism, 1881-1917**. Cambridge, UK ; New York, NY: Cambridge University Press, 1998.

GREENE, Julie. Spaniards on the Silver Roll: Labor Troubles and Liminality in the Panama Canal Zone, 1904- 1914. *International Labor and Working-Class History*, n. 66, p. 78–98, 2004.

GREENE, Julie. **The Canal Builders: Making America's Empire at the Panama Canal**. New York: Penguin Press, 2009.

GUÉRIN, Daniel (Org.). **No gods, no masters**. Trad. Paul Sharkey. Complete unabridged ed. Edinburgh, Scotland ; Oakland, CA: AK Press, 2005.

GUNN, Richard. Notas sobre clase. In: HOLLOWAY, John (Ed.). **Clase= lucha: antagonismo social y marxismo crítico**. Buenos Aires: Herramienta, 2004, p. 17–31.

HERNÁNDEZ, Carlos. Los inmigrantes de Saint Kitts: 1910, un capítulo en la historia de los conflictos bananeros costarricenses. *Revista de historia*, n. 21–22, p. 191–240, 1990.

HERNÁNDEZ, Sonia. Caritina M. Piña and Anarcho-syndicalism: Labor Activism in the Greater Mexican Borderlands, 1910– 1930. In: CASTAÑEDA, CHRISTOPHER J.; LÓPEZ, Montserrat FEU (Orgs.). **Writing Revolution**. Urbana: University of Illinois Press, 2019, p. 136–152. (Hispanic Anarchism in the United States). Disponível em:

<<http://www.jstor.org/stable/10.5406/j.ctvscxs19.13>>. Acesso em: 1 jul. 2020.

HERRERA, Fernando. **Vida y Verdad: revista. San José de Costa Rica, 1904**. San José: EUNED, 2004.

HIRSCH, Steven; WALT, Lucien van der (Orgs.). **Anarchism and syndicalism in the colonial and postcolonial world, 1870-1940: the praxis of national liberation, internationalism, and social revolution**. Leiden ; Boston: Brill, 2010.

HOBBSAWM, Eric. **Rebeldes primitivos**. Barcelona: Ariel, 1983.

HOROWITZ, Irving Louis. **Los anarquistas: La teoría**. Madrid: Alianza Editorial, 1982.

HOYT, Andrew. Uncovering and understanding hidden bonds: Applying social field theory to the financial records of anarchist newspapers. In: FERRETTI, Federico; BARRRA DE LA TORRE, Gerónimo; INCE, Anthony; *et al* (Orgs.). **Historical Geographies of Anarchism**. New York: Routledge, 2017, p. 25–39.

HURTADO, Ronny J. Viales. **La conformación histórica de la Región Atlántico/Caribe costarricense: (re)interpretaciones sobre su trayectoria entre el siglo XVI y el siglo XXI.** San José, Costa Rica: Editorial Nuevas Perspectivas, 2013.

IBARRA, Miguel Angel. **Cafetos en flor.** Ciudad de México: [s.n.], 1947.

IBARRA ROJAS, Eugenia. **Pueblos que capturan: Esclavitud indígena al sur de América central del siglo XVI a XIX.** San José: Editorial UCR, 2012.

ÍÑIGUEZ, MIGUEL. **Esbozo de una enciclopedia histórica del anarquismo español.** Madrid: Fundación de Estudios Libertarios Anselmo Lorenzo, 2001.

JEIFETS, Victor; JEIFETS, Lazar. **América Latina en la Internacional Comunista 1919-1943: Diccionario Biográfico.** Buenos Aires: Ariadna Ediciones, CLACSO, 2018.

JEIFETS, Víctor; JEIFETS, Lazar. La odisea roja. Varias líneas al retrato político de Jorge Vivó d'Escoto. **Revista CS**, p. 167–200, 2014.

JEIFETS, Victor; SCHELCHKOV, Andrey (Orgs.). **La Internacional Comunista en América Latina. En documentos del archivo de Moscú.** Santiago de Chile: Ariadna Ediciones, 2018. 3 volúmenes.

JENSEN, Richard Bach. The International Campaign Against Anarchist Terrorism, 1880–1930s. **Terrorism and Political Violence**, v. 21, n. 1, p. 89–109, 2009.

JOLL, James. **Anarquistas.** Barcelona: Grijalbo, 1968.

KERSFFELD, Daniel. **Contra el imperio. Historia de la Liga Antiimperialista de las Américas.** México: Siglo XXI, 2012.

KIRKPATRICK, Michael D. Phantoms of modernity: the 1894 anarchist furor in the making of modern Guatemala City. **Urban History**, v. 44, n. 2, p. 231–252, 2017.

LASSO, Marixa. **Erased: the untold story of the Panama Canal.** Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2019.

LEAL, Claudia Feierabend Baeta. **Pensiero e dinamite: anarquismo e repressão em São Paulo nos anos 1890.** Doutorado em História, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2006.

LEHNING, Arthur. **Marxismo y anarquismo en la Revolucion Rusa.** Argentina: Utopia Libertaria Anarres., 2004.

LINDEN, Marcel van der. **Transnational labour history: explorations.** New York ; London: Routledge, 2017.

LLAGUNO THOMAS, José. Julián. **Anarquismo, sociabilidad obrera y redes intelectuales en Costa Rica: un estudio de cultura política (1909-1919).** Tesis de maestría en Historia. Programa Centroamericano en Historia, Universidad de Costa Rica, San José, 2015.

LLAGUNO THOMAS, José Julián. **La semilla que germina: anarquismo, cultura política y nueva intelectualidad en Costa Rica (1900-1914).** San José: Acracia Editores, 2012.

LLAGUNO THOMAS, José Julián. Las voces olvidadas del antiimperialismo: el anarquismo frente al avance de Estados Unidos en América Central y el Caribe. 2015.

LLAGUNO THOMAS, José Julián. **Vivir la idea: cultura política anarquista en Costa Rica en la década de 1910**. Heredia: EUNA, 2021.

LOMBROSO, César; MELLA, Ricardo. **Los Anarquistas**. Barcelona: Jucar guate, 1978.

LÓPEZ BEJARANO, Pilar. Memorándum Panamá. *In: Formación de los Estados Centroamericanos*. San José: Programa Estado de la Nación, 2014, p. 165–181.

LOPREATO, Christina da Silva Roquette. **O espírito da revolta : a greve geral anarquista de 1917**. Doutorado em História, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1996.

LOWELL, Gudmundson. Campesino, granjero, proletario: formación de clase de una economía cafetalera de pequeños propietarios 1850-1950. *In: SAMPER, Mario; ROSEBERRY, William; GUDMUNDSON, Lowell (Orgs.). Café, sociedad y relaciones de poder en América Latina*. Heredia: EUNA, 2001, p. 183–241.

LUCAS MONTEFLORES, Omar. Anarchism and the Indigenous Peoples of Guatemala: A Tenuous Relation. **Anarchist Studies**, v. 28, n. 2, p. 76–92, 2020.

LUCAS MONTEFLORES, Omar. **El anarquismo en Guatemala. El anarco sindicalismo en la ciudad de Guatemala, 1920-1932**. Licenciatura en Historia, Universidad San Carlos de Guatemala, Ciudad de Guatemala, 2011.

LUCAS MONTEFLORES, Omar. **La Senda Libertaria. Nacimiento y desarrollo del anarquismo en Guatemala**. Ciudad de Guatemala: Editorial Universidad de San Carlos de Guatemala, 2021.

LUCAS MONTEFLORES, Omar. Mujeres en la conformación del incipiente sindicalismo revolucionario en Guatemala, 1920-1932. **Pacarina del Sur (en línea)**, n. 38, 2019. Disponible en:

<<http://pacarinadelsur.com/home/oleajes/1713-mujeres-en-la-conformacion-del-incipiente-sindicalismo-revolucionario-en-guatemala-1920-1932>>.

MADRID, Francisco. **Solidaridad Obrera y el periodismo de raíz ácrata**. Barcelona: Ediciones Solidaridad Obrera, 2010.

MALONEY, Gerardo. **El Canal de Panamá y los trabajadores antillanos**. Ciudad de Panamá: Biblioteca de la nacionalidad, 2014.

MARCO SERRA, Yolanda. Los debates acerca de la condición femenina y el feminismo en Panamá, 1911-1922. **Revista del CESLA. International Latin American Studies Review**, n. 21, p. 89–104, 2018.

MARGARUCCI, Ivanna. Repensando el anarquismo en América Latina. ¿ Del nacionalismo metodológico a un giro transnacional incompleto? **Prohistoria**, n. 34, p. 251–282, 2020.

MARINI, Gualtiero. **Revolução, anarquia e comunismo: às origens do socialismo internacionalista italiano (1871-1876)**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2017.

MBAH, Sam. **African anarchism: the history of a movement**. Tucson: See Sharp Press, 1997.

MCGUINNESS, Aims. **Path of empire: Panama and the California Gold Rush**. Ithaca: Cornell University Press, 2008.

MELLENDEZ-BADILLO, JORELL. The Anarchist Imaginary Max Nettlau and Latin America, 1890– 1934. *In: Writing revolution. Hispanic anarchism in the United States*. Chicago: University of Illinois Press, 2019, p. 177–193.

MELGAR BAO, Ricardo. Capital letrado y cultura política de la izquierda centroamericana, 1921-1933. **Anuario del Colegio de Estudios Latinoamericanos. UNAM**, v. 1, . Disponible em:

<<http://revistas.unam.mx/index.php/ancel/article/view/31663>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

MELGAR BAO, Ricardo. Recepción y redes anarquistas de la Revolución Mexicana en los Andes. **El Cuexcomate**, n. 39, 2011. Disponible em:

<<http://www.enelvolcan.com/el-cuexcomate/39-recepcion-y-redes-anarquistas-de-la-revolucion-mexicana-en-los-andes>>.

MELGAR BAO, Ricardo. Cominternismo intelectual: Representaciones, redes y prácticas político-culturales en América Central, 1921-1933. **Revista Complutense de Historia de América**, v. 35, p. 25, 2009.

MENZIES, Malcolm. **Mastatal**. Paris: Plein Chant, 2009.

MEZA, Víctor. **Historia del movimiento obrero hondureño**. Tegucigalpa: Editorial Guaymuras, 1981.

MICHAEL YEOMAN, James. The Panama Papers: anarchist press networks. *In: Transatlantic Radicalism: Socialist and Anarchist Exchanges in the 19th and 20th Centuries*. Liverpool: Liverpool University Press, 2021, p. 83–108.

MIGUELAÑEZ MARTÍNEZ, María. Anarquistas en red. Una historia social y cultural del movimiento libertario continental (1920-1930). *In: IX Encontro Internacional da ANPHLAC (Associação de Pesquisadores e Professores de História das Américas): Goiânia, 26 de julho a 29 julho de 2010*. [s.l.: s.n.], 2010. Disponible em:

<<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5244103&orden=1&info=link>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

MIGUELAÑEZ MARTÍNEZ, María. **Más allá de las fronteras: el anarquismo argentino en el periodo de entreguerras**. Tesis de doctorado en historia, Universidad Autónoma de Madrid, Madrid, 2018.

MOISAND, Jeanne. Revolutions, Republics and iwma in the Spanish Empire (around 1873). *In: “Arise Ye Wretched of the Earth”: The First International in a Global Perspective*. Leiden ; Boston: Brill, 2018, p. 238–252.

MOLINA, Iván. **La ciudad de los monos: Roberto Brenes Mesén, los católicos heredianos y el conflicto cultural de 1907 en Costa Rica**. Heredia: Editorial Universidad Nacional de Costa Rica, 2001.

MORA-CARVAJAL, Virginia. Las luchas de las obreras urbanas en Costa Rica (1900-1930). *Nueva sociedad*, v. 135, p. 138–149, 1995.

MORALES, Gerardo. **Cultura oligárquica y nueva intelectualidad en Costa Rica: 1880-1914**. Heredia: Editorial Universidad Nacional de Costa Rica, 1995.

MUÑOZ, Hernando Franco. **Blázquez de Pedro y los orígenes del sindicalismo panameño**. Ciudad de Panamá: Movimiento Editores, 1986. Disponible em:

<<http://bdigital.binal.ac.pa/bdp/tomoXXIXP2.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2016.

NAVAS, Luis. **El movimiento obrero en Panamá (1880-1914)**. San José: EDUCA, 1979.

NETTLAU, Max. Viaje libertario a través de América Latina. *Revista Reconstrucción*, n. 76–78, 1972.

OLIVA MEDINA, Mario. **1º de mayo en Costa Rica. 1913-1986**. San José: COMARFI, 1987.

OLIVA MEDINA, Mario. **Artisanos y Obreros Costarricenses: 1880-1940**. San José: EUNED, 2006.

OLIVA MEDINA, Mario. La bolsa o la vida: un atentado anarquista en la Costa Rica de los 30. *Pacarina del Sur (en línea)*, n. número 34, 2018. Disponible em:

<<http://pacarinadelsur.com/home/oleajes/1595-la-bolsa-o-la-vida-un-atentado-anarquista-en-la-costa-rica-de-los-30>>. Acesso em: 18 out. 2020.

OLIVA MEDINA, Mario. **Ensayos de historia intelectual**. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, Centro de Investigaciones sobre América Latina y el Caribe, 2018.

OLIVA MEDINA, Mario. La revista Renovación 1911-1914: de la política a la literatura. *Cuadernos de H ideas*, v. 3, n. 3, 2009. Disponible em:

<<http://www.perio.unlp.edu.ar/ojs/index.php/cps/article/view/1381>>.

ORTIZ, María Salvadora. La novela de plantación bananera centroamericana: espacio de reconstrucción de la memoria. *Collard/De Maeseneer*, p. 41–63, 2003.

OVARES, Flora. **Crónicas de lo efímero: revistas literarias de Costa Rica**. San José: EUNED, 2011.

PARÉS, Javier Torres. **La revolución sin frontera: el Partido Liberal Mexicano y las relaciones entre el movimiento obrero de México y el de Estados Unidos, 1900-1923**. Ciudad de México: UNAM, 1990.

PAULA, Amir El Hakim de. **A relação entre o Estado e os sindicatos sob uma perspectiva territorial**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

PEREIRA, Dionisio (Org.). **Os Conquistadores Modernos. Movimento Operário na Galícia de anteguerra**. Vigo: Edicións A Nosa Terra, 1992.

PÉREZ BRIGNOLI, Héctor. **El laberinto centroamericano: los hilos de la historia**. San José: Centro de Investigaciones Históricas de América Central, 2017.

PÉREZ, Juan Francisco. **La Inteligencia de Estado abre y cierra El siglo XX en Guatemala: Análisis de las formas y el sistema de inteligencia durante los regímenes de Manuel Estrada Cabrera (1898-1920) y Militar Contrainsurgente (1960-1996)**. Licenciatura en Historia, Universidad San Carlos de Guatemala, Ciudad de Guatemala, 2007.

POSAS, Mario. **La lucha de los trabajadores hondureños organizados**. Tegucigalpa: Editorial Universitaria, Universidad Nacional Autónoma de Honduras, 2017.

POSAS, Mario. La plantación bananera en Centroamérica (1870-1929). *In: Historia General de Centroamérica*. San José: FLACSO, Sede Costa Rica, 1993, v. Tomo IV, p. 112–165.

POSAS, Mario. Tendencias ideológicas actuales en el movimiento obrero hondureño. **Anuario de Estudios Centroamericanos**, n. 6, p. 25–54, 1980.

POY, Lucas. Working Class Politics and Labour Internationalism in Latin America: An Overview of Labour International Organisations in the Region During the Interwar Period (1919–1939). *In: BELLUCCI, Steffano; WEISS, Holger (Orgs.). The Internationalisation of the Labour Question*. London: Palgrave Macmillan, 2020, p. 165–189.

PUTNAM, Lara. **The company they kept: migrants and the politics of gender in Caribbean Costa Rica, 1870-1960**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2002.

PUTNAM, Lara. The transnational and the text-searchable: Digitized sources and the shadows they cast the transnational and the text-searchable. **The American Historical Review**, v. 121, n. 2, p. 377–402, 2016.

QUESADA MONGE, Rodrigo. América Central y Gran Bretaña: la composición del comercio exterior (1851 - 1915). **Anuario de Estudios Centroamericanos**, v. 11, n. 2, p. 77–92, 1985.

QUESADA MONGE, Rodrigo. **Anarquía orden sin autoridad**. Heredia: EUNA, Eleuterio, 2014.

QUESADA MONGE, Rodrigo. **El legado de la guerra hispano-antillana-norteamericana**. San José: Euned, 2001.

QUESADA MONGE, Rodrigo. **América Latina, 1810-2010: El legado de los imperios**. San José: EUNED, 2012.

QUINTERO, Iván. **El sindicato General de Trabajadores**. Ciudad de Panamá: Centro de Estudios Latinoamericanos Justo Arosemena, 1979.

QUIRÓS SOLÍS, Pablo Andrés. **Antes y después del estalinismo en Costa Rica. Instituciones transnacionales antiimperialistas (1926-1934)**. San José: Centro de investigaciones Históricas de América Central UCR, 2021.

RAGO, Luzia Margareth. **Sem fe, sem lei, sem rei : liberalismo e experiencia anarquista na Republica**. Mestrado em História, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1984.

RAMA, Carlos; CAPPELLETTI, Ángel. **El anarquismo en América latina**. Caracas: Ayacucho, 1990.

RECLUS, Élisée. **Correspondencia de 1850 a 1905**. Selección a cargo de Luce Fabbri. Traducido del francés por Horacio E. Roqué. Buenos Aires: Imán, 1943.

RECLUS, Élisée. **El hombre y la Tierra**. Barcelona: Publicaciones de la Escuela Moderna, 1906. (Tomo 6).

RECLUS, Elisée. **Mis exploraciones en América**. Valencia: F. Sempere y compañía, 1903.

RECLUS, ELISEO; RECLUS, ONÉSIMO. **Novísima geografía universal**. traducción y prólogo de Vicente Blasco Ibañez. Madrid: La editorial Española-americana, 1907. (Tomo 5. América Central y del Sur).

RESTALL, Matthew. Creating “Belize”: The Mapping and Naming History of a Liminal Locale. **Terrae Incognitae**, v. 51, n. 1, p. 5–35, 2019.

RIBEIRO, Marcelo Tavares. **Tierra y Libertad : porta-voz dos grupos de afinidade e do anarquismo insurrecional durante a Segunda República Espanhola (1931-1936)**. Doutorado em História, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2018.

RODRIGUEZ DE ITA, Guadalupe (Org.). **Guía del Archivo Guerras Centroamericanas 1827-1912**. México: Secretaría de Relaciones Exteriores, Dirección General del Acervo Histórico Diplomático. Instituto Mora, 1995.

RODRIGUEZ TREJO, Eduardo. **La otra izquierda: testimonios de una ideología olvidada, el anarquismo en México (1931-1971)**. Maestría en Historia Moderna y Contemporánea, Instituto de Investigaciones Dr. José María Luis Mora, Ciudad de México, 2016.

ROMANI, Carlo. **Oreste Ristori: uma aventura anarquista**. Mestrado em História, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1998.

ROSABAL, Guillermo. **El mundo del trabajo y la dinámica social en la producción de pan en Costa Rica. 1900-1950**. Tesis de Maestría en Historia, Universidad de Costa Rica, San José, 1998.

RUDY, Antonio Cleber. **O anticlericalismo sob o manto da República: tensões sociais e cultura libertária no Brasil (1901-1935)**. Doutorado em História, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2017.

RUGAI, Ricardo Ramos. **O anarquismo organizado: as concepções e praticas da Federação Anarquista Uruguaiana (1952-1976)**. Mestrado em história, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2003.

SALAZAR, Orlando. **El apogeo de la república liberal en Costa Rica: 1870-1914**. San José: Editorial de la Universidad de Costa Rica, 1990.

SAMPER, Mario. Café, trabajo y sociedad en Centroamérica (1870-1930): una historia común y divergente. *In: Historia general de Centroamérica*. San José: FLACSO, Sede Costa Rica, 1993, v. Tomo IV, p. 11–110.

SÁNCHEZ COBOS, Amparo. Inmigración política en Cuba: las anarquistas españoles (1902-1925). 2008. Disponible em: <<http://repositori.uji.es/xmlui/handle/10234/10893>>. Acceso em: 25 jul. 2016.

SÁNCHEZ COBOS, Amparo. !Tierra! y la internacionalización del anarquismo cubano (1902-1915): editores y ediciones. **Historia y Política**, n. 42, p. 55–83, 2019.

SÁNCHEZ COBOS, Amparo; SUEIRO SEOANE, Susana. Apresentação. Redes transnacionales del anarquismo en América: Los militantes y sus publicaciones. **Historia y Política**, n. 42, p. 17–24, 2019.

SÁNCHEZ LOWELL, Adriana. **El mundo del trabajo en la Northern Railway Company: una historia empresarial, del mercado laboral y de las condiciones de trabajo en la región atlántico caribe de Costa Rica, 1920-1970**. Tesis de doctorado en historia, Universidad de Costa Rica, San José, 2020.

SEOANE SUEIRO, Susana. Anarquismo e independentismo cubano: las figuras olvidadas de Enrique Roig, Enrique Creci y Pedro Esteve. **Historia Contemporánea**, n. 30, p. 97–120, 2018.

SHAFFER, Kirwin. **Anarchists of the Caribbean: Countercultural Politics and Transnational Networks in the Age of US Expansion**. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

SHAFFER, Kirwin. Contesting internationalists: Transnational anarchism, anti-imperialism and US expansion in the Caribbean, 1890s-1920s. **Estudios interdisciplinarios de América Latina y el Caribe**, v. 22, n. 2, 2011. Disponível em:

<<http://www7.tau.ac.il/ojs/index.php/eial/article/view/283>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

SHAFFER, Kirwin. Latin lines and dots: transnational anarchism, regional networks, and Italian libertarians in Latin America. **Zapruder World**, v. 1, p. 1, 2014.

SHAFFER, Kirwin. Panama red: Anarchist politics and transnational networks in the Panama Canal Zone, 1904–1913. In: DE LAFORCADE, Geoffroy; SHAFFER, Kirwin (Orgs.). **In Defiance of Boundaries: Anarchism in Latin American History**. Gainesville: University Press of Florida, 2015, p. 48–71.

SHAFFER, Kirwin. Havana Hub: Cuban anarchism, radical media and the trans-caribbean anarchist network, 1902-1915. **Caribbean Studies**, v. 37, n. 2, p. 45–81, 2009.

SILVA, Fernando Teixeira da. **Operários sem patrões: os trabalhadores da cidade de Santos no entreguerras**. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

SILVA, Rodrigo Rosa da. **Imprimindo a resistência: a imprensa anarquista e a repressão política em São Paulo (1930-1945)**. Mestrado em história, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2005.

SOLÓRZANO FONSECA, Juan Carlos. **Los indígenas en las áreas fronterizas de Costa Rica durante el siglo XIX**. San José: Centro de Investigaciones Históricas de América Central, 2000.

SORIANO, Ignacio; ÍÑIGUEZ, Miguel. **José María Blázquez de Pedro: anarquista de ambos mundos (en Béjar, Panamá y Cuba)**. Vitoria: Asociación Isaac Puente, 2017.

SPRINGER, Simon. Geografias anarquistas: uma breve genealogia. **Verve**, n. 30, p. 158–192, 2016.

- STIRNER, Max. **El Único y su propiedad**. Buenos Aires: Libros de Anarres, 2005.
- STONE, Samuel. **La dinastía de los conquistadores**. San José: Editorial Universitaria Centroamericana, 1982.
- SURIANO, Juan. **Anarquistas: cultura y política libertaria en Buenos Aires, 1890-1910**. Buenos Aires: Ediciones Manantial, 2001.
- TACK, Juan Antonio. El Canal de Panamá. *In*: GANDÁSEGUI, Marco; CASTILLO FERNÁNDEZ, Dídimo; CARRERA HERNÁNDEZ, Azael (Orgs.). **Antología del pensamiento crítico panameño contemporáneo**. Buenos Aires: CLACSO, 2018, p. 25–52.
- TAIBO, Carlos. **Anarquismo y revolución en Rusia (1917-1921)**. Madrid: Los Libros de la Catarata, 2019.
- TAIBO II, Paco Ignacio. **Arcángeles: doce historias de revolucionarios herejes del siglo XX**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2011.
- TARACENA ARRIOLA, Arturo. El Primer Partido Comunista de Guatemala (1922–1923). Diez Años de una historia olvidada. **Anuario de Estudios Centroamericanos**, v. 15, n. 1, p. 49–63, 1989.
- TARACENA ARRIOLA, Arturo; LUCAS MONTEFLORES, Omar. **Diccionario biográfico del movimiento obrero urbano de Guatemala, 1877-1944**. Ciudad de Guatemala: FLACSO, 2014.
- TARACENA ARRIOLA, Arturo. El manuscrito de Max Nettlau sobre el anarquismo en Centroamérica (1906-1932). **Política y Sociedad**, v. 46, p. 161–69, 2009.
- TARACENA ARRIOLA, Arturo. La Confederación Obrera de Centro América (COCA): 1921-1928. **Anuario de Estudios Centroamericanos**, v. 10, p. 81–93, 1984.
- TARACENA ARRIOLA, Arturo. Liberalismo y poder político en Centroamérica (1870-1929). *In*: **Historia general de Centroamérica**. San José: FLACSO, Sede Costa Rica, 1993, v. Tomo IV, p. 167–254.
- TARACENA ARRIOLA, Arturo. Presencia anarquista en Guatemala entre 1920 1932. **Mesoamérica**, v. 9, n. 15, p. 1–23, 1988.
- TARCUS Horacio. **Marx en la Argentina**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2017.
- TARCUS, Horacio. The First International in Latin America. *In*: **“ Arise Ye Wretched of the Earth”: The First International in a Global Perspective**. Leiden ; Boston: Brill, 2018, p. 253–269.
- TEMKIN, Moshik. **El caso de Sacco y Vanzetti: los Estados Unidos a juicio**. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2016.
- THOMAS, Bernard. **La Belle eepoque de la Banda de Bonnot**. Euskal Herria: Txalaparta, 2000.

- THORPE, Wayne. **Revolutionary syndicalist internationalism, 1913-1923: the origins of the International Working Men's Association**. PhD Thesis in history, University of British Columbia, British Columbia, 1979.
- TOLEDO, Edilene. **O Amigo do povo : grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século**. Mestrado em História, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1993.
- TOLEDO, Edilene. **O sindicalismo revolucionario em São Paulo e na Itália : circulação de ideias e experiências na militância sindical transnacional entre 1890 e o fascismo**. Doutorado em História, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2002.
- TORRES-RIVAS, Edelberto. **Revoluciones sin cambios revolucionarios**. Ciudad de Guatemala: F&G Editores, 2011.
- TURCATO, Davide. European anarchism in the 1890s: Why labor matters in categorizing anarchism. **WorkingUSA**, v. 12, n. 3, p. 451–466, 2009.
- TURCATO, Davide. Italian Anarchism as a Transnational Movement, 1885–1915. **International Review of Social History**, v. 52, n. 03, p. 407–444, 2007.
- TURCATO, Davide. The other nation: The places of the Italian anarchist press in the USA. In: FERRETTI, Federico; BARRERA DE LA TORRE, Gerónimo; INCE, Anthony; *et al* (Orgs.). **Historical Geographies of Anarchism**. New York: Routledge, 2017, p. 40–64.
- URBINA, Chester. Gesta heróica, ocultamiento histórico e identidad de clase. La prensa costarricense y el 1º de mayo (1858-1913). **Revista de Ciencias Sociales**, n. 148, p. 101–107, 2015.
- VADILLO, Julián. **Por el pan, la tierra y la libertad. El anarquismo en la Revolución rusa**. Guadalajara: Volapük, 2017.
- VÁZQUEZ OLIVERA, Mario. **La República Federal de Centro-América. Territorio, nación y diplomacia. 1823-1838**. San Salvador: Centro de Investigaciones en Ciencias y Humanidades. Universidad Dr. José Matías Delgado, 2012.
- VIDAL, George. **Mi mujer y mi monte**. San José: Ministerio de Cultura, Juventud y Deportes, 1972.
- VILLARS, Rina. **Lealtad y rebeldía. La vida de Juan Pablo Wainwright**. Tegucigalpa: Editorial Guaymuras, 2010.
- WALT, Lucien van der. Reclaiming Syndicalism: From Spain to South Africa to Global Labour Today. **Global Labour Journal**, v. 5, n. 2, 2014. Disponível em:
<<https://escarpmentpress.org/globallabour/article/view/1153>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

WALT, Lucien van der; HIRSCH, Steven. Rethinking Anarchism and Syndicalism: the colonial and postcolonial experience, 1870-1940. In: **Anarchism and syndicalism in the colonial and postcolonial world**. Leiden ; Boston: Brill, 2010, p. XXI–XXXI.

WALT, Lucien van der; SCHMIDT, Michael. **Black flame: the revolutionary class politics of anarchism and syndicalism**. Edinburgh ; Oakland: AK Press, 2009.

WOODCOCK, George. **El anarquismo: historia de las ideas y movimientos literarios**. Barcelona: Ariel, 1979.

ZAMBRANA, Joan. **El anarquismo organizado en los orígenes de la CNT: Tierra y Libertad, 1910-1919**. Barcelona: CEDALL, 2009.

ZAMORANO BLANCO, Víctor. Españoles indeseables en Río de Janeiro (1907-1930): actitudes marginales y mecanismos de represión. **Studia Historica. Historia Contemporánea**, v. 28, p. 275–307, 2010.

ZIMMER, Kenyon. The Voyage of the Buford: Political Deportations and the Making and Unmaking of America's First Red Scare. In: **Deportation in the Americas. Histories of exclusion and resistance**. Texas: Texas A&M University Press, 2018, p. 132–162.

ZUMOFF, J. A. Black Caribbean Labor Radicalism in Panama, 1914-1921. **Journal of Social History**, v. 47, n. 2, p. 429–457, 2013.

Anexos

Grupos anarquistas na América Central

Nome	Localização	Data de fundação
Los Invencibles	Culebra. Panamá	1910
Ferrer	Cascadas. Panamá	1910
Federación Individualista Internacional	Panamá. Estados Unidos. Canadá. Cuba. España. Francia	1911
Federación de agrupaciones e individuos libres del istmo de Panamá	Colón. Panamá	1911
Los Egoístas	Colón. Panamá	1911
Los Sin Nombre	Gorgona. Panamá	1911
Los Seditos	Balboa. Panamá	1911
Gente Nueva	Punta del Toro. Panamá	1911
Labor Libertaria	Emperador. Panamá	1911
Libre Examen	Pedro Miguel. Panamá	1911
Los Iguales	Miraflores. Panamá	1911
Los Iconoclastas	Portobelo. Panamá	1911
Deseo Libertario	Corozal. Panamá	1911
Germinal	Culebra, Río Grande	1911
Centro de Estudios Sociales Germinal	San José. Costa Rica	1912
El Libertario	San José. Costa Rica	1912
Los Conscientes	Ciudad de Panamá. Panamá	1912
Brisas Libertarias	Colón. Panamá	1912
Aseo Intelectual	Gatún . Panamá	1912
Los Nada	Pedro Miguel. Panamá	1912
Los Íntegros	Paraíso. Panamá	1912
Nuevos Luchadores	Culebra. Panamá	1912
Los Libertarios	Miraflores. Panamá	1912
Los Errantes	Bas Obispo. Panamá	1912
Libertad y Justicia	Cascadas. Panamá	1913
Los deseos	Corozal. Panamá	1913
Ni Dios Ni Patria	Ancón. Panamá	1913
Libre Pensamiento	Gatún	1913
Solidaridad	Ciudad de Panamá, Punta del Toro	1913
Unión Libertaria	Balboa. Panamá	1914
Libre Discusión	Cristóbal. Panamá	1914
Los Autónomos	Ciudad de Panamá	1915
Comité de Acción Social Obrera	Heredia. Costa Rica	1926
Nueva Senda	Ciudad de Guatemala. Guatemala	1926
Agrupación obrera de estudios sociales hacia la libertad	San José. Costa Rica	1928
Vanguardia Proletaria	San José. Costa Rica	1928
Comité Pro Acción Sindical	Ciudad de Guatemala. Guatemala	1928
Liberto Anarco	Jutiapa. Guatemala	1928
Nuevos Rumbos	Colón. Panamá	1928
Centro Sindical Libertario	San Salvador. El Salvador	1930

Fonte: elaboração própria.